

Universidade Católica de Santos

Solange Fideles da Silva

**O PAPEL FORMATIVO DOS GRÊMIOS ESTUDANTIS NAS
ESCOLAS MUNICIPAIS DE SANTOS/SP**

Santos
2020

Solange Fideles da Silva

**O PAPEL FORMATIVO DOS GRÊMIOS ESTUDANTIS NAS
ESCOLAS MUNICIPAIS DE SANTOS/SP**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivanise Monfredini

Santos
Setembro/2020

[Dados Internacionais de Catalogação]
Departamento de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos
Maria Rita de Cassia Rebello Nastasi - CRB-8/2240

S581p Silva, Solange Fideles da

O papel formativo dos grêmios estudantis nas Escolas
Municipais de Santos/SP/ Solange Fideles da Silva;
orientadora Ivanise Monfredini. -- 2020.

473 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de
Santos, 2020

1. Associações estudantis. 2. Educação. 3. Democratização
da educação I. Monfredini, Ivanise - orientadora. II.
Título.

CDU: Ed. 1997 -- 37(043.3)

Solange Fideles da Silva

**O PAPEL FORMATIVO DOS GRÊMIOS ESTUDANTIS NAS
ESCOLAS MUNICIPAIS DE SANTOS/SP**

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Santos, para a obtenção do grau de Mestra, aprovada em 30 de setembro de 2020.

Conceito final: Suficiente

Banca examinadora constituída pelos professores:

Prof^a Dr^a Ivanise Monfredini

Prof^a Dr^a Marineide de Oliveira Gomes

Prof^a Dr^a Nereide Saviani

Dedicatória

Dedico esta pesquisa a todos os alunos de escolas públicas e a meu esposo Ronaldo Ronil da Silva Júnior (*in memoriam*), a Josefa Tereza de Lima, minha mãe (*in memoriam*), a Silvania do Nascimento Assis, minha tia e madrinha (*in memoriam*) e a José Fideles da Silva, meu pai.

Agradecimentos

Em especial a minha mãe Josefa Tereza de Lima (*in memoriam*), a minha madrinha Silvania do Nascimento Assis (*in memoriam*) e a professora Ivanise Monfredini. Sem o auxílio de vocês nada seria possível.

A Prefeitura de Santos por ampliar possibilidades com o programa Mestre Aluno e a licença acadêmica.

A Universidade Católica de Santos pela Bolsa Ex-Aluno que foi fundamental para a conclusão deste trabalho mediante os revezes da vida.

Também tenho que agradecer a muitas pessoas que me auxiliaram neste caminho.

Fica no íntimo, no silêncio de cada coração, o quanto devo a cada uma delas:

A todos os meus entrevistados, aos quais não posso citar nominalmente.

Aos professores: Antonieta Roma Couto, Christiane Valentini e João Vieira dos Santos Filho, aos professores do programa de Pós-graduação Stricto Sensu da Universidade Católica de Santos e em especial aos professores da Banca Examinadora.

Aos colegas de Grupo de Pesquisa e dos cursos de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica de Santos, em especial a Lucas Henrique da Silva Gonçalves por sua generosidade.

Às colegas de trabalho: Elisangela Zaborski Laurentino, Lucilene Costa Ribeiro e Elisa Furlan.

À Débora (secretária do programa de Pós-Graduação) e aos demais trabalhadores da secretaria acadêmica e da biblioteca universitária pelo excelente suporte oferecido.

Aos auxiliares: Juliana, Maria Eugênia, Rafael e Roque pela ajuda com a transcrição das entrevistas.

A todos, meu profundo agradecimento.

JOSÉ

E agora, José?
 A festa acabou,
 a luz apagou,
 o povo sumiu,
 a noite esfriou,
 e agora, José?
 e agora, você?
 você que é sem nome,
 que zomba dos outros,
 você que faz versos,
 que ama, protesta?
 e agora, José?

Está sem mulher,
 está sem discurso,
 está sem carinho,
 já não pode beber,
 já não pode fumar,
 cuspir já não pode,
 a noite esfriou,
 o dia não veio,
 o bonde não veio,
 o riso não veio,
 não veio a utopia
 e tudo acabou
 e tudo fugiu
 e tudo mofou,
 e agora, José?

E agora, José?
 Sua doce palavra,
 seu instante de febre,
 sua gula e jejum,
 sua biblioteca,
 sua lavra de ouro,
 seu terno de vidro,
 sua incoerência,
 seu ódio — e agora?

Com a chave na mão
 quer abrir a porta,
 não existe porta;
 quer morrer no mar,
 mas o mar secou;
 quer ir para Minas,
 Minas não há mais.
 José, e agora?

Se você gritasse,
 se você gemesse,
 se você tocasse
 a valsa vienense,
 se você dormisse,
 se você cansasse,
 se você morresse...
 Mas você não morre,
 você é duro, José!

Sozinho no escuro
 qual bicho-do-mato,
 sem teogonia,
 sem parede nua
 para se encostar,
 sem cavalo preto
 que fuja a galope,
 você marcha, José!
 José, para onde?

Carlos Drummond de Andrade, 1942,
 Coletânea: Poesias.

GRÊMIOS MUNICIPAIS SANTISTAS



Década de 1990

2015

Resumo

Este trabalho aborda duas iniciativas de Grêmios Estudantis municipais em Santos/SP, sob uma perspectiva histórica, política, filosófica e educacional. A primeira proposta estudada deu-se entre 1989 e 1996 nas administrações dos prefeitos Telma de Souza e David Capistrano. A outra iniciativa surgiu em 2014 e segue até 2020 na administração Municipal do prefeito Paulo Alexandre Barbosa. Partindo da pergunta de pesquisa: “Que sujeito se busca formar por intermédio dos projetos de Grêmios Estudantis no Município de Santos?”, buscou-se como objetivo de pesquisa compreender os processos e os condicionantes da formação dos sujeitos, pela atividade Gremista, analisando as concepções de sujeito, em distintos posicionamentos, com a finalidade de identificar como diferentes formulações interfeririam e/ou orientariam os encadeamentos dessa formação. Comparando-se as disposições distintas aportaram-se elementos para a construção de alternativas, sendo que o cerne da pesquisa está na ampliação das possibilidades democratizantes e no resgate da finalidade da educação por intermédio da ação Gremista. Utilizou-se para a construção do texto as provocações nascidas das leituras que compuseram a base teórica estudada e centrada nos conceitos de: autodeterminação em Mészáros; cidadania, humanização e organização da escola e da cultura em Newton Duarte no campo educacional, entre outros. A metodologia apoiou-se num tripé que abarcou: uma pesquisa bibliográfica atrelada à pesquisa e análise documental, que foram posteriormente confrontadas às entrevistas. O trabalho está dividido em: capítulo metodológico; capítulo I – contextualização; o capítulo II - Movimento Estudantil; capítulo III - ressurgimento das agremiações estudantis após o golpe Civil Militar de 1964; capítulo IV – exposição da primeira iniciativa estudada; capítulo V - apresentação do projeto vigente e capítulo VI - análise dos dados coletados. Concluiu-se que os posicionamentos e os encaminhamentos dos projetos são díspares porque partem de axiomas distintos e que se faz necessário um processo de síntese das propostas e um fomento à finalidade última da educação, numa ação coletiva sistêmica, a partir dos espaços criados pela iniciativa de Grêmios Estudantis no Município de Santos/SP.

Palavras-chave: Grêmio Estudantil. Formação de Sujeitos. Participação. Democratização da Educação. Alternativa.

Abstract

This work addresses two initiatives of municipal Student Associations in Santos/SP, from a historical, political, philosophical and educational perspective. The first proposal studied took place between 1989 and 1996 in the administrations of the mayors Telma de Souza and David Capistrano. The other initiative appeared in 2014 and continues until 2020 in the municipal administration of Mayor Paulo Alexandre Barbosa. Starting from the research question: “What subject do you seek to form through Student Guild projects in the municipality of Santos?”. The objective of this research was to understand the processes and conditions of the formation of the Subjects, by the Guild activity, analyzing the conceptions of subject, in different positions, in order to identify how different formulations would interfere and / or guide the chains of this formation. Comparing the different provisions, elements were provided for the construction of alternatives, and the core of the research is in the expansion of democratizing possibilities and in the rescue of the purpose of education through the Guild action. The provocations born from the readings that comprised the theoretical base studied and centered on the concepts of: self-determination in Mészáros were used for the construction of the text; citizenship, humanization and organization of the school and culture in Newton Duarte in the educational field, among others. The methodology was based on a tripod that it encompassed: a bibliographic research linked to research and documentary analysis, which were later confronted with interviews. The work is divided into: methodological chapter; chapter I - contextualization; chapter II - Student Movement; chapter III - resurgence of student associations after the 1964 Civil Military coup; chapter IV - presentation of the first initiative studied; chapter V - presentation of the current project and chapter VI - analysis of the collected data. It was concluded that the positions and the forwarding of the projects are disparate because they start from different axioms and that it is necessary to synthesize the proposals and promote the ultimate purpose of education, in a systemic collective action, from the spaces created by the initiative of Student Guilds in the Municipality of Santos/SP.

Keywords: Student Guild. Subject Formation. Participation. Democratization of Education. Alternative.

Abreviaturas e Siglas

ABC (ABCD) - **A** (Santo André), **B** (São Bernardo do Campo), **C** (São Caetano do Sul), **D** (Diadema)

ABI - Associação Brasileira de Imprensa

AC – Ação Católica

AI-5 – Ato Institucional nº 5

AIDS - Acquired Immune Deficiency Syndrome (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida)

APM – Associação de Pais e Mestres

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

CA - Centro Acadêmico

CAAGE/Santos - Comissão de Apoio e Articulação dos Grêmios Estudantis

CAMPS - Centro de Aprendizagem e Mobilização Profissional e Social

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CC – Centro Cívico

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

CEPEL-UNESP - Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista da Universidade Estadual Paulista

CES – Centro dos Estudantes de Santos

CF – Constituição Federal

CMAS - Conselho Municipal de Assistência Social

CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

CME - Conselho Municipal de Educação

CNJ - Conselho Nacional da Juventude

CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação

CNTI - Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria

CONEG - Conselho Nacional de Entidades Gerais (UNE)

CPC - Centro Popular de Cultura

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

CUT - Central Única dos Trabalhadores

DA – Diretório Acadêmico

DEM – Democratas (partido político brasileiro de centro-direita)

DEPED – Departamento Pedagógico - Prefeitura Municipal de Santos

D.O. – Diário Oficial

DST – Doença Sexualmente Transmissível (IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis a partir de 2010,

EAD - Ensino à distância

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EMPG – Escola Municipal de Primeiro Grau

EMSG – Escola Municipal de Segundo Grau

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FHC - Fernando Henrique Cardoso

FIES - Fundo de Financiamento Estudantil

FIESC - Federação das Indústrias de Santa Catarina

FMI - Fundo Monetário Internacional

GE – Grêmio Estudantil

HTP - Hora de Trabalho Pedagógico

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

JAC – Juventude Agrária Católica

JEC – Juventude Estudantil Católica

JIC – Juventude Independente Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JS – Juventude Socialista

JUC – Juventude Universitária Católica

LDBN ou LDB (9394/96) – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

MR-8 - Movimento Revolucionário Oito de Outubro

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

OCLAE - Organización Continental Latinoamericana y Caribeña de Estudiantes

ONGs - Organizações Não Governamentais

ONU – Organização das Nações Unidas

PAS - Projeto de Alfabetização do Servidor

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PEA – Projeto de Educação de Adultos

PMAJ - Programa Mundial de Ação para a Juventude

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PP - Partido Progressista

PPP - Projeto Político Pedagógico

PRODESAN (Progresso e Desenvolvimento de Santos)

Prouni - Programa Universidade Para Todos

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PSB - Partido Socialista Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

RAP – Reunião de Apoio Pedagógico

REFUN – Reunião de Funcionários

REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

RPS – Reunião Pedagógica Semanal

SECERPA - Seção Centro de Referência Psicossocial ao Adolescente

SECID – Secretaria Municipal de Defesa da Cidadania

SECULT - Secretaria de Cultura

SEDUC – Secretaria de Educação

SEPROIE - Seção de Projetos de Integração Educacional (Departamento de Planejamento Educacional – SEDUC/Santos)

SEPROJE - Seção de Projetos Educacionais Especiais (Departamento Pedagógico – SEDUC/Santos)

SISU - Sistema de Seleção Unificada

STF - Supremo Tribunal Federal

TCLC - Termo de Consentimento Livre e Consentido

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UE - Unidade Escolar

UBES - União Brasileira de Estudantes Secundaristas

UME - Unidade Municipal de Educação

UMEP - Unidade Municipal de Educação Profissionalizante

UMES - União Municipal dos Estudantes Secundaristas

UNE - União Nacional dos Estudantes

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNIMES – Universidade Metropolitana de Santos

UNISANTA – Universidade Santa Cecília

UNISANTOS – Universidade Católica de Santos

UPES - União Paulista dos Estudantes Secundaristas

USAID - Agência Norte-Americana para o desenvolvimento Internacional

USP – Universidade de São Paulo

Sumário

Resumo / Abstract; Palavras-chave / Keywords	p. IX
Abreviaturas e Siglas	p. XI
Apresentação: a título de Memorial	p. 19
Introdução	p. 26
Escolhas Metodológicas – Desvendando o percurso	p. 31
1. Pesquisa Bibliográfica	p. 31
2. Análise Documental	p. 33
3. Entrevistas	p. 34
▪ Coleta de Dados	p. 37
A. Pré-análise	p. 39
B. Análise	p. 40
C. O lugar da pesquisa	p. 48
Capítulo I	
Grêmio Estudantil: Entorno, Entraves, Engenhos	p. 49
Capítulo II	
Precedentes históricos: do pretexto para o contexto	p. 85
1. Movimentos Estudantis no Brasil Colônia	p. 86
1.1. Movimentos Estudantis na Santos colonial	p. 88
2. Movimento Estudantil Imperial	p. 89
3. Movimento Estudantil do século XX – pré 1964	p. 90
4. O Movimento Estudantil de 1964 até a redemocratização	p. 96
Capítulo III	
O Movimento Estudantil no fluxo da redemocratização: reflexos no Estado de São Paulo e em Santos	p. 116
Capítulo IV	
Os Grêmios Estudantis Municipais em Santos após o período de Redemocratização.	p. 144
1) A primeira iniciativa - Grêmios Municipais Santistas de 1989 a 1996. Administrações Telma de Souza (1989 – 1992) e David Capistrano. (1993 - 1996).	p. 145
2) O ideário da educação como formação pela coletividade.	p. 145
3) A implantação dos primeiros Grêmios Municipais Santistas após a redemocratização - narrativa do desenvolvimento do processo pela voz dos sujeitos de pesquisa.	p. 147
4) A cartilha de 1996.	p. 157
5) A segunda iniciativa - Grêmios municipais na administração João Paulo Tavares Papa - PMDB (2005-2008) e (2009-2012).	p. 161

- 6) A retomada dos Grêmios municipais santistas na administração Paulo Alexandre Barbosa (2013 - 2016 e 2017...) pela voz dos sujeitos de pesquisa p. 164
- 7) Início, implantação e funcionamento do Grêmio que moldou a proposta vigente... p. 164

Capítulo V

A implantação do atual projeto de Grêmios e sua descrição (2014 – 2018...). p. 170

1. O Estatuto unificado dos atuais Grêmios santistas e o “Resumão do Grêmio Estudantil Municipal”. p. 189

Capítulo VI

Construção e análise: em busca da Categoria Alternativa - Gestão Democrática, a Educação, a Dialética, a construção de Alternativas e a Individualidade para si. p. 197

Considerações e conclusões p. 249

Referências p. 255

Apêndice I p. 266

- Documentações produzidas para a pesquisa p. 267
- Entrevista realizada com T.N. p. 271
- Entrevista realizada com X. p. 284
- Entrevista realizada com B.N. p. 303
- Entrevista realizada com N.F. p. 312
- Entrevista realizada com T. p. 318
- Entrevista realizada com H.E. p. 324
- Entrevista realizada com B. p. 339

Apêndice II p. 342

- ❖ Documentações produzidas para a pesquisa p. 343
- ❖ Entrevista realizada com L.B. p. 350
- ❖ Entrevista realizada com T.K. p. 358
- ❖ Entrevista realizada com T.S. p. 366

❖ Entrevista realizada com B.X.	p. 389

❖ Entrevista realizada com G.B.	p. 397

Anexo I	p. 401

1) Cartilha Grêmio Livre Já de 1996	p. 402

2) Publicação sobre o início dos Grêmios nos anos 1990.	p. 410

3) Recortes do D.O. Urgente, do jornal Educação Urgente e de outros documentos que referenciam os Grêmios Estudantis	p. 411

Anexo II	p. 423

a) Grêmios na Ação do Coração - fotografia eleita para a capa do anexo II.	p. 424

b) Imagem da Embaixadora da UNICEF	p. 425

c) Resumão do Grêmio	p. 426

d) Imagens de documentações sobre o projeto de Grêmios Estudantis arquivadas em pastas na SEPROJE – SEDUC/Santos	p. 442

e) Publicações no Diário Oficial do Município de 2013 a 2017.	p. 461

• 2013	p. 461
• 2014	p. 461
• 2015	p. 463
• 2016	p. 466
• 2017	p. 468

Anexo III

Publicações sobre Grêmios Estudantis no Diário Oficial do Município de Santos na proposta realizada na administração do prefeito João Paulo Tavares Papa	p. 471

• 2005	p. 471
• 2006	p. 471
• 2007	p. 472
• 2008	p. 473
• 2009	p. 473
• 2011	p. 473

Tabelas

Tabela 1 - Técnicas de pesquisa	p. 31
Tabela 2 - Critérios de seleção dos Sujeitos de pesquisa	p. 34
Tabela 3 – Caracterização dos Sujeitos de pesquisa nas administrações Telma de Souza e David Capistrano	p. 35
Tabela 4 - Caracterização dos Sujeitos de pesquisa na administração Paulo Alexandre Barbosa	p. 35
Tabela 5 - Palavras-chave	p. 39
Tabela 6 - Estrutura do trabalho	p. 47
Tabela 7 - Trechos das entrevistas relacionados a participação – primeira iniciativa de Grêmios Estudantis	p. 204
Tabela 8 - Trechos das entrevistas relacionados a participação - iniciativa vigente de Grêmios Estudantis	p. 220
Tabela 9 - Incidência numérica de termos relacionados a participação	p. 225
Tabela 10 – Entendimento axiomático a respeito das possibilidades de atuação do aluno gremista nas gestões Telma de Souza e David Capistrano	p. 227
Tabela 11 - Entendimento axiomático a respeito das possibilidades de atuação do aluno gremista na gestão Paulo Alexandre Barbosa	p. 230
Tabela 12 – Trechos extraídos da entrevista de G.B.	p. 232

Fluxogramas

Fluxograma 1 - Percurso da coleta de dados	p. 38
Fluxograma 2 – Desenvolvimento da pesquisa	p. 46

Apresentação: a título de Memorial

Como este projeto de pesquisa tem uma proposta humanista, tomo a liberdade, num primeiro momento, de utilizar a escrita em primeira pessoa e de expor minha história para que os leitores possam reconhecer marcas pessoais no texto.

Ao alinhar o projeto, decidi introduzir um memorial de modo a me fazer conhecer por aqueles que o lerem. Acredito que este posicionamento auxilie no esclarecimento dos caminhos percorridos e das motivações que me conduziram à pesquisa da Formação Social do Sujeito, em especial no espaço dos Grêmios Estudantis. Isso será colocado mediante um pouco do meu percurso para chegar até aqui...

Rever o passado e tirar dele lições para o futuro é um trajeto por vezes doloroso, porém necessário à autorreflexão. Poder revisitar os fracassos e sucessos é abrir uma porta de percepção, que, em meu caso, mostra-me o quanto a escolarização está presente em meu processo de formação de identidade e como a impossibilidade de vivenciar um decidir efetivo foi conduzindo minhas possibilidades.

Redimensionar fatos passados é um exercício árduo, visto que, em sua efetivação tudo se apresenta de modo tão natural, que não é possível dar conta de todo o seu desdobramento.

Relatar as marcas da vida é um exercício de confiança que não pensei realizar num ambiente acadêmico, contudo as percepções de hoje, acerca do que foi vivido, são postas como uma mola propulsora, visando um futuro mais generoso. Ao partir destas relações é que resolvi elucidar meu interesse em estudar os Grêmios Estudantis, principiando por minhas motivações pessoais ao constatar a importância do aprender a participar, a se autodeterminar e desta forma desenvolver a autonomia assim como tratar dos processos de alienação e conscientização a que estamos submetidos diariamente.

Meu nome é Solange. Nasci num dia de inverno rigoroso na cidade de São Vicente. Sou filha de retirantes pernambucanos, um peixeiro e uma costureira que devido aos sistemas de exclusão, característicos de sua época, não tiveram acesso aos estudos. Meu pai cursou até o 2º ano primário e minha mãe só pôde terminar a 4ª série depois dos 18 anos, quando veio para o Estado de São Paulo.

Sempre fiquei intrigada com a intimidade que meu pai tem com os números; ele é capaz de fazer qualquer conta, com números enormes e tirar porcentagens “de cabeça” tão instantaneamente, que qualquer pessoa seria incapaz de fazê-lo numa calculadora. Sempre

admirei e desejei esta capacidade, mediante minha total e absoluta incompatibilidade com números.

Minha mãe sempre valorizou a escola e desejou ser professora, figura a quem se atribuía um mérito especial no agreste nordestino e cuja profissão era vista como a única opção viável de real ascensão social na região. Entretanto, na visão de meu pai, as mulheres não precisavam de tanta instrução e minha mãe ao se casar acabou abandonando suas pretensões de prosseguir estudando.

Sempre fui muito quieta, tímida e calada. Entrei na escola aos quatro anos e não consegui me adaptar. Retornei à escola aos cinco anos e fiz a pré-escola. Desta época, recordo-me de uma de minhas hipóteses de apropriação da língua escrita. Havia uma máquina de escrever na casa do meu avô, sentei e datilografei várias linhas com uma sequência aleatória de letras. Fui “toda feliz” pedir para que uma de minhas tias lesse o que eu havia escrito. Qual não foi minha desilusão ao saber que não havia escrito nada! Passei então a folha de mão em mão e tive que me deparar com a dura realidade de que não bastava juntar letras convencionais para se escrever algo.

Iniciei a primeira série aos seis anos e tive dificuldades no processo de alfabetização. Foram seis meses muito duros e me recordo com tristeza das humilhações que sofri de minha professora, por conta disso. Entretanto, poucos dias após completar sete anos a cortina caiu... Como faço aniversário no segundo semestre, lembro-me que estava em férias, fazendo as lições da cartilha com minha mãe, quando ela me deixou sozinha por um instante e olhei para a lição do CACHORRO. Percebi que se tratava de um quebra-cabeças e pensei comigo... “se eu tirar o “CHO” do “CACHORRO” vira CARRO”. Mais do que depressa fui tirar esta dúvida com minha mãe e ela confirmou minha hipótese. Este foi um dos dias mais felizes de minha vida! Finalmente eu estava alfabetizada! Tudo passou a fazer sentido!

A partir deste momento eu lia toda e qualquer coisa que estivesse ao meu alcance. Como não tinha muitas opções de livros em casa, lia receitas, cartas, revistas, quadrinhos, antigas enciclopédias e o que mais aparecesse. Ler era um desafio, um espaço de desenvolvimento da curiosidade e uma forma de lazer a uma criança que não tinha permissão de brincar na rua.

Quando passei para a segunda série descobri que minha nova escola tinha uma biblioteca. Cheguei a ir uma vez, porém, infelizmente ela fechou pouco tempo depois e não voltou a reabrir. Na Escola Estadual Maria Dulce Mendes, localizada na rua Tupy, nº 500, no Parque São Vicente em São Vicente/SP, estudei da 2ª a 8ª série.

Quando entrei no ginásio, li muitos clássicos, em sua maioria, da Literatura Brasileira, apesar da popularidade efervescente que se instalou nas escolas com as coleções "Para Gostar de Ler" e outras do gênero. Minhas professoras não as incentivaram e continuamos a ler os clássicos. Com quatorze anos tinha lido muito Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto... e até um autor húngaro (Ferenc Molnár) em: "Os meninos da Rua Paulo"¹.

Entrei bem classificada no concorrido Magistério do Colégio Estadual Martim Afonso, localizado na rua José Bonifácio, nº 102, no Centro de São Vicente/SP. Tive muitas dificuldades, devido às sanções financeiras que meu pai impôs, para que eu desistisse. Meus pais viriam a se separar alguns anos depois, quando já estava encerrando o curso. A divergência mais gritante era o fato de que meu pai acreditava que eu já tinha estudado o bastante e passou a não me auxiliar.

Já minha mãe queria que eu fizesse o curso de Magistério e para tal teve que trabalhar fora para que eu pudesse ter roupas, livros, cadernos, que nessa época não eram disponibilizados pelo governo, o que acirrou ainda mais a situação entre meus pais. Lembro-me que passei quatro anos usando as mesmas duas bermudas jeans, duas calças e três camisas brancas, para ir à escola. Como não tínhamos dinheiro para comprar o uniforme oficial da escola, minha mãe pintou o emblema em camisas brancas e eram elas que eu usava, para desgosto do diretor.

Nesse período meu professor de Química quis falar com minha mãe para que eu saísse do Magistério e ingressasse no Inciso², posto que me considerava uma aluna capaz e que deveria buscar outras alternativas, fora do sofrimento imposto pela docência, além de poder ingressar mais cedo no Ensino Superior; No entanto, dentro da visão e dos planos de minha mãe este era o melhor caminho a seguir já que seria mais fácil pagar uma faculdade trabalhando como professora.

Tenho muito a agradecer a meus professores do Magistério. Em especial ao professor de Filosofia da Educação (João Vieira dos Santos Filho), de Psicologia da Educação (Christiane Valentine) e de Língua Portuguesa (Antonieta Roma Couto).

¹ Os Meninos da Rua Paulo foi escrita pelo jornalista e escritor húngaro Ferenc Molnár que a publicou pela primeira vez em 1906. Essa novela juvenil acabou se tornando o livro húngaro mais conhecido no mundo. Devido seu sucesso, a obra já foi adaptada para o cinema em inúmeras línguas.

² Inciso era como se chamava a subdivisão do Segundo Grau (atual Ensino Médio). Havia os cursos profissionalizantes com o propósito de introdução no mercado de trabalho como: Magistério, Nutrição, Contabilidade, Tradutor e Intérprete... Esses denominados como Ensino Técnico tinham a duração de quatro anos. Já o denominado "Inciso" tinha o objetivo de formar para o ingresso no Ensino Superior e tinha uma duração mais curta, de três anos.

Nosso professor de Filosofia foi quem me ensinou a escrever! Ele só dava aulas para os segundos e terceiros anos. Sempre estava sisudo e sua fama já chegava assim que se pisava nas classes de Magistério.

O que se ouvia era:

“_Ele manda ler um monte de livros!”

“_Ele vai mandar vocês fazerem Seminários!”

“_Ele só dá provas dissertativas!”

E os boatos se confirmaram! Logo “de cara” veio o Seminário sobre a República de Platão, para uma classe de meninas com quinze anos. E depois disso vieram: Erasmo de Roterdã e o “Elogio à Loucura”, “Mênnon” e “O Banquete de Platão” ... os temas da educação bancária em Paulo Freire e os primeiros rudimentos para um entendimento socialista do mundo e da sociedade.

E as provas dissertativas foram um capítulo à parte. O professor trazia todas as provas devidamente analisadas, cheias de símbolos e anotações. Chamava aluna por aluna e dava orientações sobre o que fora escrito (desde orientações conceituais, até princípios para aprimoramento estilístico da escrita). E escrevia recadinhos pessoais às alunas. O alerta constante e atencioso às escorregadelas ia, pouco a pouco, introjetando conhecimentos linguísticos fundamentais à organização de nosso pensamento adolescente.

O fato de que seríamos professoras era algo sempre colocado pelo corpo docente. Uma postura diferenciada dos alunos do Magistério era exigida em relação a conduta dos alunos do Inciso que não recebiam essa cobrança constante.

Durante o curso de Magistério visitamos a realidade das escolas rurais em Itanhaém.

A professora de Psicologia da Educação estabeleceu bases sólidas para meus estudos sobre Piaget, Maria Montessori e os métodos tradicionais de alfabetização. Isso facilitou enormemente em meu primeiro concurso público. Com ela fizemos testes para observar as fases do desenvolvimento em bebês e crianças. Com ela, e não com o professor de História, tive meus primeiros entendimentos da passagem do feudalismo ao capitalismo. Também tive a oportunidade de desenvolver um estágio personalizado com uma criança disléxica.

A Professora de Língua Portuguesa unia conhecimentos práticos aos teóricos. Confeccionamos um livro de pano, fazíamos apresentações que uniam cultura popular, conhecimento gramatical e gêneros literários. Estudamos os contos de fadas por vários aspectos e por fim, no último ano de Magistério, fizemos a montagem integral de uma peça de teatro (do figurino ao cenário, da iluminação a produção, da gestão financeira a gestão de

peessoas...) que proporcionou conhecimentos imensuráveis de um modo completamente inusitado.

Nessa época os professores tinham liberdade para escolher o que seria lido, trabalhado. O planejamento era por objetivos e não por competências. Não existiam os atuais Cadernos do Aluno e Caderno do Professor nas escolas estaduais.

Outro aspecto a ser destacado era o fato de estes três professores (além de possuírem competência pedagógica em seus conteúdos e serem temperados por um profundo comprometimento pessoal) eram efetivos, possuindo assim cargo fixo em uma determinada escola, facilitando a continuidade de processos educativos. Tal fato não ocorreu em outras disciplinas como: Matemática, História etc., em que o “troca-troca”³ bimestral de professores atrapalhava a efetivação dessa possibilidade.

Como já era apaixonada por Literatura e descobri que tinha certa facilidade com as Línguas, prestei vestibular para Letras na UNISANTOS. Anteriormente havia ficado em dúvida entre: Psicologia, Filosofia, História e Biologia.

Passei bem classificada e fiquei aliviada. Caso fosse reprovada teria que esperar um ano por uma nova oportunidade, tendo em vista que minha condição financeira só não permitia a inscrição em um único processo seletivo.

Comecei a trabalhar como estagiária no Ensino Fundamental fazendo substituições numa escola Estadual e trabalhei na escolinha de educação infantil de uma ex-colega do curso de Magistério. Foi nesse emprego em que senti todo o peso da exploração do trabalho sem registro em carteira. O que recebia nos dois empregos não cobria a mensalidade da Universidade. Foi um período de grandes malabarismos econômicos, porém com a ajuda da

³ A troca de professores pode ser classificada de dois modos: mobilidade e rotatividade (CUNHA, 2019). A rotatividade docente refere-se ao fluxo de entrada e saída de professores nas redes de ensino (novos concursados, professores contratados, aposentadorias, licenças...) ou seja, faz-se a partir do ponto de vista da escola. Já a mobilidade docente faz referência à troca de professores de uma escola para outra (remoção) ou para outras funções (cessão) relacionando o movimento a partir do ponto de vista do professor. As remoções geralmente são motivadas por características do corpo docente, dos docentes, das escolas e das comunidades em que estão inseridas, ou seja, o que se chama de: clima escolar. Estudos indicam que “os fatores que melhor predizem estabilidade estão relacionados com condições de trabalho em que o professor tenha controle da sua prática e um ambiente de apoio e cooperação” (CARRASQUEIRA, KOSLINSKI, 2019, p. 110). Também há estudos que apontam para um possível impacto das pressões de políticas de responsabilização escolar sobre o padrão da mobilidade docente (CARRASQUEIRA, KOSLINSKI, 2019, p.110). Tanto a mobilidade quanto a rotatividade escolar são fatores que trazem consequências ao processo de aprendizagem e se constituem em fatores relevantes para se discutir a desigualdade de oportunidades educacionais. A logística da impermanência docente considera mais fatores administrativos do que pedagógicos, prejudicando a eficácia escolar, aumentando a discrepância entre escolas públicas e privadas, (CUNHA, 2019) visto que, os alunos com baixo desempenho e baixo nível socioeconômico são mais impactados pelos professores. Ou, como consta em Carrasqueira e Koslinski (2019), “Em outras palavras, o professor é mais importante para a aprendizagem desses alunos do que para alunos com alto desempenho e alto nível socioeconômico” (CUNHA, 2019, p. 127).

minha mãe, sempre incansável, e do professor João Vieira, nunca atrasei nenhuma mensalidade.

Aos dezenove anos estava no segundo ano da Universidade e fui nomeada Professora de Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de Santos. A partir de então as questões econômicas deixaram de me afligir de modo tão contundente.

Ao término do curso de Graduação fui aprovada em dois concursos públicos como professora de Língua Portuguesa. No concurso do Estado de São Paulo não eram aceitos o Histórico e a Declaração de Conclusão do curso para tomar posse do cargo. Como meu diploma ainda não estava pronto acabei perdendo a nomeação. Também havia sido aprovada em meu segundo concurso, na Prefeitura Municipal de Santos, e aguardei ser chamada.

Trabalhei como professora por aproximadamente uma década. Comecei nas rejeitadas e difíceis Classes de Aceleração da Escola Municipal Pedro Crescenti, na Zona Noroeste de Santos/SP. Foram anos complicados, por minha pouca experiência e pela proximidade etária com meus alunos (eu tinha dezenove anos e eles, em média, dezesseis).

Prestei concurso de acesso em 1999 e comecei a lecionar na Zona Leste de Santos na escola Barão do Rio Branco, onde fixei minha sede.

Num dado momento de minha vida e em consequência de múltiplos fatores, tive uma longa crise depressiva. Fiquei afastada por um longo período e acabei sendo readaptada. Minha retirada da sala de aula foi um momento muito difícil. Misturava sentimento de fracasso, com incertezas e frustrações, que ainda me afetam profundamente. Estou há mais de dez anos trabalhando readaptada. O desligamento das salas de aula e a introdução num limbo profissional, que não permite ascensão na carreira, é um fator que ainda me consome.

Ao longo desse período em que tive que trocar de função, passei por um momento de desistência total e absoluta. Cessei de investir em tudo que estivesse ligado à educação. Quando do início de minha depressão, lecionava em dois períodos no Município, era professora de um curso livre de Espanhol na UNISANTA e era aluna especial na USP, pois tinha o sonho de fazer Mestrado em Letras.

Durante minha licença médica houve um esvaziamento de tudo que estivesse voltado para a Educação e busquei novos caminhos que me apresentaram diversas descobertas pessoais. Por fim, acabei me deparando com o fato de que mesmo que tentasse, não conseguiria me afastar deste universo, posto que isso está emaranhado em mim, no cerne da formação de minha identidade.

Retomei os estudos e fiz o curso de Pedagogia (que anteriormente havia interrompido) e mais duas Especializações, sendo que uma delas chamava-se “Política e Sociedade”. Fui

aprovada no processo seletivo do Mestrado profissional em Educação da UNIMES e no Mestrado em Educação da UNISANTOS. Após frequentar simultaneamente por um mês os dois Programas resolvi optar pela UNISANTOS.

A partir daí a preocupação era conseguir escapar das assombrações citadas por Lucrécia Ferrara na apresentação à edição brasileira do livro: “Como se faz uma tese” de Umberto Eco.

Fazer tese é uma operação que se desenvolve arriscadamente, pois é assolada, com frequência pela ronda de alguns fantasmas: a *tese panorâmica*, sem limites ou parâmetros determinados, na qual tudo cabe na extensão de mais de duzentas páginas; a *repetição das fórmulas padronizadas* pelos manuais escolares para preencher a ausência de não saber o que escrever; a *tese teórica*, que versa sobre generalidades do conhecimento universal sem qualquer relevância; a *quantificação fetichizada* por certas tendências científicas que operam mecanicamente entre tabelas e números sem nada explicar dos fenômenos reais; as *fontes bibliográficas* de segunda mão, que substituem a leitura interessada pela rapidez da informação obtida nas orelhas dos livros, nas antologias, nas resenhas jornalísticas e, não raro, nas traduções comerciais; *mais de dez anos* (tudo indica que o trabalho prossegue, afastando-se continuamente de uma meta jamais atingida; opera-se entre o álbi e a covardia), ou *menos de seis meses* (qualquer coisa serve, desde que alcance o final) (ECO, 2014, p. XV e XVI).

Com o claro propósito de buscar um desvio dos temores apontados, busquei investigar um tema que considerasse relevante, atual e promissor, sem falsear a pesquisa e sem plagiar uma tese feita em Catânia, conforme Eco (2014) declara em seu livro:

Nessas condições, podemos pensar que existem inúmeros estudantes *obrigados* a preparar uma tese para se formar logo e obter um ascenso na sua vida acadêmica ou social, fator que os levou a se matricular na universidade. [...] Eles pedem instruções sobre como preparar uma tese em *um mês* para tirarem uma nota qualquer e saírem da universidade. [...] Se essas são as suas necessidades, se são vítimas de uma legislação paradoxal que os obriga a doutorar-se para resolver dolorosas questões econômicas, é preferível optarem por uma das seguintes vias: (1) investir uma quantidade razoável para que outros façam a tese por eles; (2) copiar uma tese já pronta há alguns anos em outra universidade (não convém copiar uma obra já publicada, mesmo numa língua estrangeira, pois se o docente for razoavelmente bem informado deverá saber de sua existência; mas copiar em Milão uma tese feita em Catânia oferece razoáveis possibilidades de êxito; naturalmente, é necessário informar-se primeiro se o orientador da tese, antes de lecionar em Milão, não deu aula em Catânia: donde **mesmo copiar uma tese implica um inteligente trabalho de pesquisa**) (ECO, 2014, p. 5, grifos meus).

Tais opções ilegais e desesperadas foram descartadas e optei pelo caminho mais longo, mais difícil, mas que muito me ensinou. Há um sentimento de gratidão, posto que a ampliação da visão acerca do sistema educacional nunca se tinha dado de modo tão contundente, em tão pouco tempo.

Introdução

A intenção primeira da pesquisa estava voltada para o estudo das relações nos Grêmios Estudantis dentro do contexto do projeto atual, já que a partir de 2014 houve a multiplicação de publicações no Diário Oficial de Santos que indicava a abertura de possibilidades democráticas no ambiente escolar. Porém, o percurso anunciado no processo investigativo levou à inclusão da atividade Gremista Municipal iniciada no final da década de 1980. Foi nesta ocasião que houve no Município de Santos a abertura do Movimento Estudantil para uma faixa etária que anteriormente estava afastada desta perspectiva e que serviu de contraponto para estabelecer as comparações com a iniciativa Gremista que está em curso no Município.

Novas vertentes ao tema foram apresentando-se devido a instauração do quadro dialético e de uma tendência polarizada na política Nacional após a reeleição da presidenta Dilma Rousseff em 2014 e seu *impeachment* em 2016.

A ocupação das escolas estaduais do Estado de São Paulo em 2015 e a mais longa greve do funcionalismo público santista ocorrida em 2017, acabaram por unir alguns pontos, evidenciando um ambiente diverso da propositura inicial, sugerindo vicissitudes e modificando o objeto de pesquisa.

Por esta visão, a ordem inicial de apresentação do estudo foi modificada e a exposição das iniciativas Gremistas sucedem-se respeitando a ordem cronológica dos episódios. Anteriormente, o trabalho seria fixado somente no estudo da iniciativa principiada em 2014, mas no caminhar investigativo mostrou-se interessante ampliar o período de pesquisa.

O espaço escolar no Grêmio Estudantil pode ser um local que vislumbra uma educação integral e humanizadora ou que se fecha num sistema pré-estabelecido. Este fundamento direcionador da educação integral deveria centrar-se na busca pela formação de um ser humano completo. Tal tendência, aparentemente, está se afastando da educação popular e isto pode acabar obstruindo uma possibilidade de conduta direcionada a uma educação libertária que possibilitasse viver racionalmente em sociedade, fazendo escolhas mais conscientes e menos determinadas.

Na educação popular visa-se a construção de uma postura emancipatória do ser. A realidade cultural do educando, assim como seus saberes prévios são prestigiados na construção de um olhar crítico. Há estímulo para o diálogo e a participação comunitária, contudo, essa atuação não é vista como cooperação. Essa educação dá ênfase na valorização de uma leitura

da realidade econômica, social e política como estratégia para a construção de um redirecionamento da vida, buscando a transformação social.

A percepção da lógica interna na construção formativa dos projetos de Grêmios Estudantis e o estabelecimento de contrapontos entre as propostas, que possuem visões políticas distintas, darão o sustentáculo da análise a partir do referencial teórico. Isso possibilitará um entendimento da formação do Sujeito, respeitando-se uma visão dialética e histórica das possibilidades formativas exequíveis pelos Grêmios Estudantis santistas.

Todas estas inquietações estão presentes nesta pesquisa e nos processos de investigação. Busco alinhar minha vivência pessoal à formação latente nos Grêmios, ansiando encontrar as possibilidades de uma formação social na educação dos menos favorecidos economicamente.

A propositura seria levantar as implicações dos fechamentos ou aberturas que podem estar presentes na organização destas iniciativas, bem como se dariam as construções axiomáticas e as tomadas de decisão nos encaminhamentos dos projetos.

Refletindo sobre minha trajetória de vida e sobre meu itinerário acadêmico, vejo uma série de direcionamentos econômicos, sociais e culturais que me conduziram a certas decisões, dentro das possibilidades impostas pela necessidade. Vislumbrar o impacto destas decisões em minha formação pessoal levou-me a buscar as orientações impostas às crianças, adolescentes e jovens.

Dar forma as lembranças e experiências foi o que me impulsionou a buscar os objetivos de pesquisa. O difícil exercício de desnudar-se em frente a um espelho só se concretiza ao escrever. Transcrever sentimentos em palavras e ressignificá-los não é algo preciso, contudo, esta é uma prática que clareia os pensamentos e ordena a capacidade de percepção dos processos. Tentei cunhar isso em meu projeto de pesquisa.

A justificativa para este interesse nos Grêmios brota da constatação de que a possibilidade de decidir substantivamente em minha vida foi algo impossível devido a uma série de condicionantes culturais, econômicos e sociais. A origem humilde ainda é um fator preponderante na sociedade atual. A juventude busca alternativas para subsistir e a democratização tanto do espaço escolar, assim como do social, estão cada vez mais restritos e as posições se acirram.

A busca por alternativas às dificuldades latentes, explodem em tentativas nem sempre saudáveis que muitas vezes se convertem em violência, e esta se apresenta com múltiplas faces. Na atual estrutura escolar, o poder de decisão pertence a alguns e a Gestão Democrática ainda é um desafio, mas seus efeitos atingem a muitos, gerando um movimento de desistência

dentro do ambiente escolar que em geral é justificado pela dificuldade e até mesmo pela impossibilidade de se ministrar aulas e pelo adoecimento dos profissionais da educação.

Dentro do emaranhado de situações que circundam os temas educacionais, a democratização do espaço escolar me chamou a atenção. O Grêmio Estudantil, assim como os Conselhos Escolares, a Associação de Pais e Mestres⁴ sempre me trouxeram esse vislumbre de possibilidade, sem que, contudo, eu tenha conseguido vivenciar uma real efetivação nestes contextos. Isso era algo que me afligia, mas que não conseguia enxergar com nitidez o porquê desta impossibilidade na prática. O Grêmio Estudantil por estar ligado à juventude, trouxe para mim essa esperança de renovação.

Com a eleição do prefeito Paulo Alexandre Barbosa em Santos em 2013, comecei a observar em 2014 uma série de publicações sobre Grêmios Estudantis no Diário Oficial do Município. Ao mesmo tempo em que percebi uma possibilidade valiosa nesta iniciativa, também surgiram alguns questionamentos. Por que um governante estaria interessado em abrir espaços democráticos no ambiente escolar, sendo que a Educação está sendo tomada por direcionamentos neoliberais em várias instâncias? De que finalidade estaria imbuído? Quais oportunidades poderiam ser extraídas deste espaço que se abria?

A dúvida passou a ser o impulso motivador para esta pesquisa. Na atual conjuntura social e política que vivenciamos, as leis passam a legitimar interesses diversos daqueles utilizados nos argumentos que as justificam. Como estava distante da realidade das escolas municipais de Santos nos anos 1980 e início de 1990, não tive contato com os Grêmios nas administrações de Telma de Souza e David Capistrano. A minha vida profissional como professora primária, iniciou-se em 1996, portanto estava fora do universo das agremiações estudantis. Não me recordo da iniciativa ocorrida na administração do prefeito Papa, fato que só vim inteirar-me no transcurso da pesquisa.

A busca pelo processo histórico visa facilitar a compreensão da realidade que se desenrola, evitando-se pensar os Grêmios de modo ensimesmado, centrado em suas práticas cotidianas, mas sim, considerando algumas circunstâncias presentes em seu entorno; situações estas que trazem consigo entraves e engenhos historicamente construídos.

⁴ Na busca pela redemocratização após um período de regime civil militar, foram criadas instâncias colegiadas nas unidades escolares: os Grêmios Estudantis (lei nº 7.398/85), os Conselhos Escolares (instância com ações fiscalizadoras, deliberativas, consultivas e mobilizadoras) e a Associação de Pais e Mestres (ligada a manutenção dos prédios escolares e de outras necessidades referentes a gestão financeira de verbas recebidas). Com a instauração destas novas categorias participativas na administração pretendia-se estabelecer a democratização do espaço escolar. Tendo-se vista a ação comunitária entre a direção da escola, os alunos, os pais, os diversos profissionais da educação e os professores abrir-se-iam, deste modo, oportunidades para que todos pudessem participar das decisões. Contudo, a finalidade era envolver e entregar à sociedade a resolução direta dos problemas.

Além das ocorrências locais, procuro identificar e indagar reflexos de posicionamentos políticos internacionais nos Grêmios da Prefeitura Municipal de Santos. A partir disso, tenho a pretensão de apreender os processos de formação de sujeitos numa atividade Gremista que se encontra submetida a uma visão neoliberal mundial. Ao analisar a proposição, a ideação e o desenvolvimento do Grêmio nas políticas das administrações mencionadas, busco também, discutir como o posicionamento político nas gestões Telma de Souza e David Capistrano e na administração de Paulo Alexandre Barbosa entendem as possibilidades de formação integral dos alunos por intermédio desta vivência.

Assumida esta postura, há de se atentar para a delicadeza no manejo das concepções. A análise tem por objetivos:

- investigar aspectos que cercam os Grêmios Estudantis do Município de Santos dentro de uma visão dialética argumentativa e histórica;
- relacionar esses aspectos a uma perspectiva passada;
- desvelar possíveis discrepâncias ou dissonâncias.

Na interpretação moderna a dialética “... é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (KONDER, 1981, p. 143). A dialética, que “da arte do diálogo” na antiga Grécia passou “a arte de no diálogo”. Demonstrar uma tese, utilizando-se da argumentação, distinguindo os conceitos que surgem em uma discussão, passam, portanto a ser um dos norteadores para a construção desta pesquisa. Isso é claro, sem perder a concepção vigente de dialética.

O posicionamento diante das circunstâncias históricas é o que me leva a vislumbrar um futuro sempre melhor para a educação brasileira. A história entendida como movimento e não como imobilidade é o que dá a esperança de buscar por alternativas de construção de algo superior.

Com a preocupação de melhor expor a conjuntura da atividade Gremista Municipal santista, a pesquisa trilha um caminho metodológico que tenciona desnudar alguns pontos além do que normalmente é evidenciado. Pais, professores e alunos podem ver a atividade Gremista por outro ponto de vista. Por esse motivo, sondou-se o que seria importante considerar numa Gestão Democrática para a melhoria educacional nascida pela atuação Gremista (ambos os fatores são expostos nas diferentes iniciativas de Grêmio como justificativa para a existência dessa atividade).

A pretensão de acompanhar o movimento dialético dentro da ação Gremista busca apanhar um entendimento dos Grêmios municipais santistas de modo amplo e relacionado aos fatores externos e internos que o envolvem e o condicionam.

A escolha metodológica se preocupou: com a ação formativa de sujeitos enquanto cidadãos por intermédio desta ação; com as possibilidades de uma Gestão Democrática pelos Grêmios Estudantis; com a posição dos sujeitos enquanto dirigentes Gremistas e também dos profissionais da educação; com as ações dentro do sistema vigente e como se poderia alcançar uma gestão escolar democrática.

Para tal, desenvolve-se a categoria alternativa, sendo que o percurso metodológico eleito ao se pretender que essa percepção possa ser alcançada será mais bem justificada no capítulo a seguir.

Escolhas Metodológicas - Desvendando o percurso

O caminho da pesquisa preza pela busca ou constatação de como a atividade nos Grêmios, desenhada pelos projetos, pode ser formativa do sujeito e quais finalidades atendem *a priori*, ou seja, definições pressupostas a que os alunos dirigentes de Grêmios devem responder. Para tal, analisa-se o processo de ideação e execução destes planejamentos valendo-se das entrevistas realizadas com aqueles que os pensaram, os colocaram em funcionamento, bem como por aqueles que receberam os projetos nas unidades escolares e a eles foram incorporados.

Pensando sobre estes aspectos sem, contudo, ter a pretensão de esgotar o tema: Grêmio Estudantil, tentei delimitar a proposta às escolas municipais de Santos e às iniciativas que ocorreram após o Regime Civil Militar (1964 – 1985). Dentro desta proposta pretendi dar conta das seguintes questões: Que sujeito se busca formar por intermédio do projeto de Grêmios Estudantis? E como a orientação política das diferentes administrações interferem ou não neste processo?

A metodologia empregada se fundamenta num entendimento dialético e numa crítica às contradições que surgiram no itinerário de pesquisa. O percurso se fundou na concepção de historicidade do conhecimento, na importância da emancipação social com fundamento na *práxis*⁵, nas relações do sujeito, em incongruências reconhecíveis e no estabelecimento de análises de conceitos. As três etapas utilizadas como técnicas de pesquisa, foram:

Tabela 1

1. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	→ Investigação teórica.
2. ANÁLISE DOCUMENTAL	→ Múltiplas escrituras internas produzidas para a SEDUC (Secretaria de Educação) no planejamento e execução dos projetos, proclamações oficiais publicadas e os editoriais do Diário Oficial de Santos.

⁵ *Práxis*, de acordo com o Pequeno Dicionário de Filosofia Contemporânea, pode ser conceituada como: Prática/Práxis: De ou relativo à *práxis*, ao fazer humano; ação orientada por valores; domínio de conhecimentos científicos ou filosóficos aplicados; regras ou princípios de conduta individual ou coletiva; muitas vezes oposto a teoria (enquanto atitude puramente mental e passiva). No marxismo, a *práxis* tem caráter eminentemente social e não se opõe à teoria, mas é justamente o fundamento dela; no pragmatismo, a *práxis* é o solo da interatividade entre o homem e o mundo (GIACOLA JÚNIOR, 2006, p. 146).

3. ENTREVISTAS

→ Pessoas cuja análise do que discursavam pudessem colaborar para o aprimoramento dos entendimentos surgidos da relação entre a teoria e as explorações documentais.

1. Pesquisa bibliográfica

Efetivou-se uma coleta de dados bibliográficos em vários artigos, livros, monografias de graduação e de pós-graduação *lato-sensu*, dissertações de mestrado e teses de doutorado que referendaram algumas questões acerca do tema.

Para a construção do capítulo histórico houve a preocupação de entrelaçar alguns aspectos da história da educação brasileira, à história política de Santos, à história da democratização e expansão de vagas no ensino público no Estado de São Paulo, à história do Movimento Estudantil em si, bem como a implementação dos Grêmios no movimento de redemocratização após o Regime Militar.

No desejo de buscar a compreensão de reflexões nascidas após as leituras, fez-se necessária uma aproximação do pensamento de Mészáros (2007; 2015), Gramsci (1988), Newton Duarte (2001; 2010; 2013; 2016; n/d) e Vygotsky⁶ (por intermédio de DUARTE e LIBÂNEO) aferindo contribuições e compreensões acerca de algumas questões que podem ser atribuídas à atual educação brasileira.

Para repensar historicamente o tema dos Grêmios em Santos foram utilizados os livros de: Arthur Poerner (2004), Maria Lucia Spedo Hilsdorf (2011), Alcindo Gonçalves (1995) e Marília Pontes Spósito (1984).

A bibliografia sobre Grêmios Estudantis foi eleita a fim de auxiliar na compreensão de aspectos específicos relacionados ao tema. Para citar, há a implementação da política de Grêmios em 1990 pelo Governo do Estado de São Paulo (Derna Pescuma, 1990); da construção da gestão participativa na escola (Virginia Fernandes Cavazzani, 2007 e Aparecida da Graça Carlos 2006); de um Grêmio na cidade de Santos nas décadas de 1950 e 1960 (Evani Magalhães Barros Arantes Correa, 2007); da compreensão da aproximação do Movimento Estudantil com

⁶ A grafia do nome de: Лев Семёнович Выготский (Lev Semyonovich Vygotsky) é bastante variada e todas elas são aceitas. Nas edições em Língua Portuguesa geralmente a grafia é com dois “i”s (Vigotski); Alguns tradutores de língua francesa e espanhola costumam empregar “y-i” (Vygotski); As publicações inglesas tendem a escrever com dois “y”s (Vygotsky). Entretanto há uma profusão de outras ortografias encontradas como: Vigotskii, Vigotskji... Adotou-se nesse trabalho a grafia inglesa Vygotsky, entretanto nas citações preservou-se a grafia adotada pelo autor referenciado.

o pensamento anarquista e do desvelamento de suas preocupações na educação brasileira (Juliana Guedes dos Santos Marconi, 2010); do papel do Grêmio Estudantil na Gestão Democrática (Marcilene Rosa Leandro Moura, 2005) e da participação do estudante (Aparecida da Graça Carlos, 2006).

A contribuição de Jorge Luiz Cammarano Gonzalez e Marcilene Rosa Leandro Moura (2010) com o título – “O Grêmio Estudantil na gestão da escola democrática: protagonismo e resiliência ou despolitização das práticas formativas?” adensou o início das buscas sobre o envolvimento dos projetos de Grêmio com a política neoliberal mundial, assim como, as implicações trazidas pelo Protagonismo Juvenil, presentes no artigo de Celso J. Ferretti, Dagmar M. L. Zibas e Gisela Lobo B. P. Tartuce (2004).

O aporte teórico para ponderar a categoria de análise que trata das alternativas formativas dos sujeitos, terão como base os seguintes autores: Antonio Gramsci (1998 por NOSELLA, 2016), István Mészáros (2007 e 2015), Newton Duarte (2001, 2010, 2013, 2016, n.d.), Lev Vygotsky (por DUARTE e LIBÂNEO) e Dany-Robert Dufour (2005).

Dessas apreciações seria possível supor uma constatação frustrante com relação às possibilidades efetivas de participação e de Gestão Democrática escolar. Contudo essas expectativas difíceis ainda careciam ser notabilizadas em documentos e em depoimentos que pudessem auxiliar nas constatações dentro das proposituras santistas de Grêmios Estudantis.

2. Análise documental

Além da pesquisa bibliográfica e das entrevistas houve um levantamento documental apoiado nas publicações do Diário Oficial do Município e em impressos originados durante o processo de construção e execução das propostas de Grêmios.

Na construção da caracterização do projeto na administração de Paulo Alexandre Barbosa foram utilizados os Diários de 2013 a 2017, conforme o disposto nos anexos.

A construção de um quadro completo dos Diários Oficiais na proposta das administrações Telma de Souza e David Capistrano, não foi possível, por conseguinte, tomou-se uma amostragem. A exiguidade de tempo para a conclusão do Mestrado impossibilitou a pesquisa física dos periódicos que não possuem uma versão digitalizada, como ocorre com os Diários Oficiais das administrações seguintes a administração petista.

Como a pesquisa documental foi feita utilizando-se predominantemente um jornal institucional (Diário Oficial de Santos), houve o receio de não se conseguir apreender certos

contextos necessários ao desenvolvimento do trabalho. Fez-se necessário entender as nuances de como os processos foram assimilados pelos indivíduos envolvidos na ideação e na execução das propostas para os Grêmios Estudantis, o que justifica a necessidade de entrevistas.

3. Entrevistas

A seleção dos primeiros nomes indicáveis para a coleta dos relatos orais adveio dos sujeitos citados nas publicações do Diário Oficial como pessoas operantes nos projetos de Grêmios Estudantis. Após o início desta etapa de coleta, os próprios entrevistados sugeriram outros nomes. Algumas das pessoas lembradas foram selecionadas para a composição do trabalho e outras foram desconsideradas por não estarem de acordo com os critérios de triagem previamente estabelecidos.

Teve-se por fundamento encontrar entre esses sujeitos de pesquisa os que tivessem feito parte do processo de ideação dos projetos na SEDUC/Santos (Secretaria de Educação); da estruturação das propostas (planejamento e acompanhamento no desenvolvimento); de execução e de recepção dos Grêmios nas escolas e de alunos Gremistas. O processo de entrevista elucidou o encaminhamento convergente da pesquisa. A partir dessa exploração, indagações de cunho social tornaram-se insubstituíveis. A escolha dos que foram nomeados como sujeitos de pesquisa seguiu os seguintes parâmetros:

Tabela 2

<u>CRITÉRIOS</u>	<u>SUJEITOS</u> Administrações Telma de Souza e David Capistrano	<u>SUJEITOS</u> Administração Paulo Alexandre Barbosa
Pensaram na necessidade ou importância da existência dos Grêmios nas escolas municipais.	Propósito comum na SEDUC após interação com os alunos e com o Movimento Estudantil.	➤ L.B.
Planejaram ou inspiraram a estrutura do projeto.	➤ T.N.	➤ L.B. / T.K.
Asseguraram a execução do planejamento em âmbito Municipal.	➤ X.	➤ T.S.
Auxiliares externos à SEDUC que influenciaram na proposta.	➤ B.N.	➤ B.X.
Gestores escolares (percepção e recepção)	➤ N.F. / T.	➤ G.B.
O aluno Gremista e as possibilidades advindas da abertura deste novo espaço em sua formação.	➤ H.E. / B.	Intervenções não serão descritas ⁷ .

⁷ Foi realizada uma pesquisa com crianças de um Grêmio mirim e adolescentes de um Grêmio de Fundamental II. Após a banca de qualificação esta parte da pesquisa foi retirada do corpo do trabalho por não ter se adequado a

Tabela 3

<u>CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS</u> <u>Projeto nas administrações Telma de Souza e David Capistrano</u>	
T.N.	→ Trabalhou na SEDUC-Santos durante o processo de ideação, planejamento e execução do projeto de Grêmios tanto durante o mandato de Telma de Souza, quanto no de David Capistrano.
X.	→ Um dos jovens remunerados pela Prefeitura Municipal de Santos para estabelecer o vínculo entre a SEDUC e os Gremistas, auxiliando-os a superar possíveis obstáculos ao desenvolvimento da proposta durante a permanência do projeto (1989 – 1996).
B.N.	→ Jovem pertencente à UMES (União Municipal dos Estudantes Secundaristas) que apoiava os projetos de Grêmios Municipais e Estaduais, interligando-os ao Movimento Estudantil em outras esferas.
N.F.	→ Funcionário Municipal de carreira que pertencia ao quadro gestor de uma escola no período pesquisado.
T.	→ Funcionário Municipal que pertencia ao quadro gestor de uma escola durante o período pesquisado e que atualmente segue trabalhando em Equipes Gestoras.
H.E.	→ Aluno dirigente Gremista e que por diversas vezes foi citado em relatos de demais sujeitos de pesquisa que atuaram no desenvolvimento do projeto. Devido sua inserção no Movimento Estudantil recebeu convites para atuação em projetos de outras administrações.
B.	→ Aluno Gremista indicado como fonte em outra entrevista.

Tabela 4

<u>CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS</u> <u>Administração Paulo Alexandre Barbosa</u>	
L.B.	→ Idealizou, planejou e apoiou a execução do projeto de Grêmios na administração Paulo Alexandre.
T.K.	→ Funcionário de carreira que formou uma iniciativa independente de Grêmio Estudantil sem interferência externa à unidade escolar durante a transição para a primeira gestão de Paulo Alexandre. A estrutura criada serviu de modelo e inspiração para a construção da proposta unificada empregada posteriormente em toda a rede Municipal de educação santista.
T.S.	→ Professor concursado que foi escolhido para desempenhar a função de Articulador dos Grêmios, desenvolvendo todo o processo de implantação e coordenação do projeto em nível Municipal.
B.X.	→ Sujeito de pesquisa ligado a uma Coordenadoria do Município de Santos e citado por entrevistados como cooperador atuante do projeto de Grêmios.
G.B.	→ Funcionário de carreira e gestor de uma das maiores unidades educacionais do Município de Santos. Teve por proposta instaurar modificações e adaptações ao projeto e ao Estatuto adequando-os à realidade da unidade educacional.

todos os parâmetros éticos de pesquisa com crianças e adolescentes, principalmente nos quesitos: assentimento ≠ consentimento. O assentimento foi dado entre as crianças, adolescentes, professores orientadores de Grêmios e direções escolares, contudo os responsáveis não foram devidamente esclarecidos para que se efetuassem o consentimento (COUTINHO, 2019, p. 63).

Estas escolhas se deram para acompanhar a evolução das intenções desde sua ideação até o momento em que se efetivaram com o aluno, sujeito a quem os projetos de Grêmios se destinavam. A voz dos alunos Gremistas da iniciativa atual não foi posta neste trabalho por se tratar de crianças e adolescentes que demandam uma conduta de pesquisa adequada à idade e as exigências éticas. Pretende-se uma interação posterior direcionada a estes sujeitos para a publicação de um artigo.

Tomou-se o cuidado de se preparar um roteiro prévio, que vislumbasse os aspectos almejados sobre a criação e implantação dos Grêmios. A fala dos entrevistados foi ressaltada, sendo que só houve interrupção para esclarecer pontos que não ficaram bem entendidos ou para promover um ambiente cordial, amistoso, profissional e favorável para o desenvolvimento da entrevista. Os locais escolhidos foram de acordo com as preferências acordadas com os entrevistados. A gravação de áudios foi previamente autorizada, sendo que transcritas, estão disponíveis no apêndice do trabalho.

Notou-se nas entrevistas um viés de paixão por trás dos relatos. Percebeu-se que algumas pessoas, dado seu envolvimento e compromisso com o projeto, estavam dispostas a provar que a resposta encontrada para seu encaminhamento era a única ou a melhor já existente.

Para além disso, e conforme Szymanski (2002) devemos partir de uma interação frente a frente para melhor apreender percepções em si e no outro: “expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado” (SZYMANSKI, 2002, p. 12).

O entrevistador busca por informações a partir de outras já colhidas. Já o entrevistado está simultaneamente processando suas respostas. O conjunto de seus conhecimentos e as impressões prévias sobre o entrevistador o faz organizar suas respostas em consonância com a situação e com suas hipóteses sobre o que busca o pesquisador. O entrevistado busca imprimir certas impressões que gostaria que prevalecessem. Portanto,

A intencionalidade do pesquisador vai além da mera busca de informações; pretende criar uma situação de confiabilidade para que o entrevistado se abra. Deseja instaurar credibilidade e quer que o interlocutor colabore, trazendo dados relevantes para seu trabalho. A concordância do entrevistado em colaborar na pesquisa já denota sua intencionalidade – pelo menos a de ser ouvido e considerado verdadeiro no que diz – o que caracteriza o caráter ativo de sua participação, levando-se em conta que também ele desenvolve atitudes de modo a influenciar o entrevistador (SZYMANSKI, 2002, p. 12).

Há de se levar em consideração o fato de os entrevistados estarem engajados política e/ou economicamente no êxito das propostas apresentadas, neste sentido distorções poderiam

se apresentar. Ao se lidar com o outro e suas incontáveis relações supõe-se que ocultamentos e/ou distorções devem ser tidos como componentes inevitáveis.

Para isso deve-se atentar às estratégias do entrevistado para ocultar “informações que supostamente acha que podem ser ameaçadoras ou desqualificadoras para si ou para seu grupo, ou ao contrário, inclui[r] informações que, do seu ponto de vista, podem trazer uma visão mais favorável dos mesmos” (SZYMANSKI, 2002, p.13). Das colocações de Szymanski (2002) pode-se supor que o pesquisador deveria intervir somente nos momentos que julgar estritamente necessários, porém, sem nunca desistir de reorientar o discurso do entrevistado para os objetivos de pesquisa.

Buscou-se assim, por meio do discurso informal, porém apoiado por um roteiro direcionador, validar uma compreensão lógica, legítima e correta dos processos, a fim de entender a formação do ser social pretendida nos Grêmios Estudantis, dentro das duas vertentes.

Coleta de dados

Ao se pensar numa pergunta capaz de apanhar um movimento cíclico faz-se necessário que essa indagação seja simples, objetiva e principalmente “respondível”. Tendo-se em vista que o tema de pesquisa são os Grêmios Estudantis das escolas municipais santistas, formulou-se a pergunta: “Que sujeito se busca formar por intermédio dos projetos de Grêmios Estudantis no Município de Santos?”

Para alcançar esse propósito procurou-se como objetivo geral: “compreender os processos e os condicionantes da formação dos Sujeitos, pela atividade Gremista nas propostas da Secretaria de Educação do Município de Santos”.

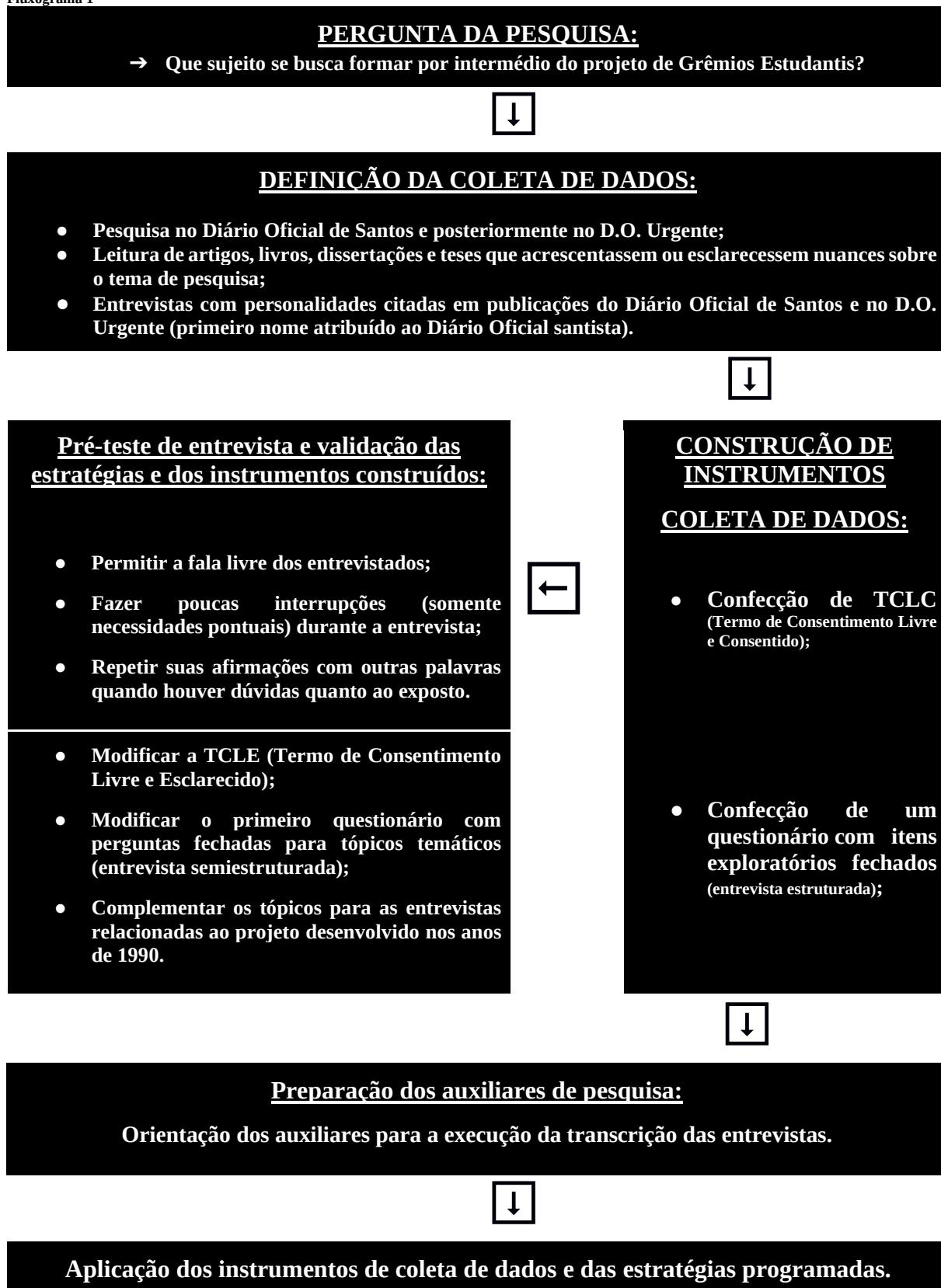
Ao desdobrar o objetivo geral há de se averiguar outras finalidades que podem ser tomadas como objetivos específicos:

- ❖ Analisar as concepções de sujeito, em distintos posicionamentos políticos, com a finalidade de identificar como diferentes concepções interferem e orientam o processo de formação;
- ❖ Traçar comparações entre iniciativas Gremistas distintas e buscar elementos para a construção de alternativas e da ampliação de possibilidades democráticas no ambiente escolar.

Tendo-se uma hipótese formada que apontava para: a existência e a permanência de distorções na formação da cultura democrática dentro da gestão escolar, partiu-se de leituras

(da realidade e do tema) buscar os meios e as ações necessárias para a geração de dados sob os quais se pudesse estabelecer reflexões. Segue o fluxograma com o percurso da coleta de dados:

Fluxograma 1



A. Pré-análise

Seguidamente foram feitas leituras dos Diários Oficiais e dos documentos coletados. Após esse movimento e tendo por alicerce as impressões colhidas no levantamento teórico realizou-se a confrontação destes às transcrições das entrevistas.

Das impressões colhidas surgiram a hipótese e os objetivos, sempre rastreando modos de responder às perguntas de pesquisa (origem do processo preambular).

Após a aferição de contradições nas relações conceituais presentes nas fontes pesquisadas, estabeleceram-se as palavras-chave após administrar os temas manifestos:

Tabela 5

<u>PALAVRAS CHAVE</u>	<u>TEMAS</u>
Grêmio Estudantil.	→ Assunto a que a pesquisa se destina.
Formação de sujeitos.	→ Melhor abordagem dos sujeitos na educação formal (formação institucional das novas gerações) e na formação pelo trabalho (condutas aprendidas pelos profissionais da educação em seu contexto de atuação) em um sistema de organização social fundado em conexões plutocráticas.
Participação.	→ Graduações no poder decisório.
Democratização da Educação.	→ Princípio de participação igualitária.
Alternativa.	→ Recorte que possibilita a reflexão sobre o movimento histórico e dialético assim como a finalidade da educação formal.

As palavras-chave eleitas elucidam o fluxo do pensamento surgido e se portam como se fosse um mini resumo do que se pretende expor a partir dos dados obtidos.

Como já nas primeiras fases da pesquisa houve um rebanhar de limitações e contradições com relação aos dois temas que portavam em si condutas ou entendimentos com relação a participação e a democratização, uma análise fundada na dialética mostrou-se como a melhor condução para a pesquisa.

B. Análise

No tratamento dos dados, houve uma exploração mais acentuada da fala dos entrevistados já que durante a construção do corpo do texto houvera uma produção analítica documental.

Neste percurso visou-se compreender variados aspectos (subjettivos, políticos, sociais, ideológicos) que pudessem elucidar as potencialidades participativas e democratizantes por intermédio dos Grêmios.

Como se pode averiguar em Machado. I. L. (1998), não há uma única conformação para se analisar um discurso. As diversas correntes se atravessam e podem se fixar tanto na construção do texto (considerando as estruturas de fala ou da escrita) como nos aspectos sociais (ou psicossociais) que escolheram para traçar seu caminho discursivo, transitando significados construídos socialmente e que por isso trazem em si, propósitos.

Essas decisões, entretanto, pertencem ao indivíduo que faz uso desses significados sociais, neles imprimindo suas percepções da realidade externa (ou socioeconômica) assim como suas aplicações particulares.

Tendo-se esse esclarecimento, apontou-se um caminho para análise das entrevistas que contemplasse a construção de um conhecimento extraído do discurso externo em consonância como o discurso de sujeitos selecionados dentro de um grupo específico.

Na construção do pensamento dos entrevistados é que se buscou retirar como se edificaram as organizações dos projetos de Grêmios Estudantis em Santos, nas duas propostas pesquisadas, já que levou em conta que sua construção passou primeiramente por uma expressão discursiva dos entendimentos a respeito do tema.

Considerando-se o assunto estudado as questões correlatas que despontaram na leitura flutuante direcionada a análise dos dados coletados na pesquisa de campo foi a democratização do espaço escolar por meio da participação.

No campo, as entrevistas realizadas, foram instauradoras de percepções inicialmente adelgadas na base teórica e documental. Da síntese desses elementos foi que surgiu a categoria alternativa que será evidenciada ao término da análise e nas considerações.

Desta feita, a intertextualidade foi um dos processos percorridos para analisar criticamente a formação dos sujeitos, enquanto Gremistas e a importância do papel do trabalho do professor orientador dos Grêmios Estudantis na transformação dialética das práticas, frente contradições discursivas.

A pergunta norteadora, portanto, buscou responder o problema de pesquisa admitindo o assentamento dos diversos discursos, numa compreensão de mundo dialética e materialista. A propositura está centrada na análise das contradições da realidade com a ânsia de compreender o objeto como um todo e em seu processo histórico. O tema dos Grêmios Estudantis não será abordado de modo isolado e estático por se tratar de uma pesquisa sócio histórica.

Utilizar-se-á a fórmula dialética: **TESE - SITUAÇÃO = A > ANTÍTESE** - Negação da SITUAÇÃO = **NÃO A > SÍNTESE** - Negação da negação da SITUAÇÃO = **NÃO NÃO A**. Esta fórmula sintetizará a percepção do movimento em espiral entre e por dentro das diversas tentativas de implementação dos projetos de Grêmios Estudantis no Município de Santos.

Ao se introduzir esse entendimento dialético, torna-se necessário esclarecer que a fórmula dialética apresentada não se fundará na compreensão hegeliana dela. A dissemelhança entre a dialética exposta por Hegel e Marx não se encontra na fórmula e sim no ponto inicial do movimento em espiral. Hegel inicia a espiral no ideal (Tese = Espírito), já Marx dá como ponto de partida o concreto (Tese = Matéria).

[...] Pour Hegel (1770 - 1831) l'univers est l'idée logique apparaissant au dehors: le monde n'est pas alors un simple reflet d'idées, il en est la réalisation en un perpétuel devenir. Or, l'homme, par dialectique, peut repenser ce mouvement: il devient donc la conscience créatrice de l'univers⁸ (MIQUEL, n.d., p. 77).

A dialética hegeliana é idealista e por isso parte de uma ideia. Há implantação de algo abstrato, concebido no pensamento, dentro das práticas do dia a dia. A ideia geraria o início do movimento dialético. Embora essa característica possa ser percebida no projeto de Grêmios vigente, faz-se necessário salientar que na construção da pesquisa percebeu-se que seria inverossímil pautar e explorar os encaminhamentos do estudo pela dinâmica dialética de Hegel.

Já a dialética Marxista parte do pressuposto de que seria o exame das necessidades diárias que motivariam as ideias para suprir necessidades prementes. Ao explorar a temática dos Grêmios Estudantis, entendeu-se que o sistema requer considerações provenientes de vivências e condicionantes incorporados à existência palpável. Inferiu-se que proscições econômicas e sociais, sentidas na vida diária (por vezes não compreendidas na composição do

⁸ Para Hegel (1770 - 1831) o universo é a ideia lógica que aparece no exterior: o mundo não é mais que um simples reflexo das ideias, é sua realização num devir perpétuo. Agora, o homem, pela dialética, pode pensar esse movimento: torna-se, portanto, a consciência criativa do universo (MIQUEL, n.d., p. 77 - tradução minha).

todo) são indutoras de entendimentos educacionais. Kosik (1969) expõe que:

[...] a *praxis* utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a compreensão das coisas da realidade (KOSIK, 1969, p. 10).

Portanto não haveria como ignorar que a *práxis* constrói-se contextualmente e que, por conseguinte, sofreria determinações construídas historicamente. Havendo essa compreensão historial, estariam presentes fatores como as divisões do trabalho e da sociedade em classes, a fragmentação dos sujeitos e a hierarquização das posições sociais permeando todo e qualquer processo educativo.

Construir o entendimento de uma *práxis* demanda a lucidez de que pode haver uma pseudo concreticidade, já que se poderia detectar a coexistência de *práxis* fetichizadas e de *práxis* críticas (que se voltam a uma revolução em pró da humanidade) (KOSIK, 1969). Ao indagar sobre os Projetos de Grêmios Estudantis no Município de Santos, não seria suficiente a captação de um fenômeno, mas também descrevê-lo em sua manifestação, buscando captar as perspectivas implícitas e latentes e não um objeto isolado.

A dialética materialista preocupa-se com o entendimento da totalidade. Para tentar alcançar o ser de alguma coisa que não se manifestaria imediatamente, busca-se conhecer a estrutura, decompôr um todo já dado. A intenção é questionar e relacionar variadas nuances para vislumbrar o que seria secundário, o que seria essencial e a coesão interna entre eles.

A totalidade de que se ocupa a dialética expõe a realidade objetiva como um todo que se apresenta coerente. Cada um dos elementos, relacionando-se mutuamente, formam correspondências concretas, conjuntos e unidades que se acoplam de modos variados, mas sempre determinados (LUKÁCS, 1967). Portanto, “totalidade não significa *todos* os fatos” (KOSIK, 1969, p. 35). São as estruturas do todo, seu movimento dialético, e o conjunto dos fatos que “pode vir a ser racionalmente compreendido. Acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade; e todos os fatos (reunidos em seu conjunto) não constituem, ainda, a totalidade” (KOSIK, 1969, p. 35-36).

Consequentemente, conduz-se deste modo a provisão do movimento em espiral ou movimento histórico e dialético entre os projetos, visto que a totalidade perseguida não busca somar as partes (divergentes ou convergentes), mas entendê-las como o conjunto de relações que entre elas se estabelecem. Tendo-se feito este esclarecimento podem-se vislumbrar: teses, antíteses e sínteses.

A proposta implementada na gestão Telma de Souza (**tese**) é negada pelo desmonte do projeto na administração Beto Mansur (**antítese**). A ausência de um espaço democrático dos alunos dentro das escolas municipais conduz a uma nova iniciativa na administração Papa (**síntese**). Essa nova iniciativa é coordenada por um indivíduo que fora aluno Gremista ativo da proposta na gestão Telma e possui uma aproximação com a proposta tese. Deste modo acaba por gestar a primeira síntese deste movimento dialético nos Grêmios das escolas municipais santista.

Após o arrefecimento e o término da proposta da administração Papa (síntese do movimento anterior) há o nascimento de uma nova tese no projeto durante a gestão de Paulo Alexandre (proposta vigente). Esse novo projeto (**tese**) é erguido sobre bases muito diversas da primeira tese. Apresentando um novo entendimento de participação que se afasta dos anteriores, ainda que pregue a democratização do espaço escolar. A análise dos dados coletados na pesquisa e da revisão bibliográfica conduzem a uma negação (**antítese**) destas bases. Há com isso o intento de estimular uma reflexão da qual poderá surgir uma nova síntese dentro do projeto vigente. O trabalho apresentará esses questionamentos que poderão servir como subsídio a uma nova **síntese**. Para isso, além de tratar da espiral dialética entre os projetos, o trabalho procurará trazer reflexões sobre contradições presentes dentro de cada um deles, com o desejo de manifestar a presença de um encaminhamento possível na espiral dialética da proposta que está sendo desenvolvida atualmente.

Do confronto das entrevistas com as documentações e as publicações oficiais será extraída a caracterização de cada projeto, por intermédio de contrapontos. Busca-se entender o encaminhamento na formação do sujeito em cada tendência, observando o movimento dialético e averiguando se há respaldo de seus posicionamentos na ideação e no desenvolvimento dos processos educacionais com relação aos Grêmios Estudantis.

A pesquisa qualitativa num contexto bibliográfico, de análise documental e do discurso, como o apresentado nessa investigação, permite a transdisciplinaridade, interpondo ciências sociais e humanas; assente e valoriza a utilização de técnicas múltiplas para investigar um fenômeno, dentro do local de sua ocorrência. Portanto o emprego da abordagem qualitativa acaba se prestando muito bem a investigação de fenômenos sociais na educação, tendo-se em vista que essa acaba por se fixar no desenvolvimento de pessoas e por consequência da sociedade.

A partir do desenvolvimento da categoria alternativa (que trará uma reflexão sobre a formação de sujeitos), almeja-se o desvelamento de pontos que poderão projetar o movimento dialético e o evidenciamento de contradições a partir da reflexão sobre a prática. Seria com a

devolução da pesquisa aos professores envolvidos no projeto de Grêmios Estudantis da Prefeitura de Santos e com a visibilização de pontos despontados nas indagações e análise que se visa impulsionar o movimento em espiral dialético.

Os questionamentos do poder de decisão serão abordados na construção de possibilidades de participação como: Participação **pela participação**; Participação **passiva**; Participação **efetiva**; Participação **como presença**; Participação **como expressão verbal e discussão**; Participação **como representação política**; Participação **como tomada de decisão**; Participação **como engajamento**.

O princípio de um trabalho de pesquisa traz em si a intencionalidade de sair da esfera da opinião e despertar o saber que se encontra latente na capacidade de auto reflexão. O movimento de deslocação da certeza para a dúvida, de um saber pressuposto e consolidado para um questionamento ainda instável pode levar à curiosidade ou à revolta, já que insinua que não há saber no que se julga saber... há quem saiba, mas ainda se trata de uma presunção desconfiada.

Os recursos foram pensados para examinar a categoria em estudo tendo-se a aspiração de empregar a dialética, considerando-se a materialidade, as contradições e o processo histórico. Desta feita o trabalho procurou estar centrado na construção de encadeamentos que levem em consideração fatores sócio-políticos e não somente os aspectos pedagógicos.

A dialética posta é, “não a partir da estrutura ideal do devir [conforme Hegel], mas sim a partir das relações materiais concretas que estruturam a experiência humana [conforme Marx]” (GIACOLA JÚNIOR, p. 63, 2006). Entende-se assim, que a dialética possuiria como característica a totalização da realidade concreta e não a análise de fatos isolados.

Os focos de interesse para a análise se definiram no desenrolar do estudo, sendo assim, entende-se que a dialética não poderia se descolar da finalidade proposta. Contudo, ainda não foi possível garantir que se consiga apresentar a competência para caracterizá-lo adequadamente.

Ao final transmitem-se os dados pesquisados, evidenciando criticamente as supostas contradições dos dois modelos descritos e analisando possibilidades, apontando sínteses possíveis entre as duas propostas.

O caminho aspirado pretende sair da descrição simples dos fatos, do modo como foram divulgados ou compreendidos pelos envolvidos no processo e chegar à análise do fenômeno por meio de formulação de argumentos que pretendem informar, descrever e desvelar concepções, utilizando termos, conceitos e definições apreendidas do referencial teórico.

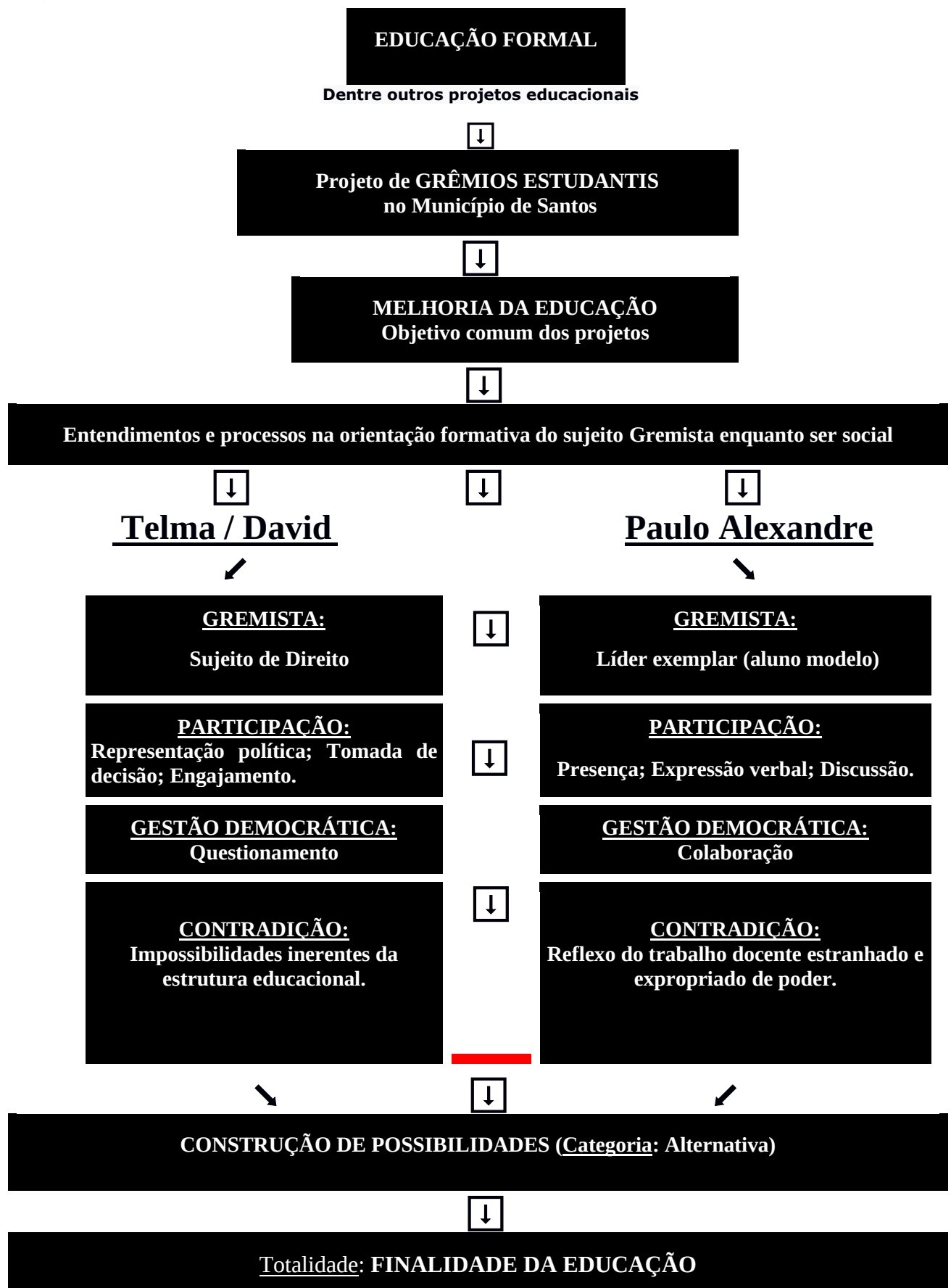
O centro foi estabelecido pelo questionamento, reflexão, indagação, aprofundamento e análise, sempre voltados para a procura de possibilidades e potencialidades existentes nos Grêmios. Isso significa buscar para além das justificativas usuais, os vieses relacionados à questão da formação de sujeito, assim como seus condicionamentos.

Ao se pensar em mudança de postura, em transformação do educador e por conseguinte dos educandos não há como desvincular a pesquisa educacional. O tempo exíguo dos professores devido suas demandas profissionais, por vezes, não os permitem executá-la por si. Ao menos assume-se que ofertar subsídios para reflexão individual ou coletiva (as múltiplas reuniões semanais cumpridas pelos professores) seja um dos encargos da universidade.

Educar o educador não seria uma opção da pesquisa na universidade, mas algo essencial para que ela tenha condições de melhor desempenhar seu papel social. Para tanto, integrar pesquisa e ensino para que caminhem e se efetivem juntos de tal maneira que não possam ser pensados, vistos ou entendidos separadamente ainda é um desafio. O imperativo: “A teoria na prática é outra”, ainda é dogmaticamente difundido. A compreensão das relações que causam o que se apresenta em sala de aula, ainda são subtraídas ao se responder os porquês educacionais. Ao professor universitário cabe também se ver não só como formador de outro professor para outro nível do ensino regular, mas como profissional e que, portanto, esteja comprometido com sua área de conhecimento a fim de promover ele também uma conflagração no ensino superior formando um movimento em cascata qualificado a transições humanisticamente basilares. Arrima-se assim o lugar da pesquisa tanto no ensino da graduação quanto no da pós-graduação.

Tendo presente as concepções expostas anteriormente e após a coleta de dados, da pré-análise e do tratamento dos dados, o desenvolvimento da pesquisa pode ser entendido e resumidamente ajustado ao fluxograma exposto a seguir:

Fluxograma 2



Com isso, a estrutura do trabalho escrito foi pensada da seguinte forma:

Tabela 6

METODOLOGIA	→ Passos a passo da estruturação do trabalho e das escolhas realizadas, que nortearam o percurso investigativo e metodológico.
CAPÍTULO I	→ Explanação de algumas implicações que se relacionam ao tema e ao objeto de pesquisa.
CAPÍTULO II	→ Panorama histórico do Movimento Estudantil do Brasil Colonial ao século XX.
CAPÍTULO III	→ Caracterização das circunstâncias e da cultura política de Santos, assim como o ressurgimento da atividade Gremista na Baixada Santista pelo interesse governamental, após um período de recessão imposto pelo Regime Civil Militar;
CAPÍTULO IV	→ Descrição dos Grêmios Estudantis implementados nas administrações Telma de Souza e David Capistrano com a redemocratização do país; → Registro da existência de outra iniciativa de criação de Grêmios Estudantis no Município de Santos pela administração de João Paulo Tavares Papa, atentando para o fato de que esta não será analisada e sim somente registrada, posto que se optou pela polarização comparativa dos Grêmios nas gestões Telma/David e Paulo Alexandre;
CAPÍTULO V	→ Descrição do projeto governamental para os Grêmios Estudantis implementada na administração do prefeito Paulo Alexandre Barbosa; reflexão sobre a atividade Gremista em nossos tempos;
CAPÍTULO VI	→ Análise dos dados coletados e desenvolvimento das Categorias Alternativa a partir dos achados da pesquisa.
CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÕES	→ Exposição da reflexão para que se possibilite o desenlace de uma nova espiral dialética.
REFERÊNCIAS	→ Indicação dos textos e outros materiais utilizados na construção da proposta de pesquisa e na exposição dissertativa.
APÊNDICES	→ Material produzido para a efetivação da pesquisa.
ANEXOS	→ Alguns achados sobre o tema pesquisado.

C. O lugar da pesquisa

Fazer ciência está intimamente relacionado à possibilidade de se fazer perguntas e buscar respondê-las. Essa indagação parte de um conceito de fundo, presente na formação daquele que interpela a realidade. As experiências vividas e a curiosidade latente em cada ser produzem buscas que primeiro pertenciam ao campo da Mitologia, da Filosofia e agora da Ciência. Segundo Magalhães e Souza (2012):

[...] a produção científica deve ser entendida tanto como produção social, influenciada pelas condições históricas, quanto como impulso renovador destas mesmas condições. Aplicando-se essa ideia à educação, significa que a prática da pesquisa educacional traz em si a marca da realidade sócio-histórica, que também é chamada a contribuir para a melhoria da nossa realidade” (MAGALHÃES e SOUZA, 2012, p. 671).

Estando-se dentro de um programa de pesquisa busca-se seguir para além do que está aparente, do que é possível perceber de modo imediato. Há de se conectar uma hipótese tida, com a observação e a execução de ações que gerem dados e que possam após refletidos fechar um ciclo e novamente abri-lo. Ao se chegar ao fim do processo, novas perguntas se abrem e com elas a possibilidade de novos ciclos, que infinitamente se movem.

Utilizando-se as palavras de Iervolino e Pelicioni (2001) a abordagem qualitativa mostrou-se mais apropriada para o propósito apresentado, pois atende ao intuito de tratar do sentido contido na linguagem, possibilitando: “[...] ao investigador verificar como as pessoas avaliam uma experiência, ideia (sic)⁹ ou evento; como definem um problema e quais opiniões, sentimentos e significados encontram-se associados a determinados fenômenos” (IERVOLINO; PELICIONI, 2001, p. 116).

A investigação educacional ao começar tardiamente no Brasil, deixou traços ainda presentes no cotidiano escolar e um afastamento das universidades. Cindido o ensino da pesquisa, há uma instrução desvinculada, não sistematizada e não compartilhada.

Um ensino sem pesquisa desataria a realidade dos projetos propostos? Desligaria os professores dos futuros professores ainda em formação universitária? A repetição teórica seria o suficiente para a reflexão dos educadores? Essas questões não serão respondidas neste trabalho, porém ficam registradas como provocação à leitura integral dele, para que cada leitor, ao se questionar, encontre suas próprias impressões.

⁹ Sic é um advérbio da língua latina que por extenso significa: “assim estava escrito” (*sic erat scriptum*). Deste modo, utiliza-se esta expressão após um termo que se pode considerar falho (como erros gramaticais ou ortográficos), assim como para o uso de expressões arcaicas de linguagem em se optou por preservar a grafia original do texto utilizados indicando que é assim, deste modo (SILVA, A. e MONTAGNER, 2009, p. 438).

Capítulo I - Grêmio Estudantil: Entorno, Entraves, Engenhos

As proposituras presentes nos projetos de Grêmios Estudantis das escolas municipais santistas têm por escopo criar um local para a prática cidadã democrática contribuindo para a abertura de um território formativo de educação integral, em que se poderia discutir temas que normalmente não estariam presentes no currículo escolar. Para além disso, ampliaria o tempo dedicado pelos alunos aos processos educacionais produzindo sítios de formação, de participação e de gestação de possibilidades.

A educação integral pode ser concebida de modo ambivalente, já que a educação em tempo integral não necessariamente promove uma formação integral do sujeito. Confunde-se a ampliação das possibilidades educativas que exploram o espaço, o tempo e a convivência como agentes pedagógicos plenos de intencionalidade, mesmo que fora do prédio escolar, com uma pauta mais voltada para a ampliação do horário de permanência das crianças na escola, devido à inevitabilidade de expansão do período de trabalho dos pais. A necessidade de ampliar experiências pedagógicas com os educandos ficaria assim minimizada. A educação integral trataria de processos de humanização ao preocupar-se com um ensino voltado para um desenvolvimento mais pleno do sujeito e não restritos aos conteúdos e habilidades. A evolução do conhecimento abarcaria outras dimensões como: cultura, valores, ética, memória, identidade sem abandonar a criatividade e a imaginação.

A educação integral é abordada pelas tendências pedagógicas de modos distintos. Para exemplificar podemos trazer a Pedagogia Libertária¹⁰, que com seus métodos ativos “baseados na experiência e na demonstração racional” (MARTINS, 2015, n.p.), buscava o afastamento dos dogmatismos, preconceitos e superstições, unindo a teoria e a prática ao desfazer a distinção entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. A Pedagogia Libertária via na educação integral a resposta para a liberdade.

Acreditam que a fusão entre racionalidade e a liberdade pode embasar **uma proposta pedagógica que promoverá mudanças básicas na estrutura da sociedade**, de modo que possa substituir o estado autoritário por um modo de cooperação entre indivíduos livres. Esses princípios poderiam conduzir um novo tipo de educação integral, que tem como meta a capacitação dos oprimidos (C.f. Guardia, s.d., apud MARTINS, 2015, n.p. grifos meus).

Ao se perder o propósito humanista do educar dentro de um sistema que se volta para a geração do lucro econômico e não para o bem estar da sociedade, os condicionantes a que o

¹⁰ A Pedagogia Racional Libertária será novamente abordada neste trabalho.

sistema educacional está exposto, permitem que uma série de complicações passem a despontar no cotidiano escolar.

Algumas características presentes na educação e na sociedade e que geram uma falta de sentido podem contribuir para a geração de fenômenos escolares como: a indisciplina, a violência, o *bullying*, a falta de comprometimento, a evasão, corriqueiramente apontados por professores e outros profissionais da educação e para os quais se buscam soluções imediatas. Estas questões educacionais recorrentes acabam sendo transformadas em mantras no senso comum da educação.

Mari e Grade (2012, p. 3), colocam que “Gramsci considera o senso comum um complexo de materialismo, dogmatismo e incoerência”. O senso comum, portanto é materialista na medida em que resulta da percepção das aparências dos fatos; é dogmático ao buscar fundar suas afirmações em certezas absolutas justificadas na percepção destas aparências e é incoerente porque se estabelece num raciocínio incompleto, mas que mesmo assim é aceito sem objeções por um grande conjunto de pessoas.

Ouvem-se diariamente nas escolas, relatos e murmúrios sobre a improdutividade. Poucos alunos conseguem aprender o mínimo esperado já que não haveria interesse pelo conhecimento. Os alunos “não querem nada” e que, portanto, frequentam as aulas por pressão exercida pelo Estado e seus aparelhos de controle (Conselho Tutelar etc.). A escola é tida como um espaço imerso em violência de vários níveis presentes tanto nas instituições públicas quanto nas privadas.

A frequência à escola pública, vista pelo prisma do senso comum, é tida como um inconveniente necessário. Por falta de melhor alternativa ela se transforma em um local onde as crianças e adolescentes podem permanecer recebendo cuidados, alimentação e guarida (além de aprenderem conteúdos pedagógicos) enquanto seus responsáveis trabalham ou resolvem questões do dia-a-dia. Mesmo assim, há famílias, geralmente as mais pobres, que até ao presente, entendem a escola de modo diverso: como um bem indispensável.

Estes incômodos pululam no universo dos profissionais da educação. Há um acirramento de dúvidas que passam a gerar revoltas criando campos de batalha e disputas de poder entre os que trabalham nas escolas, além de pais e alunos. A importância ou a eficácia de todo o sistema passa a ser posta em dúvida. O cerceamento das pessoas diretamente envolvidas nas questões educacionais se faz presente e conduzem questionamentos internos. Há uma espécie de verticalização no sistema educacional vigente que se utiliza de métodos próprios para circundar estas questões por meio de projetos predeterminados. Este procedimento

dificulta a elaboração de outros modos de organização, impondo respostas que somente contornam as questões.

Na atual estrutura educacional, os profissionais da educação e, em especial, os professores, são relegados a incumbência de executar tarefas. Não se espera deles reflexões que possam gerar câmbios profundos no sistema. Como técnicos, basta-lhes manter o funcionamento esperado e o controle de possíveis variáveis indesejadas.

Esta discussão é compreendida e organizada em Roldão (2005) ao tratar do conceito de profissionalidade e das particularidades da atividade docente. Ela trata da educação em Portugal. Contudo, pode-se identificar na organização da educação brasileira os apontamentos feitos por Roldão (2005). O tratamento recebido pelo saber específico do professor, a questão do poder de decisão, a autoridade sobre as ações que estão sendo desenvolvidas e as possibilidades ou não do pertencimento a um corpo coletivo, são questões que permeiam todas as instâncias da educação e que carecem de aprofundamento.

Os entraves dentro do ambiente escolar impõem limites às possibilidades, ao mesmo tempo em que o discurso é oposto ao que se pode vivenciar. A participação plena, a vivência democrática (tão alardeada como Gestão Democrática) e a centralidade da cidadania no ambiente escolar ainda se apresentam em construção; não são realidades concretas e palpáveis. Segundo a conceituação apresentada por Moura (2005): “Gestão Democrática quer dizer ‘gerência, administração, ato de gerir’ e Democracia ‘é uma forma de governo na qual **o poder emana do povo e em nome dele é constituído, soberania popular, igualdade**’.” (MOURA, 2005, p. 6/62, grifos meus).

O que sobressai disso é: como pessoas que não são detentoras primeiras do poder de decisão, que não podem tomar para si, juntamente com seus pares, o timão da função social da escola, são colocadas como veículo de formação de cidadãos autodeterminados no Grêmio Estudantil? O que se constata é que quando se trata da discussão da autonomia, da cidadania e da autodeterminação, no caso específico do Grêmio Estudantil, estas questões se apresentam de modo desvinculado.

Tal escassez de poder sobre a matéria do seu trabalho, sobre o “acto educativo” em contraposição com o “acto médico” [...], vai persistentemente dificultar a constituição de colectivos autónomos dos agentes de ensino, enquanto grupo de profissionais que se auto-organiza e defende o seu saber próprio. Encaminha-os antes para a necessidade de se associarem, mas numa lógica mais próxima da de outros assalariados, não para regularem e produzirem o seu saber próprio, o exercício da sua acção e a organização do seu trabalho, mas sim para legitimamente garantirem os seus direitos como trabalhadores por conta de outrem, em sindicatos que os defendam perante um Estado padrão, Estado que realmente domina e orienta a sua actividade (ROLDÃO, 2005, p. 111).

Entretanto, o discurso de liberdade de escolha do docente é mantido como se fosse algo absoluto e plenamente exequível.

Para exemplificar melhor a condição docente e entender o quanto isto pode afetar a construção de uma real democracia escolar, Roldão (2005) contrapõe a valorização de médicos a valorização dos professores, no âmbito de sua atuação. Assim, é possível verificar que médicos e professores não são vistos com a mesma seriedade profissional, apesar de ambos exercerem ofícios fundados num amplo conjunto de saberes específicos.

Entretanto, o que se constata é que na educação não são os “médicos” que estudam os “casos” em “juntas médicas” e receitam os “tratamentos” e os “remédios” adequados. Os entraves educacionais são tratados de outro modo. Aos “médicos” da educação cabe somente administrar “remédios” pré-determinados e eleitos fora do contexto originário, se bem que, no atual contexto neoliberal, nem mesmos os médicos detêm mais essa autonomia.

Economistas, engenheiros, políticos, advogados, enfim, qualquer um pode definir o que é melhor para a Educação, menos os professores tratados como um terceiro ausente. Os ditames econômicos prevalecem sobre os interesses educacionais. As modificações trabalhistas e as terceirizações na área educacional também priorizam estas propensões e não a melhoria da qualidade da educação brasileira. Pode-se observar em Matuoka (2017) a prevalência da questão mercadológica, do menor preço para a contratação de um professor e não o uso de critérios diretamente relacionados à competência pedagógica:

As reformas de Temer e a qualidade do ensino

No entanto, o impacto das reformas vai além das consequências individuais para os educadores: afeta a qualidade da educação como um todo. “As reformas vão na contramão da Constituição Federal e do Plano Nacional de Educação (PNE) no que diz respeito à oferta e qualidade da educação, valorização do professor, planos de carreira e gestão democrática”, explica Carlos Sanches. “O processo de contratação docente vai priorizar o menor preço e não a qualidade”, acrescenta.

Exemplos já despontam. Em abril deste ano, o Município de Angelina (SC) realizou um pregão presencial para contratar um professor de Educação Física pelo menor valor (MATUOKA, 2017, n.p., grifos do autor).

ESTADO DE SANTA CATARINA
PREFEITURA MUNICIPAL DE ANGELINA

PREGÃO PRESENCIAL Nº 018/2017
PROCESSO LICITATÓRIO Nº 018/2017

1 – PREÂMBULO

1 – A Prefeitura do Município de Angelina/SC torna público e faz saber que, por determinação de seu Prefeito Municipal, Sr. Gilberto Orlando Dorigon, acha-se aberto o PREGÃO PRESENCIAL Nº 018/2017, tipo de licitação a de "MENOR PREÇO GLOBAL", que será processado em conformidade com a Lei Federal n. 10.520/2002, subsidiariamente com a Lei 8.666/93 com suas modificações.

2 – O INÍCIO DA SESSÃO PÚBLICA DO PREGÃO PARA O RECEBIMENTO DOS ENVELOPES contendo PROPOSTA DE PREÇOS e outro a DOCUMENTAÇÃO será até as 09h00 horas, do dia 06/04/2017.

5 – Este edital refere-se à contratação pela Prefeitura do Município de Angelina de prestação de serviços de Instrutor de Atividades Físicas, de acordo com as quantidades e especificações seguintes:

Qtd.	Carga Horária	Descrição do objeto	Valor máximo/Mês
1	20 horas/semanais	Contratação de serviços de Instrutor de Atividades Físicas para o N.E.M. Ermelinda Goederdt Pereira, na localidade de Rio Novo, e o N.E.M. da Barra Clara.	R\$ 1.200,00

(MATUOKA, 2017, n.p.)

Além disso, é importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que corta investimentos, o governo propõe uma reforma no Ensino Médio com ampliação da carga horária. Para Maria Izabel Noronha¹¹, a conta não fecha. “Questiono se as escolas terão como pagar por mais horas de trabalho dos educadores. Se não tiverem, os professores vão ter procurar mais aulas em outras redes, diminuindo o tempo que passa em cada escola, para poder se dedicar às turmas, ao projeto político pedagógico da unidade, de criar laços, que são importantes para a aprendizagem”.

A análise de Salomão Ximenes¹² divide o mesmo receio: “todas essas reformas vão no sentido de garantir tão somente o direito à (sic) aprender português, matemática, ciências e outros conteúdos que vão fazer passar no vestibular, que só exigem memorização dos alunos, um trabalho mecânico de seguir um roteiro pré-estabelecido”.

Para Pilar Lacerda¹³, diretora da Fundação SM, a rapidez e ausência de diálogo que caracterizam tais reformas reiteram sua ilegitimidade, trazendo efeitos não só para a educação, mas para a sociedade como um todo. “Os setores mais frágeis serão os mais impactados, reforçando as desigualdades já existentes no Brasil. E, claro, isso trará consequências inegáveis para o que acontece em sala de aula”, conclui. (MATUOKA, 2017, n.p.).

Medidas tomadas à revelia dos trabalhadores da educação são tidas como desejáveis e necessárias para o bom andamento administrativo. A fim de garantir esta postura, os Conselhos podem ser desmontados se o governo assim julgar melhor, conforme se pode constatar na matéria de 28 de junho de 2016, veiculada pelo jornal GGN:

¹¹ Mais conhecida como professora Bebel, Presidenta da APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) e Deputada Estadual (PT) pelo Estado de São Paulo.

¹² Professor Adjunto dos Bacharelados em Políticas Públicas e em Ciências e Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do ABC (UFABC).

¹³ Foi Secretária de Educação Básica do Ministério da Educação de 2007 a 2012. Atualmente é diretora da fundação SM Brasil (Sociedade de Maria). Esse projeto educativo se coloca na missão de colaborar para o desenvolvimento integral da pessoa por intermédio da Educação.

Jornal GGN - A pedido do ministro da Educação Mendonça Filho (DEM), o presidente interino Michel Temer (PMDB) exonerou, nesta terça-feira (28), 12 dos 24 membros do Conselho Nacional de Educação que tinham sido nomeados por Dilma Rousseff.

Na visão de Mendonça, o "desaparelhamento" tem apoio de pareceres da Advocacia Geral da União e da subchefia de Assuntos Jurídicos da Casa Civil, que entenderam haver "desvio de finalidade" nas nomeações feitas por Dilma em maio, "antes do prazo".

Temer revogou a nomeação de quatro conselheiros da Câmara de Educação Básica e de três membros da Câmara de Educação Superior. Além disso, foi revogada a recondução de três membros da Câmara de Educação Básica e dois conselheiros da Câmara de Educação Superior (NASSIF, 2016, n.p.).

A proletarização dos profissionais da educação pode se constituir em mais um entrave para o desenvolvimento de uma educação integral nas classes populares. Desta feita, a educação em si é posta em um plano menor, tendo-se em vista as imposições colocadas aos que necessitam garantir sua sobrevivência trabalhando nesta área.

A resposta mais utilizada para sanar ou contornar as estagnações que aparecem ligadas ao campo educacional, não vêm de dentro do próprio sistema. Isto resulta na proliferação de projetos que são colocados de modo alheado ao fazer docente, visando amenizar as mazelas educacionais que vem se arrastando ao longo do tempo.

Pode-se perceber no item “g” dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) da Prefeitura Municipal de Santos, reformulados no ano de 2018, como o tema: Políticas Públicas apresenta a Educação Integral:

g) Políticas Públicas

1. Educação Integral* - tem como objetivo desenvolver as potencialidades do educando pela ampliação dos tempos e espaços, dentro ou fora da escola, articulando o objeto do conhecimento de modo global e interdisciplinar, por meio do currículo regular obrigatório e das atividades diversificadas, a fim de contemplar as dimensões cognitiva, cultural e esportiva.

*Programa Novo Mais Educação

*Programa Mais Alfabetização

*UMEs de Tempo Integral e Híbridas

* Programa Escola Total (Projetos: Jornada Ampliada de Alunos, Pra Ver a Banda Tocar e Nossa Escola)¹⁴

A função desta profusão de projetos sugere que há o objetivo de remendar, algo que aparenta estar partido. O Grêmio Estudantil pode não estar isento disto. Silva, R., Busnello e

¹⁴ Texto retirado da máscara enviada às escolas pela SEDUC para a confecção do PPP 2018.

Pezenatto (2014) trazem esta questão ao tratar do “Mais Educação”¹⁵ e sua proposta centrada na educação integral, na cidadania e na convivência, assim como tantos outros projetos.

Ao procedermos leituras sobre as novas políticas educacionais no Brasil, da mesma forma que a análise de documentos e normatizações oficiais produzidas pelo Estado, conseguimos identificar uma tendência a qual será explorada na presente seção textual: a percepção de que a escola moderna, enquanto instituição social, vive complexas transformações internas e externas, o que torna possível observarmos tensões e desafios que se impõem à relação escola e sociedade. **No limiar dessas mutações, a impressão de uma crise na/da escola torna-se imperativa e uma série de projetos e programas, advindos de experiências intersetoriais na gestão das questões educacionais, são implementados**, sendo exemplares dessa situação o Programa Mais Educação, do Ministério da Educação, o Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura, ou do Programa Escola Aberta para a Cidadania, da UNESCO (SILVA, R., BUSNELLO e PEZENATTO, 2014, p. 405, grifos meus).

O entorno educacional vigente nos conduz a indagar: o que se espera da escola e da educação por ela oferecida? Mari e Grade (2012), apoiados em seus estudos sobre o senso comum e a educação em Gramsci colocam que “a educação é apreendida como um processo de elevação do senso comum ao bom senso, ou a uma nova concepção de mundo, onde os intelectuais exercem o papel de mediadores” (MARI E GRADE, 2012, p. 1). Preocupantes decisões na área educacional podem estar sendo tomadas com embasamento num senso-comum externo e estranho ao ambiente educacional a que se destina. Sendo assim, como esperar que aqueles que deveriam levar os alunos à superação do senso comum e ao alcance do bom-senso ainda não estejam aptos a lidar com tais demandas?

No volume I dos Cadernos do Cárcere de Gramsci, há uma discussão sobre o senso comum, em que ele demonstra que todas as pessoas tem potencial para participar das decisões que produzem a história, de pensar criticamente e de agir de forma não mecânica, elaborando suas concepções de mundo. No entanto, a maior parcela dessas pessoas acolhe posturas, prontas, definidas externamente, ou seja, o senso comum (Gramsci, 1999).

[...] é preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção do mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na “atividade intelectual” do vigário ou do velho patriarca, cuja “sabedoria” dita leis, na

¹⁵ “O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica” (Ministério da Educação).

mulher que herdou a sabedoria das bruxas ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para a ação), ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (GRAMSCI, 1999, p. 93 - 94).

Na disjunção posta por Gramsci se evidencia o que o autor entende por “filosofia espontânea” da qual somos todos possuidores. Mas como superar esta espontaneidade? Como se daria a inserção da autodeterminação entre os educandos, sendo que a compreensão coletiva de muitos professores não consegue vislumbrar com clareza esta possibilidade dentro do seu próprio exercício profissional? Como tratar de questões ligadas à cidadania, à democracia e à participação dentro das escolas se esta se encontra envolvida em paradoxos?

O Grêmio Estudantil poderá “vir a ser” um ambiente de experimentação para o desenvolvimento de características que favoreçam a formação para a autodeterminação e para uma participação efetiva. Por isto, o tema desta pesquisa trata das possibilidades formativas dentro dos Grêmios, enquanto projeto educacional inserido nas escolas da Prefeitura Municipal de Santos.

A elaboração e a reelaboração do sujeito também passam pela célebre frase de Sócrates que diz “conhece-te a ti mesmo”. Entretanto, o ser humano não consegue fazê-lo eficazmente sozinho, posto que ele necessita, como salientam Mari e Grade (2012), de um “conhecimento de si na história”, portanto o sujeito está sempre em relação de alteridade com o outro.

E o que é ser sujeito? Em Dufour (2005), apesar de se fundamentar na pós-modernidade, há a exposição da necessidade do pertencimento a um coletivo para a formação do sujeito. Ele distingue que no transcurso da humanidade até chegar à modernidade, dois sujeitos formaram-se: o sujeito crítico kantiano e o sujeito freudiano. Estas duas formas de sujeitos foram construídas neste período. Entretanto, na atualidade estes sujeitos estão sendo suprimidos. Tanto um quanto o outro, Dufour (2005) os entende num sentido filosófico e não sociológico. Portanto, Dufour (2005) não trata do indivíduo, mas de uma forma filosófica de ser sujeito.

O sujeito crítico kantiano surge de parâmetros dos anos 1800 quando Kant se liberta do dogmatismo da transcendência, entretanto sem ceder ao ceticismo empirista. “Será necessária a virada kantiana para estabelecer que a intuição sem conceito é cega, enquanto o conceito sem intuição é vazio” (DUFOUR, 2005, p. 16).

Ainda assim, entende-se que a educação hoje não pode visar, diretamente, para o desenvolvimento da criticidade já que isto atravanca os interesses por trás das trocas mercadológicas. O retorno ao utilitarismo, na visão de Dufour (2005), acontece na constante

recusa ao sujeito crítico. Sendo que isto é construído quando se “preconiza muito mais a busca da felicidade individual que a busca da felicidade da maioria; por outro, reduz e circunscreve a felicidade individual à dimensão exclusiva da apropriação do objeto de mercado” (DUFOUR, 2005, p. 20).

Ora, esse sujeito crítico kantiano, como forma ideal, suscetível como tal de presidir à formação de todo indivíduo moderno, é hoje vivamente recusado. De que vale ainda este sujeito crítico quando se trata apenas de vender e comprar mercadoria? Com efeito, para Kant nem tudo é negociável (DUFOUR, 2005, p. 20).

O sujeito freudiano, o outro sujeito produzido pela modernidade, está sendo posto em xeque em nossos dias, pois apresenta formas cristalizadas, consideradas anti produtivas. Abrir possibilidades de conexões mais fluidas demonstra a necessidade da construção de um novo sujeito já que “a neurose, com suas fixações compulsivas e suas tendências à repetição, não oferece a melhor garantia da flexibilidade necessária às ‘conexões’ múltiplas no fluxo das mercadorias” (DUFOUR, 2005, p. 21).

Dufour (2005) aponta, deste modo, para a construção do novo sujeito. Para que este sujeito possa ser construído há a necessidade de dessimbolização humana, abrindo o sujeito para um vazio que pode ser completado por toda e qualquer coisa, dependendo do interesse do momento, sendo que este vazio é conduzido e defendido pela bandeira da “liberdade” e da autonomia. Assim o indivíduo “livre e autônomo” o é, não por razões de interesses voltados à humanidade. O que se faz é somente a retirada de todas as amarras da culpa e de conformidades voltadas à coletividade, para se obter um sujeito acrítico e aberto a todas as flutuações identitárias, tornando-se assim “pronto para todas as conexões mercadológicas” (DUFOUR, 2005, p. 22).

Mas o que é exatamente um sujeito autônomo? Essa noção tem um sentido, na medida em que o “sujeito”, como se tem tendência demais a não mais saber, é, em latim, o *subjectus* que designa o estado do que é *submisso*? O sujeito é, portanto, primeiro o assujeitado, o submisso. Mas submetido a que? (DUFOUR, 2005, p. 26 - 27).

Dufour (2005) aponta o fato de que as civilizações humanas sempre tiveram “Um Grande Outro”, um Grande Sujeito norteador a quem todos eram submissos e que regia a unidade social ao nortear o certo e o errado, o desejável e o indesejável, produzindo as simbologias que humanizavam. “Nessa medida, as sociedades sempre foram políticas, no sentido de que sempre se deram a um terceiro ao qual sacrificar” (DUFOUR, 2005, p. 29).

A quebra deste simbólico é algo fundamental para se alcançar o intento de produzir o novo homem. A educação formal, dependendo do modo como esta for conduzida, pode ser uma ferramenta importante para implantar a dessimbolização. Esta dessimbolização funda uma seta que indica o caminho não para o desenvolvimento humano e sim para a manutenção de um sistema de mercado que ao entrar em crise utiliza qualquer meio para manter seu funcionamento. O debater-se do sistema capitalista, a fim de manter-se a qualquer custo, coloca a evolução da humanidade em um plano inferior e que fica para depois. O que toma a frente é a necessidade de manter o avanço dos lucros sendo possível vislumbrar este efeito no campo educacional.

Desse modo, começamos a descobrir que o neoliberalismo, como todas as ideologias precedentes desencadeadas durante o século XX (o comunismo, o nazismo...), quer apenas a fabricação de um homem novo. Mas a grande força dessa nova ideologia com relação às precedentes diz respeito a que ela não começou por visar o próprio homem por meio de programas de reeducação e de coerção. Ela se contentou em introduzir um novo estatuto do objeto, definido como simples mercadoria, aguardando que a seqüência (sic) acontecesse: que os homens se transformassem por ocasião de sua adaptação à mercadoria, promovida desde então como único real. A nova montagem do indivíduo se efetua, pois, em nome de um “real” no qual **é melhor consentir que a ele se opor: ele deve sempre parecer doce, querido, desejado, como se tratasse de *entretenimentos*** (exemplos: a televisão, a propaganda...). **Bem cedo veremos que formidável violência se dissimula atrás dessas fachadas *soft*** (DUFOUR, 2005, p. 14 – 15, grifos meus).

A formação desse novo homem, voltado a interesses alheios a seus próprios interesses, enquanto humanidade, tem um custo alto para a sociedade. Entretanto, esse dispêndio não é conferido ao sistema e sim é atribuído moralmente ao indivíduo que passa a ser apontado como culpado por essa ou por aquela mazela social.

Há uma interligação sempre presente unindo juventude e violência; assim como se pode perceber um apelo crescente para que haja uma diminuição da idade penal para se estabelecer esta relação.

Tratar as dificuldades advindas da indisciplina e por vezes da violência no espaço escolar é um dos fundamentos centrais da instituição do projeto de Grêmios na proposta vigente dentro da rede Municipal de Santos. Parece haver uma crença generalizada e conseqüentemente ligada ao senso comum que faz com que se tente por intermédio do fortalecimento de uma educação voltada à cidadania, controlar a violência, já que não se pretende tocar em suas razões geradoras mais profundas. O incômodo produzido pela violência no ambiente escolar (*bullying*, agressões e outros) é apaziguado e não resolvido, posto que a escola não tem as condições

necessárias para abarcar uma demanda social produzida por uma multiplicidade de condicionantes.

Há um senso comum no ambiente escolar ao tratar das questões sobre violência na escola. São comuns as afirmações que atribuem a origem deste problema à democratização de vagas. Defende-se que a partir da instituição do direito de todos de frequentar a escola e do dever do Estado de controlar e instaurar mecanismos para a efetivação deste direito, que foram inseridos pela Constituição Federal de 1988, trabalhar na área educacional tenha se tornado algo cada vez mais desgastante, complexo e problemático. Há uma crença de que alunos obrigados por lei a estudar, sem que necessariamente haja vontade por parte dos mesmos e sem amparo da família, acabam por tumultuar o ambiente escolar e a prejudicar o aprendizado dos demais estudantes.

É bastante comum o fato de educadores protestarem contra as famílias que repassam de modo crescente, responsabilidades à escola que antes lhes pertenciam. Simultaneamente a este fato os responsáveis pelos alunos passaram a imputar aos professores e ao sistema escolar os problemas apontados com relação a seus filhos, instaurando uma crise de autoridade na educação formal. Tal contexto, que amplia a responsabilidade do professor, sem que haja a ampliação de respaldo às novas exigências, conduziriam ao adoecimento do sistema. Desta feita, alunos passariam a se comportar cada vez mais de modo violento, irresponsável e desinteressado, enquanto aos professores restaria o desgaste emocional, o sofrimento físico, psíquico e moral.

Este contexto encaminharia os docentes ao adoecimento oriundo da frustração, do desânimo, da tensão diária, da baixa autoestima, o que desembocaria em posturas de desistência profissional, mediante a falta de expectativa de melhora. As impossibilidades estruturais inviabilizariam a eficiência plena da prática docente, enquanto se ampliam os encargos.

A violência escolar tem recebido grande notoriedade midiática deixando a sociedade em alerta permanente sobre esta questão. Entretanto, seria importante ressaltar o que tem sido apontado como violência escolar na produção científica no mundo ao longo do tempo para que possa haver uma reflexão mais ampliada da questão não fechando em um contexto opinativo.

Na revisão bibliográfica de Silva, F. e Assis (2018) há a indicação de que a maior concentração de publicações sobre o tema foram a partir do ano 2000, sendo que a sua maioria está entre 2010 e 2014. As décadas de 1980 e 1990 só apresentam uma publicação em cada uma. As autoras recolheram trabalhos sobre prevenção e enfrentamento da violência escolar pertencentes ao cenário norte-americano, da América Latina, da Europa, da Ásia e da Austrália.

Vale pontuar que se, por um lado, as questões referentes à escola e à violência são discutidas de forma abundante pelo debate público, por outro lado, os estudos e pesquisas sobre violência e escola ainda são incipientes no Brasil (IIJIMA; SCHROEDER, 2012; SPOSITO, 2002), em especial a prevenção e o enfrentamento da violência em escolas (SILVA, F. e ASSIS, 2018, p. 4).

O artigo de Silva, F. e Assis (2018) traz uma revisão bibliográfica sobre a prevenção da violência escolar e aponta que as causas são múltiplas e precisam ser mais bem avaliadas.

É importante que os programas de prevenção e enfrentamento da violência escolar ampliem a definição sobre as variáveis que podem constituir a violência, incorporando reflexões sobre a realidade concreta da vida de estudantes e famílias, assim como questões de cunho político e ideológico (SILVA, F. e ASSIS, 2018, p. 10).

Os levantamentos feitos pelas autoras apontam que não há um consenso sobre o que é colocado como violência escolar nos programas desenvolvidos pelo mundo para enfrentar o problema. Este tipo de violência pode ser caracterizada somente quando há agressão física ou abuso sexual, mas em outros estudos a violência verbal, as ameaças, a violência simbólica, o uso ou o tráfico de drogas, os comportamentos opostos às regras e obrigações escolares, as depredações de prédios, além de furtos, roubos, incêndios e outros comportamentos antissociais também são considerados dentro desta classificação.

O levantamento de Assis e Silva, F. (2018) também indica que são propostas diversas origens ao problema:

Há trabalhos que analisam a violência escolar como consequência de um processo que começaria na família e teria continuidade nos grupos e relações sociais pertencentes ao ambiente intra e extraescolar. Outros fazem menção à exclusão social, ao tráfico de drogas, à falta de oportunidades, à influência da mídia, ao tempo livre e ocioso e à falta de perspectivas e sonhos como precursores da violência no âmbito escolar (PRIOTTO; BONETI, 2009). A descrença na legitimidade dos conteúdos e diplomas escolares também tem sido apontada como fator desencadeante da violência (PAULA; SALLES, 2010). Assim como a violência institucional, caracterizada pela violência política dos sistemas sociais, sob tutela econômica do capitalismo e pelas regulações institucionalizadas das relações sociais (PAIN, 2010). Essas concepções parecem sugerir que a violência escolar tem relações com as condições estruturais da sociedade, e também se caracteriza por apresentar especificidades oriundas da própria instituição escolar, ou seja, uma violência de origem endógena (CHRISPINO; DUSI, 2008) (SILVA, F. e ASSIS, 2018, p. 3).

No artigo, Charlot (2002) e Debarbieux (2002) são apontados como autores de destaque nos estudos sobre violência escolar, com contribuições conceituais relevantes. Estes autores salientam a importância de distinguir conceitualmente as violências dentro da escola pois há categorias distintas que precisam ser respeitadas, visto que há necessidade de se designar

“diferentes formas de tratamento dos fenômenos” (CHARLOT, 2002, p. 437 apud SILVA, F. e ASSIS, 2018, p. 4), não misturando tudo em uma única categoria.

Com a finalidade de criar estratégias eficazes de enfrentamento e de prevenção, Charlot (2002) salienta que há a necessidade de três diferentes níveis de violência presentes na escola: a violência na escola, a violência contra a escola e a violência da escola.

A violência na escola é aquela que se caracteriza por diversas manifestações que acontecem no cotidiano da escola. A violência contra a escola são atos de vandalismo, incêndios, roubos ou furtos do patrimônio. E a violência da escola consiste em todo tipo de práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam seus membros como, por exemplo, o despreparo profissional, a falta de estímulos, o conteúdo alheio aos interesses dos alunos e do mercado de trabalho, os preconceitos e estereótipos, o abuso de poder, entre outros (SILVA, F. e ASSIS, 2018, p. 3).

Já para Debarbieux (2002) é necessário ficar atento aos processos de violência escolar, considerando o que é suscetível de punição penal e o que pode ser caracterizado como incivilidade ou transgressão, pois “Para este autor, se for considerado violência escolar apenas o que for passível de punição penal, não será dado o reconhecimento necessário às vítimas de violências mais sutis e que se apresentam em maior número no espaço escolar” (SILVA, F. e ASSIS, 2018, p.4).

Não se pode deixar de enfatizar que a questão econômica é um dos pontos colocados para o interesse em prevenir e enfrentar a violência escolar e da implantação da “Cultura de Paz”¹⁶. Os interesses pedagógicos e educacionais, visando o desenvolvimento humano, não são os motores únicos a impulsionar essas ações.

Tal interesse se sobressaiu na medida em que iniciativas de prevenção e enfrentamento da violência, quando realizados em escolas, costumam ter menor custo quando comparados aos investimentos despendidos em segurança pública e justiça criminal (LEITÃO, 2010) (SILVA, F. e ASSIS, 2018, p. 4).

As publicações sobre violência escolar estão em diversas áreas e vão da educação para a justiça, a enfermagem, a psicologia, a comunicação em saúde e a pediatria sendo que as estratégias de enfrentamento são variadas (treino de competências sócio emocionais, estímulo a reflexões filosóficas, promoção de vivência de valores e enfoques ligados a problemas de

¹⁶ A ONU (Organização das Nações Unidas), organização intergovernamental criada em 1945 como propósito de promover a cooperação internacional, divulgou em 1999 a Declaração e o Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz. Eles definiram um conjunto de valores, atitudes, comportamentos e estilos de vida associando-os ao desenvolvimento dessa Cultura. Diversas instituições pelo mundo aderiram à declaração e se empenham em concretizar seus ideais.

saúde pública ou policiais e jurídicos com orientação profissional de médicos, psicólogos, assistentes sociais e outros (SILVA, F. e ASSIS, 2018).

O incentivo ao estabelecimento da melhora do clima escolar está aparecendo nos estudos como alternativa de enfrentamento ao problema. Medidas como a abertura das escolas aos finais de semana, o favorecimento de ações para o respeito às diferenças e o estabelecimento de relações democráticas na escola também são citados no artigo de Silva, F. e Assis (2018).

As autoras apontam estudos que defendem que a mudança do clima organizacional escolar ao impulsionar a sensibilização, a autorreflexão e a promoção de uma melhor convivência nas escolas resolveriam um problema que ainda carece de maior aprofundamento em seus múltiplos fatores. Esta área de estudos segundo as autoras encontra-se pouco consolidada e por esta razão há de se supor que somente aproximações são viáveis.

Spósito (2001) ao tratar da questão da violência escolar no Brasil coloca que:

A precariedade das informações é significativa e decorre de uma série de fatores. O primeiro diz respeito à ausência de continuidade nas formas de registro e de monitoramento do fenômeno. Cada gestão encontra seus próprios procedimentos ou, muitas vezes, não empreende a tarefa do acompanhamento sistemático tendo em vista o grau encontrado de dificuldades. As unidades escolares resistem em cumprir determinações de registrar as ocorrências e as razões disso oscilam muito, dependendo do clima dominante na rede pública: houve épocas em que a notificação de episódios de violência evidenciaria as eventuais fragilidades do trabalho pedagógico das escolas; em outras ocasiões, a notificação poderia redundar em ganhos adicionais aos estabelecimentos como maiores recursos materiais e humanos ou em algumas vantagens salariais a professores que trabalhassem em áreas de risco (SPÓSITO, 2001, p. 92).

Como apontado na citação, questões substanciais ligadas às fragilidades relacionadas às condições materiais e financeiras de instituições escolares e de profissionais da educação podem influenciar nos estudos sobre a questão. Tal ponto, portanto, pode conduzir ao computo de que assim como interferem nas pesquisas podem influenciar na crise do processo civilizatório de nossa sociedade, ligando fatores econômicos, sociais a processos anímicos impressos e decorrentes da constituição do sistema, encaminhando o que vem se apresentando no corpo social.

O esvaziamento da possibilidade de mobilidade social, anteriormente atribuído à escola, assim como a falta da instituição de um novo sentido que atenda às necessidade de uma significação simbólica, poderiam conduzir ao caos e à proliferação da violência já que problemas estruturais vão sendo tratados por projetos que não passam de reformas pontuais que não conseguem se manter eficientes ao longo do tempo.

Chauí (1995), ao tratar da temática da violência aponta que há uma mitologia que sustenta esta ideia. A autora assevera o fato de o brasileiro enxergar-se como: “um povo ordeiro e pacífico, alegre e cordial, mestiço e incapaz de discriminações étnicas, religiosas ou sociais, acolhedor para os estrangeiros, generoso para com os carentes, orgulhoso das diferenças regionais e destinado a um grande futuro” (CHAUÍ, 1995, p.73). Tais crenças seriam fatores que gerariam a manutenção da violência real no cotidiano.

Segundo Chauí (1995), a instituição desta mitologia instaura mecanismos de interpretação da violência: a exclusão, a distinção, o tipo jurídico, o tipo sociológico e a inversão do real.

A **exclusão** existe quando ao se enxergar o Brasil como país não violento coloca-se os que praticam a violência como “não brasileiros”, como aqueles que negaram ou traíram sua essência. Essa visão estabelece distinção entre os “nós-brasileiros-não violentos” e os “eles-não-brasileiros-violentos”. Seria como se todos os que praticassem a violência deixassem automaticamente de fazer parte do todo, do nós, da brasilidade e que, portanto, deixaram de ter seus direitos como cidadãos do país.

A **distinção** funciona apartando o essencial do accidental. Os brasileiros ao se verem como não violentos, interpretam esse fenômeno como uma “epidemia”. Como se tratasse de algo passageiro, de um surto localizado temporal e espacialmente, a violência passa a ser entendida como um fenômeno pontual que deve necessariamente ser superado para não haver maculação da essência brasileira (CHAUÍ, 1995).

No **tipo jurídico** a violência está no domínio da criminalidade, da delinquência e limita-se a ações como o roubo, o latrocínio, a violação de propriedade privada. Esse tipo de interpretação estabelece conexão entre a violência e a miserabilidade. Nessa categoria estariam “a população pobre, os negros, as crianças de rua e os favelados” (CHAUÍ, 1995, p. 73). Esse contexto favorece a interpretação de que o assassinato efetuado pela força policial seria legítimo, pois estaria a serviço da proteção das “pessoas de bem” ou os “verdadeiros cidadãos brasileiros”.

Já o **tipo sociológico** vê a violência como uma epidemia dentro de um período específico e transitório. Chauí (1995) cita o episódio das migrações para elucidar este entendimento da violência. Os nordestinos ao sair do campo em direção às regiões sul e sudeste se afastaram de suas origens e de suas “formas antigas de sociabilidade” (CHAUÍ, 1995, p. 74) necessitariam de um período para reorganização. Durante este intervalo temporal, a prática de atos violentos, feitos de modo isolado, aconteceriam, mas estariam fadados à uma superação, assim que se alcançasse o equilíbrio após o período de anomia.

A **inversão do real** funciona ao se instaurar atos violentos de modo dissimulado pela instalação de valores e ideias que não seriam identificados como potencialmente violentos. Chauí (1995) cita como, por exemplo: o machismo, o paternalismo branco, a homofobia e a destruição do meio-ambiente. Tais conceitos que poderiam ser interpretados como resguardo da fragilidade intrínseca feminina, acolhimento à suposta “natural inferioridade dos negros”, “a proteção natural aos valores sagrados da família” e o indício favorável do progresso civilizacional.

Deste modo vê-se que a dificuldade para lidar com as contradições sociais geram diversas formas de repressão que simplificam a saída do suposto perigo imposto pelos conflitos. Desta feita, pode-se aferir que:

Em resumo, a violência não é percebida como toda prática e toda idéia (sic) que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural. O mito da não-violência permanece porque admite-se a existência *empírica* da violência, mas fabricam-se explicações para denegá-la no instante mesmo em que é admitida. Mais do que isso, a sociedade não percebe que as próprias explicações oferecidas são violentas. Dessa maneira, a violência que estrutura e organiza as relações sociais brasileiras, por não ser percebida, é *naturalizada* e essa naturalização conserva a mitologia da não-violência (CHAUÍ, 1995, p. 74).

Abramo (1997), em seu artigo intitulado: “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil” faz uma explanação que caracteriza o jovem. Ela coloca que a partir dos anos 1990, vêm crescendo as atenções e as preocupações com a juventude e pode-se sentir este reflexo por intermédio dos meios de comunicação de massa, da publicidade, das legislações, dos estudos acadêmicos e da mídia.

De forma geral, e a grosso modo, pode-se notar uma divisão nestes dois diferentes modos de tematização dos jovens nos meios de comunicação. No caso dos produtos diretamente dirigidos a esse público, os temas normalmente são **cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida e estilo de aparecimento, esporte, lazer**. Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos “adultos”, no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como **violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas** (ABRAMO, 1997, p. 25, grifos meus).

Violência e consumo são características associadas às atitudes típicas desta fase do desenvolvimento humano. Segundo Abramo (1997) muito se tem falado dos jovens, ainda assim há pouco espaço para que o jovem fale de suas experiências e do modo como as interpreta. Nestas questões ainda prevalecem as impressões e as falas dos adultos, conforme situa Spósito (2000):

No Brasil, os estudos sobre juventude tiveram início a partir das pesquisas sobre o movimento estudantil na década de 60, desenvolvidas por Foracchi (1965, 1972). Inspirada em seus trabalhos, a produção acadêmica na área tanto de Educação como de Ciências Sociais, durante as décadas seguintes, tratou com menor frequência (sic) do tema, mas com pouco vigor teórico e inovação, ao tentar compreender as alterações dessas práticas nos períodos mais recentes, marcado por um gradativo enfraquecimento das formas tradicionais de mobilização e seu escasso poder de aglutinação de demandas e interesses do conjunto dos estudantes (SPOSITO, 2000, p.79) .

O espaço aberto pelos Grêmios pode ser considerado importante na medida em que se volte para a polifonia e não para o encaminhamento de um protótipo controlador de fenômenos indesejáveis.

Dufour (2005), ao fazer referência à questão da erupção da delinquência juvenil aponta para as novas formas de violência e como estas estão ligadas à ideia de sacrifício. O sujeito só se faz sujeito com relação ao outro e a submissão comum a um Grande Outro (um referencial maior que rege as relações e que se apresenta ao longo da História, de diversos modos). Este Grande Outro está sendo arrancado assim como as simbologias, para ceder lugar às necessidades de mercado. Entretanto, o que une as pessoas num corpo social, que dá conforto psicológico, que os faz existir e que dá sentido à vida é esta necessidade de pertencer a algo. A dessimbolização provocada pelo interesse comercial coloca os interesses do mercado acima das necessidades humanas.

Este é o fator gerador de violência que Dufour (2005) apresenta ao considerar uma explicação à necessidade crescente das pessoas se fecharem em grupos menores e com interesses cada vez mais específicos (os motoqueiros, os *nerds*, os roqueiros, os *rappers*, os *funkeiros*, os *punks*, os góticos, os que lidam com informática, os *tecnos*, os tatuados, os budistas, os de cabelos crespos, os religiosos, os jogadores de videogames, os negros, os que usam *piercings*, as feministas, os internautas e fomentadores de redes sociais, os esportistas e os que se aventuram em esportes radicais, os que usam drogas, os veganos...). Estes apresentam focos de interesses que não podem ser postos como ilegítimos, *a priori*, mas apesar de aparentemente coletivos alimentam uma postura voltada para a individualidade ao produzir um estranhamento crescente entre estes grupos.

O laço social se dispersa assim em uma multidão de socialidades, cada uma possuindo suas próprias fixações referenciais. Cada confraria dispõe de seu código de honra, seus saberes, suas obrigações contratuais, seus ritos, suas liturgias locais, suas palavras de passe, seus ritos de iniciação, suas liturgias locais (sic), seus totens, seus signos de pertença (vestimenta, penteado, tatuagem, paramentos). Mas o que constitui cada uma é uma certa referência sacrificial em torno da qual o grupo se agrega (DUFOUR, 2005, p.73).

Como modo de auto identificação para dentro e fora destes grupos, são “criados rituais ou sacrifícios” (DUFOUR, 2005, p. 33) numa conotação diferente das utilizadas no passado, mas que os caracterizam ao mesmo tempo em que o diferenciam e excluem os outros, os não pertencentes àquele grupo. “Em suma podemos dizer que ele (O Grande Outro) permite a função simbólica na medida em que **dá um ponto de apoio ao sujeito para que seus discursos repousem num fundamento**, mesmo que fictício” (DUFOUR, 2005, p. 33, grifos meus).

Sendo assim, o que é ser sujeito dentro desta nova configuração? Se ser sujeito varia no transcurso da História, que tipo de sujeito se pretende formar hoje? Quais dimensões deste sujeito são mais valorizadas e que, portanto, recebem maior incentivo para se desenvolver?

Se o “sujeito” é o *subjectus*, o que é *submetido*, então poderíamos dizer que a história aparece como uma seqüência (sic) de assujeitamentos a grandes figuras instaladas no centro de configurações simbólicas cuja lista podemos bastante facilmente fazer: o sujeito foi submetido às forças da *Physis* no mundo grego, ao Cosmos ou aos Espíritos em outros mundos, ao Deus nos monoteísmos, ao Rei na monarquia, ao Povo na República, à Raça no nazismo e algumas outras ideologias raciais, à Nação nos nacionalismos, ao Proletariado no comunismo... Ou seja, ficções diferentes que foi preciso a cada vez edificar com grande reforço de construções, de realizações, até mesmo de colocações em cena muito exigentes (DUFOUR, 2005, p. 39).

Observa-se assim a presença do Grande Outro¹⁷ como um ideário simbólico, não como um lugar ou um ser físico, mas um ponto de unidade a que se refere e que tem a capacidade de inserir o indivíduo tornando-o reconhecível e socialmente aceitável.

O importante, nesse sentido, é que, por todo lado, textos, dogmas, gramáticas e todo um campo de saberes tiveram que se afinar para submeter o sujeito, isto é, para produzi-lo como tal, para reger suas maneiras – eminentemente diferentes aqui e lá – de trabalhar, de falar, de crer, de pensar, de morar, de comer, de cantar, de contar, de amar, de morrer, etc. Aparece assim, que o que nomeamos “**educação**” é **sempre o que foi institucionalmente instalado quanto ao tipo de submissão a ser induzida para produzir sujeitos** (DUFOUR, 2005, p. 39, grifos meus).

A produção de sujeitos na perspectiva do fomentar a fabricação de um novo homem se faz presente na simbologia da educação formal.

Dissertar sobre as inquições da educação formal e dos entraves recentes sob a perspectiva do projeto de Grêmios Estudantis nas escolas municipais de Santos é o caminho para refletir a formação que foi pretendida, pensada e executada. Se há uma intencionalidade objetivamente demarcada ou se há somente a apresentação de circunstâncias globalizadas não é o cerne da questão. Depreender a que estão sendo submetidos os alunos na educação pública

¹⁷ Na atualidade o mercado teria o papel do Grande Outro, uma função anteriormente atribuída aos deuses e a outras entidades capazes de produzir o sujeito.

santista por intermédio das propostas que sustentaram os Grêmios Estudantis é a temática da pesquisa. As configurações preocupadas com a convivência no ambiente escolar, fenômenos ligados ao controle da violência, melhoria da educação e a formação de modelos, parecem não estar centradas na formação de um “ser para si”, mas de um “ser para”.

O advento apresentado por Abramo (1997) traz a preocupação com os jovens. Estes são vistos como potencialmente perigosos por se encontrarem numa “fase complicada” traduzindo a necessidade crescente de afastá-los das ruas, de ocuparem seu tempo e de acompanhá-los. Já que Dufour (2005) salienta que não mais se pode dispor de um único Grande Outro para regular as relações. O jovem, segundo Abramo (1997), consensualmente visto como um problema em si, dá ao mundo adulto o direito de colocá-los sob vigilância, punindo e cerceando-os pelo bem da integridade da ordem social. A problemática humanista é que a ordem social se encontra cada mais atenta às necessidades do mercado e cada vez menos as exiguidades do indivíduo.

O que se chama de educação cidadã, pelo prisma da nova cidadania, por vezes tenta evitar um possível desvirtuamento. A participação escolar nem sempre tem a intenção de ensinar a decidir, mas por vezes acaba colocando os jovens em uma posição passiva. A juventude é vista como uma fase da vida em que o indivíduo precisa ser constantemente salvo e reintegrado devido a sua tendência natural ao desregramento e à perdição, conforme aparece no artigo de Abramo (1997). O contorno educacional, que vem sendo dado aos obstáculos, apresenta respostas e atitudes imediatistas com relação à juventude. Aos jovens é vedado o direito de interpretar suas próprias situações problema, de treinar o olhar para os muitos vieses possíveis e de decidir o que e como agir. Esta conjuntura concomitante às necessidades materiais impostas pela ordem social e econômica, possivelmente pode estar contribuindo para a permanência de jovens tendenciosamente infantilizados e individualistas.

A educação encontra-se no cerne da preocupação e controle de grandes conglomerados capitalistas e do Estado. Esta associação provavelmente não pode estar congregada meramente na dificuldade de se contornar características ditas inerentes à juventude.

De acordo com Shiroma e Evangelista (2003, p. 8), a ideia de crise na educação foi construída no governo de FHC (1995–2002) por meio de um “discurso particular que atribuía um determinado sentido à educação para o que precisou desqualificar a escola pública denunciando sua suposta ineficiência, ineficácia e má qualidade”, o que justificou a eleição da “profissionalização docente como pivô das mudanças pretendidas” no âmbito das reformas educacionais. A noção de crise educacional foi construída para que se tivesse a justificativa para o projeto educacional autossalvacionista que se propôs, tendo em vista equacionar, não somente os problemas da própria educação, mas, sobretudo, os problemas de ordem social e afirmação da hegemonia burguesa (QUEIROZ, 2014, nota 27, p. 76).

Se bem que, apesar da visão compartilhada por Queiroz (2014), pode-se vislumbrar que a noção de precariedade da educação ou crise educacional seja algo recorrente antes mesmo da data citada (1995).

Gramsci (1988), Mészáros (2007/2015), Vygotsky (por LIBÂNEO, 2012, DUARTE, 2016, n.d.) e Newton Duarte (2001, 2010, 2013, 2016, n.d.) são autores que apontam demandas para uma reflexão acerca da educação e de posicionamentos que parecem necessários para os Grêmios Estudantis municipais na atualidade e em disposições anteriores. Pensar a formação do ser social, sua participação e as possibilidades são as questões centrais e norteadoras que se deseja ponderar.

A relação dos dados coletados aos teóricos aponta para a necessidade de se averiguar as intenções por detrás da construção dos projetos, analisando onde, como e quando acontece a formação no decurso da interação e na atuação com o Grêmio Estudantil. Atingir os alicerces das ideias defendidas visa uma construção histórica já que seria partindo da apuração de uma base existente que se torna possível o vislumbrar da construção de um novo ideário mais voltado num “ser para si”. O projeto de Grêmios Estudantis pode tornar-se uma grande oportunidade, dependendo dos encaminhamentos dados e das intenções que se visam contemplar. Todavia, as diretrizes podem acabar desviando-se das condutas pautadas na escrita do projeto (formação para a criticidade). O entendimento democrático, por vezes, encerra-se na descrição formal da proposta e não numa atuação cotidiana, correspondendo assim às condições concretas de efetivação.

Disso decorre que não basta explicitar, nos projetos escolares, a necessidade de formar “cidadãos críticos e conscientes”, tampouco considerar que, ao cumprir as determinações legais sem a devida reflexão sobre o contexto em que ela deverá ser aplicada, será possível desenvolvê-las objetivamente. **As condições concretas de trabalho a que estão submetidos os professores, coordenadores, diretores e funcionários dentro das unidades escolares pouco os fazem refletir sobre as possibilidades de emancipação existente em seu interior, não tornando possível a formação crítica dos alunos.** Assim, poderíamos dizer que a derivação da dominação política e o processo de manipulação ideológica têm como base a “semiformação” (CARLOS, 2006, p. 32, grifos meus).

No que diz respeito à educação da juventude, as indagações sobre a violência repercutem e se fazem presentes com certa frequência. Tende-se a acentuar a notoriedade aos atos hostis cotidianos induzindo a um alargamento da faixa etária de supostos culpáveis. Atribui-se não mais somente aos jovens a “conduta bestial”. Há um encaminhamento progressivo em direção à adolescência e à infância. O incentivo televisivo e a manipulação ideológica de massas tentam garantir que haja a inclusão destas e de novas faixas etárias nos

processos de coerção, sem que se analisem outros condicionantes preponderantes. Na região da Baixada Santista, houve a produção de uma pesquisa voltada para a caracterização do que seria a juventude e de quais seriam as suas necessidades e anseios.

O Guia de Políticas Públicas Municipais de Juventude foi produzido após a geração de um infográfico¹⁸ concebido a partir de um o Censo e das entrevistas conduzidas pelos participantes do Programa Escola Cidade Sustentável¹⁹. As enquetes foram realizadas entre outubro e novembro de 2012 na região da Baixada Santista. Após atividades preparatórias sobre o tema: juventude e políticas públicas, os resultados foram publicados sob o nome de Agenda da Juventude de Santos. Teve como emblema a participação já que a seleção das entrevistas e das localidades onde estas seriam realizadas ficaram sob a predileção dos jovens do programa. Esses selecionaram em seus círculos sociais (trabalho, escola, família, igreja, locais de lazer) os potenciais entrevistados.

A atuação juvenil está sempre presente ao se pensar em Grêmios Estudantis. A imagem construída pelo senso comum atribui esta organização à figura do jovem, que por ser jovem, traz em si características que o ligam à rebeldia, à contestação e a uma participação enérgica. A indexação feita transmite à atividade Gremista uma inferência que produz ilações a um espaço de lutas, resistências e reivindicações movidas pela paixão juvenil e que, portanto, encontra-se distanciado da “razão do mundo adulto”.

Nos Grêmios encontrar-se-iam indivíduos que precisam ser moldados para um comprometimento social, tornando-se atuantes, esclarecidos, autônomos e entranhados na busca pelo exercício da participação cidadã. Entretanto a partilha do poder de decisão na estrutura escolar apresenta-se como algo incômodo, gerando uma gestão trabalhosa, visto que se trata de um espaço burocratizado e hierárquico.

O choque de interesses na partilha do poder de decisão é contemporaneamente vivido. O temor acaba por produzir moldes que são manufaturados e efetuados com a finalidade de amenizar possíveis efeitos na configuração das políticas públicas voltadas à juventude.

Devido ao empasse apresentado o questionamento dos Grêmios santistas após a redemocratização do país, por intermédio da contextualização histórica do Movimento

¹⁸ As enquetes foram realizadas entre outubro e novembro de 2012 na região da Baixada Santista. Após atividades preparatórias sobre o tema: juventude e políticas públicas, os resultados foram publicados sob o nome de Agenda da Juventude de Santos.

¹⁹ O Programa Escola Cidade Sustentável tem por objetivo “Destinar recursos financeiros a escolas públicas a fim de promover a sustentabilidade socioambiental, apoiar as instituições no processo de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental e fomentar ações que as permitam se tornar espaços educadores sustentáveis.” O programa se destina a “Escolas públicas municipais, estaduais e do Distrito Federal que: - realizaram a etapa local da Conferência Nacional Infância pelo Meio Ambiente [...]” (NOVA ESCOLA, 2015, n.p.).

Estudantil e dos câmbios políticos e sociais, possibilitaria observar sua movimentação ao longo do tempo e assim aguçar um olhar desejoso da oniabrangência²⁰, contemplando a formação dos sujeitos, por intermédio do Movimento Estudantil ao longo da história santista e do Brasil²¹.

O Município de Santos (fundado em 1546) retrata todos os estágios históricos do país (período colonial, imperial e republicano). Há de se atentar ao fato que esta ligação é intrínseca e indispensável à compreensão dos fatos, projetando-se em uma direção crescente que pode estampar uma relação entre a história Nacional e a do Município santista.

Portanto, no “Guia de Políticas Públicas Municipais de Juventude”, desenvolvido em uma parceria realizada entre as Prefeituras Municipais de Santos/SP e Cubatão/SP e o Projeto Escola Cidade Sustentável em 2013, há a tradução do que é ser jovem para a população da região. A denominação de: “jovem” como aquele que tem por pré-requisito uma idade mínima de 15 anos e uma idade máxima de 29 anos é o que se apresenta na Lei nº 11.129/2005²² no Brasil já que essa classificação difere pelo mundo, em uma série de sobreposições legais.

A Convenção sobre os Direitos da Criança reconhece o grupo entre 15 e 18 anos como portador de direitos específicos, o que também ocorre no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Mas sob qual paradigma agir para efeito da construção de políticas públicas? [...] Outras instituições, como a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), consideram adolescentes pessoas da faixa entre 10 e 19 anos de idade. Na perspectiva do Banco Mundial, são jovens todos aqueles entre 12 e 24 anos. Para a União Europeia, por outro lado, a categoria jovem define pessoas de 15 até os 25 anos de idade. Como é possível notar, ao estabelecer determinado entendimento sobre o conceito juventude, deve-se levar em conta expressões, peculiaridades históricas e culturais de cada país ou de determinada sociedade. Como resultado, há uma grande variedade de limites etários e operacionais para definir os cidadãos considerados jovens (Guia de Políticas Públicas Municipais de Juventude, 2013, p. 14 - 15).

No mesmo guia, nota-se que a descrição das condições para a juventude brasileira não é muito favorável, justificando assim a necessidade de implementação de políticas pública especificamente voltadas para essa fase da vida:

²⁰ O prefixo: *oni* – aparece aqui como elemento de composição que exprime a noção de tudo, todos, de totalidade, como nas palavras onisciência, onipotência e onipresença. O prefixo vem do latim “*omnis*” que quer dizer: todo. A aplicação deste prefixo antes das palavras tem o objetivo de expressar a totalidade deste atributo (grafia latina: *omnis*-; grafia em Portugal: *omni*-; grafia no Português brasileiro: *oni*-) (SILVA, A. e MONTAGNER, 2009, p. 324).

²¹ Para compreender melhor as bandeiras históricas do Movimento Estudantil brasileiro e seu desenvolvimento pode-se buscar o livro: **O poder jovem** de Arthur José Poerner. Este livro pode auxiliar a tecer comparativos e a identificar contradições (POERNER, 2004).

²² Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude; altera as Leis nºs 10.683, de 28 de maio de 2003, e 10.429, de 24 de abril de 2002; e dá outras providências.

Muitos filmes já retrataram as mazelas de nossa juventude: [...] o país registra cerca de 2 milhões de jovens vivendo em favelas, a maior parte deles negros (66,9%); praticamente 50% dos jovens brasileiros²³ até 19 anos não concluíram o ensino médio; apenas 19% dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos frequentam uma universidade; o índice de desemprego entre os jovens é três vezes superior à média da população; isso sem falar nos dados sobre a violência. Nesse cenário de imensa dívida social, encontramos a maior contradição: na medida que a população do país envelhece, depositamos nos jovens as esperanças do futuro. Por essas razões, é imperativo pensar em políticas específicas para a juventude de modo a superar gargalos, sobreposições e vácuos de ações governamentais para possibilitar aos jovens o acesso à cidadania e ao trabalho. Considerando que essas políticas estão geralmente dispersas entre várias pastas, especialmente nos municípios, onde ainda são pouco institucionalizadas, esse é um desafio monumental. A agenda de políticas para “as juventudes”²⁴ despontou como necessidade premente, haja vista a complexificação das políticas sociais no país e a própria consolidação de direitos e o protagonismo de atores que agem nesse segmento (Guia de Políticas Públicas Municipais de Juventude, 2013, p. 8 - 9).

A vulnerabilidade da juventude, antes isolada, sucessivamente torna-se mais visível. Aumentam as participações juvenis no cenário político social no Brasil e as reivindicações acabam por gerar novas pautas para as políticas públicas e intervenções estatais.

O impacto na agenda governamental, segundo Cabral dos Santos e Yamamoto (2018), tornou-se “relevante tendo em vista os importantes ganhos obtidos por esse seguimento (sic), principalmente durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) e após anos de militância e luta para o reconhecimento dos/as jovens como sujeitos de direitos” (CABRAL dos SANTOS e YAMAMOTO, 2018, p. 658) que queriam efetivar esses direitos.

Mudanças pontuais passam a acontecer a partir de 2013 com o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013) e os programas produzidos nas Conferências Nacionais de Juventude de 2008, 2011 e 2015 (CABRAL dos SANTOS e YAMAMOTO, 2018), data que coaduna com a última proposta de Grêmios Estudantis da prefeitura santista e da produção do Guia de Políticas Públicas Municipais de Juventude, uma elaboração conjunta das prefeituras de Santos/SP e Cubatão/SP.

Já a proposta petista encontra-se ligada às movimentações que colocam a juventude como Sujeito de Direito, que reivindica políticas públicas e pontos concernentes a questões sociais que a atingia diretamente, como por exemplo, o direito à Educação e a preparação para o mundo do trabalho, asserções efervescentes nos anos de 1980 e 90.

²³ No Guia estão postas as duas notas seguintes, aqui numeradas como 19 e 20 e no guia como 1 e 2: Para fins de concisão e clareza de leitura, adotaremos aqui a referência à palavra apenas no masculino. Contudo, não se trata de generalização. Como este texto apresentará, as questões específicas de gênero representam um dos desafios das políticas de juventude (Guia de Políticas Públicas Municipais de Juventude, 2013, p. 8).

²⁴ “A diversidade dos atores da juventude torna muito difícil o agrupamento dessa categoria social sob uma única identidade. Desse modo, assim como o fazemos no caso das políticas para as mulheres, é adequado considerar que estamos falando de ‘juventudes’, o que não é, em absoluto, apenas uma questão de referência politicamente correta” (Guia de Políticas Públicas Municipais de Juventude, 2013, p. 9).

A juventude, historicamente, coexiste com duas visões a seu respeito (a de violentos, criminosos e problemáticos ou de protagonistas, portadores do novo e das esperanças progressistas) passam a foco de interesses e de acordos internacionais a partir dos anos de 1960²⁵ e seguem com enfoques mutáveis até o presente.

No Brasil tivemos sob o governo FHC (Fernando Henrique Cardoso) a criação de “secretarias e coordenadorias municipais e algumas estaduais, muitas vezes, vinculadas a secretarias de esporte e lazer ou assistência social” (CABRAL dos SANTOS e YAMAMOTO, 2018, p. 659). Porém, foi com Luiz Inácio Lula da Silva que se intensificaram as proposituras para a juventude, incluindo-se os jovens existentes entre os Povos e Comunidades Tradicionais, que buscam preservar sua cultura, seus costumes e sua linguagem.

No entanto, só é possível falar que foi instituído um espaço institucional e uma agenda da juventude a partir dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), inicial e principalmente, com o governo de Luís Inácio Lula da Silva, em 2003. A partir dos anos 2000 intensificaram-se as discussões, estudos, diagnósticos, assessorias e pesquisas realizadas por diversos órgãos [...], ainda que também seja preciso reconhecer que somente essas ações por mais importantes que sejam não garantem o reconhecimento dos jovens como grupo social e político diverso, que possui interesses e necessidades específicas (CABRAL dos SANTOS e YAMAMOTO, 2018, p. 659).

A III Conferência Nacional de Juventude de 2015, que teve como tema “as várias formas de mudar o Brasil” dispunha de uma programação extensa que debateu particularidades que diziam respeito, direta ou indiretamente, as perspectivas juvenis.

Os eixos de debate: participação, educação, trabalho, diversidade e igualdade, saúde, cultura, direito à comunicação, esporte e lazer, meio ambiente, território e mobilidade, segurança e paz, que já haviam aparecido em conferências anteriores, retornaram à pauta. Dentre as proposituras que foram escolhidas como pontos prioritários (segurança, território e

²⁵ Sendo assim, como marcos internacionais relacionados à juventude, tivemos: a Declaração sobre a Promoção entre a Juventude **dos Ideais da Paz, Respeito Mútuo e Compreensão** entre os Povos, firmada como compromisso da Organização das Nações Unidas (ONU), em **1965**, e a instituição do «**Ano Internacional da Juventude**», em **1985**, firmado também pela ONU (Furiati, 2010). O ano de **1995** foi marcado, mundialmente, pela construção de estratégias de enfrentamento aos desafios postos pela juventude, por meio do **Programa Mundial de Ação para a Juventude (PMAJ)**, aprovado na Assembleia Geral das Nações Unidas; da **Declaração de Lisboa sobre a Juventude**, lançada após a I Conferência Mundial de Ministros Responsáveis pelos Jovens, em **1998**; e, do **Plano de Ação de Braga**, com origem no Fórum Mundial de Juventude (Silva & Silva, 2011). Os marcos internacionais contribuíram para gerar um movimento de pressão, capaz de fazer eco ao que já estava sendo clamado na sociedade e fazer com que houvesse um «reconhecimento da necessidade de políticas públicas de caráter geracional para a juventude, tendo como diretriz a concepção de jovens como sujeitos de direitos» (Silva & Silva, 2011, p. 666). Dessa forma, a juventude só emerge como um particular «sujeito de direitos» —que demanda «políticas públicas»— no início dos anos 1990, momento em que a exclusão desse grupo se torna parte constitutiva da «questão social»¹ nacional e internacional (Novaes, 2012) (CABRAL dos SANTOS e YAMAMOTO, 2018, p. 659, grifos meus).

participação²⁶), deve-se atentar ao tema da segurança que aponta a tese da redução da maioridade penal, que procura estender à infância desfechos penais (CABRAL dos SANTOS e YAMAMOTO, 2018).

Nas políticas municipais de Santos para os Grêmios Estudantis após o Regime Civil Militar, o Grêmio deixa de ser um espaço pertencente exclusivamente aos jovens e passam a incluir também os adolescentes e as crianças.

A primeira expansão na atuação Gremista santista ocorreu na administração Telma de Souza (1989 – 1992), ao estender os Grêmios do Colégio “Acácio de Paula Leite Sampaio” (que era uma escola profissionalizante de segundo grau) para todas as unidades do Ensino Fundamental II (antigas 5ª a 8ª séries do 1º grau) que contavam com alunos na faixa etária entre 11 e 14 anos aproximadamente.

A proposta vigente, de 2014 até o momento, apresenta mais um movimento de expansão etária para os Grêmios Estudantis, ao implantar os Grêmios Mirins com alunos do Ensino Fundamental I, ou seja, alunos entre 6 e 10 anos aproximadamente.

Isso possibilita espaço para se refletir se há a intenção de se implantar um processo prematuro de “adultização” ou uma indução formativa recorrentemente mais precoce. O que se busca? A garantia de um local de representação dos indivíduos, ainda que em idade precoce, ou um lugar em que estes indivíduos ocupariam seu tempo e se moldariam a uma conduta esperada?

O feitiço da sociedade não corresponde às necessidades de manter e ampliar a humanização da maioria da população. Os conflitos advindos desse descompasso demanda constante readequação. As contrariedades do trabalho dos pais ou responsáveis pelos alunos e a rotina da vida interferem nas questões típicas do cotidiano das unidades escolares. O modo como o corpo social está planejado conduz a um exacerbado individualismo por conta das dificuldades crescentes de sobrevivência e de consumo. Estas dificuldades envolvem a necessidade de os pais estenderem as horas no emprego. Estes inventam soluções alternativas, pois seu tempo é consumido, esgotando-os física e mentalmente devido às condições do mundo

²⁶ **Segurança:** Não à redução da maioridade penal, pelo cumprimento efetivo das medidas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); **Território:** Ampliar e acelerar o processo de Reforma Agrária e regularização fundiária, bem como reconhecimento e demarcação de terras pertencentes a povos e comunidades tradicionais, em especial das terras indígenas e quilombolas, acabando com as práticas forçadas de remoção de seus territórios. Assim, viabilizando a regularização da documentação de assentamentos já existentes, permitindo que os jovens tenham condições de permanecer ou regressar as (sic) suas terras originais, e serem assim contemplados pelos programas, projetos e ações para a juventude rural; **Participação:** Garantir a implantação do Sistema Nacional de Juventude composto por órgãos gestores, conselhos e fundos de juventude, nas três esferas administrativas. O fundo nacional de juventude deve funcionar com repasses fundo à fundo definido percentualmente entres os três entes federados para direcionar as políticas e ações para a juventude em âmbito nacional, estadual e municipal (Brasil, 2016, p. 8 apud CABRAL dos SANTOS e YAMAMOTO, 2018. p. 662, grifos meus).

do trabalho. Muitas vezes os reflexos disto se estendem à escola. Os pais buscam modos de ampliar a permanência escolar das crianças, não por interesse pedagógico, mas por necessidade de manter seus filhos em local seguro. Em Mészáros (2007, p. 237) este “abuso do tempo cometido pelo capital” aparece na expropriação do trabalhador e reflete nas normas sociais.

Nesse sentido, os preconceitos bem conhecidos contra o planejamento emergem do *abuso de tempo necessário do capital*. A única modalidade de tempo diretamente significativa para o capital é o *tempo de trabalho necessário* e seus corolários operacionais, exigidos para assegurar e salvaguardar as condições de *contabilidade de tempo orientada para o lucro* e, com isso a realização do capital em uma escala ampliada (Mészáros, 2007, p. 239).

Sendo assim, o controle do tempo é um estratagema. Ao reduzi-lo sobra menos dele para que o indivíduo “perca-o” consigo e com a sociedade, abrindo margem de aumento de lucros capitalistas, além de minimizar as possibilidades de reflexão acerca das estruturas que roubam sentido da vida do trabalhador. Estas desvinculações afetam as relações, incluindo as mais íntimas.

Neste ponto a questão da formação do novo sujeito, que está presente em Dufour (2005) reaparece numa perspectiva histórica nos indagando sobre o papel da escola pública atual. O olhar dos pais, da sociedade frente a esta situação produz regulações do governo.

Gramsci (1988) aponta que as crianças em sua maioria não podem contar com a família na ajuda intelectual. Cita também que as fontes extra escolares são mais importantes do que se pode acreditar. Portanto, há que se valorizar a cultura trazida pelo aluno para, partindo dela, ampliar possibilidades.

Numa visão mais humanista, a educação devotar-se-ia a ser um vetor do desenvolvimento coletivo, todavia, vemos imperando as leis da mercantilização acima de tudo e de todos. Gramsci (1988, p. 131) enfatiza que “a consciência da criança não é algo ‘individual’ (e muito menos individualizado), é o reflexo da fração de sociedade civil da qual participa, das relações sociais tais como elas se concentram na família, na vizinhança, na aldeia, etc.” Por conseguinte, se as relações sociais têm por base certas regras separatistas e por vezes neurastênicas, como esperar das crianças e dos jovens algo muito diferente?

Observa-se que Gramsci (1988) apresenta a escola como algo retórico, sem seriedade, possuidora de uma verdade somente de palavras, mas que não aparece nas relações sociais cotidianas. De certa forma esta retórica ainda permeia as rotinas escolares.

Ainda segundo Gramsci (1988), a atividade escolar tem como uma de suas importâncias o aprender a organizar conhecimentos, a formação de hábitos e não unicamente propósitos imediatistas. É estudar para saber estudar, (GRAMSCI, 1988) para desenvolver este potencial.

E o que significa estudar para saber estudar? Para que serviria aprender isto? Possivelmente para a formação da classe trabalhadora possibilitando a concepção de uma organização social autodeterminada.

Já Mészáros (2007), quando apresenta o conceito de “produtores associados”, demonstra o quanto se distanciam os indivíduos das decisões autênticas e induzindo-os a ficar ocupados com decisões medíocres que soterram as possibilidades de um decidir consistente, substantivo, que reflita interesses de uma maioria sobre ela mesma e não como acontece atualmente (de uma minoria sobre a maioria).

Esta preocupação é constante ao se refletir sobre os Grêmios Estudantis. Até que ponto há a criação de um verdadeiro espaço para o exercício e a aprendizagem da autodeterminação nestes projetos?

O horizonte temporal truncado dos indivíduos exclui a possibilidade de estabelecerem para si mesmos objetivos transformadores abrangentes e vice-versa, a ausência de determinações transformadoras abrangentes em sua visão condena sua consciência temporal a permanecer trancada no mais estreito horizonte temporal da imediatez (MÉSZÁROS, 2007, p. 310).

Sendo assim, a ausência da autodeterminação pode levar à retomada das indagações que envolvem a questão da violência escolar. Atentando-se ao fato de que a revolta presenciada pode não ser vazia, posto que a existência de uma falta de sentido de vida, pelo cerceamento do poder de decidir e pela exploração crescente pelo capital, pode produzir conflagração.

Permanecer ausente da discussão e esperar o surgimento de arranjos superficiais; apegar-se às alternativas frívolas ou assumir a intervenção fundada na sobreposição de projetos educacionais, muitas vezes alheios a realidade própria de cada unidade, são condutas identificáveis no ambiente escolar. Estes mecanismos expandem o desânimo, a desistência ou o silenciamento dos professores que perecem num amoldamento ou numa simulação de adequação às circunstâncias.

Isto se dá nas “políticas ou reformas educacionais, refletindo, no geral, interesses específicos de grupos sociais hegemônicos, mas travestidos de interesses sociais mais amplos” (MONFREDINI, 2011, prefácio.) que conduzem à aceitação e a incorporação de hábitos. Deste modo “o professor desistente sintetiza contraditoriamente a condição na qual se forma: pela

oposição entre as possibilidades de realização postas ontologicamente no trabalho, e a negação delas nas condições objetivas de trabalho” (MONFREDINI, 2011, p. 53).

Isso [a falsa alternativa] significaria a *condenação permanente* da maioria esmagadora da humanidade às condições desumanas que é hoje forçada a suportar. Pois atualmente, em seus bilhões, ela é, em sentido literal, forçada a suportar tais condições, quando se poderia *criar* uma alternativa (MÉSZÁROS, 2007, p. 249).

Esta advertência de Mézáros (2007) retrata o perigo desta postura apassivada. A educação reconsiderada e visando uma reorganização sob novas concepções poderia fazer ressurgir um sentido perdido a sua expressão formal.

O professor, nestas condições, pode contribuir para a elevação cultural dos alunos e da sociedade. O professor, como intelectual, pode ser mediador, da individualidade em si à individualidade para si, apesar das relações reificadas nas quais “o valor de troca, sempre mediado, elevado à universalidade”, [adquire uma dimensão de] “domínio sobre o conjunto da vida humana”, como afirma Lukács (1981, p.73). Num momento em que os resultados de pelo menos vinte anos de políticas educacionais restritivas são evidentes, o acirramento das contradições pode propiciar o fortalecimento coletivo do significado social mais amplo dado à escola: o de valorização do conhecimento, do professor como intelectual, e da escola como espaço privilegiado de formação das novas gerações. Esta possibilidade de significação se inscreve na própria natureza do trabalho do professor, na própria natureza do trabalho em geral que constitui os seres humanos como tal (MONFREDINI, 2011, p. 84).

Historicamente a formação escolar brasileira sofreu muitos amoldamentos estatais. Este determinismo favorece a manutenção de interesses seletivos. Todo o aparato de controle imposto imprime aos educadores um caráter semiprofissional, desqualificando-o profissionalmente e o relegando a um papel meramente funcional. Assim como limita o alcance dos educandos. Esta característica mostra-se dissimulada, com ares de inocência ou de natural irrelevância, apartando o sujeito do poder substantivo de decisão ao voltar-se a satisfação de interesses externos.

Mészáros (2007), coloca que no capitalismo avançado há a seguridade dos negócios ordenando e demarcando o período de educação institucional. Limitando “em uns poucos anos economicamente convenientes da vida dos indivíduos e mesmo fazê-lo de maneira discriminadora/elitista.

Ainda que esta educação seja limitada para alguns e mais apurada para outros não é vista como algo necessariamente central. A contribuição não mira uma evolução contínua da humanização social. Trata-se meramente de uma resposta às necessidades de mercado.

Nesse sentido, podemos ver que, embora o período de educação institucionalizada seja limitado sob o capitalismo a relativamente poucos anos da vida dos indivíduos, a

dominação ideológica da sociedade prevalece por toda a sua vida, ainda que em muitos contextos essa dominação não tenha de assumir preferências doutrinárias explícitas de valor (MÉSZÁROS, 2007, p. 294).

O crescente sentimento de insatisfação, de frustração tende a ser aplacado de modo fútil, consumista e destrutivo: condicionamento que assola a opinião popular e o conformismo facilitando o avanço do contra valor apregoado pelo capitalismo. Tendo em vista uma nova conformação social há de se investir na formação de uma nova categoria de intelectuais, advindos de todos os setores da sociedade, conforme Gramsci (1988). Este esforço deveria ser necessariamente coletivo, centrado numa estruturação humanista e numa educação unitária. O que tem se visto, cada vez mais é um distanciamento de uma educação integral, fincada no objetivo de educar para a humanização e cada vez mais voltado para a tensão de servir ao mercado de trabalho. Percebe-se assim uma implementação utilitarista, voltada para agregar jovens, moldando-os para colocá-los a serviço da geração de lucros.

Este mesmo sistema que prega a necessidade da preparação para o mundo do trabalho, necessita cada vez menos desses jovens trabalhadores. As seguridades sociais são quebrantadas e substituídas por proposituras solitárias, individualistas e meritocráticas ligadas ao empreendedorismo.

Dentro do panorama que se apresenta, pode-se cogitar sobre a formação de sujeitos e de novos cidadãos, demandados pela estrutura a que os alunos das escolas municipais santistas serão futuramente submetidos.

Crer que um projeto de Grêmios possa trazer respostas definitivas aos entraves educacionais do Município pode se apresentar como uma panaceia. As múltiplas possibilidades existentes na movimentação estudantil ao longo da história, exemplificam a impossibilidade de uma resposta unificada. Por exemplo, ainda que no imaginário popular se atribua exclusividade às movimentações estudantis ligando-as às promoções gerenciadas pela UNE (União Nacional dos Estudantes), UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas) e UPES (União Paulista dos Estudantes Secundaristas), estas instituições não foram representantes únicas da juventude brasileira.

Apesar do movimento pró Grêmios ter por campo de atuação as escolas públicas e particulares e estar ligado com a organização do Movimento Estudantil, alguns deles também atuavam independentemente destas sistematizações. Havia uma ação a parte nas escolas confessionais Católicas ligados à AC (Ação Católica): estudantes de colégios religiosos tinham a JEC (Juventude Estudantil Católica) que envolvia adolescentes de 12 a 16 anos, além dos

movimentos JAC (Juventude Agrária Católica), JIC (Juventude Independente Católica), JOC (Juventude Operária Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica) (PESCUMA, 1990).

Supõe-se assim que a pluralidade sempre existiu dentro do Movimento Estudantil, apesar da fixação num ideal representado pela geração de jovens dos anos 60.

A Juventude Estudantil Católica (JEC) era o movimento da AC que envolvia alunos com idade entre 12 e 16 anos e destinava-se principalmente a alunos de colégios religiosos. Nas escolas oficiais e particulares, a organização estudantil era mediada pelos grêmios, que eram ou não vinculados à UPES (União Paulista dos Estudantes Secundaristas) e à UBES (União Brasileira dos Estudantes [Secundaristas], fundada em 1948 (CARLOS, 2006, p. 28).

O artigo de Gonzalez e Moura (2010) enquadra uma proposta mais nitidamente ligada a interesses alheios à Educação ou primordialmente pedagógicos na condução de uma reflexão da *práxis* dos Grêmios após o período do Golpe do Governo Civil Militar. Da busca desta *práxis* social entrelaçada à teoria surgem possibilidades de observação e reflexão acerca das contradições ostentadas.

Gonzalez e Moura (2010) apontam o indício de um interesse político na reorganização dos Grêmios Estudantis após o regime militar. O incentivo estatal para a reconstrução pode apresentar fins diversos dos imagináveis num primeiro momento. As agremiações estudantis no Brasil tiveram que ser reorientadas após vinte e um anos em um período de recessão em que a tendência apontava para a abolição de construções coletivas. Na dificuldade de manter um controle tal qual existia no regime militar, que em geral se servia de recursos truculentos, o interesse estatal encaminhou-se para uma prática formativa. Gonzalez e Moura (2010) apontam a formação como um estratagema no processo de despolitização dos sujeitos.

Para compreender essa reflexão da *práxis* faz-se necessário primeiro entender que *práxis* não é sinônimo de prática, como se vê por vezes empregado. A origem grega indica uma compreensão apropriada ao uso do termo. No grego antigo havia uso distinto de dois vocábulos para “ação”: *práxis* e *poésis* (VÁZQUEZ, 1977).

A *práxis* trata de toda ação que produz um fim que não é um objeto ou uma atividade externa, separada de quem produz o ato, portanto imanente. Há transmutação deliberada no sujeito, que passa a vincular sua ação a uma nova postura, por ter apurado seu entendimento acerca de algo moral, ético, político... de modo autodeterminado e decidido (VÁZQUEZ, 1977).

Já a poésis (ou poiésis) era a ação que criava um objeto externo, separado do sujeito e de seus atos enquanto ser. Poésis é literalmente “produção” ou “fabricação”, como no trabalho técnico do artesão²⁷ (VÁZQUEZ, 1977).

Em Língua Portuguesa moderna poésis gerou as palavras: poesia, poeta, poético... Por vezes, devido a isto, tem-se uma impressão equivocada (onde poésis seria algo etéreo e ideal, enquanto práxis seria algo prático, concreto, imediato e utilitário).

Ao se abordar práxis ou a reflexão da práxis neste trabalho deve-se atentar para a práxis como ação que em si mesma conduz à uma reinterpretação e transformação da realidade. Há modificação da postura no mundo, por atos conscientes e reflexivos, ansiosos de uma desautomatização da ação enquanto elevação de consciência. Em oposição a prática alienada, a práxis, rompendo com o idealismo ou um “ponto-de-vista imediato e ingênuo da consciência comum”, modifica o ser e conseqüentemente encaminha-o a uma crítica do fazer (VAZQUEZ, 1977, p. 5).

Assim sendo, faz-se necessário ponderar a questão da práxis nos projetos pedagógicos. Justapondo soluções aos problemas apontados para a formação dos jovens, o que vem ecoando como resposta na área educacional é o mantra inovador do protagonismo juvenil que segundo Ferretti, Zibas e Tartuce (2004) nascem com a prédica da participação (ação) ativa.

O discurso da participação ativa dos alunos em sua aprendizagem data, no Brasil, dos anos 20 e 30 do século passado, quando o pensamento de Dewey foi adotado por diversos teóricos da educação. Quanto a canais institucionais de participação de alunos na gestão da escola, os grêmios estudantis datam da década de 60 e os conselhos escolares que prevêem o envolvimento dos alunos e de suas famílias na direção da escola, remontam, em alguns estados da federação, aos anos 80. Embora o conceito de participação de jovens (e dos pais) na vida da escola não seja novo, na década de 90 foram emitidos diferentes documentos oficiais tanto em nível federal, quanto nos estados – que explicitam e valorizam essa participação, argumentando que é por meio dela que cada unidade escolar democratiza sua gestão e cumpre efetivamente sua função, tornando-se um espaço pedagógico atraente e desafiador para os jovens, de modo a favorecer seu progresso intelectual, social e afetivo, e, ainda um espaço democrático, confiável e culturalmente rico para pais e para a comunidade, com vistas a um intercâmbio fecundo entre a escola e seu entorno (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004, p. 411).

Entretanto, Ferretti, Zibas e Tartuce (2004) alertam para o fato de que o protagonismo juvenil é um conceito não muito bem definido e que pode apresentar significados tanto pedagógicos quanto políticos.

Entretanto, a revisão bibliográfica sobre o tema indica que o **“protagonismo dos jovens/alunos” é um conceito passível de diferentes interpretações e, além disso,**

²⁷ “Nesse sentido, o trabalho do artesão é uma atividade *poética e não prática*” (VÁZQUEZ, 1977, p. 5).

imbrica outros conceitos igualmente híbridos, como “participação”, “responsabilidade social”, “identidade”, “autonomia” e “cidadania”. Nem mesmo a distinção conceitual entre “participação” e “protagonismo” é clara na bibliografia consultada. Ou seja, um autor pode-se referir a “protagonismo” em contextos em que outro falaria de “participação”, e vice-versa, havendo, ainda, casos em que as duas expressões são usadas como sinônimos (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004, p. 413, grifos meus).

Os autores mencionados colocam o fato de que “protagonismo” foi o termo cunhado para enfatizar a renovação da participação juvenil, já que quando se reportam ao protagonismo dos pais os documentos oficiais preferem o uso da palavra “participação”. Protagonismo nasce de protagonista, termo utilizado para destacar o ocupante do papel principal em uma obra literária ou conforme dispõem os autores: o *protagnistés* (o ator principal do teatro grego). Desta forma o protagonismo se coloca como um ato individual, particularizado, podendo-se fazer uma alusão ao super-herói que com atributos próprios promove benesses sociais. Neste sentido, segundo os autores, o termo participação promoveria “uma abordagem mais democrática da ação social, sem colocar em destaque o protagonista singular” (FERRETTI, ZIBAS e TARTUCE, 2004, p. 414).

Segundo os autores a promoção do protagonismo juvenil como mediatório do que se chama “moderna cidadania”, acentuaria a responsabilidade pessoal e a socialização em detrimento da intervenção social coletiva e solidária. Esta necessidade nasceria das “transformações sociais e culturais que configuram as chamadas sociedades pós modernas ou pós-industriais, as profundas mudanças que ocorrem no campo do trabalho estruturado sob o capital, o vertiginoso avanço nos campos científicos e tecnológicos” (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004, p. 411 - 412). Os adolescentes e jovens, que já nasceram no curso dessas mudanças, não possuiriam a dimensão histórica das transformações e se guiariam pelas histórias particulares de seus familiares e amigos, naturalizando as modificações impostas e “criando novas formas de ser, viver e consumir” (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004, p. 412).

Os autores alertam para o fato de que a moderna cidadania seria utilizada como uma das respostas para se atender às exigências sociais, promovendo sistematicamente a formação de valores, de atitudes cidadãs, de convivência autônoma, num mundo contemporâneo angustiante, efêmero, desafiador e exigente. As configurações de trabalho caminhariam para conjunturas cada vez mais aterradoras e que posicionariam os jovens numa bifurcação entre suas inquietudes pessoais e as urgências sociais (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004).

As responsabilizações individuais e sociais passam a ser atribuídas única e exclusivamente ao indivíduo e a suas escolhas de vida. Uma parcela dos efeitos destas escolhas

jamais poderia ser atribuída ao sistema, já que sua produção e responsabilidade, seu êxito ou fracasso, caberiam aos arbítrios do indivíduo, como se não houvesse outros fatores condicionantes atuando simultaneamente.

No entanto, a forma pela qual esses estudiosos abordam a relação entre adolescente/jovem e a educação mediada pelo protagonismo, [...] por sua particularidade, como se verá a seguir, sugere não apenas uma certa homogeneidade cultural, mas também homogeneidade no interior desses grupos etários. Tanto uma quanto outra inferência parecem pouco compatíveis com o que se pode observar empiricamente, pois, se há características comuns entre os jovens de diferentes sociedades, **é preciso atentar para a imensa variação de condições de vida, de trabalho, de educação, de poder aquisitivo, bem como para os diferentes valores, costumes, crenças, etc., possíveis de serem encontrados não apenas entre jovens de diferentes sociedades, mas também, no interior de cada uma delas.** Tais heterogeneidades obrigam a admitir que, da mesma forma que não se pode generalizar as chamadas mudanças inerentes à “era pós-industrial” para toda e qualquer sociedade ou para todos os segmentos de uma mesma sociedade, também não faz sentido pensar a adolescência ou a juventude como únicas e homogêneas (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004, p. 416, grifos meus).

Além da responsabilização individual o protagonismo liga-se também ao conceito da “resiliência” que prepara o indivíduo para resistir à adversidade. As experiências adquiridas serviriam para suplantar dificuldades e melhorar a qualidade de vida ao invés de lutar por uma vida de qualidade.

A frequente relação entre protagonismo e resiliência autoriza a hipótese de que, apesar de seu caráter abstrato, as posições relativas ao protagonismo parecem mirar dois grandes grupos: o dos jovens que, não incluídos entre os pobres, poderiam ser conquistados para realizar ações, principalmente voluntárias, que tenham por alvo os setores empobrecidos da população (inclusive os adolescentes e jovens), tornando-os protagonistas; o dos jovens que, pertencentes aos setores empobrecidos, desenvolvem ações na perspectiva da resiliência. Em ambos os casos, o objetivo maior parece ser o evitar os riscos do esgarçamento social de um lado e, de outro, cuidar da promoção da formação cidadã de jovens e adolescentes, nos termos definidos pelos autores (FERRETTI, 2003, apud FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004, p. 417).

Segundo Ferretti, Zibas e Tartuce (2004), as ações solidárias e meritocráticas estão inseridas no contexto da participação de jovens e adolescentes que assumem responsabilidades próprias do Estado, que lhes são transferidas. Enquanto indivíduos ou grupos, como no caso os Grêmios Estudantis, há atribuições atreladas como características das ações que são pautadas como próprias do protagonismo juvenil. A formação ética, moral, cidadã e adaptativa pode ser utilizada como veículos para a responsabilização customizada e singular pelo convencimento, já que não mais se dá pela imposição ou pela força declarada. Seduz-se o

indivíduo que passa a adotar um ideário que se adapta às necessidades que não pertencem a ele, mas que oferta recompensas imediatas angariadas pelo reconhecimento social.

Entretanto, carrega consigo a possibilidade de despolitizar o olhar sobre as determinações da pobreza e sua manutenção, desviando o foco das preocupações do debate político e social sobre tais determinações para o da ação individual e coletiva, com vistas a minorar, de modo funcionalista, ‘os aspectos negativos do pós-industrialismo’, designação eufêmica para os desdobramentos sociais e econômicos da atual fase do capitalismo mundial (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004, p. 418).

Desta feita, a presença destes princípios no ambiente escolar não se dá de modo aleatório já que segundo Costa (2001) “o ponto de irradiação é a escola, normalmente o primeiro espaço público frequentado de modo sistemático pela maioria das pessoas” (Costa, 2001, p. 39, apud FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004, p. 420).

Segundo Ferretti, Zibas e Tartuce (2004), o protagonismo juvenil traz um discurso que confunde o entendimento. Ao mesmo tempo em que defende “a necessidade de desenvolvimento do ser humano completo, para além das necessidades da produção, aberto à diversidade cultural de seu tempo e às responsabilidades sociais” (FERRETTI, ZIBAS E TARTUCE, 2004, p. 422), facilitando a contextualização dos conteúdos disciplinares, aceita que os efeitos nefastos da era pós-industrial são irreversíveis, apascentando e despolitizando a juventude, moldando-a a nova ordem mundial. Os autores salientam que “para diversos analistas, é essa face conservadora e economicista do discurso do protagonismo que prevalece nas diretrizes curriculares” (FERRETTI, ZIBAS, TARTUCE, 2004, p. 422).

A instalação do individualismo no sistema neoliberal, em que as relações estão imersas, possibilita abrir questionamentos sobre as possibilidades de participação social e perturbam o entendimento de alternativas na atividade Gremista.

O embate iminente se dá entre a propositura da meritocracia e da privatização dos direitos sociais que ao distorcer-se pode passar a ser vista como uma educação solidária e participativa. O perigo da adulteração é relevante na área educacional ao se ter em vista que a Educação é um direito social indispensável, pois dá acesso à aquisição de outros direitos sociais. As tendências que privatizam a Educação transformam este direito social em um serviço que pode ser comprado e vendido como se fosse qualquer outra mercadoria. A falta de distinção ao se igualar direitos e mercadorias é posta por convencimento durante a formação do indivíduo. Não há coação violenta atribuída a algum ente específico, como ocorria anteriormente. A proposta torna-se sutil e contínua por implantação de uma ideologia que faz com que os

indivíduos se adequem aos interesses do mercado, mesmo que isto signifique a quebra no questionamento de valores e a adequação a interesses sociais dissimulados.

Aqui a questão crucial, sob o domínio do capital, é assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias as metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema. Em outras palavras, **no sentido verdadeiramente amplo do termo *educação*, trata-se de uma questão de “internalização” pelos indivíduos [...] da legitimidade da posição que lhes foi atribuída na hierarquia social, juntamente com suas expectativas “adequadas” e as formas de conduta “certas”, mais ou menos explicitamente estipuladas nesse terreno.** Enquanto a *internalização* conseguir fazer o seu bom trabalho, assegurando os parâmetros reprodutivos gerais do sistema do capital, a brutalidade e a violência podem ser relegadas a um segundo plano (embora de modo nenhum sejam permanentemente abandonadas) [...]. Apenas em períodos de *crise aguda* volta a prevalecer o arsenal de brutalidade e violência, com o objetivo de impor valores [...] (MÉSZÁROS, 2007, p. 206, grifos meus).

Mesmo ações abonadas como coletivas podem carregar o apregoamento da individualização que acaba conduzindo ao estranhamento do outro. A concorrência instaurada é capaz de aparentemente induzir à ação, quando seu propósito final pode servir ao amoldamento e à resiliência.

Mediante a configuração deste desenho, como pensar nos Grêmios Estudantis como um ambiente democratizador e um espaço para construção de alternativa em meio a estas contradições?

As contraversões tornam entendimentos, possivelmente condenáveis em outras circunstâncias, em posturas permitidas, aceitáveis e incentiváveis quando se instaura a competição ou ambientes psicologicamente compensatórios. Há a criação de um modelo de ser social a que se precisa atender e que tem como propósito precípua jogar os indivíduos na exploração do sistema. Esta naturalização é feita de modo auspicioso gerando um sentimento de orgulho, de pertencimento e de satisfação pelo assujeitado. O indivíduo se enxerga como um sujeito bem-sucedido por ter conseguido corresponder àquilo que se esperava que fosse por ele realizado, honrando a medianização da sociedade. Com esta correspondência às expectativas vão contra a ampliação das possibilidades de humanização.

A experiência dentro dos Grêmios Estudantis pode assumir uma conotação dúbia, uma desvinculação entre o discurso e a ação, pois ao não priorizar a ampliação das possibilidades do ser social, passa a ser ferramenta para o aumento dos rendimentos de mercado. Mediante estas adversidades é quase impossível não replicar: E agora? Que rumo tomar ao almejar possibilidades formativas nos Grêmios Estudantis santistas?

Para tal, seria pertinente conceituar o Grêmio para entender o âmbito de sua atuação e o contexto de seu surgimento. Dentro da estrutura escolar o Grêmio Estudantil é um órgão

representativo, portanto desempenha a função de evidenciar a voz de todo o corpo discente. Desta feita, Gremistas são todos os alunos pertencentes a uma UE (Unidade Escolar) que tenha um Grêmio. Os que cotidianamente são nomeados como Gremistas na realidade são os dirigentes do Grêmio enquanto órgão de participação representativa.

O conceito de Grêmio²⁸ não nasceu dentro do sistema educacional, já que qualquer associação de pessoas com um mesmo propósito ou característica em comum sendo regida por algum estatuto é um Grêmio. Pode-se ter agremiações entre pessoas de uma mesma profissão, que desenvolvam um ofício em comum etc. Pode-se citar como exemplo: O Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense que é um time de futebol; os Grêmios recreativos também conhecidos como escolas de samba e o Grêmio Literário de Lisboa que é uma instituição pública fundada em 1846 por uma carta régia de D. Maria II e que tinha por objetivo fomentar atividades relacionadas às Letras e que ainda hoje promove o Movimento Modernista em Portugal.

Gremium vem do latim e era a palavra empregada para se referir a um conjunto de pessoas que partilhavam um estatuto social ou apresentavam outra característica comum.

Os primeiros Grêmios surgiram na Idade Média em cidades europeias e entre artesões de um mesmo ofício. A finalidade era fortalecer a atividade, organizando-a e garantindo trabalho a todos os associados ao Grêmio. Além desta função ele também era o meio de ensinar o ofício perpetuando o conhecimento adquirido. Deste modo os Grêmios podem ser considerados como o berço da organização sindical.

A formação laboral dentro de um Grêmio era dividida em etapas de aprendizagem onde se utilizavam os escalões: Aprendiz, Oficial e Mestre (nomenclaturas semelhantes ainda são utilizadas na Maçonaria que utiliza os termos Aprendiz, Conselheiro e Mestre em seus três primeiros graus).

Quem supervisionava, atestava e validava o aprendiz, assim como controlava contratos, providenciava os meios de produção e os materiais necessários a todos os trabalhadores, era o Grêmio. Esta estrutura de validação ainda é empregada no meio acadêmico onde existe um ritual, sem o qual não se obtém um título, que explicita a dependência da aprovação daqueles que já passaram por todas as etapas anteriores.

Os Grêmios Estudantis, portanto, são somente uma modalidade dentre tantas outras agremiações existentes ou que já existiram.

²⁸ O texto tem por base as informações recolhidas na página <<https://conceito.de/gremio>>.

Capítulo II - Precedentes históricos: do pretexto para o contexto

A evolução do Movimento Estudantil no Brasil e as características da cultura política santista podem auxiliar na compreensão quando se busca a clareza de como se chegou à formação dos primeiros Grêmios e como a atividade Gremista está sendo entendida atualmente.

O Movimento Estudantil do Brasil nem sempre se deu por intermédio dos Grêmios. Derna Pescuma (1990) discorreu sobre o fato de que havia poucos estudos relatando a atuação dos alunos secundaristas na história e que os movimentos estudantis tinham uma predominância universitária, como relatou José Serra (último presidente da União Nacional dos Estudantes antes do governo civil militar) numa entrevista de 04 de agosto de 1989: “O aluno secundarista não fazia movimento estudantil, mas estava sempre a reboque dos universitários, era um movimento pouco expressivo... mas, existia a UBES” (PESCUMA, 1990, p. 52).

Já de acordo com Poerner (2004), entre os anos de 1987 e 1989, houve inúmeras divisões internas na UNE que esvaziaram e paralisaram suas atividades. Entretanto, foi da existência desta circunstância, aparentemente negativa, que nasceram a possibilidade e o impulsionamento do movimento por outro viés. Os secundaristas tomaram a frente do Movimento Estudantil e a partir deste momento tornaram-se mais independentes, passando a agir mesmo quando havia a paralisação dos universitários. A atuação dos secundaristas se deu, quase que interinamente, por intermédio de sua organização nos Grêmios Estudantis. Nesse sentido o autor enfatiza que:

Entre 1987 e 1989, com a UNE esvaziada e paralisada por grandes divisões internas, o cenário das lutas estudantis foi tomado pelos secundaristas, que, com seus *jingles* roqueiros e suas mochilas, saíram às ruas das grandes capitais para exigir a redução das mensalidades e a melhoria do nível de ensino. Com idades de 12 a 18 anos, a chamada “geração-mochila” queria, ainda, o fim das restrições à atuação e à existência dos seus grêmios – restrições que persistiam, apesar da Lei do Grêmio Livre, de 1985, também do deputado Aldo Arantes –, meia-passagem nos ônibus, reformas nas escolas e professores nas salas de aula.

Reconstruído a partir do 1º Encontro Nacional dos Estudantes Secundaristas, em novembro de 1979, em Belo Horizonte, o movimento secundarista tinha, igualmente, longa tradição. Sua principal entidade, a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), desarticulada pela ditadura em 1969, foi fundada em 25 de julho de 1948, com o nome de União Nacional dos Estudantes Secundaristas, em congresso no Rio, que elegeu presidente o potiguar Luiz Bezerra de Oliveira Lima (POERNER, 2004, p. 297).

Pode-se perceber que o florescimento dos Grêmios Estudantis, com uma atuação mais fortemente independente da ação dos universitários, é algo que se sucedeu mais tardiamente. Nota-se também que é algo contemporâneo às políticas governamentais voltadas a estas agremiações que ocorreram na gestão Telma de Souza (1989 – 1992), sendo possível que tenha existido um reflexo disto em Santos.

A busca pelas origens do Movimento Estudantil brasileiro tornou-se necessária para poder compreender a formação de suas tradições, articulando-as aos movimentos historicamente construídos no Município de Santos.

Tendo-se como ponto de partida a compreensão histórica de como estes processos se deram, amplia-se a possibilidade para conseguir chegar à formação de Sujeitos, nos Grêmios Estudantis Santistas enquanto concepção nos governos municipais.

Inicia-se no Brasil Colônia a reflexão histórica dos movimentos estudantis no Brasil e particularmente em Santos/SP, já que a região da Baixada Santista, esteve inserida desde os primórdios nos encadeamentos de colonização do país.

1. Movimentos Estudantis no Brasil Colônia

De acordo com os sites da UNE e da UBES, foi em 1901 que, no Brasil, surgiu o primeiro movimento estudantil, por intermédio da criação da Federação dos Estudantes Brasileiros, entidade que permaneceu em atuação durante pouco tempo.

Contudo, Poerner (2004) remonta ao Brasil Colônia a organização estudantil. Ele remete a uma primeira manifestação nos idos de 1710. Em setembro daquele ano houve uma invasão francesa ao Rio de Janeiro e entre quatrocentos ou quinhentos jovens haviam se organizado às pressas, com as armas que tinham disponíveis no momento e fizeram um ataque surpreendente e arrojado. Estes jovens “estudavam em conventos e colégios religiosos, pois à época, ainda não havia ensino universitário no Brasil. A aristocracia colonial enviava seus filhos às universidades européias (sic), principalmente a Portugal (Coimbra) e à França (Montpellier e Bordeaux)” (POERNER, 2004, p. 54).

Na segunda metade do século XVIII, houve a expulsão dos principais responsáveis pela educação brasileira, os jesuítas. A educação jesuítica era constituída por dois momentos: *Trivium* (lógica ou dialética, gramática e retórica) e *Quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia). O governo português direcionou a “transferência do controle da educação escolar da Companhia de Jesus, para o Estado português” (HILSDORF, 2011, p. 15). Contudo, esta nova educação era elementar, posto que as aulas régias (que centrava no Estado o controle do processo educativo, tornando-o laico) visassem uma formação mais rápida e eficaz que melhor servissem aos fins econômicos e políticos vigentes. Quando se tratava de formação superior, os filhos da elite aristocrática e da burguesia brasileira eram enviados à Europa onde imperava o pensamento ilustrado, que garantia os interesses de ambas. Esta nova visão de mundo, a

ilustração, influenciou a retirada de Deus do centro de tudo. A Santíssima Trindade cristã ia perdendo sua hegemonia e cedendo espaço ao homem que trazia outra trindade. O pensamento ilustrado unia: a política, a economia e a cultura (HILSDORF, 2011).

Em 1786, um destes jovens da aristocracia mineira, forjado no pensamento ilustrado (José Joaquim da Maia) cujo pseudônimo era Vendek, juntamente com outros doze estudantes brasileiros fundaram um clube secreto para lutar contra a colonização portuguesa. “Para encontrar uma posição mais radical temos de falar da outra Ilustração, aquela **não-oficial**, clandestina, dos que viajavam e traziam livros e panfletos ou transmitiam oralmente suas idéias (sic) discordantes, subversivas” (HILSDORF, 2011, p. 28).

Maia não teve sucesso em conseguir o apoio americano, para concretizar o “prelúdio da Conjuração Mineira” (POERNER, 2004, p. 54-56). Entretanto, segundo Poerner (2004), os contatos entre os estudantes que se inflavam contra o domínio português acabaram conduzindo estas ideias da Europa para o Brasil. Domingos Vidal de Barbosa e José Alvares Maciel são exemplos de jovens universitários que ao regressarem ao Brasil foram incentivadores deste desejo de independência. Em 1788, Maciel conhece Tiradentes (Joaquim José da Silva Xavier) e o impressiona com sua argumentação de que na Europa não se entendia por que o Brasil ainda se submetia ao jugo português (Alexander Marchant, apud POERNER, 2004, p. 56). A citação a seguir ilustra as relações de Tiradentes e dos estudantes que estiveram na idealização da Conjuração:

Em 19 de abril de 1788, o negociante Joaquim Silvério dos Reis, símbolo nacional da delação, denunciou a conspiração ao Visconde de Barbacena. Em 20 de novembro do ano seguinte, Maciel, precursor das lutas estudantis pela libertação nacional, confessou sua participação. Fora ele o primeiro a quem Tiradentes confidenciara sua intenção de revolta, que Maciel estimulou, abrindo, na mente do herói popular, perspectivas de apoio exterior, pelo menos no plano moral, pois, segundo ele, como já vimos, a Europa não entendia a sujeição a que ainda estava reduzido o Brasil. Maciel, como jovem que tivera acesso ao ensino universitário, inexistente no país, procurou conscientizar e imprimir um cunho ideológico e científico à revolta de Tiradentes, que, por sua vez, não tinha acesso sequer às obras que continham as doutrinas e concepções sócio-políticas então emergentes, todas escritas em francês ou inglês, como os dois livros sobre leis constitucionais dos EUA que levava, muitas vezes, consigo, e “dos quais pediu a conhecidos que lhe traduzissem certas passagens”²⁹ (POERNER, 2004, p. 58).

Pode-se perguntar o porquê dos estudantes de Minas Gerais terem saído à frente dos demais, antecipando um pensamento sobre a emancipação Nacional? Hilsdorf (2011) coloca a posição do historiador Maxwell:

²⁹ Citação feita por Poerner, retirada do depoimento de Francisco Xavier Machado, ib., vol. I, p. 142-143 e 261-266.

O historiador R. Maxwell diz que nos anos letivos de 1786 e 1787 foram matriculados nos cursos de Coimbra, respectivamente, 27 e 19 brasileiros, sendo 12 e dez mineiros, o que explica para ele o envolvimento de Minas na Inconfidência de 1789-94. E por que havia essa grande porcentagem de mineiros indo estudar na Coimbra reformada? Provavelmente porque entre 1699 e 1750, com a produção do ouro, Minas apresenta outra composição social, complexa, com bastante mobilidade, com atividades econômicas diversificadas e urbanizadas e maior riqueza cultural; não é patriarcal como a “sociedade do açúcar” nem sofreu a influência da presença dos jesuítas ou outras ordens religiosas nos séculos XVI e XVII (HILSDORF, 2011, p. 29).

Este fato faz-se interessante por ilustrar como a formação do sujeito por intermédio da educação escolar seria capaz de influenciar diretamente em posicionamentos políticos. A formação destes pode apresentar um potencial cristalizador, como na educação jesuítica, ou modificador como na educação ilustrada. O rumo dado à educação consegue abrir possibilidades de reflexão e de ação ou instaurar posturas que levem ao conformismo e a adaptação.

1.1. Movimentos Estudantis na Santos Colonial

Enquanto isso, o Município de Santos nasce da Vila de São Vicente. Sua existência está entrelaçada desde os primórdios ao seu porto. Gonçalves, A. (1995, p. 25) ressalta que “reforça-se, desde a sua origem histórica, a identidade porto-cidade. A própria história da Baixada Santista é ‘uma história de sucessão de portos. A frequência de portos determina a ocupação das áreas adjacentes’.”

A primeira vila do Brasil, a Vila de São Vicente, foi pré-fundada por Cosme Fernandes que devido à educação diferenciada que possuía, conseguiu criar mecanismos de sobrevivência política, econômica e social, mesmo em uma situação desfavorável como a de degredado. A esse respeito, Gonçalves, A. (1995) esclarece:

Eis, pois, um painel da origem santista: um pré-fundador de origem fidalga, padre português de prestígio, descoberto como judeu, deportado por posições políticas indesejáveis, hábil na sobrevivência nativa, estabelecendo alianças pelo casamento com a filha de um cacique índio e enriquecendo por meio do comércio escravo. E, de forma mais ampla, um núcleo original perseguido, culturalmente mesclado, responsável pela construção de um porto que o colocaria na rota de todos os viajantes ao Atlântico Sul, de piratas e comerciantes de escravos a armadas oficiais (GONÇALVES, A., 1995, p. 24).

A educação recebida por esse degredado foi fator preponderante para o desenvolvimento da região, no Período Colonial, hoje nomeada como Baixada Santista.

2. Movimento Estudantil Imperial

A organização estudantil no Brasil Império fez-se presente, sobretudo na fundação das primeiras faculdades brasileiras e na campanha abolicionista e republicana. A juventude santista também teve uma ligação direta com o movimento abolicionista, que segundo Gonçalves, A. (1995):

A juventude local constituiu a *Bohemia Abolicionista*, que existiu de 1881 a 1888. Sem uma organização regular, promoveu, ao longo de oito anos, espetáculos artísticos e literários para arrecadação de fundos para a libertação de escravos. Comerciantes, farmacêuticos, homens ilustres, médicos, professores, comerciários, empregados da ferrovia e marinheiros, e até mesmo a polícia e a administração local aderiram à luta abolicionista. São inúmeros os episódios de proteção aos negros fugidos, rechaço a policiais e capitães de mato (GONÇALVES, A., 1995, p. 39).

Poerner (2004) enfatiza que é notória a participação estudantil no plano ideológico dos movimentos de revolução anteriores ao período da Independência. Deve-se atentar que esta movimentação era feita através da ideologia iluminista, de cunho liberal e republicano, trazida da Europa pelos estudantes universitários que lá tinham acesso ao pensamento, entre outros, de Voltaire, Rousseau, Montesquieu e as propagavam em suas sociedades e clubes secretos estudantis (POERNER, 2004).

Com a vinda da família real ao Brasil iniciou-se a abertura de cursos de nível superior. Os fatores econômicos e políticos influenciaram na escolha do local de abertura destes primeiros cursos (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Maranhão e Pernambuco) e em sua forma. Faculdades que eram destinadas aos filhos da oligarquia brasileira e futuros dirigentes da sociedade. É o que Poerner (2004) relata:

Constatação mais importante, no entanto, do ponto de vista do presente estudo, é a de que os propósitos que nortearam a localização das primeiras faculdades não impediram que muitos filhos da oligarquia paulista e do latifúndio açucareiro pernambucano se engajassem, tão pronto ingressavam nos cursos, nas campanhas estudantis pela abolição da escravatura e pela proclamação da República. E são justamente essas campanhas que dão início a uma tentativa de sistematização do movimento estudantil, [...] (POERNER, 2004, p. 61).

Esta participação política e as discussões dentro do espaço universitário impulsionaram a imprensa acadêmica e a formatação dos mecanismos de reivindicação como: greves estudantis, comícios e propaganda.

Neste momento da história do movimento estudantil havia uma correspondência sociedade-estudante. O termo: “estudante” estava ligado aos universitários já que estas

movimentações se mantiveram associadas aos que podiam frequentar o ensino superior. Tratava-se, portanto, de um público seletivo e esta característica manteve-se durante um longo período, com algumas variações.

Ser estudante foi, por bastante tempo, sinônimo de ser uma pessoa que gozava de seguridades, de ser alguém possuidor de uma situação econômica favorável e que, portanto, não precisava lutar por estas garantias. Essa ausência de necessidade fez com que no início da República os estudantes carecessem de objetivos que os impulsionassem a continuar com as movimentações. Somente com a abolição da escravidão e consequente ascensão da classe média é que este cenário começa a se modificar. Na perspectiva de Poerner (2004):

[...] “O estudante do período imperial, em regra, filho do grande proprietário agrícola, desfrutava, assim, de uma situação privilegiada: era, economicamente, um despreocupado de sua subsistência, com tempo bastante para os deveres escolares e inquietações extra-escolares e, além do mais, suficientemente livre, independente, para as mais audaciosas atitudes... Com a extinção da escravidão, porém, a fidalguia do campo deixou de ser o viveiro ou afluente quase que exclusivo das academias. Abolidos com as novas instituições políticas e sociais os privilégios de títulos, e firmada a igualdade de raças, as classes médias tornaram-se um poderoso elemento na constituição do corpo discente das faculdades. Desaparecia, deste modo, a primitiva figura do estudante abastado, de boas mesadas, apenas *estudante*, para surgir essa outra, que ainda hoje predomina no cenário acadêmico: a do estudante que alia às atividades escolares o exercício de uma profissão. O estudante teve a sua atenção desviada para outros mistérios que não os exclusivamente culturais, enquanto, se deixando manietar por uma visão mais utilitária da vida, perdeu aquela indisciplina e aquele arrebatamento que emprestam à história (sic) acadêmica uma coloração forte de civismo e de desprendimento... (POERNER, 2004, p. 67- 68).

O ser estudante vai cambiando ao longo do tempo, de acordo com as modificações impostas pelas condições materiais.

3. O Movimento Estudantil do século XX – pré 1964

Em 1910 houve o primeiro Congresso Nacional de Estudantes em São Paulo. Conforme o número de escolas ia aumentando nas primeiras décadas do século XX, a organização coletiva dos jovens foi ampliando-se e estes iam se envolvendo cada vez mais nas questões do país (UNE, n.d., n.p.).

Estranhamente a associação tão comum feita entre a juventude e as agitações dos posicionamentos políticos de resistência nem sempre foi tão coesa. A participação do Movimento Estudantil na primeira Greve Geral do País (1917) foi contra os trabalhadores e a

ebulição do movimento anarquista. Isto evidencia, mais uma vez, o caráter elitista daqueles que podiam ser chamados de estudantes, segundo a observação de Poerner (2004):

É interessante notar [...] que a campanha de Bilac coincidiu com as primeiras greves operárias importantes, nas quais a participação estudantil, embora irrelevante, se deu em sentido reacionário, contra os trabalhadores, que procuraram, em vão, o apoio dos jovens (POERNER, 2004, p. 99).

A presença anarquista também esteve em Santos, devido a existência do porto e aos incentivos à imigração dados pelo governo brasileiro. Esta presença, contudo, não significa que a classe média também não estivesse se fortalecendo na cidade.

Não se deve perder de vista que, a parda formação da classe operária a partir do desenvolvimento do porto, a cidade atrai também certa elite intelectual, formada por médicos, engenheiros e professores que, não confundidos necessariamente com as famílias tradicionais, serão o núcleo da nascente classe média em Santos. A cidade precisava de médicos para realizar o combate às epidemias; de engenheiros para construir não só o cais do porto mas as redes de drenagem e esgoto e, posteriormente, os novos bairros e suas edificações, e professores para educar as crianças, na melhor tradição liberal-positivista em voga neste momento histórico (e também anarco-sindicalista, no início do século) (GONÇALVES, A., 1995, p. 41).

O pensamento anarquista e seus desdobramentos comunistas só passaram a fazer parte do Movimento Estudantil na terceira década do século XX. Foi a partir de 1930, que com a politização os estudantes foram levados a atuar em organizações como a Juventude Comunista e a Juventude Integralista (UNE – Memória, s/d). Deve-se atentar para o fato de que o movimento anarquista primava pela educação. Faz-se necessário salientar também, o que é intrigante, o fato de as escolas anarquistas terem sido fechadas com o início da disseminação dos ideais escolanovistas que serviram de base às teorias construtivistas³⁰ (MARCONI, 2010).

O Brasil estava em polvorosa e havia uma grande multiplicidade de opiniões e propostas. Neste contexto surge entre a juventude o desejo de criar uma entidade de representação única, com legitimidade reconhecida nacionalmente e que por isso tivesse mais força para promover discussões em favor da defesa da qualidade do ensino, do patrimônio Nacional e da justiça social. Neste período os Grêmios secundaristas ainda ajudavam nas diretrizes postas pelos universitários (POERNER, 2004).

Paralelamente, “Em janeiro de 1932 é fundado o CES (Centro dos Estudantes de Santos), uma das primeiras entidades estudantis da América Latina”³¹. Ele ainda se localiza na

³⁰ Um vislumbre sobre as Escolas Libertárias e sua pedagogia virá mais à frente.

³¹ O CES foi precedido apenas pela União Nacional dos Estudantes UNE, e por uma agremiação estudantil de Montevideu, Uruguai (GONÇALVES, A., 1995, p. 77).

Avenida Ana Costa, 308 em Santos/SP e foi organizado com o intuito de recrutar jovens para a “Revolução de 1932”.

Como fora fundado por jovens do curso ginásial (atual Ensino Fundamental II), após o período da Revolução Constitucionalista de 1932, passou a funcionar como um “clube” onde estes jovens organizavam bailes e festas. Com a chegada do primeiro curso superior ao Município de Santos (Faculdade Católica de Direito de Santos - 1960) o CES passou a receber muitos acadêmicos. Nesta época, Mário Covas (que entre cargos políticos se tornaria Governador de São Paulo) foi presidente do CES. A entrada dos acadêmicos imprimiu um cunho diferente ao Centro e elevou-se a participação política, ora com posições mais progressistas, ora mais conservadoras, dependendo das disputas e dos revezamentos de poder estabelecidos entre os estudantes. A ditadura civil militar invadiu o CES logo após a invasão à UNE, já que o Município de Santos tinha na década de 1960 forte influência do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Do CES nasceram muitos sujeitos que permaneceram na vida pública da Baixada Santista, sendo que se pode citar: Telma de Souza³², Edmur Mesquita³³, Márcio França³⁴, entre outros.

Em 2014 o CES foi tema de um documentário produzido pelo estúdio “Querô Filmes”, que se chama “CES: Ontem e Hoje”. Atualmente o CES tenta retomar a defesa dos direitos dos estudantes que fora marcante em seu passado. Em uma matéria publicada em 15 de dezembro de 2013 no Diário do Litoral, o músico Marcos Santos que à época frequentava o CES³⁵ há quase 11 anos afirma que no local aconteciam mais reuniões voltadas a movimentos culturais e que seria muito interessante se houvessem mais discussões políticas.

Nesta mesma matéria Daniel Gomes Rodrigues que fora presidente do CES de 1967 a 1968 afirma que:

³² Telma de Souza: eleita pela primeira vez como Vereadora em 1982, em 1986 como Deputada Estadual e em 1988 como a primeira prefeita mulher de Santos. Deputada Federal, eleita em 1994 e reeleita em 1998 e 2002. Em 2008 foi eleita a vereadora mais votada de Santos pela segunda vez e proporcionalmente do país. Deputada Estadual em 2011. Foi eleita Vereadora de Santos em 2016 (Rede Telma, n.p.).

³³ Edmur Mesquita: “Na Faculdade Católica de Direito de Santos, foi diretor jurídico do Centro dos Estudantes e presidente do Diretório Acadêmico em 1981. No ano seguinte, elegeu-se vereador, o mais votado de Santos. Em 1988, reelegeu-se vereador e tornou-se presidente do Diretório Municipal do PSDB. Foi nomeado secretário de Cultura de Santos em 1993 e, em 1995, foi chefe de gabinete da Secretaria de Cultura do Estado” (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, n.p.).

³⁴ Márcio França: Filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro em 1988 e foi eleito vereador, sendo reeleito em 1992 pelo Município de São Vicente/SP. Em 1996 foi eleito prefeito de São Vicente/SP e em 2000 foi reeleito. Em 2006 foi eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo reelegendo-se em 2010. Em 2014 foi eleito como vice-governador de São Paulo, assumindo em 2018 como governador após o licenciamento do então governador Geraldo Alckmin para concorrer às eleições presidenciais deste mesmo ano (FGV CPDOC, n.p.).

³⁵ DIÁRIO DO LITORAL (jornal). **Centro dos Estudantes de Santos**: uma triste realidade. 2013.

[...] as reuniões no local não eram partidárias, com um idealismo de combate ao governo. Daniel diz que os encontros serviam simplesmente para os estudantes defenderem seus direitos, muitos deles cassados na época da ditadura.

Daniel que conhece a atual realidade do CES, acha triste ver que o espaço já não é mais utilizado pelos jovens com o conceito que os estudantes daquela época tinham. “Os jovens eram politizados. Cada época é uma época, e uma geração uma geração (sic) mas é importante que os jovens de hoje em dia se atualizem mais sobre a situação política do País e discutam isso” (JORNAL DIÁRIO DO LITORAL, 2013, n.p.).

Em 09 de junho de 2015 o CES é assunto em matéria do Diário Oficial ao ser integrado à Comissão de Transportes do Município de Santos (órgão consultivo e opinativo criado pela Prefeitura em 2013 para discutir as políticas públicas de transporte coletivo na cidade). Participaram do encontro o prefeito Paulo Alexandre Barbosa, o secretário da SECID (Secretaria Municipal de Defesa da Cidadania) Carlos Mota e posteriormente Secretário de Educação de Santos, Tarcísio Andrade que era o presidente do CES e outros integrantes da UMES. A primeira intenção desse grupo era a estruturação do “passe livre” para os estudantes.

Retornando à década de 1930, no dia 11 de agosto de 1937, foi alcançado o intento de criar uma entidade representativa de cunho Nacional. Na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, o então Conselho Nacional de Estudantes, em um encontro com a juventude, batizaram a entidade como UNE. A partir deste momento, a UNE passou a se organizar por intermédio de Congressos anuais e a criar laços com outras forças progressistas da sociedade (POERNER, 2004).

A UBES, organização criada em 1948, surgiu para coordenar o Movimento Estudantil secundarista. Como converteu-se em uma moção bem sucedida, como um ducto intermediário expressivo da sociedade civil na estruturação das ações sociais dos estudantes, foi rigorosamente contida pelo governo militar na década de 1960 até sua desestruturação (POERNER, 2004).

De acordo com o site da UNE, na década de 1950 houve a ampliação das atividades na entidade, consolidando sua participação e demonstrando mais contundentemente seus posicionamentos com relação aos assuntos nacionais, como os debates sobre a extração do petróleo por empresas estrangeiras. A campanha “O Petróleo é nosso” foi protagonizada pelos estudantes e prosseguiu até 1953, quando a Petrobras³⁶ foi criada.

Nos anos de 1950 a efervescência no cenário político causada pela crise no governo Vargas, que se suicidou em 1954, a eleição de Juscelino Kubitschek, em 1956, a renúncia do então presidente do Brasil, Jânio Quadros, em 1961, e os embaraços com a posse do vice João

³⁶ A Petrobras é uma sociedade anônima de capital aberto que atua de forma integrada e especializada presente nos segmentos de exploração, produção, refino, comercialização, transporte, petroquímica, distribuição de derivados, gás natural, energia elétrica, gás química, gás natural e combustível (PETROBRAS, n.d., n.p.).

Goulart (popularmente conhecido como Jango) influenciaram uma disputa interna de poder na UNE que causou a transferência temporária de sua sede para Porto Alegre. Ali, os estudantes inseriram-se vigorosamente na Campanha da Legalidade (movimento de resistência para garantir a posse do presidente Jango). Quando João Goulart conseguiu chegar ao poder, foi pessoalmente visitar a sede da UNE, no Rio de Janeiro, sendo o primeiro presidente a fazer tal ato. Com esta ação presidencial e com a tensão crescente entre os movimentos sociais e os grupos conservadores, a UNE passou a ter suas ações intimidadas e coibidas pelos militares que eram partidários dos conservadores (POERNER, 2004).

No início dos anos 1960, mais exatamente em 1962, a UNE formou a Frente de Mobilização Popular, juntamente com intelectuais brasileiros e outras instituições, visando influir nas propostas de reformas de base no governo do João Goulart. A Frente, juntamente com a UNE, defendia mudanças na sociedade. Entre as propostas estava a reforma universitária que visava à ampliação do acesso da sociedade à educação superior e um esquema de mobilização Nacional, em caravanas, que rodaria todo o país com intuito de desenvolver campanha divulgadora do Movimento Estudantil, reforçando sua unidade Nacional (POERNER, 2004).

O descompasso entre a estrutura escolar e as condições materiais ainda estavam muito presentes na vida dos estudantes. Pode-se observar, nesse contexto, o quanto as questões econômicas determinam a educação de um sujeito. Quando se tem uma preocupação com a educação popular este é um fator que não pode ser relegado a um segundo plano.

As pressões populares ao Governo do Estado de São Paulo pelo aumento do número de vagas no ensino público aumentam no final da década de 1940, tendo se estendido pelas décadas de 1950 e 1960 de acordo com Spósito (1984).

Dos relatos trazidos por Spósito (1984), pode-se concluir que as modificações na estrutura educacional não ocorreram porventura, de modo aleatório, mas sim por pressão popular. Em que pese uma crença generalizada de que as classes populares não dão uma acentuada importância à escolarização, o livro retrata as lutas e inconformismos dos trabalhadores na busca por este direito que é colocado em pé de igualdade, na diligência pela melhoria das condições básicas de vida em São Paulo. Conseguir água encanada, redes de esgoto, sistemas de transporte público, policiamento, postos de saúde, iluminação pública, enfim, o desenvolvimento de bens de consumo coletivos não era colocado, nessas demandas, como uma prioridade separada da Educação.

Com esta paulatina movimentação, não tardou a busca pela abertura das universidades, sejam públicas ou particulares, às classes populares. Ainda assim, apesar destas pressões terem

sido bastante fortes nos anos 1950-1960, ações mais efetivas só foram alcançadas no início do século XXI com os programas PROUNI³⁷ (Programa Universidade Para Todos), o SISU³⁸ (Sistema de Seleção Unificada), o FIES³⁹ (Fundo de Financiamento Estudantil) e o REUNI⁴⁰ (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) e o sistema de cotas sociais e raciais.

Estes programas foram sancionados e postos em ação na vigência dos mandatos do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (2003 – 2010) e da presidenta Dilma Rousseff (2011 – 2016) ampliando o acesso a uma parcela da população que até então esteve à margem do ensino superior público.

Na década de 1960, a “UNE Volante”⁴¹ foi a resposta encontrada para expandir a atuação do Movimento Estudantil num país de dimensão continental. Seu trabalho conjunto com o Centro Popular de Cultura (CPC) desenvolvia atividades no campo da cultura, através do teatro popular, da arte e da música, consolidando assim a influência Nacional do Movimento Estudantil (POERNER, 2004).

Essa ida da UNE ao encontro dos estudantes durou dois meses e deixou o eixo sul/sudeste (mais desenvolvido economicamente). Percorreu várias partes do país debatendo a necessidade de mudanças, favorecendo a compreensão dos contrastes da realidade brasileira e refletindo sobre suas possibilidades e alternativas (POERNER, 2004).

Desta feita, os estudantes secundaristas conseguiram desenvolver um movimento que foi duramente reprimido a partir de 1964 e interrompido pelo Golpe Civil Militar com a promulgação do AI-5 (Ato Institucional nº 5), em 1968. Este ato institucional visava desarticular politicamente qualquer atividade desta natureza. Nesta ocasião era corriqueira a repressão laboriosa de todo e qualquer canal de representação da sociedade civil.

³⁷ PROUNI – “[...] tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de ensino superior privadas. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizada pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005 oferece, em contrapartida isenção de tributos àquelas instituições que aderem ao Programa. Dirigido aos estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular na condição de bolsistas integrais, com renda familiar per capita máxima de três salários mínimos [...]” (PROUNI, n.d., n.p.).

³⁸ SISU - “[...] o sistema informatizado do Ministério da Educação por meio do qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas a candidatos participantes do Enem” (SISU, n.d., n.p.).

³⁹ FIES – “O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em cursos superiores não gratuitas (sic) na forma da Lei 10.260/2001. Podem recorrer ao financiamento os estudantes matriculados em cursos superiores que tenham avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação” (FIES, n.d., n.p.).

⁴⁰ REUNI – “[...] tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Com o Reuni, o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior” (REUNI, 2010, n.p.).

⁴¹ A “UNE Volante” foi realizada pela primeira vez em 1961. Tratava-se de uma caravana que percorreu diversos Estados do Brasil e que através de shows e peças de teatro falava de “Reformas de Base”. Tinha por objetivo promover as reivindicações estudantis pela cultura e pela conscientização popular (UNE, n.d., n.p.).

4. Movimento Estudantil de 1964 até a redemocratização

O art. 5º do AI-5 trata da suspensão de direitos políticos. Há nos parágrafos III e IV e nos artigos 10 e 11 a explicitação da impossibilidade do diálogo e a clara intenção de desmonte das possibilidades de qualquer construção coletiva.

Art. 5º

[...]

III - proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;

IV - aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:

a) liberdade vigiada;

b) proibição de freqüentar (sic) determinados lugares;

c) domicílio determinado;

[...]

Art. 10 - Fica suspensa a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular.

Art. 11 - Excluem-se de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com este Ato institucional e seus Atos Complementares, bem como os respectivos efeitos (BRASIL, 1968, Ato institucional nº 5).

Além das entidades estudantis, também foram perseguidos os sindicatos, partidos políticos ou qualquer reunião de pessoas julgada potencialmente perigosa. Os opositores ao Regime Civil Militar eram considerados “anti-revolucionários” já que “prejudicavam o compromisso assumido perante o povo” de assegurar a “ordem democrática” e “revolucionária”, assim nomeada.

CONSIDERANDO que o Governo da República, responsável pela execução daqueles objetivos e pela ordem e segurança internas, não só **não pode permitir que pessoas ou grupos anti-revolucionários contra ela trabalhem, tramem ou ajam, sob pena de estar faltando a compromissos que assumiu com o povo brasileiro**, bem como porque o Poder Revolucionário, ao editar o Ato Institucional nº 2, afirmou, categoricamente, que “não se disse que a Revolução foi, mas que é e continuará” e, portanto, o processo revolucionário em desenvolvimento não pode ser detido; (BRASIL, 1968, Ato Institucional nº 5, grifos meus).

Pode-se perceber que alguns conceitos são dúbios, ambíguos, pecando contra a coerência.

CONSIDERANDO que a **Revolução** Brasileira de 31 de março de 1964 teve, conforme decorre dos Atos com os quais se institucionalizou, fundamentos e propósitos que visavam a dar ao País um regime que, atendendo às exigências de um sistema jurídico e político, assegurasse **autêntica ordem democrática**, baseada na **liberdade**, no **respeito à dignidade da pessoa humana**, no combate à subversão e às ideologias contrárias às tradições de nosso povo, na **luta contra a corrupção**, buscando, deste modo, “os. (sic) meios indispensáveis à **obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil**, de maneira a poder **enfrentar, de modo direto e imediato, os graves e urgentes problemas** de que depende a **restauração da ordem interna** e do prestígio internacional da nossa pátria”

(Preâmbulo do Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964); [...] (BRASIL, 1968, Ato Institucional nº 5, grifos meus).

O trecho fala de “seguridade da ordem democrática”, de “respeito à liberdade e à dignidade humana”, contudo, não se pode caracterizar o período militar deste modo. Daí surge a necessidade de duvidar, frente às escritas das leis. Elas mesmas deixam brechas para esta suspeita ao demonstrar a possibilidade de desassociação entre o discurso e a execução.

É notável o fato de que os citados Atos Institucionais se colocavam como a melhor resposta dos governos militares aos temas internos do país, além de utilizarem sobre si mesmos a conotação de revolucionário conforme aparece na citação ao nomearem o Golpe Civil Militar de 1964 como Revolução Brasileira de 31 de março de 1964.

Para que uma revolução seja assim designada ela deve partir das bases da sociedade, de um movimento de grandes proporções e trazer uma ruptura profunda das estruturas sociais, políticas e econômicas, como ocorreu na Revolução Francesa. Entretanto, o que se observou foi um movimento contrário, voltado a conservar as estruturas tradicionais, visando à proteção dos interesses das elites militares, econômicas e políticas e não dos interesses populares, ainda que possa contar com o apoio popular. A intenção era proteger privilégios, freando as mudanças que se anunciavam eminentemente pela rigidez da repressão.

O aparelho repressivo deste período esteve fincado na produção de uma nova Doutrina de Segurança Nacional que introduzia “formas de pensar, sentir, perceber e agir, produzidas por diferentes dispositivos sociais” (COIMBRA, 2000).

A gestão dos princípios contidos nesse aparato repressivo foi configurada muito antes de sua efetivação a partir de 1964. A política populista de Getúlio Vargas incentivava a mobilização das massas em conjunto com a abertura da política alfandegária ao capital estrangeiro, em especial o norte-americano. Em seu governo eleito (1950-1954), Vargas defendeu o nacionalismo econômico, provocando a ira dos setores mais conservadores da sociedade que haviam se ligado ao capital estrangeiro e não desejavam perder benesses e programaram uma série de ações golpistas para garantir a continuidade de seus ganhos. O golpe de Estado que se encontrava a caminho e que seria comandado pelos militares foi retido temporariamente pelo suicídio de Getúlio (COIMBRA, 2000).

Com a posse de Juscelino Kubitschek em 1956 as investidas dos mesmos setores que desejavam implantar o golpe e que se ligaram à Escola Superior de Guerra tentavam ultrapassar a resistência de um grupo nacionalista das Forças Armadas que detinham muita influência no período e que buscavam garantir a continuidade “da legalidade constitucional, à época” (COIMBRA, 2000).

Em 1961, com a renúncia de Jânio, houve nova tentativa golpista, tendo-se em vista que seu vice, João Goulart, era visto como radical pela alta hierarquia militar e teve a ocupação do cargo de presidente impugnada. O regime parlamentarista foi constituído a fim de impedir os desejos reformistas de Goulart que era visto como o sucessor do nacionalismo getulista (COIMBRA, 2000).

Os anos de 1962 a 1964 foram de crescimento vertiginoso nas lutas populares pelos trabalhadores sendo que em 1963 a política de Reformas de Base⁴² acelerou-se quando por plebiscito o presidente João Goulart conseguiu encerrar o sistema parlamentarista imposto pelos militares e retornar ao presidencialismo (COIMBRA, 2000).

Mediante o apoio governamental, nesse período florescia a ascensão da conscientização popular por intermédio dos movimentos sociais, do Movimento Estudantil, das Ligas Camponesas e das propostas de alfabetização de adultos em que o nome de Paulo Freire se destaca. Essa dinâmica era vista pelos mais conservadores e que tinham interesse na expansão do capital estrangeiro, como a iminência de uma revolução comunista brasileira que precisaria ser refreada. A propaganda norte-americana junto à classe média pregava a necessidade de um “governo forte” e se embasavam na inflação, nas crises de recessão da economia brasileira para demonizar os ideais comunistas e garantir seus interesses econômicos (COIMBRA, 2000).

O Golpe Civil Militar de 1964 fechou a circulação das ideias julgadas como de esquerda às classes populares, ainda que essas não tenham deixado de existir num circuito fechado de intelectuais e estudantes de classe média que por intermédio das artes, em especial pelo cinema, pela música e pelo teatro, que já estavam convencidos dos ideais socialistas (COIMBRA, 2000).

Foi o circuito do espetáculo que passou a funcionar e, apesar da ditadura, produziram-se territórios singulares. Por exemplo, os shows “Opinião”, “Arena Canta Zumbi”, “Roda Viva”, “O Rei da Vela”, os festivais de Música Popular Brasileira em circuitos universitários inauguraram a chamada “canção de protesto”. O Cinema Novo, o movimento Tropicalista, a revista *Civilização Brasileira* – de 65 a 69, pólo de concentração da intelectualidade de esquerda – engrossaram o caldo de cultura que explodiu em 1968 (COIMBRA, 2000, p. 5-6).

Dentro do segmento de dirigentes do Golpe Civil Militar de 1964 havia divisões. Existia uma ala representada pelo primeiro presidente militar (Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco) e uma segunda que ficou conhecida como “linha dura” (por almejar uma radicalização

⁴² Proposta de reestruturação de diversos setores sociais e econômicos (reformas agrárias, fiscais, urbanas, universitárias, administrativas e regulação de investimentos estrangeiros) no Governo João Goulart como alternativa para o desenvolvimento Nacional e a diminuição das desigualdades sociais. Devido as influências ditas de esquerda, as Reformas foram inviabilizadas pelo Golpe de 1964 que uniu forças militares, políticas conservadoras e de membros da sociedade civil.

das medidas repressivas) e que apoiou o segundo dirigente militar o presidente Artur da Costa e Silva.

Com a ascensão da “linha dura” foram impostas a nova Lei de Imprensa⁴³ e a nova Lei de Segurança Nacional que visava à opressão às forças de oposição ao regime que “ganhava força nas ruas, nas fábricas e nas universidades” (COIMBRA, 2000).

A Passeata dos Cem Mil, o Congresso clandestino da UNE em Ibiúna (SP), as greves de Contagem (MG) e de Osasco (SP) sofreram violenta repressão. A utilização de meios paramilitares e cada vez mais violentos de repressão foram se instaurando. Grupos paramilitares apoiavam os meios truculentos de controle e o lançamento de bombas em teatros, faculdades, espaços culturais, jornais, editoras tornaram-se recursos usuais além de espancamentos e sequestros de estudantes e artistas, silenciando e eliminando a “oposição interna” e garantindo a expansão da internacionalização da economia do Brasil (COIMBRA, 2000).

O governo do terceiro presidente militar, Emílio Garrastazu Médici, sob o lema: “Segurança e Desenvolvimentos Nacionais” trouxe a fase do “milagre econômico”⁴⁴ e das grandes e vistosas obras como a Transamazônica e a ponte Rio-Niterói. Seus projetos impactantes ainda hoje são recordados por uma parcela da população que acredita que estas medidas propagandísticas foram a comprovação do tão almejado “Estado Forte”, ainda que sobrepujando direitos humanos e lutas populares (COIMBRA, 2000).

Esse período de grande violência em que pessoas foram perseguidas, sequestradas, torturadas, mortas e tiveram seus corpos ocultados para sempre era justificado pela necessidade do anticomunismo. Ao final da década de 1950 houve um câmbio no conceito de “defesa Nacional” que tradicionalmente esteve ligado à necessidade de defender as fronteiras contra possíveis invasões externas e transformou-se em uma nova concepção:

[...] a luta contra o inimigo principal, as “forças internas de agitação”. Esta revisão apoiava-se na bipolaridade do mundo advinda com a chamada “guerra fria”. De um lado, os aliados com a “democracia”: os Estados Unidos e seus aliados; de outro, os

⁴³ Restringia de modo profundo o direito à crítica e estabelecia condenações de até 10 anos aos infratores. (COIMBRA, 2000).

⁴⁴ Período entre 1969 e 1973 em que houve um rápido crescimento econômico no Brasil. O “milagre econômico” produziu significativas melhoras na infraestrutura do país, o aumento do nível de empregos, significativo desenvolvimento industrial (siderurgia, geração de eletricidade, indústria petroquímica) principalmente pelo fortalecimento das empresas estatais. Embora tenha havido um crescimento econômico admirável, houve um aumento das desigualdades sociais já que não houve distribuição de renda e sim a concentração entre os que já pertenciam ao nicho mais ricos. Além disso a população mais pobre passou a sofrer mais com a inflação que se elevou consideravelmente. Este período prejudicou o desenvolvimento do Brasil nos anos futuros posto que aumentou a dívida externa. O “milagre econômico” criou dívidas por ter sido bancado, principalmente, por empréstimos do exterior o que criou uma dependência desses credores e do FMI (Fundo Monetário Internacional), comprometendo grande parte do orçamento Nacional com o pagamento de juros.

comprometidos com o “comunismo internacional”: a União Soviética, os países “satélites” e “os comunistas” (COIMBRA, 2000, p. 10).

O “inimigo interno” poderia estar infiltrado em qualquer ambiente, ameaçando o bem estar-social, prejudicando a segurança Nacional e por conta disso, precisaria ser contido a todo custo, ainda que isso significasse a substituição da liberdade, dos direitos humanos e das garantias constitucionais por limitações e julgamentos subjetivos e adaptáveis às necessidades de manutenção do “sistema de segurança do estado brasileiro” (COIMBRA, 2000).

Vigorou a lógica – invertendo qualquer princípio jurídico – de escolher sempre a interpretação mais desfavorável às pessoas acusadas de oposição política ao regime, de contrariar expressamente os dispositivos legais que lhes fossem favoráveis estas arbitrariedades estiveram presentes em todos os passos do procedimento jurídico, desde a instalação do inquérito até o fim do processo, com o julgamento (COIMBRA, 2000, p.15).

Os sistemas de inteligência e de repressão foram sendo crescentemente sofisticados e ampliados, sendo que havia os órgãos legais e oficiais, os paramilitares que desenvolviam atividades legais e outras facções que agiam na clandestinidade. Tal sistema foi tão bem sucedido em seus propósitos que foi utilizado fora das fronteiras brasileiras e ficou conhecido como “Operação Condor”, em que se estabeleceu uma aliança político-militar entre os vários regimes militares da América do Sul.

Cabe registrar que a ação desse intrincado aparato de repressão não se circunscreveu às fronteiras do Brasil. Nos golpes militares ocorridos na Bolívia (1972), no Chile e Uruguai (1973) e na Argentina (1976), estiveram presentes oficiais e policiais brasileiros, participando ativamente de torturas e interrogatórios. Posteriormente, executaram “trabalhos” conjuntos com os serviços de informações e segurança desses países, mantendo uma rede para prisões, seqüestros (sic), mortes e desaparecimentos de opositores políticos (COIMBRA, 2000, p.13).

Cumprir notar que reflexos das Doutrinas de Segurança Nacional firmada nos anos de 1960 e 1970 estendem-se até a década de 1990, sendo que os que não têm um potencial consumidor definido são eleitos como um novo “inimigo interno”, conforme aponta Coimbra (2000):

Com relação à Doutrina de Segurança Nacional, hoje, dentro da nova ordem mundial, dos projetos neo-liberais vigentes em escala planetária, os “inimigos internos do regime” – aqueles tratados como tais – passam a ser os segmentos mais pauperizados e não somente os opositores políticos. São todos aqueles que os “mantenedores da ordem” consideram “suspeitos” e que devem, portanto, ser vigiados e, se necessário, eliminados. Grupos de extermínio – nascidos sob o beneplácito do regime militar e dele fazendo parte – funcionam hoje para estes fins, financiados por comerciantes e

empresários, e com auxílio de muitos dispositivos sociais, como a mídia, e têm fortalecido subjetividades que produzem juízes e autores como sujeitos necessários à “limpeza” do corpo social, considerado enfermo. Estes enfermos são percebidos como perigosos e ameaçadores. A modernidade exige cidades limpas, assépticas, onde a miséria – já que não pode ser mais escondida e/ou administrada – deve ser eliminada. Eliminação não pela sua superação, mas pelo extermínio daqueles que incomodam os “olhos, ouvidos e narizes” das classes mais abastadas (COIMBRA, 2000, p. 16).

A propaganda da criminalidade separa os “bandidos” dos “cidadãos de bem” como se esta questão se resumisse única e exclusivamente a uma falha de caráter, culpabilizando a vítima da falta de cidadania desta parcela excluída do corpo social.

A mídia vêm ostensivamente colocando a criminalidade na percepção pública, mas sem tocar nas causas estruturais que geram o problema, individualizando o problema que passa a ser um problema do “indivíduo”, do criminoso que estereotipado, “têm servido para contribuir e tornar mais aceitável a desigualdade social, a pobreza e a miséria e que vivem enormes contingentes de nossa população” (COIMBRA, 2000, p. 17).

Ser cidadão em nossos tempos confunde-se com ser consumidor, sendo que essas palavras vêm sendo frequentemente empregadas e as políticas neoliberais vêm confundindo crescentemente os “direitos do cidadão” com os “direitos do consumidor”. Dispositivos sociais são empregados para a manipulação das percepções, naturalizando o que em si não seria natural (COIMBRA, 2000).

Boutin e Camargo (2015) afirmam que a violência do Regime Civil Militar de 1964 foi além da repressão física e se faz sentir também na herança ideológica que marcou a sociedade civil com a passividade, a subordinação, a falta de senso crítico imposta pelos processos instaurados pela educação formal, a validação de ideais nacionalistas, a neutralização de atividades nomeadas como comunistas, a inibição de questionamentos sobre a ordem estabelecida e a valorização do ensino técnico que visava a produtividade, a eficiência e a teoria do capital humano⁴⁵.

Como observa José dos Santos Rodrigues, após 1964 o Brasil viveu um “momento decisivo no processo de mercantilização da educação superior”, uma vez que o regime militar promoveu um processo de expansão da educação superior privada (RODRIGUES, 2007, pág. 23). De acordo com o autor, a reforma universitária de 1968 conduzida pela ditadura militar teria “inaugurado a privatização da educação superior brasileira”. Tal reforma “visava, dentre outras coisas, a absorver as demandas de acesso à universidade, para atender à formação de quadros para o mercado de trabalho” (ZANETTI et al, 2012, pág. 163). Dessa forma, o ensino superior privado passou a se estruturar “nos moldes de uma empresa educacional, voltada para a

⁴⁵ O valor atribuído aos empregados de uma instituição de acordo com seus conhecimentos, capacidades, habilidades e nível educacional.

obtenção de lucro e para atender às demandas do mercado...” (ZANETTI et al, 2012, pág. 163 apud SILVA, M. e RODRIGUES, n.d.).

As estratégias reformistas do ensino que foram adotadas eram fundamentais para assegurar uma ordem assentada sobre a desigualdade social e que reforçava a dicotomização do trabalho manual e do trabalho intelectual. O fortalecimento do crescimento econômico fora legitimado pela disciplina das mentes e “a formação de uma grande massa de mão de obra qualificada que contribuíram para a ascensão econômica e prosperidade do sistema capitalista” (BOUTIN e CAMARGO, 2015, p. 5855).

Foi através da educação que o governo difundiu seus ideais e valores, reafirmando o capitalismo como um modelo ideal, capaz de levar o país ao progresso e a prosperidade econômica. Mas para que esse ideal fosse concretizado o governo precisaria de homens formados sob esta perspectiva e foi nesse sentido através do ensino que foi posta em evidência a diferenciação entre aqueles que detinham o poder financeiro e poderiam desfrutar de uma formação que os qualificasse para serem os dirigentes e aqueles que possuíam nada além da sua força de trabalho, lhes restando um ensino técnico que os empurrava a triste sina de operários (BOUTIN e CAMARGO, 2015, p. 5854).

O projeto de emancipação humana interrompido pelo Golpe Civil Militar de 1964 não pôde ser substituído pela emancipação política adquirida com a redemocratização do país já que esta categoria de emancipação é parcial e endossa a manutenção das desigualdades entre as classes sociais deixando intocadas as relações de exploração fundantes no sistema capitalista (BOUTIN e CAMARGO, 2015).

Referindo-se a Lira (2010) e sua tese de doutorado em História Social (A Legislação de educação no Brasil durante a Ditadura Militar (1964- 1985): um espaço de disputas), Boutin e Camargo (2015) declaram que:

Dessa forma, agindo em defesa de ideais que englobavam uma formação essencialmente voltada para o desenvolvimento econômico e hegemonia do sistema capitalista, se inserem as propostas de um acordo político estabelecido entre o MEC (Ministério da Educação) e USAID (Agência Norte-Americana para o desenvolvimento Internacional), as quais tinham como objetivo planejar várias reformas para o ensino brasileiro de acordo com os direcionamentos dados por técnicos norte-americanos, contratados pelo governo brasileiro para este propósito (LIRA, 2010, apud BOUTIN e CAMARGO, 2015).

A colocação destas aspirações pode endossar o porquê da necessidade de exilar intelectuais brasileiros que poderiam questionar tais proposituras, ainda que alguns exilados tenham resolvido deixar o país e tenham ido legalmente ao exterior.

Entre os que foram presos e forçados ao exílio estava Paulo Reglus Neves Freire. Sua

reputação está enlaçada aos conceitos por ele desenvolvidos que foram nomeados como Teoria ou Pedagogia da Libertação. Esta Pedagogia nasceu da necessidade de enfrentar os desafios do sistema educacional brasileiro. Por ter sido nomeado em 1963 para a presidência da Comissão de Cultura Popular pelo então Presidente da República João Goulart, permaneceu preso por aproximadamente dois meses e exilado por quinze anos pelo Golpe Civil Militar de 1964. O desenvolvimento da capacidade de analisar criticamente a realidade e a conscientização do povo sobre sua condição econômica e social não seria interessante naquela conjuntura.

Seu trabalho na educação popular já era amplamente reconhecido devido sua experiência em Angicos (RN) em 1962, em que teria alfabetizado em quarenta e cinco dias cerca de trezentos trabalhadores rurais. O Golpe Civil Militar de 1964, com o exílio de Paulo Freire, pôs fim a este trabalho de educação popular que seria estendido e “que de acordo com o Plano elaborado no governo de Goulart seria implantado em torno de vinte mil Círculos de Cultura⁴⁶ no país, para tentar erradicar o analfabetismo [...]” (MIRANDA, 2014).

Sistematizados por Paulo Freire (1991) os Círculos de Cultura estão fundamentados em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto. Para Freire, essa concepção promove a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade, contrapondo-se em seu caráter humanístico, à visão elitista de educação (DANTAS e LINHARES, n.p.).

O analfabetismo seria um importante instrumento de opressão e de controle, por isso uma Pedagogia que primasse por uma alfabetização que fosse além da criação de analfabetos funcionais seria libertadora. A busca de “solução de problemas com o povo e não para o povo” foi e pode-se dizer que ainda é a tônica dos governantes.

No modo de alfabetização popular desenvolvido por Paulo Freire, o interesse dos alfabetizandos era coletado em entrevistas e valorizado nos debates que giravam em torno da palavra geradora. A palavra geradora unia alfabetização, conscientização político-social e tomada de decisão posto que era eleita a que os alunos considerassem relevante, partindo de seus saberes e experiências de vida e não escolares. Isso conduzia a uma crença na capacidade dos alunos de decidir sobre sua aprendizagem.

A ruptura com os esquemas verticais e hierarquizados da escola, do incentivo ao diálogo, da ação e da reflexão não eram posturas interessantes aos que queriam as massas somente como força de trabalho, como mão de obra barata.

⁴⁶ Trata-se aqui dos círculos de cultura na concepção freireana já que anteriormente, Antônio Gramsci estrutura e desenvolve a compreensão do processo de aprendizagem como um “círculo de cultura”.

A Pedagogia da Libertação está centrada na liberdade dos alfabetizandos, ao colocá-los em relação e não somente em contato com o mundo. A intenção era a transformação da cultura por intermédio da interação, do diálogo que conduziria a uma apropriação da realidade histórica e cultural. A retirada do sujeito dos direcionamentos e comandos que naturalizam o apassivamento e que facilitam o processo de massificação. Seria uma pedagogia humanizadora de sujeitos em processo contínuo de libertação que desenvolveriam a capacidade de decidir, da qual foram mantidos alijados pelo sistema que domina de modo elitista e ditando interpretações prontas da realidade em que os camponeses estavam submergidos. Por este motivo havia a necessidade de calar as vozes que trariam problemas ao processo de massificação e de criação de força de trabalho e de consumidores acríticos e maleáveis.

Mediante todo o cenário apresentado, deve-se atentar para o fato de que neste mesmo momento da História, a cultura política de Santos por si só seria algo preocupante ao regime militar. Há muitas histórias que remetem Santos à um núcleo de resistência esquerdista, imerso em grandes conflitos sociais que a levaram a ser chamada de “A Cidade Vermelha” ou a “Moscou Brasileira”. Uma cidade repleta de sindicatos onde as greves e as greves solidárias⁴⁷ foram instrumentos corriqueiros e onde se poderia encontrar uma população que tenderia a uma posição mais progressista. Nesse sentido, Gonçalves, A., (1995) afirma:

O que é, na realidade, uma cidade progressista? Ou melhor, como situar, e dividir, o campo entre progressistas e conservadores, salientando suas diferenças e contradições? Um conjunto de idéias (sic) e valores pode se (sic) atribuídos aos dois grupos. Aos progressistas, caberia relacionar a (sic) esquerda política (e os partidos englobados neste campo), o predomínio do social e do coletivo, a idéia (sic) de fraternidade e solidariedade, a busca da igualdade, a valorização do associativismo (sindicatos e associações), o espírito voltado a mudanças e transformações. Enquanto isso, aos conservadores caberia mais a relação com os partidos à direita no espectro político, a valorização do indivíduo e da liberdade (englobo assim posições liberais nesta tosca classificação), a manutenção da ordem e do *status quo* existente, o conformismo, a importância da tradição e de valores religiosos (GONÇALVES, A., 1995, p. 18).

Esta possível tendência esquerdista não teria se formado do nada. Como citado anteriormente, a existência do porto abria Santos para o mundo. A grande quantidade de imigrantes na cidade também ampliou espaço para o pensamento anarquista entre meados do século XIX, início do século XX e gestou a formação da cultura santista. Novamente Gonçalves, A. (1995) acentua que:

⁴⁷ Quando trabalhadores, de outras categorias, se uniam à uma greve sem que houvesse um interesse direto naquela luta. A intenção principal era ampliar o impacto da greve de outros companheiros tornando-a mais poderosa e eficaz.

Contribuindo para a formação da classe operária local, é importante reconhecer o papel desempenhado pela imigração. No porto, o número de trabalhadores estrangeiros é enorme. Em 1913 [...], 56% da população era masculina e 44% feminina, enquanto os imigrantes representavam 42,5% da população de Santos (Gonçalves, A., 1995, p. 42). “Para cada 100 habitantes santistas, 25 eram portugueses, 9 eram espanhóis, 3 eram italianos e 1 era turco ou japonês... Santos tomou um aspecto mais cosmopolita e suas instituições tornaram-se mais complexas e diversificadas” (GITHY, 1991, p. 146-7 apud GONÇALVES, A., 1995, p. 42).

O anarquismo estava ocupado com movimentações além das pertinentes às relações de trabalho. Ele era potencialmente perigoso porque cuidava da disseminação de seu ideal que estava fortemente ligado à educação do povo. Sua força centrava-se no interesse pela formação integral do sujeito, na sua libertação dos dogmas religiosos e de manipulações geradas pelo governo e sua força econômica. Desse ponto de vista Marconi (2010) acentua que:

A história da educação nos mostra que os processos educativos (escolares e não escolares), durante muitos séculos, estiveram estritamente ligados às crenças religiosas e ao poder econômico da classe dominante. As propostas educativas (sic) de cunho anarquista buscaram desde o momento em que surgiram, transferir essa responsabilidade para as mãos de todos aqueles que usufruíam da educação. Esse princípio é denominado “ação direta”, um dos quatro “princípios básicos de teoria e ação” do “princípio gerador” do anarquismo, que é modificado a partir das condições históricas e sociais às quais é submetido (MARCONI, 2010, p. 7).

O conceito de autonomia por eles entendido se distingue do conceito atual. A importância da educação e do desenvolvimento da autonomia nos indivíduos tinha o intuito de sustentar “a luta em prol da superação da sociedade hierarquizada em preferência à sociedade autorregulada” (MARCONI, 2010, p.117). Portanto, para os anarquistas a finalidade da educação era a formação da geração que efetivaria a revolução social. A educação seria uma das ferramentas fundamentais para tal, já que entendiam ser impossível a revolução econômica ou política desvinculada da revolução social (MARCONI, 2010).

A preocupação anarquista e da Pedagogia Racional Libertária, tem a educação como centro para a mudança social. Há uma aposta na mudança de mentalidades e não na luta de classes como instrumento de transformação. Não se entendia a educação como algo que estava restrito a um determinado espaço de tempo na vida de uma pessoa (MARCONI, 2010).

Diferentemente do que ocorre na vivência do sistema educacional atual, em que se constata a ausência de autodeterminação entre os educadores, a pedagogia libertária anarquista primava pela independência dos sistemas já constituídos. A organização era algo muito forte e o movimento chegou a abrir escolas com independência econômica, pedagógica (pois criavam seus próprios métodos e materiais pedagógicos) e política. “*La Escuela Moderna*, instituição

barcelonesa criada e dirigida por Francisco Ferrer y Guardia na transição do século XIX para o XX: e no contexto brasileiro as Escolas Modernas nº 1 e nº 2, homônimas à instituição barcelonesa que foram criadas na cidade de São Paulo” (MARCONI, 2010, p. VIII).

Os anarquistas utilizavam jornais e bibliotecas na educação popular. Vale citar que o emprego de jornais também fazia parte dos costumes santistas. Eles foram amplamente utilizados como meio de disseminação de interesses, conforme Gonçalves, A. (1995) exemplifica:

No período 1873-1913, segundo levantamento de Gitahy (1991), circulavam 150 jornais, dos quais 83 foram efêmeros. Do total, 17 eram diários; havia também jornais humorísticos (15); literários (13), **estudantis (2)** e carnavalescos (4). Existiam 15 jornais abolicionistas, 12 republicanos, dois socialistas, um monarquista (após a proclamação da República), dez operários, três mutualistas, além de jornais de colônias imigrantes (dois portugueses, três italianos, um espanhol, um turco) e pequenas publicações de sociedades e clubes dramáticos, beneficentes e dançantes (GONÇALVES, A., 1995, p. 47, grifos meus).

Os resquícios do passado santista poderiam ser muito inoportunos e comprometedores, incomodando os “revolucionários” do Regime Civil Militar (1964). Isso os deixara atentos à região da Baixada Santista o que, dentre outras motivações, acabou culminando na ancoragem do navio-presídio Raul Soares em nosso porto e na forte repressão aos movimentos estudantis (GONÇALVES, A., 1995).

O saldo da ação dos militares sobre o Movimento Estudantil induziu o desmonte da AC por falta de incentivo à continuidade em suas atividades que ampliavam a influência da Igreja Católica por meio de setores específicos do laicato. A extinção da UNE e da UBES, por uma sugestão feita ao presidente Castelo Branco em junho de 1964, pelo então Ministro da Educação e Cultura Suplicy de Lacerda, destituiu-as de sua representatividade e autonomia. Tal lei ficou conhecida como Lei Suplicy (POERNER, 2004).

Atualmente CA's (Centros Acadêmicos) e DA's (Diretórios Acadêmicos) são tratados quase como sinônimos. Seriam entidades que reuniriam um determinado curso ou departamento universitário para solucionar problemas, representar interesses, apresentar ideias e reivindicar direitos. A direção do CA é escolhida por eleições periódicas de chapas compostas por alunos. A cartilha da UNE que trata da formação de Centros Acadêmicos traz como diferenciação entre CA's e DA's o fato dos DA's equivaleria a um conjunto de cursos de uma faculdade e cita como exemplo um DA de Comunicação que representaria simultaneamente os cursos de Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas e outros relacionados à área (UNE, cartilha, n.p.).

Entretanto a diferenciação entre estas duas nomenclaturas foi colocada durante o período da Ditadura Civil Militar de 1964 quando os CA's foram transmutados em DA's, que como o nome já diz, eram dirigidos, fiscalizados por órgãos oficiais ou até mesmo espionados, já que os estudantes perderam sua autonomia (PESCUMA, 1990).

Os antigos CA's tinham independência política, financeira e não estavam subordinados às hierarquias institucionais das faculdades. Para derrubar este inconveniente o ministro da Educação Flávio Suplicy de Lacerda propôs um projeto de lei que enquadrava a representação estudantil em uma nova ordem, sob rígido controle oficial e institucional limitando sua atuação aos assuntos acadêmicos e assistenciais, despolitizando sua ação. A nova ordem da ditadura que criou os DA's esvaziou o Movimento Estudantil ao romper a filosofia motora dos CA's deixando clara a dissociação política.

O afastamento de trabalhadores e estudantes do anseio pela participação e pela divisão do poder de decisão estava contida no lema: “estudante é para estudar e trabalhador é para trabalhar” (MEMORIAL DA DEMOCRACIA, n.d., n.p.).

Ainda assim, em 1968 (ano marcado mundialmente por movimentos culturais e sociais), estudantes e artistas estiveram em massa na Passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro. O clamor era por democracia, justiça e liberdade. Entretanto nada conseguia reverter a situação e o que se via era ampliação da repressão. O Memorial da UNE relembra o assassinato do estudante secundarista Edson Luís e a invasão do Congresso da UNE em Ibiúna/SP onde ocorreu a prisão de aproximadamente mil estudantes, entre eles José Dirceu⁴⁸ e José Serra⁴⁹.

A juventude dos anos 1960 foi considerada pelo senso comum o ápice, o modelo ideal. Não obstante, conforme Abramo (1997) trata-se de uma releitura dos fatos, de uma exacerbação.

É curioso notar que, apesar da juventude estudantil ter tido, durante todo o período dito “de modernização” do país (dos anos 30 aos 70), destacada presença em prol dos processos de democratização e combate às estruturas conservadoras, houve sempre certa ressalva com relação à eficácia de suas ações: para os setores conservadores, a suspeita de baderna e de radicalismo transgressor; para alguns setores da esquerda, a suspeita de alienação ou de radicalidade pequeno-burguesa inconsequente. No entanto, a partir dos anos 80, o enfraquecimento desses atores estudantis levou a fazer notar, e lamentar, o desaparecimento da juventude da cena política, erigindo aquelas formas de atuação antes suspeitas a modelos ideais de atuação, frente aos quais todas as outras manifestações juvenis aparecem como desqualificadas para a política (ABRAMO, 1997, p. 27).

⁴⁸ José Dirceu de Oliveira e Silva é um ex-político e ex-advogado brasileiro tendo sido eleito como deputado Estadual e Federal por São Paulo. Também foi ministro-chefe da Casa Civil.

⁴⁹ José Serra Chirico é um político brasileiro filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Senador pelo Estado de São Paulo.

Esta visão generalizada como ideário não obsta buscar em cada geração o modo como ela entende a participação social, preservando a apreciação de seu contexto histórico assim como de suas possibilidades.

Sabe-se que dentro de uma mesma geração há distintas vivências da juventude, conforme a classe social a que pertence e as experiências a que tivera acesso. Indaga-se se os jovens que estavam cuidando da garantia da própria sobrevivência encontravam-se presentes na construção desta representação idealizada de juventude nos anos 1960 ou se foram excluídos.

Em Abramo (1997) há uma tendência em se estabelecer comparações entre as gerações utilizando como parâmetro seu grau de alienação, de consumismo, de individualismo, de pragmatismo, de envolvimento político e de interesse pelas questões sociais. Discorre sobre este tema e resumidamente, diferencia as gerações, estabelecendo um desenrolar histórico que fundamenta sua interpretação. Apesar disso é bastante difícil falar de juventude e de geração de modo generalizado, abstraindo os múltiplos condicionantes sociais.

Abramo (1997) inicia tratando do afastamento da grande maioria dos jovens das esferas políticas nos anos 1980. Coloca em dúvida se este incômodo com a dita “debandada” tem por detrás uma intenção genuína de ouvir o clamor da juventude e permitir que tenham espaço nas decisões ou se se trata somente da preocupação de alguns partidos políticos, sindicatos ou movimentos sociais de garantir sua própria manutenção e a renovação de seus quadros. Abramo (1997) deixa transparecer que essa conservação constituir-se-ia num problema, posto que os jovens estivessem sendo utilizados para garantir a continuidade destas organizações e não para fazer valer suas reivindicações. Pode-se, entretanto, considerando as correspondências e vínculos possíveis na ocasião, questionar se isso seria em si um problema, a julgar que os partidos e organizações sofreriam assim uma solução de continuidade.

Abramo (1997) aponta que os movimentos estudantis dos anos 1930 aos anos 1970 sempre estiveram ligados aos movimentos de democratização e de combate às estruturas conservadoras. É interessante apontar que isto, quando os fatos se davam, foi criticado pelas entidades da sociedade civil e partidos políticos. Entretanto, quando deixou de existir, passou a ser nostalgicamente valorizado. Para Abramo (1997) “Os partidos, principalmente os de esquerda, colam-se então, exclusivamente e de um modo sufocante, às entidades estudantis, mas sem conseguir apostar, ao mesmo tempo, em sua capacidade de representação e mobilização” (ABRAMO, 1997, p. 28).

Abramo (1997) ao tratar dos temas que generalizam a mocidade como juventude ocidental contemporânea atribui um conceito de desvio histórico. Nos jovens se projetariam todos os medos e angústias sociais, assim como toda a esperança. A juventude seria o abandono

da infância e uma preparação para desenvolver papéis na vida adulta, garantindo a continuidade social por sua integração livre, porém atrelada aos valores vigentes. No entanto, quando a juventude começaria a se confrontar com a estrutura existente, geraria certo pânico moral, pois colocaria em xeque a segurança e a coesão social. Este pânico influenciaria o modo como a juventude é encarada, colocando-a em posição inferior, dificultando assim o aprofundamento das relações de diálogo e intercâmbio, restando somente atitude de intervenção, contenção ou salvamento, em grande parte, desconectados da opinião e do poder de decisão daqueles a que se destinam (ABRAMO, 1997).

Abramo (1997) associa a evolução que separou o mundo adulto e a cultura juvenil com um fenômeno grupal que se deu mais nitidamente a partir dos anos 1950 com sua “juventude transviada” que gerou uma ruptura com a continuidade social. Foi a partir desta época que a delinquência juvenil deixa de ser algo característico dos imigrantes das grandes metrópoles e marginalizados em geral, para se tornar, conforme Abramo (1997), característica de uma nova categoria social: os jovens. E como não há uma motivação social ou econômica que justificasse predisposição generalizada à delinquência e à transgressão, os jovens passaram a serem vistos como “rebeldes sem causa”. A partir daí tornam-se um problema em si mesmos, devido a sua condição de jovem que abarca também a condição de serem difíceis, turbulentos e perturbados. A juventude seria um momento doentio e os adultos deveriam estar sempre atentos para garantir que futuramente o jovem tivesse a oportunidade de se integrar de modo sadio, seguro e desejável na sociedade. Almejando este intuito, a cultura jovem⁵⁰ precisaria ser combatida, demonizada e reprimida por uma série de medidas educativas.

Com o passar do tempo há uma aceitação da agitação juvenil como algo “normal” e próprio, minimizando o pânico e abrindo espaço para que a cultura juvenil passasse a ser encarada como um espaço diferente de socialização, que também levaria a uma integração à sociedade adulta. O risco do jovem se perder amenizar-se-ia e haveria uma conformação de que isso se trataria de uma fase e que se o jovem fosse bem encaminhado, não haveria maiores riscos. Assim, as preocupações da sociedade voltar-se-iam novamente aos grupos sociais desfavorecidos e potencialmente perigosos (ABRAMO, 1997).

⁵⁰ A criação de uma cultura dos jovens, pelos jovens e para os jovens não foi aceita com naturalidade pela sociedade, já que o conceito de cultura até então era “adultocêntrico”. A separação do mundo adulto e do mundo jovem iniciou-se a partir do século XIX, “particularmente com a literatura de poetas como o francês Arthur Rimbaud (1854-1891)” (NOVA ESCOLA CLUBE, n.d. n.p.).

Apesar da visão atual, que coloca os movimentos políticos de esquerda, harmonicamente lutando lado a lado com a juventude, o que houve foram movimentos de descontentamento. Muitas vezes, os promotores da contracultura⁵¹ criticaram-na.

Quando isto esmoreceu, a reelaboração dos fatos deu um novo colorido às gerações passadas com seus jovens engajados. Para a juventude dos anos 1980 restou a aparência de desqualificação política que remete aos modelos, anteriormente questionados (a juventude dos anos 1960 e parte dos 1970) a patamares idealisticamente inalcançáveis. Ficou para os jovens dos anos 1980 a atribuição dos contra valores como: o individualismo, o consumismo, a indiferença e primordialmente a apatia política, já que a inovação cultural passou a ser o papel próprio da juventude e esta se negava a assumir este legado atribuído (ABRAMO, 1997).

Spósito (2000) também assevera a existência desta concepção a respeito da juventude:

Durante o século XX, os estudos sobre jovens, sobretudo a partir da década de 20 nos EUA com a Escola de Chicago, privilegiaram o exame das disfunções ou anomia para compreender condutas juvenis próximas da delinquência ou do crime articuladas muitas vezes em torno de grupos denominados gangues. Particularmente após a Segunda Guerra Mundial, novas orientações rompem com essa tradição e enfatizam o potencial contestador e rebelde presente nos segmentos juvenis, dando origem a vários estudos que examinaram, dentre outras, as modalidades de participação estudantil ou suas práticas culturais. Mas um certo exame permanente da condição juvenil enquanto problema social jamais desapareceu do horizonte de preocupações de vários setores sociais e da produção acadêmica e talvez seja essa a sensibilidade atualmente dominante, sobretudo quando os problemas decorrentes da exclusão social - como o desemprego - e a violência, afetam principalmente os jovens pobres (ABRAMO, 1997; WEINSTEIN, n.d.; apud SPÓSITO, 2000, p. 78).

Este mal estar, no Brasil, parece que se dá, sobretudo, porque os anos 1980 estão marcados pela redemocratização social e política, assim como pela anistia. A nova Constituição Federal de 1988 (CF/1988) oferece uma nova visão dos direitos e deveres ao cidadão e ao Estado Nacional (ABRANCHES, 2003). A opinião popular volta-se para um inconformismo que indaga: como os jovens, poderiam não se sentir tocados, por estas fabulosas possibilidades, até então reprimidas?

Spósito (2000), propõe um outro olhar sobre as formas de aglutinação juvenil ao salientar que:

Os poucos trabalhos produzidos nos anos 80 e 90 sobre jovens em nosso país já mostraram um alargamento de seus interesses e práticas coletivas, acentuando a importância da esfera cultural que fomenta mecanismo de aglutinação de sociabilidades, de práticas coletivas e de interesses comuns, sobretudo em torno dos diferentes estilos musicais. [...] Outra modalidade de experiência coletiva entre jovens

⁵¹ Movimento da juventude que teve seu auge na década de 1960. Utilizava novos meios de comunicação de massa contestando a estrutura e os valores da sociedade.

que emerge com maior frequência (sic) tem sido um certo associativismo em torno de ações voluntárias, comunitárias ou de solidariedade, compreendendo temas diversos como o combate à exclusão, meio ambiente, qualidade de vida e saúde (informação sobre consumo de drogas, DST e AIDS). Menos investigadas, ainda, têm sido as novas formas de aglutinação juvenil que nascem do mundo do trabalho, ultrapassando os marcos tradicionais da relação assalariada e da participação sindical; dentre elas destacam-se o interesse de jovens em formar empresas juniores e as cooperativas de autogestão solidária. No conjunto de questões aqui apontadas sobre as várias modalidades de inserção dos jovens na esfera pública, não estão contempladas as dimensões do mundo rural que têm realizado, por meio de seus atores, importantes movimentos de invenção cultural no interior da luta pela terra (SPÓSITO, 2000, p. 79 e 80).

Na atualidade, as características negativas anteriormente atribuídas à juventude passam cada vez mais a se aproximar da infância. Isto conduz a um discurso em defesa da diminuição da maioridade e de uma nova cidadania. A ênfase dada a esta nova cidadania é a da conscientização do indivíduo (assunção de uma postura moral) e não da mudança do contexto social. Tantos as crianças como os jovens, os trabalhadores ou os agentes sociais no geral, deveriam esforçar-se para cambiar situações adversas com a tomada pessoal de atitude, entretanto Newton Duarte (2010) adverte e persevera:

Insisto, porém, que essa não é uma questão que se resolva no plano da consciência do trabalhador ou do capitalista. Não se pode superar essa situação moralmente inaceitável, a comercialização da humanidade dos indivíduos, por meio de cursos de ética e cidadania, por melhores que sejam (DUARTE, 2010, p. 79).

Moldar os futuros cidadãos dissuadindo-os de seu potencial destrutivo frente às violências impostas pelo sistema econômico em que estão inseridos passa a ser o enfoque e não a superação das condições geradoras de violência. Não há o cuidado aos outros tantos fatores que causam violência entre pré-adolescentes e crianças cada vez mais jovens e sim uma ênfase no aumento do controle, do cerceamento e da doutrinação.

Encontramos duas dissertações que tratam das aproximações e dos distanciamentos na atividade Gremista em Santos pré e pós 1964. Salvo melhor juízo, e embora não conste a existência de Grêmios no ensino fundamental das escolas municipais santistas antes da gestão Telma de Souza (conforme a fala dos entrevistados ligados a administração Municipal na ocasião) as dissertações de Pescuma (1990) e Correa (2007) corroboraram para pôr em evidência possíveis inconsonâncias e avizinhamentos.

A dissertação de Mestrado defendida por Correa (2007) caracteriza a comunidade escolar de um colégio santista nas décadas de 1950 e 1960 (época tida como áurea ou modelo

de juventude), assim como ilustra o modo como se dava a participação do estudante dentro e fora da atividade Gremista ao tratar das memórias da Escola Canadá⁵².

A escola Canadá era uma instituição muito concorrida à época, visto que era a única opção pública aos alunos da região que quisessem seguir no curso ginasial. Criada pelo plano educacional do governo de Armando Salles de Oliveira, interventor Federal em São Paulo entre 1933 e 1935 (SILVA, V., 2015), recebeu este nome porque o terreno concedido para a construção “foi uma doação da empresa *The City Improvements Company Limited of Santos*, de origem canadense”, (SILVA, V., 2015) mais conhecida como *City*.

No desenvolvimento da dissertação, Correa (2007) apresenta o Grêmio Estudantil como um espaço de convívio social em que as relações humanas e sociais se fundavam. Esta escola destaca-se, neste período, pelo número de alunos que apresentaram postura relevante, assumindo papéis notórios na sociedade santista e Nacional.

A escola é reconhecida também pelos vários alunos famosos, como o escritor Pedro Bandeira, o ministro-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Antonio Cezar Peluso, e os atores Cacilda Becker e Ney Latorraca, além do ministro Aloizio Mercadante (MEC, n.d., n.p.).

Este fato não é surpreendente, posto que até então a educação estivesse reservada àqueles que deveriam alcançar os postos diretivos da sociedade. Correa (2007) esclarece a importância da escola pública:

O nível de ensino proporcionado pela escola pública era reconhecido pela comunidade e as famílias procuravam matricular as crianças em estabelecimentos de ensino público, considerados os melhores, o que aumentava a procura por vagas em todos os níveis de ensino (CORREA, 2007, p. 70).

O perfil dos alunos era de estudantes advindos, prioritariamente da classe média ou alta e do sexo masculino (CORREA, 2007).

Os pais dos alunos que compunham o corpo discente eram em sua maioria comerciantes, profissionais liberais, engenheiros, médicos, dentistas, jornalistas, industriais, fiscais, bancários, farmacêuticos, despachantes ou funcionários públicos, de acordo com a amostragem feita por Correa (2007), pressupondo que os pais que tinham uma profissão definida poderiam manter famílias bem estruturadas. Em sua maioria estes pais tinham origem estrangeira, pois a

⁵² O Colégio Canadá é uma das instituições escolares mais antigas da Baixada Santista. Fundado em 1934 para suprir a falta de vagas públicas aos alunos que não dispunham de um curso ginasial na região. A possibilidade de prosseguir com os estudos só era possível, até então, aos que pudessem se deslocar para São Paulo (capital), Campinas ou Ribeirão Preto (SILVA, V. 2015, n.p.).

região necessitava de técnicos habilitados que se mudavam para a região a fim de suprir a demanda de profissionais qualificados. Correa (2007), aponta um percentual de 27% de pais com nacionalidade estrangeira dentre os alunos da escola Canadá neste período (CORREA, 2007, p. 54).

A escola Canadá era fortemente associada a um ideal de perfeição educacional e de orgulho. Isso é notório no estudo de Correa (2007) posto que na memória das pessoas entrevistadas esta concepção aparece impregnada.

O Grêmio Estudantil da escola Canadá chamava-se “Vicente de Carvalho”⁵³ e era composto por 20 membros que promoviam “eventos sociais, esportivos e culturais, envolvendo os alunos da escola e a comunidade” (CORREA, 2007, p. 51). Além do Grêmio, havia outra organização estudantil paralela denominada: O “Clube das Normalistas” que também desenvolvia atividades socioculturais e que tinha sua diretoria formada por cinco normalistas e professores.

Segundo Correa (2007), havia um forte envolvimento com atividades extracurriculares voltadas à comunidade, sendo que a adesão participativa era maciça tanto de alunos como de professores, num entendimento não somente pedagógico, mas também filantropo do desenvolvimento social.

Há de se atentar também ao fato de que ex-professores entrevistados por Correa (2007) afirmaram que o salário pago ao professor era o suficiente para sanar as exigências de uma vida digna, para continuar estudando e para participar de eventos científicos (CORREA, 2007), portanto dispunham de tempo, recursos e meios para o aperfeiçoamento pessoal e profissional, conforme afirma a autora:

Marcada pela predominância da pedagogia tradicional, a Escola Canadá formou uma elite e atendia, naquela época, a sociedade que primava por uma formação completa, desde a formação intelectual como o anseio por uma participação criativa no ambiente escolar. A imagem de uma escola quase perfeita está, na maioria das vezes, relacionada à participação estudantil. Na percepção dos entrevistados havia liberdade de ação dos estudantes, embora também houvesse rigorosa disciplina, cobrança dos conteúdos vistos em sala de aula em provas orais e escritas, o que, no dizer dos participantes, forneceu-lhes uma sólida formação. No entanto, alguns aspectos precisam ser observados, entre eles, o número de alunos em sala de aula, o sistema escolar e a formação dos professores (CORREA, 2007, p. 85).

Na atual conjuntura de proletarização da atividade docente isso é pouco viável.

⁵³ Vicente de Carvalho (Vicente Augusto de Carvalho) foi advogado, jornalista, político, magistrado, poeta e contista nascido em Santos/SP, em 5 de abril de 1866 e falecido na mesma cidade em 22 de abril de 1924. Poeta lírico esteve ligado ao grupo de jovens poetas de tendência parnasiana. É o segundo ocupante da cadeira 29 da Academia Brasileira de Letras tendo sido eleito em 1º de maio de 1909, na sucessão de Artur Azevedo, e recebido por carta na sessão de 7 de maio de 1910 (ACADEMIA BRASILEIRA, n.d., n.p.).

A exclusão velada e a seleção elitista dos melhores alunos também são apontadas nesta dissertação. Além do Exame de Admissão ao Ginásio, à época, Correa (2007) compara a diminuição drástica no número de alunos matriculados no primeiro ano do colegial (científico, clássico e normal) e o número de alunos que chegavam ao terceiro ano dos cursos.

Esses dados são confirmados na fala dos ex-alunos entrevistados, que mencionaram o rigor da avaliação para a aprovação da série subsequente (sic) do ano letivo escolar na escola Canadá. O fator reprovação foi considerado pelos participantes da pesquisa o motivo principal da desistência e da transferência dos alunos para outras escolas (CORREA, 2007, p. 55 – 56).

A Associação de Pais e Mestres (APM) aparece no relato como a grande parceira da escola Canadá. Seu papel era relevante, posto que, estava envolvida na solução de entraves tanto econômicos e sociais do corpo discente quanto no acompanhamento dos alunos com dificuldades pedagógicas (CORREA, 2007). Portanto, não estava restrita aos temas que envolviam os cuidados com o espaço físico do prédio escolar, ainda que o fizessem de modo direto.

Os pais também estiveram envolvidos na elaboração das plantas e nas construções para a expansão do edifício “cabendo ao Estado e à Prefeitura contribuição em pequena escala para a realização do projeto” (CORREA, 2007, p. 68). A ampliação do número de vagas era cada vez mais urgente e a demanda reprimida evidenciava-se mobilizando toda a comunidade escolar. O Grêmio Estudantil participava desta ação que era entendida como espaço de formação para o aluno, visto como futuro cidadão. É interessante notar que os alunos faziam ações sociais válidas, com efetiva participação e com condições oferecidas pela escola.

Um dos ex-alunos entrevistados, que também foi presidente do Grêmio da escola Canadá, relata como chegou a sensibilizar a comunidade com um pedido de ampliação do número de vagas na escola, pedido esse que entregou ao então governador do Estado, Carvalho Pinto (CORREA, 2007, p.71).

Na dissertação de Correa (2007) há referência à participação constante do aluno e à relação de parceria e de reconhecimento mútuo entre o corpo docente e discente no ambiente escolar. Esta participação estava fortemente ligada ao reconhecimento da escola enquanto instituição, sendo que havia uma correspondência de ideais entre os alunos, os pais, os professores e a ordenação da instituição escolar, posto que representavam uma certa elite social.

Entretanto, conforme o relato de um dos entrevistados por Correa (2007), esta participação nem sempre significava poder de decisão e sim colaboração e apoio para a realização de algo planejado por outrem.

Tudo foi idealizado por mim naquela época, o da ginástica já era outra, e os alunos colaboravam, colaboravam mesmo, mesmo com outra parte de treinamento. Se eu tinha 34 equipes, como é que eu podia treinar? Com a participação dos alunos me ajudando e que levavam a sério. Tanto é que alguns fizeram curso de Educação Física, posteriormente. Então o colégio foi isso para mim, uma grande alegria, uma grande satisfação. Deixei bons amigos lá. Todos eles colaboraram mesmo (Entrevista com G.C.R. apud: CORREA, 2007, p. 76).

É notória nesta colocação a participação com limites pré-determinados, tipicamente presente na cultura escolar.

Observando a exposição dos fatos nas dissertações talvez seja possível perceber os motivos que podem ter conduzido ao câmbio das características apresentadas anteriormente. Nos anos 1960 e 1970, o Brasil vai deixando de ser uma nação rural e passa pelo processo de industrialização e isso começa a converter os rumos da educação formal. O ideal deixa de ser o de reservar a educação para a elite e passa-se a uma ampliação da educação das massas. Esta educação fragiliza a formação plena do ser humano. O que se tem em vista é bem mais uma preparação para o trabalho. O caráter humanizador fica carente de uma formação que valorize a realidade pessoal dos sujeitos.

A reestruturação da UNE veio no final dos anos 1970 com os primeiros sinais de enfraquecimento do Regime Civil Militar. Nos dias 29 e 30 de maio de 1979 houve em Salvador (BA) o 31º Congresso da UNE que ficou conhecido como “O Congresso da Reconstrução”, posto que marcava o encerramento dos treze anos de ilegalidade imposto à União dos Estudantes. Esse Congresso fora preparado com uma série de encontros anteriores (quatro Encontros Nacionais de Estudantes e outras tantas reuniões) e recebeu o nome de “Honestino Guimarães” que fora o último presidente da UNE em 1970, morto pelos militares, sendo que seu corpo jamais foi localizado (MARCONDES, 2009).

Capítulo III - O Movimento Estudantil no fluxo da redemocratização: reflexos no Estado de São Paulo e em Santos

Os anos 1980 foram marcados por grandes movimentos sociais. Já em seu início, os estudantes tentaram recuperar a sede da UNE na Praia do Flamengo que fora cedida pelo presidente Vargas. A tentativa de retomada do casarão ocorreu “no dia 2 de abril, exatamente 16 anos depois de ter sido incendiado por triunfantes extremistas de direita” (POERNER, 2004, p. 292). Entretanto, após a repressão desta tentativa pelos militares, o prédio foi demolido.

A redemocratização e a reorganização do Estado Brasileiro começam em meados dos anos 80. Um novo sindicalismo aparece e com ele nasce o PT. O termo “novo sindicalismo” foi sendo forjado na união das reflexões acadêmicas com os movimentos sociais. O período transitório entre a saída da Ditadura Civil Militar e a Redemocratização do país fez surgir um movimento sindical que negava as práticas desenvolvidas entre 1945 e 1964 (o velho sindicalismo) que esteve ligado ao que se chamou populismo, distanciando-se do interesse das bases e centrando suas reivindicações não nos interesses dos trabalhadores, mas sim na participação em jogos políticos de interesse da estrutura sindical “tornando-o mero apêndice do jogo de dominação das elites” (SANTANA, 1998, p. 19) beneficiando quem já estava no poder ou o almejava.

O novo sindicalismo ou o também chamado sindicalismo autêntico, de onde adveio o PT, formou-se dentro de um bloco combativo em torno dos sindicalistas do ABC⁵⁴. Este movimento interno combativo às políticas conservadoras buscava a ampliação da participação dos trabalhadores nas lutas por seus interesses, dentro de suas entidades que tinham características cupulista, vertical e corporativista. Um dos marcos do seu surgimento que buscava uma organização pela base foi o Congresso em que esteve Arnaldo Gonçalves, um importante sindicalista comunista da baixada santista que chegou a ser considerado um sindicalista autêntico (SANTANA, 1998).

[...] o V Congresso da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria (CNTI), em 1978, quando um grupo de sindicalistas se opôs as diretivas dos setores *pelegos* na confederação. Deste grupo constavam nomes associados tanto ao que seria o “Novo Sindicalismo”, como nomes relacionados à chamada *esquerda tradicional* (SANTANA, 1998, p. 21).

⁵⁴ O ABC paulista é uma região tradicionalmente industrial no Estado de São Paulo que mesmo pertencendo à região metropolitana de São Paulo possui uma identidade bastante particular. O nome da região é uma sigla formada pelos nomes das cidades que a compõem: **A** – Santo André, **B** – São Bernardo do Campo, **C** – São Caetano do Sul. Algumas vezes Diadema é incluída na sigla podendo aparecer referências ao ABCD.

Estes encadeamentos desembocam num período que se orientava para a redemocratização do país e o fim do Regime Civil Militar. Este processo Nacional, alimentado pelos desejos desencadeados pela Campanha das Diretas Já⁵⁵, que conduziram à promulgação da CF (1988) com base em um direcionamento democrático, favoreceu a retirada das amarras impostas ao Movimento Estudantil que fora estrangulado em diversas vertentes.

Os estudantes, assim como outros movimentos organizados pela sociedade civil, retomam o cenário político com a redemocratização. Os Grêmios Estudantis encontram amparo com a Lei Federal nº 7.398, de 4 de novembro de 1985 que ficou conhecida como a “Lei do Grêmio Livre”. Esta lei salientava em seu artigo primeiro a liberdade de organização dos estudantes de 1º e 2º graus, revogando as disposições contrárias.

Art. 1º - Aos estudantes dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus fica assegurada a organização de Estudantes como entidades autônomas representativas dos interesses dos estudantes secundaristas com finalidades educacionais, culturais, cívicas, esportivas e sociais (BRASIL, Lei nº 7.398, 1985).

De acordo com Poerner (2004), foi a partir dos anos de 1987-89, que o Movimento Estudantil Secundarista se impulsionou. No final da década de 1980, os secundaristas reverteram a sujeição aos fluxos universitários, abandonando a posição de colaboradores e assumindo-se como movimento independente, mesmo quando havia paralisação entre os estudantes de nível superior. A atuação dos secundaristas se dava dentro dos Grêmios Estudantis e podia apresentar características personalizadas.

Na região da Baixada Santista, havia Grêmios que tanto mantinham relações com outras instâncias do Movimento Estudantil, quanto os que recebiam influências de partidos políticos (Juventude do PCdoB - Partido Comunista do Brasil) ou ainda aqueles que agiam de modo independente.

Pescuma (1990) relata na dissertação de mestrado com o título: “O Grêmio Estudantil uma realidade a ser conquistada”, alguns conflitos que ocorreram na rede Estadual de ensino por conta da promulgação da Lei do Grêmio Livre e das relações dos Grêmios com os partidos políticos e as entidades estudantis. Essa dissertação oferta, assim, o acompanhamento do processo de instalação dos Grêmios enquanto Política Pública pelo Governo do Estado de São Paulo nos anos 1990. A dissertação de Pescuma (1990) aparece como referência em diversos

⁵⁵ A Campanha das Diretas Já foi um movimento civil que culminou na votação da proposta de Emenda Constitucional Dante de Oliveira pelo Congresso. Ela clamava por eleições presidenciais diretas, isto é, que o presidente fosse eleito pelo povo e não por eleições indiretas realizadas pelo Congresso Nacional e sem consulta popular, o que rompia com a possibilidade de um processo democrático.

outros trabalhos sobre Grêmios, democratização do ensino e participação estudantil, como pode-se confirmar na dissertação de Carlos (2006):

Para confirmar a fragilidade que cercava os grêmios estudantis, cabe citar a pesquisa de mestrado, elaborada no final da década de 1980, por Derna Pescuma (1990), acima referida, a qual concluiu que, apesar do apoio legal, em fins dos anos 1980, os grêmios existentes não contaram com a participação intensa dos alunos, e atribui esta *não-participação* às relações existentes no interior da escola que, segundo a autora, são centralizadoras e autoritárias (CARLOS, 2006, p.15).

Cumpre notar que a pesquisa de Pescuma (1990) foi feita na região da Baixada Santista e que, portanto, apresenta o registro de um processo histórico que ocorria simultaneamente às movimentações nos Grêmios Municipais santistas.

Após a publicação da Lei Federal 7382/85 (sic), os secretários de Estado da Educação emitiram comunicado dando ciência dessa Lei à rede de ensino.

[...] O comunicado da S.E. solicitava aos diretores de escola, delegados de ensino e a todos os elementos pertencentes ao Conselho de Escola que divulgassem aos alunos a referida lei, incentivando-os e oferecendo-lhes condições para a formação dos grêmios estudantis.

A partir desse comunicado, as entidades estudantis iniciaram reuniões nas escolas, que muitas vezes aconteciam de maneira um tanto tumultuada: “(sic) a meninada chegou nas escolas muito afoita, ocorrendo casos que os alunos davam ordens aos diretores do tipo:

“Dá o sinal, manda todo mundo descer que nós vamos fazer uma reunião”.

A situação começou a agravar-se, principalmente porque:

“A reorganização dos movimentos estudantis tinha uma ligação íntima com fortes partidos políticos.

Houve uma questão partidária no meio, com certo autoritarismo destes alunos em relação aos diretores de escola que chegavam nas escolas dando ordens. A questão gremista era o que menos interessava, o que eles queriam mesmo era a organização político-partidária” (PESCUMA, 1990, p. 66-67).

Estes tumultos produziram constrangimentos, mormente aos diretores, que por sua vez passaram a desejar uma limitação na ação dos estudantes. Os gestores escolares reportaram a situação aos Delegados de Ensino que levaram a questão ao Secretário de Educação. Esta condução gerou uma nova postura: a publicação de um comunicado “proibindo a entrada nas escolas das entidades estudantis” (PESCUMA, 1990, p. 67).

A evidência de rusgas geradas neste processo de embate e adaptação pode evidenciar que a construção de respeito aos espaços depende do seu exercício. A autodeterminação nasce da reflexão e do agir sobre os fatos. Só se aprende a vivência democrática exercitando e não somente por leis e decretos, por cerceamentos ou por imposições que se alcança este objetivo. A citação abaixo evidencia o interesse e a concepção de Grêmio do Governo do Estado de São Paulo, à época.

Os professores integrantes do quadro do magistério da SE e responsáveis por acompanhar os alunos a São Paulo para o encontro do GE foram orientados para não convidarem alunos pertencentes às UMEs, UPEs e UBEs. Foi alegado que o importante era o envolvimento de outros alunos, pois dessa maneira, **a mensagem do Governo chegaria a cada escola e se transformaria em realidade** (sic) (PESCUMA, 1990, p. 75, grifos meus).

Esta postura do governo provocou certo estranhamento nos alunos que pertenciam às entidades estudantis, já que no modelo proposto pela Diretoria de Ensino havia um apartamento do Movimento Estudantil que não favorecia o diálogo entre ambos. Os militantes afirmavam que não poderiam ser aliçados do processo porque não estavam ali como representantes corporativistas, mas sim como membros pertencentes ao corpo discente. A finalidade era a disposição em se inteirar do processo de remodelamento Gremista nas escolas. Diante da resistência imposta por estes alunos, Pescuma (1990) relata os estratagemas utilizados pelo governo para reduzir o impacto do posicionamento dos mesmos sobre os demais.

A equipe da FDE explica sua postura:

“Compete à SE trabalhar com alunos, interessa à SE a formação de grêmios estudantis nas escolas; e movimento estudantil é outra coisa. (...) Eu não tinha convidado as entidades, pois, estava fazendo um encontro de alunos e não de entidades, e a finalidade deste era a divulgação e a distribuição do material, levando este aluno a reproduzir a discussão em sua escola” (sic) (PESCUMA, 1990, p. 77, grifos meus).

Com isto, Pescuma (1990) deixa transparecer um paradoxo entre os interesses do governo e a vontade efetiva dos alunos de desenhar o percurso para a autonomia dos Grêmios Estudantis.

Em 15 de novembro de 1989 houve a primeira eleição presidencial após o Regime Militar e a 25ª eleição presidencial do Brasil, fato que não ocorria de modo direto desde 1960. A política econômica trilhava pelo neoliberalismo.

O Consenso de Washington (1989), elaborado pelo economista norte-americano John Williamson, fundou as bases do neoliberalismo e suas recomendações encaminhavam para a lógica das privatizações e do Estado Mínimo. O ideal passava a ser uma intervenção mínima do Estado na economia do país, acreditando-se que esta medida asseguraria e intensificaria a prosperidade nos países subdesenvolvidos, mormente os da América Latina. Contudo, estas medidas foram bastante criticadas pelos grupos de esquerda ao enxergar na retirada do Estado e na abertura excessiva de mercado ao capital estrangeiro, a redução da qualidade de vida da população, bem como, um processo de precarização do trabalho. Uma resistência ao cumprimento destas normas acarretaria num impacto econômico, visto que, haveria um

aumento nos obstáculos impostos para se receber investimentos externos advindos do FMI e dos Estados Unidos.

Concomitantemente a isto, Telma Sandra Augusto de Souza fora eleita, como prefeita de Santos, num período singular de redemocratização do Município e do País. Ter uma mulher como prefeita era fato inédito para a municipalidade (GONÇALVES, L., 2016).

Seu partido, o Partido dos Trabalhadores (PT), tinha um viés político mais inclinado para o que se nomeia como esquerda⁵⁶. Isto se dava depois de um período ditatorial que durara vinte e um anos, apesar de uma experiência democrática anterior com o prefeito Oswaldo Justos (1984) que já havia sido eleito por voto popular (GONÇALVES, L., 2016).

Oswaldo Justos havia sido eleito como vice-prefeito em 1968. Ele pertencia à chapa do então Deputado Estadual Esmeraldo Tarquínio que fora cassado pelo AI-5 em 13 de março de 1969 antes de assumir como prefeito de Santos. Neste episódio, Justos recusou-se a assumir o cargo no lugar de Tarquínio por não aceitar a imposição arbitrária feita pela ditadura, mas foi eleito como prefeito em 1984 (MOTTA, 2012).

Durante o Regime Civil Militar foram utilizados os Atos Institucionais como recurso para legitimar e legalizar as ações políticas dos militares. Estas normas eram colocadas para além da Constituição vigente, garantindo plenos poderes ao comando que passou a deter a união dos três poderes: executando, legislando e julgando de acordo com seu interesse em manter a governança. Nesse período foram decretados dezessete Atos Institucionais e cento e quatro Atos Complementares, sendo que o que ficou mais conhecido dentre eles foi o AI-5. A justificativa oficial para a implementação destes Atos foi a luta contra a corrupção, a manutenção da soberania Nacional e a retenção do avanço comunista.

O desejo progressista estava ínsito na gestão de Telma e como este se pretendia democrático e popular houve um esforço para concretizar este ideal. Num período em que havia um desejo latente por redemocratização na população, era uma grande responsabilidade governar uma cidade populosa e de grande importância no cenário, tanto regional quanto Nacional. Segundo Gonçalves, L., (2016):

⁵⁶ Não há um consenso que defina de modo único o que é esquerda e direita, dado que esses conceitos concentram uma sucessão de encaminhamentos políticos, proporcionando a distinção de várias esquerdas e várias direitas. Apesar disso, pode-se dizer que ser de esquerda presume lutar pelos direitos da população mais pobre, dos trabalhadores, dos movimentos sociais, das minorias e pela promoção do bem estar social. Já a direita é a representação do comportamento tradicional que procura manter o *status quo* de uma elite, promovendo o bem estar individual. “As ideologias ‘esquerda’ e ‘direita’ foram criadas durante as assembleias francesas do século 18. Nessa época, a burguesia procurava, com o apoio da população mais pobre, diminuir os poderes da nobreza e do clero. Era a primeira fase da Revolução Francesa (1789-1799). Com a Assembleia Nacional Constituinte montada para criar a nova Constituição, as camadas mais ricas não gostaram da participação das mais pobres, e preferiram não se misturar, sentando-se separadas, do lado direito. Por isso, o lado esquerdo foi associado à luta pelos direitos dos trabalhadores, e o direito ao conservadorismo e à elite” (MARTINS, 2015, n.p.).

A eleição de 1988 marcava um recomeço, a transformação da sociedade santista e os cidadãos esperavam grandes mudanças. No dia 15 de novembro de 1988, 285388 eleitores, em condições de votar, compareceram às urnas, o resultado que só saiu no dia 18 foi: Eleita por 73176 votos, contra 72183 votos, de Del Bosco do Amaral, Telma de Souza foi a primeira mulher a assumir a prefeitura, seu partido que se diz dos trabalhadores era o primeiro governo que se dizia socialista a assumir a administração municipal. [...] É possível perceber o rumo que tomou as eleições e como foram disputadas, tendo em vista a variação nas intenções do eleitorado, mais do que isso a cidade procurava uma solução para seus problemas e esperava uma mudança vinda da redemocratização e da nova constituição (sic) (GONÇALVES, 2016, p. 19).

Para o PT, naquela ocasião, a educação era valorizada por se acreditar que ela era o viés possível para a ascensão social das classes populares. Dos onze secretários da administração Telma, quatro eram mulheres. Entre elas estava Maria Lúcia Prandi, professora de História e pedagoga que assumira a Secretaria Municipal de Educação.

A gestão de Telma de Souza ia conquistando a confiança da população santista por conta da abertura de canais de acesso direto ao poder executivo. Esta confiança se estendia pelo país e os partidos de esquerda deixavam, *a priori*, de serem vistos como ruins. A experimentação deste ideário nas administrações municipais foi se expandindo. São Paulo (capital) tinha Luiza Erundina (PT) como prefeita e o renomado Paulo Freire como Secretário Municipal de Educação (GONÇALVES, L., 2016).

No anseio de democratizar o espaço escolar e de emancipar os munícipes, mudanças foram implantadas e houve uma cruzada contra o analfabetismo em Santos. Mencionando a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), Gonçalves, L. (2016) diz que: “Assim, a diminuição do analfabetismo era comemorada pessoa a pessoa” (GONÇALVES, L., 2016, p.43).

Havia se evidenciado uma alta porcentagem de analfabetos na população e mesmo entre os funcionários da prefeitura. O primeiro Censo Escolar providenciado para averiguar esta porcentagem ocorreu ainda em 1989 e em maio de 1990 iniciou-se o PAS (Projeto de Alfabetização do Servidor) e o PEA (Projeto de Educação de Adultos). Ainda Gonçalves, L. (2016) afirma que:

A administração começa assim cheia de expectativa e planos. Sua primeira atitude é solicitar um diagnóstico apurado acerca da situação da educação na cidade. A prefeitura solicita, então, à Universidade Estadual Paulista, em parceria com a PRODESAN (Progresso e Desenvolvimento de Santos), que mapeiem a cidade para uma melhor compreensão da realidade educacional. A pesquisa só sairia em outubro de 1989. Averiguando não só os analfabetos, mas os níveis educacionais, os salários e a origem da população santista.

O Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista da Universidade Estadual Paulista (CEPEL-UNESP) junto com técnicos da Secretária (sic) da Educação, do Planejamento, das Obras e da Saúde, todos com interesses em comum, mas problemas específicos que gostariam de ver levantados.

O CEPEL-UNESP elaborou um questionário comum. Dessa forma, o Censo Escolar desdobrou-se em 3 pesquisas: Censo Educação, Levantamento Socioeconômico do município e Levantamento da População das áreas de riscos nos morros (GONÇALVES, L., 2016, p. 60-61).

Observa-se assim, uma preocupação efetiva com os temas educacionais dos que estavam dentro e fora do sistema escolar do Município. Dessa forma, vários projetos de incentivo à cultura, à saúde e ao Meio Ambiente tiveram início na administração Telma de Souza.

Os governos, anteriores, reduziram as discussões históricas e geográficas a uma única disciplina genérica, estudo social. A filosofia foi retirada das escolas, assim como a sociologia. A educação foi durante 20 anos militarizada. Isso tornou a população pouco crítica e antissocialista, de maneira geral. Mas, os abusos realizados durante o período de exceção fizeram a população aderir a propostas que fugissem a perspectiva conservadora (GONÇALVES, L., 2016, p. 21).

Para as discussões sobre a criação do Estatuto do Magistério a cidade recebeu a visita de Paulo Freire para incrementar os debates. É dentre estas colocações que Paulo Freire incentiva a fundação dos Grêmios Estudantis.

O objetivo deste incentivo à Organização Estudantil era o fomento da participação. Desejava-se que os alunos fossem formados como sujeitos que apresentassem características voltadas a uma participação social efetiva e consistente.

Em junho de 1990 a Secretaria Municipal de Educação comemorou “a formação do primeiro grêmio estudantil da cidade” (GONÇALVES, L., 1996, p. 43) após o regime militar. Tratava-se do “Grêmio Estudantil Antônio Manuel de Carvalho” na EMSG (Escola Municipal de Segundo Grau) “Acácio de Paula Leite Sampaio”. Era no “Acácio” que se encontravam os alunos com mais idade e discentes que já possuíam algum envolvimento com outras instâncias do Movimento Estudantil.

Depois a proposta de Grêmios foi estendida a todos os alunos do ensino Fundamental II e os pré-adolescentes e adolescentes foram incluídos no projeto. Com a diminuição da faixa etária dos alunos Gremistas havia a necessidade de um acompanhamento maior por parte da Secretaria Municipal de Educação e dos professores. Para tal, os Orientadores Educacionais foram chamados para auxiliar na viabilização desta proposta.

As escolas passaram a ter uma organização que privilegiasse a participação de todos os segmentos envolvidos na vida escolar:

a) Conselho de Escola

- b) Grêmio Estudantil
- c) Associação de Pais de (sic) Mestres
- d) Reunião bimestral de pais
- e) Reunião pedagógica semanal
- f) Hora de Trabalho Pedagógico
- g) Núcleo Pedagógico (GONÇALVES, L., 2016, p.55).

Telma de Souza, em entrevista concedida ao pesquisador Lucas Henrique da Silva Gonçalves (2016), enfatiza que os Grêmios Estudantis proporcionaram “várias situações de libertação democrática dos alunos” (GONÇALVES, L., 2016, p. 69) fazendo, deste modo, parte do projeto de participação e humanização proposto por seu governo.

A propositura educacional deste governo sugere a ruptura com um saber preponderantemente conteudista e liga-se mais à educação como ato político e com vistas a uma nova organização social. O estabelecimento de relações mais justas para com às classes oprimidas passaria por entender os alunos como cidadãos e, como tal, dar oportunidade para operarem como agentes principais do processo pedagógico. Introduzir a incorporação da dialética na educação é algo que se aproxima do ideário proposto pela Pedagogia Libertadora de Paulo Freire.

Alguns dos sujeitos de pesquisa relacionados ao projeto educacional desenvolvido nos anos 1990, afirmam que se desejava utilizar a curiosidade dos alunos como ferramenta para transpassar alguns obstáculos impostos pelas condições históricas a que o sistema estivera submetido. O objetivo de conduzir os alunos a transpor a curiosidade ingênua e chegar a uma curiosidade epistemológica, com a humanização, com a transformação e a justiça social assim como com a autonomia do ser eram presentes. A quebra de padrões, a mudança de mentalidade o intuito de “estimular formas de auto-organização da sociedade e sobretudo das camadas populares, criando o sentimento e prática da cidadania participativa” (CHAUÍ, 1995, p. 71) são traços posicionais que aparecem na administração Municipal do PT em São Paulo entre 1989 e 1992 (CHAUÍ, 1995). Algo semelhante também fora citado por um dos entrevistados que pertenceu à administração petista em Santos/SP neste mesmo período, o que pode ser averiguado nas transcrições disponíveis nos apêndices.

A visão administrativa em São Paulo segundo Chauí (1995) exigia:

[...] que em cada campo de atividade governamental fossem realizados três trabalhos simultâneos: **a mudança da mentalidade dos servidores públicos municipais**, a definição de prioridades voltadas para as carências e demandas das classes populares e **a invenção de uma nova cultura política**.

Do ponto de vista administrativo, tratava-se de fazer com os servidores públicos se considerassem cidadãos a serviço de outros cidadãos, em lugar de funcionários do aparelho estatal. Em outras palavras, tratava-se de quebrar o poderio burocrático,

fundado na hierarquia, no segredo do cargo e na rotina, isto é, em práticas antidemocráticas, **uma vez que a democracia funda-se na igualdade** (contra a hierarquia), no direito à informação (contra o segredo) e na invenção de novos direitos segundo novas circunstâncias (contra a rotina) (CHAUÍ, 1995, p. 71, grifos meus).

Na fala de T.N. pode-se perceber uma constância nesses procedimentos. Desse modo a administração Municipal do PT tanto em São Paulo quanto em Santos aparentam coesão interna e a possibilidade de instauração de auxílio mútuo.

Eu sou militante do Partido dos Trabalhadores desde 81. Não foi ontem, né? Nessa militância eu sou da Comissão Nacional de Educação, agora no PT, mas nós tínhamos desde o início do PT, nós tínhamos formação mensal, constante, periódica. Tinha o Instituto Cajamar, que era onde tinha as reuniões. Nessas reuniões, a gente foi definindo **os objetivos do partido** e os princípios que tem até agora. Não, os princípios são os mesmos. Se alguns violaram os princípios, violaram. Mas os princípios são os mesmos. Por isso que eu digo, eu fico no PT porque os princípios para mim continuam. Eu não negocie com ninguém... Eu não negocie com ninguém, agora sou Diretora Municipal, então vamos lá, né? Daí o que que eram essas reuniões? Eram justamente um dos objetivos do Partido dos Trabalhadores, um. Era a **organizar a população para maior participação social porque acredita que é na construção coletiva é que as coisas ficam de melhor qualidade**. Bom, partindo desse pressuposto, nas escolas teria que ter o **coletivo de professores** que sempre tem, **os diretores têm seu coletivo e os alunos têm seu coletivo. Coletivo dos alunos são os grêmios**. E aí, desses grêmios era, a discussão deles, dos alunos, do que era a escola para eles e qual seria a função deles, função social deles, dentro da escola (T.N., grifos meus).

Poder-se-ia presumir que a vinda de Paulo Freire a Santos para dar início ao incentivo do projeto de Grêmios potencializasse a ideia de que este educador renomado poderia ter influenciado na condução da política educacional santista, mas o que se apreende é que essa condução era ordenada partidariamente e não centrada em uma única figura.

É compreensível que tudo o que fora proposto por Telma de Souza e David Capistrano em Santos não tenha se efetivado plenamente, ainda que houvesse uma propositura e um direcionamento para tal. Todo planejamento passa pelo teste em sua execução, ainda mais num sistema fortemente hierárquico como o que a Educação formal é forjada.

O processo de redemocratização por meio dos Grêmios também ocorria nas escolas estaduais sob a jurisdição das Delegacias Regionais de Educação de Santos e São Vicente entre 1989 e 1990. Apesar disso, a compreensão sobre Grêmios ainda era difusa e de concepção diversa da implantada pela iniciativa posta pelo Município de Santos.

Ao percorrer as atividades de Grêmios Estudantis em escolas estaduais da Baixada Santista (Santos, Guarujá, Praia Grande e São Vicente), Pescuma (1990) elencou uma série de critérios que, ao seu ver, os caracterizariam como atuantes.

Os quesitos considerados para a classificação foram:

1. Os alunos deveriam ter condições de organizar-se;
2. Poderiam mobilizar-se sempre que julgassem necessário;
3. Conseguiriam reivindicar seus direitos (direito de receber uma formação sólida, de ter aulas com conteúdos acessíveis a seu estágio de desenvolvimento, além da possibilidade de emitir e discutir pontos de vista);
4. Promover atividades culturais, recreativas, esportivas e sociais para os demais alunos da unidade escolar;
5. Receber e criticar as propostas dos professores e da direção da escola que interferissem nas atividades propostas pelo Grêmio Estudantil;
6. Ter como razão de ser da instituição os interesses dos alunos e intervir na realidade da escola (PESCUMA, 1990).

Seguindo o desenrolar de sua dissertação, algumas questões se destacam. Entre elas, a questão do tempo para a dedicação à atividade Gremista. Isto costuma ser um empecilho já que não há possibilidade de reservá-lo dentro do planejamento da estrutura escolar. A organização dos horários nas escolas é bastante rígida e não contempla a existência de outra ordenação.

Outro tema apontado é o fato de que a convivência e as relações afetivas influenciam diretamente no sucesso ou insucesso da atividade Gremista que trabalha com desenvolvimento de coletividades.

Pescuma (1990) apontou tanto diretores de escola que buscavam abrir espaços para a participação dos alunos no espaço escolar, como os que eram severamente hostis a sua atuação, impedindo qualquer ação ou evolução possível. Esta dificuldade foi sentida até mesmo pela pesquisadora ao enfrentar fortes barreiras para acessar as escolas e realizar sua pesquisa de campo.

No ano de 1989, a longa greve dos professores estaduais foi apontada por Pescuma (1990) como o fator determinante na desarticulação Gremista. A falta de convivência diária do corpo discente gerou o distanciamento entre os membros dos Grêmios e seus pares causando uma desordem interna no movimento. Os poucos casos em que a organização Gremista resistiu ao período de greve foi devido à postura de um ajuntamento profícuo à direção escolar. A perda da autodeterminação encaminhava a ação Gremista para uma atividade secundária que não passava de um “pequeno grupo de alunos que colabora com a direção da UE, **quando solicitados**, auxiliando na execução de campeonatos, festinhas e excursões” (PESCUMA, 1990, p. 87, grifos meus).

Com isso, percebe-se que o poder de decisão dos alunos para modificar sua própria realidade de modo efetivo vai sendo progressivamente anulado, rebaixado. No ambiente escolar, como na sociedade, a participação fica limitada às decisões superficiais. A democratização aparente que se apresenta no espaço escolar mostra-se com outras faces na

sociedade, salientando que a estruturação do ensino formal é um reflexo da realidade social e econômica a que todos estão submetidos. O poder de decisão precisaria estar vinculado à igualdade, porém o estabelecimento dessa equivalência não poderia ser prioritariamente retórico.

Precisei de algumas décadas de trabalho duro, em um período de fortes agitações e reviravoltas históricas, para entender as complexas ramificações históricas e sociais da diferença vital entre o que é chamado de “mais igualdade” (que significa nenhuma igualdade real e o requisito historicamente irreprimível de igualdade substantiva). As sociedades democráticas liberais frequentemente afirmam sua pretensão de legitimidade política insuperável proclamando sua intenção de instituir reformas políticas que promovam a “democracia representativa” e “mais igualdade” (junto com “taxação progressiva” etc.) e prometendo proteger a sociedade da “interferência excessiva do Estado”. Na realidade, poucas dessas pretensões e intenções resistem a um exame sério (MÉSZÁROS, 2015, p. 61).

Outro fato corriqueiro apontado por Pescuma (1990) era a abstenção na continuidade da ação Gremista nas escolas. Há o relato de diretores de escolas estaduais visitadas que afirmavam que a grande mobilização acontecia até a eleição das diretorias dos Grêmios Estudantis. Após este evento, as reuniões e as Assembleias iam arrefecendo até chegar ao ponto de não mais se ouvir falar em Grêmios.

Desta feita, a referida pesquisadora procurou uma UE em que houvesse alunos que possuíssem tradição histórica nos Movimentos Estudantis. Porém encontrou nessa escola uma forte resistência feita pela diretora que buscava o desmoraonamento intencional da atividade Gremista. A gestora via na prática Gremista uma fonte de perturbações e tentava cercar atividades que levassem os alunos a realizar atos que já haviam sido desenvolvidos no passado.

Portanto, apesar de uma “seguridade” advinda da lei do Grêmio Livre, a utilização de mecanismos hierárquicos garantiria a manutenção de sistemas cristalizados e centrados na figura do diretor de escola, fato que nega os princípios básicos da Gestão Democrática.

No ponto de vista desta gestora, a atividade Gremista atrapalhava o andamento pedagógico. O Grêmio, por suas características democratizantes era considerado uma organização desinteressante para a diretora. Salientava a sua preferência pelos CCs (Centros Cívicos) pelo fato destes apresentarem-se como colaboradores diretos da escola na organização de “festinhas” e por ter fundamentalmente a figura de um professor tutelando os alunos. A meta de desmantelar a atuação dos Grêmios chegava a ter interferência direta da direção que utilizava o recurso da transferência compulsória de alunos líderes de movimentações estudantis ou a inserção de um novo grupo de alunos “mais dóceis” que se comportavam como seus assessores,

porta-vozes que serviam para interligar os anseios da direção ao corpo discente (PESCUMA, 1990).

Na movimentação estudantil da região da Baixada Santista no período tratado por Pescuma (1990), há a constatação do anseio pela retomada do prédio que pertencia aos estudantes (o CES), assim como a possibilidade de debater temas que os afetavam diretamente como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (L.D.B.), a adaptação do currículo escolar, questões políticas, as eleições presidenciais (que estavam em curso nesta época), assim como o questionamento de medidas que consideravam autoritárias ou arbitrarias no ambiente escolar (PESCUMA, 1990).

É interessante ressaltar o fato de que a resistência às possibilidades de questionamentos advindos do corpo discente é uma preocupação atual. Isso foi colocado como interesse central na implementação dos Grêmios Estudantis em 2014 na Prefeitura Municipal de Santos.

Na Delegacia de Ensino do Guarujá, pertencente à Diretoria Regional de Ensino de Santos, Pescuma (1990) constatou exceções e paradoxos. Por um lado, alguns diretores faziam a cessão de salas e de equipamentos, ofertando condições favoráveis ao fortalecimento do Movimento Estudantil. Por outro lado, alunos Gremistas relatavam o pouco interesse do corpo discente em participar.

Também houve unidades em que o diretor preferia não levar a discussão ao conhecimento dos alunos para com isto evitar a geração de mais um problema, obrigações, além das inúmeras que já eram atribuídas ao cargo de diretor.

Um dos Grêmios pesquisados por Pescuma (1990) estava em formação. Este Grêmio embrionário era benquisto por professores e funcionários por sua prontidão para a colaboração, servindo como assessores executivos da direção escolar, portanto, sem questionamentos. Eles auxiliavam as merendeiras durante o recreio e as serventes com campanhas e bons exemplos de manutenção da limpeza.

Ao se cogitar a atividade Gremista seria interessante pensar na abertura de espaços e no estímulo às práticas autônomas dos alunos. Deveria caber aos estudantes a decisão do que é relevante ou não para sua realidade, dentro do seu espaço. O cumprimento de determinações pré-estabelecidas e colocadas verticalmente não contribui para aumentar a sensibilidade destas percepções. A possibilidade de avaliar, de perceber, de identificar e buscar soluções para problemas e temas inerentes à escola poderiam contribuir para o desenvolvimento destes sujeitos.

É interessante notar que esse Grêmio em consolidação buscava uma autonomia de atuação. Contudo, o modo como os estudantes entendiam a autonomia ainda é apreendido de

maneira rudimentar. Seu poder de decidir ainda é bem limitado e é possível perguntar se haveria espaço para decisões mais contundentes.

Neste ponto, as trocas que poderiam ocorrer entre os Grêmios e as entidades estudantis teriam um potencial de alargar o olhar. Fechar-se dentro do contexto de uma UE, sem o estabelecimento de conexões, é algo que poda possibilidades. Entrelaçamentos poderiam ser aproveitados como processo educacional, já que haveria potencial relacional e de amadurecimento aos alunos. Apresentar relações dialéticas ao se permitir o acesso a orientações externas à ofertada dentro do ambiente escolar pode ser trabalhoso, porém poderia desdobrar alternativas frutíferas.

Após quase trinta anos, a partir dos relatos em Pescuma (1990), é possível questionar alguns pontos: será que as atividades Gremistas ainda se encontram no nível da participação, do ajudar a melhorar problemas cotidianos e não de um agir efetivo, na busca por uma modificação mais profunda do sistema escolar? A ausência da democratização na Educação, num geral, atravancaria as possibilidades de mudanças efetivas? Entende-se que, mesmo com limitações, a atividade Gremista pode transcender e colaborar dialeticamente para construções de outros significados e ações coletivas.

Na Diretoria Regional de Ensino de São Vicente, Pescuma (1990) encontrou um crescente trabalho de implantação dos Grêmios pelos Supervisores de Ensino. Após destrinchar os aspectos legais para a implementação, no final da década de 1980 seguiram-se vários encontros com os alunos com o intuito de efetivar a proposta.

O que se pretendia era a sensibilização dos alunos por intermédio de exemplos. Os componentes da Secretaria Estadual de Educação levaram os alunos à Câmara Municipal de São Vicente, onde os vereadores relacionaram os temas ligados: aos Grêmios, à Constituição Federal, ao direito ao voto aos dezesesseis anos, à Constituição Estadual e a Lei Orgânica do Município e durante o encontro os políticos deram testemunho de sua participação pessoal nos movimentos estudantis.

As falas estariam voltadas para a importância da organização das diferentes categorias e as conquistas trabalhistas. Buscava-se relacionar a organização estudantil com a organização dos trabalhadores por intermédio de retrospectivas históricas, evidenciando as consequências do golpe militar de 1964 e seus impedimentos para a participação popular. Esperava-se com isto incitar a retomada do processo interrompido pelo golpe militar, fortalecendo as escolas.

Um dos Grêmios pesquisados por Pescuma (1990) apresentava uma característica específica. Apesar de terem consciência da necessidade de organização entre os estudantes e de debaterem assuntos além das atividades estudantis e de atualidades, estes eram avessos aos

movimentos estudantis de caráter político-partidário. Citaram a decisão de proibir a participação de integrantes da UPES em suas reuniões por apresentarem fortes interesses políticos (queriam levar os alunos a uma filiação em determinados partidos ou induzi-los a agirem como cabos eleitorais de seus candidatos a presidente). Os alunos deste Grêmio preferiram separar a discussão de problemas políticos e sociais próprios de sua vivência, das discussões que envolviam militância partidária.

Pescuma (1990) relata que após um semestre de buscas e observações, encontrou um Grêmio atuante e bem organizado no Município de Praia Grande (Diretoria Regional de Educação de São Vicente).

Neste Grêmio ela constatou as condições que considerava adequadas a partir dos critérios de escolha que havia estabelecido anteriormente. Avaliou que este Grêmio poderia contribuir para uma pesquisa mais aprofundada ao verificar nele os fatores que contribuíam para a organização, a expressão e a mobilização dos alunos, que em sua interpretação eram pontos fundamentais para o favorecimento à atividade Gremista. Portanto, dentre outros Grêmios da lista de agremiações em funcionamento levantada no encontro ocorrido com os estudantes na Câmara Municipal de São Vicente foi com este que a pesquisa foi desenvolvida.

A escola do Grêmio pesquisado por Derna Pescuma (1990) estava próxima a um grande núcleo habitacional e atendia alunos de camadas sociais muito distintas. Lá moravam também “operários qualificados das grandes indústrias de Cubatão” (PESCUMA, 1990, p. 104).

Cumprir notar que o corpo docente desta escola era bastante estável, pois grande parte era formada por professores efetivos que tinham preferência na permanência nessa unidade devido ao clima de trabalho que era considerado harmonioso, descontraído, quase familiar. Havia estabilidade também na gestão escolar. Apesar do cargo de diretor estar vago na época a Assistente de Direção efetiva respondia pela unidade já há cinco anos (PESCUMA, 1990).

Tanto como na década de 1990 com ainda hoje, a instabilidade do quadro docente nas escolas é algo cada vez mais presente. Essa característica prejudica os processos de continuidade pedagógica que são relegados a segundo plano. A organização da estrutura escolar se estabelece por múltiplos critérios que não seriam genuinamente educacionais.

Esta estabilidade nos locais de trabalho, citada por Pescuma (1990), pode ter contribuído para ampliar o comprometimento e conseqüentemente amparado o empenho e o sucesso da atividade Gremista desta escola, apesar da mobilidade discente, causada pelo excesso de transferência.

Outras características da escola em que Pescuma (1990) localizou o Grêmio atuante foram: a reciprocidade no envolvimento da comunidade escolar com a comunidade local; a

ousadia da direção e dos professores em firmar sua autonomia de ação, mesmo quando tiveram que se negar a cumprir algumas determinações superiores postas pelo Governo do Estado de São Paulo, por intermédio da Delegacia de Ensino por não condizerem com as necessidades da comunidade escolar. Entretanto tanto professores, quanto alunos afirmavam respeitar a hierarquia.

A relação da comunidade local com a escola fora justificada pela pesquisadora ao constatar que o colégio funcionava como “um ponto de encontro” (PESCUMA, 1990, p. 106), já que na região de Praia Grande, onde ela estava localizada, não havia disponível outras opções de ação cultural aos moradores. Desta feita, todos passavam a se importar com esta unidade e a cuidar do prédio escolar. Os alunos cuidavam de ações diretas de limpeza e de conservação do patrimônio. O corpo discente também estava presente em ações civis e religiosas fora da escola (confeção de tapetes de Corpus Christi, palestras, concursos e discussões sobre a AIDS e sobre o uso de entorpecentes). Nesse sentido, Pescuma (1990) afirma:

Visto que meu interesse específico recai sobre o GE não me detive na atuação da APM, nem do Conselho de Escola, porém, várias vezes, a diretoria a eles fez alusão: “Posso afirmar que a APM, o CE e o GE são as instituições que mais me apoiam, pois são as que mais auxiliam a escola (...) APM tem por costume programar suas sessões de vídeo nos finais de semana na escola, e há quem fica (sic) assistindo a duas ou três sessões” (PESCUMA, 1990, p. 106).

Esse GE surgiu em 1988 por iniciativa dos alunos que foram procurar uma professora de História para esclarecer dúvidas sobre o funcionamento da atividade Gremista. Curiosamente os alunos desta escola, apesar do interesse na formação do Grêmio não haviam participado dos encontros propostos a nível regional e sub-regional pelo governo do Estado. Por isso não dispunham de materiais que os pudessem orientar, mas demonstraram interesse em participar de algum movimento estudantil.

Deve-se atentar que assim como na administração Telma de Souza em Santos, o momento histórico era favorável e estimulante por si, contudo esta UE apresentava características próprias que foram construídas em seu cotidiano e que impulsionavam relações mais democráticas. Os alunos desejavam o engajamento e a motivação era intrínseca.

Com os materiais conseguidos pela professora de História os alunos foram se organizando a seu modo desde a formação das chapas, as inscrições, as campanhas, ao processo eleitoral, deixando muito claro que a participação dos professores era mais na apreciação dos fatos do que na atuação direta. Não obstante, durante a campanha já houvera sido colocado ao corpo discente, junto com as propostas de trabalho, as limitações de ação do Grêmio. As

expectativas tinham alcance de realização dentro de um universo de atividades tais como: ativação das atividades da fanfarra, da horta escolar, da continuidade do jornal da escola, da promoção de desfiles e excursões e da promoção de participação democrática utilizando a caixa de sugestões, dentre outras iniciativas.

A aceitação do Grêmio entre os professores também era uma forte característica, sendo assim, os Gremistas não encontravam dificuldades de se ausentar das aulas para resolver questões do Grêmio. Entretanto, os alunos tinham a preocupação de utilizar este recurso com parcimônia e de modo esporádico para não comprometer a atividade pedagógica e não abusar da relação de confiança então existente entre os professores e Gremistas. As alterações no cotidiano causadas pela atividade Gremista eram enxergadas como positivas e válidas.

A afirmação da professora “E” de que “*os alunos desta escola são extremamente ativos*” não é apenas resultado de uma situação particular, ou de um momento isolado, mas consequência (sic) de toda uma estrutura escolar que contribui para (sic) isso ocorra (PESCUMA, 1990, p. 116).

Há de se ressaltar que a estrutura escolar promotora da construção de sujeitos singulares e coletivos está sempre delimitada aos aspectos pedagógicos sendo que não há transcendência a outros aspectos importantes. De acordo com Pescuma (1990):

Há configurada a presença de um sujeito coletivo constituído por um número significativo de professores e da diretoria da escola que vêm conseguindo envolver sempre um número maior de pessoas para as tomadas de decisões, principalmente, no que diz respeito aos aspectos pedagógicos. Grupos de estudos são organizados para discutir problemas referentes a conteúdos, para elaborar pautas de reuniões aos pais, enfim para resolver problemas do cotidiano escolar (PESCUMA, 1990, p. 117).

Há um encaminhamento que convence os envolvidos com a educação a priorizarem a discussão no âmbito pedagógico, a fim de resolver situações imediatas que possam comprometer tal aspecto, ainda que os grandes condicionantes da educação estejam fora dos muros escolares. Aparece declarado em Pescuma (1990), desse modo:

Refiro-me aqui ao diálogo entre iguais, numa relação horizontal, ocorrendo entre educadores. Nesse aspecto, considero (sic) diretora como pertencente ao grupo e não como alguém fora dele, defendendo interesses antagônicos, ou seja, interesses que não dizem respeito aos anseios dos elementos envolvidos na escola. Assim **ela não está preocupada em atender as solicitações dos órgãos superiores se estes não estiverem de acordo com a proposta de trabalho elaborada pela equipe da escola, através de um trabalho coletivo** (PESCUMA, 1990, p. 117 – 118, grifos meus).

Portanto, pode-se supor que neste período (final dos anos 1980 e início dos anos 1990) o entusiasmo que acompanhava o ritmo da redemocratização Nacional ampliava as possibilidades de efervescência de movimentos pontuais de resistência, apesar da estrutura hierárquica do sistema educacional. Desta feita, o estabelecimento de pressões passava a ser cogitável tanto dentre os estudantes, quanto entre os professores e gestores escolares.

Desta forma, de acordo com as conclusões apresentadas por Pescuma (1990), o Governo do Estado de São Paulo, utilizou-se da existência da Lei Federal para demagogicamente iniciar um gigantesco movimento para a instalação dos Grêmios Estudantis.

Conclui-se que o patrocínio estatal não foi garantia suficiente para a “presença atuante dos alunos dos GEs nas escolas” (PESCUMA, 1990, p. 122). Segundo sua percepção a lentidão desta construção e do trabalho agregado à atividade fazem com que haja a instauração de movimentos contrários, que se valem da falta de manejo do jovem para expurgar a atividade Gremista. É difícil tanto para o jovem quanto para a estrutura hierárquica escolar perceber “a importância e a dimensão da participação” já que na escola não há um princípio que assegure uma participação genuína que também inexistia na sociedade (PESCUMA, 1990, p. 126).

Essa participação não é acabada, é precária e, em alguns momentos, serve a outros interesses, alheios à democracia. No entanto, é através de avanços e retrocessos, num maior ou menor grau de participação, que se constrói o caminho rumo à democracia. E foi nesse percurso que os jovens conseguiram institucionalizar suas entidades estudantis, tanto a nível universitário como a nível de 1º e 2º graus (PESCUMA, 1990, p. 122).

A precariedade na Organização Estudantil não é algo isolado, mas sim o reflexo de uma sociedade que não apresenta uma sólida estrutura participativa. Em seu estudo, Cavazzani (2007) explicita diferentes modalidades de participação que sugerem reflexão sobre as condutas assumidas no ambiente escolar. A autora coloca as possibilidades de participação como: Participação pela participação; Participação **passiva**; Participação **efetiva**; Participação **como presença**; Participação **como expressão verbal e discussão**; Participação **como representação política**; Participação **como tomada de decisão**; Participação **como engajamento**.

Quanto à **participação pela participação**, Cavazzani (2007) diz ser aquela situação em que se abre espaço para debater, questionar, sem que haja, contudo, qualquer decisão sobre as questões propostas, resultando em um ato banal que aparentemente promove a participação, mas que não passa de omissão ou de uma maquiagem usada quando há uma cobrança, por uma gestão mais democrática.

A **participação passiva** é aquela em que a gestão aponta o que se deve ou que precisa ser feito, portanto a identificação da necessidade não parte de uma visão coletiva. As assembleias existem somente como meio de legitimação, como meio de referendar uma decisão.

Numa **participação efetiva** há de se garantir outra postura frente às questões que surgem. Faz-se necessária uma preocupação com a organização coletiva. Esta coletividade precisa estar envolvida em todos os atos, nas múltiplas etapas da ação, sem excluir sua escolha e planejamento. É necessário que se observe, analise, discuta, defina propostas, assuma responsabilidades coletivamente, assim como o compromisso com todo o processo e não somente cumprindo obrigações preestabelecidas.

A **participação como presença**, segundo Cavazzani (2007), parte do pressuposto de que o simples fato de pertencer a um grupo é o suficiente. Sua atuação é fator secundário, bastando a presença.

Ao entender **participação como expressão verbal**, abre-se espaço para a discussão, para a exposição de ideias, porém o caminho a ser tomado já está definido e encaminhado. Este espaço funciona somente para a comunicação de decisões. Esta forma de participação está ligada à participação passiva.

A **participação entendida como representação política**, parte do pressuposto de que por algum motivo não há como permitir a participação direta de todos e, mediante o voto, atribui-se o poder representativo a alguns indivíduos que reportarão demandas de uma instância a outra. No dia-a-dia das escolas vê-se a execução deste modelo nos Grêmios Estudantis, nas APM's, nos Conselhos Escolares, nas representações sindicais e em outras organizações semelhantes (Comissão de Formatura, Representante de classe etc.).

A **participação como tomada de decisão** pressupõe o compartilhamento do poder de decisão, das responsabilidades pelos rumos advindos por esta decisão, assim como das dificuldades e desafios.

No ambiente escolar pode-se perceber que a participação ocorre pontualmente quando se busca a solução para problemáticas. Entretanto, estes problemas, em muitos casos não são trazidos pela coletividade e sim pelo dirigente da unidade. Assim, os membros consultados não participam da análise da questão e de seus desdobramentos, ficando restritos à operacionalização pragmática do que é preciso fazer, reservando toda a significação da questão a um grupo seletivo de indivíduos, que no geral é a Equipe Gestora, quando não, é resumida somente à figura do diretor de escola.

A instalação de uma falsa democracia, de falsa possibilidade de participação é um fato constante no ambiente escolar, posto que se utiliza de artifícios para controlar o alcance

participativo. A **participação como engajamento**, que representa o nível pleno de participação é podada, cerceada de muitos modos. Ela pressupõe “uma atuação conjunta, superadora das expressões de alienação e passividade de um lado e autoritarismo e centralização de outro” (CAVAZZANI, 2007, p. 43).

Gonzalez e Moura (2010) colocam o fato de que a partir de 1990, com “a lógica da privatização; lógica que intensa e extensivamente orienta a produção de políticas sociais” (GONZALEZ e MOURA, 2010, p. 1) há uma ênfase dada à educação básica que é posta como prioridade pela Conferência Mundial de Educação para Todos, que foi realizada em Jomtien (Tailândia) no ano de 1990, pela UNESCO, UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e Banco Mundial. O documento traz diretrizes políticas que têm o propósito de fortalecer o Ensino Fundamental brasileiro. Este evento internacional, com a adesão do Brasil, pretendeu introduzir uma abertura de possibilidades mais democráticas no interior das escolas.

Segundo Libâneo (2012), a contradição posta por esta Conferência Mundial é que apesar de uma suposta declaração positiva para o Ensino Fundamental foi ela que implantou o declínio da escola pública. A partir de então houve o estabelecimento de uma escola do conhecimento para os ricos e escola de acolhimento social para os pobres.

A “bandeira da escola pública, gratuita e obrigatória para todos” e seus mecanismos tanto de acesso quanto de permanência são à primeira vista algo porque se valeria a pena lutar. A educação de qualidade, o atendimento às diferenças tanto sociais quanto culturais e a promoção de uma educação crítica são fatores tidos como soberanamente positivos e desejáveis, entretanto a retórica oculta (manobras desenvolvidas na implantação de algumas políticas colocadas por órgãos internacionais) que as defendem nos discursos, mas que na prática, acabam por distanciar as classes populares destes ideais (LIBÂNEO, 2012).

A primeira contradição mal resolvida seria o fator da relação quantidade e qualidade. O que se denomina “qualidade da escola”, ainda que seja um termo bastante utilizado, apresenta-se impreciso e é aplicado de modos muito distintos dependendo se é analisado sob um viés pedagógico, político, social ou econômico, impossibilitando uma concordância “mínima sobre os objetivos e as funções da escola pública na sociedade atual” (LIBÂNEO, 2012, p.15).

Libâneo (2012) assevera que na produção científica, os enfoques teóricos estão mais centrados nas análises sociológicas e políticas. Em seu artigo propõe um diagnóstico mais pedagógico ainda que amparado em estudos sociopolíticos. O autor salienta que seus debates visam:

[...] destacar o impacto negativo, nos objetivos e nas formas de funcionamento interno das escolas, das políticas educacionais de organismos internacionais, as quais se transformaram em *cartilhas* no Brasil para a elaboração de planos de educação do governo federal e de governos estaduais e municipais, afetando tanto as políticas de financiamento, quanto outras como as de currículo, formação de professores, organização da escola, práticas de avaliação etc (LIBÂNEO, 2012, p. 15).

As propostas da Conferência Mundial sobre Educação em Jomtien produziram um documento⁵⁷, porém este não foi a única. Depois houve outras: de Salamanca, de Nova Delhi, de Dakar e outras, todas “convocadas, organizadas e patrocinadas pelo Banco Mundial” (LIBÂNEO, 2012, p. 15).

Após todas estas conferências, o governo Itamar Franco, produziu no Brasil o Plano Decenal de Educação para Todos, que ficaria em vigência de 1993 a 2003. As diretrizes centrais deste documento preencheram as políticas para a educação tanto do governo FHC (1995-1998 e 1999-2002) quanto do governo Lula (2003-2006 e 2007-2010) com: a universalização do acesso escolar, o financiamento e o repasse de recursos financeiros, a descentralização da gestão escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais, os cursos EAD (ensino à distância), os sistemas de avaliação, as políticas do livro didático, a Lei de Diretrizes e Bases, etc.

Sustentamos que o referido pacote e o modelo educativo subjacente à chamada “melhoria da qualidade da educação”, do modo como foi apresentado e vem se desenvolvendo, ao invés de contribuir para a mudança no sentido proposto – melhorar a qualidade e a eficiência da educação e, de maneira específica, os aprendizados escolares na escola pública e entre os setores menos favorecidos – está, em boa medida, reforçando as tendências predominantes no sistema escolar e na ideologia que o sustenta, ou seja, as condições objetivas e subjetivas que contribuem para produzir ineficiência, má qualidade e desigualdade no sistema escolar (TORRES, 1996, p. 127 apud LIBÂNEO, 2012, p. 16).

Os antagonismos se apresentam apesar dos atrativos sedutores postos pelas conferências. Estas incompatibilidades se fazem evidentes porque estão assentadas sobre bases que:

[...] têm o aspecto de soluções evasivas para os problemas educacionais. Tais soluções estariam baseadas na ideia de que, para melhorar a educação, **bastaria prover insumos** que, atuando em conjunto, incidiriam positivamente na aprendizagem dos alunos (por exemplo, os ciclos de escolarização, a escola de tempo integral, a progressão continuada, a gratificação financeira a professores, a progressão continuada e, recentemente, a implantação do *Exame Nacional de Ingresso na Carreira Docente*) (sic), deixando de considerar fatores intraescolares que mais diretamente estariam afetando a qualidade da aprendizagem escolar (LIBÂNEO, 2006 apud LIBÂNEO, 2012, p. 16, grifos meus).

⁵⁷ Declaração Mundial da Conferência de Jomtien.

Libâneo (2012), não esquece que tanto as vozes que lamentam pelo presente, desejosas do retorno da “escola tradicional”, até as que defendem uma escola mais assistencial e voltada para a “missões sociais”, estão no mesmo dilema que as colocam dentro do desconexo objetivo da função escolar.

No Brasil há o império de uma polarização educacional onde se assentam, numa ponta, as escolas públicas e sua política “do acolhimento social, da integração social, voltada aos pobres e dedicada, primordialmente, a missões sociais de assistência e apoio às crianças” (LIBÂNEO, 2012, p.16) e na outra extremidade “estaria a escola assentada no conhecimento, na aprendizagem e nas tecnologias, voltada aos filhos dos ricos” [e da classe média] (LIBÂNEO, 2012, p.16).

A escola do acolhimento, patrocinada pelo Banco Mundial, por intermédio das conferências e declarações que terminaram por fincar reformas educacionais neoliberais, diagnosticam que a “escola tradicional”:

[...] está restrita a espaços e tempos precisos, sendo incapaz de adaptar-se a novos contextos e a diferentes momentos e de oferecer um conhecimento para toda a vida, operacional e prático. Além disso, o insucesso da escola tradicional decorreria de seu modo de funcionar, pois ela está organizada com base em conteúdos livrescos, exames e provas, reprovações e relações autoritárias. Busca-se, então, outro tipo de escola, abrindo espaços e tempos que venham atender às necessidades básicas de aprendizagem (reduzidas, como veremos adiante, a necessidades mínimas), tomadas como eixo do desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, a escola se caracterizará como lugar de ações socioeducativas mais amplas, visando ao atendimento das diferenças individuais e sociais e à integração social. Com apoio em premissas pedagógicas humanitárias, concebeu-se uma escola que primasse, antes de tudo, pela consideração das diferenças psicológicas de ritmo de aprendizagem e das diferenças sociais e culturais, pela flexibilização das práticas de avaliação escolar e pelo clima de convivência – tudo em nome da intitulada educação inclusiva (LIBÂNEO, 2012, p. 17).

Portanto, o encolhimento curricular nas escolas destinadas aos que não podem pagar é substituída pela sociabilidade. A “velha escola” que colocava o conhecimento e o conteúdo como cerne, agora passa a ser mal vista, já que para a população mais pobre não haveria utilidade imediata que justificasse a formação de “grandes intelectuais”.

A inversão da escola “boa” e pública em que o governo investia recursos centrados na aquisição de conhecimento por alguns eleitos, agora converteu-se numa escola pública de baixa qualidade para todos, centrada na sociabilidade. O investimento de fundos agora feito pelo Estado teria a utilidade prática de forjar futuros funcionários para o mercado de trabalho. A obediência cordata, porém, esvaziada de mecanismos para uma reflexão mais profunda das

condições a que serão impostos, criando uma geração mais reativa e centrada na subsistência não permitiria a formação de uma grande massa de intelectuais orgânicos ativos.

O resultado dessa transposição da escola pública em uma escola instrumental que apresenta um “pacote restrito e elementar de destrezas úteis para a sobrevivência e para as necessidades imediatas e mais elementares das pessoas” (TORRES, 2001, p. 40, apud LIBÂNEO, 2012, p. 18) serviria mais aos interesses econômicos do que aos educacionais, centrados na humanização.

A fecundação de uma escola para a integração social, para o acolhimento aos ritmos e diferenças que acaba por colocar o desenvolvimento cognitivo e emocional em segundo plano, proposto na Declaração Mundial sobre Educação para Todos de 1990, apresentaria uma dualidade perversa já que “Lido sem intenção crítica e sem a necessária contextualização, esse documento apresenta um contexto muito atraente, chegando a surpreender o leitor com suas **intenções humanistas e democratizantes**” (LIBÂNEO, 2012, p. 17, grifos meus). A suposta boa vontade precisaria sofrer uma análise criteriosa de suas bases implantadas pelas políticas educacionais:

Tão boas intenções parecem, à primeira vista, compatíveis com **uma desejada visão democrática da escola** para todos e até com uma visão renovada das políticas educativas. No entanto, esses conceitos necessitam ser examinados com base nas políticas globais definidas pelos organismos internacionais para os países pobres (BIRD, PNUD, BID, UNESCO, UNICEF), de modo a obter o significado contextualizado de tais termos (LIBÂNEO, 2012, p. 18, grifos meus).

O acesso às formas superiores do conhecimento e do pensamento, que deveria ser o objetivo principal da escola, é depreciado. Esse processo estende-se não só à educação, mas à saúde, ao saneamento básico, à alimentação, à segurança pública etc. Só há garantia a uma aquisição mínima que segue sendo espremida e minimizada gradativamente, utilizando-se as sucessivas “crises” como justificativa (LIBÂNEO, 2012).

Os ajustes estruturais na educação apresentam-se expressos na constituição das competências como critério avaliativo. De acordo com a declaração de Jomtien, a aquisição dos comportamentos desejáveis, assim como as capacidades e atitudes necessárias para viver [ou sobreviver] seriam suficientes.

Desse modo, a visão ampliada de educação converteu-se em uma visão encolhida, ou seja: a) de educação para todos, para educação dos mais pobres; b) de necessidades básicas, para necessidades mínimas; c) da atenção à aprendizagem, para a melhoria e a avaliação dos resultados do rendimento escolar; d) da melhoria das condições de aprendizagem, para a melhoria das condições internas da instituição escolar (organização escolar) (TORRES, 2001, p. 29, apud LIBÂNEO, 2012, p. 18). [...] Têm-

se, assim, traços básicos das políticas para a educação do Banco Mundial: a) reducionismo economicista, ou seja, definição de políticas e estratégias baseadas na análise econômica; b) o desenvolvimento socioeconômico necessita da redução da pobreza no mundo, por meio da prestação de serviços básicos aos pobres (saúde, educação, segurança etc.) como condição para torná-los mais aptos a participarem desse desenvolvimento; c) a educação escolar reduz-se a objetivos de aprendizagem observáveis, mediante formulação de padrões de rendimento (expressos em competências) como critérios da avaliação em escala; d) flexibilização no planejamento e na execução para os sistemas de ensino, mas centralização das formas de aplicação das avaliações (cujos resultados acabam por transformarem-se em mecanismos de controle do trabalho das escolas e dos professores) (LIBÂNEO, 2012, p. 19).

Os Grêmios Estudantis não ficaram a parte dessa movimentação mundial. O pragmatismo economicista apresenta-se inserido nos projetos educacionais. A utilização desse e de outros projetos para sanar questões geradas pelas desigualdades sociais seria algo improdutivo e insustentável a longo tempo, ao se compreender que:

[...] não há justiça social sem conhecimento; **não há cidadania** se os alunos não aprenderem. Todas as crianças e jovens necessitam de uma base comum de conhecimentos, junto a ações que contenham o insucesso e o fracasso escolar. É claro que a escola pode, por um imperativo social e ético, cumprir algumas missões sociais e assistenciais (a escola convive com pobreza, fome, maus tratos, consumo de drogas, violência etc.), mas isso não pode ser visto como sua tarefa e sua função primordiais, mesmo porque a sociedade também precisa fazer sua parte nessas missões sociais e assistenciais (LIBÂNEO, 2012, p. 26).

As contradições evidenciam-se e há de se fazer um esforço para evidenciar o papel da escola, seu objetivo primeiro enquanto local capaz de “prover aos alunos a apropriação cultura e da ciência acumuladas historicamente, como condição para seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral, e torná-los aptos à **reorganização crítica de tal cultura**” (LIBÂNEO, 2009, apud LIBÂNEO, 2012, p. 23, grifos meus).

A escola, ao atender sua tarefa básica, constitui-se numa importante instância democratizante da sociedade pela inclusão social. A mediação escolar (pela linguagem) forma os mecanismos internos de orientação da personalidade e reconstrói indivíduos (e por conseguinte a cultura). É pela interação com outros indivíduos e seus processos interp-síquicos, que nascem os processos intrapsíquicos que possuem a capacidade de originar deslocamentos alternativos (LIBÂNEO, 2012).

Como a educação básica é evidenciada nas conferências e nos documentos nascidos delas, há um impulsionamento à “presença das entidades representativas da comunidade escolar como o Grêmio Estudantil, a Associação de Pais e Mestres e o Conselho de Escola” (GONZALEZ e MOURA, 2010, p. 1). Se bem que os autores evidenciam que a intenção é

direcionar a participação, para a participação em trabalhos voluntários e solidários, que enfatizam uma aparência de Gestão Democrática no ambiente educacional.

Segundo os autores, o Grêmio Estudantil ganha um novo contorno dentro da escola,

[...] tendo como tarefa central a realização de ações voluntárias por propostas de **sensibilização da juventude para a necessidade do trabalho solidário**. O núcleo dessas iniciativas reside no denominado protagonismo juvenil que tende a ocupar o tempo livre dos jovens envolvendo-os em uma prática que tem na **resiliência seu caminho ideal** e que objetiva a busca por soluções imediatas dos problemas que surgem na comunidade escolar e/ou no seu entorno [...]. A dinâmica desse processo é pautada pela presença do governo [...] [que] elabora vários documentos incentivando a construção do Grêmio Estudantil e direcionando o trabalho a ser desenvolvido **em consonância com as diretrizes da nova política educacional subsidiadas pela intervenção dos órgãos internacionais** (GONZALEZ e MOURA, 2010, p. 2, grifos meus).

O Grêmio Estudantil, devido a índole burocrática do sistema escolar, pode perder o caráter democrático e reivindicatório, de participação ativa na tomada de decisões, e passar a ter um temperamento puramente de sensibilização da juventude para o trabalho colaborativo. Algo muito próximo de um voluntariado direcionado para a participação num nível mais elementar, sem poder de decisão substantivo, numa manobra que dissimula sua real intenção. Assim, os Gremistas são conduzidos a um amoldamento às estruturas existentes “lubrificando as engrenagens”.

A instalação do individualismo no sistema em que se está imerso, abre questionamentos sobre as possibilidades de participação social e perturba oportunidades na atividade Gremista. Há um embate iminente entre a meritocracia e uma educação solidária e participativa.

Tais modelos são contemplados também em parcerias com a iniciativa privada que tratam da participação estudantil na escola. A fusão entre o valor da participação e o exercício da democracia mostra-se de modo difuso, gerando interpretações ambivalentes. Lendo-se as propostas que surgem, notam-se bons e convincentes argumentos, além de dados comprovatórios. O que fica oculto é a condução para o apassivamento do sujeito que convencido de seu ofício de cumpridor de regras, acaba imbuído de seu papel de colaborador. Nessa perspectiva a revolta e a discordância são apagadas em nome da manutenção de um clima de estabilidade mais confortável, anulando as contradições inexoráveis da vida.

O tema da participação dos jovens vem recebendo um crescente interesse. Institutos não governamentais estão investindo diretamente nesse quesito, assim como na Gestão Democrática e na educação integral. Podem-se ilustrar tal fato, com as parcerias entre escolas públicas e os

Institutos Unibanco⁵⁸ e Ayrton Senna⁵⁹. Tais parcerias desenvolvem propostas ligadas aos conceitos de participação pela atuação nos conselhos de escola, pelo protagonismo juvenil, ligando-os à educação integral e ao desenvolvimento de competências socioemocionais, que são habilidades não cognitivas ligadas ao progresso e a avaliação da perseverança, do autocontrole, da curiosidade, do otimismo, da colaboração, da confiança, da autodisciplina, do compromisso, de sociabilidade, da empatia, da estabilidade emocional, etc. Oferecem como objetivo a construção de soluções para a educação pública, propostas flexíveis que se adaptam a diversas realidades educacionais e a propositura de ofertar inovações.

Para ilustrar essas iniciativas pode-se citar a proposta de Educação Integral que o Instituto Ayrton Senna desenvolve em parceria com a Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina. Essa atividade recebe apoio do Instituto Natura, do Movimento Santa Catarina pela Educação, do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento)⁶⁰ e da FIESC (Federação das Indústrias de Santa Catarina) e da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Nessa proposta há, além da formação, do acompanhamento e da avaliação para o incentivo da Educação Integral, a elaboração de modelos de currículos que “são validados e aprimorados em escolas da rede, onde educadores e estudantes se tornam coautores das soluções desenvolvidas” (INSTITUTO AYRTON SENNA, n.d., n.p.). A comunicação e a formação (tanto presencial como EAD) são fatores fundamentais para o êxito do programa, conforme se observa no 1º Boletim informativo – Educação Integral publicado em 23 de fevereiro de 2017.

A cada encontro realizado temos tido a oportunidade de avançar nos conhecimentos sobre o Programa e isso vai nos fortalecendo como **uma verdadeira comunidade de sentido e de práticas**, pois pudemos ver que já tem muita gente com a mão na massa, fazendo acontecer em suas escolas!!! (1º BOLETIM INFORMATIVO EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2017, n.p., grifos meus).

⁵⁸ Segundo o site do Instituto Unibanco, ele foi criado em 1982 e sua atuação persegue a melhoria da educação pública no Brasil. [...] “Com foco na melhoria dos resultados e na produção de conhecimento sobre o Ensino Médio, o Instituto Unibanco dedica-se a elaborar e implementar soluções de gestão – na rede de ensino, na escola e em sala de aula – comprometidas com a capacidade efetiva das escolas públicas de garantir o direito à aprendizagem de todos os estudantes. Busca ainda a institucionalização, nas redes de ensino, de uma visão orientada para a sustentabilidade dos resultados de aprendizagem e da equidade entre as escolas e no interior de cada uma delas” (Instituto Unibanco, n.d., n.p.).

⁵⁹ O Instituto Ayrton Senna é uma organização sem fins lucrativos que trabalha para ampliar as oportunidades de crianças e jovens por meio da educação (Educação para o século 21, n.d., n.p.).

⁶⁰ BID (em inglês *Inter-American Development Bank, IDB*) - organização financeira internacional criada em 1959 com sede na cidade de Washington, Estados Unidos. Tem o propósito de financiar projetos viáveis de desenvolvimento econômico, social e institucional e promover a integração comercial regional na área da América Latina e do Caribe.

O desenvolvimento de competências visa uma mudança de cultura já que de acordo com o escritor e jornalista americano Paul Tough (autor do livro “Uma questão de caráter”) as habilidades relacionadas às competências socioemocionais não são natas e podem/devem ser ensinadas, aprendidas e praticadas tanto nas escolas como nos lares. Estas habilidades deveriam ser priorizadas pois gerariam um novo modo de ver o mundo, desembaraçando conflitos e instaurando um clima colaborativo. A principal justificativa para o êxito da proposta é seu relacionamento direto com a melhora do clima de boa convivência entre os alunos e no desempenho escolar, conforme pode-se perceber no relato do monitoramento posto a seguir:

Resultados

Desde 2017, a parceria vem promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes de Santa Catarina e abrindo caminhos para **resultados promissores**. Em monitoramento realizado pelas equipes, foi identificado que, nas escolas com a proposta, os estudantes tiveram desempenho 12,3% superior em Língua Portuguesa e 9,4% em Matemática em comparação com escolas que não tiveram a parceria, além de taxa de aprovação 18% superior nos dois casos (INSTITUTO AYRTON SENNA, n.p., grifos do autor).

O bom desempenho se dá ao voltar cada aluno para análise de si, daquilo de deve assumir para melhorar o ambiente em que está inserido assim como de seu desempenho pessoal, como aparece no item citado abaixo:

INTEGRAÇÃO DE COMPETÊNCIAS Nessa proposta de educação integral, o currículo é todo orientado para o desenvolvimento integrado de competências, destacadas em uma matriz com oito tópicos: **Autoconhecimento, Colaboração, Abertura para o novo, Responsabilidade, Comunicação, Pensamento crítico [para analisar no que pode colaborar], Criatividade [para solucionar problemas que dificultem o avanço da proposta] e Resolução de problemas**. Todas potencializam a Autonomia dos jovens. **Competências são capacidades para mobilizar, articular e colocar em prática conhecimentos, atitudes e habilidades em diversas situações da vida**. Envolvem tanto os aspectos cognitivos - de raciocínio, memória e compreensão - quanto os **socioemocionais, voltados para lidar com as próprias emoções, se relacionar com os outros e atingir objetivos**. Os dois aspectos (cognitivos e socioemocionais) são fundamentais para **a aprendizagem e o bem-estar**. Na escola, essa matriz apoia o estudante a conhecer melhor suas próprias capacidades, mantendo a diversidade entre as pessoas (INSTITUTO AYRTON SENNA, n.p., grifos meus).

Já o Instituto Unibanco demonstra em seu projeto como melhorar a gestão escolar por intermédio da participação estudantil. Evasão escolar, acesso antecipado aos problemas surgidos entre os alunos e a criação de um clima mais cordial e de diminuição da indisciplina (pela abertura de um canal de diálogo e pela participação na elaboração das normas de convivência) são alguns dos fatos positivos apontados para a manutenção e aprovação da

iniciativa. Como há a sugestão dos alunos cria-se uma rede de apoio à ação dos gestores escolares, fator apontado entre as vantagens de abrir espaços para o protagonismo jovem.

O sentimento de pertencimento a um grupo é importante para combater a evasão escolar, principalmente numa fase da vida em que é especialmente importante para os jovens se sentirem bem na escola, construindo relações de amizade e confiança (INSTITUTO UNIBANCO, 2016, p.2).

Apesar das contribuições apontadas pode-se perceber um finalismo neste tipo de educação. Em entrevista concedida por Rosa María Torres ao Portal Aprendiz, a pedagoga e especialista em educação básica salienta que a reorganização escolar (que envolve os sujeitos, os tempos, os espaços, os conteúdos e a pedagogia) mencionadas nas diretrizes curriculares, estão em dissonância com o Plano Nacional de Educação, que está organizado para atender metas quantitativas que segundo a entrevistada “parecem considerar somente o início e fim dos processos” (BASÍLIO, 2014, n.p.).

Essa inclinação tende a colocar a avaliação num patamar mais importante do que desejado, ocultando a questão de uma educação que poderia ser mais voltada às diversas dimensões de desenvolvimento do sujeito, conforme se observa a seguir:

Essa descontinuidade, a seu ver, acaba por perpetuar a cultura da avaliação, que tem por prática reduzir pessoas a pontuações. Lógica, segundo ela, perversa e permeada em toda a América Latina. Ainda assim, Rosa María julga fundamental que os países tragam para si os debates sobre seus métodos avaliativos, sob a pena de invalidar todos os demais processos educacionais (BASÍLIO, 2014, n.p.).

A questão a ser repensada partiria para outro patamar: a mudança da reprodução globalizada da cultura escolar e dos motivadores da construção dessa cultura. A massificação educacional estaria se prestando mais a responder às demandas econômicas do que ao interesse de desenvolvimento humano. Partindo-se desta hipótese, as necessidades materiais impostas pelo sistema dominante atravancariam o desenvolvimento de uma educação voltada para o sujeito e não para a manutenção da geração de lucro. Perder-se-ia deste modo a missão principal da escola defendida por Torres: a descoberta de talentos.

Segundo a especialista, a Finlândia tem um sistema inverso ao que os outros países propõem; o país tem a jornada escolar e o calendário educativo mais curto da Europa e as horas em sala de aula também são reduzidas em prol de recreios maiores. Mas, a escola permanece aberta durante as férias, com atividades recreativas, culturais e de lazer. “As bibliotecas, além de abertas o ano todo, são repletas de atividades, incentivando o acesso e a relação da juventude com os livros”, comenta, lembrando que o país tem a maior população leitora do mundo.

Para Rosa María, **é preciso questionar a cultura escolar vigente**, afirmando que “não está escrito em nenhum lugar que ela tem que ser a mesma em todos os países”. Para tanto, ela incentiva que como sociedades plurais **questionemos o fato da cultura escolar se apresentar de maneira surpreendentemente igual em todo o mundo, independentemente da diversidade cultural do mundo**. Em sua leitura, diferente do discurso de alguns organismos internacionais, **está instalada uma crise global de ensino, e não de aprendizagem** [...] (BASÍLIO, 2014, n.p., grifos meus).

A questão do fracasso escolar apresenta-se como um dos motores para a instalação de sucessivos projetos nos sistemas de ensino público. Esse discurso tentaria ocultar a necessidade de uma discussão mais ampla e aprofundada sobre as causas das contrariedades. Entretanto o que se coloca é a criação de propostas que visariam os efeitos e não as causas, domando possíveis dificuldades e não buscando resolvê-las.

Capítulo IV - Os Grêmios Estudantis Municipais em Santos após o período de Redemocratização

Com a propositura partidária exposta e partindo da fala dos entrevistados, assim como das publicações no Diário Oficial do Município de Santos, buscou-se descrever o processo de ideação e de execução dos Grêmios Estudantis nas gestões municipais da Prefeitura Municipal de Santos.

Partindo do contexto dos projetos, no entendimento de seus processos e na reflexão sobre os encaminhamentos dados aos delineamentos, tanto da proposta efetivada nas gestões Telma de Souza / David Capistrano, quanto na propositura em curso na administração de Paulo Alexandre, há a justificativa de sua necessidade como um viés que garantiria a contribuição para a melhoria qualitativa da educação pública Municipal em Santos. Ambas vislumbraram possibilidades na formação de sujeitos dentro da construção desse espaço.

Os acirramentos analisados nos projetos de Grêmios apontaram o modo como os encaminhamentos dados nos governos, assim como o exame das proposições, construíram uma lógica interna que justifica os direcionamentos avultados.

Intentou-se durante o processo de pesquisa estimar como as posturas defendidas podem ou não aparecer na condução dada à concepção e à composição da atividade Gremista nas escolas municipais.

A atenção será voltada para os processos formativos encaminhados dentro dos Grêmios Estudantis, dado o fato de que o ideal da participação de todos, do protagonismo juvenil, do incentivo ao voluntariado, da hierarquização escolar e da nova cidadania podem não coadunar com os discursos desenvolvidos em torno destes termos.

Seria dentro desta visão, deste entendimento de democracia e de cidadania que a proposta construída na gestão do prefeito Paulo Alexandre Barbosa seria encaminhada e o que o projeto de Grêmios Estudantis seria forjado em Santos a partir de 2013.

Na administração de Paulo Alexandre, os Grêmios são trabalhados como um projeto, dentre outros projetos que a Secretaria de Educação oferece por intermédio da SEPROJE (Seção de Projetos Educacionais Especiais do Departamento Pedagógico da SEDUC/Santos). De acordo com a fala dos envolvidos na ideação do projeto, os Grêmios nascem do desejo de alavancar o protagonismo juvenil nas escolas. Já nas administrações Telma de Souza e David Capistrano no Município de Santos sustentou-se um ideário Gremista diverso. Sua datação

histórica era propícia para uma concepção diferente dos entendimentos do protagonismo juvenil.

A seguir, será apresentado na descrição do estudo, um compilado unindo as falas dos sujeitos de pesquisa, assim como as documentações desenvolvidas para a construção política, ideológica e pedagógica do projeto de Grêmios nas administrações de Telma de Souza / David Capistrano e de Paulo Alexandre. Há também o registro da existência de uma iniciativa Gremista na gestão de João Paulo Tavares Papa.

1) A primeira iniciativa - Grêmios Municipais Santistas de 1989 até 1996. Administrações Telma de Souza (1989 - 1992) e David Capistrano (1993 - 1996).

Os entrevistados ao retratar as características da administração Telma de Souza e os encaminhamentos dados ao projeto de Grêmios tentaram evidenciar como a preocupação com a formação e as organizações populares esteve presente na proposta de governo. A premissa da atividade Gremista no final da década de 1980 até meados dos anos 1990 deixavam transparecer um olhar mais voltado à construção da organização coletiva. O exercício da cidadania e a democratização do espaço escolar eram preocupações fundantes e caminharam junto ao projeto de Grêmios.

2) O ideário da educação como formação pela coletividade

A ideação do projeto de Grêmios não ocorreu isoladamente dos processos que estavam sendo instaurados em todas as Secretarias da Prefeitura.

Para as escolas havia um plano de conscientização para a participação que não visava somente os alunos, mas também os professores, os funcionários e os pais. Os Grêmios serviam para a construção da coletividade dos alunos, assim como se esperava a ordenação dos tempos e espaços que garantissem a existência de organização por coletivos aos outros membros envolvidos na atividade escolar. A proposta era de dar voz a quem não tinha visto que, as decisões estavam muito centradas na figura dos diretores e supervisores de ensino.

A função social do aluno dentro das escolas foi exacerbada de modo muito diverso da cultura existente até então, o que veio a causar estranhamentos e resistências por parte das

Equipes Técnicas que não estavam acostumadas a dividir o poder de decisão com os outros membros da comunidade escolar presentes na propositura da Gestão Democrática.

Para facilitar o início do processo de mudança, várias reuniões formativas com diretores, coordenadores e supervisores foram realizadas a fim de que se entendesse a importância da participação de todos e da necessidade dos Grêmios neste processo. O apassivamento discente deixara de ser o ideal proposto.

De acordo com T.N. houve grande dificuldade neste intento, pois nem professores e dirigentes de escola entreviam a importância da participação. Percebiam-se somente como cumpridores de ordens preestabelecidas hierarquicamente. Na ocasião o Município não tinha autonomia sobre seu sistema de ensino, sendo que a então Delegacia de Ensino Estadual estabelecia todos os processos, à revelia das considerações que ascendiam daqueles que estavam no cotidiano escolar.

Nessa ocasião a convocação das Equipes Técnicas para ações de formação era bastante frequente, já que se buscava derrubar a cultura vigente que era voltada para o mando e o cumprimento de ordens dentro de uma hierarquia. Não havia espaços reservados à reflexão e a proposição coletiva. O entrave se encontrava na compreensão do direito à educação e do direito de ser respeitado como diferente. Conforme pode-se averiguar em Carlos (2006) a hierarquia apresenta-se como algo presente nas instituições⁶¹, que “Da perspectiva sociológica, é uma estrutura social básica com caráter de relativa permanência e identificável pelo valor de seus códigos de conduta, alguns deles expressos em leis”.

Concepções diversas presentes no sistema educacional do Município eram entendidas de modo diverso pelos trabalhadores da educação. Segundo T.N., devido ao caráter altamente hierárquico da cultura escolar vigente na ocasião, ouvir o aluno e valorizar os saberes trazidos da família, não pertencia às pautas educacionais. Esta preocupação era constante já que a construção era conjunta. Não havia como seguir em um direcionamento democrático com os alunos sem que o restante da comunidade escolar, em especial os diretores de escolas, entendessem e ajudassem a conduzir o processo.

Então, de certa forma, foi influenciando no funcionamento da escola. Movimento, né, bem? Que elas não querem, não queriam. Aí sabe, eu era minoria, sempre tem aquela gente que, uma minoria que quer destruir o que você... ou tem medo. Nós estamos

⁶¹ A palavra instituição é originária do latim: *institutio*, *institutionis*, que quer dizer ato de instituir, criar, estabelecer; ou associação ou organização social, educacional, religioso, filantrópico. [...] A instituição opera com limites próprios, o que significa dizer que ela conta com atribuições de poder tanto internas como no que se refere a outras instituições a ela subordinadas ou que com ela estabelecem conexões. É, pela sua natureza, produtora de desigualdade: portanto de hierarquia (CARLOS, 2006, p. 20).

estudando isso no Deleuze; professor tem medo do novo. Então, toda inovação, ele tem tanta, de certa forma, responsabilidade de que a criança aprenda que eles acham que se é novo, ela pode não aprender e ele vai ser culpado por a criança não aprender. Então também tem o professor aqui no meio, que é bom, as formações dos professores eram muito sérias. Toda semana. Duas horas ali. Para você ter uma ideia o que enfrentamos. HTP, hora de trabalho pedagógico. Que não era para fazer tricô e nem crochê e nem fazer nada. É para estudar, para colocar as dificuldades que tem e discutir as estratégias de solução coletivamente. Essa é a formação do professor. E aí você sabe, porque eles não queriam nada, deixavam na hora e também discutiam os textos, né? A formação teórica. Hora de Trabalho Perdido. Não conseguiam ligar a questão teórica a prática pedagógica. Ou Hora de Terrorismo Petista. Porque tinha que estudar os textos. Tudo isso aguentou [...] é terrorismo petista. Vai estudar. Vamos estudar. Porque nós não nascemos sabendo e vamos aprender. Só depois da morte que a gente para (T.N.).

Segundo T.N. houve muita resistência e medo. As inovações geravam insegurança e novas responsabilidades desestabilizando o sistema, fazendo se temer um possível fracasso. Os profissionais da educação viam o governo como algo provisório, já que dependiam de eleições, e que havia o risco deles enquanto funcionários públicos serem culpabilizados pela população, caso o programa não correspondesse ao esperado.

Para driblar as dificuldades detectadas na concepção do sistema educacional, na visão da equipe que conduzia as ações da Secretaria de Educação à época, o projeto de Grêmios teve que contar com uma estruturação que permitisse a transposição de barreiras. As soluções implantadas para enfrentar a resistência ao desenvolver o movimento Gremista serão descritas a seguir.

3) A implantação dos primeiros Grêmios Municipais Santistas após a redemocratização - narrativa do desenvolvimento do processo pela voz dos sujeitos de pesquisa

A mudança radical na política educacional da gestão Telma de Souza e as resistências geradas, conforme os relatos dos entrevistados teriam afetado o projeto de Grêmios. Muitos diretores de unidades escolares não gostavam da ideia da participação discente por não entenderem como alunos tão jovens poderiam ocupar espaços de decisão. Com o movimento contrário à ampliação dos espaços de participação, a proposta trazida na administração de Telma de Souza e estendida na gestão David Capistrano teve que se preocupar com detalhes que assegurassem sua efetivação como demandar a criação de locais de acomodação. Fazia-se necessário reservar um espaço físico e uma logística, dentro das escolas, para que fosse possível viabilizar as reuniões dos Grêmios Estudantis.

Apesar das diferenças nas gestões de Telma de Souza e de David Capistrano (devido às coligações partidárias diversas), o Projeto de Grêmios Estudantis permaneceu inalterado em seu princípio vital e conservou o mesmo jovem para dar apoio aos dirigentes Gremistas.

Para que os alunos se enxergassem num papel mais ativo e buscassem alternativas havia o fomento da troca de experiências entre os Grêmios. Estes se encontravam de dois em dois meses e nessas reuniões ajudavam-se mutuamente na concepção e entendimento de seus papéis, assim como, no levantamento de possibilidades.

A implementação do projeto e seu acompanhamento também foi realizada valendo-se da figura de jovens com quem os Gremistas pudessem se identificar e construir uma proximidade com a administração pública. A eles cabia fazer as mediações necessárias sem que pudessem instituir qualquer tipo de determinação. Sendo assim, para fazer a interligação da SEDUC com os Grêmios foram escolhidos dois jovens que na época eram militantes do PCdoB e do PT. Apesar da escolha, a preocupação era com o fomento da participação do jovem na escola e na sociedade, formando-o politicamente e não com a intenção de introduzi-los em partidos políticos.

Em seu relato X., que fora um dos jovens escolhidos para auxiliar os Grêmios, afirmou que teve um choque ao começar a trabalhar na SEDUC. Ele estava acostumado à militância e ao iniciar seus trabalhos fora alertado para o fato de que estaria ajudando a construir uma política para a edificação da cidadania e não a formação de novos militantes partidários. Haveria que se primar pela liberdade de escolha pela militância ou não dos alunos Gremistas, cabendo somente a eles a seleção dos seus caminhos para o desenvolvimento de sua ação cidadã.

Os dois rapazes que assessoraram a SEDUC tiveram que apreender o foco da política pedagógica do Município. Para tal, várias leituras e estudos foram feitos a fim de que se fizesse a distinção do que vinham fazendo e o que se queria estabelecer. Estipulou-se que o almejado era uma educação cidadã e não a formação de militantes. O programa iniciou-se em 1990 e o único recurso público destinado ao projeto de Grêmios era o provento destes jovens assessores.

Fazia-se necessário um processo diferenciado do que já estava estabelecido no Movimento Estudantil, já que os Gremistas eram adolescentes e não jovens. Para diminuir as dificuldades geradas pela inexperiência, todas as escolas de primeiro grau (atual Ensino Fundamental) receberam auxílio para a formação de seus Grêmios. Como as mobilizações partiam das propostas geradas em cada agremiação, o nível de articulação, de liderança e de organização entre os grupos de alunos Gremistas era variável e de acordo com a movimentação exigida em cada realidade.

As questões que envolviam as discussões sobre a cidadania, a educação, os esportes entre outros, eram tratadas conjuntamente e definidas dentro de cada Grêmio. As discussões existiam por inclusão de temas que na visão de T.N. atendiam as necessidades da conjuntura da ocasião, mas que na atualidade haveria a necessidade de se tratar outros assuntos como, por exemplo, as discussões de gênero.

Como o trabalho por agremiação era algo inusitado, foi providenciada a confecção e a distribuição de uma Cartilha em 1996, que simplificava a explicação do processo de formação dos Grêmios. Entretanto o programa “Grêmio Livre Já”, apesar da parceria com a UMES, deixava os Gremistas livres para se organizarem do modo que melhor correspondesse às suas necessidades. A função dos jovens assessores ligados à SEDUC era garantir as possibilidades de participação dos Gremistas.

A gente fez inclusive um instrumental, fez uma cartilha. E aí, o que que a Secretaria fazia? Que era meu papel na Secretaria, era ir na escola e destravar os instrumentos que impediam que eles conseguissem se organizar, né? E orientar eles no sentido de que instrumentos eles poderiam usar. Daí em diante a organização era deles, né? E a gente, o que a gente fazia era tentar garantir sempre que eles tivessem os espaços, né? Que a participação deles... tanto é, e a gente fomentava muito. Todos, todas as Conferências de Educação. Todas eles deram uma bancada participativa. Então assim, se você pegar os registros das Conferências de Educação. Você tem uma participação muito forte, pelo menos naquele período até o governo do David, né? Tem uma participação muito forte desses, desse grupo, né? A gente, tudo, Feira do Livro... tudo tinha. Eles tinham Fóruns. Todos os fóruns a gente promovia com eles. No sentido lógico... não dava para querer discutir com eles, né, a, o processo pedagógico na essência filosófica não. Mas na prática, no concreto, transferir isso era o que a gente acabava fazendo com eles (Entrevistado X.).

As regras comuns de convivência estavam estabelecidas nos estatutos. Foi tomado um estatuto modelo que continha requisitos mínimos, mas que deveria ser adaptado. O primeiro Grêmio Municipal de Santos foi o que se formou dentro da EMSG “Acácio de Paula Leite Sampaio”. Esse Grêmio, provavelmente foi instituído por contatos que ocorreram junto ao PCdoB e ao Movimento Estudantil, já que iniciou suas atividades antes da proposta advinda da Prefeitura.

O fato de um dos assessores dos Grêmios pertencer ao PCdoB gerou dentro da juventude do PT uma desconfiança. Temia-se que o PCdoB “aparelhasse”⁶² os jovens Gremistas. Entretanto, a intenção era de garantir a mais ampla participação da juventude no Município e estendê-la às instâncias estaduais e federais. A efetivação das possibilidades por

⁶² Aparelhamento é um termo bastante utilizado pelos entrevistados ligados aos movimentos políticos. Esta expressão traz em si o sentido de: disposto para, preparado para, aprontado para cumprir uma função político-partidária, alinhando o movimento aos ideais de determinado partido político.

intermédio da política partidária era a função esperada da JS (Juventude Socialista) e da UMES que deveriam formar estes jovens fora da estrutura dos Grêmios Estudantis.

T.N. afirma que todas estas desconfianças e resistências fizeram com que o projeto de Grêmios tivesse que ser colocado dentro das unidades à revelia da aprovação expressa dos diretores. Havia tanto diretores que abraçavam os Grêmios e viam possibilidades auspiciosas na sua atividade, quanto existiam os que queriam dificultar a ação. Para ajudar nestas discussões e argumentações os assessores da SEDUC eram necessários. Os alunos Gremistas, devido a sua pouca idade e inexperiência, não sabiam como lidar com estes conflitos. Os assessores, por sua vez, recebiam instruções da Secretaria de Educação para lidar com os conflitos gerados pelas resistências e levavam propostas, sugerindo o que poderia ser feito, dito ou acordado.

O acompanhamento era feito escola a escola. O auxílio era prestado a partir da deliberação nascida da organização dos alunos. Eles tinham autonomia de decisão, muito embora, a SEDUC sugerisse temas para discussão. Na ocasião havia troca de experiências para fomentar mecanismos de participação nas escolas, gerados do intercâmbio entre a SEDUC de Santos e a de São Paulo, já que Paulo Freire era o Secretário Municipal de Educação da capital.

A principal dificuldade apresentada pelos estudantes era com relação a parte burocrática da organização Gremista. Registrar as práticas em atas, ainda que de modo simplificado (por não haver necessidade de registros cartorários) era algo penoso para adolescentes que estavam em sua maioria entre os onze ou doze anos de idade. Todavia, fixava-se esta necessidade de documentar a fim de assegurar o registro histórico do processo.

A faixa etária fazia com que, por inexperiência ou insegurança, alguns Grêmios recorressem com muita frequência à direção escolar. O Grêmio Estudantil, à época, tinha como característica marcante a presença mais acentuada de alunos das 5^{as} e 6^{as} séries. O corpo principal da atividade Gremista não contava com muitos alunos das 7^{as} e 8^{as} séries, ou seja, alunos com faixa etária menor eram os mais envolvidos. A participação dos alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) nos Grêmios foi insignificante devido a incompatibilidade de horários. Os alunos da EJA, em algumas escolas, formaram grupos sem que estes chegassem a se desenvolver e a funcionar como Grêmios.

Devido à predominância de uma baixa faixa etária, os assessores dos Grêmios precisavam auxiliar e estimular os alunos nas atividades desenvolvidas. Estes estiveram presentes na escritura dos livros, no encaminhamento das reuniões para discutir os estatutos e a estrutura de funcionamento, na formação das chapas e nas eleições. Este apoio direto visava a diminuição da probabilidade de surgimento de problemas. Após esta fase de instauração a condução ficava por conta do Grêmio eleito.

Com esta postura assumida pela Secretaria Municipal de Educação havia diferenças entre os Grêmios, que os caracterizavam de acordo com suas necessidades, interesses ou possibilidades. Havia a prerrogativa de que nada ou ninguém interferisse neste nível de decisão. Pode-se aludir alguns exemplos: escolas maiores e com mais turnos tinham um maior número de Gremistas em suas chapas; alguns Grêmios participavam de movimentações políticas no Município enquanto outros estavam centrados em atividades benemerentes. O Movimento Estudantil tinha acesso aos Grêmios Estudantis por meio da UMES. Havia espaço aberto para se discutir questões políticas, contudo a adesão às mobilizações era facultativa.

X.: Eles tinham que fazer. Então tá! Você tinha Grêmios que eram mais politizados, que assim, que você via que eles tinham mais articulação, que eles tinham uma, participava da..., um, um movimento que nós. Isso nós incentivamos um pouco. Mas, mas que eles participaram com muita força, foi a greve dos portuários. Que teve demissão, aquela greve que depois... Que originou o [escola Municipal].

X.: Os Grêmios, se você pegar os registros, eles participaram de todas as assembleias. Falaram nas assembleias, vários presidentes, vários líderes de Grêmios das escolas municipais. Participaram das assembleias dos portuários e falavam nas assembleias, né? Independente...

T. N.: Você dá espaço...

X.: Então assim, por isso que eu estou falando. Tinham alguns grupos, particularmente o pessoal de lá, né? De lá, ali do (nome da escola), né? Que, que as famílias eram portuárias, moravam ali no, né? O Grêmio do XXXXX também era um Grêmio interessante. Esse era um Grêmio razoavelmente bem politizado... [...]

X.: [...]. É, mas assim, era, como eles eram. As famílias deles eram vítimas daquele processo, né? Eles estavam em todas, em todas, na coleta de alimento, nas, nas, nos pedágios, nas assembleias que faziam lá na Rodrigues Alves, nas que faziam na Praça Mauá. Eles participaram de tudo. Essa luta dos portuários, vou dizer... qualquer. E tinha duas assembleias, às vezes, por dia. Tinha assembleia de noite. Sempre tinha três, quatro Grêmios, sempre tinha. Eles estavam participando. Então assim, você tinha alguns mais politizados, outros mais sociais. Então queriam fazer atividade, queriam fazer coisas de [inaudível - 11:07]. Mas para a gente importava que eles participassem do processo e essa maturidade de, de transformar, né, o processo. Em dar o salto, de conseguir olhar o todo, se vê cidadão da Cidade, cidadão do Estado, cidadão do País... Esse é o processo, né? Então alguns aprenderam na marra, tipo os meninos do XXXXX. Sentiram na carne. E aí quando começou toda a sociedade a se articular para dar apoio para os portuários, eles também acharam: _ "Nós somos a sociedade civil, somos a organização". E eles juntavam os grupos e iam, 10/15 de uma escola. Eles iam todos uniformizadinhos. Era o maior barato! Aquela nossa camisetinha azul lá, tal, né? Então eram muitos. E eles iam nas assembleias, eles falavam, ou seja, então alguns alcançaram maturidade, né? Outros trabalharam nessa coisa mais social, de esporte. Mas independente disso eles estavam dentro do processo, né? Esse era o processo que eles tinham que construir, né? (Entrevistado X.).

Devido à diversidade de condução dada a cada núcleo Gremista é que ocorriam encontros entre os Grêmios. Eram nessas oportunidades que a troca de saberes alargava as possibilidades de ação. A discussão de temas sociais, de direitos humanos dentro das escolas e outros era direcionada aos projetos impulsionados pela gestão Municipal. Deste modo, o Grêmio ajudava no acesso aos projetos da cidade.

Em comum com os Grêmios da terceira iniciativa (gestão Paulo Alexandre Barbosa) há dois pontos: organização de grupos de alunos com dificuldade de aprendizagem e a existência de líderes de classe, ou representantes de turma, que hierarquicamente levavam as demandas do corpo discente ao Grêmio que os encaminhavam à direção da unidade. Na iniciativa atual de Grêmios, conforme consta no “Resumão” há um aluno denominado “instrutor mirim” que possui a incumbência de ajudar os colegas que apresentem dificuldades de aprendizagem. Na gestão tanto da Telma de Souza, quanto na de David Capistrano, também há um relato da existência de Gremistas que auxiliavam os alunos com dificuldades na aprendizagem.

Foi muito legal, uma experiência linda, se você visse eles assumindo a responsabilidade da escola, de organizar os alunos, organizar, por exemplo, tinha as... chegou até ter isso, aluno com dificuldade de aprendizagem, o Grêmio que organizava os grupinhos e até os meninos iam trabalhar. Iam ajudar aqueles que não entendiam as coisas (Entrevistado T.N.).

A hierarquização das demandas discentes é exposta nas duas iniciativas. Além da organização escalonada presente na estruturação do Grêmio Estudantil, ainda há a intercessão dos Líderes de Classe ou Representantes de Turma. As requisições passam por três instâncias: Os Líderes ou Representantes às recebem diretamente do corpo discente e as encaminham ao Grêmio. São os Gremistas que por fim as conduzem à Equipe Gestora da UE. Há de se considerar a possibilidade de instauração de ruídos de comunicação de uma esfera a outra.

Na proposta dentro da gestão de Paulo Alexandre o entrevistado T.S. aponta os Representantes de Turma que agem como auxiliares que se encontram distribuídos em todas as turmas. T.S. entende que Gremista não é só o aluno eleito, mas sim todos os alunos a partir do sexto ano.

Os Representantes de Turma também são Grêmio. Às vezes tem escola que não... Fala assim com os representantes: _ “Não, vocês não são Grêmio! Grêmio são eles!” Ainda existe um pouco desta resistência na cabeça das pessoas. Grêmio são todos os alunos. Para começar, você é aluno do sexto ao nono? Então você faz parte da Assembleia Geral, automaticamente. Daí a Assembleia Geral é que elege o Corpo Dirigente e que elege o Conselho Representante de turma (Entrevistado T.S.).

Já na iniciativa Telma de Souza / David Capistrano a hierarquização foi citada deste modo:

O sentido do pertencer. O aluno tem que saber que ele pertence a um grupo que se chama o grupo de alunos. E o Grêmio representa esses alunos. Aí os Líderes de Classe faziam as eleições, cada classe tinha seu líder. Por sinal, tinha o contato direto com o

Grêmio. Você vê que é tudo, né? Agora é uma concepção, isso aí não é, esses daqui não têm, eu não sei como está, mas não acredito. Mas enfim... (Entrevistado T.N.).

Os critérios de seleção ao se candidatar ao Grêmio no período das gestões Telma de Souza / David Capistrano eram: o comprometimento e a responsabilidade de orientar seus pares sobre seus direitos. Por exemplo, o Gremista deveria ficar alerta com relação a situações corriqueiras na ocasião. Era comum o abandono intelectual dos discentes com dificuldade de aprendizagem e a expulsão da sala de aula de alunos com problemas de indisciplina não identificados ou não tratados pela Equipe Técnica.

O desnudamento de problemas que antes ficavam reservados a alguns sujeitos na comunidade escolar e que não eram discutidos tão amplamente gerou a necessidade de se criar Núcleos Pedagógicos, local onde se tratava as múltiplas questões surgidas com os diretores e supervisores escolares. Estes núcleos promoviam ampla discussão de situações apontadas e encaminhavam as soluções viáveis, buscando evitar possíveis desistências e o abandono escolar. Os Gremistas deveriam reportar empecilhos à Equipe Técnica e se necessário aos assessores dos Grêmios para que o impasse fosse levado aos Núcleos Pedagógicos criados pela Secretaria de Educação.

Esperava-se formar o sujeito como cidadão ativo, participativo e pertencente. Para isto os alunos eram incentivados a enfrentar conflitos, assim como se esperava que aprendessem a construir consensos. Como cidadãos estes deveriam estar prontos para lutar por seu grupo, desenvolvendo a capacidade de discutir e de propor alternativas às dificuldades. Ademais, era desejável que se tornando cientes dos desafios da vida e atentos aos problemas que os afligiam, conjugassem o processo democrático, que era intenção norteadora da existência dos Grêmios.

Mas enfim a essência, essência, essência era o direito à educação e o direito a ser respeitado como diferente. E no Grêmio entrava nessa. Então era o grande... era isto, o Grêmio não é que era o só os bonitinhos, aqueles que sabiam. Era se as pessoas... a discussão para seleção do Grêmio. Isso eu discutia com os meus lá, com os assessores e eles iam lá com os critérios para entrar. Primeiro precisava querer e assumir uma responsabilidade. Você não vai lá para brincar.

Você vai assumir uma responsabilidade de orientar todas essas crianças nos seus direitos, nos seus direitos. E se houver uma coisa, o Grêmio vai em cima. Se houver... um vai embora, fora da aula por nada. Porque eu sabia como era o modelito, né? Falou mais alto, fora. Ou então não aprende, abandonado lá. Tudo isso o Grêmio tinha que ver. Por isso tinha que ter formação para eles. Eles tinham que acompanhar. Não que eles fossem decidir e tal. Mas eles tinham que acompanhar e discutir com os meninos, que por sua vez discutiam conosco. Traziam os... os problemas. Bom então aqui além dessas questões, a essência era a inclusão (Entrevistado T.N.).

O desafio com relação aos Grêmios era fundamentalmente encontrar o equilíbrio entre ampliar e garantir a participação dos estudantes, assim como sua autonomia, sem que isto viesse a desautorizar a direção das escolas.

Os Grêmios Estudantis municipais estiveram presentes em vários movimentos políticos na ocasião como: o “Fora Sarney”, o Impeachment do presidente Collor e a greve dos portuários de Santos. De acordo com X., como havia a presença do que ele nomeia como “conjuntura de conflito” existia uma tendência para o crescimento nas movimentações estudantis.

Esta iniciativa de Grêmios Estudantis foi se desmontando com o fim da gestão David Capistrano e o início da gestão Beto Mansur. Com uma nova visão na gestão do Município as dificuldades à atividade Gremista foram aumentando. Não havia mais a possibilidade de se fazer reuniões dentro do horário letivo e caso o Grêmio quisesse prosseguir teria que as realizar aos sábados e domingos, fora do prédio escolar. Retirado o apoio governamental, sem a reposição de novos líderes e sem contar com o suporte das Equipes Técnicas, que em sua maioria enxergava na atividade Gremista uma fonte de problemas, a iniciativa foi se esvaziando até sua extinção.

Segundo a visão de N.F., que era membro da Equipe Técnica durante a segunda gestão do PT, a estrutura dos Grêmios vinda da SEDUC na gestão David Capistrano era de participação horizontal para os alunos e vertical para os gestores escolares. Ele alega que o setor administrativo das escolas tinha que resolver os impasses criados, sem que pudessem ser ouvidos antecipadamente. Não havia consulta aos dirigentes escolares e o protocolo de atividades vinha pronto da SEDUC para os alunos Gremistas, a UMES e os assessores dos Grêmios. Isto deixava os membros das Equipes Técnicas à margem de tudo o que seria desenvolvido facilitando, conforme sua concepção, a utilização da pertença ao Grêmio para a prática de “licenciosidades” que tinham por intuito a possibilidade de se ausentar das aulas para participar das movimentações e encontros da UMES. Esta postura permitia aos alunos Gremistas permanecerem centrados em calcar sua ação na conquista do que a escola poderia lhes oferecer e não no que os alunos poderiam fazer pela escola.

O entrevistado N.F. enfatiza que as características apresentadas pelos Grêmios das administrações Telma de Souza / David Capistrano não se apresentam mais nos Grêmios da gestão Paulo Alexandre. Na nova proposta o Grêmio se apresenta como parceiro da gestão escolar, perdendo o enfoque de ser o componente responsável por indicar as falhas do sistema e de cobrar deliberações, estando mais revertido à aproximação entre o corpo discente e a

Equipe Técnica, facilitando deste modo as ações de cuidado e preservação do espaço público e a promoção de ações.

Segundo este entrevistado o abaloamento entre discentes e os gestores escolares contribuiu para a perda do controle da situação pela direção das Unidades Escolares do Município na administração David Capistrano e para o futuro dismantelamento da atividade Gremista por um descompasso na partilha de poder infringida pelo modo como era entendida.

O entrevistado N.F. concorda com o entrevistado X. ao declarar que a iniciativa dos Grêmios não teve oportunidade de amadurecer devido às rupturas e continuidades nas mudanças de governo. Ele observa que quando há mudança de governo não há respeito ao que apresenta resultados positivos porque o que se pretende é apagar as marcas do governo anterior. Com isto perder-se-iam iniciativas que apresentam potencialidades, o que impede que haja oportunidade de maturação dos projetos, já que se prioriza a política de governo em detrimento de uma política educacional. A seu ver este foi um dos fatores preponderantes para o abatimento do projeto de Grêmio da gestão Telma de Souza e David Capistrano. Para que isto não ocorra faz-se necessário dar publicidade a iniciativa para depois, via Projeto de Lei, torná-lo uma política pública. Somente deste modo ela ficaria isenta das oscilações partidárias no governo e fadada ao desmonte.

Segundo H.E., que era aluno Gremista durante a gestão Telma de Souza, o foco principal dos alunos secundaristas era a melhoria na educação, contra a municipalização do Ensino Fundamental e pelo acesso à Universidade Pública. Ele acredita que a ampliação do acesso à Universidade Pública é fruto das lutas dos anos 1990. Naquela ocasião, havia a possibilidade de conhecer a realidade brasileira e da América Latina, pois os alunos negociavam suas faltas em aulas com os professores para poder viajar aos encontros do Movimento Estudantil, já que todo ano haviam Congressos Municipais, Estaduais e Nacionais, o que segundo H.E. e B.N. levava muitos alunos a viver de Congresso em Congresso, perdendo conteúdos pedagógicos por sua ausência a muitos dias letivos.

H.E. relata que em 1992 ele teve a possibilidade de conhecer a realidade de outros Grêmios pelo país por intermédio dos Congressos e encontros ofertados aos Gremistas santistas. Em seu entendimento havia um crescimento político dos alunos ao participar em ações que exigiam a união para alcançar objetivos comuns. O direito do aluno se organizar na década de 1990 era algo enfraquecido na estrutura escolar e era muito difícil o reconhecimento do direito dos alunos num momento em que a disputa pela sobrevivência e pela possibilidade de um futuro diferente estava em jogo.

Este entrevistado enxerga que a proposta vigente é mais sistematizada e conta com um sistema de funcionamento bem orquestrado, pois conta com uma seção na SEDUC, uma coordenadoria de apoio (CAAGE - Comissão de Apoio e Articulação dos Grêmios Estudantis), com a projeção de recursos públicos para garantir as reuniões de formação entre Grêmios e as posses coletivas assim como os professores que trabalham para o projeto nas escolas.

Os alunos Gremistas da década de 1990, a seu ver, utilizavam os momentos de lazer e de cultura de modo distinto do que se faz hoje. Atualmente há um encaminhamento à criação de espaços de convivência, já em sua juventude, os momentos de lazer e de cultura, os grupos de teatro, as competições esportivas eram somente pretextos para inserir e difundir conteúdos políticos. Esta ação não era consciente, mas acontecia intuitivamente por pertencer à realidade destes jovens.

Sob o ponto de vista de H.E. o Grêmio é a primeira oportunidade de exercício de cidadania, é o primeiro sistema representativo em que se participa, é o primeiro voto, é a primeira avaliação de mandato, é uma experiência ímpar de processo formador e com possibilidades de transformação. Ele acredita que ainda hoje há boicote aos Grêmios, apesar do viés diversificado a eles atribuído, contudo não há como fundar-se no desconhecimento do direito à organização estudantil. Entretanto, o descrédito atribuído à ação política atrapalha o desenvolvimento dos Grêmios, já que o sistema eletivo e representativo está ligado à corrupção e isso induz a uma rejeição e uma desvalorização à participação política, criminalizando-a. Há relatos de alunos que conduziram alguns episódios que burlavam o sistema eleitoral e também a prática da compra de votos.

O prédio do CES estava abandonado no início da administração Telma de Souza em 1989 e segundo B.N. a reforma do espaço contou com a colaboração da Prefeitura. Isso gerou um novo vigor as atividades do Movimento Estudantil. Com o final da gestão de David Capistrano houve perda da força impulsionadora. Havia certa dependência do incentivo do poder público para realizar as atividades. Com o fechamento das portas das escolas o movimento sucumbiu.

Nessa primeira iniciativa Gremista Municipal o que se buscou foi a orientação para uma organização Gremista autogerida. O pecado apontado e posteriormente ponderado foi a necessidade recorrente de contar com o apoio institucional da Prefeitura. A ausência de bases exclusivamente discentes pode ter conduzido ao desmonte desse primeiro projeto. No item a seguir se fará um esmiuçamento da cartilha produzida na gestão de David Capistrano para incentivar, orientar e facilitar este processo de manutenção da atividade dos Grêmios.

4) A cartilha de 1996

A cartilha do Grêmio, disponível no anexo, foi editada na administração de David Capistrano da Costa Filho em junho de 1996 pela SEDUC. Tinha como título: “Como construir o seu Grêmio”. Em seu sumário havia uma explicação do que era um Grêmio, para que ele servia, como formá-lo e um item chamado “dicas úteis” em que constavam os elementos: Assembleia Geral de alunos; Estatuto do Grêmio Estudantil; comissão eleitoral; formação e inscrição das chapas; campanha eleitoral; eleições; apuração; posse e livro ata do Grêmio Estudantil.

Na página 1 aparece a importância que é atribuída ao Grêmio Estudantil pela administração pública. Ao final desta página aparecem os nomes do Secretário de Educação (Maurício Homma) e do prefeito à época (David Capistrano Filho):

É também na escola que começamos a dar um significado aos laços de amizade, de solidariedade, de construção coletiva, de integridade do homem, de amplitude para a vida.

Mas, mais que isto, temos a oportunidade de nos formar como **agentes sociais, capazes de pensar e interagir junto aos elementos que compõe a dinâmica social, dando um sentido à construção histórica do universo ao qual nos encontramos.**

Os alunos configuram o núcleo escolar, para onde devem fluir todas as ações e os esforços em prol da Educação. Mas não podemos esquecer que o processo educativo só se desenvolve a partir da relação estabelecida entre o educador e o educando.

Neste sentido, há a necessidade de que os segmentos que compõem a comunidade escolar se façam presentes neste universo de relações, com objetividade e disposição de alcançarem metas comuns, **assegurando a qualidade e a eficácia do ensino.**

Como sujeitos de direito, e imbuídos pelo espírito de responsabilidade que lhes cabe neste processo, com respeito e com o sentido de parceria aos demais segmentos da escola, cabe aos estudantes, pomoverem (sic) a organização necessária para o funcionamento e organização do Grêmio Estudantil, sendo a representação direta e legítima de interlocução junto aos mecanismos democráticos de participação na vida escolar (CARTILHA, 1996, p. 1, grifos meus).

O Grêmio Estudantil é colocado como uma entidade autônoma e livre construída pelos estudantes para representá-los. Há a colocação de que todos os alunos matriculados são sócios desta entidade e que o desempenho em sala de aula não é determinante para a candidatura.

A função dos Grêmios seria fundamentalmente “fazer valer os interesses e direitos dos estudantes através da participação nas decisões e deliberações da escola” (CARTILHA, 1996, p. 2). Há nesta página sugestões de atividades culturais, esportivas e sociais que o Grêmio pode desenvolver para “tornar a escola mais interessante e atrativa”. Além disso, há uma colocação que reflete a preocupação com a exaltação nos ânimos: “A intenção do Grêmio não

é brigar com a direção ou com os professores, mas sim, construir juntos com eles a escola dos nossos sonhos: bonita (sic) crítica e democrática” (CARTILHA, 1996, p. 2).

Na página 3, segue toda a estruturação de como formar um Grêmio: divulgação da Assembleia Geral, data de sua realização e a ideia de formação do Grêmio em todos os períodos.

Sobre o modelo de Estatuto ofertado pela UBES devem-se abrir discussões com o corpo discente. Após os debates, a diretoria antiga deve esboçar uma adaptação de acordo com a realidade da escola. Na Assembleia Geral o Estatuto é discutido e aprovado e só a partir de então se forma a Comissão Eleitoral e o dia das eleições é marcado.

A eleição é feita entre as chapas inscritas junto à comissão eleitoral. Somente a partir deste reconhecimento é que podem iniciar a exposição de suas propostas. Após a eleição da diretoria do Grêmio, ele passa a funcionar.

A Assembleia Geral deve respeitar o quórum mínimo, por congregar todos os alunos, e ser o órgão máximo e indispensável para a aprovação das deliberações. Tenta-se garantir assim uma participação mais democrática, visto que todos têm direito à voz. Na cartilha há um modelo de condução para a Assembleia Geral. Enfatiza-se a necessidade de uma mesa coordenadora que deve ter um presidente, uma secretária⁶³ para garantir o registro em ata, um auxiliar de mesa, para ordenar as inscrições dos que desejarem falar e os convidados.

Sobre o Estatuto do Grêmio Estudantil, a cartilha procura deixar claro que qualquer associação carece de um documento que fixe os objetivos, as finalidades, que caracterize os sócios atribuindo seus direitos e deveres, para que não haja imposição de vontades idiossincráticas e quebra no ideal participativo. O modelo sugerido na cartilha é o da UBES, contudo há a ressalva para que haja discussão para o amadurecimento da Assembleia, adaptações à realidade de cada corpo discente e exposição prévia dos modelos em murais, antes da definição final do Estatuto.

Sobre a comissão eleitoral há a norma de que haveria eleição em Assembleia Geral dos alunos interessados, sendo que o número final desta comissão não é pré-determinado e sim, também, uma definição da Assembleia. A função da Comissão Eleitoral é a fiscalização do processo eleitoral “desde a inscrição das chapas até a apuração”.

O item que trata da inscrição das chapas deixa transparecer a intenção de que houvesse alunos representantes de todos os períodos e de várias séries para que a representatividade

⁶³ Interessante notar o fato de o cargo estar diretamente ligado a uma função feminina já que não se usa a nomenclatura masculina que seria mais geral e inespecífica: “um secretário” e sim “uma secretária”.

fosse ampliada. Só não teria direito a compor chapa os membros da Comissão Eleitoral e os não matriculados na escola.

Para o início da apuração já deveria estar definido quem abriria as urnas. A organização necessária ao espaço e ao processo é descrita:

A mesa apuradora deve estar limpa, sem canetas e uma das formas de fazer a contagem pode ser ditando, facilitando a visualização de todos que acompanham a apuração. Ao terminar, a Comissão Eleitoral e a antiga diretoria não devem esquecer de registrar no livro Ata todo o processo da apuração (chapas que concorreram, chapa vencedora, número de votos de cada chapa). Os votos devem ser lacrados novamente e entregues no dia da posse para a chapa vencedora, que deverá guardá-los sem violar o lacre, para o caso de alguma chapa entrar com recurso (CARTILHA, 1996, p. 12).

Para a posse faz-se necessária “a entrega do livro Ata preenchido com todos os dados da antiga diretoria para a chapa eleita”. Por fim, há em seguida orientações e um modelo de termo de posse, de livro Ata com termo de abertura e encerramento e de uma Ata de Assembleia Geral.

O texto final da cartilha é uma carta informal aos alunos:

É isso aí moçada...
Agora vocês já têm como formar o Grêmio.
Então, o que vocês estão esperando para construir um na sua escola?
Vamos batalhar por uma escola com a nossa cara.
Capacidade temos de monte. Só falta transformar em ação.
A DECISÃO AGORA ESTÁ NAS SUAS MÃOS.
O grêmio atuante caminhando junto com os demais seguimentos da escola é a garantia da democracia! (CARTILHA, 1996, contracapa).

A cartilha demonstra como se desejava e se incentivava a atividade Gremista. Ela deixa transparecer uma centralização na auto-organização e na autogestão ainda que segundo alguns dos sujeitos de pesquisa tenha se desenvolvido uma acomodação e certa dependência do apoio Municipal.

Dando sequência à ordem estabelecida para a exposição dos itens acerca dos projetos de Grêmios desenvolvidos nas escolas municipais de Santos, o Relatório de Qualificação segue apresentando o item sobre a existência de publicações a respeito da organização Gremista no Diário Oficial.

Contudo, a pesquisa sofre uma solução de continuidade devido à ausência de um arquivo informatizado do D.O. Urgente⁶⁴, referente ao período de governo do PT. Toda a digitalização deste periódico só está disponível a partir da administração Papa, portanto, todas as publicações dessa gestão só são possíveis num levantamento físico na Hemeroteca de Santos. A exiguidade temporal representou o entrave para concluir o levantamento devido. Desta feita, elegeram-se algumas publicações para exemplificar a possibilidade de autogestão dos alunos Gremistas.

A publicação retirada de um Diário Oficial de 1989 ilustra a postura da administração da gestão petista frente os Grêmios Estudantis. Uma das colunas da página 6 no D. O. Urgente de 16 de junho de 1989 apresenta a resposta a um requerimento feito à prefeitura para a abertura de um Grêmio numa escola Municipal de Santos. O texto publicado fora assim apresentado:

Um grêmio para a ‘Cidade de Santos’

“Nós, abaixo-assinados, pedimos a sua autorização para formação de um Grêmio Estudantil na EMPG Cidade de Santos...”. O pedido, apresentado ontem, por alunos daquela escola, surpreendeu o vice-prefeito Sérgio Sérvulo da Cunha. “Não era necessário o documento, podem formar o grêmio”, explicou ele aos alunos Ângelo, Fabiana, Rogério e Edmilson, todos da 5ª série ‘H’. O vice-prefeito demonstrou alegria ao tomar ciência dos objetivos do Grêmio: trabalhar em defesa da ecologia e cuidar da manutenção da escola. Fabiana relatou a Sérvulo da Cunha que os alunos já estão formando uma horta nas dependências da escola e que no mês de setembro será promovida a festa do verde. Acompanhados do vice-prefeito os alunos visitaram a redação do **D.O. URGENTE** (D.O. Urgente, 16 de junho de 1989, p. 6).

O caráter de liberdade de iniciativa na ação tinha um feitiço mais particularizado e relacionado às exigências locais, próprias das singularidades do Grêmio Estudantil em cada unidade e da comunidade onde a escola estava inserida, no exemplo acima, pode-se notar que não há conotação de ativismo político.

Por haver um centramento da pesquisa na comparação de possibilidades e alternativas dentro das propostas desenvolvidas nas administrações Telma de Souza / David Capistrano e Paulo Alexandre, no entendimento de formação de sujeitos dentro destas duas visões, não foi investigado como se deu o processo de esvaziamento e conseqüentemente de desmonte do projeto de Grêmios na administração do prefeito Beto Mansur. Averiguar se houve resistência ou anuência dos corpos docente e discente ao abandono do incentivo aos Grêmios seria algo que se poderia sugerir a um futuro pesquisador que se interesse pelo tema.

⁶⁴ O Diário Oficial de Santos “circulou apenas com atos oficiais de 1º de janeiro de 1970 até 1987. A partir de 19 de abril de 89, começou a publicar também matérias jornalísticas e com a denominação D.O. Urgente” (Santos/SP, 2012).

5) A segunda iniciativa - Grêmios municipais na Gestão João Paulo Tavares Papa (2005 - 2008) e (2009 - 2012)

Entre a proposta de Grêmios na administração do atual prefeito Paulo Alexandre Barbosa e a na gestão Telma de Souza, houve outra tentativa de reconstrução de atividade Gremista nas escolas municipais santistas. O programa tinha uma concepção aproximada da realizada nos anos 1990, visto que as pessoas envolvidas em sua ideação e execução haviam participado da propositura anterior.

Não haverá análise desta iniciativa já que na indagação da pesquisa optou-se por tratar do estabelecimento de contrapontos entre os projetos de Grêmios Estudantis nas administrações Telma de Souza / David Capistrano e Paulo Alexandre Barbosa. A descrição da existência desse programa tem como finalidade o registro de sua existência para estudos posteriores.

Segundo H.E. esta nova atividade Gremista foi organizada e desenvolvida na gestão do prefeito João Paulo Tavares Papa a partir de 2005, quando Suely Maia, que ainda pertencia ao PT, foi convidada a ser a Secretária de Educação em Santos. Ela havia acompanhado todo o movimento realizado na gestão Telma de Souza e o desmonte da organização no decorrer da gestão do prefeito Beto Mansur, que ao suceder a David Capistrano da Costa Filho, começou a retirar os apoios dados ao movimento Gremista Municipal.

Para tal, um ex-aluno Gremista dos anos 1990 fora convidado para encaminhar o projeto. Sua indicação apoiava-se na experiência adquirida em sua atuação relevante junto ao Grêmio da EMSG “Acácio de Paula Leite Sampaio” e no Movimento Estudantil.

A primeira eleição desta iniciativa ocorreu ainda no segundo semestre de 2005, tendo depois se estendido a todas as escolas municipais de Ensino Fundamental II, de acordo com o relato de H.E.

Este projeto primava pelo respeito à autonomia dos alunos e segundo a entrevista cedida por H.E. não havia nenhum tipo de tutela. A função deste entrevistado enquanto coordenador Municipal dos Grêmios era a de apoiar e instrumentalizar os Gremistas, sendo que após esta etapa, as decisões caberiam aos adolescentes.

Um dos choques entre professores e Gremistas que precisou de manejo do coordenador do projeto foi a autodescoberta dos alunos enquanto sujeitos de direitos. O tema dos direitos e deveres teve que ser posto de modo análogo, para que tanto os alunos quanto os professores conseguissem apreendê-los sem comprometer o processo de ensino e aprendizagem.

Não havia um departamento específico voltado aos cuidados com a atividade Gremista. Os novos Grêmios eram fundados pelos já existentes, conforme a exposição de H.E., por meio de uma construção conjunta feita entre jovens.

Os Grêmios na gestão PMDB estiveram envolvidos em várias situações ocorridas na municipalidade. Dentre elas H.E. citou a participação na bienal da UNE e na Conferência Municipal dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes realizada em 2007. Nessa ocasião os alunos Gremistas organizaram pré-conferências feitas nas escolas. A discussão foi realizada de tal modo que surpreendeu a sociedade. Eles demonstraram possuir uma visão mais ampla do que se esperava e se diferenciavam dos demais jovens.

Nesta expectativa, aguardava-se uma visão mais enraizada em temáticas tidas como próprias do mundo jovem, ligadas às relações identitárias entre eles. O adolescente ao encontrar-se em processo de maturação e no limbo entre a infância e a juventude, supostamente não deveria apresentar vigor para determinadas discussões. A movimentação Gremista conseguiu reunir 2.300 alunos sendo que destes, 200 foram eleitos para participar efetivamente da conferência.

Outro fato destacado pelo entrevistado foi a participação nas ações de auxílio aos moradores da Alemoa, um bairro da Zona Noroeste de Santos, após o incêndio ocorrido em 2005, segundo o sujeito de pesquisa [ou 2006, conforme as publicações jornalísticas encontradas⁶⁵]. Os Gremistas da escola 28 de Fevereiro se organizaram e mobilizaram os alunos sem o envolvimento da Equipe Gestora da escola. Com esta ação conseguiram recolher grande quantidade de mantimentos. A direção só ficou sabendo do ativismo quando as doações começaram a chegar e sentiram a necessidade de pedir a retirada delas ao Coordenador Municipal do projeto de Grêmios, por não haver local adequado para o armazenamento.

Na visão do entrevistado H.E. a vivência Gremista tanto na proposta na administração Paulo Alexandre como na da gestão Papa tem um caráter muito distinto da que foi vivenciada por ele nos anos 1990. Anteriormente a vivência política, partidária ou não, era a essência da atividade Gremista. Depois houve o desenvolvimento de um viés mais voltado para um alargamento do campo de visão sobre as questões internas da escola.

Atualmente, tudo ficou muito ligado à convivência (conviver mais e melhor) e daí nascem as preocupações com a Cultura de Paz, ao controle da violência escolar, ao cuidado

⁶⁵ Publicações jornalísticas encontradas que confirmam a data do incêndio na Alemoa: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2012200635.htm> e <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/terapia-comunitaria-sera-aplicada-em-vitimas-do-incendio-da-alemoa>.

com a escola e com a preservação do patrimônio, tornando a tônica do movimento Gremista mais compenetrado na experiência escolar e em ações direcionadas pelos educadores aos alunos e não dos alunos para, com e entre os alunos.

H.E. enxerga que este câmbio se deu pela mudança nas condições materiais em que se evidenciou um melhor acesso a bens de consumo, que anteriormente não eram acessíveis, assim como uma maior ascensão e permanência escolar. Segundo sua avaliação, a sazonalidade do Movimento Estudantil dever-se-ia as atuais dissimulações da necessidade real, que não permitem ver a clareza do conflito. Ainda de acordo com a exposição do entrevistado os altos e baixos na visibilidade da ação política dos estudantes está intimamente relacionada ao fato do quanto o conflito e a luta de classes está declarada ou camuflada na mídia e no cotidiano. Tendo-se uma clareza do que é pernicioso e do que deve ser combatido há inflamações no Movimento Estudantil. Sendo que esta explicitação seria, para o entrevistado, fator preponderante para a distinção da posição em que se quer militar. Sem a extremização a mobilização para a luta é dificultada.

Ele dá como exemplo o fato de que hoje um aluno que está acabando o Ensino Médio já pode começar a escolher o curso que pretende se matricular na faculdade. Já em sua juventude, não havia vagas suficientes nem para o Ensino Médio e ter um diploma de Ensino Superior era um sonho, mesmo que em uma instituição particular. O Vestibulinho para o Ensino Médio e profissionalizante, assim como o Vestibular para o acesso ao Ensino Superior foram barreiras que muitos não conseguiram ultrapassar. Na atualidade a luta seria mais pela qualidade da educação e não pelo acesso a ela. Os mecanismos da denominada democratização escolar estão voltados para a permanência dentro dos muros escolares e não do acesso vasto a apropriação do que foi acumulado historicamente pela humanidade. A competência para a utilização do que foi produzido culturalmente, cientificamente etc., visando o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral, humanizando cada aluno ainda se trata de uma utopia.

H.E. afirma a existência de um fato que foi recorrente. Por diversas vezes as matérias e fotos sobre os Grêmios Estudantis foram realizadas tanto pelo jornal A Tribuna quanto pelo Diário Oficial e nunca foram publicados sem que houvesse uma comunicação sobre tal decisão.

Tem bastante coisa no Diário Oficial. Mas o Diário Oficial, menos na A Tribuna. Porque a gente não conseguia [...] publicizar as coisas que a gente faz. Muito, muito difícil! Hoje é até um pouco menos... hoje é até um pouco menos. Mas nessa época de 2005 a 2009 para sair uma coluninha, uma fotinha no Diário Oficial era uma coisa de louco. Parece que não estava... Jogava contra... Eu falava: _"Sueli, os caras estão

jogando contra a sua Secretaria". Iam lá, tiravam foto, faziam a matéria e não publicavam. Era uma coisa de louco! Uma coisa de louco! Então isso. E a galerinha gostava. A galera gostava quando vinha no Diário Oficial. Tirava, recortava, colocava no mural da escola. Levava para casa, o pai elogiava e tal. Sentia-se importante. São importantes, né? Mas assim vendo um resultado, um trabalho que estava sendo reconhecido. Foi uma coisa de louco (Entrevistado H.E.).

Das publicações efetivadas no D.O. grande parte traz a informação de que os Grêmios tiveram o apoio da UMES.

Criado pela Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Educação (Seduc), o projeto visa conscientizar crianças e jovens sobre o processo democrático e a necessidade de trabalhar em conjunto, buscando um objetivo comum. O apoio é da União Municipal dos Estudantes Secundaristas (Umes) (Diário Oficial de 1º de junho de 2006, p. 3).

Portanto, pode-se supor que a presença do Movimento Estudantil também fora preponderante nessa iniciativa.

6) A retomada dos Grêmios municipais santistas na administração Paulo Alexandre Barbosa (2013 - 2016 e 2017...) pela voz dos sujeitos de pesquisa.

Para principiar a introdução de Grêmios Estudantis no Município, os idealizadores do projeto na gestão do prefeito Paulo Alexandre Barbosa fizeram uma pesquisa nas escolas da rede. Tal averiguação se propunha a encontrar a existência de algum Grêmio em funcionamento. Após a busca, localizou-se um único Grêmio que serviu de modelo para a construção do projeto de 2014.

A elaboração dessa etapa da pesquisa foi fundada nos relatos de: L.B., T.K., T.S., B.X. e G.B. que esclareceram lacunas deixadas pelas publicações do Diário Oficial.

7) Início, implantação e funcionamento do Grêmio que moldou a proposta vigente.

O único Grêmio que vigorava em toda a rede Municipal funcionava há aproximadamente dois anos, de modo independente. Essa iniciativa havia surgido de outro projeto interno da UE chamado “Líderes de Classe”.

O “Líderes de Classe” atendia a necessidades locais, próprias desta unidade e iniciou-se com uma inspetora de alunos que tinha identificação com a faixa etária dos adolescentes. Esta funcionária incentivava a participação do corpo discente. Entretanto os estudantes, apesar de eleitos pelos outros alunos, agiam mais como monitores; não era propriamente uma atividade Gremista já que era um sistema representativo delimitado a cada classe e não a uma representação discente em nível de UE. Mesmo após a formação do Grêmio nesta escola, o “Líderes de Classe” manteve sua autonomia, atuando em parceria com o Grêmio.

Em 2010, com a mudança da Equipe Gestora, houve a constatação do que já estava sendo desenvolvido e mediante a observação do dia a dia identificaram-se algumas dificuldades e possíveis soluções. Na construção de alternativas às problemáticas operou-se uma formação para incorporar uma parceria entre alunos, professores e funcionários. O objetivo era que houvesse a modificação na cultura daquela UE e a edificação de um PPP que não fosse meramente burocrático. Os grandes problemas identificados primeiramente foram: baixo rendimento nas avaliações externas e casos recorrentes de indisciplina ou violência entre alunos. Portanto, pode-se concluir que o projeto “Líderes de Classe” encetou o Grêmio Estudantil desta UE.

Na busca empreendida pela direção dessa escola para inaugurar um Grêmio Estudantil, iniciaram-se sessões de estudo e pesquisa sobre Grêmios. Espaços e horários alternativos foram criados para aproximar os alunos, promovendo o diálogo e ampliando o olhar sobre as questões que atingiam a escola.

Depois, nós conseguimos fazer, com que eles fossem mais cedo. Isso foi interessante porque os adolescentes tinham vergonha de almoçar na escola. E eu convidei para um almoço. Eles iam almoçar e eu também almoçava lá na mesa com eles. Então, eles começaram a não mais fazer essas reuniões no horário da aula. Eles iam um pouquinho mais cedo, a cada 15 dias. E, isso também foi interessante, porque aí os colegas começaram a também ir mais cedo para almoçar na escola, sabe, para incentivá-los. Porque é uma faixa etária assim. Eles têm vergonha de tudo! Então, achava que ir lá, pegar o prato de comida... que isso não era muito legal. E aí, a partir dessas reuniões, eles iam mais cedo, depois eles começaram a ir mais cedo nos outros dias e aí até a gente aumentou o número de alunos lá, participando do almoço na escola... que a Prefeitura de Santos oferece o almoço e para o período da tarde é sempre um pouquinho antes do horário.

E então, nessas reuniões, nós começamos a estudar sobre os Grêmios. E eles entenderam essa política, essa participação política, e que essa voz deles, a visão que eles tinham da escola é diferente daquilo que eu estou vendo, daquilo que o professor está vendo. Então por isso que é importante que eles participassem. Porque eles estavam reclamando das aulas, mas os professores diziam que as aulas eram ótimas. Por mais que nós da Equipe Gestora, Coordenador Pedagógico, observássemos que não. Mas a gente precisava dessa voz. Deles afirmando isso ou mais, não só falando do professor, mas explicando melhor o que eles estavam... a forma que eles estavam enxergando aquele trabalho.

E aí quando foi abril de 2012, a gente conseguiu fundar o Grêmio. Dia 4 de abril de 2012... Fundamos o Grêmio numa Assembleia (Entrevistado T.K.).

Desta feita, esse primeiro Grêmio nascido de modo independente na gestão de Paulo Alexandre Barbosa e desvinculado de uma propositura governamental, serviu como fomento inicial ao projeto de Grêmios. A sua atuação dentro desta unidade escolar passou a conduzir uma gestão mais colegiada, antes mesmo de sua constituição, até que houvesse a possibilidade de uma fundação oficial. As elaborações preparatórias que inicialmente eram semanais, com o tempo passaram a ser quinzenais. Estas duraram de março/abril de 2010 até 4 de abril de 2012, quando numa grande festa houve a fundação oficial do Grêmio.

Pode-se dizer que estas formações preliminares forjaram o sucesso da iniciativa, porque deste modo, todos assumiram um compromisso. Os integrantes da comunidade escolar passaram a viver um clima de coparticipação, expandindo o olhar para além das necessidades pessoais imediatas. Pôde-se ver o primeiro efeito das formações nos preparativos da fundação e eleição do Grêmio. Os alunos tomaram a frente de tudo, não tendo sido necessária a participação direta dos adultos que ficaram em segundo plano, agindo somente como colaboradores.

Para que houvesse aderência às novas posturas, que se pretendiam efetivar, tentou-se instaurar a democratização do espaço escolar em todos os âmbitos. Isto acabou por gerar certa resistência no corpo docente que tinha dificuldades de lidar com as cobranças e questionamentos dos alunos.

T.K. percebeu que cobranças e questionamentos nem sempre são bem recebidos, mesmo quando os alunos passam a contribuir para a melhoria da escola. Esta iniciativa dos líderes estudantis é vista como afronta pessoal ou desrespeito e não como ampliação do espaço de diálogo. Averiguou-se, empiricamente, que transmutar a visão dos docentes também seria um desafio. Perceber a escola como um espaço de formação e não só como um lugar onde se aprendem conteúdos, seria algo que se precisa ponderar.

Apesar de tudo, o alargamento do espaço democrático seguiu: o presidente do Grêmio passou a ser membro nato do Conselho de Escola, ainda que sem direito a voto; os pais foram chamados e esclarecidos quanto a atuação do Grêmio Estudantil; palestras, cursos, passeios, torneios esportivos, atividades culturais e etc... eram requisitados pelos alunos e não impostos pelo corpo docente ou pelo currículo, ainda que houvesse vinculação entre eles; a rádio escolar foi implantada; o jornal da escola foi ampliado; os alunos envolviam-se na construção e execução do PPP; problemas foram identificados como: pais alcoólatras, adolescentes que bebiam regularmente, gravidez precoce, a relação do baixo aproveitamento com a indisciplina escolar; o acesso aos relatórios financeiros da APM foram garantidos ao Grêmio, assim como a participação na aquisição de recursos, na decisão e na compra de equipamentos para a escola.

Também se almejavam parcerias externas ao ambiente escolar (policlínica, nutricionista etc.). O envolvimento dos membros da escola e da comunidade era crescente, trazendo um significado real à estrutura escolar.

Para a gente canalizar essa questão toda dessas reclamações deles... deles, de alguma forma essa saída da sala, sem disciplina é uma voz, né? Eles tão dizendo alguma coisa. Então, é de canalizar, da gente tentar entender por que que isso está acontecendo. Uma vez, uma situação lá na escola, até em paralelo, talvez você nem use... Nós reunimos os alunos que tinham muita dificuldade de indisciplina. E, a única coisa que eu fiz foi dar um questionário de três perguntas para eles. Escritas. Eles deveriam responder por escrito. Você acredita que, nome? Nome para ler? Aluno de Fundamental II... Eles tinham dificuldade de ler as questões que eu tinha colocado ali. Ah... nós identificamos a questão. Alunos de sexto ano ao nono, que sétimo, oitavo, que não conseguiam interpretar o que estavam lendo. Eles liam a letra, mas não conseguiam entender o que estava ali, aí já foi um indicador forte do motivo daquela indisciplina (Entrevistado T.K.).

Aprender a trabalhar em grupo, a escutar, a lidar com a timidez, a argumentar, foram atividades incentivadas por intermédio da participação que continha uma intenção formativa.

Contudo, esta participação recebe uma graduação mesmo quando há o intento de ampliar um processo democrático. Os obstáculos fazem parte da estrutura e estão presentes nas relações escolares. Uma gestão plenamente democrática não se torna possível, posto que esbarra em limitações sistêmicas que restringem o alcance de decisões intrinsecamente participativas, ainda que se consiga ampliar este espaço. Por força das circunstâncias o que acaba imperando é o caráter hierárquico, já que os obstáculos são estruturais.

Esta condição se fortalece no Município de Santos, pois no Regimento das UE's há a figura do diretor como primeiro responsável pela Unidade. Desta feita, o diretor, por receio de ser culpabilizado por problemas imputados ao seu cargo não pode ampliar muito mais as possibilidades. De acordo com as exigências institucionais, a responsabilidade final não pode ser abraçada por todos e isto acaba convergindo a “culpa” para a figura do diretor que compelido, receia e busca preservar sua segurança pessoal e profissional.

Problemas relacionados à emancipação jurídica dos alunos, já que esses têm menos de 18 anos, limita o manejo de recursos financeiros. O posicionamento hierárquico da ordenação Municipal acaba por influenciar e comprometer a plenitude da Gestão Democrática, por ele apregoada, problematizando, limitando ou negando as bases que justificam o discurso do próprio sistema.

O único ponto que T.K. citou como sendo algo mais direcionado e não totalmente democrático, portanto, menos autônomo, foi sobre o tratamento do fluxo de dinheiro pelo Grêmio. O Estatuto utilizado como modelo apresentava uma diretoria de finanças que

funcionava como uma tesouraria. A grande dificuldade relacionada a este quesito, conforme o T.K. era a idade dos alunos, que por serem menores não poderiam fazer movimentações bancárias ou prestar contas oficialmente sobre estes recursos.

A inviabilidade de comprometer os pais dos Gremistas e a possibilidade de perda do controle da direção da escola sobre o encaminhamento dado aos recursos adquiridos era um entrave. Estas dificuldades precisaram ser contornadas já que a Equipe Gestora da escola é a primeira responsável por tudo o que ocorre em relação à UE.

T.K. cita a dificuldade para adequar seu desejo de incentivar a autonomia, frente às possibilidades concretas que se apresentavam. A saída encontrada naquele momento foi a indução dos alunos para que concordassem em atrelar as finanças do Grêmio às finanças da APM, assim toda a documentação e encaminhamentos estariam garantidos sob um controle oficial.

Apesar da crença de que os alunos deveriam aprender a lidar com um recurso coletivo, gestando suas próprias finanças, neste Grêmio modelo, não se encontrou uma forma de efetivar a ação, por receio de que, futuramente, problemas maiores pudessem ser gerados. Por conta destes fatores a intervenção dos adultos no condicionamento financeiro se fez necessária, naquela ocasião, em particular.

E, o Estatuto do Grêmio, nós utilizamos um modelo da União Estudantil e adequamos, porque, por exemplo, lá neste Estatuto, como é o estatuto de uma associação, né? Tem os cargos, e a princípio nós tivemos uma certa dificuldade em trabalhar, por exemplo, com a diretoria de finanças, o diretor que é um tesoureiro, né? Como ainda existia uma dependência da gente, na Equipe Gestora, da gente está acompanhando, eu achei difícil deixar, permitir essa, então de uma certa forma eu **induzi** para que a princípio não tivesse. Eles estavam trabalhando conosco na Associação de Pais e Mestres, então eles poderiam trabalhar por algum recurso que eles quisessem desenvolver, algum evento, mas estava sempre atrelado a Associação de Pais e Mestres e eles tinham acesso aos relatórios (Entrevistado T.K. grifo meu).

Tendo esses aspectos em vista, há de se atentar para que tipo de participação ou de Gestão Democrática tem sido possível efetivar nas escolas e até que ponto a ampliação dessa possibilidade é interessante ao sistema educacional. O Grêmio Estudantil aparece como um espaço possível, mas que ainda carece de desenvolvimento nesta direção. O interessante é que havendo uma garantia enquanto projeto político, espera-se que com o tempo ocorra a consolidação da ampliação dos espaços atuais. Observa-se em um dos entrevistados o receio de que, como já ocorreu anteriormente a outros projetos, com o advento das próximas eleições municipais em 2020, sobrevenha o desmanche da proposta de Grêmios por ter sido uma das marcas da gestão PSDB.

Então, era uma organização interessantíssima. O que que aconteceu? Como na virada de [19]96 para [19]97, isso, de [19]96 para [19]97 a administração mudou e a ideia não era do partido que havia vencido as urnas, simplesmente o "Projeto Regular Noturno" foi para o buraco. Então, esse é um problema... Não importa se a ideia é boa! Só se importam se ela é minha ou não, né? (Entrevistado N.F.).

Na escola onde surgiu a iniciativa que deu origem ao projeto Municipal de Grêmios, havia um cuidado em deixar claro que a intenção era a de que todos passassem a ser parte de um todo, evitando-se colocar um setor como o mais importante.

Como resposta a essa nova realidade e a esse cuidado recíproco, T.K. indica o IDEB⁶⁶ (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) da UE, que atingiu uma classificação até então inesperada. De acordo com o entrevistado, no Ensino Fundamental II, os alunos saíram da última colocação no Município para a primeira no ano de 2012.

Novas necessidades foram surgindo e para facilitar a progressão da atividade Gremista, os alunos do 5º ano passaram a participar como ouvintes das reuniões do Grêmio e, ao chegarem ao 6º ano, já se sentiam ambientados. Ao que consta, mudanças profundas foram percebidas e num espaço de tempo que pode ser considerado curto.

Esta iniciativa descrita foi considerada bem sucedida por T.K. e como fraca por T.S. por não contemplar todas as escolas municipais. Contudo, foi ela que serviu como inspiração para o projeto de Grêmios que foi instaurado em todas as escolas municipais de Santos a partir de 2014.

Apesar do que foi difundido na ocasião, este Grêmio não foi o primeiro Grêmio Santista. Como já foi citado anteriormente, esta foi a terceira implementação de Grêmio, nas escolas municipais santistas, após o Regime Militar.

Faz-se importante salientar que mesmo antes destas duas primeiras iniciativas havia Grêmios municipais atuantes, como o do Acácio. O Acácio era um colégio de formação técnica e seu Grêmio, o primeiro das escolas municipais santistas, estava fortemente vinculado ao Movimento Estudantil. O Grêmio da escola técnica E.M.S.G. Acácio de Paula Leite Sampaio também serviu de inspiração para os Grêmios, na gestão Telma de Souza.

Com a gestão do prefeito Paulo Alexandre Barbosa, deu-se o início de mais um projeto de Grêmios. A descrição desta iniciativa será feita no item seguinte.

⁶⁶ O IDEB é uma iniciativa brasileira para medir a qualidade do aprendizado Nacional, estabelecendo metas para a melhoria do ensino e o monitoramento da qualidade da Educação pela população (TODOS PELA EDUCAÇÃO, n.d.; n.p.).

Capítulo V - A implantação do atual projeto de Grêmios e sua descrição (2014 – 2018...)

Conforme o relato de L.B., para responder à Lei Federal que “pede”⁶⁷ a formação de Grêmios a partir do 6º ano, os Grêmios Estudantis ressurgiram em 2013, se bem que a Lei Federal nº 7.398/85 que dispõe sobre a organização das representações estudantis de 1º e 2º graus em entidades representativas e a Lei Federal nº 8.069/90 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) mais garantem o direito à autonomia de organização em entidades estudantis do que pedem sua formação. Não existe a exigência ou a obrigatoriedade de sua implementação. Cabe aos alunos a escolha por sua existência ou não.

Também foi relevante o interesse pessoal e a visão de L.B. com relação ao protagonismo juvenil e à posição do jovem na sociedade, ainda que os Grêmios municipais santistas sejam formados por adolescentes e crianças⁶⁸ e não por jovens, por serem os Municípios os responsáveis pela Educação Infantil e pelo Ensino Fundamental.

Há um consenso entre os sujeitos de pesquisa, que efetivaram a proposta vinculada a gestão atual, de que uma política pública só acontece de fato se houver um acompanhamento ativo de sua execução. De outro modo, os entrevistados acreditam que ela acaba sendo burlada e morre em um cumprimento burocrático.

Por outro lado, T.K., coloca que em sua visão o adolescente, que é a faixa etária atendida pela Prefeitura Municipal é imaturo e não consegue articular-se sozinho por conta da idade. Os alunos Gremistas teriam dificuldades de perceberem-se como cidadãos, como alguém que pode contribuir, porque não teriam maturidade para tal.

Conforme atesta Kanamuru (2014), consta em Freinèt o respeito ao livre arbítrio infantil, gerando oportunidade de crescimento pela auto avaliação das recusas e escolhas permitindo a análise dos motivos de uma ou outra decisão. A formação da consciência moral de modo experimental é auxiliada, mas não determinada por um adulto. Assim a criança aprenderia a assumir responsabilidade e a desenvolver sua parcela de ação político social juntamente com os adultos (pais e professores), num espírito cooperativo e não hierárquico, já que deveriam ser respeitadas como seres pensantes que precisavam ter sua liberdade respeitada:

⁶⁷ Esta limita-se a regular.

⁶⁸ De acordo com o artigo 2º das disposições preliminares do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, (sic) e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (ECA 2017, p. 19).

Nesse aspecto, Freinet manteve a coerência ética estrutural nessas relações discentes e docentes na Cooperativa de Ensino Laico e no Instituto Cooperativo de Escola Moderna, documentados no órgão L'Educateur (FREINET, 1985). Enfatiza-se, portanto, que essa perspectiva ética radical não se restringiu à cooperação e à autogestão administrativas apenas entre educadores, mas, principalmente, para os educandos. Freinet (1969, p. 149), em Para uma escola do povo, alertou que para a constituição de uma real cooperativa escolar:

[...] não se trata de fundar, como por vezes acontece, um agrupamento formal no papel, com o objectivo de comprar um material qualquer mediante o pagamento de uma cotização mensal, mas de uma verdadeira sociedade de crianças (grifo nosso) capaz de administrar a quase totalidade da vida escolar (KANAMURU, 2014, p. 777).

Freinèt, em sua infância, teve que tomar decisões vitais para a sua sobrevivência e a de sua família, portanto daí nasce sua confiança no poderio deliberativo das crianças. Kanamaru (2014) indica esta vivência de Freinèt e a influência deste período em sua pedagogia:

Conforme a literatura existente, a construção da pedagogia do trabalho ou da escola moderna, do francês Célestin Freinet (Gars, 1896, Vence, 1966), não foi elaborada a priori e academicamente. Pelo contrário, teve influência de sua experiência de vida desde os primórdios, quando foi pastor de ovelhas, nos Alpes Marítimos, já nos seus primeiros anos de vida (FREINET, 1979). Essa profissão lhe exigia tomar decisões importantes relacionadas à segurança do rebanho, principal fonte de sustento de sua família humilde. Pensamos que essa experiência profissional influenciou a concepção e o desenvolvimento de sua obra pedagógica, levando-o a valorizar a autonomia e a livre descoberta, que posteriormente se tornariam base para a consideração da importância da livre expressão e da livre pesquisa (KANAMURU, 2014, p. 771).

Assim seria basilar repensar o modo como os sujeitos de pesquisa justificam a importância do Grêmio enquanto projeto. Como os alunos não seriam autônomos para liderar os Grêmios sozinhos acabam dependendo das Equipes Gestoras das escolas. Estas, por sua vez, podem suscitar interesses diversos do que se pretende com os Grêmios e até liquidar a continuidade do projeto. Quando a viabilização de algo proposto está diretamente condicionada a interpretação de um indivíduo, no caso a figura do diretor, pode-se impulsionar ou inviabilizar ações de acordo com crenças subjetivas e não discutidas e definidas coletivamente.

Este centramento na figura do diretor da UE ainda se faz muito presente. “Quem daria a cara da escola” seria a pessoa que ocupa o cargo de diretor. Só esta concepção demonstra a fragilidade da tão alardeada concepção de “Gestão Democrática”.

A indexação à vontade do gestor de cada unidade poderia ser um fator negativo ao desenvolvimento da proposta e poderia instalar o desinteresse em sua oportunização. Deste modo, sem um acompanhamento externo, o projeto de Grêmios poderia vir a não existir de fato e tornar-se mais um registro pró forma.

Foi levando em consideração a constatação, feita pelos idealizadores do projeto, de que o supervisionamento da ação por meio de relatórios e outras formas de verificação e manejo

seriam primordiais para a validação da proposta de Grêmios. Haveria a necessidade de alguém externo à administração de cada unidade para unificar a proposta, encaminhá-la e acompanhá-la na sua destinação.

Para iniciar o processo de implementação dos Grêmios, entre 2013 e 2014 as escolas foram visitadas. A única escola que tinha Grêmio e que serviu de modelo e inspiração, estava com sua equipe de direção incompleta (não havia Coordenador e nem Orientador Pedagógico). Por esse motivo o diretor, na época, confidenciou a T.S. que o encaminhamento do Grêmio poderia ter sido melhor, uma vez que suas demandas a cumprir impediam a disponibilidade de tempo necessária para atender às solicitações do Grêmio.

É possível sentir os efeitos do controle exposto e das amarras hierárquicas que se naturalizaram no ambiente escolar e que influem na manutenção do sistema. O sufocamento de encaminhamentos colegiados é bastante presente no sistema escolar ainda que haja um discurso favorável à Gestão Democrática.

No projeto de Grêmios Estudantis santistas o não poder decidir pode ser transmutado em processos de convencimento e indução que podem relegar a um segundo plano as deliberações coletivas. A força das circunstâncias impostas, assim como os mecanismos para a efetivação desta “semi democratização” escolar seria capaz de conduzir à necessidade de uma reflexão sobre o excesso de condicionantes externos e de lutas conjugadas no campo educacional e social. Estes acirramentos podem consumir encaminhamentos, estipulando-os com mais eficiência do que a voz daqueles que atuam no dia-a-dia da área educacional e dos alunos.

Este fator apareceu na pesquisa prévia feita por L.B. e T.S. ao planejar a política pública dos Grêmios. A priorização aparenta remeter às predileções dos gestores educacionais e acaba por relegar aos alunos uma opinião secundária. Com isto, poder-se-ia supor que as decisões são validadas ou modificadas pelos alunos que ficam subordinados a uma base já pré-estabelecida. O corpo discente não tem acesso à geração dos alicerces da proposta, mas são convidados a aderirem a ela, como no relato:

L.B. - Quando eu ingressei em 2013, eu já tinha este pensamento com relação ao Protagonismo Juvenil. Então a primeira coisa, situação que eu fui buscar foi o **diagnóstico nas escolas de Fundamental II**, se havia algum Grêmio instalado e atuante, não só instalado, no papel. E, para minha surpresa havia um Grêmio funcionando com Estatuto que era da diretora XXXXX ainda na função de diretora lá na U.M.E. (nome da escola). Ela tinha como um dos eixos principais a questão do Protagonismo Juvenil por meio do Grêmio Estudantil. Então somente nesta escola havia o Grêmio constituído e atuando com até um Estatuto próprio, na rede toda. Das dezesseis UMEs de Fund. II, do 6º ao 9º, somente uma estava com o Grêmio atuante, que era o da diretora XXXXX. Ela seguia e tem um pensamento nessa questão do

estímulo, do desenvolvimento do jovem por meio da Democracia, **mas uma Democracia que tenha o sentimento de pertencimento, de construção coletiva e ela fazia toda esta costura pelo Grêmio Estudantil** (Entrevistado L.B., grifos meus).

Na citação acima, novamente fica evidenciada a atuação personalizada do diretor de UE e como seria tênue a linha que separam as possibilidades de Gestão Democrática. Essa postura pode ser lida como algo não democrático ao bem delimitar o campo de ação dos jovens ou, ao contrário, ser sentido como algo muito democrático. O fato de uma diretora por livre iniciativa estimular o funcionamento de um Grêmio mesmo estando imersa numa estrutura, numa rede hierarquizada e controlada seria uma iniciativa inusitada já que ela teria o poder de abafar um empreendimento que permitisse dar voz ao corpo discente, mesmo que isso tivesse partido dos alunos, dos professores ou de qualquer um dos funcionários da unidade.

T.S. também esteve inserido neste processo prévio da instalação da atividade Gremista no Município.

Início da fala de T.S. – Bom, legado de gestões anteriores... Em 2014, quando eu comecei a trabalhar na SEDUC, que **eu comecei a visitar as escolas**, é... só havia 01 Grêmio em 16 escolas de sexto ao nono ano. A diretora na época, hoje ela está na XXXXX, ela era diretora de uma das escolas na época. Diretora da escola (nome da escola), na (localização da escola). Era a única escola que tinha. E eu, numa conversa com ela, ela me falou que era super a favor da Gestão Democrática e que ela foi uma das incentivadoras da abertura deste Grêmio, que estava indo para o 3º ano. Só que, devido à demanda de serviço, e o Grêmio não é atribuição direta da diretora, apesar de ela ter que articular, ela não conseguia dar conta das necessidades dos alunos (Entrevistado T.S., grifos meus).

Cabia a T.S. convencer os educandos a filiarem-se à proposta que estava sendo desenhada.

Ela abriu um sorriso de orelha a orelha e falou assim, XXXXX não quero que você se preocupe com esta cerimônia. Quem vai cuidar dela sou eu. O prefeito vai estar! Eu vou conversar com o gabinete dele, e a gente vai articular. O teatro vai ser da prefeitura, a gente não tem gasto com teatro. Transporte eu vou ver com a Secretária [de Educação]. Deixa a cerimônia de posse por minha conta que eu resolvo para você. **Vai cuidar de convencer os alunos a abrirem o Grêmio** (Entrevistado T.S., grifos meus).

T.S., partindo de seus levantamentos feitos escola a escola, confeccionou documentos⁶⁹ registrando os achados, justificando o projeto de Grêmios e instituindo os objetivos.

⁶⁹ Os documentos citados são fontes produzidas na elaboração e execução do projeto e que não foram publicados. Essa documentação teve somente circulação interna na Seção de Projetos Educacionais Especiais (SEPROJE - Departamento Pedagógico – SEDUC/Santos). As fontes foram fotografadas por mim para a execução da pesquisa e encontram-se arquivadas em pastas na referida seção.

Aqui não há como não perceber a tutela da participação instituída de modo vertical. A justificação do projeto e seus objetivos foram pré-estabelecidos e não contando com a contribuição de um colegiado docente e muito menos de um discente.

Pré-projetos elaborados por mim serão discutidos com todos os Grêmios para, após virarem projetos, serem implantados em todas as unidades, que terão autonomia para articular e adaptar itens à sua realidade, haja vista que é impossível um projeto único ser abordado igualmente em comunidades com características tão diferentes entre si. Projetos individuais divulgados a todos os Grêmios, que devem tomar ciência do que se passa nos Grêmios das demais UMEs. Caso determinado projeto específico de uma UME funcione efetivamente, esta servirá de exemplo para uma possível ampliação, com visita dos outros Grêmios (se necessário) à UME, onde o projeto acontece realizando a articulação entre eles e onde a troca de experiências tornar-se-á peça fundamental para a integração entre os Grêmios das diversas unidades. [...] (Trecho de documento com circulação interna arquivado na SEPROJE).

Justificativa

A falta de tempo e o volume grande de trabalho dificultam um efetivo trabalho de orientação e articulação do Grêmio com os demais segmentos escolares. Um dos fatores principais é a Equipe Técnica encontra-se, na maioria dos casos, desfalcada em determinados cargos, conforme o levantamento feito nas UMEs supra citadas: [...] (Trecho de documento com circulação interna arquivado na SEPROJE).

Objetivo Geral

Instituir o Grêmio Estudantil, de maneira que os membros se tornem autônomos na criação e execução das atividades do Grêmio em geral. (Trecho de documento com circulação interna arquivado na SEPROJE).

Objetivos Específicos:

Que o Grêmio seja capaz de desenvolver os seguintes Eixos de Trabalho: “Ações para a Disciplina Escolar, Limites e Regras”, “Autoestima e Motivação”, “Autonomia e Organização”, “Auxílio na Gestão Escolar”, “Cidadania e Integração Social”, “Conservação do Patrimônio”, “Disseminação de Informações”, “Passeios e Projetos”, “Perspectiva de Futuro Profissional”, “Qualidade de Vida”, “Recreio Dirigido”, “Representatividade e Liderança”, “Senso Crítico e Valores Humanos” e “Valorização dos Estudos”. (Trecho de documento com circulação interna arquivado na SEPROJE).

O Cronograma de trabalho do projeto estava assim descrito em um dos documentos produzidos durante o planejamento e que estão especificados na nota de rodapé nº 67:

1. Levantamento da necessidade da existência ou não, dos grêmios e sua atuação.
2. Definição dos termos do Estatuto Geral dos Grêmios Estudantis de Santos, com aprovação da Secretaria de Educação e publicação no Diário Oficial.
3. Definição dos cargos básicos a serem ocupados.
4. Elaboração de teste de competência para os cargos.
5. Elaboração do Programa de Capacitação do Grêmio Estudantil.
6. Encaminhamento do Estatuto Geral às UMEs.
7. Inscrição dos alunos nas UMEs para eleição.
8. Encaminhamento dos nomes ao Articulador.
9. Aplicação do teste de competência.
10. Divulgação dos resultados do teste às UMEs via memorando, com

- cronograma de visita para a Eleição, Reunião de Abertura e os Encontros de Capacitação.
11. Eleição, classe a classe, dos inscritos aprovados no teste.
 12. Reunião de Abertura para eleição interna dos cargos.
 13. Cerimônia de posse dos presidentes, com diplomação anual (no ano seguinte, presidente do ano anterior passará a empossar o seu sucessor; na ausência do primeiro ou na reeleição, o Articulador faz a posse).
 14. Capacitação dos membros do Grêmio Estudantil.
 15. Elaboração de pré-projeto anual (entendimento do ECA e do Regimento Municipal Escolar, eventos anuais, passeios específicos).
 16. Reunião com os presidentes para o fechamento do projeto anual.
 17. Encaminhamento às UMEs do projeto anual.
 18. Acompanhamento do andamento do projeto UME por UME.
 19. Reunião de encerramento do ano letivo, com apresentação dos resultados obtidos.
 20. Levantamento crítico dos resultados.
 21. Elaboração do cronograma para o ano seguinte.
 22. Envio do pré-cronograma para as UMEs. (Nota de rodapé nº 67)

O item quatro trata do teste de competência para os cargos. Os professores chamados de colaboradores (que trabalharão nas escolas com os dirigentes Gremistas) se inscrevem para o projeto, apresentam uma carta de pretensões e preenchem uma ficha de entrevista. É a partir da avaliação dos perfis apresentados que os colaboradores são selecionados. Não havia dentre os documentos pesquisados um que trouxesse de modo claro e objetivo os critérios estabelecidos para a aprovação ou a reprovação dos candidatos a professor orientador dos Grêmios.

A ficha é subdividida em duas partes – identificação e conhecimento sobre o tema:

- A identificação do candidato (nome, idade, registro funcional, unidade educacional em que atua e o período, tempo de trabalho junto à prefeitura, se acumula em outra unidade no período oposto e o período que possui para desenvolver o projeto, descrição de experiências anteriores com a juventude);
- Respostas dissertativas a partir das questões:
 - a. Como você pode definir “Grêmio Estudantil”?
 - b. Qual o papel fundamental do Grêmio Estudantil no contexto escolar?
 - c. No que a realidade escolar pode influenciar os trabalhos do Grêmio Estudantil?
 - d. Qual a relação do Grêmio Estudantil com o entorno da unidade escolar?

Já o item dezenove do Cronograma de Trabalho trata dos resultados obtidos. Os relatórios periódicos que os professores colaboradores precisam apresentar são norteadores para os ajustes necessários ao projeto, a fim de garantir os encaminhamentos favoráveis à manutenção dos interesses de sua concepção inaugural.

No período da criação desta documentação o projeto de Grêmios Estudantis estava vinculado à SEPROIE (Seção de Projetos de Integração Educacional), departamento que depois foi suprimido, de acordo com o relato do entrevistado. Nele há a definição que determina quais escolas serão envolvidas, ou seja, o que se denomina nos registros como “público alvo”.

A grande problemática apontada como impeditiva para a existência dos Grêmios na rede Municipal era a sobrecarga de responsabilidades imputadas à figura dos diretores de escola. Estes temiam ter que assumir mais um encargo ao ter que “guiar” os Grêmios, porque apesar de não ser atribuição direta do diretor, ele é o primeiro responsável por tudo o que ocorre dentro das UEs.

Nota-se que o excesso de cobranças burocráticas, o modo não democrático como a estrutura escolar é pensada, bem como a impossibilidade de propor mudanças nestes alicerces, se interpõem aos interesses educativos e formadores dos sujeitos.

Outra dificuldade aparece também na questão da instauração de um Estatuto único para todos os Grêmios santistas. Na fala do sujeito de pesquisa, esta unificação facilitaria a gestão dos Grêmios. Ponderam que com estatutos personalizados e adaptados à realidade de cada unidade não haveria facilidade no trânsito das decisões. A padronização e a não valorização da diversidade é própria da cultura escolar. Entretanto, há de se ressaltar o fato de que os discursos enfatizam que a existência dos Grêmios visaria primeiramente o interesse dos alunos e não das pessoas envolvidas no auxílio à sua execução.

No caso dos Grêmios da gestão Paulo Alexandre abre-se uma fenda ao se pensar que há limites claros colocados nas possibilidades de elaboração, discussão e de autogestão aos alunos, por conta do Estatuto único. Esta determinação coloca em prioridade a gestão de problemas estruturais do sistema escolar, que acabam forçando adequações aos projetos e não o contrário. Interrompem-se, neste exemplo, os interesses educativos e formativos e a diversidade, prevalecendo o amoldamento aos interesses externos da administração Municipal e não o contrário, os interesses formativos dos alunos das escolas municipais.

A existência de um Estatuto único aplainaria uma elaboração interna que por si só, fomentaria a discussão, a elaboração e a formação de expectativas visando uma organização autogerida dos alunos. O Grêmio Estudantil, visto por essa perspectiva, pode ser enxergado como algo impeditivo, impossibilitador da formação plena das crianças e adolescentes ao tutelar e cercear uma participação autorregulada na relação com os pares. Essa inexequibilidade, apesar de se poder fazer adaptações ao Estatuto, retrata um problema estrutural do sistema educacional. Este problema compele a uma adequação dos projetos e atrela seus interesses educacionais aos interesses externos, pertencentes à administração Municipal. A falta de profissionais e os

rearranjos que isto promove sobrepõem os interesses administrativos sobre as necessidades pedagógicas e formativas. O Estatuto, por ser unificado, não é adaptado à realidade de cada UE, já que os ajustes possíveis aparecem sobre fatores superficiais, visto que as bases estão previamente fixadas e estabelecidas. Há deste modo, a impossibilidade de uma discussão ou de uma modificação contundente, fechando-se assim, um espaço de formação. Ao mesmo tempo, esta característica permite uma unidade do Grêmio em nível Municipal, proporcionando que nos encontros entre diferentes escolas eles possam ter um entrosamento mais homogêneo; o que abstrai diferenças e oculta contradições.

Segundo L.B. e T.S. a imagem presente nos diretores a respeito dos Grêmios Estudantis era a de um grupo de enfrentamento, que dificultaria ainda seu trabalho por terem a incumbência de permanecer questionando e reivindicando. Esta posição pode estar vinculada aos resquícios da política implementada na administração do PT⁷⁰. À época houve embates entre o interesse dos gestores das escolas, acostumados a ter autoridade absoluta sobre as decisões, diante da tentativa de redemocratizar o espaço escolar.

Conforme o relato de N.F. a justificativa dada pelos diretores das escolas têm por base as vivências durante a proposta petista de Grêmio. A leitura que se mitificou entre os educadores embasava a afirmação transmutada em senso comum de que os alunos passaram a abusar da prerrogativa e que utilizavam este subterfúgio para não cumprir com os deveres escolares, subtraindo todo e qualquer potencial educativo nas experiências inclusas na atuação com o Movimento Estudantil. Desta feita as Equipes Gestoras afirmavam estar salvaguardando as preocupações pedagógicas, sendo que a vivência política dos alunos não seria função escolar, como será descrito nos tópicos seguintes.

Para desobstruir este entrave, na constituição do projeto de Grêmios Estudantis, na administração do prefeito Paulo Alexandre, um professor pertencente à rede Municipal de educação foi escolhido para executar o plano em todas as escolas da rede Municipal como “Articulador dos Grêmios”. Essa escolha estava vinculada a alguns critérios: teria que ser alguém jovem, por conta da linguagem e da identificação com a faixa etária dos alunos e que tivesse desenvoltura e versatilidade para resolver as demandas que surgiriam. Para que todo este planejamento fosse possível, a figura criada e denominada como “Articulador dos Grêmios” (professor da rede Municipal) fez vários encontros com os alunos para esclarecer dúvidas e “convencê-los” a instituírem o Grêmio, já que o corpo discente de cada escola seria o único com poder de vetar o início do projeto. Com relação aos diretores, estes não teriam a

⁷⁰ X. e T.N. afirmam que atingiram toda a rede Municipal e T.S. afirma que foram ações pontuais que ocorreram somente em algumas escolas.

prerrogativa nesta decisão de fechar Grêmios, visto que o projeto fora “imposto” a todas as unidades pela SEDUC, de acordo com o relato de T.S.

O Articulador dos Grêmios, de acordo com o Decreto Municipal nº 7.108 de 06 de maio de 2015 tem as seguintes atribuições:

[...]

1. dar cumprimento ao disposto no estatuto dos Grêmios;
2. organizar, juntamente com os gremistas, reuniões ordinárias e extraordinárias, sempre que necessário;
3. tomar ciência das ações que ocorrem em cada Grêmio;
4. colaborar com o bom andamento dos Grêmios em geral;
5. promover a integração entre Grêmios da Rede Municipal e, sempre que possível, com outros Grêmios não inseridos nas Unidades Municipais de Educação;
6. orientar os gremistas quanto a seus direitos e deveres, principalmente quanto ao disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na Constituição Federal e na Lei do Grêmio Livre Estudantil (D. O. de 07 de maio de 2015, p. 05).

Numa análise mais cautelosa deste trecho do Decreto Municipal nº 7.108, poder-se-ia perceber um paradoxo. Há a alusão a pretensão de facilitar o conhecimento dos alunos a respeito da Lei Federal do Grêmio Livre Estudantil. Apesar disso, o Decreto Municipal está em aparente incoerência com a liberdade de auto-organização dos estudantes. O Articulador aparenta mais proximidade com a figura de um executor. Um articulador estabeleceria ligações, favorecendo a ação dos alunos, já o executor efetua algo, faz com que se “cumpra” o que é imperativo ser realizado. Portanto a denominação “Articulador” aparenta dissonância com a ação esperada e expressa no citado Decreto Municipal.

Além disso, é necessário registrar que a atuação do Articulador dos Grêmios não se restringe às escolas municipais. Caso haja solicitação, ele pode atuar junto a Grêmios de escolas estaduais ou particulares. Para que isto ocorra são necessários um agendamento e o requerimento, por intermédio de um ofício, endereçados aos órgãos competentes.

O maior receio que se buscava evitar era o desmonte do projeto. Assegurar a manutenção dos Grêmios tornou-se uma prioridade ao se constatar o desmantelamento e a extinção das iniciativas antecedentes. A conclusão a que chegaram os organizadores é de que se o projeto ficasse somente sob a hegemonia dos alunos, fracassaria.

Os fatores: “imaturidade” e “inabilidade” para a formação de sucessores estiveram sempre presentes no discurso dos idealizadores e executores da proposta. Esse tipo de argumentação aparenta a busca por uma solução simples, como na alusão a defesa do fim das eleições diretas porque o povo brasileiro não saberia votar.

Na proposta da administração de Paulo Alexandre, o Grêmio é posto como um órgão auxiliar às demandas da escola. Seu papel está vinculado a de um interlocutor do corpo discente que, o representando junto à direção, pode contribuir com os propósitos do PPP. Seria uma organização que se colocando a serviço contribuiria para a resolução de problemas pontuais do dia-a-dia na UE.

Por esta razão houve uma preocupação especial dos idealizadores do projeto de, além de levantar dados, instituir encontros de formação com as Equipes Gestoras, enfatizando as vantagens de se ter um Grêmio Estudantil, evidenciando os possíveis favorecimentos ao poder dispor do suporte discente. Resumidamente, a atuação do Grêmio Estudantil nessa proposta é de agir como um facilitador na execução dos trabalhos pedagógicos e administrativos.

Dentro desta visão o que se espera é que o Grêmio atue como o interlocutor que diminui a distância e a estranheza entre o corpo docente, o discente e os gestores da escola. Ele também deve estar imbuído do comprometimento com as questões que visam o controle de indisciplina, tornando-os assim mais facilmente identificáveis e acompanháveis. Com a atuação dos Gremistas seria mais fecunda a criação dos mecanismos necessários para o combate ao *bullying*, por exemplo.

Os tópicos envolvendo o reconhecimento dos integrantes da direção do Grêmio pela comunidade escolar, elevação da autoestima e instituição de bons modelos de aluno a serem valorizados dentro das UEs, aparecem com certa frequência no manejo do projeto.

A ação dos Grêmios quebra paradigmas tradicionais ao apresentar um caráter de substituição meritocrática quantitativa, que considera o “bom aluno” aquele que tira boas notas, em favor de uma meritocracia moral que é atribuída à figura do bom aluno, àqueles que apresentam boa conduta.

A figura dos dirigentes dos Grêmios é associada a do “desbravador” que abre espaços de escuta dentro da hierarquia; a do agente democratizador do espaço escolar, sempre tendo em vista a integração do aluno à estrutura social existente. A preocupação com a inserção social é presente e buscam-se espaços de reconhecimento e de “empoderamento”⁷¹ do aluno. Esse entendimento do conceito de democracia, em sua efetividade acaba por negá-la. Não haveria como sustentar a democracia sem que em seu cerne houvesse a suposição do contraditório. A

⁷¹ Termo bastante utilizado por alguns sujeitos de pesquisa que costuma ser empregado em relação a conquista de direitos das minorias (classe, gênero, raça, orientação sexual...). Está relacionado à busca pelo desenvolvimento do poder e da consciência sobre as ações da própria vida para que na prática haja respeito e conhecimento da própria história e, deste modo, possa-se atingir um avanço nos direitos individuais, zelando pela proteção dos direitos sociais.

aspiração da homogeneidade comprometeria o exercício democrático e poderia sugerir um direcionamento para a cooptação.

Um dos recursos empregados para conseguir a unidade do projeto é a formação contínua que introduz temas específicos, voltados aos Gremistas. Os temas das formações são escolhidos conforme o interesse do que se deseja discutir no momento, em consonância com as campanhas que estão sendo desenvolvidas na rede Municipal. Os alunos Gremistas, após as ações de formação, agiriam como multiplicadores do que foi aprendido. Temas como: a Justiça Restaurativa, o *ciber-bullying*, o câncer de pele e o uso consciente do dinheiro são exemplos de alguns dos assuntos que foram tratados nestas formações.

É interessante o relato feito por T.S. sobre uma formação realizada com a embaixadora mirim da UNICEF sobre a preservação do meio ambiente. No relato do entrevistado fica evidenciado o fato de que se espera uma má conduta dos alunos de escolas públicas. A representação da visão prejudgada e a espera frustrada por um comportamento bárbaro advindo de alunos das classes mais pobres se apresentam nesse episódio, em que um senso comum se manifesta.

Outro fato a ser notado é o assombro dos alunos Gremistas frente a fluência na Língua Portuguesa de uma intercambista francesa. O contato de alunos das escolas públicas municipais de Santos com uma jovem que recebeu uma educação que possibilitava ter essa desenvoltura pode parecer um incentivo à superação, ao se vislumbrar um modelo. Todavia, o estabelecimento desse arquétipo distante e diverso das possibilidades comuns e possíveis na realidade destes alunos, torna injusta a cobiça por tal possibilidade. A simples exposição de um ideal impossível a alunos de escolas públicas brasileiras só demonstra o quanto é necessário avançar para tornar a educação mais equitativa. Além disso, não ficou claro no relato qual é a ideia que uma jovem europeia tem a respeito da juventude brasileira.

Teve uma vez uma intercambista da França chamada Célia Schumann⁷². Era uma menina de dezessete anos. Ela era Embaixadora Mirim da UNESCO (sic), e nós conseguimos um horário com ela na SEDUC. Ela veio conversar conosco. Uma menina extremamente simpática. Falou conosco em português. Ela iria embora dali há um mês e meio, e nós conseguimos colocá-la numa formação. Ela falou com os alunos. Ela falou sobre a preservação do meio ambiente. Foi muito interessante a palestra dela. Eles gostaram muito. Porque pelo jeitinho, francesinho... dela falar português... Eles não tiraram sarro dela, o que eu achei muito legal. Mas eles acharam interessantíssimo ver aquela menina que não é do Brasil, tentando falar com eles, e se esforçando para se comunicar na nossa língua, para eles entenderem. Eles acharam isto o máximo! E uma coisa que me deixou muito feliz, é que **a Coordenadora Pedagógica onde ela estudava, era uma escola particular daqui, chegou em mim na hora que foi embora com a Célia, e falou que ela esperava um público completamente diferente, do que ela viu naquele teatro. Ela falou que ela não esperava um público tão disciplinado assim, tão silencioso, prestando tanta atenção realmente** (Entrevistado T.S., grifos meus).

⁷² O entrevistado equivocou-se. Trata-se da Embaixadora da UNICEF, Celia Chenin.

Desse relato pode-se asseverar que a indisciplina, o barulho, o desinteresse e a desorganização povoam o imaginário de educadores quando se reportam à educação pública brasileira. Outro fato a se destacar é que a embaixadora mirim da UNICEF, durante seu intercâmbio no Brasil, frequentou uma escola particular. Seu contato com os alunos das escolas públicas de Santos foi vertical já que além da questão da preservação do meio ambiente houve a instituição de um modelo na figura da intercambista; além do que, ela poderia ter vivenciado uma experiência de imersão numa escola pública brasileira. Entretanto, optou-se pela eleição de uma instituição particular sem nem cogitar uma vivência híbrida (vivenciar a escola pública e a privada).

Com isto é possível a leitura de que o que se espera são o incentivo e a formação de líderes que traduzam modelos de conduta, ainda que as condições oferecidas aos alunos da escola pública não sejam as mesmas do modelo apresentado. Não ocorre que a transposição desta experiência, nas vivências dentro das UEs no Município de Santos, seja possível, tornando esta aproximação aparentemente forçada.

Observa-se certo incentivo a criação de modelos. O aluno ao se mostrar digno de mérito, passa a ser visto de modo diferenciado. O ambiente escolar torna-se, então, um local onde se alcança a identificação, a valorização e o pertencimento junto aos pares. O aluno que se sente reconhecido passaria a autovalorizar-se, a valorizar os colegas e a exercitar seus direitos e deveres sociais.

As questões relacionadas à meritocracia, a competitividade entre os indivíduos ou entre as escolas não estão fora desse modelo. A meritocracia pode ser percebida na valoração incentivada a uma adequação instituída de modelos de conduta que ressaltam quais são as posturas ideais prestigiadas socialmente.

A atividade Gremista também é vista como meio de estabelecer aliança com a comunidade local, promovendo a aproximação da família e o *modus operandi*⁷³ que enalteceria e fortaleceria a cidadania.

Ao conceber o projeto, T.S. não tinha conhecimentos prévios suficientes sobre a atividade Gremista ou sobre o Movimento Estudantil. Por esta razão, dedicou-se a uma pesquisa sobre estes temas a fim de compreender como, historicamente, eles foram estruturados e definir o que caracteriza um Grêmio. Tendo esta compreensão foi efetuado o plano de ação, com justificativas. Após a visita às escolas, o projeto, propriamente dito foi sendo instaurado.

⁷³ Expressão latina que segundo o dicionário Priberam significa "modo de operar". Esta expressão designa uma maneira de executar uma atividade seguindo, geralmente, procedimentos padronizados.

Nesses levantamentos, pode-se perceber que a criação de um estatuto regulador se fazia necessária. O Estatuto dos Grêmios do projeto vigente foi inspirado nos modelos de estatuto de Grêmios do Governo do Estado de São Paulo, do Paraná e no disponível no site da UBES. Houve necessidade de adaptação em consequência da faixa etária dos alunos da rede Municipal de Santos e das idiossincrasias do projeto. Teve-se a cautela de se verificar se estas modificações tinham algum impedimento legal, pois caso ferissem alguma lei não poderiam ser incluídas. Averiguou-se esta possibilidade e as mudanças foram instauradas alterando algumas condutas tradicionais de funcionamento dos Grêmios.

Uma das modificações atestadas e executadas foi o modo de eleição nos Grêmios. Suprimiu-se a tradicional inscrição por chapas, tendo sido substituída pela candidatura individual. Ao ocorrer o processo eleitoral, os doze alunos mais votados individualmente são automaticamente agrupados formando o Grêmio. Os cargos são preenchidos por escolha dos eleitos, de acordo com o número de votos recebido, ou seja, seguindo uma ordem decrescente, até que todos os cargos sejam preenchidos. Não há relação ou pré determinação de número de cargos reservados à representação de gêneros, sendo assim podem existir Grêmios com predominância de meninos ou de meninas.

Com as eleições, sem composição de chapas, pode-se observar o fechamento de um espaço de formação coletiva, já que a agenda e campanha são pensadas individualmente. Por outro lado, isto garante uma representatividade mais ampliada ao quebrar a hegemonia de uma classe sobre outra, quando a chapa eleita é formada por membros de uma única sala⁷⁴. Em 2019 houve a introdução de chapas nas eleições. Ao se questionar o Articulador dos Grêmios⁷⁵ qual a justificativa para tal modificação este alegou que após sucessivas eleições os alunos haviam amadurecido e estariam aptos a eleição com formação de chapas.

Isso demonstraria uma evolução no projeto e a possibilidade de construção de alternativas que impulsionariam o movimento dialético. Além desse, pode-se salientar outros passos como crianças de um Grêmio mirim que fizeram reuniões sozinhos durante o período de licença médica da professora coordenadora dos Grêmios em uma das UEs (conforme relato interno comentado no WhatsApp institucional criado pela coordenadora dos Grêmios (SEDUC/Santos) com a finalidade de organizar os trabalhos com todos os professores Articuladores nas escolas).

⁷⁴ Para suprir esta dificuldade uma norma de diversificação já atenderia esse inconveniente.

⁷⁵ Percebe-se uma mudança no processo eleitoral de 2019 mediante a leitura das conversas do grupo de WhatsApp administrado pelo Articulador dos Grêmios. Esse grupo agiliza a comunicação com os professores dirigentes das unidades educacionais. À pesquisadora foi disponibilizada a inserção no grupo e o acompanhamento das conversas.

Portanto, desde 2014 algumas modificações foram paulatinamente implantadas, adequando o projeto às realidades e necessidades locais, ainda que permaneça o núcleo duro da proposta. A existência do movimento, deste modo, demonstra-se como o único fato imutável; não havendo maneiras de detê-lo.

A eleição dos Grêmios também apareceu sob moldes diferentes da proposta inicial (eletrônica e com cédulas de papel; com e sem a formação de chapas). No início, sua realização era feita eletronicamente e a comissão eleitoral passou a executar um modelo que T.S. chamou de fordista, já que se dá como uma linha de montagem, agilizando o processo de votação.

O voto foi eletrônico, a partir de um software no notebook. Aí a gente fazia a fila, eles assinavam, iam votar aí depois saíam e voltavam para sala. A gente acabou utilizando o modelo fordista para eleição, linha de produção. Então, faz fila, passa por um corredorzinho, vai para urna, passa por um corredorzinho, vai embora. O modelo linha de produção fez com que eleições que levaram duas manhãs na outra gestão passassem a ser realizadas em duas horas, porque assim, o aluno já sabia em que número ele ia votar. Porque já tinha sido feita a divulgação. Já tinha sido feita a fixação nos murais da escola da numeração dos alunos. Então eles já sabiam qual era o número do aluno. Cada aluno tinha seu próprio número, só que por uma questão de organização, o aluno não podia escolher seu próprio número. Eu pensei no seguinte: eles têm o número de chamada e eles são de um ano específico. Então, por exemplo, se o aluno é do 8º C, o número dele começa com 83 porque C é a terceira letra do alfabeto, e os dois últimos dígitos são o número de chamada dele. Então se ele é o número 5 do 8C, o número dele é 8305. Então o aluno neste momento não tinha poder de escolha com relação ao número. Mas eles acharam a ideia super legal porque facilitava na cabeça de todo mundo, inclusive na deles mesmo, de decorarem o próprio número! (Entrevistado T.S.).

Deste modo ficou instituída a forma de votação no projeto. Este modelo foi modificado nas edições subsequentes já que houve o abandono do modelo de voto eletrônico e assumiu-se a utilização de cédulas de papel.

Em 28 de março de 2014 iniciaram-se as primeiras eleições, de que também participaram os alunos do Grêmio Modelo, ainda que permanecesse com seu Estatuto particular. Em 16 de maio de 2014, houve a conclusão do processo eleitoral em todas as unidades (dezesseis ao todo).

O número dos candidatos ao Grêmio não é uma escolha pessoal ou está ligada a qualquer tipo de afinidade subjetiva. Ele é padronizado, sendo composto pelo número da série a que o aluno pertence, juntamente com a letra de identificação da sala, acrescido do número do aluno na lista de chamada. Deste modo, por exemplo, um aluno de nº 30 do 8º C recebe a numeração 8330 ($8 = 8^\circ \text{ ano} + 3 = \text{posição da letra C no alfabeto} + 30 = \text{número do aluno em sua turma}$). Foi atestado que este modo de formar o número do candidato facilitaria sua memorização.

Outra medida tomada para garantir a continuidade do projeto foi a redação de um Decreto Municipal que foi encaminhado à Procuradoria Geral do Município. Esse decreto, assinado pelo

Prefeito, garantiria a obrigatoriedade da existência de uma Comissão de Apoio aos Grêmios Municipais.

Em 19 de agosto de 2014 realizou-se a primeira cerimônia de posse. O planejamento do projeto previa esta cerimônia, que seria unificada para todos os Grêmios, em um dos teatros da cidade, com a presença do representante do Poder Executivo para dimensionar e evidenciar a importância do protagonismo do Gremista santista.

Então assim, a posse dos Grêmios... **O Grande dia deles! Receber um certificado!** Isso tudo dá **uma importância ao papel que ele vai representar**. É o início de um novo ciclo para ele. _ “Olha aqui seu certificado. É a sua vez! **Vejo você mostrar que você é um exemplo para sua escola!**” Isso é muito! É transformador! (Entrevistado L.B., grifos meus).

Na primeira posse estiveram presentes o Prefeito Paulo Alexandre Barbosa, um Vereador, a Secretária de Educação Venúzia Fernandes do Nascimento, a Secretária de Educação Adjunta Audrey Kleys Cabral Dinau de Oliveira e o Articulador dos Grêmios. O mandato de cada Grêmio vai do dia 28 de março do ano das eleições de uma direção até o dia 27 de março do ano seguinte, quando a nova diretoria assume. A data – 28 de março – foi escolhida por que em São Paulo este é o “Dia Estadual do Grêmio Livre Estudantil” (Lei Estadual nº 12.892 de 08 de abril de 2008). Esta data comemorativa marca o aniversário de morte do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto, num confronto com a polícia militar no restaurante estudantil Calabouço na capital do Rio de Janeiro em 1968, enquanto planejava-se uma passeata relâmpago para protestar contra os altos preços da comida nesse restaurante.

O Decreto que sustentava a manutenção dos Grêmios nas escolas municipais, tendo sido aprovado e assinado pelo Prefeito, foi publicado na página 18 do D.O. de 07 de maio de 2015. Sua assinatura deu-se na cerimônia de posse dos Grêmios realizada em maio daquele ano. Ele estabelecia a Comissão responsável por salvaguardar a existência do projeto e que fora denominada como CAAGE/Santos. Duas semanas depois foi publicada uma portaria pela SEDUC, nomeando os membros desta comissão.

T.S. e L.B. afirmam que não há investimento de recursos públicos para a manutenção do projeto de Grêmios, ainda que haja menção no site da Prefeitura Municipal no Plano de Metas e Indicadores de uma parceria com a Comunitas⁷⁶ e a Fundação Itaú Social.

⁷⁶ Segundo o site: A Comunitas é uma organização da sociedade civil brasileira que tem como objetivo contribuir para o aprimoramento dos investimentos sociais corporativos e estimular a participação da iniciativa privada no desenvolvimento social e econômico do país.

Santos Educadora

A área da Educação recebeu projetos estratégicos com o objetivo de acompanhar e melhorar o rendimento escolar. Para isso, foram criados programas como o Coordenadores de Pais, em parceria com a Comunitas e a Fundação Itaú Social, a Justiça Restaurativa e o resgate dos Grêmios Estudantis. Todas essas ações têm o objetivo de garantir a participação dos jovens e o fortalecimento do ambiente escolar (SANTOS/SP, Santos Educadora, n.d., n.p.).

Em que pese o programa apresentar uma proposta que pode ser vista como válida e legítima, não há como garantir a participação dos jovens. Tal assertividade esbarra nas prerrogativas pessoais tornando ambivalente esse objetivo, já que só há como estimular e não como certificar essa ação.

Para, além disso, quer parecer que no texto há certa dubiedade na interpretação. Não fica explícito se somente o projeto Coordenadores de Pais está nesta parceria com a Comunitas e a Fundação Itaú Social ou se os projetos de Grêmios e de Justiça Restaurativa a ela também pertencem.

O único incentivo financeiro admitido são as verbas já previstas como ônibus para viabilizar as ações de formação e o pagamento de horas-aula excedentes para os professores que trabalham no projeto.

Para incentivar a continuidade do trabalho dos Grêmios empossados, o Articulador passou a visitar cada unidade, com maior frequência (em média, duas vezes por mês, sendo que a necessidade poderia determinar uma maior periodicidade).

Mesmo após a instauração dos Grêmios em todas as unidades escolares os representantes de turmas não deixaram de existir. Estes também são eleitos e trabalham em sintonia com os Gremistas agindo como a ponte representativa entre cada turma e o Grêmio. Nesse modelo percebe-se a valorização da representatividade e hierarquização dentro da estrutura escolar. O corpo discente leva suas reivindicações aos representantes de turma, que as conduzem aos Gremistas, que as transferem à direção da escola e assim continuamente.

A valorização da presença do Grêmio e do ser Gremista pode ser notada em fatos como a existência de um pelotão exclusivo que abre o desfile de comemoração do Dia da Independência do Brasil. Este reconhecimento também é expresso na criação de um hino próprio que os identifica.

Com a ampliação do projeto de Grêmios, devido à grande aceitação pelos alunos, a figura do Articulador tornou-se mais administrativa e formativa. Em 2015 um único Articulador deixa de ser a figura central na execução do projeto dentro das escolas. A partir deste momento passa a ser o coordenador dos outros professores. Ele encaminha e orienta a ação dos ligados

ao projeto que agora passam a receber a denominação de Professor Articulador. Em 2016 todas as escolas que têm Grêmios já contam com um professor para orientar os alunos em todas as atividades a serem executadas, além do Articulador da SEDUC. As orientações dadas aos professores são semanais já que estes assumem o acompanhamento do dia-a-dia dos Grêmios nas escolas.

Os professores que se interessam em trabalhar com os Grêmios fazem uma inscrição de acordo com um edital publicado no Diário Oficial. Cada um desses professores se oferece espontaneamente para exercer a função. Há um processo de seleção desses candidatos que visa avaliar se o seu perfil se adequa ao projeto. Havendo correspondência, os proponentes escolhidos iniciam o acompanhamento a uma unidade ou a um conjunto de escolas, em um ou mais períodos letivos, de acordo com a disponibilidade de horários do professor. Para executar esta função suplementar, cada professor passa a receber o pagamento de aulas excedentes ao seu cargo, aumentando seus rendimentos. Esta opção chama a atenção para a questão da proletarianização do profissional do magistério. Este tipo de relação de trabalho traz menor custo ao erário.

A grande vantagem apontada que, entre outras, atribui relevância ao projeto de Grêmios e o justifica é a diminuição da indisciplina ou violência, o que pode sugerir que uma das funções do Grêmios seria a contenção das demandas estudantis. O fato de os alunos perceberem uma representação que eles consideram mais concreta, ajuda nesse tema, que é apontado pelo corpo docente como uma das maiores dificuldades a ser enfrentada no magistério. A diminuição dos embates com o corpo docente é comemorada já que o ganho de poder discente não fere a hierarquia escolar, instaurando possibilidades a um clima considerado mais harmonioso.

Do modo como o projeto é encaminhado ele passa a ser desejado pelos professores e pelos gestores escolares, apesar do descrédito inicial das Equipes Gestoras, dos supervisores de ensino e de alguns professores. A resistência nasceu da leitura feita por alguns de que houve uma postura impositiva da SEDUC ao introduzir o projeto nas escolas sem a anuência expressa dos gestores. Havia o temor de uma reincidência dos impasses gerados na iniciativa de Grêmios realizada nas gestões de Telma de Souza e de David Capistrano, em que os alunos tinham um contato mais direto com a Secretaria de Educação e não passavam necessariamente pela direção escolar.

Desde o princípio da implementação, havia ficado explícito que somente os alunos poderiam rejeitar o estabelecimento do Grêmios na UE. Com o tempo e com o encaminhamento dado ao projeto, este saiu da classificação de indesejável para a de útil. Era mais uma ferramenta

disponível e aliada que assumia a posição de um incentivador motivacional e não a temida posição de mecanismo de embate.

A surpresa mais grata apontada pelos sujeitos de pesquisa é a participação cada vez mais contundente nos Grêmios Mirins. O envolvimento e o entusiasmo dos alunos do ensino Fundamental I supera o dos alunos do Fundamental II que seriam os alunos a quem o projeto se destinaria em primeira instância.

A importância dada ao aluno o deixa confiante e o faz sentir-se integrado. Para que o aluno não perca esta importância e este reconhecimento social, conquistado ao ser um Gremista, ao concluir o 9º ano do Ensino Fundamental, saindo do Sistema de Ensino Municipal, ele passa a integrar o grupo dos Gremistas eméritos. Os eméritos podem continuar a se relacionar com o projeto, mesmo não estudando mais em escolas municipais, e pode passar a colaborar com os Gremistas, caso assim o desejem.

Os sujeitos de pesquisa defendem que o projeto de Grêmios pretende formar um sujeito que saiba de modo civilizado exercer sua autonomia, que seja protagonista em sua vida, que seja cumpridor de seus deveres e conhecedor de seus direitos, sabendo argumentar pacificamente para conseguir expor suas reivindicações.

(Sobre o Espírito do Grêmio, o que se espera dos alunos). Na verdade, era mais este sentimento de medo... _ “Do que vai acontecer na minha escola? _Vou ter aqui pessoas que vão me enfrentar, causar questionamentos, reivindicações”. Havia esse sentimento, mas o que nós queríamos naquele momento era formar realmente cidadãos para uma **real Democracia. Não o que a gente está percebendo hoje na nossa sociedade, uma Democracia com libertinagem.** Que você tenha a liberdade, mas com responsabilidade. Então mostrando para eles onde estava o momento do dever e onde estava o momento de cobrar os direitos. Então isso ficou de forma muito clara em todas as formações. **Primeiro com o papel do Grêmio. O que o Grêmio, no que que ele pode ajudar na escola. Porque eu acredito que se não houver um direcionamento de alguém que tenha o senso de responsabilidade,** você pode acabar com isso mesmo, nesse sentido, que as diretoras temiam. Que não há... **se não há uma orientação, eles ficam vagando e aí a primeira situação que eles encontram de empoderamento, eles vão! Então, houve muito bem esse guia.** Para ele foi muito fortalecido ao longo desse período. **E o XXXXX soube conduzir muito bem isso** (Entrevistado L.B., grifos meus).

T.S. descreve deste modo o potencial formador presente na atividade Gremista:

E aí este potencial formador do Grêmio... que tipo de pessoa se pretende formar? O tipo de pessoa que se pretende formar é o tipo desta menina por exemplo, que me procurou ontem. Uma pessoa que cuida da própria vida, e que vai atrás dos seus direitos. Uma pessoa que não seja passiva perante, é... qualquer decisão de cima para baixo que venha e que você vê que não está de acordo com aquilo que deveria ser. Com justificativa, sempre embasada em alguma coisa (Entrevistado T.S.).

A condução do que se denomina “autonomia dos alunos” fica atrelada à gestão do Articulador. A autorização de certos procedimentos deveria primar pelo respeito às leis municipais, estaduais e federais e às normas estabelecidas dentro do projeto. Na implantação o Articulador julgava as atitudes assumidas pelos Gremistas ou conferia possíveis impedimentos legais nas determinações. Se não houvesse impedimentos explícitos, o Articulador fazia recomendações, mas não frustrava atuações. A figura do Articulador agia como um juiz ao sanar impasses, utilizando a legislação vigente, o Estatuto dos Grêmios e o regime disciplinar instaurado, ao mesmo tempo em que atuava como agente motivador. Situações que exigiram punições ou “*impeachment*” de Gremistas passavam necessariamente pelo Articulador dos Grêmios, já que havia um consenso a respeito da tolerância ao baixo rendimento do aluno que não se estendia aos atos considerados ímprobos.

O Grêmio inicial, que serviu de modelo ao projeto, também foi integrado ao novo Estatuto quando houve a troca de Equipe Gestora, tendo-se em vista a inexperiência dos novos integrantes da Equipe Técnica com o manejo de Grêmios Estudantis.

A proposição dada ao encaminhamento dos Grêmios municipais é tida como positiva e tem como ideário a ampliação dos Grêmios mirins e o fortalecimento da categoria dos eméritos.

O projeto de Grêmios tem forte vinculação com outras iniciativas do Município que estão ligadas à cidadania, à juventude e a outro projeto chamado: Câmara Jovem. Nele jovens vereadores, eleitos em escolas públicas e privadas são empossados na Câmara Municipal. Estes alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II ao 2º ano do Ensino Médio (com idade entre 13 e 16 anos) passam a participar na Câmara em suas sessões ordinárias, nas audiências públicas e nas reuniões das Comissões Permanentes. Este projeto também tem por objetivo a formação de cidadãos que se vejam como agentes responsáveis pela transformação social e de estabelecer uma integração dos jovens santistas com o Poder Legislativo da cidade. Conta com o apoio da SEDUC e está em íntima relação com o projeto de Grêmios Estudantis.

O projeto de Grêmios é um projeto vinculado à Secretaria Municipal de Educação e não tem vínculo com outras organizações do Movimento Estudantil, apesar de ter havido um único e breve contato com a União Paulista dos Estudantes Secundaristas quando o projeto começou a ser idealizado. Portanto, não houve participação dos estudantes das escolas municipais santistas no Movimento Estudantil Estadual pela reorganização escolar em 2015.

A seguir será apresentada uma explanação do Estatuto unificado da iniciativa vigente e o “Resumão do Grêmio”, que traz várias indicações sobre a estruturação que o Grêmio necessita apresentar.

1. O Estatuto unificado dos atuais Grêmios Santistas e o “Resumão do Grêmio Estudantil Municipal”.

O documento nomeado “Resumão do Grêmio Estudantil”, disponível nos anexos, foi a forma encontrada pelo primeiro Articulador dos Grêmios para tornar a consulta ao Estatuto mais simples e rápida, tendo-se em vista a faixa etária dos alunos a que é destinado.

No “Resumão” encontra-se toda a estrutura básica de funcionamento dos Grêmios municipais santistas. Ele inicia explicitando o fato de que o direito à agremiação estudantil é livre e que não pode ser impedida por nenhuma autoridade, de acordo com a Lei Federal nº 7.398/85.

A seguir coloca quais são as instâncias deliberativas e suas funções. São enumerados: a Assembleia Geral, o Conselho de Participação de Representantes de Turma, o Corpo de Dirigentes, o Conselho Fiscal, o Articulador do Grêmio. Neste item é interessante notar que mesmo tendo sido afirmado que o Grêmio é livre, o “Resumão”, ainda que não tenha sido redigido pelos alunos, coloca a obrigatoriedade de uma Assembleia Geral anual e de reuniões bimestrais, ao Conselho de Representante de Turma. Não fica explícito se estas obrigatoriedades foram negociadas com os alunos, uma vez que elas devem ocorrer mesmo que não haja uma necessidade material que requeira sua realização.

A seguir vem a ordenação dos cargos em suas instâncias. Há a definição de critério de escolha do secretário na Assembleia Geral, do diretor e dos secretários dos Conselhos de Representantes de Turma nos períodos matutino e vespertino.

O corpo dirigente do Grêmio é composto por: Presidência, Diretoria e Conselho Fiscal.

A presidência é composta pelo presidente, por um vice-presidente para cada período letivo (matutino e vespertino), por um tesoureiro, pelo primeiro secretário, pelo secretário de relações externas e por um secretário geral para cada período letivo.

Da diretoria participam os seis diretores que estão incumbidos de cuidar de atividades relacionadas a:

- a) a ação e cidadania;
- b) a comunicação;
- c) a cultura;
- d) a educação;
- e) aos esportes;
- f) aos eventos.

O Conselho Fiscal é composto pelos secretários do período matutino e do período vespertino.

Dentre as diversas funções atribuídas ao Conselho de Representantes de Turma podem-se salientar alguns itens relevantes como “ajudar a resolver impasses na sala de aula” e também “procurar meios de cultivar a amizade entre os colegas levando a turma a trabalhar unida, incentivando os colegas menos aplicados ao estudo” (RESUMÃO, n.d., n.p.). Essas atribuições podem constituir um paradoxo, na medida em que sugerem um comprometimento do propósito da livre participação e da criação de espaços reais à representação estudantil.

Dentre as funções atribuídas ao Secretário de Relações Externas há a questão da representação do Grêmio fora da escola e a integração do Grêmio ao Movimento Estudantil, ainda que isto não apareça com frequência significativa na fala dos entrevistados e nas publicações do Diário Oficial do Município.

O diretor de Ação e Cidadania é o responsável por “realizar projetos que mobilizem os estudantes para as questões sociais, cívicas, ambientais, humanas, políticas, dentre outras, e promover a integração do corpo discente e o desenvolvimento da sensibilidade, solidariedade e a capacidade reflexiva” (RESUMÃO, n.d., n.p.) ainda que a compreensão destas mobilizações esteja voltada mais ao que é debatido como “nova cidadania”.

A cidadania precisa ser melhor compreendida tendo-se em vista que há questões não resolvidas com relação a seu alcance no sistema capitalista. Newton Duarte (2010) ressalta a existência de muitas definições atribuídas à cidadania. Centra-se no questionamento da compatibilidade entre a lógica social no contexto capitalista e a dificuldade de conciliar seus fundamentos com a cidadania. Ele deixa explícita a impossibilidade de superação da alienação social mediadas pelo dinheiro e não consegue ser mais do que uma representação idealizada.

Para desenvolver a confrontação, Duarte (2010) intersecciona o tema da cidadania ao tema da moral ao colocar que para que haja pleno desenvolvimento da sociedade capitalista o desenvolvimento moral das pessoas não poderia ser aprofundado. Os seres humanos e suas relações são transformados em mercadorias com valor de uso e de troca mediando o estabelecimento de vínculos. Isso se apresenta no mundo do trabalho, mas também em outros níveis de afinidade interpessoal. A organização da sociedade, a produção de consensos, o modo de apreensão do mundo e de viver cotidianamente seriam organizados para garantir a manutenção de um sistema e não para assegurar o desenvolvimento pleno do potencial humano. O sistema educacional que se apresenta prezaria por qual das duas vertentes? As relações morais ficam comprometidas mediante o interesse de expansão das relações capitalistas de produção.

Tudo no capitalismo se transforma em mercadoria, até o trabalho humano. [...] Em outras palavras, o capitalismo é indiferente ao valor de uso da mercadoria. Tanto faz produzir alimentos como produzir drogas legalizadas, produzir roupas ou armas, etc. Para reproduzir-se, o capital precisa ampliar-se constantemente, transformar-se em mais valor, o que requer a ampliação dos mercados, o crescimento do poder do capital, o surgimento de novos tipos de mercadoria, de novos processos produtivos, etc. E, para que isso ocorra, é indispensável a reprodução das relações capitalistas de produção (DUARTE, 2010, p 76).

Duarte (2010) não quis com isso afirmar que as pessoas nas sociedades sejam amorais, mas sim que passam a naturalizar relações vorazes que ferem a moral, passam a ser permeadas por uma lógica que inventa modos de superar limites, legalizando e convencendo da positividade de suas investidas. A contradição entre os valores da sociedade burguesa e a lógica de produção capitalista não permite uma dedução clara entre o que é ser ou não virtuoso e utiliza-se de processos de alienação para subsistir, buscando relativizar tudo até então estabelecido, pois em primeiro lugar está a progressão do lucro.

Mas como posso ser virtuoso, se não sou? Como posso ter boa consciência, se não sei nada? Tudo isso está fundado na essência da alienação: cada uma aplica-me uma medida diferente e oposta, a moral aplica-me uma e a economia política outra, porque cada uma destas é uma determinada alienação do homem e [...] fixa um círculo particular da atividade essencial alienada; cada uma delas se relaciona de forma alienada com a outra alienação (...) (MARX, 1978, p. 19).

A incompatibilidade gera uma força contraditória que passa a mover as vidas dos indivíduos que são tratados como meio e não como fim de todos os processos, incluindo-se aí objetivos educacionais. Deste modo “A cidadania está em conflito com as exigências postas pela lógica econômica que rege de fato a sociedade” (DUARTE, 2010, p. 80).

O indivíduo está dividido: de um lado, o cidadão que deve agir visando a universalidade do bem comum; de outro, o indivíduo privado (o homem burguês) que age com a única finalidade de satisfazer seus interesses e suas necessidades pessoais. [...] isso não é um fenômeno que ocorre apenas na consciência do indivíduo, mas é uma realidade de sua própria vida. [...] A realidade social capitalista faz da cidadania um meio para os interesses privados. A lógica social capitalista é um impeditivo para o desenvolvimento da cidadania. Por essa razão, jamais a sociedade burguesa superará a oposição entre o indivíduo real e o cidadão idealizado: [...], Mas todo esse raciocínio deve causar estranheza aos atuais defensores da cidadania como a solução para os impasses diante dos quais se encontram os seres humanos (DUARTE, 2010, p.81).

Em diversas situações “ser cidadão” passa a ser confundido com o “ser cliente” e deste modo a cidadania torna-se inviável, abrindo espaço para a introdução de uma interpretação possível dentro deste contexto: a nova cidadania. A expressão da opinião do cliente é o máximo de participação que se destina às grandes massas.

O projeto neoliberal compreende, pois, um processo de desmonte das conquistas sociais representadas pelos direitos de cidadania, entendidas como direitos universais: [...] os direitos sociais perdem identidade e a concepção de cidadania se restringe; aprofunda-se a separação público-privado e a reprodução é inteiramente devolvida para este último (sic) âmbito; a legislação trabalhista evolui para uma maior mercantilização da força de trabalho; a legitimação (do Estado) se reduz à ampliação do assistencialismo. (SOARES, 2000, p. 13) Nesse processo de desmonte dos direitos emerge um **novo padrão de cidadania**, baseado no **protagonismo da sociedade civil**, a qual é entendida pelo neoliberalismo como sendo um corpo homogêneo, marcado por **relações solidárias e comunitárias** (GOHN, 2005). Esse novo padrão de cidadania é caracterizado pela **transferência de boa parte de serviços sociais antes prestados pelo Estado para a sociedade civil**. Esses serviços deixam de ser direitos garantidos constitucionalmente pelo Estado **transformando o cidadão em um cliente**, receptor dos serviços agora privatizados ou terceirizados (MACHADO, n.d, p. 10, grifos meus).

A criação de uma cidadania universalizada, uma cidadania em âmbito mundial que formasse o “cidadão do mundo”, facilitaria o transcurso da lógica do capital, ainda que o avanço do lucro a qualquer custo venha até a precipitar o iminente risco da sobrevivência humana. Suas preocupações se fixam na resolução dos problemas pelos efeitos que produzem e não nas causas que os originam centrando tudo na consciência individual e não no engajamento atuante para a transformação do todo e não das partes. Portanto, segundo Duarte (2010): “Enquanto as relações sociais tiverem como mediação universal o dinheiro, o ‘cidadão do mundo’ não passará de uma idealização desprovida de real conteúdo.”

As adulterações do que se entende por cidadania é algo inevitável visto que se deve considerar a transformação “ao longo do processo político neoliberal, ensejando novas práticas sociais [...] a fim de confirmar a manutenção do sistema” (MACHADO, n.d., p.1). Aqui entram a mudança de posicionamento em que os cidadãos deixam de ser dotados de força política enquanto sujeitos sociais para conquistarem seus próprios direitos enquanto cidadãos e passam a ser receptores passivos dos serviços advindos do terceiro setor⁷⁷ e as nomeadas “empresas cidadãs”, apaziguando a percepção da luta de classes existente na sociedade.

Desta forma: “O conceito de cidadania fundado na universalização de direitos reconhecidos e garantidos pelo Estado é substituído por outro, que se apoia na crescente desresponsabilização do Estado sobre a garantia dos direitos de cidadania” (MACHADO, n.d., p. 1).

Contudo esta transmutação não é de fácil percepção já que a nova noção de cidadania se vincula ao que se entendia por cidadania, gerando desmobilização ao avanço dos direitos

⁷⁷ Este é o termo sociológico utilizado ao se mencionar a atuação de organizações da iniciativa privada sem fins lucrativos que oferecem serviços que deveriam ser de caráter público.

civis, políticos e sociais que seriam um viés para a ampliação da “participação do indivíduo na gestão e na definição dos rumos da sociedade” (MACHADO, n.d., p. 8).

Justamente devido a esses debates e conflitos, a implantação do neoliberalismo no Brasil acabou promovendo uma confluência perversa, a qual obscureceu as distinções entre alguns termos comuns aos defensores da ampliação da participação política e da abertura democrática, de um lado, e do neoliberalismo, de outro. **Termos como cidadania e sociedade civil passaram a figurar num vocabulário comum ao projeto democratizante de sociedade e a perspectiva neoliberal, porém com significados políticos bem distintos um em relação ao outro.** (DAGNINO, 2004, p. 147). Essa confluência perversa é em grande parte responsável por abrir caminhos às políticas neoliberais já que estas, ao empregar um vocabulário semelhante ao utilizado pelos setores populares democráticos, encontraram um terreno interessante para avançar. Ou como afirma Galvão (2007, p. 38): “O neoliberalismo converte-se em ideologia dominante porque se apropria e ressignifica demandas e aspirações de parcela das classes dominadas, invertendo-lhes o sentido” (MACHADO, n.d., p. 10, grifos meus).

O entendimento desse modo de interpretar a cidadania poderia ser percebido na organização Gremista na gestão Paulo Alexandre que tende mais a fomentação de um caráter solidário, filantrópico em que o voluntariado é valorizado. Esta forma de compreender e de articular a participação poderia ser percebida no modo como as diversas diretorias dos Grêmios estão organizadas.

Desta feita, o Diretor de Cultura precisa zelar pelos atos que auxiliem no desenvolvimento do potencial cultural, aptidões e talentos artísticos do corpo discente. Já o Diretor de Educação é o que deve zelar pela melhoria do ensino, compreendida como um melhor atendimento às necessidades do estudante, do ambiente educativo, dos métodos pedagógicos utilizados e das relações de respeito entre os trabalhadores da educação e o corpo discente. O Diretor de Esportes cuida da organização das competições esportivas internas ou externas (neste quesito a tônica não é dada aos jogos cooperativos). Portanto, alunos passam a assumir diretamente incumbências de outras instancias. Estas que, seriam as primeiras responsáveis, passam a ter atribuições descomprometidas e não se colocam nem ao menos como coautores, facilitando, apoiando ou financiando a execução.

Para a organização do Grêmio é ressaltada a importância de documentar. Para isto há: um livro de ata das reuniões, um livro caixa, um livro de inventário com os bens comprados ou recebidos em doação, um livro de posse para registrar cada mandato empossado. Além disso, há orientação sobre os materiais de uso diário como pastas e cadernos, no qual diretor organiza seus registros. Esse ponto pode ser proveitoso, porque havendo a preservação destes documentos gerados futuramente, eles poderão servir como fontes primárias de pesquisa. A criação desta cultura de preservação da documentação escolar se não existir pode representar

desafio para futuras pesquisas históricas que queiram reconstruir rotina dos Grêmios dessa gestão.

Há uma categoria chamada de “alunos colaboradores”. A ela pertencem os alunos não eleitos que aderem a qualquer uma das diretorias. Conforme o relato de T.S. esta marca foi algumas vezes utilizada para dar reconhecimento social a alunos vítimas de *bullying* recuperando-lhes a autoestima e garantindo a reintegração à comunidade escolar pelo reconhecimento.

A categoria de “Aluno Colaborador”⁷⁸, ligada à Diretoria de Educação, está subdividida entre “Mediador” e “Instrutor Mirim”. O “Aluno Mediador”, de acordo com o “Resumão” é “responsável por monitorar constantemente as atitudes dos demais alunos, garantindo o bom andamento do período, a disciplina e a boa convivência” (RESUMÃO, n.p.). Seria relevante pensar sobre este quesito, posto que ele poderia comprometer o sentido do trabalho coletivo entre os alunos ao se esperar que os dirigentes Gremistas assumam o papel de inspecionar seus pares, prejudicando o sentido e o estabelecimento de agremiações.

O aluno denominado “Instrutor Mirim” é o que “colabora com os alunos com dificuldade de aprendizagem, marcando um horário com eles na própria escola para ajudá-los a entenderem o conteúdo aplicado pelos professores” (RESUMÃO, n.p.). Nas duas situações, os alunos são colocados como voluntários empenhados num serviço de ajuda para a resolução de problemas que muitas vezes podem apresentar origens complexas, sem que haja um estudo mais aprofundado das causas e a capacitação para tal enfrentamento.

No “Resumão” também aparecem as infrações consideradas dignas de denúncia que podem ser encaminhadas ao Articulador para a execução do regime disciplinar do Grêmio. Caso o regime disciplinar seja ferido reincidentemente, o Gremista pode vir a ser desligado. Esta decisão cabe ao Articulador dos Grêmios, contudo com a prerrogativa de que esta deliberação possa ser revogada se a Assembleia Geral assim o decidir.

São consideradas infrações disciplinares:

- Usar o Grêmio para obtenção de privilégio pessoal, de grupo ou outras finalidades não presentes ou proibidas pelo Estatuto;
- Deixar de cumprir as disposições do Estatuto;

⁷⁸ É necessário salientar o fato de que o termo “colaborador” vem sendo utilizado nas empresas a partir de 1990 como sinônimo de empregado ou de funcionário. A utilização da palavra “colaborador” atribui um sentido mais participativo do que a palavra empregado e seus sinônimos, já que ela insinua o propósito de auxiliar, ajudar, colaborar, para que objetivos sejam alcançados. O fato de que é buscada a opinião dos funcionários e de que estas são adotadas dentro de parâmetros pré-estabelecidos faz com que os empregados não se vejam como um mero cumpridor de afazeres, e sim, alguém imbuído do desejo de promover o alcance de metas, dentro de uma política motivacional. Talvez a atribuição deste termo apresente uma aproximação desse ideal participativo.

- Prestar informações referentes ao Grêmio que coloquem em risco a integridade de seus membros ou da instituição;
- Atentar contra a guarda e o emprego do patrimônio do Grêmio;
- Atuar com improbidade na administração do Grêmio;
- Deixar de zelar pela profícua aplicação dos recursos do Grêmio;
- Comprometer a idoneidade moral do Grêmio, agindo de forma irresponsável e ilícita dentro dos eventos e atuações que são de responsabilidade do mesmo e durante o seu período escolar em geral;
- Deixar de cumprir com as obrigações às quais foi designado;
- Deixar de tratar qualquer membro da comunidade escolar com o devido decoro e respeito;
- Subornar os demais colegas para que estes votem no subornador na eleição ou em qualquer outro momento em que o voto se faça necessário;
- Realizar boca de urna no dia de qualquer eleição.

Quando é necessário recorrer ao Regime disciplinar, são tomados os seguintes procedimentos:

- Na primeira infração, o gremista recebe uma notificação por escrito informando o que fez com que ele fosse notificado, devendo responder pelas perdas/danos causados conforme o ECA;

- Na reincidência dentro da mesma infração, o gremista é desligado do seu cargo.

Na primeira, sendo indisciplina na escola, será colocado um relatório disciplinar na pasta da turma a ser preenchido pelos professores de cada aula durante toda a semana, qualificando o infrator de 1 a 5, sendo 5 o melhor comportamento (RESUMÃO, n.d., n.p.).

As questões da meritocracia e do individualismo estão presentes neste modelo e podem ser constatadas na diplomação dos membros do Grêmio a cada mandato e também pela menção Honrosa. Que segundo o “Resumão” é assim definida:

É um documento emitido pela Secretaria de Educação aos alunos que se destacarem nos trabalhos do Grêmio Estudantil. Durante o ano, o articulador acompanha o trabalho dos gremistas, condecorando aqueles que merecem com o termo ao final do ano. Não há limite de emissão de menções honrosas. Dependendo o gremista apenas de si mesmo para ganhar a menção (RESUMÃO, n.d., n.p.).

Ao final do “Resumão” aparece a referência aos Grêmios Mirins que possuem a mesma estrutura, mas é reservado aos alunos do Ensino Fundamental I. Esta é a face inovadora do projeto de Grêmios municipais santista, pois inclui os alunos do 1º ao 5º ano. Entretanto a candidatura é designada somente aos alunos do 4ºs e dos 5ºs anos. Os alunos dos 3ºs anos tem direito a voto, mas não concorrem às eleições. Aos alunos dos 1ºs e 2ºs anos é possível somente a candidatura e a eleição para representante de turma e não ao Grêmio. Deste modo o projeto não contempla plenamente a voz dos alunos desta faixa etária.

Após a apresentação da estrutura base o documento traz um anexo com os trechos das leis que garantem a existência do Grêmio Estudantil:

- a) Constituição da República Federativa do Brasil de 1988;
- b) Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990;
- c) LDBN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) de 1996;

- d) Lei Federal do Grêmio Livre de 1985;
- e) Lei do Dia Estadual do Grêmio Livre Estudantil de 2008;
- f) Lei Estadual do Grêmio Livre Estudantil de 2015;
- g) Decreto Municipal de instituição da Comissão de Apoio e Articulação dos Grêmios Estudantis de 2015;

A CAAGE-Santos tem por finalidade a realização das seguintes ações:

[...]

Art. 3º Para garantir a consecução de sua finalidade, a CAAGE-Santos realizará as seguintes ações:

- I-fortalecer os Grêmios Estudantis existentes nas Unidades Municipais de Educação;
- II-elaborar e reformular os documentos que tratam da organização e atuação dos Grêmios Estudantis;
- III-mobilizar, divulgar, sensibilizar e esclarecer a população da importância dos Grêmios Estudantis;
- IV-formar continuamente os envolvidos com os Grêmios Estudantis;
- V-buscar parcerias para a divulgação e o fortalecimento dos Grêmios Estudantis;
- VI-promover reuniões periódicas para estudos e deliberações (D.O. de 07 de maio de 2015, p. 05).

- h) Portaria Municipal de nomeação dos Membros Integrantes da CAAGE de 2015.

Esta Portaria foi atualizada, posto que alguns membros foram substituídos. Na versão mais recente do “Resumão”, essa nova Portaria é a que foi publicada no D.O. (Diário Oficial) do dia 04 de julho de 2017, sob o nº 60/SEDUC de 03 de julho de 2017.

Deste modo o documento nomeado como “Resumão” apresenta de modo pormenorizado cada parte que se pode idealizar para garantir o funcionamento da estrutura do Grêmio Estudantil, de acordo com o ideário esperado.

Capítulo VI – Construção e análise: em busca da Categoria Alternativa - Gestão Democrática, a Educação, a Dialética, a construção de Alternativas e a Individualidade para si.

A Gestão Democrática foi o primeiro viés pelo qual se apresentaram os entendimentos sobre Grêmios Estudantis. Após essa primeira concepção, foram agregados tantos outros elementos, entre eles, ao menos nas escolas municipais santistas, a questão da melhoria da educação pública.

Ao se discutir uma gestão mais democrática, inquirir acerca da participação tornou-se inevitável na construção dessa compreensão, já que não há como estabelecer a relação democracia-educação sem passar pela participação.

Ao se estabelecer uma participação democrática, o princípio da igualdade e da justiça despontam como mediadores da sociabilidade humana, nesses espaços que se pretendem progressivamente antiautoritário ou democrata.

Justapor democracia e participação é necessário a uma compreensão para além do formalismo. Entender a relação democracia-educação em relação aos Grêmios Estudantis carece passar pela participação como um condicionante do processo de socialização dos estudantes, para além da necessidade de resolver as corrosões das estruturas já instituídas.

Os conceitos não são unos. Diferentes concepções de ser social, de participação, de gestão, de democracia, de sociedade estão em circulação simultânea sem que se façam distinções entre elas. Para refletir sobre tal fenômeno com relação a participação, Freire (2011) será o aporte que auxiliará na reflexão e na compreensão das contradições sistemáticas a que a sociedade e, por conseguinte, a organização educacional encontram-se submetidas. A questão da disputa pelo acesso ao fundo público está mais presente do que a educação para o exercício dos direitos individuais, do cumprimento de direitos e deveres sociais, do que se pode supor pelas práticas cotidianas nas escolas.

A participação pode ser entendida como descentralização do poder, como forma de diminuir a coerção, repartindo as decisões entre todos os envolvidos no processo educacional, bem como há o entendimento de participação não como tomar parte do poder e sim participar auxiliando um poder já instituído, reforçando suas bases e não modificando-as.

A participação fundada na igualdade social constitui-se em uma mudança na composição das relações sociais, na transferência do poder de decisão a todos para que, de

modo autônomo, haja controle das instâncias de mediação social em todos os níveis de construção: produção e execução.

Entretanto, ao se projetar uma participação com cunho centrado numa visão predominantemente colaborativa, o que se instala é uma supervalorização operacional em que as técnicas gerenciais dessa participação despontam juntamente com um esvaziamento da dimensão política dessa participação. Participar passa a ser uma forma eficiente e produtiva de administrar, gerenciar ou gestar dentro do já estabelecido. O autoritarismo hierárquico, nas relações escolares, pode ser assim aparentemente amenizado, sem que, contudo, possa ser transcendido. Desta feita, este passa a não ser discutido de modo reflexivo a fim de desabrigar as contradições, impulsionando uma leitura dialogada da realidade, visto que apresenta resultados pragmáticos imediatos. A participação como execução tem em si esse critério de eficiência participativa como norteador de suas avaliações.

Tendo a competência executiva como parâmetro, os fundamentos: históricos, sociais, econômicos, culturais e políticos perdem a centralidade na finalidade educativa. O ser que está sendo educado e o ser educador constroem a sociedade e por ela são construídos, assentados numa proposta de manutenção eficaz e não de uma superação da estrutura vigente.

Abrir espaços de participação efetiva dentro da sistemática institucional é posto à parte, ainda que se possa sentir a necessidade de suplantá-la. Uma composição que aparentemente não atesta, em sua vivência cotidiana, mais que uma convergência a vigilância e a punição deixa cumprir uma finalidade humanizante. Havendo maior determinação popular ao uso dos recursos públicos para a finalidade educacional, estes deixariam de ser prioritariamente empregado para o giro econômico, que está preocupado com a manutenção da responsabilidade econômica em detrimento da responsabilidade social.

A ligação dessa prática a um critério de verdade acaba por desvincular as discussões da realidade vivenciada, dos mecanismos de funcionamento sistêmicos negligenciando a possibilidade da práxis educativa. Esse encaminhamento poderia tornar-se algo útil ao direcionamento do fundo público, já que este deixaria de ser coletivamente requisitado pelos interesses da massa e passariam a ser empregados dentro de uma democracia representativa. Deste modo os mandatários têm total liberdade para movê-lo, ainda que isso seja contra o interesse da maioria. Uma educação para a colaboração acabaria por promover a pacificação e uma convivência pautada centralmente na associação e em buscas imediatistas. Deste modo desestimulam o domínio das estratégias de participação social como efetivo poder de decisão.

A participação sócio-política entretanto, não busca cindir a relação educação-indivíduo-sociedade. O princípio de justiça necessariamente está presente como balizador do bem-

comum. A política entendida como “assunto de todos” necessitaria educar a todos para governar e para serem governados, alternadamente. O exercício da vontade não poderia ser algo arbitrário. Aprender sobre a sua liberdade e a dos outros, inserido num processo de humanização e não unicamente de solidarização são processos bastante diversos.

Outra inquirição que se impõe frente a participação, portanto, é a liberdade. A liberdade pode ser pensada sob o ponto de vista da contenção ou da conservação e ampliação progressiva.

Se a liberdade partir do princípio de conservação estrutural da realidade instaura-se o entendimento da propriedade privada. O espaço assim se encontra previamente delimitado e a movimentação possível já se encontra pré-estabelecida. Assim, há a suposição de que se conservando a liberdade dentro da posse do espaço privado a garantia das outras liberdades viriam acrescentadas pela obediência estrita às normas, instaurando-se uma liberdade seleta, porém livremente escolhida pelo indivíduo que traveste a nova servidão social pelo assentimento.

O artifício regimentalmente empregado, vincula-se a instituições morais. Não se executa o intento somente com ameaças e punições. O que se emprega é o direcionamento de condutas para conseguir afetar todas as instâncias da vida material: das escolhas econômicas às relações interpessoais e culturais, sem modificar alicerces.

A máxima: “Seu direito termina quando começa o direito do outro” está assentada no entendimento das relações sociais baseadas no isolamento auto suficiente, do indivíduo enquanto ser atomístico. A participação passa a ser reificada já que a relação indivíduo-sociedade passa a participação delimitada para assegurar a coesão institucional e não para avançar na ampliação das possibilidades humanas.

Participar para tomar decisões conscientes que possam, de algum modo ou em algum momento, exigir o alcance da ampliação de direitos sociais e políticos que possibilite intervir na gestão de fundos públicos são previamente inviabilizadas. A gestão orçamentária necessitaria, deste modo, manter-se o mais distante possível de qualquer direcionamento participativo. A instituição de uma educação para a aceitação, para a recompensa de condutas morais premiadas, afasta o desenvolvimento e a instauração de oportunidades contestatórias mais profundas, minando o surgimento de possibilidades que possam surgir no horizonte do desejo da vontade participativa da grande massa populacional.

Para validar a representatividade democrática instituída, o entendimento da democracia recebe amoldamentos para que não ganhe materialidade participativa. A sensação de participação, em si, causa uma serenidade nos ambientes, nas relações. Poder-se-ia temer que educar um grande número de indivíduos a serem capazes de identificar, refletir e contestar

contradições no ambiente escolar, definir finalidades sociais para o campo educacional, para a organização político-pedagógicas, poderiam gerar futuros incômodos por pessoas que pudessem transpor essas habilidades adquiridas, direcionando-as para outros fins que não a execução competente de funções em seus empregos assalariados.

Pleitear necessita ter ajustes bem firmes e instituídos para que não haja avanços que lancem movimentações para muito além do planejado, dos padrões permitidos. Para a implementação desse bom clima, há a idolatria da responsabilidade fiscal, com argumentos numéricos-estatísticos sobre a responsabilidade social e a sua pretensas busca pela inclusão social, ampliação de direitos sociais e reordenamento dos fundos públicos.

A exclusão e a exploração para produzir riquezas e distribuí-las de modo acumulativo para uma parte reduzida da população requereria um apassivamento das distorções produzidas na e pela desigualdade social, cultural, econômica, política... preservando os aspectos econômicos. Tendo-se esse inconveniente, apregoar a participação numa democracia formal, sem participação efetiva das massas, foi uma solução posta como válvula de escape para situações não solucionáveis no sistema vigente, minimizando assim a necessidade de uma coerção direta.

Passa-se deste modo a ensinar e exercitar uma cidadania alinhada com um personagem socialmente responsável, solidário e respeitoso dos direitos fundamentais de cada indivíduo. Mudar a atitude atomística passa a ser a participação incentivada. A participação conseguiria ser útil como uma forma supervalorizada de administrar problemas. Participar poderia ser entendido como modelo de gestão econômico-racional do trabalho pedagógico, que ao mesmo tempo que agrega isoladamente interesses egoístas e suas relações de troca, centralizando o poder, estabelece uma visão que justifica a realidade de modo que não há minimização de tensionamento de forças sociais fortemente hierárquicas da relação indivíduo-escola-sociedade.

Deste modo ao entregar ao indivíduo a solução das tensões abstraem-se a história, a economia, a filosofia e a psicologia da análise isolada das condições do ser social. O conceito moderno de participação ascende o indivíduo isolado e não associativo, ainda que formalmente se defenda esta ilusão. A aparência ofertada aos indivíduos envolvidos, assim como sua execução, não coaduna com uma análise mais profunda do fundamento motor, não publicamente agraciados. O que fica aparente é sua eficiência e os argumentos morais que justificam o conjunto. Os acordos convencionados entre os indivíduos em suas particularidades atomizam as mudanças, sem suplantação da lógica regente.

“Participar em”, distancia-se do “participar de”. Ainda que a Democracia tenha se estabelecido historicamente como a mais participativa das formas de governo, ela mostra-se

insuficiente e não absoluta como possibilidade organizacionalmente justa. As regras do jogo democrático não passam de pontos pré-estabelecidos. Não são construções coletivas.

A liberdade limitada apregoa o espaço de movimentação aceitável ao reiterar que o uso da liberdade não é o agir como quiser, seguindo as vontades, mas o deslocamento dentro o que foi prescrito por regras, porém colocado não como limitação, mas como direcionamento. O direito à liberdade perde sua conotação de união entre as pessoas e passa a assumir a acepção de subdivisão e reserva dos espaços (FREIRE, 2011). Com essa motivação o ser escolheria livremente colaborar, alienando-se de direitos que já são seus. A representatividade ideal poderia se limitar ao campo executivo e nunca ao legislativo. Seus aviltamentos submetem a vontade geral, a vontade particular do representante político no poder.

A participação que não incomoda e que ainda ajuda, preza pela igualdade perante a lei, pela igualdade de direitos, mas jamais pela igualdade na esfera econômica, já que se trata de uma Democracia de cunho Liberal. Há de se esclarecer que a humanidade não é naturalmente nem altruísta e nem egoísta. As inclinações dependem de uma somatória de fatores. As modificações se dão em correspondência a natureza presente no elemento social construído e não no ser humano.

A conduta pela imposição ou pela valorização moral coloca o ser humano como o único animal capaz de em sociedade isolar-se (FREIRE, 2011), visto que, o fator integrador entre eles passa a ser elementos artificiais de agregação e não exiguidades viscerais. A sociedade transmuta o indivíduo, contudo há a possibilidade de os indivíduos associados mudarem a sociedade. Para satisfazer suas necessidades primárias o indivíduo sofre fortes pressões reificantes que colocam a objetificação acima da humanização.

Faz-se importante esclarecer que os apontamentos investigativos não buscam apontar culpados no campo educacional. A promoção de objetivos estreitados, em geral, não pertencia as intenções primeiras dos indivíduos, tendo-se em vista que estes passam a executá-las em defesa de sua própria segurança, em proteção as condições de sobrevivência. Os indivíduos, impelidos pela necessidade da participação reificada, não passam de executores de planos finalizados e estrategicamente calculados (FREIRE, 2011). A tomada de culpa pelo indivíduo, a cobrança pelo comprometimento, pelo cumprimento das funções delegadas de modo descolado dos fundamentos de sua utilidade, não passaria de reflexos dos mecanismos morais de controle social, compulsórios no sistema de Educação, e na tirania por vezes presente, nos locais de trabalho.

O ideal seria um colegiado educacional com acesso aos significados plenos, com real poder decisório, em uma participação genuína que não separasse a emancipação social da

emancipação individual. A relação dialética indivíduo-sociedade centrada na busca cotidiana de alternativas carece de um impulso coletivo inicial das transformações basilares. Averiguando as mediações primordiais para a transição sequencial, com vista a superação sistemática, para além das soluções formais, de modo a instaurar uma reforma educacional radical e irreversível.

Em seu doutorado, Freire (2011) demonstra a partir da análise da revista Educação & Sociedade de 1978 a 2010 os avanços e as modificações na participação escolar.

Em sua Tabela 2 disponível na p. 142, Freire (2011), demonstra após a análise de publicações por quase três décadas, que a temática: “participação”, intensifica-se com as movimentações pela redemocratização do Brasil. Entretanto, as publicações sobre Participação, Estado e Educação foram minguando ao longo do tempo já que correspondia a 41,1% no período de 1978 a 1983; a 50% no período de 1984 a 1989; a 40% entre 1990 e 1994; a 20% de 1995 até 1999, sendo que não houve nenhuma publicação no período de 2000 a 2004. Esse tema foi abordado em somente 8,3% das publicações entre 2005 e 2010.

Houve oscilação também nas publicações acerca da Democracia e da Democratização: 11,7% entre 1978 e 1983; zero % de 1984 a 1989; 20% de 1990 até 1994; 30% de 1995 a 1999; zero% de 2000 a 2004 e 8,3% de entre 2005 e 2010.

Enquanto isso, houve o aumento exponencial nas publicações a respeito da Gestão e da Gestão Democrática: zero % de 1978 a 1989; 20% de 1990 a 1999; 2,22% entre 2000 e 2004 e por fim, 41,6% entre 2005 e 2010.

Tanto o conceito de Gestão quanto o de Democracia, vão assumindo outras faces. Ocorre a resignificação dos conteúdos, paulatinamente. Gestão passa a processo eficiente de viabilização das políticas educacionais e a Democracia, pela participação, coloca-se na função de construtora de um clima amigável, virtuoso, parceiro e voluntário. A contestação vai sumindo do contexto educacional.

A participação e a gradação dessa participação foi um fator que se evidenciou na leitura flutuante das entrevistas realizadas, como fator preponderante para a formação do sujeito. Na atividade Gremista na formação de um ser social, que será progressivamente aprofundado numa doutrina socioeconômica neoliberal, inquirir sobre a participação mostrou-se como o quê de relevante se deveria apurar na descrição dos conteúdos emergidos do código (suporte linguístico) oral presente reiteradamente nos depoimentos.

A oralidade coletada será o foco de análise deste capítulo, para que juntamente às explanações anteriores, se possa chegar a alguma consideração sobre esse trabalho de pesquisa.

Portanto a técnica de investigação irá fragmentar as falas dos sujeitos de pesquisa em trechos relacionados aos entendimentos sobre participação no Grêmios Estudantil. Para que se mantenha como regras a homogeneidade (evitando-se misturas de foco de análise), a exaustividade (a fim de esgotar a busca na totalidade das entrevistas), a exclusividade (apontamento de um único elemento relevante), a objetividade (falas diferentes para se analisar um resultado igual) e a pertinência (com a finalidade de averiguar as duas iniciativas Gremistas dentro de um mesmo pressuposto) a **participação** será o enfoque único desta parte do trabalho.

Essa segmentação nas entrevistas das iniciativas nas administrações Telma de Souza / David Capistrano e na de Paulo Alexandre busca fazer falar as possibilidades de elaboração de sujeitos enquanto formação de seres sociais. A finalidade dessa classificação é facilitar a dedução de certos dados presentes nos discursos a fim de constituir uma significação uníssona dentro de cada uma das propostas de Grêmios. O intuito é não partir de uma descrição, mas de sobrepor entendimentos para averiguar o que se pode apreender com os saberes deduzidos desses conteúdos. Não se trata de junção de vestígios, mas da construção de uma inferência. As deduções lógicas serão empregadas para a categorização dessa laboração investigativa sobre Grêmios Estudantis municipais de Santos.

O vocábulo “Participação”, no uso cotidiano, pode apresentar muitos entendimentos sinônimos. Pensando-se sobre estes sentidos possíveis podemos elencar “Participar” como:

1. Envolvimento: entrar, estar, atuar, agir, colaborar, cooperar, tomar parte, comparecer;
2. Transmitir alguma informação: comunicar, dizer, anunciar, avisar, declarar, expor, falar, relatar, noticiar, transmitir, divulgar;
3. Informar algo: comunicar, dizer, anunciar, avisar, declarar, expor, falar, relatar, noticiar, transmitir, divulgar;
4. Compartilhar tendo parte em: coparticipar, compartilhar, compartilhar, compartilhar;
5. Associar-se a: partilhar, dividir;
6. Ser parte de algo, apresentando características em comum: inserir-se, integrar-se, estabelecer-se, fixar-se, implantar-se, constar.

Expondo de modo seriado e sobreposto buscou-se facilitar a identificação pelo leitor a miscelânea de entendimentos sobre participação pelos entrevistados. Não há uma percepção coesa entre todos e, por vezes, nem em relação ao restante da fala do mesmo sujeito, contudo, pode-se perceber tendências ou inclinações.

A seguir encontra-se a tabela dos trechos que citam diretamente as passagens concernentes ao termo “participação”. A transcrição dessas entrevistas está disponível

integralmente nos apêndices, tanto para preservar o registro histórico, como para permitir possibilidade de análises posteriores, referentes ao tema.

Tabela 7

Sujeitos de Pesquisa Projeto desenvolvido na década de 1990	TRECHOS DAS ENTREVISTAS RELACIONADOS À PARTICIPAÇÃO (participar, participa, participam, participativo, etc.)
<u>T.N.</u>	→ Eram justamente um dos objetivos do Partido dos Trabalhadores, um. Era a organizar a população para maior participação social porque acredita que é na construção coletiva é que as coisas ficam de melhor qualidade. Bom, partindo desse pressuposto, nas escolas teria que ter o coletivo de professores que sempre tem, os diretores têm seu coletivo e os alunos têm seu coletivo. Coletivo dos alunos são os Grêmios. E aí, desses Grêmios era, a discussão deles, dos alunos, do que era a escola para eles e qual seria a função deles, função social deles, dentro da escola. → (Sobre os Grêmios na gestão anterior a administração Telma de Souza) Não, não tinha nada. Nada porque não era da concepção da participação. O que é da essência do Grêmio é incentivar a participação, é dar voz a quem não tem. Porque na escola aluno não tem voz. Então dar voz a quem não tem. → Então nós... além disso, tinham os Conselhos. Então, o Conselho de Pais, tinha o dos professores e tinha os conselhos também. Tudo era visando a participação. Então a essência, o ideário de um Grêmio Estudantil é a participação do estudante na vida da escola. Dar voz a ele em todos os sentidos. → Porque se deixar a diretora não incentiva, e agora é assim, não só não incentiva como dificulta. Como dificulta a participação, porque não quer _ "Você não sabe" quer dizer parte do pressuposto de quem sabe é os adultos e os meninos não sabem. Então, a gente foi em vários ideários inclusive o do Martí, que fala: _ "Ah, si nosotros escucháramos o que los niños hablarían cuantas cosas aprenderíamos" Inclusive, é desde pequeno que participam e falam, e falam, e opinam. Isso incomoda as pessoas.

T.N.
(continuação)

→ Eu venho, eu fui professora na ditadura militar. Onde eu era coordenadora dos Grêmios, em uma escola Estadual em Bragança. Nós fazíamos horrores, nós tínhamos bandas, banda não fanfarra, banda de banda de dar shows, de estudantes, tinha exposição de artes, tudo isto o Grêmio que coordenava. Exposição de artes dos alunos, estudo do meio quando eu, eu sou geógrafa, né? Então eu ia fazer estudo do meio com os meus alunos, era o Grêmio que organizava os alunos, como é que ia, o que tinha que levar, a roupa, não sei o que, pererê, pererê. E os relatórios, né? Eu sempre exigia relatório. Vai, estuda, lê, dia seguinte relatório, quem viu, quem não viu, que achou, o que não achou. Então é uma, é um trabalho de incentivar a **participação** dos alunos. Dar voz a quem não tem dentro da escola. Então, esse é o ideário. E essa segunda questão aqui. E a organização...

→ Eu que fiz reunião com os diretores... Das escolas municipais. Para eles verem a importância do Grêmio. Não eram muito, não. Não eram nada. Não é que não eram muito, não eram nada. Os estudantes perdiam [inaudível - 08:11] quanto mais quieto ficar, melhor. Então não eram nada. Então, não era assim. E aí a gente, com as diretoras, com as coordenadoras pedagógicas e com as supervisoras. Eu tinha que pegar essas mulheres e a formação delas era eu que fazia. Então, eu comecei a trabalhar com elas a importância da **participação**, inclusive dela. Inclusive delas também. Que, também, por sua vez a Delegacia também não escuta os diretores, não escuta os... Então, é toda uma hierarquia, parece casta indiana, que cada um manda no seu, na sua caixa e não quer saber, não tem ascensão, não tem ascensão, não tem a voz. Por exemplo, você vem aqui e fala para mim _ " Olha, eu acho que esse vaso não está bom aí. A senhora pusesse outro vaso, não sei o que, não sei o que lá, ficaria melhor... " _ escuta aqui... e sai daqui, não adianta porque não faz. Então foi um trabalho de formação da equipe. Primeiro para compreender o que é o Grêmio, que tinha que ter uma sala para o Grêmio, eles tinham que ter uma mínima de estrutura, uma escrivaninha, agora o computador, agora, mas alguma coisa. Como é que vai trabalhar se não tem nada, né? E eles, os Grêmios, aí, daí primeiro o trabalho delas. Aí já acertou, queira ou não queira, eu digo _ "Não, não. Vai ficar. Se vocês não concordam, até acham que é bobagem, mas eu estou dizendo a vocês e provo cientificamente o que é a importância da **participação**, o que é dar voz a quem não tem. Então aqui vai ser assim"! Aí baixa a sua cabeça, porque não dá, né?

T.N.
(continuação)

- Bom, e além do mais, eu tinha na prefeitura de São Paulo, o Paulo Freire. Um dia eu chamei o Paulo para vir. Eu falei: _ "Paulo, vem aqui me ajudar para discutir conosco o que era a **participação** popular. Que quer dizer isso? Quê que é **participar**? Quê que é? Por que que é importante **participar**? Paulo Freire. Bom, então a coisa era linda. Funcionou perfeitamente, né? Mas, foi todo esse trabalho, entende?
- Não é uma coisa e agora tem um agravante. Eu mandava nas diretoras também, eu era a Chefe de XXXXX, a XXXXX entregou para mim. Então, eu tinha este poder de convocar a Equipe Técnica e formar a Equipe Técnica. Na formação, aí veio o Paulo Freire, por que a **participação**?
- Potencial formador do Grêmio, que tipo de pessoas você pretendia por lá? Bom, nós, não só do Grêmio, nós em relação a conceito de educação que cidadão queremos formar. Cidadão **participativo** e, outra vez, que pertence a um grupo, que luta por seu grupo, que **participa** das coisas, que propõe. Então é uma pessoa ativa, não é uma pessoa que fica esperando que o outro venha falar. Então era esse o cidadão que continuamos na mesma coisa. Não mudou nada. Que é este cidadão que se sente como membro social.
- Potencial formador do Grêmio, que tipo de pessoas você pretendia por lá? Bom, nós, não só do Grêmio, nós em relação a conceito de educação que cidadão queremos formar. Cidadão **participativo** e, outra vez, que pertence a um grupo, que luta por seu grupo, que **participa** das coisas, que propõe. Então é uma pessoa ativa, não é uma pessoa que fica esperando que o outro venha falar. Então era esse o cidadão que continuamos na mesma coisa. Não mudou nada. Que é este cidadão que se sente como membro social.
- Agora, eu fiz a minha... o meu mestrado foi de Ciências Sociais com Florestan Fernandes e Octávio Ianni e Maurício Tragtenberg. Veja quem que eles foram pegar aqui. Então era isso. Eu tinha muito claro, tenho muito claro, a questão sociopolítica. E é, e o Florestan então ele dizia assim: _ "Oh, se não houver **participação** popular, não há processo democrático. Não há. E se não há democracia, o oposto é o regime forte, de imposição".

T.N.
(continuação)

→ Boa escola e **participativa**. (Nome da escola) é muito boa.

→ Em [19]89, tinha 4 anos que tinha acabado a ditadura. Ainda estava... tinha muita gente presa ainda. Ainda estava, estavam começando, né? Então foi o início do processo dos movimentos populares, foi o início. Mesmo assim criamos os Conselhos. Temos aqui e em Santo André os dois lugares, que começamos. Santo André já estava mais forte, que era o orçamento **participativo**. E tinha orçamento **participativo** nas escolas, elas, então o orçamento da sua escola é 5 mil reais? Toma aqui o dinheiro e defina com a comunidade escolar o que vai fazer. Não é a Secretaria que dizia o que vai fazer, entende? Foi maravilhoso que Santo André foi uma revolução, porque nós íamos para os bairros. Mas aqui estava começando também, tudo aqui foi mais, o início de uma tomada de consciência das pessoas que já podiam começar a se organizar. Porque a ditadura proibia. Mais do que 2, presos!

X

→ E a gente, o que a gente fazia era tentar garantir sempre que eles tivessem os espaços, né? Que a **participação** deles... tanto é, e a gente fomentava muito. Todos, todas as Conferências de Educação. Todas eles deram uma bancada **participativa**. Então assim, se você pegar os registros das Conferências de Educação. Você tem uma **participação** muito forte, pelo menos naquele período até o governo do David, né? Tem uma **participação** muito forte desses, desse grupo, né? A gente, tudo, Feira do Livro... tudo tinha. Eles tinham Fóruns. Todos os fóruns a gente promovia com eles. No sentido lógico... não dava para querer discutir com eles, né, a, o processo pedagógico na essência filosófica não. Mas na prática, no concreto, transferir isso era o que a gente acabava fazendo com eles.

→ Era isso, era maior, então o papel da Secretaria era um pouco abrir o caminho para eles poderem se organizar, né? Daí o que eles vão fazer com a organização deles... Lógico que era com eles, aí a gente também... Ia seguir... porque aí é assim. Se eles iam ficar mais próximo do pessoal do PCdoB, do outro lá, que era do movimento organizado, para a gente... Para a gente não. Não era esse o nosso objetivo. Nosso objetivo é que dentro da escola eles fomentassem o processo, porque a **participação** deles ajudava muito os Conselhos...

X.
(continuação)

→ Dentro das discussões que eles faziam com os professores, as supervisoras, com a direção, acabavam também ajudando nesse processo de destravar esses mecanismos, porque as vezes trava. Trava as vezes por vaidade da diretora, às vezes por vaidade do técnico, né? Isso é... Trava [risos]. Então tinha. A gente acabava fazendo esse papel de destravar. Nunca de desautorizar a direção da escola, né? Nunca de fazer, desestimular. Mas às vezes, às vezes eu falava para eles: _ "Olha, se, depois dessa nossa conversa não der certo... você chuta a porta!" [risos]. Porque vocês têm que ser movimento. Porque aí vocês tão organizando movimento. Movimento tem que ser movimento.

T.N.: Nossa... a professora cria espaço de **participação**...

X.: É...

T.N.: Só, nada mais...

X.: Né? Então era isso... Então assim, a gente ia, tal, tal, mediava com eles, conversava. Se eu tivesse dificuldade, eu pegava o pessoal do pedagógico, porque como fazia parte do projeto pedagógico a **participação**, então a gente ia discutir isso no novo núcleo pedagógico, aí voltava, aí o núcleo.

T. N.: XXXXX mandava força no pedagógico, porque também a **participação** era fundamental para nós... Em todos os níveis da escola, e os estudantes também tinham que **participar** de alguma forma. E se organizar. A autonomia para se organizar! É isso que ele está falando. É isso aí!

→ Tanto é que assim quando eles tinham dificuldade, que era a maior dificuldade deles, sempre foi a parte burocrática. O registro. Porque você pensa: nós estamos trabalhando com um grupo de, para adolescentes. Eram 11, 12 anos. Tinha Grêmio que foi formado com... a turma de oitava série não **participava**, só **participava** a turma de quinta e sexta. Aquela turma mais presente que queria fazer, queria... Era molecadinha, tinha Grêmio que era muito engraçado, que era só molecadinha mesmo. Tinha Grêmio que era um pessoal um pouco mais velho e tal, mas tinha Grêmio que era muito molecadinha, né?

→ Mas é isso, de forma geral, e o que a gente fazia era isso, era trocar. Fazer a troca de experiências com eles. Eles **participavam** de tudo: Conferência da Educação, Conselho... **Participavam** de tudo. A gente botou um assento para eles no Conselho. A gente abriu o caminho, ou seja, é, mesmo com toda a dificuldade de compreensão que pudesse ter do

X.
(continuação)

processo, né, da questão mais teórica das coisas. É o que importava: era que eles estivessem dentro do processo. Porque a leitura deles, e isso, é uma coisa que o pessoal nosso da Secretaria era muito sensível, né? Era de conseguir fazer a leitura de como eles traziam, porque eles traziam da forma deles... Era como, como transferia a leitura deles para o processo que a gente estava fazendo na cidade. Que era super-radical no ponto de vista pedagógico, né? Era um rompimento... Muito forte... Com o que a, como a rede via o processo educacional, né? Então era um rompimento muito forte [risos].

T.N.: Ele (apontando para X.) fazia parte da política da educação, a organização dos estudantes. Abrir espaços para a organização dos estudantes. É, não é falar o que você tem que fazer... Eles sempre que tinham que fazer.

- Eles tinham que fazer. Então tá! Você tinha Grêmios que eram mais politizados, que assim, que você via que eles tinham mais articulação, que eles tinham uma, **participava** da..., um, um movimento que nós. Isso nós incentivamos um pouco. Mas, mas que eles **participaram** com muita força, foi a greve dos portuários. Que teve demissão, aquela greve que depois... Que originou o 28 de Fevereiro [escola Municipal].

X.: Os Grêmios, se você pegar os registros, eles **participaram** de todas as assembleias. Falaram nas assembleias, vários presidentes, vários líderes de Grêmios das escolas municipais. **Participaram** das assembleias dos portuários e falavam nas assembleias, né? Independente...

- As famílias deles eram vítimas daquele processo, né? Eles estavam em todas, em todas, na coleta de alimento, nas, nas, nos pedágios, nas assembleias que faziam lá na Rodrigues Alves, nas que faziam na Praça Mauá. Eles **participaram** de tudo. Essa luta dos portuários, vou dizer... qualquer. E tinha duas assembleias, às vezes, por dia. Tinha assembleia de noite. Sempre tinha três, quatro Grêmios, sempre tinha. Eles estavam **participando**. Então assim, você tinha alguns mais politizados, outros mais sociais. Então queriam fazer atividade, queriam fazer coisas de [inaudível - 11:07]. Mas para a gente importava que eles **participassem** do processo e essa maturidade de, de transformar, né, o processo. Em dar o salto, de conseguir olhar o todo, se vê cidadão da cidade, cidadão do Estado, cidadão do país... Esse é o processo, né? Então alguns aprenderam na marra, tipo os meninos do XXXXX. Sentiram na carne. E aí quando começou toda a sociedade a se articular para dar apoio para os

X.
(continuação)

portuários, eles também acharam: _ "Nós somos a sociedade civil, somos a organização". E eles juntavam os grupos e iam, 10/15 de uma escola. Eles iam todos uniformizadinhos. Era o maior barato! Aquela nossa camisetinha azul lá, tal, né? Então eram muitos. E eles iam nas assembleias, eles falavam, ou seja, então alguns alcançaram maturidade, né? Outros trabalharam nessa coisa mais social, de esporte. Mas independente disso eles estavam dentro do processo, né? Esse era o processo que eles tinham que construir, né? Não era eu que ia dizer para eles: _ "Oh, você tem que fazer o 'Fora Sarney'." Ou não sei o que. Não era eu que ia dizer isso para eles. Eles iam lá, o pessoal do Movimento Estudantil... mobilizavam eles também para as coisas, então assim, então tinham...

→ T.N.: Deixa eu perguntar para você. Não soube responder para ela, se os adultos faziam parte aqui no Grêmio, a educação de adultos com a XXXXX...

X.: Não, não tinha. Nas escolas onde tinha EJA, algumas escolas, eles **participavam** do Grêmio também, tá?

T. N.: Está, isso que eu não sabia, se a EJA **participava**...

X.: As, as escolas que tinham EJA alguns **participavam**, né? Mas eu vou dizer para você que foram poucos, foram pouco. Eu lembro de... eu lembro de... eu lembro do pessoal do Bartolomeu de Gusmão que era do Estado e tinha sala de EJA. [...] [inaudível - 37:38] da EJA.

T. N.: Da EJA é, então...

X.: Era muito bom mesmo, era bem interessante...

T. N.: Era bom a beça!

X.: Até porque o processo fazia, fazia ficar, né? O processo de alfabetização [risos]. Fazia e fará a vivência das pessoas, e... mas assim, eu lembro, eu lembro, do Bartolomeu de Gusmão que tinha a sala do EJA, que era do Estado, mas tinha sala do EJA que **participava**. Qual era a outra escola que tinha sala do EJA também? Ah nós fizemos o EJA naquela que tinha a sala do EJA naquele centro supletivo da Zona Noroeste que era do Estado, mas tinha sala do EJA Municipal. Eles **participavam**, eles montaram uma organização, não chegou a virar um Grêmio, mas eles participavam do Fórum. Como um, eles não chegaram a montar um Grêmio porque como era um centro supletivo, daquele que era apostilado e tinha duas salas nossas... que a gente dava aula, tudo do projeto lá. Eles organizaram um grupo. Eles não chegaram a virar Grêmio. Era um, era uma organização que não chegou a ser Grêmio. Mas eles

X.
(continuação)

chegaram, mas isso em algumas escolas. Não foram muitas não...

T. N.: Eu até ia por lá, falar com a XXXXX, mas ela falou: _ "Não sei, não lembro se..."

X.: Mas algumas escolas que tinham, eu lembro que **participaram** sim. Mas, mas não foram todas, não eram. Acho que por conta até dos horários, porque eles entravam depois das crianças que saíam, então tinha... né? Mas não tinha!

→ Então tinha o Estatuto e aí nós começamos a fazer isso dentro das escolas, ou seja, estimular, estimular e tal. Aí quando sai o primeiro grupo, aí começa a trabalhar com esse primeiro grupo. Aí faz a Assembleia, discute o Estatuto, forma ali o Estatuto, aí monta o processo eleitoral. Alguns fazendo, alguns fizeram a eleição, a primeira eleição em Assembleia mesmo. Outros já tinham chapa, já fizeram um monte de chapa. Tinha eleição com oito chapas as vezes. Tem umas escolas, bastante, que tiveram bastante **participação**. E aí a gente acompanhava só no sentido de orientar para organizar, só. O resto, para que não desse problema. Ou seja: _ "Vai dar problema nisso". Então essa listinha tem que ter isso. Não pode deixar acontecer assim na reunião. Isso quando não éramos nós que ajudávamos o próprio pessoal. UMES também trabalhava junto da gente nesse sentido. De forma geral é isso. E aí eles tinham os livrinhos ata deles, tal, tinham as coisas deles, né? A gente até brincava: _ "Ah, a ata não precisa ter aquela formalidade toda de canto a canto..."

→ Então, essas coisas de estrutura a gente até dava de forma geral para atividades que fossem inclusive dentro da, do nosso contexto. Agora dar recurso direto, não. Aí era tudo por conta deles. As atividades que eles faziam eram por contas deles. Uma coisa ou outra que fazia em conjunto. A gente **participava** como parceiro.

→ Acho que, eu acho que dos meninos, um dos meninos meio que se perdeu e depois se achou, né. O XXXXX que era o presidente do (nome da escola). Foi um menino que se perdeu, se perdeu, foi para droga, se perdeu. E aí eu fui reencontrá-lo no carnaval na torcida do Santos, ele. Mas ele já tinha feito tratamento, já estava voltando e tal. Hoje está super alinhado. Continua envolvido com esse negócio de torcida, mas ao mesmo tempo é assim um cara super articulado, continua tendo **participação**. Mas assim, eu acho que esse processo ele ajuda muito a estruturar, né? A formar mesmo as pessoas em postura, aprender a dividir, aprender a conflitar,

X.
(continuação)

aprender a construir consensos, ou seja, você tem, né, e isso é um facilitador na vida profissional de todo mundo [risos]. Você conseguir ter postura dentro de um processo, ou seja, saber questionar e ao mesmo tempo propor, né? Ou seja, você pegar, construir o processo, construir caminhos, então, esses meninos assim eu, eu fico bastante feliz quando eu encontro alguns assim que eu fico bem feliz, porque, alguns nem me reconhecem às vezes eu também não reconheço, né?

- Não. É muito deles, muitos deles. Começaram a **participar** de Movimento de Juventude Negra, muito, muitos, muitos assim.
- Todos com trinta, né? É, mas acho que, é, assim. Tenho certeza de que esse grupo hoje, é, aquela turma, os que, os que **participaram** desse processo... são, são, né?
- Ah, eu... assim a gente de verdade... a **participação** dos... falando sobre a questão da interferência deles, do corpo discente e docente dentro do funcionamento da escola. Eu vou dizer para você. A gente, a gente solucionou e encaminhou muita coisa dentro da estrutura da educação no sentido de incorporar aquela cultura de usar o espaço da escola, né? A melhor utilização do espaço da escola. Isso, isso, foi uma das coisas que mais avançou dentro do processo que a gente teve. Pelo menos uma leitura que eu tenho assim do período que a gente ficou dentro da Secretaria. Essas discussões de usar os espaços da escola não só para sentar e ter aula, né? Da escola ser um processo de condição de espaço cultural.
- Relações com as organizações? Isso eles estreitaram muito, né? A UMES **participava** de tudo, eles **participavam, participaram** de todo o processo final. O processo de impeachment do Collor, essa molecada participou e muito, muito, muito, o impeachment do Collor foi o maior movimento nesse período que a gente estava. Essa molecada, imagina, aqui, eles davam a linha para o pessoal universitário... [risos].
- No potencial da criança. Que a criança sabe, ela sabe fazer. Não é porque ela é criança que ela não sabe. Ela sabe! Só que se, daí é uma distância... um professor que acredita, uma pessoa que acredita que

X.
(continuação)

ela também tem conhecimento e um outro que não acredita, que ele transmite conhecimento para ela... Aí ó, aí não dá nada. Então essa frase do Martí para mim de toda a obra dele, em relação a infância, ele abre o livro dele... super famoso que chama “Idade de Ouro”. Que é justamente dar a voz para as crianças. E agora nós vamos começar uma campanha aí, que vai começar, de nas escolas para as crianças escreverem o que elas quiserem, e publicar e pronto. Todos os textos por quê? Só assim você sabe. Você vê o que a criança sabe e o que ela pensa. Dar voz a eles. Senão, então é isso, na essência. É dar voz. Porque a gente queria **participação** e a organização. Nós queremos duas coisas: que eles **participassem** e que eles se organizassem, então. E aí deram! Essa gente linda!

B.N.

- Então era assim, a gente tinha uma relação que a gente tinha muita autonomia, né? Se a gente tivesse um problema, a gente ia para cima. Só que a gente tentava de uma forma política. A gente não ia chegar e ah.... se me lembro o nome... era XXXXX, essa diretora. E a gente fazia o enfrentamento. Criticava ela porque ela... falta de democracia. Porque nessa época também, além dos Grêmios, começou a ser instalados os Conselhos de Pais nas escolas municipais. Existia nas escolas estaduais e começou a ser aplicado aqui. E lá também, a gente, a gente tinha ciência dos Conselhos de Pais, né?

Conselhos de escola... não... tinha ciência, mas não era muito nossa prioridade de **participação**. A gente orientava que os Grêmios **participassem**, mas assim nunca tivemos, demos muita ênfase nisso. E tinha uma época no (nome da escola), além do Grêmio não funcionar direito, o Conselho de escola também não funcionava.

- Com relação às entidades, foi isso, né? Eu me lembro que nós incentivávamos com essa gestão do governo Municipal. Houve algumas Conferências: Educação, de Orçamento. A gente incentivava a participação dos Grêmios, né? Acho que o mais legal... foi quando teve uma Conferência de Educação na cidade. Foi a única que teve. Acho que foi em [19]91, [19]92. Não me lembro a data exata. E a gente **participou** como bancada, né? Tinha a bancada dos estudantes secundaristas, tinha os universitários... Mas assim tinha uma bancada da UMES **participando** lá. Tinha, acho que, uns vinte delegados, a gente tinha uma força política...

- Como era muito, como a Conferência foi muito... é, os educadores tinham umas divergências em

B.N.
(continuação)

metodologias muito pesadas. A nossa bancada ela era o fio da balança... Nas votações, né? Então os professores mais progressistas vinham e chamavam de propagação dos “reaças” [reacionários]. Não digo “reaça”, mas o que tinham restrição a gente, não conversavam, então. E tinha algumas coisas que também a gente não tinha conhecimento: conhecimento da Metodologia de Ensino. Estava ali defendendo a Escola Pública, os Conselhos, com a Democrática. Então eram bandeiras. Não estava defendendo metodologia. A gente nem manjava, né? Disso. Então teve uma **participação** grande nessa Conferência. Foi na Santa Cecília, se não me engano, né?

- Na rede particular tinha muita dificuldade. Dependia muito da visão de cada escola. As escolas geralmente eram contras porque nessa época começou a estourar muito movimento contra o aumento das mensalidades, né? Eles não queriam... tudo. A escola que tinha o Centro Cívico, que era bem avançado..., mas era o Centro Cívico. Era o Universitas, o que está na Ponta da Praia é o Universitas?

É que eram dois professores que vinham do Movimento Social. Um chamava XXXXX até. Era um pessoal que teve uma militância no Movimento Social. Então tinha uma certa visão. Tolerava, ajudava..., mas assim meio monitorado, mas deixava. As demais se tivessem um Centro Cívico era um avanço, né? Isso quando montava um Centro Cívico e depois desmontava porque achava que os alunos estavam muito rebeldes, né? Então a rede particular era muito difícil. E fora que as escolas eram pequenas. Era muito fácil de controlar, muito difícil de entrar. O público também era mais elitizado, então também não **participava**.

N.F.

- Mas a época, como era algo ainda em processo de implantação, a gente observa, assim, por parte de alguns alunos, acabou servindo assim como um escolto, um viés para a prática de licenciabilidade. Então, alguns alunos se escondiam no Grêmio para não assistir a aula, para não **participar**. Então, eu observo nos anos [19]95 que assim essa construção, essa parceria do Grêmio com a escola, ela não existiu. A gente observa, eu observo até pela época ter funcionado como Assistente de Direção que a gente era mais avocado para solicitações: _ “Ah, a escola não tem isso” ...por parte dos alunos tendo o representante do Grêmio como porta voz. Então, por exemplo, nós éramos avocados para: _ “Olha, está faltando isso”, _ “Tem que fazer isso”, _ “Tem que fazer aquilo, aquilo outro”. E eu percebo aquela época, também era um exercício, estávamos em

N.F.

processo de construção, não havia parceria. Não havia assim: _ “Bom, eu vou conversar com a administração da escola para eu ter uma referência, para eu ter um diagnóstico, o que é...”

T.

- Então o legado de gestões anteriores até pelo próprio pressuposto, né, freiriano enfim, é... Na década de [19]90 quando a gente teve a gestão da Telma, depois... duas da Telma, se eu não me engano e depois duas do Capistrano. Foi quando isso começou a germinar aqui na cidade, com vários projetos. Aí depois no próximo governo isso resfriou bastante. Na verdade, eu diria que isso ficou inexistente. Aí depois quando o Papa voltou e aí também voltou essa ideia de Gestão Democrática, essa necessidade de **participação**... Então nós tivemos uma parada de, eu diria que, de oito anos, na gestão do Beto Mansur.
- Na outra gestão... a gente chamou todos os segmentos: Educação Infantil, EJA, Educação Fundamental, Especial, Conveniadas. Para fazer o Plano Municipal com a **participação** das pessoas. Isto, nesse momento, tá um pouquinho menos. Agora em relação ao Grêmio, especificamente, está bem estruturado.
- Projeções para o futuro... Então, naquela época, como eu te disse, a gente até pensou algumas coisas. Aí chegou o outro governo e foi interrompido e depois voltou. Quando voltou, voltou mais na pegada dos Conselhos, como uma coisa mais macro. E o Grêmio, ele foi chegando como consequência dos Conselhos. O fortalecimento do Conselho de Escola. Que ficou uma coisa proforma. Ficou uma coisa só para inglês ver, sabe assim? Não existia, de fato, uma **participação**. Então houve uma retomada e um fortalecimento dos Conselhos. E como o conselho tem o seu bojo, a questão da Gestão Democrática, da **participação**... como que a gente traz os alunos? Porque os alunos menores não podem votar no Conselho e tal. Então eles também teriam que ter voz. E aí foi quando a gente... é... Começou a criar um local para que eles tivessem voz.
- Porque de legislação... ou o próprio XXXXX. Ele é bom nisso! Eu não lembro se tinha. Mas a coisa foi se constituindo nas escolas de Fund. II. Isso eu lembro. Mas eu não lembro de legislação. Eu lembro de **participar** de algumas reuniões, é... Com alguns professores que estavam começando a estudar essa questão de Gestão Democrática, aí a gente teve...

H.E.

- No início da década de [19]90, assim com a abertura, mesmo, política. Com a Constituição de [19]88 tal, eu acho que não só o Movimento Estudantil, o Movimento da Educação, mas o Movimento da Saúde, da Assistência Social, dos Direitos, Direitos da Criança e do Adolescente, Deficientes, deu um *boom*, né? Nesse período... especialmente nesse período, no Brasil. E com o Movimento Estudantil secundarista e universitário não foi diferente. Porque aí com a Constituição de [19]88 com o artigo da Educação na Constituição, você teve que criar alguns mecanismos de **participação**, né? E como não existia, antes de [19]84... na ditadura militar e aquela coisa toda, você teve que construir tudo isso. Então eu acho que a minha experiência pessoal ela foi com... acho que com a maioria dos brasileiros nesse período, né?
- Mas assim, eu sei que o negócio ficou muito cheio mesmo. E a sociedade ficou assim espantada! né? E mais espantada ainda com a disposição desses alunos que **participavam** do Grêmio que tinham um corte diferenciado. O aluno que **participava** do Grêmio não era um aluno normal da escola. Não que ele não tivesse problemas, né? Mas era um aluno que tinha um corte diferenciado. Primeiro porque ele já passou por um processo de escolha. A eleição era direta, né? Ele passou por um processo de escolha e era representante do conjunto dos alunos. E com isso ele tinha um maior campo de visão dos problemas. Não só da escola como também da região.
- Chegamos a levar jovens do 6º ao 9º ano, com autorização dos pais, claro, inclusive para a Bienal de Cultura da UNE do Rio de Janeiro. O pessoal dos universitários conseguiu os ônibus, né? A gente aqui: _"Galera, vamos, vamos! Então vamos!" **Participaram** lá na Bienal. Porque na Bienal de Cultura da União Nacional dos Estudantes você tem uma parte que é de secundaristas, que são os futuros universitários. Lado B que eles chamam, da Bienal da UNE. Então essa galera foi para lá. Voltaram super animados! E o Movimento Estudantil foi tomando aquele fôlego que deveria tomar. Aí deu uma parada. Deu uma parada e voltou em 2013.
- Essa de 2013, eu acho que em grande parte... ela tem uma **participação**, um olhar diferenciado... da atual.
- Eu **participei** e acompanhei um pouco essa formação dos Grêmios Estudantis na época... 2013,

H.E.
(continuação)

2014 até agora 2017, né? Eu acho que foi, está sendo, uma experiência muito legal! Muito gratificante! Apesar do tempo ser diferente.

- Tinha uma dificuldade muito grande... você reconhecer o direito do... dos alunos de se organizarem. Tinha uma dificuldade muito grande. Se tem hoje em 2017... imagine lá quase 20 anos atrás, né? Eu acho que tem um incentivo. Tinha um incentivo anterior e tem um incentivo agora de **participação**. Eu acho muito legal, mesmo sendo com foco diferente que... A realidade concreta te joga para um foco diferente.
- O XXXXX que começou junto com a XXXXX esse processo muito importante, teve uma participação fundamental para um projeto de Grêmios que é hoje. O XXXXX que não está mais conosco aqui na XXXXX, mas teve uma **participação** muito importante junto com a XXXXX no início de tudo lá em 2013.
- Porque hoje você já cresce... Você tem hoje já... adolescentes que... com o descrédito que a política vem tomando, que a grande mídia vem dando apoio... há a desvalorização do ser político. Você já tem uma galera que não quer ser política. Não quer **participar**! Rejeita a **participação** com receio de ser taxado de corrupto, né?
- Ai, ai, ai... frutos colhidos. Eu acho que o meu maior patrimônio é a minha consciência hoje. Minha consciência de que eu faço parte de algo e que eu posso fazer algo para mudar. Eu acho que para mim, para mim especialmente, né? E para um cara de 17 anos que não tinha... perspectiva de vida mesmo. A gente não tinha mesmo! Não tinha! Não tinha! Com 17 anos na década de [19]80, você não tinha mesmo! Você era pobre! E na escola pública não tinha. É ter experimentado essa experiência! Ter experimentado a **participação** do Movimento Estudantil durante tanto tempo. Depois eu cheguei a ser presidente da União Municipal dos Estudantes. Com essa experiência, fui presidente do Centro de Estudantes de Santos, né?
- Não. Tinha os do Estado, também? Todas, todas, escolas: municipais, estaduais e particulares. Era uma organização dos estudantes de Santos. Todos os alunos. Nós tínhamos alunos do Objetivo. Tínhamos Grêmio! Conseguimos construir um Grêmio no

H.E. (continuação)

Objetivo na época e tal, né? Naquela escola Marza, lembra? Que tinha na Ana Costa. Então duas escolas particulares que tinham Grêmio Estudantil. A gente **participava**, viajava junto e tal. A gente conseguiu fazer, quebrar um pouco aquele... aquela barreira que tinha do aluno da escola Municipal, Estadual e Particular. Eu acho que pela primeira vez naquela década a galera se junto e deu um samba legal. Era uma galera assim não tinha preconceito. Todo mundo ia nos Congressos e dormia no chão [inaudível - 51:22] pais, advogados, médicos... aquela coisa toda. Mas quando ia para o Congresso todo mundo dormia no mesmo chão. Não tinha cama aquela coisa toda. Dormia naquela sala lá cedida pela cidade lá do... então eu acho que foi um período muito legal, muito legal. Que desconstruiu um pouco esse negócio de você... Você é jovem. Você pode fazer muita coisa junto com aquele que possui mais ou menos que você e tal.

- Então, a gente tinha nossas brigas com o PT. Com a Juventude do PT. Disputávamos os Grêmios: _ "Ah, vamos ali naquela escola fazer o Grêmio". Aí o pessoal do PT também ia, né? Aí ia o pessoal do PSB [Partido Socialista Brasileiro] também. E a direita quase não **participava** do... porque a direita era poder, né? Então nem interessava para eles **participar**. Hoje não, a direita **participa**, PSDB, o DEM [Democratas], PP [Partido Progressista] ... participam do Movimento Estudantil organizado no Brasil. Tanto secundarista, quanto universitário. Naquela época eles não... Então nossa maior rixa mesmo era com a galera da esquerda pela hegemonia do Movimento Estudantil.
- Então assim nesse processo de discussão, né? Que o projeto inicial foi totalmente transformado. Então diminuiu o impacto nas prefeituras municipais porque, até hoje, você não concretizou a municipalização integral. Porque é grana, né? É grana, muita grana. Então eu lembro que a gente **participou** e quando a gente **participava** dessas ações a gente era bandeira. Era o pessoal da JS, o PT, do PSB... Ainda tinha um pessoal independente que lidava bem: _ "Oh, não sou nem da JS nem do PT, mas quero **participar**".
- **Participava** também na boa o pessoal de área cultural, especialmente de área cultural, que não era envolvida na **participação** política. Partidária nenhuma. Os partidos de esquerda foram muito importantes nesse período, né? De retomada do Movimento Estudantil depois da... antes da Constituição de [19]88 e depois também. A

H.E. (continuação)

formação ideológica, né? Do Partido dos Trabalhadores, do partido do PSB, do PCdoB, foram importantes na formação de muita gente. E aí hoje a gente tem muita gente que veio desse Movimento Estudantil. Que naquele período se despontou.

→ Muitos outros políticos, hoje em pauta, **participaram** do Movimento Estudantil. Então eu acho que o Movimento Estudantil é um celeiro dos grandes políticos e dos maus políticos daqui para frente. Mas eu acho que mais para o bem.

→ _ "Mas e aí na região o que que precisa?" _ "Ah tio"... menininho falava: _ "Oh só, tio. A gente precisa aqui acabar com o trânsito desses caminhões aqui na frente". Não sei se você conhece a Oswaldo Justo. A Oswaldo Justo é uma escola que tem a empresa de transporte em torno dela e fazia muito aquela... manobra, né. Dos caminhões. Ali e tal. Aquela coisa toda. A menina falou assim: _ "A gente precisa acabar com essa manobra" Ela falou outro nome, não falou manobra... _ "Com esses caminhões aqui porque faz muito barulho. A gente não consegue ouvir o que a professora está falando e fora que é muito perigoso. A gente pode ser atropelado". "Tá! Bom colocar isso no papel. Vamos colocar para a Conferência". Levamos para a Conferência, anotado. Foi aprovado. Foi publicado no Diário Oficial que os alunos, na Conferência de alunos, de adolescentes estão pedindo que a CET reveja aquele trecho de caminhões, ali e tal. Duas semanas depois a menina morreu atropelada por um caminhão. A menina ou um menino, não lembro exatamente. Mas que **participaram** desse processo e pediram para a CET. Foi muito, muito duro, na época e tal. Estava até falando com o Edmir, que hoje é o presidente do CMDC e na época ele era presidente também, falei assim: _ "Ah, Edmir... Aí diz que criança e adolescente não sabem de nada. Mas eles viram o que aconteceria". Então foi muito, muito difícil. Aí morreu lá uma atropelada. Precisou morrer aí. Agora está totalmente diferente. Não tem aquelas manobras doidas que tinha, que era. Pegava um caminhão, um carrinho, né? E engatava lá no negócio e saía que nem louco. Agora está mais tranquilo. Mas foi uma galera do Grêmio Estudantil que...

→ É uma experiência ainda na vida de um adolescente. É uma experiência de **participar**. Por isso que a gente tem que ter muito cuidado. Muito cuidado quando apresentar esse tipo de proposta para os adolescentes.

H.E.
(continuação)

→ Você não direciona as pessoas para onde elas não querem ir! Você apresenta um projeto e aquilo vai de acordo com o seu interesse. Você abraça. Você abraça. Aconteceu comigo, né? Fui apresentado a essa mosquinha azul que me picou e até hoje, até hoje não me vejo não **participando** dos grandes momentos, né?

B.

→ O que motivava esse processo? Primeiro era um processo democrático... Os jovens, eles tinham que... sentir o desejo de **participar**. Não era uma imposição da direção da escola... Tanto que as escolas, em geral, as direções das escolas, elas tinham um medo da formação dos Grêmios Estudantis.

→ A atividade Gremista no Município de Santos vinha da prefeitura e da secretaria de educação... é ... Não havia emprego de recursos públicos... O que havia em termos de recursos financeiros, eram atividades que o Grêmio fazia. Tipo: baile, noite da pizza, venda de bolo, coisas desse tipo... e... Quermesse. Que a gente tinha barraquinha na... na quermesse. E os estudantes **participavam**, eles **participavam** inclusive da fiscalização e do uso desse dinheiro.

Tabela 8

Entrevistados sobre o
projeto na administração
do prefeito Paulo
Alexandre Barbosa

TRECHOS DAS ENTREVISTAS RELACIONADOS À **PARTICIPAÇÃO** (participar, participa, participam, participativo, etc.)

L.B.

→ O depoimento que ele me deu, é: _ “O Grêmio mudou minha vida! Eu era uma pessoa retraída, não conversava, eu não tinha essa desenvoltura, eu mudei, eu comecei a ter amigos”. Isso é muito significativo... então... em todos os sentidos. É no sentido do protagonismo, é no sentido do pertencimento, do sentido da desenvoltura, do interesse, pela questão pedagógica, do interesse na construção coletiva, de todos os projetos da escola. É fantástico! Então você muda a realidade de jovens, mesmo. É, o Grêmio Estudantil, ele coloca isso para as pessoas. Você tem chance também de **participar** da sociedade. A gente ensina eles a serem cidadãos, mesmo. Com direitos e deveres.

→ Ah, então... a Lei Federal, ela obriga a formação de Grêmio a partir do 6º ano, Fundamental II e Ensino Médio. Mas, a gente notava que quando o aluno chegava no 6º ano ele demorava muito ainda para entender o que era o Grêmio. E nisso a gente perdia um tempo. Então ele só ia entender o papel dele no 7º, 8º ano. E o que nós pensamos.... Então, se nós adiantarmos esse processo. E na escola que havia o Grêmio, Fund. I e Fund. II, eles ficavam olhando e havia uma separação ali. E os pequenos, eles falavam... demonstravam uma vontade para as diretoras

L.B. (continuação)

de **participar** já. Então foi na verdade uma soma. Sentimos esta necessidade de eles chegarem já ali, quando é de obrigação deles executarem alguma coisa, deles já começarem efetivamente no sexto ano e não demorar muito esse processo... Que passa tão rápido o Fundamental II... Então veio a ideia, surgiu a ideia, atendendo um pedido das diretoras e também observando esse outro ponto, da gente começar com o Grêmio Mirim, de 4º ano. É, todos podem **participar** no Fund. I, mas a obrigação mesmo, ali, fica com o 4º ano que já tem uma maturidade maior para ir observando alguns processos.

→ Então assim, foi contagiando na verdade. O movimento do Grêmio despertou o interesse nos pequenos: _ “Por que eu não posso **participar**? _ Por que eu não posso **participar**?” Então aí a gente fez ingresso no Fund. I também.

T.K.

→ E então, nessas reuniões, nós começamos a estudar sobre os Grêmios. E eles entenderam essa política, essa **participação** política, e que essa voz deles, a visão que eles tinham da escola é diferente daquilo que eu estou vendo, daquilo que o professor está vendo. Então por isso que é importante que eles **participassem**. Porque eles estavam reclamando das aulas, mas os professores diziam que as aulas eram ótimas. Por mais que nós da Equipe Gestora, Coordenador Pedagógico, observássemos que não. Mas a gente precisava dessa voz. Deles afirmando isso ou mais, não só falando do professor, mas explicando melhor o que eles estavam... a forma que eles estavam enxergando aquele trabalho.

→ Nós instituímos a data da Assembleia. Tiveram um período de fazer as suas propagandas eleitorais, irem às salas. A gente organizou essa parte. E essa inspetora sempre teve um papel fundamental também, ajudando, colaborando. Aí foi feita a eleição e aí, a partir da eleição, fizemos Festa de Posse, com Hino Nacional, formal... e a **participação** deles.

→ Aconteceu uma coisa interessante, também, eles queriam que na escola, por conta de um Regimento da escola, aprovado pelo Conselho, não podia entrar alimentos como refrigerantes, salgadinhos, coisa assim, porque a escola fornecia alimentos. Então eles vieram, o presidente do Grêmio veio trazer uma proposta dos alunos que tinha que... liberar. Que eles tinham que tomar o refrigerante, que eles tinham que ter essa liberdade. Mesma coisa do estudo... _ “Ah, vocês tão fazendo essa proposta por quê? _ Ah, porque a gente quer. _ Ah, então, nós precisamos entender por que que não pode o alimento. Por que que está escrito isso lá no Regimento”. E, aí foi bacana, que nós sugerimos para eles, trazerem a nutricionista. Eles não sabiam que tinha uma nutricionista na escola. Aí ela passou uma tarde lá com eles e fez uma palestra. Eles saíram de lá todos já... é... mudou a ideia. Eles entenderam por quê. A forma que ela colocou para eles também. Então, é uma **participação** formativa, não é um protagonismo. _ “Ah eles... tudo que eles falam. Nós procuramos fazer um trabalho de conscientização mesmo, de formação de cidadania, né? E tudo aquilo que se fala. Eles tinham uma biblioteca, laboratório, para pesquisar e ver. Nós, também sempre que possível estávamos a disposição para ajudar e encaminhar no que fosse necessário para essa formação. E aí desde então, o Grêmio, não, eles

T.K.
(continuação)

sentiram essa força. Algumas coisas foram possíveis de serem realizadas.

- O incentivo às atividades do Grêmio... a gente envolveu no Projeto Político. Então, a gente conseguiu, por exemplo... Nós tínhamos alguns casos de violência, em algumas situações. Violência é uma palavra pesada, mas...algumas situações... É! Entre alguns alunos, tinham uns casos de gravidez precoce, alto índice de alcoolismo entre os pais. E esse levantamento, a gente conseguiu envolvê-los por conta, a partir, por exemplo, dessa questão da gravidez precoce. Então, eles começaram a sugerir. Eles assim, na fala muito deles: _ “Será que não tem um psicólogo aí, para falar com a gente?” (Modo como foi feito o levantamento destes dados) Eles, é... Foi interno na escola. Não chegaram a ir para comunidade, não. Eles apresentaram um questionário que era... **participava** quem quisesse, e era anônimo. Então, eles colocaram uma caixa, na hora do recreio e quem quisesse poderia colocar lá. Eram perguntas simples. Não era direcionado: _ “Você tem problema com álcool?” Não era assim: _ “Você já bebeu?” É... _ “Qual o problema maior que você tem na sua casa?” Então, questões simples, né? E aí, eles chegaram nessa conclusão que existia já adolescentes se envolvendo com álcool, com o uso da bebida alcoólica e essa questão da gravidez. Então eles iam propondo essas atividades, além de outras culturais. O sonho deles era levar uma sala de cinema para lá, sabe? E algumas coisas não são possíveis porque a gente depende de uma política muito maior de recursos, enfim...
- E, a maioria assim você encontra líderes muito fortes! Líderes de potencial! Que a gente foi identificando e até mostrando para os professores no Conselho de Escola, no Conselho de Classe... avaliando os alunos ali. Alguns que tinham características muito fortes de liderança. Eles falavam alguma coisa e a maioria acompanhava o que esse aluno falava. E outras características, né? As formas deles. Se colocarem, esse primeiro Presidente do Grêmio... Ele dava entrevista com muita desenvoltura. Ele chegou a dar entrevista n’A Tribuna (jornal local), algumas. E ouvindo ele falar. Ele pronto! Parecia que ele estava diante de uma pessoa pronta. Dali para desenvolver muito mais aquele potencial... Então esse potencial de liderança, o Grêmio também vai. E outros mais tímidos, porque nós tínhamos uns diretores das áreas do Grêmio, alguns muito tímidos e com o tempo eles iam também desenvolvendo isso. De falar com os outros, de buscar essa articulação _ “Ah, você não, não eu não vou sozinho”. _ “Então, mas não a gente pode chamar alguém para ir com você”. E aí alguém ia. Então eles iam aprendendo isso. O Grêmio tem essa! É uma... é algo forte de desenvolver mesmo esse adolescente para a cidadania. E ele se vê como parte. Ele é parte! Ele **participa** dessa... de tudo que está na escola. De tudo aquilo que a gente está sonhando para aquela escola.
- (Sobre o encerramento das iniciativas anteriores) Isso te ajuda, né? A já te dar um indício aí... Eu estava ontem conversando com alguns alunos. Também dessa articulação da Política Pública, porque uma coisa é a instituição dela. Falando aí para a professora Ivanise ela vai... porque nessa área de política..., mas na escola, o fato dela ser instituída, não quer dizer que ela vai acontecer. Então essa articulação precisa haver. É como você ter uma política sem um recurso, né? Agora está assim sendo empregado o recurso: _ “Professor da escola... é um...ele está lá”. Ele conhece os alunos. Ele vai acompanhar e isso também precisa ser acompanhado pela Equipe Gestora, né? Para não morrer! Porque a

T.K.
(continuação)

visão tem que ser sempre essa: de um princípio de formação desse aluno, da cidadania, para essa **participação** deles.

T.S.

→ E teve um outro caso também. O *e-mail*. Recebi um *e-mail*. Foi no final do ano passado. Eu recebi um *e-mail* do... da escola (nome da escola). A mãe falando é... enaltecendo o trabalho. Dizendo que o trabalho era maravilhoso! Falando que o filho dela é... se beneficiou muito do fato de estar no Grêmio Estudantil. Do fato dele poder **participar**. É! Disse que ele... o rendimento escolar dele inclusive melhorou por conta de ele **participar** do Grêmio. E aí depois eu fui fazer o levantamento. Ela colocou o nome do filho dela, né? Eu descobri que ele era o fotógrafo do Grêmio Mirim e que ele tinha deficiência intelectual.

→ Assim, o nascimento desse interesse pelo Grêmio, esse interesse pela Gestão Democrática, dessa coisa toda. É muito forte nesse governo. Você sabe da onde nasceu isso? Porque eles estão impulsionando bastante coisa nesse sentido de... Primeiro, porque assim, Santos é uma cidade muito **participativa** no sentido da sociedade se desenvolver... Lógico a gente queria que fosse mais uma atitude...

B.X.

→ Tinha uns vídeos que falavam também sobre o Grêmio Estudantil Deixa eu ver se acho aqui... Esse aqui é um dos materiais que a gente conseguiu para ir falar com o Grêmio Estudantil... Aí a gente foi falar primeiro para eles o que é Gestão Democrática. Tudo isso a gente vai jogando para que os jovens... vão respondendo. Hoje a gente traz algumas definições que estão lá no artigo quatorze da LDB e no Plano Nacional de Educação. A Gestão Democrática, ela pressupõe essa **participação** dos vários segmentos: comunidades, escolas, pais, professores, estudantes, funcionários em todos os aspectos da organização da escola. Então por isso são construídos esses processos de **coparticipação**. Essa **participação** insiste diretamente nas mais diferentes etapas da gestão: planejamento, implementação e avaliação. Isso é um triângulo muito bacana e... fica a dica para ti!

Para tu falar assim... e ganhar a atenção. Porque quem está na área acadêmica se liga muito nessa questão de legislação... O que te solidifica a isso, né? Então tem essa questão. Por isso é necessário que a gestão seja compartilhada, coletiva e **participativa**. Não só da escola, não só da SEDUC, mas para todos. E para que tudo isso aconteça, o primeiro alicerce é a **participação**... Sem a **participação** não tem como as coisas acontecerem, né? Ela deixa de existir! A **participação** significa presença. Sem a presença ela deixa de existir. E vontade, porque ninguém é obrigado a entrar ou a permanecer. O alicerce de tudo para gente é a vontade. Os valores objetivos têm de ser compartilhados. E mais do que isso. A informação tem que ser para todos!

→ Aí a gente faz uma outra pergunta: “O que são os Grêmios Estudantis?” Aí eles viajam, né? Quando você fala o que são os Grêmios Estudantis. Aí é um órgão composto só por estudantes. É um órgão que deve estar sempre preocupado em tornar realidade as aspirações da maioria dos mesmos estudantes. Nenhum representante do Grêmio deve ser remunerado. A **participação** é voluntária, né? Porque tem gente que pensa isso. Que tem que arrecadar. Sempre tem! E as possíveis áreas de atuação que aí eu desmembro mais para a frente. Bom, para que criar um Grêmio? Para que os alunos atuem na escola e na comunidade. Para

B.X. (continuação)

que se desenvolva a capacidade de liderança, a aprender na prática a fazer política! “_Fazer política? Ah, mas fazer política é igual lá no Congresso?” Todos nós fazemos política!

→ Eu sou chamado, né? Aí eu não sei como eles fazem lá pela diretoria, mas quando as escolas me convocam, quando eu tenho essa chance eu vou lá e falo isso! Aí eu faço diversas possibilidades nas duas áreas. A parte de política pode ser: palestra, debate, vídeo, avaliação dos professores e de alunos no processo de aprendizagem, garantir o voto dos estudantes no Conselho de Escola... “_você**s participam** do Conselho de Escola? O que é o Conselho de Escola?”. Então tudo isso eu vou mexendo muito com eles... [inaudível] a favor da Cultura da Paz, parceria com outras escolas, na área social e de cidadania, a Campanha do Agasalho, prevenção, gravidez precoce, embelezamento da escola. Porque eles reclamam muito da escola sucateada. “_Mas pera aí. Quem preenche a carteira é você!” Eu pego até um exemplo assim... “_Tá vendo essa cadeira aqui? Quem foi que fez isso? Foram os professores? Foi teu pai que saiu da tua casa?” Tem que falar assim com eles... Foi aluno que fez! Então o aluno está responsável pela escola.

→ Comunicação do Grêmio. O aluno pode montar rádio escolar, informar outros alunos, *WhatsApp*, redes sociais, **participação** na reunião dos Representantes de Classe, Conselho de Escola, tá? Tudo isso eu vou falando.

→ E no Grêmio acontece muito isso... sai aquele aluno que faz tudo, acabou! E aí você tem que “empoderar” os outros, né? Passando o bastão! Então, o interessante é isso, o porquê que ele se importou com isso, né? Porque está muito latente. Você vê em várias iniciativas levando para outros... levar para as pessoas a **participarem**...

G.B.

→ Aqui a gente se reúne em plenária uma vez por mês. Então existem assuntos que eu pauto, enquanto gestora, porque eu sinto a necessidade de... e existem assuntos que eles pautam. Esse amadurecimento, deles trazerem assunto para a plenária, vem com o passar do tempo, né? Porque esse sentido de pertencimento vem à medida que eles começam a perceber que eles na realidade eles não são alunos só..., mas são integrantes de um Conselho Estudantil cujo movimento político articulador é necessário para que haja uma mudança no ambiente, né? Então o próprio Grêmio **participa** aqui. Entra-se também... a figura esse ano... no ano passado né, 2017. A figura do Aluno Ouvidor, né? Dessa figura. Então aqui a nossa plenária, ela é composta de Representante de Classe, vice integrantes... Diretoria do Grêmio e Alunos Ouvidores. Então nossa plenária é... É enorme!

→ Encontro com o Conselho Estudantil... que é esse diferencial, né? E a professora que atualmente ajuda é uma professora de História. Ela é uma professora bem engajada porque ela já está na escola há muito tempo, né? É a professora XXXXX. Ela tem um posicionamento e uma identidade muito grande com a comunidade. E em relação à Equipe Técnica, todos os membros da Equipe Técnica, em determinado momento eles **participam** da plenária. Eles não **participam** todas as vezes ao mesmo tempo. Mas hora é o Coordenador que **participa**, hora

G.B.
(continuação)

é a Assistente, hora é o Orientador... Eu nunca faço uma plenária sozinha, né? Porque eles precisam...

→ E agora... e tem uma outra coisa... porque assim... eles percebem. Porque essa representatividade escolhida pelo grupo da classe. E aí até esse amadurecimento, de quem eles escolhem como seus representantes. Porque essa pessoa precisa ser assídua, precisa ter interesse de **participar** de todas as plenárias, né? Porque não adianta você escolher um representante de classe que não tem interesse em discutir em plenária, né? Então, esse amadurecimento o grupo tem que ter, né? Quem são os seus representantes? Quem vai ser o seu porta voz?

Tabela 9

INCIDÊNCIA NUMÉRICA DE TERMOS RELACIONADOS DIRETAMENTE A <u>PARTICIPAÇÃO</u>			
Projeto desenvolvido durante as administrações Telma de Souza e David Capistrano		Projeto desenvolvido durante a administração Paulo Alexandre Barbosa	
▪ T.N. ▪ X. ▪ B.N. ▪ N.F. ▪ T. ▪ H.E. ▪ B.	➤ 22 ➤ 37 ➤ 6 ➤ 1 ➤ 5 ➤ 24 ➤ 3	▪ L.B. ▪ T.K. ▪ T.S. ▪ B.X. ▪ G.B.	➤ 5 ➤ 7 ➤ 2 ➤ 12 ➤ 4
TOTAL DAS INCIDÊNCIAS = 98		TOTAL DAS INCIDÊNCIAS = 30	

Dos sentidos frequentemente utilizados nos trechos que incluem os termos relacionados à participação na voz dos sujeitos de pesquisa, pode-se inferir que nas administrações Telma de Souza/David Capistrano e Paulo Alexandre houve uma condução nos projetos de Grêmios da seguinte forma:

Nos relatos ligados ao projeto de Grêmios Estudantis durante as administrações Telma de Souza/David Capistrano o termo participação mostra-se mais ligado a mudança de paradigmas: o avanço de direitos sociais pela educação, a percepção e o evidenciamento de contradições, os conflitos e a necessidade de um enfrentamento dialético deles, visando uma superação.

Nas entrevistas relacionadas ao projeto de Grêmios Estudantis relacionados a iniciativa na administração de Paulo Alexandre há um maior exercício dos direitos individuais,

estabilizado pelos direitos e deveres, num entendimento inclinado a acepção positivista: o cidadão responsável e solidariamente respeitador dos direitos dos outros.

Para além do entendimento do termo “participação” há outro ponto de destaque que emerge das entrevistas: são as construções axiomáticas distintas dentro dos projetos de Grêmio Estudantil.

O princípio para a construção de uma teoria da qual posteriormente derivará um sistema axiomático⁷⁹ pressupõe, a interligação de postulados (ou princípios) a partir dos quais se farão encadeamentos que levarão a um determinado resultado.

Um postulado é colocado como um fato que necessita ser preliminarmente aceito como verdadeiro para que, após isso, haja a possibilidade de construção de uma verdade partindo do pressuposto original. Portanto, não há como se afirmar se um postulado é plenamente falso ou verdadeiro, já que sua aceitação prévia cria uma lógica interna que dá um suporte coerente e racionalmente aceitável para o desenvolvimento de uma afirmação que não necessariamente precisa ser demonstrada.

Tendo-se um postulado estabelecido como ponto de partida para o desenvolvimento do nexos entre os encadeamentos, as premissas vão moldando o silogismo necessário para a adoção do raciocínio. Portanto, a aceitação desta lógica interna só é razoável se, e somente se, há anuência e o estabelecimento de um pressuposto da verdade e do que é tido como válido, legítimo e correto.

Tanto um projeto quanto outro potencializam suas ações para atender à uma afirmação do pressuposto colocado, reafirmando continuamente a lógica interna que sustenta seu ideário. Desta feita, tanto uma lógica quanto a outra podem ser tidas como certas, tendo-se em vista o propósito a que se destinam.

⁷⁹ A palavra axioma deriva da palavra grega (*αξίωμα*), que é algo válido ou digno. É muitas vezes empregada como sinônimo de princípio, lei ou postulado (PEREIRA, 1976, p.62).

Tabela 10

ENTENDIMENTO AXIOMÁTICO A RESPEITO DAS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO ALUNO GREMISTA Proposta desenvolvida nas administrações Telma de Souza e David Capistrano	
<u>Concepções apreendidas nos relatos</u>	<u>Trechos das entrevistas</u>
X. deixa transparecer que apesar da atuação conjunta com os jovens integrados ao Movimento Estudantil, a organização dos adolescentes Gremistas das escolas municipais era independente do fazer adulto.	Eles tinham uma unidade entre eles, né? Então os meninos do Genésio com os meninos do Marquês como do Olavo, eles vinham ali naquela reunião com o pessoal da Filosofia, de Jornalismo, ah, os caras não se entendiam, os caras brigavam, a molecada falava: _"Ah, vocês não vão lá, nós vamos fazer assim, assim e assim"_ E subiam no carro... Pegavam o microfone e iam para a luta... [...] Que tinham, mas assim, nessa discussão do impeachment que tinha os comitês, porque assim a gente montou esse esquema e tal, quando começou a crescer muito o impeachment, então saía um caminhão de som do, daqui, um da Ponta da Praia, e vinha recolhendo o pessoal das escolas para chegar na Praça da Independência e saía um carro do centro que vinha lá do Acácio, Avelino e vinha passando, e trazendo o Cleóbulo, até chegar lá, pegava lá as faculdades UNIMES, e tal. Então fazia esses três e chegava todo mundo na praça da Independência, eu particularmente, essa turma aqui da Filosofia era um cacete... Era um cacete, os caras não se entendia, porque aí tinha lá o XXXXX que não se entendia com a XXXXX que estava na comunicação que não se, e eram um cacete entre eles lá, a molecada falou: _"Ah, tudo bem, vocês não vão se entender, nós vamos sair da escola, pegamos um carro de som e nós vamos sozinho"_. E eles foram... E aí eles meio que davam linha para os caras, né? E aí falava: _"Vocês organizam, toca pau, malandro. Vai! Os caras, eles não se entendiam, a luta universitária era muito encarniçada, o secundarista tinha um pouco mais de unidade, então eles estavam mais coesos" nessa coisa de impeachment do Collor, estou dando o exemplo do impeachment do Collor porquê... É um negócio que foi muito engraçado, né? [...] A maioria é de a maioria virou tudo mãe de família, né, os meninos tão todos grandes, imagina, eles tinham doze, treze, onze anos naquela época, todos eles têm trinta e tantos anos agora, né? [risos] eu tinha dezenove, estou com quarenta e nove [risos]. Né? (X., grifos meus).
B.N. também enfatiza a inserção dos adolescentes na estrutura do Movimento Estudantil ainda que não tivesse sido pensado para alunos do Ensino Fundamental.	Então o primeiro processo foi nessa época que foi feito, todas as escolas da rede Municipal tiveram Grêmios, a que se destacava mais era a do Acácio, foi o Acácio na época, era a única escola da época que era Ensino Médio, então era um pessoal mais adulto, que acabou até depois sendo presidente da UMES ali da rua do Acácio. Mas, o Cidade de Santos também teve um Grêmio muito ativo, então qual era a ideia? A própria, o incentivo ele era muito, vamos dizer assim, ele tinha umas características muito congressuais, todo ano tinha Congresso, as entidades tinham um ano de mandato, então todo ano tinha que fazer Congresso Municipal, Congresso Estadual da União dos Estudantes e Congresso Nacional da União Brasileira de Estudantes. Para você ver, tempo que servia de Congresso. Então os Grêmios acabaram entrando nessa organização, mas muito como essa estrutura do Movimento Estudantil, né? As atividades mesmo eram muito limitadas, eles viviam dessa vida congressual, que depois com o tempo, hoje a gente avalia que tinha uma dinâmica própria, mas ficava fora de algumas questões, né? Mas, em si, naquele tempo ele surtiu efeito, conseguimos organizar em todas as escolas, surgiram muitas lideranças novas naquelas escolas, porque era um pessoal muito novo, era, a rede Municipal, o Ensino Básico, a gente pegava um pessoal de sete a treze, quatorze 14 anos, então assim era uma galera muito nova, muito nova. Tinha que ter muita, geralmente era o pessoal da 7ª e 8ª série que participava dos Grêmios, na 8ª o cara estava saindo da escola, né? Então, a gente conseguiu formar bastante lideranças, o Movimento Estudantil naquela época deu uma base boa na cidade, né? (B.N., grifos meus).

Este modo de entender o projeto de Grêmios Estudantis e a atuação dos adolescentes devido sua orquestração, tem potencial para gerar conflitos ao se defrontar com costumes escolares aceitos hegemonicamente, apesar de apresentar outras vias de aprendizagem.	Apesar de todo movimento bastante progressista com respeito à ideia do, da organização de Grêmios, mas assim eu considere particularmente um movimento ao mesmo tempo que ele era horizontal, pela participação dos alunos, ele era ao mesmo tempo vertical ... Porque, por exemplo, nós que compúnhamos a Equipe Técnica, hoje é chamado de Equipe Gestora, mas naquela época era Equipe Técnica, então o grupo de especialistas que compunha a Equipe Técnica a gente não participava desse processo, praticamente a gente recebia toda a formatação, como a coisa iria se comportar. Então, nós tínhamos assim alguns problemas estruturais enquanto organização de unidade escolar, porque se resolvia, por questões que envolvendo a própria UME, mas aquela União Municipal de Estudantes... UMES! Tinha, temos umas abreviaturas de que eu não sei todas assim de cor. É, são muitas abreviaturas desses movimentos estudantis instituídos. Então, toda hora resolvendo na Secretaria de Educação e o representante ele já vinha com um protocolo de atividades. E as coisas começavam a acontecer na escola e assim, sabe assim marido traído? A gente meio que só sabia assim na hora. [Falava-se diretamente aos alunos] direto com os alunos. Aí nós começamos a pontuar junto a Secretaria de Educação que acabava afetando a rotina (N.F., grifos meus).
O modo como os Grêmios foram formados não partiu do interesse único da administração pública, mas dela recebeu apoio. A reorganização do Movimento Estudantil secundarista viu uma possibilidade de expansão ao abrir espaço aos alunos do Ensino Fundamental, apesar da disparidade de faixas etárias entre esses estudantes.	[...] eu ajudei, enquanto aluno da escola XXXXX, que hoje não existe mais, né? Ajudei na reconstrução do Movimento Estudantil Secundarista na cidade de Santos mais especificamente no XXXXX. O XXXXX, o Grêmio no qual eu participei durante um bom tempo, foi o primeiro Grêmio Estudantil Livre da rede Municipal de Santos, após a abertura política de 84 e após a Constituição de 88. Tá, o que pode ser considerado como legado deixado pela proposta anterior. Eu acho que a forma de organização, né? Nesse período a gente organizou os Grêmios Estudantis em todas as escolas municipais, nesse período também a gente organizou a União Municipal dos Estudantes Secundaristas. (Sobre o fato destes estudantes terem contribuído com a formação de outros Grêmios municipais) Isso, isso. A partir dessa experiência, né? dessa experiência com o XXXXX e de algumas escolas estaduais, naquela época. Que eu me lembre, tinha uma grande influência o Primo Ferreira, o Neves Prado Monteiro, então a partir da experiência dessas escolas, na época a gente chamava de segundo grau, hoje é colegial... Ensino Médio... A gente partiu para organizar a União Municipal dos Estudantes Secundaristas e a partir daí a gente também achou que tinha uma massa crítica importante nas escolas de Ensino Fundamental, na época do ginásio, né? Se eu não me engano na época, o Ensino Fundamental II, do sexto ao nono ano. Então a gente a partir dessa experiência nas escolas de Ensino Médio, a gente criou os Grêmios Estudantis em todas as escolas de Fundamental II da rede Municipal de Santos. Então 100% das escolas tinham e tinha um setor na época na Secretaria Municipal de Educação que ajudava na formação desses Grêmios Estudantis (H.E., grifos meus).

Observa-se a valorização do olhar por um prisma não adulto, propondo-se a abertura de espaços para a escuta, a decisão entre os companheiros e o apoio à ação independente dos Gremistas. Esta iniciativa entendia que havia a possibilidade de formação de uma massa crítica entre os adolescentes, apesar da idade. É a partir desse pressuposto que há o encadeamento axiomático.

Por conseguinte, o axioma que se pode apreender das falas dos sujeitos de pesquisa ligados ao projeto de Grêmios nas administrações Telma de Souza/David Capistrano está

direcionado ao desenvolvimento da autonomia dos Gremistas. Há uma orientação cidadã ainda que essa inclinação não consiga escapar às limitações do sistema em que está imersa. Essa ênfase pode ter se intensificado ao estar relacionada ao momento histórico da política Nacional.

Nessa época, ganha força, no âmbito das lideranças sindicais do movimento do docente e nas associações de educadores, a idéia (sic) da democratização da gestão escolar como fator essencial para a efetiva constituição de um sistema de ensino em sintonia com o desejo de democratização do país [...] Os estudos apontavam vários mecanismos presentes nas práticas escolares que impediam ou criavam sérias resistências a efetiva gestão democrática da unidade escolar (SPÓSITO, 2000, p. 74).

Resumindo, nessa proposta a formação política do ser social se evidenciava, bem como o desejo de um engajamento público dos adolescentes. Mesmo não transparecendo de forma clara e distinta um direcionamento condicionado à atuação político partidária, o contato com jovens militantes sugeria possibilidades de engajamento nos processos políticos da municipalidade. Isso atrairia os adolescentes para o suprimento de futuras funções de interesse governamental ao abrir possibilidade a uma provável reposição dos quadros. O desenvolvimento de uma conscientização política abriria possibilidade de encaminhamento para atuações vindouras. Para além disto, nesta propositura haveria um endereçamento dos alunos para o exercício da decisão coletiva entre seus pares.

Na proposta apresentada na administração de Paulo Alexandre a atividade Gremista parte de um postulado distinto. O andamento das premissas ostenta uma lógica interna bastante distinta do projeto de Grêmios desenvolvido na década de 1990.

Há uma asserção de que da faixa etária dos alunos decorre um impeditivo ao desempenho autônomo do projeto, devido a imaturidade ou inabilidade para conduzir ações.

Tabela 11

ENTENDIMENTO AXIOMÁTICO A RESPEITO DAS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO ALUNO GREMISTA Proposta desenvolvida na administração Paulo Alexandre Barbosa	
<u>Concepções apreendidas nos relatos</u>	<u>Trechos das entrevistas</u>
Pode-se perceber a colocação da inabilidade com base na idade dos educandos na fala do sujeito de pesquisa e na ênfase dada à necessidade de haver um adulto auxiliando na condução.	[...] e que deveria ter alguém para guiar , porque um Grêmio Estudantil, realmente, se não for guiado, bem orientado , pode desvirtuar o caminho e não ser aquilo que realmente é o espírito do Grêmio [...] E aí a gente criou então em relação ao que já existia, nós criamos essa figura do professor Articulador que ficaria na função de... É uma figura, da área da Educação, estava dentro de uma sala de aula, só que ele teve que sair, e ficaria com esta responsabilidade de organizar os Grêmios nas escolas, ou seja, essa figura facilitou a entrada da ideia nas escolas, em relação ao resgate dos Grêmios (L.B. grifos meus).
Ainda que haja a participação dos Gremistas ela está atrelada a intermediação de adultos para que se efetive.	Nós criamos o hino do Grêmio Estudantil feito por eles. Sabe o que é isso? Existe hoje um hino do Grêmio Estudantil. Foi feito pelos alunos e foi uma construção coletiva, cada um deu uma sugestão de uma palavra que representa o Grêmio Estudantil para você e aí eles reuniram as ideias por escola e eles me enviaram e aí eu e XXXXX, nós sentamos, reunimos as ideias, todas as ideias e criamos o hino. [...] Tem o Estatuto, tem o hino, o hino é lindo demais, quem fez para mim a sonorização foi o professor XXXXX , em uma semana, fez. Ele colocou a música, e aí ele levou os alunos lá para tocar no dia, treinou os alunos. Foi lindo demais, tem gravação, até. É... eu não sei agora se eles estão cantando, quando eu estava lá eu fazia eles cantarem. É, toda formação, eu levava o papelzinho para eles e eles cantavam. (L.B., grifos meus).
Permitir a decisão sobre o uso de recursos financeiros também pode ser algo problemático devido aos impeditivos legais próprios do sistema escolar.	[...] e a princípio nós tivemos uma certa dificuldade em trabalhar, por exemplo, com a diretoria de finanças , o diretor que é um tesoureiro, né? Como ainda existia uma dependência da gente, na Equipe Gestora, da gente está acompanhando, eu achei difícil deixar, permitir essa, então de uma certa forma eu induzi para que a princípio não tivesse. Eles estavam trabalhando conosco na Associação de Pais e Mestres, então eles poderiam trabalhar por algum recurso que eles quisessem desenvolver, algum evento, mas estava sempre atrelado a Associação de Pais e Mestres e eles tinham acesso aos relatórios (T.K., grifos meus).
Mesmo quando há a abertura para pensar a realidade do aluno ela não parte dos estudantes que estão vivenciando a experiência, mas sim daqueles que já passaram por ela e que por ter mais idade apresentariam mais maturidade para refletir. A atividade conjunta destes dirigentes Gremistas egressos com os	Estes meninos eméritos, eles continuaram em contato comigo , e a gente começou a montar o regimento interno dos Gremistas eméritos , para poder fazer com que eles fossem, os exemplos, as referências dos menores. E como eles estavam no Ensino Médio, era uma maneira de eu ter um pensamento mais maduro dentro dos Grêmios, e que não partisse de mim,

adultos mascararia a oferta direcionada dos caminhos a serem trilhados pelos Gremistas mais jovens. Estes validam a participação que pode ser interpretada superficialmente como não assistida.	porque o correto é partir deles. Mas se eles não sabem como pensar, então eles precisam de um reforço (T.S., grifos meus).
Aparentemente a organização da atividade Gremista está mais atrelada às necessidades dos adultos do que das crianças e adolescentes que dela participam.	Aí a XXXXXX me deixou bem à vontade, para montar o projeto da maneira que eu bem entendesse, afinal de contas ela tinha na mente dela de que, quem ia tomar a frente disso era eu, e que ela iria me dar o respaldo né? (T.S., grifos meus).
O Estatuto dos Grêmios que daria uma identidade a cada agremiação, de acordo com seus interesses e necessidades também é apresentado de modo padronizado e posto de acordo com a conveniência dos adultos.	O Estatuto do Grêmio, ele foi um estatuto que eu peguei no site da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, a UBES, e adaptei da maneira que eu particularmente julgava que seria conveniente, tendo em vista o perfil dos alunos, a idade, a pouca idade. Não tinha Ensino Médio, então eles não conseguiram ter uma organização tão madura quanto a de um estudante secundarista do Ensino Médio, por exemplo. [...] foi realizador, foi realizador ver que aquilo que eu pus no papel e apresentei, virou realidade [...] (T.S., grifos meus).
O órgão governamental que poderia unir o projeto de Grêmios ao Movimento Estudantil e aos alunos de escolas Estaduais não atua neste sentido. A Coordenadoria Municipal de Políticas para a Infância e Juventude acaba desenvolvendo ações mais direcionadas aos Grêmios Estaduais e de escolas particulares. Tende a trabalhar com alunos de uma faixa etária maior, em que pese ter uma visão interessante sobre “participação”. Esta característica perfaz o fechamento do projeto Municipal de Grêmios em seu axioma.	É, as escolas que eu estou te falando, elas são particulares e de Ensino Médio né, os alunos do Grêmio são do ensino médio e não do fundamental... então é legal você fazer o parâmetro dessas duas divisões né, porque uma coisa é você trabalhar com uma coisa mais lúdica, fazer com que eles mexam com a criatividade, que eles obtenham informações que é uma coisa mais primária para eles. Outra coisa é você lidar com um jovem que já está caminhando para uma fase que já está a caminho de uma vida adulta, então assim, tem o senso crítico muito mais severo, mais apurado né, a animação deles é outra, a vontade deles já é outra... então nessa fase, assim, todos nós passamos por essa fase dessa assim... A crítica, ela é muito mais sua do que por exemplo, coletivo né, eles olham muito a falta. E aí o que a gente fala para eles é assim: _“Tudo bem, as faltas elas acontecem, mas aí é você trabalhar a falta e não só olhar a falta senão você sempre vai ficar na crítica pela crítica...” é olhar para falta e falar assim, qual é a minha oportunidade de transformar a falta em algo que mude né,... Os Grêmios da Secretaria da Educação é um projeto focado na Secretaria da Educação, então assim, o que tem é assim, a rede de colaboração de governo/sociedade quando tem por... que o Grêmio provoca, a gente é chamado é vai até lá para dar uma assessoria, uma ajuda, um apoio, uma conversa com esses jovens... Mas uma ação mais para fora da comunidade eles não tem na minha visão... o que eles tem são projetos pontuais de governo ou para aquela escola específica e aí eles interagem. Hoje tem projetos do governo que intercalam com projetos do Grêmio... A gente tem “aluno ouvitor”, a gente tem o projeto da “rádio jovem”, a gente tem o “representante de sala”, a gente tem os conselhos de escola, então esses projetos, é bom a gente citar porque eles também... (B.X., grifos meus).

A participação vista por esse prisma, mostra-se um tanto quanto esvaziada das possibilidades de tomada de decisão de um modo mais radical. Agrupando-se as falas dos sujeitos de pesquisa pode-se identificar que o axioma instituído tende à preservação do sistema vigente e numa participação que gera antinomia com o entendimento da cidadania, mas que está perfeitamente ajustada aos princípios da nova cidadania. Contudo, isso não obstrui a possibilidade da instauração de alternativas, caso haja uma reflexão acerca dos princípios a que se destina a Educação e o aproveitamento do espaço aberto, beneficiando o resgate da Educação Humanizadora. Um movimento dialogal demonstraria a urgência na retomada do poder decisório dentro do ambiente escolar, tanto pelos profissionais da educação quanto pelos alunos.

Essa possibilidade pode ser reconhecida na fala de G.B. que mesmo atuando dentro da proposta vigente ousa implantar modificações no entendimento do projeto de Grêmios:

Tabela 12

	TRECHOS EXTRAÍDOS DA ENTREVISTA
<u>G.B.</u>	A própria SEDUC começa a perceber que na formatação inicial o Grêmio era dirigido por um coordenador da SEDUC. E aí eles começam a perceber que a articulação tinha que ser interna. Então eles evocam a figura do professor dentro da unidade. Aí vem a parceria da professora XXXXX que é a nossa colaboradora aqui dentro. E começa-se junto a essa retomada das plenárias. Uma identificação do grupo. Porque aí não é o Grêmio “Movimento SEDUC” é o Grêmio (nome da escola). É o movimento interno, né?
	Professora Articuladora do Grêmio e Equipe Gestora. Então o que a gente faz... As pautas geradas na plenária, elas alimentam as REFUNs e as RAPs e RPS. Os assuntos tratados lá, eles são levados e vice e versa... Então há uma troca, né? Então nós conversamos sobre recursos públicos. No começo daqui, houve uma discussão. Houve até um estremecimento, né? A respeito do... Porque como eles são menores. Eu não sou partidária que o Grêmio mexa com recursos. Porque eles são menos, né? Mas acredito que eles tenham que saber da gestão financeira da escola. Eles têm que entender como é feito, como são os gastos. Eles têm que entender o quanto custa.
	A própria proposta de sala ambiente, que é uma proposta da nossa escola... também foi jogada em plenária para discussão... “_E aí? A sala ambiente é ou não é viável? É boa ou não é boa? O que precisa melhorar? O que vocês propõem para melhorar esse movimento da sala ambiente?” Então eles levaram para o grupo classe. Jogaram a discussão para o grupo e, trouxeram as sugestões. Trouxeram para a plenária. Então eles começam a entender que é uma troca, né? Vai e volta!
	Nossas pautas, elas discutem vários assuntos. Tanto o contexto pedagógico da escola, a questão da infraestrutura, a questão do tratamento. Então é algo meio transversal. Atravessam todos os assuntos que permeiam o cotidiano escolar. Calendário de atividades deles, a gente discute. O que eles querem como atividade ou não e quais as consequências de... Os custos envolvidos nisso. Eventos

G.B.
(continuação)

esportivos ou culturais. Porque eles comentaram numa plenária, que eles levantaram, que eles ficavam cansados de ficar dentro da sala de aula. E aí a gente propôs: “Então tá. O que vocês querem como projetos de atividade de extra classe?”. Aí eles propuseram uma lista. Aí eu levei para a RPS, para a RAP, para nossa reunião de Equipe. Eu levei e passei para a nossa coordenadora: “Olha, eles estão cansados. Eles querem atividades.” Então por meio disso a gente começou a promover algumas atividades, né? E a minha... a própria sala ambiente já foi pensando nisso.

O objetivo que se pretende formar é um aluno muito mais posicionado politicamente, né?

Ele tinha uma reunião no final do ano. Todos os Alunos Ouvidores foram chamados para terem uma reunião no gabinete do Prefeito. E aí... era aquele finalzinho de ano. Eles já estavam vindo bem poucos para a escola e tal. E aí eu vi que ele estava no *Messenger* e aí eu chamei: “_ E aí? Você está sabendo da reunião, né?”. _ “Tô, tô. Já me ligaram”. _ “Você vai né?”. _ “Vou!”.

_ “Oh, não vai fazer feio lá!” Brinquei com ele. _ “Não! Eu já estou com a minha pauta pronta!”.

Então, ele já entende essa dinâmica... que se vai para uma reunião de discussão, você tem que ir com uma pauta! Não é ir por ir. Você não vai lá para bater papo.

É impacto! Diferencial nas escolas! É, aqui, o que eu percebo! O que eu posso perceber no grupo, né? A gente, integrante do Conselho... é uma atitude muito mais amadurecida, né? Frente às situações da escola, porque há um sentido de pertencimento. Porque os alunos, eles sabem que fazem parte de algo maior. Eles sabem que fazem parte desse contexto. Fazem parte dessa tomada de decisão. Eles podem se colocar abertamente dentro de uma plenária, que eles vão ser ouvidos, né? Então, que a opinião deles é importante nessa construção coletiva, né? Então a escola aqui... o que se espera, né? Foi uma coisa que a gente... eu até coloquei no vídeo lá, que a gente produziu. É que quando eles saírem daqui eles percebam que para construção da sociedade é a mesma coisa. Se eles querem mudar um pequeno espaço, um micro espaço como a escola, é preciso esse posicionamento político! Uma comunidade, um bairro, também! A sociedade como um todo! Da mesma forma! Tem que existir esse tipo de engajamento! Não engajamento de militância, de grito, sabe? De baderna. Mas tem que ter esse tipo de posicionamento, né?

E a escola por sua vez, a Equipe Técnica, ela tem que abrir esse espaço. Porque, se não houver essa abertura de espaço político dentro escola, o há? Você está reproduzindo na realidade, uma ditadura, né? Onde se dá ordens e as pessoas obedecem, quando na realidade tem que se abrir algumas coisas. São normas que tem que ser estabelecidas e ponto. Mas tem coisas que são discutíveis!

(Sobre a adaptação do projeto de Grêmios nesta UME) Exato, exato... Os frutos colhidos, eu percebo, que o nosso... está aqui o nosso Supervisor que não nos deixa mentir.... Eu percebo que os nossos alunos aqui, eles têm um perfil diferenciado. Eu percebo isso até nos professores que vêm trabalhar aqui. Os professores de Fundamental II, eles disputam para vir trabalhar atualmente na nossa escola. Eles falam que aqui é diferente! O perfil da escola é diferente, o perfil dos alunos. São diferentes, porque na realidade, na... porque na realidade, o que acontece? Os professores, eles percebem que aqui, existe um posicionamento diferente. Nós temos alunos que são danados? Lógico! Todo o lugar tem! Mas os alunos, eles têm

G.B.
(continuação)

um diferencial, né? Eles começam a perceber o papel deles. O que a gente espera mesmo. Que tenha esse posicionamento, né?

Então, o projeto futuro, né? Os projetos futuros, é que esse Conselho Estudantil... ele perpetue, que não seja um movimento somente meu enquanto gestora da unidade, né? Porque ele já faz parte do Projeto Político Pedagógico da escola. Então, independente da diretora que estiver ocupando o cargo aqui. Ele faz parte, né? Daqui!

Tanto que o que se pretende aqui, agora, é que eles construam o Regimento Interno, né? Então agora, assim... então a gente já tem um grupo, então. Eles já estão amadurecidos para construírem o próprio Estatuto que vai regimentar, que vai nortear a lei de convívio aqui dentro... Da mesma forma que na sociedade, eles vão ter que um dia. Implementar leis, né? E lutar para que essas leis sejam cumpridas, né? Que façam valer, né?

Encontro com o Conselho Estudantil... que é esse diferencial, né? E a professora que atualmente ajuda é uma professora de História. Ela é uma professora bem engajada porque ela já está na escola há muito tempo, né? É a professora XXXXX. Ela tem um posicionamento e uma identidade muito grande com a comunidade. E em relação à Equipe Técnica, todos os membros da Equipe Técnica, em determinado momento eles participam da plenária. Eles não participam todas as vezes ao mesmo tempo. Mas hora é o Coordenador que participa, hora é a Assistente, hora é o Orientador... Eu nunca faço uma plenária sozinha, né? Porque eles precisam... para todo mundo ficar ciente, né? Alguém está sempre comigo redigindo essa ata, me alimentando. É isso, né? Faz... porque está ali. E eles mesmos observam algumas coisas. Porque essa leitura... porque uma coisa é a leitura que eu faço do Conselho e outra coisa é a leitura que cada um faz, né? Essas leituras se complementam, né? E vão fazendo parte de um todo. Eu espero que esse grupo agora, de 2018, sejam ainda alguns elementos e outros, né? Porque agora a gente vai receber aí novos alunos do sexto ano. Então esse Grêmio está sempre se alimentando. Então esse Conselho está sempre saindo e chegando mais gente, né? Então é sempre assim.

Eu lembro, em 2017. Eu entrei numa classe que não queria escolher um representante. Não queria! “_ Ah, mas para que que é? Para que que não sei o que...?”. “_ Então gente... vocês que sabem! Se... não querem escolher... Então essa classe aqui vai ser como uma cidade sem prefeito... Aí vocês vão seguir a boiada. O que o Conselho decidir vocês vão ter que acatar! Porque quem não tem representatividade aceita o que vier... Se para vocês está bom. Tudo bem! Se para vocês está bom isso! Aí... é a gosto do freguês! Eu não vou discutir isso com vocês. Eu não vou entrar nesse mérito. Então, aí depois eles escolheram. A princípio eles escolherem até um representante que não.... Depois foi outro.... E aí eles amadureceram. Tem grupo que escolhe representantes que são assíduos, que são pontuais, que estão em todas as plenárias. E... e até isso eles começam a perceber, né?

É a mesma.... que é um reflexo da sociedade. O que a gente tem hoje é um reflexo daquilo que a gente elegeu, não é? A gente não pode reclamar. A gente que pôs lá! Então toda essa reflexão, todo esse exercício de cidadania é válido, né? Porque é um micro espaço de tomada de decisão que vai ensiná-los que pequenas decisões incorrem em grandes decisões! E é isso!

(Sobre o projeto de reescrever o Estatuto unificado do Grêmio, adaptando-o às necessidades da escola). É... de não pegarem aquilo lá e pronto e acabou. É, a gente quer fazer o nosso interno, né? Tem o Estatuto que é o oficial. Mas tem as nossas

G.B.
(continuação)

normas aqui que precisam ser caracterizadas, né? Que precisam ser regimentadas, né? E é isso aí. Esse é o nosso objetivo para 2018!

Tendo-se em vista toda a discussão das relações que envolvem a construção do complexo educacional, poder-se-ia supor que os Grêmios entendidos dentro da ótica do sistema vigente, por mais atuantes que sejam, não conseguem ultrapassar certos limites para construir participação e Gestão Democrática substancial. Entretanto, há de se levar em consideração que a criação deste espaço pode ser vista como um sítio alternativo.

De acordo com os trechos destacados na entrevista de G.B., percebe-se que é bastante pertinente forçar os limites impostos. Essa postura, se feita coletivamente dentro do sistema educacional, apresentaria possibilidades radicais a impelir modificações estruturais que reabilitem tanto os profissionais da educação quanto os alunos ao centro do processo decisório educacional.

Como são pessoas e não conceitos que movem a história, partindo do repensar das finalidades educacionais e vislumbrando potencialidades e possibilidades fomentando o desejo de mudança faz-se necessária uma ação coletiva sistêmica e não somente ações individuais válidas, porém de alcance restrito.

Acreditando nesta recusa e na luta contra esta idéia (sic) de que a repressão e a agressão fazem parte de um *continuum* histórico (sendo, portanto, imutável) é que procuramos analisar o espírito da legislação quando se refere ao grêmio estudantil. Como uma instituição, este grupo, existindo dentro das unidades escolares, tem tudo para reproduzir o sistema, mas também pode se recusar a isto (CARLOS, 2006, p. 21).

A edificação de alternativas construiria assim um sujeito coletivo e ativo abrindo a potencialização da *res gestae*,⁸⁰ já que todo anuncio seria uma denúncia que tem o desejo de “Romper com a lógica do capital na área da educação [o que] equivale, portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa *concreta* abrangente” (MÉSZÁROS, 2007, p. 207).

Voltaire em 1752, ao publicar *Micrômegas*, apresenta uma série de denúncias. Entre as que aparecem no texto há um trecho em que ele explicita que se tende a tomar por inexistente aquilo que não se vê:

⁸⁰ *Res gestae* é uma expressão latina (conquistas) referente a *gesta- orum*: feitos notáveis, façanhas, atos públicos (SILVA, A. e MONTAGNER, 2009, p. 187).

O anão, que às vezes raciocinava muito apressadamente, concluiu a princípio que não havia habitantes na terra. Seu primeiro argumento era de que não vira, ninguém. Micrômegas, polidamente, fez-lhe sentir que ele não raciocinava muito bem:

- Como não distingues com os teus pequenos olhos, certas estrelas de quinquagésima (sic) grandeza que eu percebo distintamente; concluiu daí que essas estrelas não existem?

- Mas - replicou o anão eu apalpei bem.

- Mas sentiste mal - respondeu o outro.

- Mas este globo é tão mal construído - objetou o anão, - é tudo tão irregular e de uma forma que me parece tão ridícula! Tudo parece aqui um pleno caos: não vês estes pequenos arroios que jamais correm em linha reta, esses charcos que não são nem redondos, nem quadrados, nem ovais, nem de nenhuma forma regular; e todos esses grãozinhos pontiagudos de que está erigido este globo e que me arranharam os pés? (Queria referir-se às montanhas). Repara ainda a forma de todo o globo, como é achatado nos pólos, e a sua maneira inadequada de girar em torno do sol, de modo que a região dos pólos fica necessariamente estéril? Em verdade, o que me faz pensar que não haja aqui ninguém, é que gente de bom senso não moraria em um lugar como este.

- Pois bem - disse Micrômegas, - talvez os que o habitam não sejam gente de bom senso. Mas há probabilidades de que isto não tenha sido feito inutilmente. Tudo aqui te parece irregular porque em Saturno e Júpiter é tudo feito a régua e compasso. Exatamente por esse motivo é que há aqui um pouco de confusão. Não te disse eu que nas minhas viagens sempre encontrei variedade? (VOLTAIRE, 1752, p. 27 - 28).

Portanto, poder-se-ia suspeitar que a “arapuca” por trás do que poderia ser visto como um embolho que teria mais intenções mercadológicas que humanistas. Contudo esta não seria uma questão regional, mas um planejamento mundial que apresenta objetivos muito bem definidos.

Partindo-se do espaço aberto pelo projeto de Grêmios, pode-se pensá-lo como um local privilegiado para a construção de alternativas e de instauração argumentativa. Ele expande um conjunto de possibilidades ao ser visto como uma das vias de construção de uma gestão mais democrática, com o intuito de instaurar um movimento contraditório nas práticas cotidianas dentro do projeto de Grêmios e garantir espaços alternativos onde a educação seria uma via de humanização e não algo necessário à manutenção da produtividade e da exploração humana pelo sistema vigente.

Faz-se necessário discutir as finalidades da educação para o início da concepção de uma nova realidade e o Grêmio Estudantil, entendido desse modo, poderia se tornar uma trajetória para a construção de vias de mudança já que estaria fora da estrutura escolar ainda que sob a égide desta cultura. A utilização desse espaço aberto poderia ser encaminhada a um processo que buscasse o rompimento com as permanências e o levantamento de possibilidades formativas do sujeito por intermédio de relações entre pessoas mais próximas, sem deixar de considerar a relação com a sociedade.

A permanência das formas tradicionais da organização estudantil [...] preenche, episodicamente, algumas funções de denúncia das políticas educativas mediante algumas mobilizações de massa, mas revela, também, sua enorme dificuldade em agregar novos interesses e constituir bases efetivas de representatividade. Novos grêmios estudantis tendem a aparecer, nem sempre com possibilidades de atuação no interior da escola. Muitos promovem formas de sociabilidade em torno do lazer e do esporte, de serviços voluntários ou campanhas. Embora capazes de disseminar um associativismo em moldes novos, são escassas as formas de conflitividade que nasceriam a partir da condição estudantil, *stricto sensu*, mesmo se se levar em conta que muitos são os temas que articulam a insatisfação do jovem perante a escola. Parece que a experiência escolar está. (sic) no momento, destituída de significados capazes de estruturar uma ação coletiva que propicie orientações comuns e ações de recusa aos mecanismos de exclusão ou às práticas pedagógicas, [...]. No entanto, diante de um ensino tão insatisfatório, a violência, a indiferença ou o mero abandono seriam as únicas opções possíveis de ação para os segmentos jovens? Ao que tudo indica, pode estar sendo delineado um caminho possível de ação coletiva voltada para a questão escolar. Essa possibilidade nasce além dos muros escolares, no circuito das várias formas da sociabilidade juvenil, sobretudo as culturais, [...] (SPÓSITO, 2000, p. 90).

Partindo do pressuposto de que todo processo histórico seria passível de mudança, encaminhamentos que permitam vislumbrar alternativas seriam preferíveis aqueles que pregam reproduções constantes e justificativas para a permanência, negando as contradições: ao reafirmar a ideia de um eterno presente que requer manutenção já que seria acima de tudo inalterável.

Ainda que haja uma série de questões envolvidas é possível propor progressivas modificações ao projeto a fim de ampliar sua área de atuação. Com este propósito aos educadores que trabalham com as agremiações demanda-se tomar para si a incumbência de não reproduzir o que está posto, mas passar a propor caminhos junto com os Gremistas. Visando este propósito há de se ter claro as relações que se desenvolvem a fim de poder trabalhar com essas conexões sem sucumbir aos revezes que conduzem à manutenção da estrutura.

Mészáros (2007), trata dos impactos e consequências da lógica do capital sobre a educação. O autor apresenta o fato de que “a reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança” (MÉSZÁROS, 2007, p. 196).

A inclinação corriqueira de corrigir detalhes defeituosos numa ordem já estabelecida não daria conta de manter o resultado esperado. Os projetos se encontram dentro dos limites impostos pelos interesses do capital, por mais bem intencionada que a proposta possa ser não eliminam “seus fundamentos causais antagônicos e profundamente enraizados” (MÉSZÁROS, 2007, p. 197) constituindo-os em alguma coisa irreformável.

Mediante esta constatação, Mészáros (2007) insiste na necessidade de “*romper com a lógica do capital* se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” (MÉSZÁROS, 2007, p. 198). Contudo, para que isso ocorra é necessário compreender a necessidade deste rompimento, assim como o que se pode fazer para que ele se torne uma *res gestae* ao se reconhecer o “núcleo alienante do sistema” e a “autoimposta camisa de força das *determinações causais* do capital” (MÉSZÁROS, 2007, p.199 e 201).

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e **transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes**, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos indivíduos devidamente “educados” e aceitos) ou através de uma **dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente impostas**. A própria história teve de ser totalmente adulterada, e de fato frequente e grosseiramente falsificada para esse propósito (MÉSZÁROS, 2007, p. 202, grifos meus).

Deve-se atentar para a ocorrência de que a educação formal não é a força motriz da ideologia do sistema capitalista e por esse motivo não possui força suficiente para introduzir uma emancipação radical⁸¹ e definitiva, ficando somente nas soluções de nível formal, sem nunca atingir as essenciais (MÉSZÁROS, 2007).

Para buscar as alternativas que iniciariam esse caminho poder-se-iam introduzir nas práticas cotidianas uma atenção mais aprofundada para com a questão da “internalização” que mantém o proletariado “no seu lugar” (MÉSZÁROS, 2007, p. 209).

Desenvolver a cultura por intermédio da educação torna-se o meio alternativo para dar os primeiros passos para o desenvolvimento da *res gestae*.

De fato, o papel dos educadores e sua correspondente responsabilidade não poderiam ser maiores. Pois, como José Martí deixou claro, a busca da cultura, no verdadeiro sentido do termo, **envolve o mais alto risco, por ser inseparável do objetivo fundamental da libertação**. Ele insistia que “**ser cultos es el único modo de ser libres**”. E resumia de uma bela maneira a *razão de ser* da própria educação: “Educar es depositar en cada hombre toda la obra humana que le a antecedido; es hacer a cada hombre resumen del mundo viviente hasta el día en que vive...”. Isso é quase

⁸¹ Pensar a origem da palavra: “radical” pode ser útil a compreensão das citações ou referências a ela feitas no corpo deste trabalho. Por vezes ela não é compreendida em sua totalidade. Há uma tendência em enfatizar uma compreensão, tão somente, em um sentido banalizado ou ideológico. A palavra “radical” refere-se a “raiz”, a base, o fundamento ou a origem de algo. “Radical nasceu do termo **latino radicalite**, (SILVA, A. e MONTAGNER, 2009, p. 399) portanto, a busca do princípio. Para isso faz-se necessária uma mudança não moderada, mas radical ou total, no intento de rever o fundamento, unindo discurso e prática, algo que vêm se distanciando no emprego de certos termos.

impossível dentro dos estreitos limites da educação formal, tal como ela está constituída em nossa época, sob todo tipo de severas restrições. O próprio Martí percebeu que **todo o processo de educar deveria ser refeito sob todos os aspectos, do começo até um fim sempre em aberto, de modo a transformar a “formidável prisão” num lugar de emancipação e de realização genuína** (PÉREZ, 2003, p. 8 apud MÉSZÁROS, 2007, p. 213, grifos meus).

Duarte (2013), alerta que os professores lidam cotidianamente com a formação de indivíduos desde a Educação Infantil até o Ensino Superior e que nem por isso conseguiriam espontaneamente explicar a individualidade humana e como se dá a formação desse ser humano.

O autor também esclarece equívocos divulgados acerca de Marx, Engels e Gramsci que na visão doada à sociedade estariam alheios ao desenvolvimento da individualidade e que somente as concepções liberais estariam atentas a isso. Duarte (2013) elucida que o entendimento destes autores “está no próprio centro da concepção de comunismo, pois este só fará sentido como uma sociedade na qual a atividade das pessoas permita que elas se desenvolvam como indivíduos livres e universais, isto é, indivíduos para si” (DUARTE, 2013, p. 63).

O movimento do “em si” e do “para si” em Newton Duarte está relacionado às concepções em Hegel e Marx, que remetem à Vygotsky e não à Sartre.

[...] abordo justamente a categoria que dá título ao livro, ou seja, a individualidade para si. Antes porém, é preciso esclarecer que ao empregar essa categoria não me inspirei na filosofia de Jean Paul Sartre. Esse esclarecimento se faz necessário porque o professor Dermeval Saviani abordou aspectos da filosofia sartreana na sua conferência de abertura e nessa filosofia se coloca a questão do ser *em si* e do ser *para si*. Alguém poderia então concluir que houvesse alguma influência dessa filosofia em meu estudo, o que não ocorre. A adoção que faço das categorias de *em si* e *para si* vem de outra tradição filosófica que remonta a Hegel, passa por Marx e é incorporada por marxistas do século XX como Lev Vygotski, George Lukács e Agnes Heller, no tempo em que ela era marxista (DUARTE, 2013, p. 71).

A questão na qual se centra o estudo desenvolvido sobre o Grêmio Estudantil e o sistema educacional está mais alinhado ao aspecto social do que ao existencial, ainda que um não prescindia do outro. Jean Paul Sartre poderia auxiliar na compreensão desta análise da formação da consciência humana ao determinar na existência da construção do sujeito: o **ser-em-si**, o **ser-para-si** e o **ser-para-outro**. O **ser-em-si** está relacionado a existência do ser tal como se dá, como aparece no mundo e sem que haja necessidade de relação com qualquer outra coisa. É o simples fato de existir. Já o **ser-para-si** busca a causa de sua existência, sua subjetividade, a busca pela liberdade, criando seu sentido de existência e de responsabilidade, questionando seu próprio ser ao mesmo tempo que “é fracasso porque fundamenta a si mesmo enquanto nada”

(SARTRE, 2009, p. 139); o ser que não conseguiu ser, devido o que lhe falta e o fato de ter que lidar com esta angústia. O **ser-para-outro** se dá quando não se faz uso da subjetividade e passa-se a ser conduzido por outro que determina, a sua revelia, o que se deve fazer, o que se deve pensar, como se deve viver, etc.

A consciência não se torna possível no ser-em-si já que ela necessariamente está em relação com outra consciência, portanto, o outro é o espelho em relação ao qual o sujeito determina sua escolha. Essa escolha gera a angústia, o vazio ou o nada conforme nomeia Sartre. O nada advém da necessidade de escolher e de simultaneamente se responsabilizar pela escolha que passa a ser totalmente de cada indivíduo e sem garantias. Essa autonomia de escolha e a necessidade de exercer a liberdade feita simultaneamente por todos os seres humanos é o que gera a frase: “o inferno são os outros”. As decisões com visão parcial de cada ser passam a ser interpretadas e julgadas a partir das decisões parciais de outros seres, gerando conflitos inevitáveis entre sujeitos que fazem uso de sua liberdade e subjetividade. A falta de um sentido absoluto para a existência obriga à construção de um significado que impulsiona a vida e preencha o nada da existência humana.

O que muitas vezes não se percebe seria a tênue linha que separa o ser-para-si e o ser-para-outro. Tal subjetividade pode ser manipulada ao se projetar respostas que satisfaçam o que se esboça para preencher a angústia humana. Objetivos diversos são colocados para completar as necessidades do ser. Aqui estaria a diferença em se tratar esta categoria do ser-para-si pelo aspecto social e não pelo aspecto existencial.

Newton Duarte (2013) também trata da construção da individualidade para si por intermédio do “trabalho educativo [que] é um ato de produção direta e intencional. [...] Produção, em cada indivíduo, da humanidade que vem sendo produzida historicamente. O que o trabalho educativo produz, portanto, é a humanização do indivíduo, a transformação do indivíduo em indivíduo humano” (DUARTE, 2013, p.64).

Segundo Duarte (2013), formar a individualidade para si não é algo que se possa fazer solitariamente. Trata-se de um processo de transformação necessariamente consciente, intencional e deliberado, por intermédio do processo educacional e dependente da relação com o outro. Ele esclarece que essa faceta da educação que não está ligada à produção de força de trabalho, mas sim, na produção do ser humano “por meio de um processo educativo que é essencialmente social e cultural: a transmissão da riqueza material e espiritual necessária ao desenvolvimento da individualidade” (DUARTE, 2013, p. 64).

O autor, desta forma, coloca a necessidade do trabalho dos adultos a favor dessa inserção de um indivíduo “ainda não totalmente indivíduo e ainda não totalmente humano” (DUARTE,

2013, p. 64) na cultura pela dialética dos processos de **objetivação** (quando se transfere aos produtos da atividade humana toda a ação física ou mental produzida culturalmente até então) e **apropriação** (que é o apoderamento individual do que foi produzido). Cada indivíduo humano só se torna humano ao se apropriar das riquezas humanas materiais e imateriais já existentes. O signo é imprescindível ao desenvolvimento do psiquismo humano.

A importância do domínio da linguagem vai além das utilidades práticas do ler e do escrever. A condensação da vivência humana e a preservação desta experiência contém mais do que a síntese da comunicação. A potencialidade de entender e efetivar a movimentação e a organização do próprio pensamento, a de formar intelectuais orgânicos, também se encontram nas classes menos favorecidas economicamente.

As diretorias dos Grêmios poderiam ser aproveitadas profundamente, não se utilizando de modelos institucionalizados, prontos e puídos na cultura escolar. Um espaço de rompimento de padrões poderia ser explorado nas diretorias de: Ação e Cidadania, Comunicação, Cultura, Educação, Esportes e Eventos, já em funcionamento nas atividades correntes. A existência de um adulto para ajudar na organização Gremista pode ser um ponto potencializador desse processo de humanização, já que “Vigotski entendeu a relação entre o ser mais desenvolvido e o menos desenvolvido, ou seja, entre o adulto e a criança, ou entre o adulto e o adolescente, como um princípio motor fundamental do desenvolvimento psicológico” (DUARTE, 2016, p. 1560).

[...] a existência de concepções que colocam a infância, a adolescência e a vida adulta em mundos separados e não raro conflitantes entre si. Veja-se, por exemplo, correntes pedagógicas contemporâneas **que consideram a universalidade da educação escolar como um processo de colonização da infância**. [...] Acrescente-se que quando esse adulto é o professor, ou seja, alguém cuja tarefa reside justamente em fazer com que os alunos passem do não domínio para o domínio dos sistemas de instrumentos psicológicos, isto é, dos conhecimentos escolares, a afirmação de Vigotski assume pleno significado. O professor, nessa perspectiva, é alguém que conhece o ponto de chegada almejado para o processo de desenvolvimento, isto é, tem clareza do que seja um ser humano plenamente desenvolvido. **Mas, para isso, ele precisa se fundamentar numa teoria da individualidade humana** [...] (DUARTE, 2016, p. 1563-1564, grifos meus).

Ainda assim, para que o desenvolvimento do processo de humanização da criança e do adolescente se efetive por intermédio dos adultos (os educadores) faz-se necessária a percepção atenta à introdução sorrateira da pedagogia do “aprender a aprender”, às práticas doutrinárias, ao menosprezo ao conhecimento teórico em afirmações que perpetuam a afirmação de que “a teoria na prática é outra” e a aceitação da transferência de questões não pedagógicas para a escola que acabam por soterrá-las com exigências que visam reformar e suprir pontualmente,

deficiências não pedagógicas, atravancando as possibilidades educativas e humanizadoras que a escola necessita alavancar.

O “aprender a aprender” vem sendo paulatinamente introduzido no cotidiano escolar pelo trabalho centrado em projetos, numa pedagogia ativa de resolução de problemas, sem que haja um entendimento aprofundado sobre estas questões.

Para tal, há que se fazer uma crítica atenta desta pedagogia ativa, visto que existem apropriações neoliberais ou pós-modernas da teoria de Vygotsky. Está presente uma valorização do aprender por si mesmo, com a intervenção mínima de adultos (profissionais da educação). O posicionamento construtivista, por vezes, defendeu que as aprendizagens feitas pelo indivíduo por si (sem ação ou com poucas contribuições feitas pelos profissionais da educação) seria o ideal, já que ao se transmitir conhecimentos e experiências estariam interferindo negativamente no processo educacional. A defesa da finalidade máxima da educação pelo “aprender a aprender” afirma que desse modo se desenvolveriam ou se ampliariam as possibilidades autônomas do aluno (DUARTE, 2001).

Duarte (2001), contudo, não discorda do fato de que se deva desenvolver uma busca autônoma do conhecimento, que se deva dar liberdade de expressão e de pensamento. O autor difere dessa concepção ao não apoiar uma hierarquização na obtenção da erudição. Estabelece-se desta feita “uma hierarquia valorativa na qual aprender sozinho situa-se num nível mais elevado do que a aprendizagem resultante da transmissão de conhecimentos por alguém”, o que comprometeria profundamente a atuação do professor.

O próximo posicionamento, também valorativo, centra-se na afirmação de que o aluno desenvolver por si mesmo um método de descoberta, elaboração e aquisição do conhecimento do que já foi elaborado anteriormente por outras pessoas seria o melhor como posicionamento educacional. Nesse movimento de “aprender a aprender” o aluno troca a aprendizagem já desenvolvida e organizada, pela aquisição do progresso de um método próprio numa atividade autônoma (DUARTE, 2001).

Um terceiro posicionamento valorativo atribui como atividade verdadeiramente educativa aquela que “deve ser impulsionada e dirigida pelos interesses e necessidades da própria criança” (DUARTE, 2001, p. 37). Assim, além de buscar o conhecimento por si mesmo, construir autonomamente o método para conhecer, far-se-ia necessário que o objetivo educacional tivesse uma funcionalidade para o aluno e que estivesse profundamente ligado às necessidades ou interesses da própria criança, sendo definidos por ela.

Por fim, o último e quarto posicionamento coloca que a educação teria por finalidade a preparação para a sociedade, que com sua dinâmica acelerada torna o conhecimento provisório,

altamente mutável e rapidamente superado. Uma educação que se volte para ensinar a adaptação do indivíduo a necessidade de uma atualização permanente seria mais desejável que uma educação que forme o ser humano. A transmissão de conhecimentos acumulados pela humanidade seria resultante de uma educação para as sociedades “estáticas” do passado que poderiam permanecer com a tradição para assegurar a formação das novas gerações. De acordo com essa concepção “O indivíduo que não aprender a se atualizar estará condenado ao eterno anacronismo, à eterna defasagem de seus conhecimentos (DUARTE, 2001, p. 37).

Duarte (2001) ao perpassar estes posicionamentos esclarece que o “aprender a aprender” está voltado cruamente “para a formação da capacidade adaptativa dos indivíduos” (DUARTE, 2001, p. 38). Ao se deixar os alunos “sozinhos” e limitados dentro da sua possibilidade enquadrada de aprendizagem, na zona de desenvolvimento que conseguem alcançar entre seus pares, só resta a indução à uma resposta tida como correta. Tanto uma saída quanto a outra comprometeriam os processos de humanização.

O educador, desse modo, se coloca a serviço do reconhecimento da sociedade sem a criticar. Agindo descomprometidamente com uma mudança radical dessa sociedade, esse reconhecimento teria a função de desenvolver as melhores competências nos alunos a fim de que estes possam melhor se adequar às exigências da realidade. Desta feita, as lutas por uma transmutação social radical necessitariam ser descartadas da prática educacional.

O processo de convencimento colocado aos educadores e educandos produziria uma função ideológica. A defesa da “sociedade do conhecimento” minimiza o currículo escolar e enxerta questões tidas como mais atuais (a ética na convivência cotidiana, a defesa dos direitos do consumidor, a consciência ecológica, o respeito às diferenças sexuais etc.). Não que essas questões não tenham valor. O problema é que estas indagações são apresentadas de modo desvinculado de críticas mais radicais ao sistema capitalista que as geraram e as mantém. O enfraquecimento da luta e da busca por uma revolução radical deste modo de produção é o objetivo. Contudo, enquanto não houver superação desse modo estrutural de entender a vida, a resolução de problemas radicais fica comprometida. O que se oferta são somente projetos pontuais com efeito paliativo (DUARTE, 2001).

Os ocultamentos, segundo Duarte (2001) estariam em cinco ilusões a que todos estão submetidos e que ofertam a falsa impressão que sustentaria a “sociedade do conhecimento”:

Primeira ilusão: O conhecimento nunca esteve tão acessível como hoje, isto é, vivemos numa sociedade na qual o acesso ao conhecimento foi amplamente democratizado pelos meios de comunicação, pela informática, pela Internet etc.
Segunda ilusão: A capacidade para lidar de forma criativa com situações singulares no cotidiano ou, como diria Perrenoud, **a habilidade de mobilizar conhecimentos**, é

muito mais importante que a aquisição de conhecimentos teóricos, especialmente nos dias de hoje, quando já estariam superadas as teorias pautadas em metanarrativas, isto é, estariam superadas as tentativas de elaboração de grandes sínteses teóricas sobre a história, a sociedade e o ser humano.

Terceira ilusão: O conhecimento não é a apropriação da realidade pelo pensamento mas, sim, uma construção subjetiva resultante de processos semióticos intersubjetivos nos quais ocorre uma negociação de significados. O que confere validade ao conhecimento são os contratos culturais, **isto é, o conhecimento é uma convenção cultural.**

Quarta ilusão: Os conhecimentos têm todos o mesmo valor, não havendo entre eles hierarquia quanto à sua qualidade ou quanto ao seu poder explicativo da realidade natural e social.

Quinta ilusão: O apelo à consciência dos indivíduos, seja através das palavras, seja através dos **bons exemplos dados por outros indivíduos ou por comunidades**, constitui o caminho para a superação dos grandes problemas da humanidade. Essa ilusão contém uma outra, qual seja, a de que esses grandes problemas existem como consequência (sic) de determinadas mentalidades. As concepções idealistas da educação apóiam-se todas nessa ilusão. É nessa direção que são tão difundidas atualmente pela mídia certas experiências educativas tidas como aquelas que **estariam criando um futuro melhor por meio da preparação das novas gerações. Assim, acabar com as guerras seria algo possível através de experiências educativas que cultivem a tolerância entre crianças e jovens.** A guerra é vista como consequência de processos primariamente subjetivos ou, no máximo intersubjetivos. Nessa direção, a guerra entre os Estados Unidos da América do Norte e Afeganistão, por exemplo, é vista como consequência do despreparo das pessoas para conviverem com as diferenças culturais, como consequência da intolerância, do fanatismo religioso. Deixa-se de lado toda uma complexa realidade política e econômica gerada pelo imperialismo norte-americano e multiplicam-se os apelos românticos ao cultivo do respeito às diferenças culturais (DUARTE, 2001, p. 39 - 40, grifos meus).

Voltando-se novamente ao entendimento de que todo anúncio seria uma denúncia, deve-se atentar ao fato de que: “É preciso, porém, estar atento para não cair na armadilha idealista que consiste em acreditar que o combate às ilusões pode, por si mesmo, transformar a realidade que produz essas ilusões” (DUARTE, 2001, p. 40).

A função da educação vista como via de humanização seria muito mais ampla e abrangente. Para tal seria preciso enxergar por outro prisma a potencialidade educacional da escola (e mais objetivamente nesse estudo da atividade Gremista) já que somente o contato com a riqueza humana não é o suficiente para que a humanização se dê.

Duarte (2013), coloca a arte como um dos meios pelo quais essa humanização se daria de modo contundente. A riqueza humana e sua experiência não cabe no cotidiano de cada indivíduo por rica que seja sua cotidianidade. Somente pela arte é que se pode abarcar a humanidade em seu tesouro experiencial. Entretanto, Duarte (2013) alerta para o fato de que “não basta o contato imediato, direto e espontâneo com as obras de arte. Será necessário o trabalho educativo com essas obras, da mesma maneira que é necessário o trabalho educativo com as objetivações científicas e filosóficas” (DUARTE, 2013, p. 67). A necessidade de uma definição clara e consciente da função do sistema educacional é imprescindível para que se

possa empreender a práxis na preparar das novas gerações. Duarte (n.d) também coloca outros meios para a formação do indivíduo, além da arte: a política, a ciência e a filosofia.

A arte também aparece em Vygotsky como algo imprescindível aos seres humanos, já que desde os primórdios e em todas as culturas ela sempre está presente assim que são supridas as necessidades primárias de sobrevivência. Duarte cita que Vygotsky entende que: “O social existe até mesmo onde há apenas um homem e as suas emoções individuais” (VIGOTSKI, 1998, p. 315, apud DUARTE, n.d., p.1). Portanto, a arte seria uma das expressões máximas de humanização.

A definição clara necessária ao sistema educacional proposta por Duarte (2013) far-se-ia necessária para repensar uma educação escolar que ao socializar as ciências, as artes e a filosofia pudessem trabalhar também os processos de alienação do qual nenhum ser humano pode escapar.

Segundo Duarte (n.d.) “a vivência estética se assemelha à atividade educativa” (DUARTE, n.d., p. 7) pois ambas não transformam diretamente a sociedade e nem a vida do indivíduo, ao mesmo tempo em que são capazes de “exercer uma influência decisiva” (DUARTE, n.d., p. 7) tanto na sociedade quanto na vida do indivíduo. O autor, porém, alerta que as analogias entre a vivência estética e a educação possui limites, ao enfatizar que a atividade educativa não pode prescindir da “mediação do professor na relação entre o aluno e o conhecimento, seja a ciência ou a arte ou a filosofia” (DUARTE, n.d. p.8).

Não obstante, a arte pode ser utilizada com fins diversos da socialização e da humanização. A educação estética deve promover a vivência da catarse. A arte na escola é por diversas vezes desviada “com objetivos estranhos e externos à relação propriamente estética entre o indivíduo e a obra de arte” (DUARTE, n.d., p. 7-8). A instrumentalização da arte pode embutir pregação moral ou propaganda política e essa não seria a vinculação ideal. Portanto, deve-se sempre atentar para o uso que se faz dela dentro da Diretoria de Cultura nos Grêmios Estudantis municipais.

Como afirma Duarte (2013), a escola é fundamentalmente socialista, ainda que manobras estejam presentes a fim de garantir interesses de mercado, que acabam acometendo os esforços humanizadores.

A escola não é uma instituição inerentemente burguesa e alienada. Ao contrário, trata-se de uma instituição cuja **tendência essencial, é a socialização do conhecimento nas suas formas mais desenvolvidas.** [...] A escola é uma instituição socialista em si, uma instituição inerentemente socialista. Quando o professor ensina matemática, química, física, biologia, história, geografia, língua portuguesa, línguas estrangeiras, arte, filosofia etc., socializando o conhecimento nas suas formas mais desenvolvidas,

ainda que, no campo das discussões político-ideológicas, esse professor não se posicione em defesa do socialismo, está contribuindo para o socialismo sem ter consciência do fato. [...] Então o professor, quando ensina, pode não saber disso, mas está agindo na perspectiva do socialismo. A escola, o sistema educacional, quando se organiza de maneira a socializar o conhecimento está agindo na direção do socialismo. Isso não quer dizer, em absoluto, que nós, defensores da pedagogia histórico-crítica sejamos ingênuos, reformistas, idealistas e acreditemos que bastaria a escola ensinar história, geografia, matemática, ciências etc., para se constituir uma realidade social socialista. [...] O que nós afirmamos e não deixaremos de defender é que **a revolução precisa de uma escola ensinando, que a revolução precisa de educadores que lutem no sistema educacional contra os interesses da burguesia** e que a forma de nós lutarmos contra os interesses da burguesia no interior do sistema educacional é socializando o conhecimento. **É assegurando que os filhos da classe trabalhadora se alfabetizem da melhor forma que nós pudermos alfabetizá-los. Que alcancem o domínio da língua escrita nos níveis mais elevados. Que dominem os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos nas suas formas mais desenvolvidas.** E, para isso, temos que lutar intransigentemente contra o relativismo na discussão dos conteúdos escolares, contra a subordinação dos currículos escolares ao cotidiano pragmático e alienado da nossa sociedade. Devemos lutar intransigentemente contra as pedagogias do aprender a aprender que destituem o professor da tarefa de ensinar, que **destituem a escola da tarefa de transmitir conhecimento, que destituem os cursos de formação dos professores da tarefa de formar com base teórica sólida.** Nós precisamos discutir o conhecimento e a vida humana tendo como referência não o cotidiano alienado de cada um de nós, mas as **riquezas do gênero humano.** As riquezas do gênero humano têm sido produzidas nas sociedades de classes, mas elas ultrapassam em muito os limites das sociedades de classes (DUARTE, 2013, p. 69-70, grifos meus).

Só o fato de ter/ser corpo e consciência não garante a constituição como sujeito e a humanidade. Essa composição precisa ser forjada durante a existência, num processo educacional comprometido com a humanização. Segundo Duarte, “Precisamos, portanto, do conhecimento, para formar em nós mesmos, essa concepção de mundo mais ampla” (DUARTE, 2013, p. 70). O caminho é a busca para a emancipação humana é a libertação dos esquemas exploratórios.

O movimento dialético não é circular (que conservadoramente parte de um ponto e a ele sempre retorna) instituindo a reafirmação de um “eterno presente”. O movimento dialético é em espiral e deste modo a cada volta algo é acrescentado, nunca retornando ao ponto de partida.

Apesar do sistema em que estamos inseridos, quem produz mudanças é o ser humano e o Grêmio Estudantil oferece vários espaços que podem converter-se em alternativa ao que está posto. “Essa hipótese pedagógica que aqui formulo encontra apoio numa tese defendida por Vigotski, a de que o ensino não é o ponto de chegada do processo de desenvolvimento, mas seu ponto de partida” (DUARTE, 2016, p. 1569).

Já Kanamaru (2014), apresenta a radicalização de Freinèt ao expor sua visão sobre a instituição de um regime de autogestão cooperada na escola popular. Tal indispensabilidade

se apresentaria para libertar a educação das amarras e determinações com pretensões extra pedagógicas:

[...] **teríamos que mentir sem parar a nossos alunos, inculcar-lhes uma moral essencialmente contestável**, que não tem relação alguma com a verdadeira moral que praticamos e ensinamos. O que se gostaria, nós o sabemos e vemos muito bem, seria que continuássemos **a utilizar o sistema imoral e antipedagógico que prepara, não homens mas servidores dóceis de um regime**; gostaríamos de obrigar-nos, a nós, educadores proletários, a servir sem reservas à escola da classe burguesa. A isso dizemos não. Somos educadores. Nosso primeiro dever é respeitar as crianças que nos são confiadas, educá-las, prepará-las. Para isso, **opomo-nos a todo dogmatismo que se justifica por considerações extrapedagógicas. Não estamos a serviço de governos que passam, nem de regimes que mudam; estamos a serviço das crianças, a serviço da sociedade para a qual queremos prepará-las**, segundo as técnicas da verdade e da liberdade, felizes e orgulhosos de apoiar-nos, para isso, em todas as forças que buscam o mesmo **objetivo de libertação e renovação** (FREINET, 1998, p.82 apud KANAMARU, 2014, p. 779, grifos meus).

Porém faz-se necessário estar atento, pois tudo está acontecendo ao mesmo tempo, agora! O sistema não trata somente dos mecanismos de controle econômico, mas do modo como passamos a entender, sentir, interpretar o mundo. Toda e cada parte da vida de todos está permeado por ele, de tal modo, que fica difícil pensar o mundo sob outros parâmetros. A visão capitalista de mundo acaba se alinhando, se ajustando universalmente a tudo. Nada lhe escapa: nem a religião, nem a moda, nem as preferências gastronômicas, nem ao dormir ou acordar... está presente em todas as instâncias de tal modo que passamos a não o enxergar como condicionante primordial.

Refletir sobre o retorno ao radical (enquanto raiz) é algo que precisa ser considerado quanto ao Grêmio Estudantil para promover o impulsionamento na espiral dialética.

Quanto ao caso mais específico dos grêmios estudantis, eles podem tanto exercer suas atividades como instituição, reproduzindo as hierarquias sociais, quanto como **grupo de pressão**, forçando a instituição escolar a reconhecer **espaços legítimos de luta e confronto necessários às mudanças**.

O espírito da lei que reinaugura os grêmios em meados da década de 1980, esteve inicialmente mais aliado ao sentido dos grupos de pressão, fazendo parte de um movimento maior em nosso país, que é o processo de redemocratização [...].

Segundo Pescuma (1990), **inúmeras resistências abortaram o espírito inicial de atuação política dos grêmios, conferindo-lhes cada vez mais aparência institucional** [...] (CARLOS, 2006, p. 22, grifos meus).

Deste modo, entende-se que o Grêmio Estudantil (enquanto reprodução e apoio hierárquico ou grupo de pressão pela conquista de direitos) depende do posicionamento coletivo relativo ao poder de decisão.

O aporte desse trabalho é possibilitar um olhar diferenciado ao projeto de Grêmios visando um salto qualitativo ao movimento de agremiações estudantis no Município de Santos. Assim pretende-se contribuir com reverberações que possam gerar melhoria e novas perspectivas na educação pública Municipal.

Considerações e conclusões

Após a pesquisa, pude aferir que as diferentes concepções de Grêmio e seus entendimentos podem intervir na Formação de Sujeitos. As propostas de Grêmios Estudantis apresentadas nas administrações Telma de Souza / David Capistrano e Paulo Alexandre Barbosa partem de postulados distintos, ainda que ambos estejam sob a égide do sistema capitalista. Os posicionamentos e os encaminhamentos dados aos projetos apresentam disparidades porque o entendimento do que seria a qualidade na educação, participação, cidadania, Democracia, bem como o papel do Grêmio Estudantil advém de axiomas distintos.

Analisando os dados coletados, percebi que os processos e condicionantes da formação dos sujeitos na atividade Gremista sofrem orientações diferenciadas de acordo com as identificações partidárias e de suas bandeiras defendidas.

Também foi notória a influência do reflexo das disposições do momento histórico. O Grêmio posto nas administrações Telma de Souza / David Capistrano devido sua inserção no movimento da redemocratização do país enxergavam possibilidades de atuação político-social nos Gremistas, o que não se encontra na proposta desenvolvida durante a administração de Paulo Alexandre.

A apuração de que somente projetos educacionais não apresentam competência para pôr fim a problemas foi bem mais aprofundada, solucionando patamares dos quais não tinha clareza apesar da vivência cotidiana no ambiente escolar. O advento das questões estruturais do sistema socioeconômico em que estamos inseridos, não são suplantados por qualquer projeto, por mais bem organizado, financiado, ou apoiado que seja/esteja. O esgotamento do atual sistema escolar necessita de mudança radical e não mais dos ajustes pontuais.

Contudo, (de movimentações já em curso) pode-se iniciar reflexões críticas, discussões e reorganizações a fim de instaurar mudança processuais continuamente, com um objetivo definido de retomada do poder de decisão pelos profissionais da Educação. Faz-se necessário definir um norte comum, que pudesse indagar o tecnicismo, propor a favor do processo educativo e resistir às inversões conceituais que vem se aprofundando ao longo do tempo. Buscar desvelar as possibilidades de aberturas, de brechas participativas no sistema educacional vigente, a fim de ampliar as possibilidades atribuídas aos amplos entendimentos do conceito em relação a democratização educacional.

A preparação de sujeitos sociais para a humanidade (e não única e exclusivamente para servir o sistema econômico) também foram esclarecidas no estudo das concepções

sócio-históricas do Movimento Estudantil ao longo da história brasileira e santista. Esse mergulho auxiliou-me a enxergar a movimentação das finalidades educacionais em consonância com os interesses mercantis.

O entendimento do sujeito que se almeja desenvolver com a educação formal carece de um projeto humanístico. É possível buscar estratégias de enfrentamento nas franjas sociais. A demanda por alternativas acaba por irradiar possibilidades, ainda que o resultado de minha investigação não tenha correspondido a meu impulso primeiro, àquilo que me direcionou e entusiasmou com este tema de pesquisa.

Ainda que diante dos diversos vieses apontados no decorrer do estudo, o espaço criado pelo Grêmios, ainda que direcionado, pode ser um local de construção de alternativas. A escola pode ser produzida e reproduzida, criada e recriada, inventada e reinventada pois os sujeitos enquanto seres sociais concretos e datados, ontem e hoje movem a história. Não existem leis pré-estabelecidas conduzindo o curso contraditório do desenvolvimento da humanidade. As contradições se apresentam e a dialética no movimento do real, das práticas sociais concretas faz nascer alternativas, como o nascedouro da instauração de movimentos contrários aos pré-estabelecidos hierarquicamente.

Cabe a cada profissional da Educação da rede pública Municipal de Santos se questionar sobre a elaboração do ser social e do que é possível dentro do seu espaço de atuação individual e coletivamente construir perspectivas de uma ação sistêmica.

Entende-se que se faz necessário questionar o rebaixamento que lhes é imposto, em diversos espaços, e buscar alternativas para si, para sua categoria, para seus alunos, para sua classe social, num exercício diário para além do ganha pão (ainda que tudo corrobore para isso) por vias que suplantem o imediatismo no que fazer docente.

A compreensão de certos fatores atua sobre as escolhas e posturas de vida. Nesse sentido procurar elementos para minimizar as alienações, discernir as mediações, construir alternativas no sentido de ampliar possibilidades democráticas no ambiente escolar seriam necessárias dentro da presente estrutura.

O projeto proposto durante a vigência das gestões Telma de Souza / David Capistrano trazia consigo um enaltecimento à autodeterminação para a formação de cidadãos e de líderes, em uma sociedade que se reorganiza após um longo período em estado de exceção. Para que isso pudesse ocorrer era necessário encaminhar o projeto de Grêmios Estudantis para uma atuação que construísse autonomia e reflexão sobre a realidade social.

Na proposta da gestão Paulo Alexandre há maior ênfase na colaboração do aluno para o bom funcionamento do sistema escolar, sem o intuito de modificá-lo significativamente ou de analisar suas deficiências.

O aluno agindo como colaborador direto, sendo reconhecido por seus préstimos dentro de sua comunidade escolar, também pode ser interessante a ação Gremista, contanto que sua ação não se limite a isso e que não venha como algo pré-estabelecido. O “fazer algo” se tornando alguma coisa de suma importância, assim como conseguir compor o arquétipo do “bom aluno” não é um objetivo que conduza a uma formação humanizadora como exposto no texto dessa dissertação. Como esse ponto está colocado, ele traz em si outras relevâncias que não estão plenamente voltadas aos interesses dos alunos enquanto seres sociais autodeterminados e com poder de decisão. No projeto vigente grande parte do campo de participação apresenta-se pré-determinado, limitando o exercício de decisão efetiva do corpo discente.

Pelas razões apresentadas, pode-se perceber que axiomas distintos conduzem encadeamentos de uma lógica interna dispare, apesar das duas iniciativas de Grêmios Estudantis afirmarem que seus projetos influem diretamente na melhoria educacional do Sistema Municipal de Ensino.

Falar sobre melhoria educacional não seria somente a preocupação com uma organização técnica perfeita, com alunos de comportamento social exemplar. Não que isso não seja importante. Também não foi tão proveitoso empreender um campo de batalha de modo desmedido, numa estrutura educacional cristalizada e que não será derrubada sem que haja ao menos uma alternativa a oferecer.

Buscar a síntese das propostas seria a via, contudo sem perder de vista que o foco principal precisa ser sempre a educação a favor do ser, da vida e não de um sistema. A técnica necessita ser colocada a favor dos propósitos educacionais, para servi-la e não o oposto, ou seja, a educação servindo como meio que coloca a humanização como algo secundário, inferior. No aprofundamento dessa inversão é que se funda o perigo da educação formal obrigatória.

A partir do exposto na condução da espiral dialética é possível a partir da proposta inicial e da vigente, buscar um outro encaminhamento, que faça as duas proposituras conversarem a fim de aprimorar o projeto, maximizando seus potenciais, caso haja prosseguimento dos Grêmios Estudantis após o pleito Municipal de 2020, contanto que essa possibilidade alternativa não venha de cima para baixo.

Após os estudos pude perceber que alguns pontos, mesmo que não diretamente ligados ao objeto de pesquisa, se evidenciaram. Minhas reflexões pós conclusão asseveraram:

- ✓ que seria indispensável a retomada do processo educacional pelos trabalhadores da Educação;
- ✓ que seria primordial a condução de uma educação crítica, política e histórica a todos os setores da sociedade por intermédio da educação formal;
- ✓ que há necessidade da valorização da dialética nos processos educacionais;
- ✓ que projetos pontuais não conseguirão resolver questões profundas trazidas pelo sistema econômico;
- ✓ que no momento histórico e cultural em que estamos inseridos faz-se necessário buscar um câmbio no direcionamento das estruturas e não na sua manutenção indubitável.
- ✓ que para a efetivação da Gestão Democrática a hierarquização da estrutura educacional em Santos poderia ser repensada e que a divisão de responsabilidades entre os profissionais da Educação pudesse ser redefinida coletivamente.
- ✓ que projetos educacionais considerados bons pelos profissionais da Educação tivessem sua continuidade garantidas independentemente da administração municipal que os criou.

Para além disso, alguns itens ficaram por encerrar em minha pesquisa e poderiam ser utilizadas em estudos posteriores.

- Fazer uma pesquisa completa (e não por amostragem) nos Diários Oficiais entre os anos de 1989 e 1996.
- Averiguar se houve alguma anuência ou resistência dos discentes, docentes e/ou das Equipes Gestoras nas UEs após o abandono do incentivo a continuidade dos Grêmios Estudantis na administração do prefeito Beto Mansur e, se caso tenha havido resistência, quais foram as estratégias usadas para tal e o que poderia ter sido necessário fazer para aprimorar e preservar a sobrevivência das agremiações estudantis.
- Aprofundar a coleta de dados e a análise sobre a iniciativa gremista na administração do prefeito Papa.
- Explorar e subdividir o texto final de um modo diferente, a fim de evidenciar melhor a construção do Método Dialético.
- Melhorar a exposição das contradições atingidas com o estudo.

Após minhas considerações recomendo a leitura do discurso da escritora norte-americana Ursula Le Guin, quando em 2014 aceitou o prêmio do *National Book Award*. A indicação citada está disponível nas referências deste trabalho como: Rodrigues, 2018. A intenção é aguçar a imaginação e a esperança política de meus leitores, visto que as ilações apresentadas me levam a um entendimento promissor da realização de um Grêmio Estudantil radicalmente livre.

Eu era um Lobisomem Juvenil

Luz e sentido e palavra, palavra
 É que o coração não pensa
 Ontem faltou água
 Anteontem faltou luz
 Teve torcida gritando
 Quando a luz voltou
 Não falo como você fala
 Mas vejo bem
 O que você me diz

Se o mundo é mesmo
 Parecido com o que vejo
 Prefiro acreditar
 No mundo do meu jeito
 E você estava esperando voar
 Mas como chegar até as nuvens com os pés
 no chão?

O que sinto muitas vezes
 Faz sentido e outras vezes
 Não descubro um motivo
 Que me explique por que é
 Que não consigo ver sentido
 No que sinto, que procuro
 O que desejo e o que faz parte
 Do meu mundo

O arco-íris tem sete cores
 E fui juiz supremo
 Vai, vem embora, volta
 Todos têm, todos têm
 Suas próprias razões

Qual foi a semente que você plantou?
 Tudo acontece ao mesmo tempo
 Nem eu mesmo sei direito
 O que está acontecendo
 E daí, de hoje em diante
 Todo dia vai ser o dia mais importante

Se você quiser alguém pra ser só seu
 É só não se esquecer, eu estarei aqui
 Se você quiser alguém pra ser só seu
 É só não se esquecer, eu estarei aqui

Não digo nada
 Espero o vendaval passar
 Por enquanto eu não sei
 O que você me falou
 Me fez rir e pensar
 Porque estou tão preocupado
 Por estar
 Tão preocupado assim

Mesmo se eu cantasse
 Todas as canções
 Todas as canções
 Todas as canções
 Todas as canções do mundo
 Sou bicho do mato, mas...

Se você quiser alguém pra ser só seu
 É só não se esquecer, eu estarei aqui
 Se você quiser alguém pra ser só seu
 É só não se esquecer, eu estarei aqui
 Se você quiser alguém pra ser só seu
 É só não se esquecer, eu estarei aqui
 Se você quiser alguém pra ser só seu
 É só não se esquecer, eu estarei aqui

Ou então...
 não terás jamais
 A chave do meu coração

Legião Urbana, 1989, Álbum: As Quatro
 Estações.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo Ação Educativa. Revista Brasileira de Educação: mai./jun./jul./ago. 1997 nº 5 e set./out./nov./dez. 1997 nº 6.
- ABRANCHES, Mônica. **Colegiado escolar**: espaço de participação da comunidade. São Paulo: Cortez, 2003.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia – Vicente de Carvalho**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/vicente-de-carvalho/biografia>>. Acesso em: 26 abr. 2018.
- ADORO CINEMA. **Um grito de socorro**. 2013. Disponível em: <www.adorocinema.com/filmes/filme-227431/>. Acesso em: 26 out. 2017.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **José**. Companhia das Letras. Original de 1942. Disponível em: <http://www.kbook.com.br/livraria/wp-content/files_mf/josecarlosdrummonddeandrade.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2017.
- A TRIBUNA. **Servidores de Santos encerram a greve após 42 dias de protestos**. Disponível em: <<http://www.atribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/cidades/servidores-de-santos-encerram-a-greve-mas-nao-a-luta/?cHash=be0b4487a5ecc75a9fad37e4bd2c5c23>>. Acesso em: 26 abr. 2017.
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira & LEHFELD Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. - São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BASÍLIO, Ana Luiza. Portal Aprendiz. **Rosa María Torres**: “Há um descompasso entre as diretrizes curriculares nacionais e o PNE”. América Latina Educação, 18 set. 2014. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2014/09/18/rosa-maria-torres-ha-descompasso-entre-as-diretrizes-curriculares-nacionais-e-o-pne/>>. Acesso em: 05 jun. 2018.
- BOUTIN, Aldimara Catarina Brito Delabona e CAMARGO, Carla Roseane Sales. **A Educação na Ditadura Militar e as estratégias reformistas em favor do capital**. 2015. PUCPR - EDUCERE - XII Congresso Nacional de Educação. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18721_8156.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- BRASIL ESCOLA. **Caixa de Pandora**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/caixa-de-pandora.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2016.
- BRASIL. **Ato Institucional nº 5**, de 13 de dezembro de 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm>. Acesso em: 3 abr. 2017.
- _____. **Lei nº 7.398**, de 4 de novembro de 1985. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7398.htm>. Acesso em: 1 fev. 2017.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Saiba Mais – Programa Mais Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

CABRAL dos SANTOS, Luana Isabelle; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. **Juventude brasileira em pauta**: analisando as conferências e o estatuto da juventude. Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv. Manizales, v. 16, n. 2, p. 657-668, Dez. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v16n2/2027-7679-rlcs-16-02-00657.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

CAMPS. **Missão**. Disponível em: <<https://www.camps.org.br/missao>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

CARRASQUEIRA, Karina, KOSLINSKI Mariane Campelo. **Fatores associados à mobilidade docente no município do Rio de Janeiro**. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 49, n. 143, p. 106 – 129, jul.- set. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v49n173/pt_1980-5314-cp-49-173-106.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

CARLOS, Aparecida da Graça. **Grêmio Estudantil e Participação do Estudante**. Dissertação de Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/1483>>. Acesso em: 1 out. 2016.

CAVAZZANI, Virginia Fernandes. **A construção da Gestão Participativa na Escola**: um estudo de caso. 123 f. (Dissertação de Mestrado – programa em Educação) Universidade Católica de Santos, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **A tragédia neoliberal e a meritocracia**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5jNea8b3hUE>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

_____. **Cultura política e política cultural**. Estud. av. [online]. 1995, vol.9, n.23, pp.71-84. Disponível em: <[scielo.br/pdf/ea/v9n23/v9n23a06.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n23/v9n23a06.pdf)>. Acesso em: 9 jul. 2018.

CIDADES EDUCADORAS. **Conceito**. Disponível em: <<http://cidadeseeducadoras.org.br/conceito/>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Doutrinas de Segurança Nacional**: banalizando a violência. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v5n2/v5n2a02.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2018

COMUNITAS. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.comunitas.org/portal/comunitas/>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

CORREA, Evani Magalhães Barros Arantes. **Memórias da Escola Canadá**: participação estudantil nas décadas de 1950 e 1960. 165f. (Dissertação de Mestrado – Programa em Educação) Universidade Católica de Santos, Santos, 2007.

COUTINHO, Ângela Scalabrin. **Ética e pesquisa em Educação**: subsídios. ANPED: 2019, volume 1. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/etica_e_pesquisa_em_educacao_-_isbn_final.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

CUNHA, Marcela Brandão. **Rotatividade docente na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 45, e192989, 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v45/1517-9702-ep-45-e192989.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

DANTAS, Vera Lúcia e LINHARES, Ângela Maria Bessa. **Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular**. Disponível em: <<http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/texto-2-4-cc3adrculos-de-cultura.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

DIÁRIO DO LITORAL (jornal). **Centro dos Estudantes de Santos: uma triste realidade**. 2013. Disponível em: <<http://diariodolitoral.com.br/cotidiano/centro-dos-estudantes-de-santos-uma-triste-realidade/24331/>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

DUARTE, Newton. **Limites e contradições da cidadania na sociedade capitalista**. Proposições, Campinas, v. 21, n. 1 (61), P.75-87, jan. / abr. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pp/v21n1/v21n1a06.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

_____. **A pedagogia histórico-crítica e a formação da individualidade para si**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 5, n. 2, p. 59-72, dez. 2013. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/viewFile/9699/7087>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

_____. **As pedagogias do aprender a aprender e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento**. Revista Brasileira de Educação. Set./out./nov./dez. 2001. Nº 18. Disponível em: <<file:///F:/3%C2%BA%20semestre%20-%20MESTRADO/Gr%C3%AAmios%20-%20PESQUISA%20FEITA%20NA%20UME/Nova%20Pasta/CONHECER%20A%20CONHECER%20NEWTON%20DUARTE%20n18a04.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

_____. **Arte e formação humana em Lukács e Vigotski**. UNESP GT-17: Filosofia da Educação - Agência Financiadora: CNPq. n/d. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt17-4026-int.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

_____. **Individualidade, conhecimento e linguagem na concepção dialética de desenvolvimento em Vigotski**. Fórum lingüístico, Florianópolis, v. 13, n. 4, p. 1559-1571, out. dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n4p1559/33374>>. Acesso em 27 jul. 2017.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**. Tradução Sandra Regina Felgueiras; editor: José Nazar. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2014, 25. ed. (Coleção Estudos).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio do Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERRETTI, Celso J., ZIBAS, Dagmar M. L., TARTUCE, Gisela Lobo B. P. **Protagonismo Juvenil na literatura especializada e na reforma do Ensino Médio**. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 122, p.411, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n122/22511.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

FGV CPDOC. **Biografia - Márcio Luiz França Gomes**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/franca-marcio>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

FIES. **O que é o FIES**. Disponível em: <http://sisfiesportal.mec.gov.br/?pagina=fies>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

FIGUEIREDO, J.C. **Filosofia e Educação através de textos** – para os colégios normais e faculdades. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A. s/d.

FRANÇA, Rosilene Marques Sobrinho de; FERREIRA, Maria D'Alva Macedo. **As políticas públicas e a efetivação de direitos humanos pós Constituição Brasileira de 1988**. Revista Emancipação, v. 12, nº 2, 2012. Disponível em: <<http://177.101.17.124/index.php/emancipacao/article/view/1799>> Acesso em 20 de julho de 2017.

FRANCISCO, Antônio. **Pelé e Cármen Lúcia concordam: brasileiro não sabe votar**. GGN o jornal de todos os brasis, 31 out. 2016. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/fora-pauta/pele-e-carmen-lucia-concordam-brasileiro-nao-sabe-votar>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

FREIRE, Juciley Silva Evangelista. **Participação e Educação: concepções presentes nos estudos da revista Educação & Sociedade (1978-2010)**. 2011. Tese de doutorado. Universidade Federal de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/6/o/Tese_-_jucileyEvangelistaFreire.pdf?1335463666>. Acesso em: 27 mai. 2020.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Série Pesquisa em Educação v. 10. Brasília – DF, 2005. Disponível em: <http://gege.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/Grupo%20focal%20na%20pesquisa%20em%20Ci%EAncias%20Sociais%20e%20Humanas_Gatti.pdf> Acesso em 27 ago. 2018.

GAZETA DE SÃO PAULO. **Memórias de uma escola pública fechada em Santos**. Disponível em: <<http://www.gazetasp.com.br/litoral/11934-memorias-de-uma-escola-publica-fechada-em-santos>> Acesso em: 12 set. 2017.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Pequeno dicionário de filosofia contemporânea**. São Paulo: Publifolha, 2006.

GOMES, Marineide de Oliveira e FURLANETTO, Ecleide C. **Narrativas de crianças, infâncias e formação de professores: possíveis relações**. MEC/MCTI/CNPQ/CAPES – Edital nº 07/2011.

GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e sonhos: cultura política e hegemonia progressista em Santos 1945-1962**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Santos, SP: Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

GONÇALVES, Lucas Henrique Silva. **Propostas e Ações educacionais na política pública no governo Telma de Souza**. (Trabalho de Conclusão de Curso de História) Universidade Católica de Santos, Santos, 2016.

GONZALEZ, Jorge Luis Cammarano e MOURA, Marcilene Rosa Leandro. **O Grêmio Estudantil na gestão da escola democrática: protagonismo e resiliência ou despolitização das práticas formativas?** Revista de Ciências da Educação, Americana, São Paulo, 2º semestre /2010, nº 23 – ano XII.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

_____. **Cadernos do cárcere**. Volume I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

Guia de Políticas Públicas Municipais de Juventude. Escola Cidade Sustentável - Juventude&Trabalho. 2013. Disponível em:

<http://www.oim.tmunipal.org.br/abre_documento.cfm?arquivo= repositorio/ oim/ documentos/EFD44AF5-BFE0-1AD8-4EE9A1D294D8C4B905082015120154.pdf&i=2985>.

Acesso em: 26 jul. 2016.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo, Cengage Learning, 2011.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M.C.F. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde**. Revista Escola de Enfermagem. USP, v. 35, n.2, p. 115-21, jun. 2001.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Educação para o Ensino Médio (SC)**. Disponível em: <<http://institutoayrtonsenna.org.br/content/institutoayrtonsenna/pt-br/Atuacao/-proposta-de-educacao-integral-para-o-ensino-medio-em-santa-cata.html>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

_____. **Quais os princípios dessa proposta**. Integração de Competências. Disponível em:

<http://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/atua%C3%A7%C3%A3o/iniciativas/-proposta-de-educ%C3%A7%C3%A3o-integral-para-o-ensino-m%C3%A9dio-em-santa-catarina/documents/Instituto_Ayrton_Senna_educ%C3%A7%C3%A3o_integral_no_ensino_m%C3%A9dio.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2018.

_____. **1º Boletim Informativo Educação Integral**. Santa Catarina, 23 de fevereiro de 2017. Disponível em:

<<http://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/atua%C3%A7%C3%A3o/iniciativas/-proposta-de-educ%C3%A7%C3%A3o-integral-para-o-ensino-m%C3%A9dio-em-santa-catarina/documents/Boletim%201.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

_____. **Educação para o século XXI**. Disponível em: <<http://educacaoec21.org.br/quem-somos/instituto-ayrton-senna/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

INSTITUTO UNIBANCO. **Maior participação de jovens na vida escolar pode melhorar gestão.** Disponível em: <http://www.institutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2016/07/Aprendizagem_em_foco-n.13.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2018.

_____. **Sobre.** Disponível em: <<http://www.institutounibanco.org.br/sobre/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

KANAMARU, Antonio Takao. **Autonomia, cooperativismo e autogestão em Freinet:** fundamentos de uma pedagogia solidária internacional. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 40, n. 3, p. 767-781, jul./set. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v40n3/aop1141.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 1981 (licença editorial por cortesia para Círculo do Livro S.A.).

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LIBÂNEO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira:** escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/aop323.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

LIMA, José Antônio. **Estado mínimo em um país sem o mínimo de Estado.** 2 set. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/estado-minimo-em-um-pais-sem-o-minimo-de-estado-8645.html>> Acesso em: 18 abr.2017.

LUKÁCS, G. **Existencialismo ou Marxismo.** São Paulo: Senzala, 1967.

MACHADO, Ida Lúcia. **Análise do discurso e seus múltiplos sujeitos.** In: MACHADO, Ida Lúcia; CRUZ, Amadeu Roseli; LYSARDO DIAS, Dylia (orgs.). Teorias e práticas discursivas: estudos em análise de discurso. Belo Horizonte: Carol Borges, 1998. p. 111-120.

MACHADO, Raphael Amorim. **A (des)construção da cidadania no neoliberalismo:** um estudo sobre os discursos do Instituto Ethos de Responsabilidade Social Empresarial. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/raphael_machado_a%20desconstrucao_cidadania_neoliberalismo.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2018.

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira R. de. **A questão do método e da metodologia:** uma análise da produção acadêmica sobre professores(as) da Região Centro-Oeste/Brasil. Porto Alegre: Educ. Real, v. 37, n.2, p. 669-693, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/18.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

MANACORDA, Mario Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci:** americanismo e conformismo. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008 (Coleção educação em debate)

MARCONDES, Celso. A UNE, a 30 anos. Carta Capital. Publicado em 01 jun. 2009 e modificado em 19 ago. 2010. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-une-ha-30-anos>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

MARCONI, Juliana Guedes dos Santos. **Passado Presente: Anarquismo e Construtivismo na Educação Brasileira**. (Dissertação de Mestrado. Área de concentração: Fundamentos da Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2547?show=full>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

MARI, Cezar Luiz de. GRADE, Marlene. **Senso comum e a educação em Antonio Gramsci: dimensões singulares da práxis**. Disponível em: <<http://gepeto.ced.ufsc.br/files/2015/03/Capitulo-cezar.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

MARTINS, Andréia. **Política: O que é ser esquerda, direita, liberal e conservador?** 24 dez. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/politica-o-que-e-ser-esquerda-direita-liberal-e-conservador/?gclid=CjwKCAjwi6TYBRAYEiwAOeH7GXvZUMgv42hd1skJun-PYsIHSw_l_m3YryfSfPB3W_iagbnWbB2oCBoCh00QAvD_BwE>. Acesso em: 26 abr. 2018.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os pensadores).

MATUOKA, Ingrid. **Os impactos das reformas do governo Temer para os educadores**. Centro de referência em educação integral. 19 de jul. 2017. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/os-impactos-das-reformas-governo-temer-para-educadores/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

MEC. **Mercadante visita escola tradicional onde estudou e apresenta projetos**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35364>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

MELO, Ricardo Henrique Vieira, *et al.* **Roda de Conversa: uma articulação solidária entre Ensino, Serviço e Comunidade**. Revista Brasileira de Educação Médica. 14 de jan. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022016000200301&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 ago. 2019.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **Regime joga UNE e UEES na ilegalidade**. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/regime-joga-une-e-uees-na-ilegalidade>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. **Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais**. Disponível em: <<https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/66/RCCS66-117-149-Marcos%20Mesquita.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Igualdade substantiva e democracia substantiva**. Margem Esquerda 25, 2015.

MIQUEL, J. L´ **Esthétique - Science de l´art. Expliquez - moi...** Collection Philosophie. Paris: Foucher, n.d.

MIRANDA, Rosilene Figueira. **Um Estudo Sobre a Prática Pedagógica Libertadora de**

Paulo Freire. Boletim GEPEP – v.03, n. 04, p. 14-28, jul. 2014. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/grupos/gepep/2d.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

MONFREDINI, Ivanise. **Silenciamento e desistência:** a formação de professores pelo trabalho. 1.ed. Curitiba, PR, 2011.

MORAES, Antonio Carlos. **O projeto neoliberal e o mito do Estado Mínimo.** Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v1_artigo_moraes.pdf> Acesso em: 18 abr. 2017.

MOTTA, Rafael. **Tarquínio: começar de novo.** 240 p. Santos: Leopoldianum, 2012.

MOURA, Marcilene Rosa Leandro. **Caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento...** O papel do Grêmio Estudantil na Gestão da Escola Democrática. 2005. Monografia apresentada no Curso de Pós-Graduação *latu-senso* em Gestão e Organização Escolar pela Universidade Cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://sejarealistapecaoimpossivel.blogspot.com/2008/03/monografia-caminhando-contra-o-vento.html>>. Acesso em: 11 out. 2017.

NASSIF, Luís. **Temer desmonta metade do Conselho Nacional de Educação a pedido de Mendonça Filho.** GGN: O jornal de todos os Brasis. 28 jun. 2016. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/temer-desmonta-metade-do-conselho-nacional-de-educacao-a-pedido-de-mendonca-filho>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci.** 5.ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2016.

NOVA ESCOLA. **Programa Escola Sustentável.** Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/36/programa-escola-sustentavel>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

_____. Clube. **A cultura jovem hoje.** Disponível em: <<http://rede.novaescolaclub.org.br/planos-de-aula/cultura-jovem-hoje>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição, FURLANETTO, Ecleide Cunico, CONTI, Luciane De, CHAVES, Iduína Edite Mont´Alverne Braun, GOMES, Marineide de Oliveira, GABRIEL, Gilvete Lima, ROCHA, Simone Maria da. **Narrativas de crianças sobre as escolas da infância:** cenários e desafios da pesquisa (auto) biográfica. Educação/Santa Maria I, v.39, n. 1, p. 85-104, jan./abr.2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/index.php/reveducacao/article/view/11345>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

PEREIRA, Isidro. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego.** Livraria Apostolado da Imprensa. Porto: 1976.

PESCUA, Derna & CASTILHO, Antonio Paulo F. **Referências Bibliográficas:** um guia para documentar suas pesquisas. São Paulo: Olho d´Água, 2001.

_____. **Referências Bibliográficas:** um guia para documentar suas pesquisas. 7. ed. São Paulo: Olho d´Água, 2013.

_____. **Trabalho acadêmico - o que é? como fazer?** Um guia para suas apresentações. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

_____. **Projeto de Pesquisa - o que é? como fazer?** Um guia para sua elaboração. 4. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

PESCUMA, Derna. **O Grêmio Estudantil uma realidade a ser conquistada.** (Dissertação de Mestrado em Supervisão e Currículo) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC - SP, 1990.

PETROBRAS, **Perfil.** Disponível em: <<http://www.petrobras.com.br/pt/quem-somos/perfil/>>. Acesso: 24 abr. 2018.

POERNER, Arthur José. **O poder jovem:** história da participação política dos estudantes brasileiros. 5. ed. ilustrada, rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. Prefeitura de Santos. **Grêmio Estudantil.** Disponível em: <<http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/page.php?405>>. Acesso em 21 abr. 2017.

PORVIR. **O que é educação para o século 21.** Disponível em: <<http://porvir.org/especiais/socioemocionais/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

PREFEITURA DE SANTOS (Youtube). **Grêmios estudantis tomam posse e revelam propostas.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DWEwtcGWdBo>>. Acesso em 10 abr. 2017.

PRIBERAM: **dicionário.** Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 2016, 2017 e 2018.

PROUNI. **O programa.** Disponível em: <<http://prouniportal.mec.gov.br/o-programa>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

PSDB. **Estatuto.** n.d. Disponível em: <<http://www.psdb.org.br/conheca/estatuto/>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

PT. **O Partido.** n.d. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/estrutura-partidaria/>>. Acesso em: 13 out. 2017.

QUEIROZ, Vanderleida Rosa de Freitas e. **O mal-estar e o bem-estar na docência superior:** a dialética entre resiliência e contestação. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3403/5/Tese%20Vanderleida%20Rosa%20de%20Freitas%20e%20Queiroz%20-%202014.pdf>> Acesso em: 15 ago. 2017.

QUERÔ FILMES (Youtube). **CES: Ontem e Hoje. Centro dos Estudantes de Santos.** 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=asWtpc-Gjew>>. Acesso: 10 abr. 2017.

REDE TELMA. **Biografia Telma de Souza.** Disponível em: <<http://www.redetelma.com.br/biografia.asp>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

REUNI. **O que é o REUNI**. 25 mar. 2010. Disponível em: <<http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

RODRIGUES, Ana Cristina. **O discurso de Ursula K. Le Guin no National Book Award de 2014**. Publicado no site: “Especulativa” em 31 mar. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/especulativa/o-discurso-de-ursula-k-le-guin-no-national-book-award-de-2014-5d5f13c9f829>>. Acesso em 27 maio 2020.

ROLDÃO, Maria do Céu Neves. **Profissionalidade docente em análise** – especificidades dos ensinos superior e não superior. In: Nuances: estudos sobre educação – ano XI, v. 12, n. 13, jan./dez. 2005.

SANTANA, Marco Aurélio. **O “novo” e o “velho” sindicalismo**: análise de um debate. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, 10/11, 1998. Pp. 19-35.

SANTOS, Tiago Soares dos. **Intersubjetividade em Sartre**: O Para-si e o Para-outro. Trilhas Filosófica. Ano IV, número 2, jul. –dez. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/view/630/339>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

SANTOS/SP. **Diário Oficial**. Disponível em: <<https://diariooficial.santos.sp.gov.br/>>. Acesso em: 2016, 2017 e 2018.

_____. **Santos Educadora**. Disponível em: <<https://egov1.santos.sp.gov.br/pdm/Dashboard/Dashboard/SantosEducadora>>. Acesso em: 30 out. 2017.

_____. **Diário Oficial de Santos completa 23 anos**. Comunicação: 17 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.santos.sp.gov.br/?q=content/diario-oficial-de-santos-completa-23-anos>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SÃO PAULO. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/alesp/deputado/?matricula=300358>>. Acesso em 23 abr. 2018.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada**. 17ª ed. Trad. Paulo Perdigão. RJ: Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Amós Coelho da; MONTAGNER, Airto Ceolin. **Dicionário Latino - Português**: Etimologia, Gramática, Derivações, Exemplos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVA, Flaviany Ribeiro da; ASSIS, Simone Gonçalves. **Prevenção da violência escolar**: uma revisão da literatura. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, e157305, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-S1517-9702201703157305.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da; BUSNELLO, Chaiane Paula; PEZENATTO, Fabíola. **Política, cidadania e educação integral**: a convivência democrática como princípio pedagógico. Mai/ago. 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/Meu%20Note/Downloads/53683-219161-1-SM.pdf>> Acesso em: 26 jul. 2017.

SILVA, Victória. **Colégio Canadá, uma instituição na memória de muitos santistas**. 28 out. 2015. Disponível em: <<https://www.juicysantos.com.br/vida-caicara/nostalgia-santista/colégio-canada-uma-instituicao-na-memoria-de-muitos-santistas/>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

SILVA, Maria Helena Alves da; RODRIGUES, Susanne Fernandes. **A Ditadura e os Movimentos Estudantis na Fundação Valeparaibana de Ensino (1964-1985)**. n.d. Disponível em: <<https://www.univap.br/arquivo/A%20Ditadura%20e%20os%20Movimentos%20Estudantis.pdf?AID=853>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

SISU. **O que é o SISU**. Disponível em: <<http://www.sisu.mec.gov.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SPÓSITO, Marília Pontes. **O povo vai à escola** – A luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo. 253 páginas. São Paulo: Edições Loyola 1984.

_____. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a07v27n1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2000 nº 13. Disponível em: <<https://ensinosociologia.pimentalab.net/files/2010/09/Sposito2000.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

SZYMANSKI, Heloisa. *et. al.* (org.). **A entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Perguntas e Respostas: O que é o Ideb e para que ele serve?** 26 jul. 2011. Disponível: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/17208/perguntas-e-respostas-o-que-e-o-ideb-e-para-que-ele-serve/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

UNE. **Memória**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/memoria/>> Acesso em: 23 abr. 2017.

_____. Cartilha – **Mude o Brasil, construa um Centro Acadêmico e fortaleça a rede do movimento estudantil**. Disponível em: <http://une.org.br/site/wp-content/uploads/2014/12/CARTILHA_ca_ultimo2.pdf>. Acesso em 12 jun. 2018.

_____. **Notícias. Estudantes convocam reedição da “UNE Volante” para o primeiro semestre de 2018**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/noticias/estudantes-convocam-reedicao-da-une-volante-para-o-primeiro-semester-de-2018/>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VOLTAIRE. **Micrômegas**. 1752. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/micromegasN.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

Apêndice I

APÊNDICES
Administrações: Telma de Souza
David Capistrano
Dados relacionados a iniciativa de Grêmios (de 1989 até 1996)

Notas sobre o apêndice I

Composição:

1. Modelo de TCLE **p. 267**
2. Questões ou tópicos orientadores dos relatos **p. 270**
3. Transcrição das entrevistas relacionadas ao projeto de Grêmios implementado e executados durante as gestões Telma de Souza e David Capistrano. **p. 271**

Observações sobre a transcrição das entrevistas:

- Houve algumas adequações da linguagem oral. Os termos: pro cê, peraí, pra, tava, tamo, tô, ... era, era..., etc... foram transmutados em: para você, espera aí, para, estava, estamos, estou, era... Algumas expressões como: “né” foram preservadas para referenciar a oralidade nos relatos.
- Realizaram-se alguns acertos na concordância das frases.
- As modificações foram feitas sem que houvesse alteração no sentido das narrações.

1. Modelo de TCLE.



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

Termo de Consentimento Livre e Consentido

Prezado(a) entrevistado(a),

Antes de mais nada, quero agradecer a sua disponibilidade em colaborar participando da entrevista.

Tenha certeza de que as informações que você prestará serão fundamentais para a explicação e compreensão do tema em pesquisa: **O Grêmio Estudantil e a Formação do Sujeito nas Escolas Municipais de Santos.**

A seguir você encontrará informações sobre a pesquisa e depois o Termo de Consentimento Livre e Consentido (TCLC). Após ler e preencher as informações solicitadas é só assinar e devolvê-lo.

Ainda, é importante salientar que a referida pesquisa não envolve risco à saúde física ou psicológica dos participantes. Os depoimentos pessoais obtidos nas entrevistas compõem a base de informações a serem analisadas. Por esse motivo precisamos do seu consentimento.

Como você poderá ler no TCLC, comprometemo-nos a manter total sigilo sobre a identidade dos depoentes. As entrevistas serão transcritas e enviadas por correio eletrônico a cada entrevistado para ajustes e aprovação.

Caso ainda permaneçam dúvidas após ler as informações que seguem abaixo, por favor, entre em contato pelo telefone (13) 99148.0717 ou pelo *e-mail*: solangefideles@bol.com.br

Mais uma vez, agradeço sua colaboração.

Sobre a Pesquisa

Título: **O Grêmio Estudantil e a Formação do Sujeito nas Escolas Municipais de Santos**

Responsável: Solange Fideles da Silva

Instituição sede: Universidade Católica de Santos – Programa de Pós-graduação em Educação

Financiamento: Programa Mestre-Aluno

Resumo:

A presente pesquisa busca compreender, no processo histórico, a relevância da atividade Gremista na formação do ser social. Pensa-se registrar o tirocínio percorrido nos Grêmios Santistas, a fim de identificar o poder de formação de sujeitos.

Objetivos:

1. Compreender e produzir um registro científico do processo histórico de formação dos Grêmios Santistas após o Regime Militar;
2. Analisar a Legislação sobre Grêmios enquanto Política Pública e identificar seus objetivos de formação do ser social.
3. Entender o processo de instalação do Grêmio enquanto Política Pública, seus fundamentos motivadores, assim como as contribuições para formação de sujeitos.

TERMO DE CONCORDÂNCIA LIVRE E CONSENTIDO

Eu, _____,
RG nº _____, li este documento com bastante atenção antes de assiná-lo e entendi que o seu propósito é explicar a intenção do estudo que será realizado e solicitar minha permissão para participar do mesmo.

Tendo ciência dos objetivos da pesquisa intitulada: **O Grêmio Estudantil e a Formação do Sujeito nas Escolas Municipais de Santos**, concordo em ser entrevistada, no dia ____/____/____ e que os dados por mim produzidos (em via impressa ou oral) sejam utilizados na referida pesquisa.

Tenho a garantia de que esses dados serão expostos mantendo-se sigilo absoluto de minha identidade e da instituição em que atuo, portanto, meu nome ou qualquer dado ou elemento que possam, de qualquer forma, me identificar serão mantidos em sigilo.

Tenho também a garantia de que em nenhum momento será citado o nome de qualquer pessoa que apareça na entrevista. Autorizo ainda a publicação de meu depoimento oral, gravado em áudio e transcrito para uso e análise na pesquisa acima referida, após ter revisada e autorizada a transcrição.

Tenho ciência que o meu depoimento resultará em relatório de pesquisa, assim como em artigos e livros que possam vir a ser publicados posteriormente para divulgação científica dos resultados obtidos que contribuam com a melhoria qualitativa da Educação.

É assegurado o acesso às informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, após a orientação recebida quanto ao teor do que foi aqui mencionado e tendo compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação. Assino a presente declaração como instrumento eficaz que representa nossos direitos.

Meus telefones são: () _____

Meu e-mail: _____

Meu-mail alternativo: _____

Recebi uma via datada e assinada deste documento.

_____, _____ de _____ de 201____.

Assinatura do sujeito de pesquisa

Assinatura do pesquisador/entrevistador

2. Tópicos orientadores dos relatos (3º modelo): como foi pensado, organizado e concretizado o projeto de Grêmios:



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

O Grêmio como uma Política Pública: o potencial de formação de sujeitos

1. Legado anterior;
2. Processo de ideação e de organização dos Grêmios;
3. Inovações propostas com relação ao que já havia existido;
4. Estatuto do Grêmio;
5. Incentivo à atividade Gremista;
6. Emprego de recursos públicos;
7. Acompanhamento dos estudantes;
8. Tratamento de questões relacionadas à: Cidadania, Comunicação, Cultura, Educação, Esportes, Eventos;
9. O potencial formador do Grêmio. Que tipo de pessoa se pretendia formar?
10. Impacto ou diferencial nas escolas (corpo discente, docente, funcionamento da escola);
11. Frutos colhidos;
12. Relações com outras organizações ou movimentos juvenis (estaduais, nacionais, internacionais);
13. Processo de desmonte dos Grêmios Estudantis.

Obs.: Acesso às documentações, legislação, publicações que remontem ao processo de implementação do Grêmio Estudantil, enquanto Política Pública.

3. Transcrição das entrevistas relacionadas ao projeto de Grêmios implementado durante as administrações Telma de Souza e David Capistrano.

A seguir estão transcritas as entrevistas dos sujeitos de pesquisa ligados ao processo de implementação dos Grêmios nas administrações de Telma de Souza e David Capistrano. A remoção das interposições do pesquisador visa dar relevância à fala dos entrevistados e simultaneamente diminuir a extensão dos apêndices. Procurou-se preservar as marcas da linguagem oral. Não as preservar, reescrevendo os textos, poderia interferir ou introduzir significados prévios aos documentos orais coletados.

ENTREVISTA REALIZADA COM T.N.

- O critério utilizado para a escolha deste sujeito de pesquisa foi o fato deste pertencer ao processo de ideação, planejamento e execução do projeto de Grêmios.

O entrevistado não iniciou falando imediatamente da proposta de Grêmios Estudantis no Município de Santos. Por se tratar de uma vivência passada a quase três décadas, deteve-se inicialmente na afirmação de princípios e em sua experiência na ocupação das escolas estaduais ocorridas em entre 2015 e 2016, devido ao anúncio da nova organização da rede Estadual de ensino paulista. Além disso, apareceram marcas de outras experiências que viveu na implementação de Grêmios Estudantis em governos petistas de outros Municípios paulistas. Ao final da entrevista, houve a indicação de X., que por ter vívidas lembranças do processo, pôde colaborar de modo mais retilíneo para a reconstrução do processo de implementação e execução dos Grêmios Estudantis entre os anos de 1989 e 1996.

Início da fala de T.N. - Diversos professores para dar aulas nas públicas. Então, foram lá com alguns temas, eles nem colocavam, eles pediam [inaudível - 00:14]. Enfim, durante a ocupação tinha as aulas públicas, não que eles iam ficar sem fazer nada, tinha as aulas lá. Isso foi ano passado. Bom, depois que acabou a ocupação, eles anotaram todas aquelas aulas, tudo que foi discutido e fizeram uma proposta para a Delegacia de Ensino.

É. E levaram os termos. Delegado disse _"Não. Isso aí não é comigo. Se discuta na sua escola. Diretora que vai discutir isso e não vou me submeter a vontade de vocês de mexer nisso tudo da escola, cada escola tem que pensar o seu". Quer dizer, os meninos voltaram sem nada.

Mas era na concepção do currículo, que é o que eu estou estudando. O tal da educação personalizada que é você trabalhar a educação com temas que interessam. O Paulo Freire já falava isso, e que seja significativo para o estudante. Porque se não for significativo, eles não aprendem. Não adianta. Então, eles levaram os temas que eram significativos para eles. Para que fossem traduzidos no currículo. E eles queriam participar da reunião dos professores de formação, pelo menos um representante.

Nada. Era nada. Então, é essa a realidade. Mas era só isso? Só para contar para você que pernas estamos. Que agora estamos assim. Aqui o Delegado Interior não tinha nada, processo de indenização... De ideiação...

Eu sou militante do Partido dos Trabalhadores desde [19]81. Não foi ontem, né? Nessa militância eu sou da Comissão Nacional de Educação, agora no PT. Mas nós tínhamos desde o início do PT, nós tínhamos formação mensal, constante, periódica.

Tinha o Instituto Cajamar, que era onde tinha as reuniões. Nessas reuniões, a gente foi definindo os objetivos do partido e os princípios que tem até agora. Não, os princípios são os mesmos. Se alguns violaram os princípios, violaram. Mas os princípios são os mesmos. Por isso que eu digo, eu fico no PT porque os princípios para mim continuam. Eu não negocie com ninguém...Eu não negocie com ninguém. Agora sou Diretora Municipal, então vamos lá, né?

Daí o que que eram essas reuniões? **Eram justamente um dos objetivos do Partido dos Trabalhadores, um. Era a organizar a população para maior participação social porque acredita que é na construção coletiva é que as coisas ficam de melhor qualidade. Bom, partindo desse pressuposto, nas escolas teria que ter o coletivo de professores que sempre tem, os diretores têm seu coletivo e os alunos têm seu coletivo. Coletivo dos alunos são os Grêmios. E aí, desses Grêmios era, a discussão deles, dos alunos, do que era a escola para eles e qual seria a função deles, função social deles, dentro da escola. Que era, por exemplo, (nome da escola Estadual). Eu já fui várias vezes lá, gosto muito do (escola Estadual). Os alunos, não sei se está até agora, mas é quem cuidam do jardim, são os coordenadores do laboratório. E de toda a coisa da comunicação da escola com os outros alunos. São eles próprios que fazem os painéis... É Estadual.**

(Sobre as escolas municipais de Santos) Hoje, eu não sei mais como está.

(Sobre os Grêmios na gestão anterior a administração Telma de Souza) Não, não tinha nada. Nada porque não era da concepção da participação. O que é da essência do Grêmio é incentivar a participação, é dar voz a quem não tem. Porque na escola aluno não tem voz. Então dar voz a quem não tem.

E eles, e os Grêmios, então a gente começou e eu tinha dois assessores, dois jovens, que eles é que iam fazer a discussão para organizar os Grêmios com os alunos da organização. **Então nós... além disso, tinham os conselhos. Então, o Conselho de Pais, tinha o dos professores e tinha os conselhos também. Tudo era visando a participação. Então a essência, o ideário de um Grêmio Estudantil é a participação do estudante na vida da escola. Dar voz a ele em todos os sentidos.**

Eu trabalhei com uma Diretora em Santo André. Nós também fomos outra vez em cima dos Grêmios. **Porque se deixar a diretora não incentiva, e agora é assim, não só não incentiva como dificulta. Como dificulta a participação, porque não quer _ "Você não sabe" quer dizer parte do pressuposto de quem sabe é os adultos e os meninos não sabem. Então, a gente foi em vários ideários inclusive o do Martí, que fala: _ "Ah, si nosotros escuchamos o que los niños hablarem cuantas cosas aprenderíamos" Inclusive, é desde pequeno que participam e falam, e falam, e opinam. Isso incomoda as pessoas.**

Então não é uma coisa sensível, simples, você criar essa estrutura e... **Eu venho, eu fui professora na ditadura militar. Onde eu era coordenadora dos Grêmios, em uma**

escola Estadual em Bragança. Nós fazíamos horrores, nós tínhamos bandas, banda não fanfarra, banda de banda de dar shows, de estudantes, tinha exposição de artes, tudo isto o Grêmio que coordenava. Exposição de artes dos alunos, estudo do meio quando eu, eu sou geógrafa, né? Então eu ia fazer estudo do meio com os meus alunos, era o Grêmio que organizava os alunos, como é que ia, o que tinha que levar, a roupa, não sei o que, pererê, pererê. E os relatórios, né? Eu sempre exigia relatório. Vai, estuda, lê, dia seguinte relatório, quem viu, quem não viu, que achou, o que não achou. Então é uma, é um trabalho de incentivar a participação dos alunos. Dar voz a quem não tem dentro da escola. Então, esse é o ideário. E essa segunda questão aqui. E a organização...

Ah, em Santos. Tinha eu como Secretária, era Chefe de XXXXX, não era Secretária. Eu que fiz reunião com os diretores... Das escolas municipais. Para eles verem a importância do Grêmio. Não eram muito, não. Não eram nada. Não é que não eram muito, não eram nada. Os estudantes perdiam [inaudível - 08:11] quanto mais quieto ficar, melhor. Então não eram nada. Então, não era assim. E aí a gente, com as diretoras, com as coordenadoras pedagógicas e com as supervisoras. Eu tinha que pegar essas mulheres e a formação delas era eu que fazia. Então, eu comecei a trabalhar com elas a importância da participação, inclusive dela. Inclusive delas também. Que, também, por sua vez a Delegacia também não escuta os diretores, não escuta os... Então, é toda uma hierarquia, parece casta indiana, que cada um manda no seu, na sua caixa e não quer saber, não tem ascensão, não tem ascensão, não tem a voz. Por exemplo, você vem aqui e fala para mim _ " Olha, eu acho que esse vaso não está bom aí. A senhora pusesse outro vaso, não sei o que, não sei o que lá, ficaria melhor... " _ escuta aqui... e sai aqui, não adianta porque não faz. Então foi um trabalho de formação da Equipe. Primeiro para compreender o que é o Grêmio, que tinha que ter uma sala para o Grêmio, eles tinham que ter uma mínima de estrutura, uma escrivaninha, agora o computador, agora, mas alguma coisa. Como é que vai trabalhar se não tem nada, né? E eles, os Grêmios, aí, daí primeiro o trabalho delas. Aí já acertou, queira ou não queira, eu digo _ "Não, não. Vai ficar. Se vocês não concordam, até acham que é bobagem, mas eu estou dizendo a vocês e provo cientificamente o que é a importância da participação, o que é dar voz a quem não tem. Então aqui vai ser assim"! Aí baixa a sua cabeça, porque não dá, né?

Assim como o planejamento, elas não faziam. Mas era eu que coordenava, né? Cada um, cada escola planeja o seu trabalho. Como que eu vou planejar na Secretaria o trabalho de todas as escolas, se eu nem conheço todas as escolas. Elas ficaram p**** da vida, porque não queriam fazer o planejamento. Gerneram ali, porque eu acompanhava. Ficavam gemendo. Era reunião semanal. Quanto ...tá, quais eram os objetivos, qual era lá...lá...lá... Neste planejamento, estava o Grêmio. _ "Como é que vocês estão lidando com isto? Como que é o espaço? Se não tem um espaço, nem que seja no pátio, tem que encontrar um pedaço que eles possam se reunir" Sempre tem dentro da escola, na biblioteca, algum lugar para eles. E aí, fui acompanhando as iniciativas. Depois aí a seleção: quem quer pertencer ao Grêmio primeiro. Aí entraram os dois meninos, depois que foram selecionados. Quem queria fazer parte do Grêmio? Entraram os dois meninos que eram meus assessores lá.

(Sobre a indicação dos nomes dos assessores) Lembro, um trabalhava na, como é que chama? Na Prefeitura de São Vicente, se chama, eu vou lembrar, é um gordo. Eu não sei, mas ele continua militante do PT e é fácil de eu achar ele para você. Porque ele que ia nas escolas enfrentar as pedras lá. Porque os meninos não tinham experiência nenhuma também... De falar, de discutir, de argumentar suas coisas. Então, esses, (X.). É. Estava na Prefeitura de São Vicente como assessor do prefeito. Como é que é as coisas vão, né? Agora eu não sei mais se está. A prefeitura mudou e eu já não sei. Mas, eu posso localizar ele. Aliás, eu tenho ele no meu *Facebook*. Ele é ótimo, a pessoa que ele me [inaudível - 12:26]

(Sobre a lembrança do nome do outro assessor dos Grêmios) não, só desse... Só desse que continuava no PT, isso? Tá, é achando um, a gente acha o outro. Eram dois e esses dois jovens. Que tinha que ter um jovem para conversar com os meninos, que não era eu que ia falar com eles, né?

E aí eles iam de escola por escola, ver esses que queriam pertencer a um Grêmio. Quem era, quem não era, e discutiam um pouquinho, e com eles na Secretaria eu discutia o que era o Grêmio. Era eu na reunião semanal. A pauta também tinha Grêmio, para saber também o que eles iam falar, né?

Bom, e além do mais, eu tinha na prefeitura de São Paulo, o Paulo Freire. Um dia eu chamei o Paulo para vir. Eu falei: _"Paulo, vem aqui me ajudar para discutir conosco o que era a participação popular. Que quer dizer isso? Quê que é participar? Quê que é? Por que que é importante participar? Paulo Freire. Bom, então a coisa era linda. Funcionou perfeitamente, né? Mas, foi todo esse trabalho, entende?

Não é uma coisa e agora tem um agravante. Eu mandava nas diretoras também, eu era a Chefe de XXXXX, a XXXXX entregou para mim. Então, eu tinha este poder de convocar a Equipe Técnica e formar a Equipe Técnica. Na formação, aí veio o Paulo Freire, por que a **participação?**

(Sobre a postura dos professores e Equipes Gestoras): Então, coisas importantes e coisas delicadas de fazer. Porque elas foram formadas sempre naqueles parâmetros conservadores de hierarquia. _"Aqui mando eu, não tem ninguém que dar palpite. E não quero bagunça na escola." E não quer nada. Então. Bom, inovações propostas em relação com o que já havia existido. Ora...

(Sobre os centros cívicos nas escolas municipais de Santos): Não tinha, não havia existido. Não tinha nada. Tudo era... o Grêmio não tinha. Era uma hierarquia como é, não sei se é hoje, não sei. Não posso dizer se eu acho. Mas era uma hierarquia daquelas, a que a diretora manda, a supervisora, a coordenadora obedece, e tinha a orientadora educacional que obedece, e por assim a pessoa vai obedecendo, e assim vão indo. Então, nós mexemos com isto.

(Sobre ocupar um cargo na SEDUC): Quer dizer, eu não mando em nada. Eu estou aqui ocupando cargo provisório, vou sair logo. Quê que eu quero, eu disse isso em Santo André... Santo André ainda tinha mais força, eu não era Secretária também. Mas era XXXXX. Meu objetivo é que daqui a quatro anos, eu saio daqui e vocês assumem esse papel. Dito e feito. As meninas são, olha... maravilhosas. As supervisoras, eram todas mocinhas, não sabiam nada, meio perdida, né? Hoje elas são quadros. Porque eu acho que a gente tem que empoderar os outros. Porque, né, vai ficar, né? Ainda mais com a política então, acaba. Então não deu muito resultado.

Agora aqui, tudo era inovação, tudo era novo. Agora, uma coisa também, que era, foi muito nova, mas muito inovadora, e que de certa forma influenciou tudo foi transformar o Acácio numa escola experimental. O Acácio era uma escola experimental de formação de professores que eu pagava uma bolsa de estudos para cada professor que ia fazer uma formação lá, para quem ia estudar lá no Acácio. Para os professores, mentira, para os alunos. Professor tinha seu salário.

O aluno era tempo integral e ele recebia, que nem uma bolsa para ele comer, coisa de, ajuda de custo, né? Pois, é. Então todos os alunos que estudaram lá, porque a gente percebeu que os professores eram um zero à esquerda aqui. Nada. Sabiam nada. Vamos fazer uma escola de formação de professores aqui de gente, uma escola boa.

Então, o Acácio tinha esse papel, foi muito, era maravilhoso. Quando eu vejo ele abandonado, hoje... O prédio. Tenho uma pena, o que era a vida daquilo. Os estudantes tinham bolsas, eram bolsistas. Estudante de escola de, eram futuros professores. Então, era... tinham acabado o segundo grau. Iam ser ainda, pensar ainda se iam fazer. Até antes, eu acho

que não, eu acho que já era, ele era o curso de Magistério. Era Segundo Grau, nível médio. Isso, mesmo. Esqueci. Que não era nível superior. Era nível médio, dava uma bolsa para cada um.

Os professores não, os professores tinham um salário diferenciado [por]que era tempo integral. Ficavam o dia inteiro na escola. A fina flor. Com isto e o corpo docente para esta escola, eu que selecionei. Quem ia trabalhar agora com esses alunos. Eram gente muito esclarecida, então muito boa, muito estudiosa. E essa gente toda ajudava nessas discussões todas, né, que estavam havendo.

(Sobre a formação dos Grêmios nas escolas municipais de Santos): Não, nós formamos Grêmio em todos. Não teve um primeiro e depois vai. Já foi. Quer ver, não sei se teve uma portaria. Porque é de lei.

Em Santos, podem, devem se organizar em Grêmio. Só que ninguém cumpre e larga a mão. Eu não me lembro mais se foi portaria ou não, mas o que eu tenho aqui? Eu tenho, deixa eu ver, não, mas eu tenho de Santo André. Eu tenho o que a gente chama de Revista de Educação mensal. Eu posso lhe dar essas, emprestar essas revistas para... Você ver se tem algo que lhe interessa. Em Santo André, também foi o mesmo processo. Nós também organizamos os Grêmios lá. As revistas são de Santo André. As de Santos são da Discussão do Currículo, eu acho, não sei, eu vou ver. Bom, Estatuto tem, Estatuto eles fizeram. Eu não tenho, mas existiu um Estatuto, tem que fazer, né? Regras comum de convivência. Então, o Grêmio tinha que ter ali, isso era discutido os meninos com os Grêmios.

(Sobre o Estatuto): Cada escola tinha seu Estatuto. Não, cada um tinha o seu regulamento. Bom, incentivo total, né? Dinheiro, não. Recurso público, não tinha nada. A gente viabilizava o espaço que daí tinha que comprar coisas né? Naquele tempo, nem sei se era de computador, acho que não era... Não tinha computador, mas enfim, uma salinha para que eles pudessem. Foi muito legal, uma experiência linda, se você visse eles assumindo a responsabilidade da escola, de organizar os alunos, organizar, por exemplo, tinha as... chegou até ter isso, aluno com dificuldade de aprendizagem, o Grêmio que organizava os grupinhos e até os meninos iam trabalhar. Iam ajudar aqueles que não entendiam as coisas.

Hoje fez a outra revolução que teve no XXXXX, na escola de Educação XXXXXXXX. A maior inovação nossa não foi nisto, foi nas salas de apoio e de tirar do XXXXX, que era um tabu, lá ninguém mexia, porque era o que, uma escola linda. Você conhece o XXXXX? Não é linda? Feita pelos pais de crianças riquíssimas que eram XXXXXXXXXXXX. Eles que fizeram tudo aquilo lá, aquela beleza de escola. Só que era quase um m***** quando nós entramos lá, isso aqui não vai ficar assim. As crianças, para você ter uma ideia, tinham que andar de mãozinha para trás e cabeça baixa em fila. O que é isso? A não... é porque vai tocar no outro. Olha. E aí foi uma revolução. E ali nós tiramos 300 crianças que não tinham XXXXXXXXXXXX, que tinham dificuldades de aprendizagem e os professores não dava aula lá porque aí aprendia no XXXXXXXXXXXX. E com isso a gente criou as salas de apoio que funcionam até agora. Que agora são as AEEs.

Aperfeiçoou, mas nós que começamos em [19]90. As salas de apoio, a XXXXX, que é que, a XXXXX que é do Estado em Santos ainda é, que é ótima, e é professora ainda das salas de apoio. Saiu, prestou concurso de coordenadora, entrou, não gostou, voltou para sala de apoio.

E eram essas salas de apoio, eram, não eram crianças deficientes, eram crianças que tinham uma ou outra dificuldade, nos métodos também dos professores, que dizer, unia uma série de coisas. Então, a XXXXX não tinha grandes trabalhos. Deixava claro a lógica do que era aquele, aquele tema de aprendizado, ou matemática ou linguagem. E quando eles estavam no ponto, voltavam para sala. Então esta foi a grande inovação de [19]90. Não foram os Grêmios.

Os Grêmios também foram muito bonitos, mas não era, essa era mais difícil também. E aí começou a intervenção do (nome da escola) duro de conceder, de ter a compreensão que um aluno com deficiência mental tem possibilidade de aprender, não é idiota. E elas trabalhavam na linha clínica assistencialista que é: _ "Ah, coitadinho ele não sabe, ele é doente". Doente e ponto.

Não é doente, é uma deficiência mental. Não é uma doença e que pode, ele sim pode aprender. Aí com o Vygotsky ainda não entrava no Brasil nessa ocasião. Nem os livros do Vygotsky... não tinha. E nós com os argumentos meio fraco porque não tinha muitos teóricos que nos ajudassem na... parecer científico, que uma criança com deficiência mental aprende. Então, olha as inovações. Então aqui acompanhamento dos estudantes... tinha meu e dos meninos...

Tratamento das questões relacionadas à cidadania, comunicação, cultura, esporte, é. É isso. Em geral era mais ou menos isso, né? Agora, não era assim tão separadinho. Eles é que definiam também, né? A discussão deles, né? Temas, por exemplo hoje, jamais seriam só isso aqui. Se não tem a questão da... de gênero, da questão sexual, a questão da organização sexual, coisa que tem que ir no Grêmio.

Tem que discutir. É de certa forma, principalmente, olha isso tudo a gente não estava tão preocupado, nós estávamos preocupados é na inclusão. Inclusão de temas inclusive, tema como sexo que era, né?

Então a mesma concepção que norteou o (nome da escola) que era inclusão das crianças, nós íamos acabar com o (nome da escola). Chegamos a diminuir muito, só que aqueles mais comprometidos. Mas depois outros governos vieram e começaram a encher outra vez.

Mas enfim a essência, essência, essência era o direito à educação e o direito a ser respeitado como diferente. E no Grêmio entrava nessa. Então era o grande... era isto, o Grêmio não é que era o só os bonitinhos, aqueles que sabiam. Era se as pessoas... a discussão para seleção do Grêmio. Isso eu discutia com os meus lá, com os assessores e eles iam lá com os critérios para entrar. Primeiro precisava querer e assumir uma responsabilidade. Você não vai lá para brincar.

Você vai assumir uma responsabilidade de orientar todas essas crianças nos seus direitos, nos seus direitos. E se houver uma coisa, o Grêmio vai em cima. Se houver... um vai embora, fora da aula por nada. Porque eu sabia como era o modelito, né? Falou mais alto, fora. Ou então não aprende, abandonado lá. Tudo isso o Grêmio tinha que ver. Por isso tinha que ter formação para eles. Eles tinham que acompanhar. Não que eles fossem decidir e tal. Mas eles tinham que acompanhar e discutir com os meninos, que por sua vez discutiam conosco. Traziam os... os problemas. Bom então aqui além dessas questões, a essência era a inclusão.

O sentido do pertencer. O aluno tem que saber que ele pertence a um grupo que se chama o grupo de alunos. E o Grêmio representa esses alunos. Aí os Líderes de Classe faziam as eleições, cada classe tinha seu líder. Por sinal, tinha o contato direto com o Grêmio. Você vê que é tudo, né? Agora é uma concepção, isso aí não é, esses daqui não têm, eu não sei como está, mas não acredito. Mas enfim...

Potencial formador do Grêmio, que tipo de pessoas você pretendia por lá? Bom, nós, não só do Grêmio, nós em relação a conceito de educação que cidadão queremos formar. Cidadão participativo e, outra vez, que pertence a um grupo, que luta por seu grupo, que participa das coisas, que propõe. Então é uma pessoa ativa, não é uma pessoa que fica esperando que o outro venha falar. Então era esse o cidadão que continuamos na mesma coisa. Não mudou nada. Que é este cidadão que se sente como membro social.

Agora, eu fiz a minha... o meu mestrado foi de Ciências Sociais com Florestan Fernandes e Octávio Ianni e Maurício Tragtenberg. Veja quem que eles foram pegar

aqui. Então era isso. Eu tinha muito claro, tenho muito claro, a questão sociopolítica. E é, e o Florestan então ele dizia assim: _ "Oh, se não houver participação popular, não há processo democrático. Não há. E se não há democracia, o oposto é o regime forte, de imposição".

Que é o que nós estamos vivendo agora... O regime de exceção e é uma ditadura de uma outra forma, que não tem os militares. Mas que faz o que quer e todos tão obedecendo. Tem que obedecer. Então, nós estamos vivendo no inverso agora. Quer dizer, tudo que nós conquistamos caiu por terra. Tudo. Então a história cíclica é assim. Só que nós não morremos, nós estamos aqui ainda.

Bom, impacto diferencial nas escolas, corpo docente, discente, funcionamento da escola. Eu sei o que você quer dizer. Olha, alguns até que tiveram um impacto interessante, mais forte, mais. Tem escola, sempre teve, o (nome da escola) por exemplo, o (nome da escola) ...

O (nome da escola). O (nome da escola) era uma escola porreta, que funcionava na (nome do bairro). Tinham escolas maravilhosas e tinham escolas m***** também, não faziam nada. Este aqui é bom, era também. Como é que se chama mesmo, mesmo? XXXXX, boa escola. **Boa escola e participativa. (Nome da escola) é muito boa.**

E até as escolas de Educação Infantil que não tinham Grêmios, mas já tinham a concepção de ouvir a criança. Então, a influência nas outras era grande. Porque também mudamos a concepção da escola, outra inovação.

Não é jardim da infância, a criança tem um saber. Ela nasce, ela tem um saber, ela trás da família dela, da relação familiar, o saber e vem para escola. Então, aqui é a noções que nós vamos dar, tem que ser dadas às crianças. Noções, não conceitos.

Mas, é desde a pré-escola, que não era "*savoir-faire*". Dá para brincar, não é só brincar. O brinquedo, muito bem, lógico, é lúdico, é fundamental. Só que ele tem um sentido quando eu estou brincando. Quê que é a conversa, a brincadeira? Quê que é que tão discutindo? Então foi de certa forma foi influenciando em todo o sistema. Porque era a concepção de um sistema. Não era a concepção de uma escola, era pensar um sistema de educação Municipal. Bom, aqui, bato o diferencial aqui. Então o corpo discente há influência, discente dos alunos, né?

Docente também. E aqui, não eu não fiz, mas lá em Santo André eu fiz a formação dos funcionários da escola. Para respeitar as crianças também, para saber qual que é a função dele. Olha, foi a melhor formação que eu fiz na minha vida, eu mesmo fiz. Eu tinha uma Equipe grande, eu tinha uns 20 professores, que nós tínhamos 1400 funcionários. Desde a mulher que faz a comida até aquela que lava o banheiro, tudo. Da biblioteca, tudo, que eles que mandam nas escolas. Sabe que eles sabem tudo, né? Muito mais que o diretor, mais que tudo. E são invisíveis. Eu dei visibilidade aos funcionários. Que as diretoras... eles falavam para mim: "_elas só olham para nós quando precisa da gente para levar café para visita. Senão, não cumprimentam e não olham na cara." Então, esta é a realidade.

Então, de certa forma, foi influenciando no funcionamento da escola. Movimento, né, bem? Que elas não querem, não queriam. Aí sabe, eu era minoria. Sempre tem aquela gente que, uma minoria que quer destruir o que você... ou tem medo. Nós estamos estudando isso no Deleuze, professor tem medo do novo. Então, toda inovação, ele tem tanta, de certa forma, responsabilidade de que a criança aprenda que eles acham que se é novo, ela pode não aprender e ele vai ser culpado por a criança não aprender.

Então também tem o professor aqui no meio, que é bom. As formações dos professores eram muito sérias. Toda semana. Duas horas ali. Para você ter uma ideia o que enfrentamos: HTP (hora de trabalho pedagógico). Que não era para fazer tricô e nem crochê e nem fazer nada. É para estudar, para colocar as dificuldades que tem e discutir as estratégias de solução coletivamente. Essa é a formação do professor.

E aí você sabe, porque eles não queriam nada, deixavam na hora e também discutiam os textos, né? A formação teórica. Hora de Trabalho Perdido. Não conseguiam ligar a questão teórica a prática pedagógica. Ou “Hora de Terrorismo Petista”. Porque tinha que estudar os textos. Tudo isso aguentou [...] é terrorismo petista. Vai estudar. Vamos estudar. Porque nós não nascemos sabendo e vamos aprender. Só depois da morte que a gente para.

Eu tenho 80 anos, estou num curso, grupo de estudos na UNICAMP [Universidade Estadual de Campinas]. Pô, e estou aprendendo com eles, eu não sabia também. Então, teve aqui o impacto foi muito grande no docente porque é muito cômodo você ter o livro didático e dar aula. E nós não queríamos nem que usasse, na verdade. Era fazer pesquisa em biblioteca. Então o impacto foi imenso, a favor e contra.

Formamos gente. Os que formaram no (nome da escola) ... vieram da nata dos professores e outra nata que se formou de professor.

De maravilha, foram os de Educação de Adultos, que eram considerados de segunda categoria. Tudo que acontecia na escola, eram os adultos responsáveis. Professor e alunos... Discriminação absoluta, total.

Aí a XXXXX que formava, ah, tinha o Grêmio deles também. Você poderia entrevistar a XXXXX. Porque tinha o Grêmio dos adultos. E aí a XXXXX que era uma formadora de primeira linha empoderou esses professores, começando... levando ao teatro e ao cinema. Começamos por aí. Nunca tinham ido. Depois os alunos também. Então a... até o funcionamento do curso de adultos, incomodava a diretora, responsabilizava eles por tudo quanto era coisa ruim que acontecia na escola. Não deixavam, tive que baixar uma portaria, para a biblioteca ficar aberta a noite para os adultos. Porque não deixavam ir. Então, era.... sabe, todos os preconceitos. Foram coisas muito fortes e pesadas, né?

Bom, os frutos colhidos, nem sei, viu. Nós tivemos uma rede diferenciada, muito diferenciada. Na ocasião, foram oito anos, né? Mas, eu só fiquei no (incompreensível), só no primeiro ano e depois a XXXXX, queria porque ela queria ser Secretária, falei: _ "Vai ser, ué" Era eu a Secretaria, quando a XXXXX saiu fiquei eu.

Ela quer então pode ir! Vai ser Secretária, não tem problema nenhum! E aí foi, não deu continuidade porque não tinha eu! Não é me gabar, pois eu sou uma pessoa estudiosa. Se eu não sei, eu vou saber. Eu vou atrás, pra, né? Para aprender. E essa gente, essa, fica só atrás de cargo, não era meu problema. Então, eu não posso dizer para você...

Na ocasião eu acho que era uma rede diferenciada. E ainda existe professores da época. A XXXXX disse que existe, eu não sei por que eu não convivo com a rede. Mas a XXXXX, que era a coordenadora da cidade, agora voltou a sala de apoio porque não quer mais ser coordenadora. Ela, a XXXXX, são pessoas que eram da nossa época, e dizem que na rede as lideranças, hoje, são aquelas... Então, sempre tem frutos. Porque era um curso intensivo. Toda semana ali, com os textos, essas coisas, né?

Bem, relações com outras organizações e movimentos juvenis estaduais, nacionais e internacionais. Eu acho que teve muito pouco. Na ocasião a UNE estava destruída, porque a ditadura acabou com a organização estudantil. Então, foi em [19]89/90, a ditadura foi até [19] 85, tinha pouco tempo para os estudantes se organizarem. Eles, hoje, são muito melhor, aliás... os estudantes, a UBES hoje é mais forte quase que a UNE.

Os Estudantes Secundaristas, que são os da ocupação das escolas... Fortíssimos. Então eu acho que não tinha essa, eram tantos problemas locais que eu acho, até que eles deviam ter ligação, mas eu não posso afirmar para você, porque os movimentos, nós estávamos retomando os movimentos quando começaram as administrações do PT. Nós estávamos retomando aquilo que a ditadura tinha acabado com tudo. Não tinha mais movimento. Então aqui foi a primeira administração do PT, né?

Em [19]89, tinha 4 anos que tinha acabado a ditadura. Ainda estava... tinha muita gente presa ainda. Ainda estava, estavam começando, né? Então foi o início do

processo dos movimentos populares, foi o início. Mesmo assim criamos os Conselhos. Temos aqui e em Santo André os dois lugares, que começamos. Santo André já estava mais forte, que era o orçamento participativo. E tinha orçamento participativo nas escolas, elas, então o orçamento da sua escola é 5 mil reais? Toma aqui o dinheiro e defina com a comunidade escolar o que vai fazer. Não é a Secretaria que dizia o que vai fazer, entende? Foi maravilhoso que Santo André foi uma revolução, porque nós íamos para os bairros. Mas aqui estava começando também, tudo aqui foi mais, o início de uma tomada de consciência das pessoas que já podiam começar a se organizar. Porque a ditadura proibia. Mais do que 2, presos!

Então faziam 4 anos. Então era, no tempo histórico, isso é pouco. Bem pouco mesmo. Então era uma coisa mais tímida, mas mesmo assim deu para movimentar.

(Sobre o fim da atividade Gremista) Bom, o processo de desmonte. Não, não. Não porque eu saí daqui, no governo do David, eu fiquei 4 meses na Europa. Gastei todo o dinheiro que eu ganhei aqui. Falei: _ "Agora eu vou gozar a vida". Depois, logo depois, ah, fui pra... por isso que eu não sei, fui para assessorar o Dante de Oliveira, no Mato Grosso. Fui organizar também. Aí você vê que era um momento de organização.

Organizar os Grêmios, os cursos de adultos que estavam todos esfacelados. A ditadura acabou com tudo, né? Então nós fomos para outra vez retomar. Então eu fiquei no Mato Grosso até o ano 2000, não, [19]97. Eu saí daqui [19]94, até [19]97, [19]98, eu fiquei lá com o Dante. Aí eu fui para Santo André, fiquei até o ano 2000. Depois aí eu trabalhei em Guarulhos, mas, não foi mais, eu não quero, por princípio ocupar cargo. Se falar que é cargo, eu não quero ir. Posso assessorar, mas cargo não dou. Por isso que eu não sei. Esse desmonte. Mas isto se você perguntar para a XXXXX no XXXXX, ou talvez, o XXXXX saiba. Eu acho que o XXXXX sabe, porque ele ficou aqui.

Ele era mocinho, ele aí estava no meio dessas... Do povo, né? Mas eu saí daqui e saí da cidade. Eu fiquei quase que morando em Mato Grosso, fiquei uns 7 anos lá. Bastante. É bastante. Então é isso.

(Sobre as documentações da atividade Gremista na década de [19]90) Acesso a documentações da administração... Publicações que remontem os processos da educação do Grêmio. Ah, sei.

Até os livretos que nós fizemos do currículo com disciplina, a XXXXX mandou queimar. Para você ter uma ideia, eu tenho, porque as professoras esconderam, falaram que não tinham. Porque foi feito por eles. Eu reuni os professores de História, os professores de Geografia, os professores de Língua Portuguesa, de Matemática... E eles é que fizeram... quem escreveram os livros.

São livrinhos pequeninhos, chamados "Opúsculo". Uma coleção de uns 15. Alguns pegaram e esconderam e falaram que não tinham. E os tontos que deram... mandaram queimar!

Então, até isso. Agora, aqui, eu não sei se tenho... eu não tenho, eu fiz revista aqui? Eu fiz revista em Santo André, que era eu mesma que coordenava as entrevistas. E em Bragança! Mas em Bragança eu só trabalhei 1 ano, não deu tempo de organizar Grêmio porque era uma confusão tão grande com os professores que... e com os diretores. Porque eu passei aquele ano formando os diretores. Porque não adianta você ir só com os alunos, se os diretores...

Agora o desmonte houve, porque os diretores foram trocando. Bem, não interessa a ninguém ter Grêmio. E no Estado é o mesmo, viu? Agora documentações eu não sei, sinceramente não sei. Mas eu também acho que isso pode, poderia informar era o XXXXX, a XXXXX pode ser que saibam. Não sei se ela sabe, porque ela trabalhava mais com a questão dos deficientes, né? Mas, não sei, a XXXXX, eu posso ligar para XXXXX. A XXXXX era minha, coordenadora geral, e ela também ficava muito com o XXXXX. Como

ela não quer fazer nada mais que tenha relação com nada, é melhor eu falar com ela. Eu vou dizer: _"XXXXXX, você tem, ou aonde eu consigo alguma coisa?" Quem sabe ela tem guardado. Se é que ela guardou, né? A questão da legislação, mas aí eu que me entendo com ela. Porque ela não quer nada que seja relacionado. É uma pena porque é muito capaz. Mas não quer, não quer.

Agora a XXXXX está no Cidade de Santos. Ela, então se eu for lá no Cidade, você já conversa com ela. Eu também posso mandar um Zap [WhatsApp] para ela e dizer que você vai. Porque ela estava comigo na Secretaria, ela também viveu o processo. Ela era... estava na sala de apoio do (nome da escola), mas estávamos nós todos. Estava com o (nome da escola), com... era muita coisa.

E os adultos, e a XXXXX fala dos adultos para você. A XXXXX mora aqui, que também eu vou pergunta para ela. Ela mora aqui na Carvalho. Antes do Canal 1, pertinho daqui. Mas, não sei como é que pode, sabe, tem pessoas que não... Eu pergunto para XXXXX e pergunto para XXXXX. Se elas receberiam você, ou se elas têm alguma... coisa para mim. Se falar para mim, eu vou. Porque eu não lembro. Porque eu já estava no outro... outra coisa. Tinha que cuidar de tudo, né, bem?

Eu não tinha só Grêmio, eu tinha o sistema. E eu pensava o sistema. Então, é, eu não tenho, eu realmente não lembro mais. Agora como foi, nós quando, o PT sai do governo, depois do governo do David. O governo do David na Educação foi um desastre também. Teve 4 secretários. Então cada ano...

E depois o Beto Mansur e esses outros bichos. Ó, não sei. Sinceramente, não sei nem que é secretário. E eles não permite nem que eu pertença, olha que, ao Conselho Municipal de Educação. Eu queria entrar no Conselho. Não abre. Diz que não tem vaga. Cada vez que eu quero entrar. Você veja como são as coisas. Porque se eu entro, eu sei o que estou te falando. Eu queria pertencer ao Conselho aqui. Primeiro porque não funciona nada, é horrível, burocratizada com as mulheres. Leem só ata, olha ata daqui a pauta é essa, essa e essa, eu já ia interferir. Mas que pauta é essa, essa e essa? E nós também temos que falar que pauta é, né? Então, eles não querem a minha presença. Por isso que eu não sei nada, não sei nada mesmo. No pré também tinha afastado. Não tenho nenhuma informação, nada.

E essa escola aqui é. Como é que se chama essa escola? (Nome da escola). O (Nome da escola). O, tinha a XXXXX como diretora. Era uma das escolas de ponta. O (nome da escola), (nome da escola), o (nome da escola), eram escolas grandes e de referência. Mas eram. Não tem mais ninguém lá, não sei como que é. E nem sei se tem Grêmio. Mas acho que não custa você ir numa delas e dizer _"Escute, aqui tem Grêmio? Ah, não tem? Por quê? Nunca teve?" Só para você saber. "Ah, nunca teve?". _ "Ah, não é do meu tempo" elas vão falar, aposto que já é a resposta. "Não é do meu tempo" Quer dizer é do tempo, tem que saber se teve. Se teve.

Agora tem o XXXXX. Essas que eu estou dizendo para você que eu lembro. E o XXXXX também, a XXXXX pode ser que possa ajudar um pouco vocês, porque ela está no XXXXX ainda. E foi coordenadora até o ano passado. Se tiver [inaudível - 50:23] XXXXX é um colégio importante, né? Você, da onde você é?

(Indicação da escola onde a entrevistadora trabalha): Ah, daquele. Mais nova, eu sei qual é. Tem o XXXXX e o XXXXX aqui. Então, o XXXXX não vai ter nada. O XXXXX é novo. Mas essas que são mais tradicionais eram pontas de lança nossa. Aqui o (Nome da escola) era muito importante, a XXXXX está lá, maior força. O (Nome da escola), eu não me lembro a diretora, mas era gente muito ativa, muito boa. Então eram escolas que foram influenciando as outras também e algumas mais tímidas. Mas, da Educação Infantil, o (Nome da escola) era ótimo e dos adultos, que eu não sei nem se tem ainda. A XXXXX, eu vou te, vou falar com ela, vou me comunicar com ela. Ela sabe tudo, porque ela até pouco tempo ela dava aula para adultos na igreja do XXXXX, lá na XXXXX. Mas, ela sabe.

E aí o material, não sei se lhe interessa de Santo André, se interessa. Se você precisar está aqui. Daqui não tem revistas e tem essas que não tem informação porque são revistas para currículo. Mas eu ainda, me parece que eu fiz uma revista. Se eu fiz, as revistas estão todas aqui comigo guardadas. Eu vou ver para você, e aí eu separo se tem alguma revista. Síntese do governo. Eu sei que de Santo André eu tenho, de Santo André eu tenho bastante material. Bastante mesmo, e vou ver na de Bragança se tem a concepção do Grêmio. A de Bragança é belíssima a revista, tem de currículo, de tudo. Mas da concepção, né? Para poder argumentar.

Então, é isso. E essas pessoas são as pessoas que ainda, se você achar o XXXXX, o XXXXX, ele é muito desleixado, acho que não tem nada guardado. Mas ele sabe! Sabe por que estava na época... Conversa. Ele é muito boa pessoa, ele vai tentar. A XXXXX deve me informar a respeito de documentação, da legislação, e quando, a XXXXX também acho que sabe. Agora a XXXXX sabe quando os Grêmios acabaram, porque ela está na rede. E ela estava na Secretaria depois de mim também com eles aí. Depois saiu porque não aguentou. Evidente que outra concepção, ela não aguentou, não conseguiu ficar. Eles chamaram ela, mas ela: “_ Sinto muito vocês pensam de maneira diferente não quero”. Voltou para sala de aula. Ela sabe. E ela é ótima, você vai lá e ela está lá mesmo. Agora eu não sei como você que, você pode ir lá, eu não sei o horário dela, acho que é o dia inteiro, não sei se é de manhã, não sei o horário dela, não sei. Só falar XXXXX, todo mundo sabe. Que ela está na sala de apoio, ela voltou para sala de apoio. Ela não gosta muito das... dos cargos também. E eu também não gosto. Ela disse "Coordenadora, eu não vou ser mais." Ela entrou para ganhar mais quando aposentar, mas é melhor aposentar com menos: _"Não aguento aqui".

Então acho que esse é o caminho para você. E você quer isso para a faculdade? É seu TCC, não? (novo esclarecimento quanto ao teor da dissertação de mestrado) A história dos Grêmios?

Agora eu por minha vez, da minha parte, eu posso perguntar para XXXXX, que é diretora da Comissão Nacional Educacional do PT, se nós não temos. Ela é diretora da Fundação Perseu Abramo, justamente na área de formação, se tem alguma, eu acho que tem, na fundação tem. A Fundação Perseu Abramo, lá que você devia ir, sabe por quê? Ela é XXXXX, a XXXXX, que era a Secretária de Santo André quando eu fui diretora. E ela é ótima, maravilhosa, agora está ocupadíssima porque está prestando concurso para ser professora da Federal de Santo André, mas está acabando. Ela disse que já vai fazer as provas, não sei o que, não sei. Mas, na Fundação, ela não está nem atendendo o telefone agora, está lá [inaudível - 55:50] Na Fundação, eu não digo para você que eu tenho certeza, eu tenho quase certeza, que tem livros sobre a história dos Grêmios.

Outra coisa é a CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), por que você não entra no site? Da CNTE, que é, quem que está lá como presidente da CNTE? É o XXXXX, eu não sei o, meu amigo, eu não sei nem o sobrenome dele. O XXXXX que é o presidente. Mas eu acho que você entrar no site da CNTE você vai achar Grêmios.

E no da Fundação também, Fundação Perseu Abramo. É só perguntar. Livros, livros sobre Grêmios, história dos Grêmios. Pronto. Você tem a resposta no ato. Se falar: _ "Tem"... eu até posso pegar para você, eu trabalhei lá uns 2 anos na Fundação. Maravilhoso, maravilhosa. O que tem de pesquisa, o que tem, eu acho que eles têm. Eles fizeram uma pesquisa muito interessante. Por que a população pobre de favela votou no Dória? Votaram. Foram eles que elegeram, a periferia. Uma das coisas é imaginária, uma delas, que todo mundo quer, ser classe média. Média alta se possível. Ele representa isso. E ele conta a historinha dele que ele era pobre e que ele foi pobre igual eles e que aí chegou ali. Chegou no que chegou. Nossa! roubou muito! O XXXXX que contou ..., mas que ele chegou a ser agora candidato a prefeito. Então a história, ele conta a história que é de origem pobre. Então dá para dar esperança para eles... que eles também podem ser.

Eu falei: _ "Agora a 25 de março vai vender camisa pólo a 5 reais para os pobres todos comprarem. Porque ele só usa pólo e eles querem ficar igual ao Dória. Então o que é o imaginário popular? Ele chegou no imaginário. Não votaram no Fernando Haddad que fez toda o trabalho deles, em prol deles, votaram no Dória, que não fará nada vezes nada. A mulher dele fala assim: _ "Nossa viaduto com a Silva existe? Onde é?" Nem São Paulo conhece, porque eles moram nos Jardins numa mansão de 7 mil m². Se quer sabem do viaduto Costa e Silva, vila São João, esses negócios.

Não, não é, não tem. E a Fundação fez..., mas está interessante. Vários itens porque eles votaram no Dória. Se dava sobre tudo que a gente estava fazendo do transporte. A questão ontem eu estava ouvindo a Ermínia Maricato na Cultura, Café Filosófico, foi ela. E ela estava dizendo que o problema, o problema maior é a locomoção, é o transporte. Por que que eles vivem em favela? Não! É porque eles querem viver, eles precisam morar mais perto. Então qualquer coisa que tiver invasão... terreno... invadem e eles vão morar. Então a questão da urbanização tem que pensar, não diz que vai falar, incriminar o pobre, que o pobre mora na favela, que faz a favela, porque é ruim, porque é bandido, porque é isso, porque é aquilo, não é. Eles precisam morar. Você veja, no entorno aí quando a gente vai para São Paulo, das fábricas que têm as favelas. Porque se eles economizarem o transporte, já tá!

Aqui, o VLT... Os pobres não vão. Nenhum trabalhador portuário vai no VLT, que disse que era para o trabalhador. A 4 reais ninguém vai. Eles vêm de bicicleta, continuam vindo e não usam o VLT. No VLT... nada para ponto nenhum. Não tem nenhuma conexão com nada, é... saldos para o sr. Alckmin. Então é nada esse VLT, nada. Pouco, vai a pouco. Uma pessoa quer ir para São Vicente, mas é nada. O objetivo dele seria maior, seria comprido, se ele fosse muito barato ou de graça. Trazer os trabalhadores do porto e levar até a ponte Barreiros, lá. Mas não vai. E cobra e eles não podem pagar. 8 reais por dia, não podem mesmo! Dá quanto? Quase 300 reais por mês só de condução... não dá!

Então é assim. Por essas coisas todas é que a gente discutia aqui já, na década de [19]80. Agora eu estou vendo os lindos teóricos chegando naquilo que a gente já fazia... vai chegar. Na concepção de currículo, de ah, não, tem que discutir com o grupo-classe, quem define o currículo é o grupo-classe. Não é a Secretaria, não é o Ministério, não é ninguém. É lá, tem que ver o que as crianças querem, o que é significativo para elas, e aí compor os temas, discutir os temas que interessam. Pois é, não é que todos os teóricos, Rancière e tudo, estão falando a mesma coisa. E a relação que é a relação de amor. Se você não tiver, se você não amar os alunos, e eles não sentirem isso... consegue nada! Fala assim: _ "Ah, os adolescentes agora..." Ninguém aguenta.

Os professores todos ficando doentes ... porque eu sei que os professores chamam de idiota. Eles também apanham dos alunos. Mas por que que apanham? Chamam de idiota o aluno, discriminam, chamam de ladrão, favelado, aí, minha filha, você leva, você leva isso. Agora se você não tem nenhum amor, não cria uma relação afetiva, o afeto, a relação afetiva. Olha, eu estudo [inaudível -1:02:54], sou estudiosa dele. Vida quântica, entender essas vibrações aí, entre um ser e outro. Se não tiver isso, se não tiver o afeto. O Patrón tem um livro que se chama "Biologia do Amor". Ele prova o que que o amor ao outro provoca no seu organismo. O amor ao outro, não é o amor sexual. O amor ao outro. É percebe-se na relação.

Olha vou te dar um exemplo, só uma coisa, secar a bola, mas é para ilustrar. Foi criada uma rede internacional de Educação e me chamaram, cuja reunião foi no Paraguai, em Assunção... hotel. Quando eu olhei aquilo, eu falei: _ "Ih, meu Deus do céu". Mas todo lugar a gente tira um proveito. Aí vieram todos os conferencistas. Cada um! Não fui a primeira. Foram aqueles *Powerpoint* com aqueles gráficos, aqueles negócios. Até eu... Encheu meu saco! Até eu que sou atenta as coisas, já não estava aguentando. Porque sabe gráfico, quer ver gráfico e gráfico, e essa coisa. Enfim números. Definir a qualidade da educação através

de números é difícil, né? Mas eu escutei quieta, porque eu sabia que o meu ia ser tão diferente, que eu não sei o que vai dar aqui. Aí ele me chamou e eu fui lá.

Eu ia falar acho que o Pensamento Pedagógico de Paulo Freire, não tinha nada a ver com números. Bom, aí fiz a minha fala, completamente diferente de todos. Porque todos pegavam estatísticas e gráficos para mostrar a qualidade da educação. E eu disse que a qualidade estava na relação com o outro. Na compreensão do que é o outro, do respeito a suas diferenças, por Filosofia. Nada de ver com nada. Aí bom acabou o dia. Saiu um grupo de professores foi na direção do Congresso, falou se eu podia me reunir com eles. 40 queriam se reunir porque eles queriam conversar comigo. Eu falei _ "Meu Deus". Falaram se eu queria. " _ Senhora tem um grupo de professores, vai esvaziar o Congresso". _ "Vocês que sabem, eu não mando em nada aqui, eu sou convidada aqui. Mas se vocês permitirem, eu vou me reunir com os professores. Nem que seja uma hora. Escutar o que eles querem". O cara, o organizador do Congresso ficaram assim, né? Quem que era eu e como é que é que aqueles professores todos querendo saber de mim. Então fui lá e conversei com eles. Então os... e foi ótimo, foi um diálogo, um círculo de cultura onde cada um falou o que sabe... vamos chegar a um acordo aqui. Sobre o que estão discutindo de educação, o que estão fazendo, dificuldades. Foi isso que eu ia falar para eles, eu ia falar. Eu ia fazer outra conferência, né? Bom foi ótimo. Eles querem que eu volte lá outra vez, os professores. Bem, então, o que eu quero esticar a coisa?

Os professores, os seres humanos sentem quando o outro tem uma ligação ou não tem. Com o tema que estava se falando. Tem conferências que não tem nenhuma, que é pura técnica. E faz aqueles *Powerpoints* de matar de bonito. Mas não chegam no coração do outro, não chegam. Então eu tenho tido experiências muito, muito... Eu dou um doutorado no México e [inaudível - 1:07:10] um curso de doutorado. Fronteira dos Estados Unidos. Como é que chama o curso? "Educação para Minorias Excluídas". Oh, eu na inclusão outra vez. Porque a questão da imigração no México é, ali têm exclusão de todas as partes. Dos indígenas, do pessoal de Chiapas que estavam no meu curso, então é, minha vida é um pouco, essa agora. O que eu digo para você, eu trabalho em 10 países. Como que você trabalha em 10 países? Quem que garante isso, quem que paga? Olha, quem quer me convida. Eu não cobro por princípio, não vendo meu trabalho. Não cobro nada. Só tem que arcar com todas as despesas. Hotel, viagem, passagem. Aí eu tenho motorista, hotel, tenho tudo. Só que eu não quero dinheiro. Pagar vai pagar. _ "Se eu for cobrar, no mínimo é 500 dólares/hora. Vocês pagam? Não pagam, então é melhor não mexer com dinheiro". Porque é o que os conferencistas pagam. Você vê que eles ganham dez, vinte mil... trinta mil reais em uma.

XXXXX, eu falei: _ "Ô XXXXX, você também está hein?" Ele cobra vinte mil, uma conferência de uma hora e meia. Quantos dólares é vinte mil reais? Eu falei: _ "Olha não vem discutir com dinheiro, é melhor a gente dizer que não é nada, do que vocês... Eu sei que vocês não podem pagar. Aí vai inviabilizar meu trabalho. E eu quero vir, então vamos ver. Não paga nada. Só que têm que dar hotel, as coisas que eu quero, condições mínimas. Agora eu estou indo semana que vem para Bogotá. Vou falar a Vigência do Pensamento do Paulo Freire no Século XXI. Porque que hoje é atual falar da Pedagogia Freiriana? É isso que eu vou falar. Já está pronto, já. Semana que vem quinta feira. Daqui a uma semana, né?

Bom, Solange, então... Vou fazer um cafezinho para nós. Pelo menos, né? Pelo menos um café. Então, essas coisas, algumas coisas que eu não poderia responder porque eu não sei. Estou a muito tempo... É. Então, eu vou falar com a XXXXX, acho que é melhor a gente ficar com o Zap, não? Para poder comunicar mais fácil, né?

Para eu ver se ela pode atender você na questão do Grêmio dos adultos. E ela é uma pessoa maravilhosa, amorosíssima, competente. E com a XXXXX a respeito da legislação, esses negócios. E com a XXXXX você que vai, a XXXXX não precisa falar, mas eu vou

falar para ela no Zap que você vai. A XXXXX vai dizer para você quando acabou os Grêmios. Ah, o XXXXX, eu não sei.

No PT, eu tenho reunião amanhã, venho de Campinas e vou direto para a reunião do PT no escritório. Lá eles sabem onde eu acho o XXXXX. Onde ele está. Ele estava em São Vicente, mas agora não sei mais onde ele está. Mas eu vejo ele de vez em quando, ele está por aqui. Agora ele é a pessoa que pode falar melhor.

ENTREVISTA REALIZADA COM X.

- O critério utilizado para a escolha deste sujeito de pesquisa foi o fato deste ter pertencido ao processo de coordenação do projeto de Grêmios em nível Municipal.

O entrevistado foi um dos jovens remunerados pela prefeitura para estabelecer o vínculo da SEDUC com os Gremistas e Equipes Técnicas das unidades de ensino. O trabalho de assessor do projeto de Grêmios Estudantis buscava minimizar obstáculos para o desenvolvimento da proposta desenvolvida entre os anos de 1989 e 1996.

Início da fala de X. – (Sobre o registro de imagens) _ah, eu devo ter muita foto, tem que achar. E já faz tanto tempo, eu... Eu fui outro dia, nós fizemos a, acabamos de fazer recentemente um encontro dos dirigentes estudantis secundaristas da década de [19]80, fizemos o encontro em Mogi, ficamos um final de semana lá.

(Sobre a autorização da entrevista) _Ó, está tudo certo, aqui você, é os meus telefones? [...] Poder fazer o uso da eu vou pôr o daqui mesmo, o *e-mail* [inaudível - 01:45] olha e tem mais pessoas que antes de mim inclusive já faziam o Grêmio. Tem o XXXXX que foi presidente da UMES antes de mim, ele acabou, domingo passado eu vim, ele acabou de ser ordenado reverendo da Igreja XXXXX aqui, aquela da, em frente da... Não, do (localização). Em frente ao (localização). Isso. Bom, esse aqui é o meu *e-mail*. Particular, tá? Está bom. O XXXXX é capaz dele ter mais coisa que eu inclusive, anterior a mim inclusive. De coisas que já estavam acontecendo... No Município, na região. Ah! Nas escolas municipais?

Das escolas municipais só o Acácio, né? Porque as outras de Primeiro Grau só começou mesmo quando a gente fez lá o trabalho. Lá de fazer. Que aí começa de fato a ter, a ter uma ação nas escolas de Primeiro Grau, porque o Acácio já participava das ações do Movimento Estudantil antes mesmo. Aí nós já bagunçamos a XXXXX.

[...] Intervenção do T.N. sobre a modificação na ordem das almofadas do sofá que foi modificada. A entrevista com X. foi marcada na residência de T.N. para que pudessem relembrar juntos.

T.N.: Faz o que você quiser, porque você deve lembrar um monte de coisa que eu não sei. Aí você vai do jeito que você achar que é melhor [risos]. Aí essa cafeteira é o máximo.

T.N.: Você não está mais ainda no PC do B?

X.: Não, eu saí do PC do B fui para o PT naquela época do David, depois eu saí do PT...

T. N.: [inaudível - 3:59] eram do PCdoB, só que ele era responsável militante, mocinho, menino, mas era. E o outro do PT era o filho da XXXXX.

X.: Entrevistado: Você sabe que ele continua até hoje, né?

T. N.: Ah, quem não presta, não presta. Ele punha a jaqueta. Você lembra as jaquetas? Lindas [risos]! Eu não me esqueço, assim na, na... na cadeira e saía... embora e não vinha, só ele [X.] ficava sozinho.

X.: Não, isso foi muito. Porque quando, porque quando a gente... quando eu fui para lá, eu fui nomeado para o cargo que era do XXXXX inicialmente, no gabinete da Telma. Que era para formar lá o tal do Conselho Político. Aí a Telma pediu, lembra (T.N.)? Pediu o cargo pro PCdoB que ela queria trazer a XXXXX, lembra? A jornalista.

T.N.: Morreu ela, né?

X.: Isso, morreu. Ela morreu já tem uns 7, 8 anos, já tem um tempinho. E aí, e aí me indicou para ir lá, porque o XXXXX tinha ido para os Estados Unidos. Aquela coisa lá da AIDS tal, que era ele que tinha o cargo do PCdoB no gabinete lá. Aí me indicaram, cheguei lá, até aí tinha (T.N.), XXXXX e a XXXXX, era a tropa de choque da Secretaria da Educação [risos].

T.N.: Eu amo a XXXXX de paixão.

X.: Eu também sou apaixonado por ela, por vocês três. Porque aí as três falaram assim: _"Olha, você veio aqui, só que aqui é o seguinte" [risos]. Era mais ou menos assim: _"Só que aqui é o seguinte"... Porque eu fui lá como militante, eu cheguei lá, assim eu fui lá era do PCdoB...

T. N.: Ele era um menino...

X.: Militante. Chega lá e aí a mulherada virada no azougue! Todas elas alucinadas, as três alucinadas... Né? Porque é de verdade. A Secretaria da Educação é máquina de mães, gente. Né? Porque é um volume... e ela usava: _"Só que é o seguinte, o teu trabalho aqui faz parte de uma política, uma política pedagógica, tralalala e bararara". Me deram literatura para ler. Eu sei que no final das contas, me ajudou muito. Porque na verdade acabamos construindo esse processo dentro da Educação. Lá como política pública de incentivo a construção de cidadania e não um processo zoológico, que aí eles iam militar onde eles quisessem, né?

[...] (Extração do trecho sobre o café que foi servido e outras amenidades).

T. N.: Bom, podem indo. Desculpe eu atrapalhar.

X.: (Sobre a crença de que o primeiro Grêmio das escolas municipais surgiu neste período). Imagina. 2013/2014... Imagina... Imagina. Eu vou falar para XXXXX que ela não leu, caramba. Deixa eu lembrar, (T.N.), eu tenho a cartilha lá com a data de quando ela lançou o programa, eu vou te dar até a cartilha. Eu tenho mais de uma cópia lá. Não, eu tenho mais de uma cópia lá. [19] 90, acho que é [19]90, mas em [19]90 o Grêmio do Acácio já existia. Porque em [19]89 eu assumi a presidência da UMES no mandato tampão de 6 meses. É o Grêmio do Acácio já era, né? O XXXXX era o presidente.

O Grêmio... Do Acácio já era anterior do governo da Telma. No governo da Telma surge os Grêmios nas outras escolas de Primeiro Grau, que até então não se tinha. Porque se tinha muita dificuldade e o pessoal dos partidos não criou esse... se envolveu muito, porque é uma molecadinha mais nova que, né? E o processo é diferenciado. Então foi bastante, não foi um processo fácil, mas antes, o Acácio por exemplo é anterior a 90. Anterior, deve ser [19]88/87 é, eu posso até depois perguntar pro XXXXX lá para os meninos. O XXXXX hoje é jornalista, é redator lá em Londrina, articulista [inaudível - 8:46]. Ele foi presidente do Grêmio do Acácio. Então, tem anterior inclusive ao governo da... O Acácio, o Grêmio do Acácio nasceu antes do governo da Telma. O das outras escolas que nascem depois...

Depois da gente fazer o projeto, porque aí todos eles nasceram praticamente dentro do projeto, né? E nós construímos em todas as escolas, inclusive nas nossas que nós construímos... o 28 de fevereiro, o Edméa, todas elas tinham. Inclusive as escolas que nós

construímos no governo, nós também constituímos o Grêmio. Nas escolas de Primeiro Grau, né?

Alguns... tinha um pouco, era um pouco mais articulados, você tinha o pessoal do (nome da escola), era um pessoal bastante articulado, pessoal do (nome da escola) era bastante articulado, né? As meninas do (nome da escola) eram um grupo só de meninas, era super, super articulado lá que era aquela gordinha, como ela chamava? Uma gordinha. Eu não lembro, daqui a pouco eu lembro dela. Também era um grupo muito articulado, pessoal do (nome da escola) ... ali no morro do XXXXX. Também era um pessoal bastante articulado. Era um pessoal bastante... que era um menininho gordinho também. Esse virou advogado, esse menino. Ele virou advogado, é?

[...] Intervenção do T.N.

X.: Esse menino que era o presidente do Grêmio do XXXXX. Era um menino que também... muito bom. Também era, ele era uma boa liderança. Os meninos de (nome da escola) eram mais ruinzinhos, né? Então eram mais, assim tinham menos... tinham menos liderança, menos organização. Mais isso aconteceu na, na rede inteira. Ah, tinha umas meninas do (nome da escola), também bem legal. Tinha um grupo lá no (nome da escola) que formou foi bem legal. A gente, então assim, o processo, ele começa. Eu acho que começou mesmo logo em [19]90, logo que eu fui para lá mesmo. Porque a gente logo ali na sequência já lançou o programa. Mas eu tenho que confirmar lá na data exata.

A gente fez inclusive um instrumental, fez uma cartilha. E aí, o que que a Secretaria fazia? Que era meu papel na Secretaria, era ir na escola e destravar os instrumentos que impediam que eles conseguissem se organizar, né? E orientar eles no sentido de que instrumentos eles poderiam usar. Daí em diante a organização era deles, né?

E a gente, o que a gente fazia era tentar garantir sempre que eles tivessem os espaços, né? Que a participação deles... tanto é, e a gente fomentava muito. Todos, todas as Conferências de Educação. Todas eles deram uma bancada participativa. Então assim, se você pegar os registros das Conferências de Educação. Você tem uma participação muito forte, pelo menos naquele período até o governo do David, né? Tem uma participação muito forte desses, desse grupo, né? A gente, tudo, Feira do Livro... tudo tinha. Eles tinham Fóruns. Todos os fóruns a gente promovia com eles. No sentido lógico... não dava para querer discutir com eles, né, a, o processo pedagógico na essência filosófica não. Mas na prática, no concreto, transferir isso era o que a gente acabava fazendo com eles.

Então assim... antes disso, eu vou dizer para você. O Acácio é anterior inclusive do governo da Telma [risos]. Que já... que foi construído pela movimentação das organizações política ou... O Acácio... eu acho que o Acácio foi construído pelo pessoal do PCdoB. Mas eu não tenho certeza absoluta agora, né?

T. N.: O Acácio é aquele que eu falei para você... Que era aquele magistério comprido.

X.: Que era o Magistério e Contabilidade.

T. N.: Magistério e... Diferenciado. Era... hoje judiação... está abandonado.

X.: Nossa... Não, e assim, né? O máximo... mato crescendo ali. Eles vão desapropriam o Colégio Santista... assumem o Avelino ali do lado, né? Então ali ficou um, né? Um negócio de outro mundo. E o prédio do Acácio? Ele é um prédio, lógico. Tudo bem. Ele, hoje precisa até de adaptações porque a acessibilidade dele é zero, né? É... não tinha essa preocupação. Mas ele é do mesmo arquiteto que fez o projeto do Teatro Municipal, que tanto é que é a mesma linha, né? É do mesmo, do mesmo. Quando o cara fez, ganhou o concurso para fazer o Teatro Municipal. Ele deu esse projeto para a prefeitura. Aí, mas assim, isso aqui é há anos [risos].

E vou dizer, em [19]86/85/86 começou esse movimento, essa reorganização do Movimento Estudantil organizado. Assim do ponto de vista dos Grêmios. Porque o Centro dos Estudantes de Santos, ele por mais que tenha tido altos e baixos, ele nunca deixou de existir. E a UMES, que era a União Municipal dos Estudantes, na época ainda era União Metropolitana, que ela só virou Municipal já em [19]90 quando eu assumi...

T. N.: Tinha a UMES também.

X.: Tinha a UMES, é. Ela era metropolitana. Por isso que eu falei do XXXXX... Lembra do XXXXX, XXXXX? Do XXXXX padre. Que a gente chama de XXXXX padre. Que trabalhou. Ele acabou de virar reverendo XXXXX...

T. N.: Acabou de que?

X.: Se tornar reverendo XXXXX. Foi ordenado domingo passado. Reverendo XXXXX. Ele sempre foi ligado à Igreja, né? Ele fazia seminário quando, quando conheci ele. Aí ele se afastou da igreja.

T. N.: Por isso que você chama de XXXXX padre?

X.: É, chama de XXXXX padre. Porque ele era de outro grupo, né? Então era essas coisas. Ele tratava a gente também de forma meio pejorativa. Mas ele virou muito amigo da gente. Ele, depois de muitos anos. A gente brigou muito no Movimento Estudantil. Mas ao mesmo tempo, era um barato que a gente brigava aqui em Santos e compunha no Nacional, né? Então você brigava aqui e quando ia para o Congresso da UBES... Estava todo mundo junto. É porque lá o inimigo era maior do que a gente aqui. Então já tinha um trabalho que esse grupo tinha feito, né? Antes inclusive do grupo que o PCdoB acabou estruturando aqui, que era o pessoal da JS e tal, né? Porque o pessoal do PT, ele tinha, uma boa dificuldade.

X.: Isso que o (T.N.) fala é verdade. Assim, o PT tinha tudo para ser o grande partido da juventude, né? Porque era, tinha uma política mais flexível, era menos radical e tal. Então ele conseguiria ter. Mas aconteceu, o que acontece no Movimento Estudantil no Brasil todo. Que assim, acaba que o PCdoB acaba dominando pela organização, pela disciplina, pela dedicação que toma sobre o assunto. E isso aconteceu, né? Na entrada desse assessor que (T.N.) falou lá, acabou sendo por uma pressão da XXXXX. Lembro, que, né, que diziam que eu estava fazendo um movimento lá dentro para fazer com o PCdoB. É, não, é. Isso era o argumento que o pessoal, a juventude do PT, dava... tinha, mas era uma. Era na verdade a grande desculpa que eles tinham para dizer, para não, para não assumir o [risos]... O XXXXX falava assim: _ (X.), é, a "juventude do PT é senil" [risos]. É porque eles não querem nada! Até aqui teve um Congresso que o XXXXX estava acompanhando. Eles falaram assim, o XXXXX me encontrou e falou: _ "Vamos ganhar o Congresso de vocês". Eu falei: _ "Vai, XXXXX? Vai não". E o XXXXX estava andando com o [inaudível - 16:07] naquela época. _ "Ah, então eu vou fazer um jantar lá em casa e vai lá em casa para a gente conversar". Eu falei: _ "Então, eu vou fazer assim. Eu vou levar todos os delegados que o pessoal do PCdoB tirou e que escola tirou. Quem é do PCdoB, quem é ligado ao PT, quem é ligado ao pessoal do PSDB, quem é independente. Eu vou te levar a lista e aí você vai ver se a gente vai ganhar o Congresso". Aí ele chegou lá e ele "Aristóteles Ferreira?" [risos].

X.: _ "Eu tenho cinco delegados e você tem dois". Eu falei: _ "Você está louco?". Aí ele assim: _ "Como assim, XXXXX?" "Você está louco. Aristóteles Ferreira é a escola da presidente da UMES" que era a XXXXX. "É a escola da presidente da UMES. Lá eu tenho seis delegados e você tem um". _ "Não". "Então está bom, vamos para a próxima".

Aí eles foram... tudo. O Congresso, acho que deu uns trezentos delegados quase. Deu uns duzentos e noventa e poucos delegados. Tinha 260 organizados pelo pessoal do PCdoB. Não eram todos do PCdoB, mas que estava na linha de articulação deles e devia ter uns 30, né? E aí foi muito, eu falei, daí o XXXXX terminou e eu falei: _ " XXXXX, te avisei, certo?"

E eu, ele, ele disse que foi na reunião do PT. Fez um maior escândalo. Mandou os caras para aquele lugar. Aquele jeito do XXXXX, todo maluco. Mas assim porque tinha isso,

eles não faziam. Essa postura que o XXXXX tinha lá, é primeiro porque ele achou que ia lá para aparelhar, e que eu, não... Tanto é que a primeira coisa que ele fez _"Eu quero os contatos." _"Está aqui". _"Eu quero a agenda." _"Está aqui". Mas [inaudível - 17:37] estão todos aqui e aí ele não ia também. Então assim [risos] e quando ia, ao que, o que a gente pautava era política da cidade. A política da Secretaria então acho que é um pouco até... tenho certeza. O respeito que elas acabaram tendo por mim, porque assim de verdade, o meu trabalho lá era o trabalho para política da educação da cidade, que era política da construção da cidadania, não era, a política partidária do movimento organizado... Quem tinha que fazer era a UMES, era o pessoal da JS não era eu. Porque eu já não era mais. Por mais que eu fosse do partido ainda, eu não era mais. Eu nem coordenador da juventude era mais. Porque quando eu assumi, eu saí, por uma questão de... porque senão você, eles tinham que compreender isso porque eu por vários movimentos também o PCdoB às vezes falava: _"Não, mas..." _"Não, olha, não... Isso quem tem que fazer são eles."

Até porque eu profissionalizava dois deles para isso, de certo. Com o meu salário, inclusive, com parte do meu salário eu profissionalizava dois, dois meninos que tinham que fazer movimento. Eles têm que fazer, não sou eu. Eu tenho que fazer a política educacional, né? É o que, é o que, o que a política do Município tratava. Então isso é uma coisa que, que acabou acontecendo, mas depois disso, eu sei que a gente manteve isso até o governo do David. Depois do governo do David eu tenho pouquíssimas notícias. Até porque... porque depois que eu saí... Ah, eu tenho pouquíssimas notícias. Nas escolas municipais eu tenho certeza que depois do David. Nas escolas estaduais do Segundo Grau ainda se manteve pela organização principalmente dos, do pessoal do movimento ainda. Mas mesmo quando teve o governo do David que a gente saiu do partido.

Que quando a gente brigou lá e saiu do PCdoB, a... Saiu do PCdoB... 60% do movimento de juventude saiu do partido também, né? Teve um, teve um racha lá dentro do partido que foi inclusive sobre a participação dentro do governo do David.

E aí assim, a juventude do PCdoB era tão grande que dos sete da executiva, três eram da juventude... da executiva do partido. Dos sete membros da executiva, três eram da juventude, dois eram do movimento sindical, uma das mulheres. E aí era o XXXXX, a XXXXX, às vezes o XXXXX e a XXXXX. Então, então era um negócio que o PCdoB investiu muito forte nisso e investe até hoje, né? Acho que o partido que mais investe na juventude, mas isso é, mas..., mas assim que eu saiba, agora tem coisa antes inclusive da gente, da minha chegada no Movimento Estudantil já tinha, né? Eu entro no Movimento Estudantil em, em [19]88, a gente já entra no processo da Constituinte.

No Grêmio do Canadá, né? Então, que já existia, que já estava no, no terceiro mandato, ou seja, já tinha o mandato do XXXXX, tinha tido o mandato do XXXXX e aí depois veio o mandato da XXXXX que eu era o vice-presidente. Então eu já estava no terceiro mandato. Então o Grêmio do Canadá já deve.... foi reconstruído em [19]85.

Por exemplo, só para... não das escolas municipais, mas é o colégio Canadá. Então, então esse movimento já estava acontecendo. O Escolástica um Grêmio que já tinha se construído também logo em [19]85. Benevenuto que também era um Grêmio que também já tinha sido construído anterior a minha chegada no movimento. É... o.... acho que eu lembro: o Aristóteles, Escolástica, Canadá e o pessoal do Marquês de São Vicente aqui do Canal 1.

Eu, esses eu lembro bastante que tinham lideranças bastante organizadas tal. Quando eu cheguei no movimento, né? Então assim a história nem começou com a gente, na verdade começou antes da gente [risos].

Mas nas escolas de primeiro grau, ela tem uma ação objetiva, só acontece quando a gente entrou de verdade, né? Sim. Mas isso não, porque assim, olha, eu, eu fiquei na UMES seis meses. Nos seis meses que eu fiquei na UMES eu reconstruí e construí 28 Grêmios.

Então escolas, principalmente nas escolas estaduais, porque nas municipais a gente não tinha acesso. As diretoras não deixavam a gente entrar. Não que eu não tentasse [risos] eu tentei várias vezes, mas a diretoras não deixavam. A única que a gente entrava era o Acácio porque era Segundo Grau. E porque elas diziam: _ "Ah, não, aqui não, aqui é criança, e vocês vão querer...", né?

Então quando eu fiz o Congresso que eu passei o... o... a gestão para o XXXXX, que ele virou presidente da UMES, é, quando eu passei a gestão para o XXXXX já tinha 32 Grêmios na cidade de Santos e não tinha começado ainda os Grêmios nas escolas de Primeiro Grau.

T. N.: Você não tem nada escrito?

X.: Eu tenho que achar... Tem bastante, eu já falei para ela, tem que a cartilhinha que nós fizemos. Eu devo ter, tenho muita foto, muita foto dos encontros que a gente fez, daquelas reuniões, eu tenho uma. Nós fazíamos reuniões periódicas a cada dois, três meses a gente juntava todos os Grêmios para troca de experiência, de atividades. Um pouco para eles, para eles verem o que o outro estava fazendo, né? Então, você tinha Grêmio que era mais, mais próximo da...

T. N.: O Cidade que era o XXXXX? O Cidade tinha, o Cidade eu fui encontrar ele. O Cidade era o Grêmio que tinha a XXXXX, lembra? Tinha aquele outro menino, o XXXXX, lembra do XXXXX? Tinha o XXXXX, tinha o XXXXX, o XXXXX. Também virou advogado, também, que era lá do Cidade. Que eram pessoas bastante articuladas. O Cidade tinha um pouco porque a minha irmã estudava lá, né?

T. N.: _ E o (nome da escola)?

X.: O (nome da escola) era bem legal, mas o (nome da escola) tinha aquela diretora maluca, né?

T. N.: Era o que?

X.: Aquela diretora perua lá... Lembra? Lembra? Aquela diretora, como era o nome dela?

T. N.: Ai nem sei.

X.: Era uma perua...

T. N.: Mas põe perua nisso...

X.: Ela era muito perua. Ela era muito perua, e ela tratava eles como assim, se fossem filhinhos, né? Então ela queria sempre assim... queria estar sempre na asa dela. E aí eu falava: _ "Professora não... Deixa eles".

T. N.: Era uma super escola...

X.: É, é, não: _ "Deixa eles um pouco. Solta um pouquinho mais, né? Testa eles. Faz que nem você faz com os seus filhos. Testa eles. Abre um pouquinho e deixa eles. Vê se eles conseguem ocupar esse espaço e tal". Mas ela era peruona assim. Mas era tudo, queria tudo embaixo da asa dela, tal. Mas ao mesmo tempo ela abria, ela também. Então o (nome da escola) era um grupo bom, XXXXX era um grupo muito bom, o XXXXX é um grupo bom, XXXXX era bom... Tinha aquelas meninas e o (nome da escola), as meninas do XXXXX, apesar de que a XXXXX era f***, mano.

T. N.: Qual?

X.: A XXXXX.

T. N.: A que você...

X.: A XXXXX detonava as meninas, coitada...

T. N.: Era daqui, né?

X.: Era diretora do XXXXX.

T. N.: [inaudível - 24:53] você sabe que essa escola é boa até agora?

X.: É, né? Mas tem que ser. O XXXXX também viu? XXXXX também, ah, o XXXXX foi escola da XXXXX, né? Tinha, tinha a XXXXX, a XXXXX aquela japonesa

diretora lá, que foi minha, foi minha diretora, né? Eu estudei no XXXXX, né? Foi a minha diretora. Aliás, foi minha diretora a XXXXX, a XXXXX... foi minha diretora na pré-escola, no XXXXX, a XXXXX era diretora do XXXXX.

[...]

T. N.: Ela e o marido.

X.: Então a XXXXX foi diretora do XXXXX, foi minha diretora do XXXXX...

T. N.: Foi...

X.: E a, aquela japonesa XXXXX, XXXXX, né? Que foi do (nome da escola). Uma japonesa, foi a minha diretora no (nome da escola) também. E a XXXXX ela era da Equipe. Na época ela não era diretora, acho que ela era supervisora, não lembro. Mas, mas às vezes você encontra com elas. Depois eu fui encontrar elas, fui trabalhar, XXXXX trabalhava lá com a gente [risos].

Mas assim, então as coisas só passaram a acontecer. Os Grêmios é que tinham... e a gente, o que a Secretaria fazia era isso: comentava a troca de experiência, ajudava eles quando, para eles... tinham algumas vezes, era aquela coisa, demandavam: _ "A gente quer fazer..."

T. N.: Espaço, né?

X.: É...

T. N.: _ "Me ajuda com o espaço."

X.: Era isso, era maior, então o papel da Secretaria era um pouco abrir o caminho para eles poderem se organizar, né? Daí o que eles vão fazer com a organização deles... Lógico que era com eles, aí a gente também... Ia seguir... porque aí é assim. Se eles iam ficar mais próximo do pessoal do PCdoB, do outro lá, que era do movimento organizado, para a gente... Para a gente não. Não era esse o nosso objetivo. Nosso objetivo é que dentro da escola eles fomentassem o processo, porque a participação deles ajudava muito os Conselhos...

T. N.: Ele ia muito nas escolas...

X.: Eu ia nas reuniões, eu ia inclusive nas reuniões para...

T. N.: Ele ia muito.

X.: Para patrocinar inclusive. Porque era assim.... a está lá, no (nome da escola) isso acontecia muito, isso é um negócio muito louco.

T. N.: Quer mais café?

X.: Ah, eu vou tomar daqui a pouquinho. Daqui a pouquinho eu tomo mais um pouco... Daqui a pouquinho. É, então assim às vezes você tinha, tinha... Eles queriam pautar algumas discussões na escola e aí não conseguiam espaço. Aí um pouco, era um pouco o papel que a gente ia. A gente intermediava eles com a direção, né. As vezes pegava a supervisora da escola e falava: _ "Oh, está acontecendo isso. Ajuda lá. Vamos ajudar a criar". Porque como a gente via o processo democrático como um processo pedagógico, então se eles não conseguem pautar as coisas, as questões dos estudantes dentro dos fóruns que a gente mesmo estimulou que acontecesse o Conselho de Escola, e tal. Eles não tinham razão, né? Então a gente tinha que fazer as vezes quando que o pedagógico: _ "Oh, tem tal problema em tal escola. Os estudantes levantaram e não tem espaço para... Não tão... tão com dificuldade. Aí ... e o pessoal do núcleo pedagógico também."

Dentro das discussões que eles faziam com os professores, as supervisoras, com a direção, acabavam também ajudando nesse processo de destravar esses mecanismos, porque as vezes trava. Trava as vezes por vaidade da diretora, as vezes por vaidade do técnico, né? Isso é... Trava [risos]. Então tinha. A gente acabava fazendo esse papel de destravar. Nunca de desautorizar a direção da escola, né? Nunca de fazer, desestimular. Mas às vezes, às vezes eu falava para eles: _ "Olha, se, depois dessa nossa conversa não

der certo... você chuta a porta!" [risos]. Porque vocês têm que ser movimento. Porque aí vocês tão organizando movimento. Movimento tem que ser movimento.

T.N.: Nossa... a professora cria espaço de participação...

X.: É...

T.N.: Só, nada mais...

X.: Né? Então era isso... Então assim, a gente ia, tal, tal, mediava com eles, conversava. Se eu tivesse dificuldade, eu pegava o pessoal do pedagógico, porque como fazia parte do projeto pedagógico a participação, então a gente ia discutir isso no novo núcleo pedagógico, aí voltava, aí o núcleo.

T. N.: XXXXX mandava força no pedagógico, porque também a participação era fundamental para nós... Em todos os níveis da escola, e os estudantes também tinham que participar de alguma forma. E se organizar. A autonomia para se organizar! É isso que ele está falando. É isso aí!

X.: E foi isso que a gente fez o tempo todo. Tanto é que assim quando eles tinham dificuldade, que era a maior dificuldade deles, sempre foi a parte burocrática. O registro. Porque você pensa: nós estamos trabalhando com um grupo de, para adolescentes. Eram 11, 12 anos. Tinha Grêmio que foi formado com... a turma de oitava série não participava, só participava a turma de quinta e sexta. Aquela turma mais presente que queria fazer, queria... Era molecadinha, tinha Grêmio que era muito engraçado, que era só molecadinha mesmo. Tinha Grêmio que era um pessoal um pouco mais velho e tal, mas tinha Grêmio que era muito molecadinha, né? Deixa eu lembrar qual que era... um que era muita molecadinha nova. E esses eram os que davam um pouco mais de trabalho... porque assim tinha muita dificuldade de registro. Né? Então, e aí eles recorriam muito à direção e a direção meio que ficava...

T. N.: Acompanhavam as professoras, que também não sabiam fazer o registro.

X.: Né? [risos].

T. N.: _ "Não ajudava nada. Olhe, o que você está vendo aí? Escreva aí, mas não..."

X.: E, eu vou lembrar qual que era um que tinha... ah... o próprio do (nome da escola) ... Por exemplo, o Grêmio do (nome da escola) das escolas, da escola XXXXX... Era só molecadinha nova, era quinta e sexta série, era só molecadinha nova. Tudo bem que era uma escola que só tinha uma oitava série, quando, logo que a gente abriu... Era uma escola que tinha acabado de surgir, né? Então era um Grêmio que...

X.: O outro Grêmio que era legal, que era uma turma bem organizadinha era o Grêmio do (nome da escola) também. Eles eram um Grêmio que era... tinha bastante atividade. Eles, eles faziam muita coisa. Eles tinham, tinham uma vida. Eles faziam as coisas acontecerem bem. E era uma escola que tinha bastante dificuldade porque o prédio, é um prédio histórico, um monte de problema... Então a escola, o que não faltava era problema, né? Porque a gente, a gente...

T. N.: No (nome da escola), né? Ele pegava as crianças do XXXXX, né?

X.: Isso...

T. N.: Então tinha problemas na relação ali. Porque os do XXXXX com os daqui, aqui, esses tinham uma família normal... E os do XXXXX viviam no XXXXX. É... E ali tinha um conflito porque pegava aquele povo daquele conjunto ali da XXXXX, ali e tal... E daquela Vila, como é que chama? Da Vila XXXXX que era, XXXXX, a favela existe... Continua a favelinha?

X.: Agora que diz que vão terminar. Tão terminando um prédio lá que diz que vai terminar. Mas ainda tem lá. Que a gente chamava na época era, Vila XXXXX depois, mas era XXXXX que chamava, né?

T. N.: Como chamava a vila?

X.: Vila XXXXX se chamava XXXXX. Virou Vila XXXXX por causa daquela dona XXXXX. A XXXXX, que ela que fala: _"Não, aqui não é o XXXXX, não, não." E aí... e ela brigou muito na época inclusive ela era muito próxima ao XXXXX e tal...

T. N.: Mas agora fez um predinho lá?

X.: Fez, fizemos, nós fizemos alguns predinhos lá no governo do David e depois. Agora está fazendo o... um prédio alto... que diz que vai terminar o último trecho que sai ali no fundo da casa da XXXXX... No fundo da casa da XXXXX.

T.N.: Ah, da XXXXX!

X.: É, a XXXXX mora ali atrás, né? Então tem um trecho ainda ali que tem uma favela... que estão construindo um prédio. Que parece que é para relocar ali e abrir a rua ali, né? Parece que vão fazer. Mas tem um prédio agora em construção, um prédio alto, até, e...

X.: **Mas é isso, de forma geral, e o que a gente fazia era isso, era trocar. Fazer a troca de experiências com eles. Eles participavam de tudo: Conferência da Educação, Conselho... Participavam de tudo. A gente botou um assento para eles no Conselho. A gente abriu o caminho, ou seja, é, mesmo com toda a dificuldade de compreensão que pudesse ter do processo, né, da questão mais teórica das coisas. É o que importava: era que eles estivessem dentro do processo. Porque a leitura deles, e isso, é uma coisa que o pessoal nosso da Secretaria era muito sensível, né? Era de conseguir fazer a leitura de como eles traziam, porque eles traziam da forma deles... Era como, como transferia a leitura deles para o processo que a gente estava fazendo na cidade. Que era super-radical no ponto de vista pedagógico, né? Era um rompimento... Muito forte... Com o que a, como a rede via o processo educacional, né? Então era um rompimento muito forte [risos].**

T.N.: Ele (apontando para X.) fazia parte da política da educação, a organização dos estudantes. Abrir espaços para a organização dos estudantes. É, não é falar o que você tem que fazer... Eles sempre que tinham que fazer.

X.: Eles tinham que fazer. Então tá! Você tinha Grêmios que eram mais politizados, que assim, que você via que eles tinham mais articulação, que eles tinham uma, participava da..., um, um movimento que nós. Isso nós incentivamos um pouco. Mas, mas que eles participaram com muita força, foi a greve dos portuários. Que teve demissão, aquela greve que depois... Que originou o [escola Municipal].

X.: Os Grêmios, se você pegar os registros, eles participaram de todas as assembleias. Falaram nas assembleias, vários presidentes, vários líderes de Grêmios das escolas municipais. Participaram das assembleias dos portuários e falavam nas assembleias, né? Independente...

T. N.: Você dá espaço...

X.: Então assim, por isso que eu estou falando. Tinham alguns grupos, particularmente o pessoal de lá, né? De lá, ali do (nome da escola), né? Que, que as famílias eram portuárias, moravam ali no, né? O Grêmio do XXXXX também era um Grêmio interessante. Esse era um Grêmio razoavelmente bem politizado...

T. N.: XXXXX é aquele do lado do (localização)?

X.: Isso, aquele subindo o XXXXX ali.

T. N.: Subida... boa escola.

X.: Essa também, é uma boa escola mesmo. Boa escola... Não sei como está hoje né? É, mas assim, era, como eles eram. **As famílias deles eram vítimas daquele processo, né? Eles estavam em todas, em todas, na coleta de alimento, nas, nas, nos pedágios, nas assembleias que faziam lá na Rodrigues Alves, nas que faziam na Praça Mauá. Eles participaram de tudo. Essa luta dos portuários, vou dizer... qualquer. E tinha duas assembleias, às vezes, por dia. Tinha assembleia de noite. Sempre tinha três, quatro Grêmios, sempre tinha. Eles estavam participando. Então assim, você tinha alguns mais**

politizados, outros mais sociais. Então queriam fazer atividade, queriam fazer coisas de [inaudível - 11:07]. Mas para a gente importava que eles participassem do processo e essa maturidade de, de transformar, né, o processo. Em dar o salto, de conseguir olhar o todo, se vê cidadão da Cidade, cidadão do Estado, cidadão do País... Esse é o processo, né? Então alguns aprenderam na marra, tipo os meninos do XXXXX. Sentiram na carne. E aí quando começou toda a sociedade a se articular para dar apoio para os portuários, eles também acharam: _ "Nós somos a sociedade civil, somos a organização". E eles juntavam os grupos e iam, 10/15 de uma escola. Eles iam todos uniformizadinhos. Era o maior barato! Aquela nossa camisetinha azul lá, tal, né? Então eram muitos. E eles iam nas assembleias, eles falavam, ou seja, então alguns alcançaram maturidade, né? Outros trabalharam nessa coisa mais social, de esporte. Mas independente disso eles estavam dentro do processo, né? Esse era o processo que eles tinham que construir, né? Não era eu que ia dizer para eles: _ "Oh, você tem que fazer o 'Fora Sarney'." Ou não sei o que. Não era eu que ia dizer isso para eles. Eles iam lá, o pessoal do Movimento Estudantil... mobilizavam eles também para as coisas, então assim, então tinham...

T. N.: Deixa eu perguntar para você. Não soube responder para ela, se os adultos faziam parte aqui no Grêmio, a educação de adultos com a XXXXX...

X.: Não, não tinha. Nas escolas onde tinha EJA, algumas escolas, eles participavam do Grêmio também, tá?

T. N.: Está, isso que eu não sabia, se a EJA participava...

X.: As, as escolas que tinham EJA alguns participavam, né? Mas eu vou dizer para você que foram poucos, foram pouco. Eu lembro de... eu lembro de... eu lembro do pessoal do Bartolomeu de Gusmão que era do Estado e tinha sala de EJA. [...] [inaudível - 37:38] da EJA.

T. N.: Da EJA é, então...

X.: Era muito bom mesmo, era bem interessante...

T. N.: Era bom a beça!

X.: Até porque o processo fazia, fazia ficar, né? O processo de alfabetização [risos]. Fazia e fará a vivência das pessoas, e... mas assim, eu lembro, eu lembro, do Bartolomeu de Gusmão que tinha a sala do EJA, que era do Estado, mas tinha sala do EJA que participava. Qual era a outra escola que tinha sala do EJA também? Ah nós fizemos o EJA naquela que tinha a sala do EJA naquele centro supletivo da Zona Noroeste que era do Estado, mas tinha sala do EJA Municipal. Eles participavam, eles montaram uma organização, não chegou a virar um Grêmio, mas eles participavam do Fórum. Como um, eles não chegaram a montar um Grêmio porque como era um centro supletivo... daquele que era apostilado e tinha duas salas nossas... que a gente dava aula, tudo do projeto lá. Eles organizaram um grupo. Eles não chegaram a virar Grêmio. Era um, era uma organização que não chegou a ser Grêmio. Mas eles chegaram, mas isso em algumas escolas. Não foram muitas não...

T. N.: Eu até ia por lá, falar com a XXXXX, mas ela falou: _ "Não sei, não lembro se..."

X.: Mas algumas escolas que tinham, eu lembro que participaram sim. Mas, mas não foram todas, não eram. Acho que por conta até dos horários, porque eles entravam depois das crianças que saíam, então tinha... né? Mas não tinha!

X.: Vamos lá! Que mais? Eu vou falando, você vai me perguntando, vai mandando... (Sobre a ideação, organização e implantação do projeto de Grêmios) Ah, de verdade a gente fez, a gente lançou isso como um programa, né? "Grêmio Livre Já"! A gente fez uma cartilha, né? Que era para estimular. A gente distribuiu isso nas escolas. A gente usou como base. Isso foi feito inclusive em parceria com a UMES, né, com a União Municipal de Estudantes.

X.: Eles já tinham um Estatuto básico que eles usavam... que a gente quando fazia movimento já usava para fazer. A gente deu algumas adaptações até por uma característica política... deu uma simplificada. Mais ainda no Estatuto para ele ficar mais, mais simples, porém com os mínimos requisitos que teriam para ter uma associação, né? No caso dos Grêmios das escolas de Primeiro Grau, por conta de não ter as crianças, as crianças não terem maioria e tralalá, a gente fez sempre assim, deixa... a gente estimulou que deixasse registrado, porém não, não registrou em cartório... Não se tornou, né? Porque isso demandaria todos os pais darem, né? Aquela autonomia lá para eles lá, tal e bom isso demandaria... demandaria um processo maior. Então a gente acabou estimulando para que eles estivessem os registros das atas, ter os livros, ter tudo, e orientava. E o pessoal, primeiro o pessoal da UMES, também ajudava nesse sentido. **Então tinha o Estatuto e aí nós começamos a fazer isso dentro das escolas, ou seja, estimular, estimular e tal. Aí quando sai o primeiro grupo, aí começa a trabalhar com esse primeiro grupo. Aí faz a Assembleia, discute o Estatuto, forma ali o Estatuto, aí monta o processo eleitoral. Alguns fazendo, alguns fizeram a eleição, a primeira eleição em Assembleia mesmo. Outros já tinham chapa, já fizeram um monte de chapa. Tinha eleição com oito chapas as vezes. Tem umas escolas, bastante, que tiveram bastante participação. E aí a gente acompanhava só no sentido de orientar para organizar, só. O resto, para que não desse problema. Ou seja: _ "Vai dar problema nisso". Então essa listinha tem que ter isso. Não pode deixar acontecer assim na reunião. Isso quando não éramos nós que ajudávamos o próprio pessoal. UMES também trabalhava junto da gente nesse sentido. De forma geral é isso. E aí eles tinham os livrinhos ata deles, tal, tinham as coisas deles, né? A gente até brincava: _ "Ah, a ata não precisa ter aquela formalidade toda de canto a canto...".** _ "Você precisa registrar o que discutiu na reunião, qual foi a deliberação que é o que vocês vão ter que encaminhar. Registrar, registrar quem está presente, quem fez a ata, é isso." Essa formalidade precisa ter se você for registrar no cartório, então a gente tinha um pouco, também, de simplificar o processo para que eles pudessem também não ter, diminuir a dificuldade de falar. _ "Tenho que aprender a fazer ata de canto a canto, não pode deixar um espaço, não sei o que". Aquelas coisas da formalidade legal, né? Mas eles tinham Ata de Fundação, Ata de aprovação de Estatuto. Todos eles tinham o livrinho deles de ata, todos eles foram feitos. E aí depois a gente tinha reunião periódica cada dois meses. E então a gente juntava todas as direções...

X.: (Sobre a liberdade de suprimir livros ou acrescentar livros de registro). Como assim? Ah, não, a autonomia era deles, não, de nossa parte assim. O que a gente tentou simplificar é porque assim, quando você vai fazer isso, putz, se tem uma coisa que é chata é fazer ata, né? E sempre quando você "manda" assim: _ "Quem vai fazer a ata dessa reunião?" Aí é uma briga. Ninguém quer fazer. Imagine você fazer isso na formalidade. Que você tem que fazer para levar registro, né? Então o que a gente combinou até na época com o pessoal da UMES... é... que a gente ia trabalhar com eles assim, que o importante era ter o registro histórico, né? E o registro do processo como uma forma, e amanhã eles vão, vão começar a maturidade, eles mesmo vão querer fazer. Eles mesmo vão buscar: _ "Não, pô, então vou fazer assim. Porque que lá... Então nós queremos fazer" Porque nós também tivemos um pessoal perto do Olavo Bilac era meio metido: _ "Não, por que que nós vamos fazer? Não, nós vamos fazer. De quem que é? Nós vamos aprender a fazer". Então tinha... Tem grupos e grupos, né? Então assim essa autonomia assim, eles decidiam...

X.: A estrutura, qual ia ser a diretoria deles. Tinha uma estrutura mínima que a gente botou lá como padrão, mas assim, eles decidiam se ia juntar. Às vezes uns queriam: _ "Não, vamos fazer a diretoria com nove pessoas". Outros: _ "Não, vamos fazer com vinte". Então assim, isso era decisão deles, né? A gente dava o Estatuto base. Daí em diante era discussão deles, né? Não tinha, não tinha, e muito da escola, a gente também tinha escola, nós tínhamos

escolas muito grandes e escolas pequenas, né? Então, as escolas muito grandes, eram escolas com três períodos de aula, né? Eles tinham o turno, contra turno e terceiro turno [risos]. A maioria das nossas escolas, né, grandes, XXXXX, XXXXX, XXXXX, todas elas tinham uns três turnos... ou alunos antigos, eu não vou falar XXXXX, tudo tinha três turnos...

[...]

T. N.: Eu falei para é, visitar a XXXXX que a XXXXX também tem boas informações...

X.: É verdade.

T. N.: Porque ela era de um outro setor, mas era da mesma época. E ela continua no (nome da escola).

X.: Então são escolas grandes né? E então tinha grupos que queriam maiores, menores. Então, tinham escolas grande que queriam e fizeram diretorias menores tinham escolas pequenas que fizeram diretorias grandes. Então, mas isso era decisão deles. A gente não interferia nisso.

X.: (Sobre o Estatuto) Sim, já falei. O incentivo a atividade é o que a gente... Tudo, a respeito dos Fóruns. Tudo! Teve um projeto que a (T. N.) levou começou e depois acabou. Eu fiquei tocando um tempo, né? Que a gente fazia lá dos murais nas escolas. que era também um processo de cidadania, de discussão dos direitos humanos com a Anistia Internacional, né? Todos esses temas eram fomentados para dentro da escola, ou seja, você levava o discurso dos Direitos Humanos. No caso desse a gente fazia com murais nas escolas. Então você promovia a discussão dos Direitos Humanos. Aí depois isso se transformava em um projeto de ocupação do suporte público. Aí faziam um mural sobre o tema que eles discutiram. Eles desenvolviam os projetos e tal. Aliás outro dia eu encontrei o XXXXX. Lembra do XXXXX? XXXXXX? XXXXX cabeludão?

T. N.: Ótimo, bonito... Cabeludo naquela época nem usava...

X.: O XXXXX ele está, estava trabalhando lá no de “Braços Abertos” lá em São Paulo.

T. N.: Onde?

X.: No de “Braços Abertos” lá do prefeito. Estava trabalhando com [inaudível - 46:22]

T.N.: Ah, só podia estar lá.

X.: Ah ele é um dos, dos caras dessa linha desse trabalho aí. Bem legal, XXXXX. A gente tinha um grupo grande de grafiteiros e muralistas na cidade, né? Artistas e tal. Bem legal! Também fomentou... vários arte-educadores. Eles viraram arte-educadores.

T.N.: De verdade, de todos que trabalharam aqui ficaram quatro [inaudível - 46:44].

X.: É você pega o XXXXX, o XXXXX... hoje ele trabalha, ele é um dos coordenadores artísticos lá dos “Meninos da Vila” lá na vila Madalena, o XXXXX. O XXXXX até hoje ele faz oficina lá na (nome do Município), ele faz oficina de grafite em escola. Até hoje ele faz oficina! Aí o XXXXX, aí quem, quem virou, ficou só artista plástico mesmo, só faz quadro. O XXXXX, a XXXXX, o XXXXX [risos], o XXXXX era grafiteiro também no projeto, né? Virou, né, biólogo? Mas na época ele era grafiteiro do projeto. Aí, quem mais? Quem eu encontrei outro dia aqui? Mas assim viraram mesmo. O XXXXX por exemplo virou aí, virou o Articulador e um dos pensadores do projeto lá do “De Braços Abertos” lá em São Paulo. Trabalha com o pessoal do crack, né? E, XXXXX, figurão, encontrei ele no enterro do XXXXX.

T. N.: [???]: É?

X.: Encontrei o XXXXX no enterro do XXXXX.

T. N.: Você encontrou?

X.: É, fazia anos que eu não via o XXXXX. Nem sabia que ele estava em São Paulo. Bom, recursos públicos para eles... não tinha. O recurso público era eu [risos]. Era eu e às vezes, e às vezes assim...

T. N.: O recurso era ele... [risos].

X.: E, às vezes. É porque o governo me pagava. Então era o erário quem me pagava. E eu era o recurso. Mas assim o que tinha era... a gente fomentava. Ah, eles quiseram fazer lá uma atividade entre os Grêmios. Precisava de uma estrutura, precisava de um espaço, às vezes precisava de um lanchinho. Iam fazer um seminário para discutir o tema. **Então, essas coisas de estrutura a gente até dava de forma geral para atividades que fossem inclusive dentro da, do nosso contexto. Agora dar recurso direto, não. Aí era tudo por conta deles. As atividades que eles faziam eram por contas deles. Uma coisa ou outra que fazia em conjunto. A gente participava como parceiro.** Como você fazia com a APM quando queria fazer uma atividade: _ "Ah, preciso de um som, preciso de um não sei o que". E a gente conseguia. Às vezes a escola tinha, às vezes. A gente tinha no Núcleo Pedagógico. Às vezes a gente pegava com a Secretaria de Cultura. Mas, mas assim eles queriam fazer uma atividade, às vezes a gente intermediava. Às vezes eles queriam fazer atividade de esporte. Intermediava a articulação com a Secretaria de Esporte. Então a gente só intermediava fazendo o primeiro contato e daí em diante eles buscavam, né? Quando eles tinham alguma dificuldade, fazia isso.

X.: O acompanhamento dos estudantes eu não... Já foi. Eu também já falei, relacionados a comunicação, educação... Também já foi. Oh, aí eu acho que eu já falei também um pouco assim, hoje eu encontro particularmente os meninos que ficaram na linha de frente. Eu encontro eles hoje super! Todo mundo bastante assim, lógico, né? Já encontrei, outro dia encontrei o menino lá no, no Samba da Mangueira, lá em cima do morro. _ "E aí XXXXX e tal"... Eu falei: _ "E aí? Ah, o que você está fazendo?" _ "Ah, eu virei estivador". _ "Pô, legal, não sei o que". _ "Ah, mas é, está difícil, né? O porto...". Aquelas coisas [risos]. Mas assim você encontra isso que eu falei. Pô, você a XXXXX virou Enfermeira Padrão, né? Muitas meninas lá, a XXXXX, a XXXXX... é, foram para a área do Magistério. E estão aí, são professoras e tal. O XXXXX virou advogado, XXXXX virou advogado, né? O XXXXX virou médico. O XXXXX virou jornalista, né? XXXXX hoje é editor lá no, em Londrina ele é editor do jornal, tem programa de televisão, articulista, comentarista, ele. E então, assim, acabou que... é um pessoal, o processo de formação ajuda bastante, né? Porque ajuda bastante as pessoas se posicionarem profissionalmente. Ajuda a se posicionarem nas suas carreiras, né? Acho que, porque você aprende a discutir coletivamente, a construir, a construir consenso, a fazer o conflito, ou seja, acho que esse, esse processo ajudou bastante na construção deles como cidadãos, como profissionais futuros. **Acho que, eu acho que dos meninos, um dos meninos meio que se perdeu e depois se achou, né. O XXXXX que era o presidente do (nome da escola). Foi um menino que se perdeu, se perdeu, foi para droga, se perdeu. E aí eu fui reencontrá-lo no carnaval na torcida do Santos, ele. Mas ele já tinha feito tratamento, já estava voltando e tal. Hoje está super alinhado. Continua envolvido com esse negócio de torcida, mas ao mesmo tempo é assim um cara super articulado, continua tendo participação. Mas assim, eu acho que esse processo ele ajuda muito a estruturar, né? A formar mesmo as pessoas em postura, aprender a dividir, aprender a conflitar, aprender a construir consensos, ou seja, você tem, né, e isso é um facilitador na vida profissional de todo mundo [risos]. Você conseguir ter postura dentro de um processo, ou seja, saber questionar e ao mesmo tempo propor, né? Ou seja, você pegar, construir o processo, construir caminhos, então, esses meninos assim eu, eu fico bastante feliz quando eu encontro alguns assim que eu fico bem feliz, porque, alguns nem me reconhecem às vezes eu também não reconheço, né? A maioria é de... a maioria virou tudo mãe de família, né? Os meninos estão todos grandes. Imagina,**

eles tinham doze, treze, onze anos naquela época. Todos eles têm trinta e tantos anos agora, né? [risos] Eu tinha dezenove, estou com quarenta e nove [risos]. Né?

T. N.: Trinta anos.

X.: É, então, eles estão todos...

T. N.: Olha a memória dele, eu não...

X.: **Todos com trinta, né? É, mas acho que, é, assim. Tenho certeza de que esse grupo hoje, é, aquela turma, os que, os que participaram desse processo... são, são, né?** Alguns a gente, posso até depois, se você quiser conversar, eu até tenho contatos. Alguns até tenho contatos, outros eu não tenho, alguns, né? A maioria eu não tenho mais contato, mas alguns eu tenho assim... ainda troco figurinhas, né? O *Facebook* ajudou a achar um monte deles. A gente começou, estava contando para ela aqui. A a gente fez um, um encontro de lideranças secundaristas da década de [19]80.

T. N.: Como?

X.: Lideranças secundaristas da década de [19]80. Fizemos lá em Mogi. Alugamos um sítio lá. Ficamos lá um final de semana. A gente começou, esse grupo começou com 50. No encontro já tinham 120. Hoje no grupo do Zap têm 830... Você vai achando as pessoas, né?

T. N.: Os secundaristas?

X.: Na Bahia, no não sei aonde, não sei aonde... Então a gente encontrou. Agora nós vamos fazer o segundo encontro. Já decidimos que vai ser na Bahia. Vamos fazer o segundo encontro. Vai ser bem legal assim... você encontra um monte de gente, professor universitário...

T. N.: Agora o movimento secundarista está forte.

X.: Tem uma turma boa, né?

T. N.: Tá, melhorou bastante...

X.: Tem uma turma boa, e acho que também assim, acho que a conjuntura política ajuda... [...] Quando você tem a conjuntura do conflito, o movimento cresce.

T. N.: Os meninos ocupam a escola. Isso é uma clareza política muito grande, do papel do estudante...

X.: É isso, eu fui, eu fui...

T. N.: E eu encontrei. Ele estava no Paraguai. Você acredita que vieram? Lá tinha um deles! Estava lá! Ele soube que eu... estava num congresso... Pois eles tinham amigos... com outros no Paraguai e foi lá atrás de mim no Congresso...

X.: Eu fui lá, lá naquela escola lá na de Pinheiros, ano passado. Eu estava na COHAB, aí eu fui lá junto com o [inaudível – 55:00] Que foi fazer, no dia que eles foram fazer o show lá dentro da escola, lá. Aí nós fomos ajudar os meninos. Aquelas escolas de Pinheiros lá... Que foi a... a que ficou mais marcada no processo. Mas assim, é... eu acho que esse momento do conflito, ajuda o movimento a crescer, né? Esse momento que teve no Brasil do conflito, mesmo no processo da Dilma. Esse processo do desmonte e desvalorização que o Estado está fazendo a muito anos, a muitos anos. E quando o Estado radicaliza o movimento cresce, né? Eu acho, né? O David que falava, né? _"Ah, o conflito é bom para isso, é bom para despertar, é bom para..." né? Então quando, mas eu acho que, acho que esse processo, o movimento desse processo mais recente aí, todo esse conflito que teve mesmo do lance da Dilma, do referendo e tal... ajuda o movimento. Ajuda, ajuda a ter o conflito. Que pese qualquer movimento. Pesquisa que se faça! Tal... o movimento cresce, quando você tem o conflito aberto, franco, o movimento cresce, né? Não tem, quando ele fica mascarado. O movimento tem, a tendência do movimento. É dá uma acomodada. Porque ele está mascarado o conflito. Mas quando o conflito fica aberto, lado claro, quem é quem, né? Aí, vamos lá!

X.: Que mais? Bom já falei... Já falei um monte de coisa aqui já. **Ah, eu... assim a gente de verdade... a participação dos... falando sobre a questão da interferência deles,**

do corpo discente e docente dentro do funcionamento da escola. Eu vou dizer para você. A gente, a gente solucionou e encaminhou muita coisa dentro da estrutura da educação no sentido de incorporar aquela cultura de usar o espaço da escola, né? A melhor utilização do espaço da escola. Isso, isso, foi uma das coisas que mais avançou dentro do processo que a gente teve. Pelo menos uma leitura que eu tenho assim do período que a gente ficou dentro da Secretaria. Essas discussões de usar os espaços da escola não só para sentar e ter aula, né? Da escola ser um processo de condição de espaço cultural. Porque a gente tinha vários projetos. A gente tinha o “Projeto de Murais”, a gente tinha o “Projeto Carlitos” ... que a gente já estimulava o uso do espaço...

T. N.: Tinha vários projetos...

X.: Quando você, que já...

T. N.: Nossos murais daqui os murais...

X.: Então os murais que a gente fez com a “Anistia” que discutia a cidadania. Aí tinha o “Projeto Carlitos” que era um projeto que fazia teatro, dança, música dentro das escolas. Quando você traz o Grêmio como turma organizada, você potencializa mais os projetos também, né?

T.N.: Tinha uma articulação, isso é importante dizer, com as outras Secretarias. Secretaria da Cultura era legal! Imagine, então! Nós trabalhamos diretamente com eles, com o XXXXX, com todos.

X.: Era o XXXXX, a XXXXX, a XXXXX, né?

T. N.: Com todos, e aí, iam para o Grêmio também...

X.: E quando você tinha, você já tinha esse processo de você levar as oficinas de Cultura para dentro das escolas? Quando o Grêmio veio, o Grêmio potencializa o uso dos outros espaços: dos espaços esportivos... porque esses espaços culturais de alguma forma a gente tinha começado já, mas potencializa mais, porque eles viram parceiros. Então você pega o diretor do teatro lá, o XXXXX por exemplo, o XXXXX, né? É, que dava... eu lembro... que ele dava em três escolas. Mas eu lembro que ele tinha um grupo bom no XXXXX. Criou um grupo de teatro super legal no XXXXX e tal. Que 80% do grupo de teatro foi potencializado com o pessoal que veio da organização do Grêmio. Que o Grêmio começou a fazer um movimento para usar o espaço como espaço cultural da escola. E aí tinha, aí a diretora falou: “Não, mas já tem, então vocês não vão ter”, né? Aí, aí qual foi o caminho que eles fizeram? Eles potencializaram! Nós potencializamos através do “Projeto Carlitos”. Aumentou o número de grupos para usar no dia que o Grêmio queria usar, ou seja, aí passou a ter um monitor de teatro mesmo, profissional, em parceria com o Grêmio. Então é... tinha o projeto que era SEDUC-SECULT que era o “Projeto Carlitos” que foi ampliado dentro da escola em função de uma ação do Grêmio [risos] Então assim...

T. N.: E os adultos nunca tinham visto teatro, nem ido... Então também, sabe, foi todo esse movimento, começava as classes a irem assistir um teatro, que nunca tinham ido no teatro.

X.: E aí é aquilo, né? Para o produtor... E a gente falava, sempre quando a gente falava com o pessoal do teatro... Que às vezes também tinha aquela coisa de ser artista e não querer entender como um processo educativo [risos]. Porque tinha um pouco isso, às vezes. A gente tinha essas discussões! Eu tinha várias vezes com o pessoal dos murais, né? “Não, porque...” eu falei: “Não, você tem que respeitar. Isso é um processo. Você está construindo um processo, tem que respeitar a criança, o jovem que está ali, é um processo! Então não dá para você achar que ele vai alcançar... todos vão alcançar o mesmo estágio em sessenta dias, né? Isso é um processo, então alguns vão alcançar um estágio mais avançado em sessenta dias, outros vão chegar em noventa, cento e oitenta... Talvez não chegue até... Vai terminar o projeto e ele não vai alcançar a maturidade lá que você está querendo, que ele tenha leitura artística do processo. Ele não vai ter talvez”. É essa discussão que tinha por dentro com os

monitores que faziam. Porque você está lidando com artista... E artista é difícil, né? Porque é artista...

T. N.: Bastante difícil...

X.: É bastante difícil, então para você construir. Então você tinha que o tempo todo ir monitorando, ir acompanhando, fazendo o processo da condição do processo educativo, que era o que nos interessava... [risos]. Aí era assim... e interessava a ação dele. Porque ele trazia a técnica, trazia a criação, que faz parte de todo esse processo. Mas eu acho assim: a minha leitura nesses processos internos das escolas, de tudo.

X.: Ah, nós fizemos fórum de discussão de qualidade de merenda. A gente discutia com as crianças, com os usuários do cardápio, né? Não sei nem se isso é feito hoje. Mas eu lembro que a gente fazia isso. E isso também acabou sendo o... o Grêmio acabou participando e entrando nesse processo. Esse processo já estava acontecendo pelo pessoal da merenda, né? Já estava no, do pedagógico, mas tudo isso passou a ser mais dinâmico no sentido, que o Grêmio virava. Ele economizava o caminho, né? Ele abria... Então dentro da estrutura da escola, muitas dinâmicas passaram a, a incorporar também. Os Grêmios e os estudantes, por conta dessa organização deles, né? Pessoal tinha muitas essas dinâmicas. Eu falo de merenda, do uso do espaço da escola. E tinha algumas escolas que... o 28 de fevereiro, por exemplo, era uma escola que todo sábado e todo domingo você podia ir lá que tinha atividade, que podia [inaudível - 1:02:27]. Outras escolas tinham menos, mas tinha em algumas escolas... É uma escola que tem uma estrutura, né? Tinha bastante espaço livre, então...

T. N.: Também nós não tínhamos sábado e domingo, né? Verdade!

X.: Exato!

T. N.: Sábado e domingo, não existem...

X.: Dos escolhidos acho que... Já mandei bala aí... Já foi junto... **Relações com as organizações? Isso eles estreitaram muito, né? A UMES participava de tudo, eles participavam, participaram de todo o processo final. O processo de impeachment do Collor, essa molecada participou e muito, muito, muito, o impeachment do Collor foi o maior movimento nesse período que a gente estava essa molecada, imagina, aqui, eles davam a linha para o pessoal universitário... [risos]** Os universitários, o pessoal da UNISANTOS aqui... Que era aqui na, na Euclides da Cunha... O pessoal da UNISANTOS não se entendia. Eles brigavam lá entre os cursos lá, as lideranças. Porque aí a gente montou um esquema na época lá, que era sair um carro de som na Ponta da Praia. Saiu um carro de som aqui da área central, e saiu aqui, um carro de som aqui do José Menino. E aí saía do... saía do... da Euclides da Cunha e... mas os caras não se entendiam. Quem dava a linha para os caras era o pessoal dos movimentos secundaristas. Porque eles tinham o mínimo. Como eles eram... eles tinham unidade entre eles, eles tinham uma solidariedade. Isso é um negócio que é verdade, XXXXX. Viu, XXXXX? Isso é uma verdade. Eles tinham uma unidade entre eles, né? Então os meninos do (nome da escola) com os meninos do (nome da escola) com os do (nome da escola). Eles vinham ali, naquela reunião com o pessoal da Filosofia, de Jornalismo. Ah... os caras não se entendiam. Os caras brigavam! A molecada falava: _"Ah, vocês não vão lá? Nós vamos fazer assim, assim e assim" E subiam no carro... Pegavam o microfone e iam para luta...

T. N.: Agora, só que eram pequenos...

X.: E eram pequenos. Os maiorzinhos eram do Marquês de São Vicente...

T. N.: Tinham dez, onze anos...

X.: Os maiorzinhos eram do Marquês de São Vicente, né? Os meninos do (nome da escola) e as meninas do (nome da escola), e os meninos do (nome da escola), né? Eles eram um pouco menores. Os maiorzinhos eram do Marquês de São Vicente. Que tinham, mas assim... Nessa discussão do impeachment que tinham os comitês. Porque assim... a gente montou esse esquema e tal. Quando começou a crescer muito o impeachment, então saía um

caminhão de som do... daqui um da Ponta da Praia, e vinha recolhendo o pessoal das escolas para chegar na Praça da Independência. E saía um carro do centro que vinha lá do Acácio, Avelino e vinha passando, e trazendo... o Cleóbulo, até chegar lá. Pegava lá as faculdades UNIMES, e tal. Então fazia esses três e chegava todo mundo na praça da Independência. Eu particularmente... essa turma aqui da Filosofia era um cacete... Era um cacete. Os caras não se entendiam, porque aí tinha lá o XXXXX que não se entendia com a XXXXX que estava na Comunicação que não se... e eram um cacete entre eles lá. A molecada falou: _"Ah, tudo bem. Vocês não vão se entender? Nós vamos sair da escola, pegamos um carro de som e nós vamos sozinho". E eles foram... E aí eles meio que davam linha para os caras, né? E aí falava: _"Vocês organizam! Toca pau, malandro! Vai! Os caras, eles não se entendiam. A luta universitária era muito encarniçada. O secundarista tinha um pouco mais de unidade. Então... eles estavam mais coesos... nessa coisa de impeachment do Collor. Estou dando o exemplo do impeachment do Collor porque... É um negócio que foi muito engraçado, né? O pessoal universitário... você pode, se você pegar, tem muita foto inclusive desse impeachment do Collor lá na Fundação Arquivo e Memória, você vai... Eu inclusive voltei, voltei para dirigir passeata. Porque o impeachment do Collor tomou um corpo tão grande! Aquelas passeatas de São Paulo, que tinham quinze, vinte carros de som. O pessoal pediu para ajudar e eu ficava em um dos carros de som coordenando os carros de som, porque faltou gente para dar conta do tamanho que o movimento tomou, né? Aí eu ia para São Paulo para a passeata para ajudar no carro de som. Mas assim, mas os meninos aqui, ah, eles tiraram de letra, tiraram de letra! Então o negócio muito, muito interessante assim se você pegar tem muito registro dessa época do impeachment, tem muita foto lá na Fundação do Arquivo e Memória, muita foto. Aí a XXXXX, lembra da XXXXX? Aí ela falou: _"Pô vi uma foto sua, você está muito magrinho"... Eu estava super gordão... Eu falei: _"É mais..." _"É do carro de som lá na Praça da Independência". Das coisas do impeachment. Mas isso foi um movimento que eles participaram muito forte. Um movimento do... do... do 28 de fevereiro lá, dos portuários. Também, era muito... eles... por conta dos conflitos eles... eles ficaram muito latentes, né? Não ficava se maquiando conflito, né? Então, e a cidade tem dificuldade de encarar algumas políticas, né? E que toda vez que se ia para luta mesmo, aí iam. Os grupos se organizavam. Então assim eles participaram muito disso, muito, muito, não foi pouco não, foi muito. Ah, os menorzinhos mesmo. Mas o pessoal que, que alcançou aquele estágio de maturidade um pouco maior, esses daí...

T. N.: Os mais velhos não tinham quatorze...

X.: Exatamente, exatamente. Os mais velhos não tinham quatorze.

[inaudível - 1:08:21]

X.: **Não. É muito deles, muitos deles. Começaram a participar de Movimento de Juventude Negra, muito, muitos, muitos assim.** Eu fui encontrando depois, organizados em projetos como "Querô". Organizados como monitor, ou seja, muitos... Foram construindo. Outros achei dirigindo teatro, né? assim... Você vai encontrando, né? Outros levando o filho para fazer balé, né? Bom aí o desmonte, eu não, eu não acompanhei mais... Porque aí eu, não consigo te passar... Ah, se perde. Se perde porque assim...

T.N.: Se perde porque... se você proibir...

X.: Você começa a dificultar...

T.N.: As diretoras proibiam...

X.: Você começa a dificultar. É um problema, outro problema é assim. É se o grupo não criou também... Se o grupo não se renovou, vamos dizer: você ficou lá uma gestão. Aí tinha lá o Ângelo que era o mais velhinho, que era o mais articulado, que era uma liderança que conseguia envolver, trazer as pessoas. Ele não... se ele não criou um líder, ou não estimulou o grupo de se renovar... isso também se perde. E se perde não só aqui. Também se perde nas escolas do Segundo Grau, né? Estou falando que volta e meia eu vejo: _"Ah, eu

sou da reconstrução do Grêmio..." O Grêmio do Primo Ferreira, por exemplo, foi um dos grandes fortes da cidade. Esse Grêmio já deve ter sido reconstruído umas 15 vezes desde que eu sei. Porque acaba que a diretoria sai e não faz a eleição, e não faz o processo e aí as pessoas se fecham em clubinhos. Então tem essas! Então assim... se o processo não tem um, uma, não mantém, não tem uma renovação, também ele se perde. Se perde também quando, institucionalmente começa a criar alguma dificuldade na organização deles, né? Começa a não permitir fazer reunião em horários diferentes da aula. Começa, quando você começa a dificultar, criar mecanismos de dificultar: _ "Não, você vai fazer só no sábado e no domingo"... Né? E aí você começa a criar dificuldade. Enquanto você tiver um pessoal mais articulado, tudo bem. Mas você vai pegar um pessoal que tem menos força, que ainda está no processo... Desiste, fala: _ "Por que que eu vou ficar brigando?" A diretora, a mãe... porque os pais também, né? _ "Ah, a diretora está reclamando de você", né? Quando você está no Estado... está reclamando, por quê? Por que eu estou fazendo Grêmio? Quando não está no Estado aí não. Não tem nem argumento para o pai. _ "Ah, para com isso, vai virar um subversivo, vai virar um não sei o que...", né? E então tem um pouco essa pressão também quando a instituição não fomenta, né? Ela não mantém. Aí é assim, vou dizer. Volta a dizer, é: as escolas elas também resistem a isso, porque isso cria problemas, né? Para nós não é problema. Para nós é visto como um processo, né? Mas para uma instituição que é formal lá... Tem que fazer a discussão, tem que construir um consenso, tem que construir uma proposta, diferente do que a Equipe Técnica decidiu que ia ser, ou que o grupo de professores decidiu que ia ser... Dá muito mais trabalho. _ "Imagine que eu vou ouvir aquela criança de onze anos lá me reclamando!", né? _ "Quem é ela? Nem saiu das fraldas direito para falar para mim".

T. N.: Essa é a realidade.

X.: Isso a gente ouviu, isso a gente ouviu... E falavam para mim que era assessor da Secretária, né? E ouvia de mim que eles iam ter que ouvir, que eles iam ter que ouvir, que fazia parte do processo educativo, ou seja, e ouvia de mim isso. Mas que isso fazia parte do processo, fazia parte do projeto da escola, que escola democrática era isso. Democracia passava por ouvir. Não significa que o fato de você ouvir, você vai ter que fazer... Tem que discutir e processar essas informações. Elas não podem, né? Então, então não sei... Tenho certeza de que a Secretária de Educação do governo do Beto não teve o mesmo espírito. Nem nos dois do Beto, nem no governo do... É eu agora não sei, alguma ação independente que tenha das escolas municipais. Eu não conheço. Não tenho, não tenho...

X.: (Sobre a possibilidade de um Grêmio desejar ser totalmente independente da relação com os demais Grêmios). Não, os Grêmios eram feitos para cada escola mesmo... Ah... Nós tivemos, mas desmontamos. Até teve um movimento do pessoal do (nome da escola), teve um movimento do pessoal do (nome da escola). Que fizeram de não ir em algumas reuniões e tal: _ "Ah, por que nós estamos resolvendo aqui? Resolvendo o nosso? Nós não precisamos resolver. Nós estamos muito bem aqui. Não precisamos discutir com os outros. Não precisamos participar dessa reunião". Nós tivemos um movimento desse, mas ele se desmontou, assim, porque... deixa eu lembrar... Teve um problema lá no (nome da escola). Eu vou lembrar qual que foi o problema... que aí eles precisaram do apoio dos outros. Eu vou lembrar, não estou lembrado, mas..., mas eu lembro que teve alguma, algum fato, porque eu fui discutir com eles. Falei: _ "Olha gente era importante, porque esse tema é correlato a todos vocês". _ "Não, mas a gente resolve aqui, isso aqui. Nós já estamos resolvendo". _ "Tá bom, então". E, a gente também não forçava ninguém a... a fazer o que não queria fazer, está certo? Mas eu lembro, p***! Eu vou ter que lembrar... Eu não consigo lembrar! Eu sei que teve um problema que era deles e que acabou tendo que ir para esse grupo. Que o grupo acabou discutindo que era meio... que tinha três, quatro escolas que tinham o mesmo problema, e que acabaram tirando o encaminhamento meio igual. E aí,

depois disso, eles passaram a participar mais. Eles se sentiram menos senhores do mundo. O mundo não gira em tornos deles, só. Mas essa coisa de egoísmo tem, tem, né? Faz parte! Você lida com gente, né? Tem gente que acha que... mas é acho que era isso, não sei... O roteiro... Acho que o seu roteiro...

T. N.: Olha tem uma frase do Martí... Que fecha isso, ele diz: _"Ah, se escuchasemos los niños, cuantas cosas aprenderíamos". Então hoje as diretoras, elas ignoram o que é uma criança. Tem o saber! Elas pensam que as crianças não sabem nem pensar, né? E não escutam. E o que que nós demos? Com esse trabalho, era abrir a liberdade, a autonomia e escutar eles também. E deixar eles fazerem, porque senão...

X.: Tem que cair. Tem que cair para andar.

T. N.: **No potencial da criança. Que a criança sabe, ela sabe fazer. Não é porque ela é criança que ela não sabe. Ela sabe! Só que se, daí é uma distância... um professor que acredita, uma pessoa que acredita que ela também tem conhecimento e um outro que não acredita, que ele transmite conhecimento para ela... Aí ó, aí não dá nada. Então essa frase do Martí para mim de toda a obra dele, em relação a infância, ele abre o livro dele... super famoso que chama "Idade de Ouro". Que é justamente dar a voz para as crianças. E agora nós vamos começar uma campanha aí, que vai começar, de nas escolas para as crianças escreverem o que elas quiserem, e publicar e pronto. Todos os textos por quê? Só assim você sabe. Você vê o que a criança sabe e o que ela pensa. Dar voz a eles. Senão, então é isso, na essência. É dar voz. Porque a gente queria participação e a organização. Nós queremos duas coisas: que eles participassem e que eles se organizassem, então. E aí deram! Essa gente linda!**

X.: Até porque o objetivo principal é você estar construindo cidadão, está certo? É isso. Se você não conseguir construir cidadão [inaudível - 1:17:03]. Ali é o processo, ali acontece, ali se, se explicita as coisas, né?

T. N.: Você sabe que em Osasco, nós fizemos uma coisa, que eu também não sei o que deu, mas com os funcionários. Os funcionários, eu formei 1.300 funcionários das escolas, para que? Para eles participarem das reuniões de professores porque eles sabiam tudo da escola e os diretores nem olham na cara, invisível, invisível... Então é, não só com as crianças também incentivo aos Grêmios, mas também aos funcionários. Deles se organizarem e deles participarem como pessoa, como seres que têm conhecimento. Porque as diretoras, nada. Então é uma luta que... é uma concepção, jeito de entender a relação humana. É quando você não entende que o outro é portador de conhecimento também, e o [inaudível - 1:18:04] tem uma frase muito linda: _"Ah que se respetar el otro como legítimo [inaudível - 1:18:11] quer dizer eu estou me relacionando com ele, porque eu acredito nele, acredito nele, respeito o que ele pensa, então ele é igual a mim, e não é inferior. Isso é uma coisa dada.

X.: E não importa se ele pensa diferente de mim... Importa é que ele pense...

T. N.: Embora tenha as diferenças... é.

X.: As pessoas vão construindo as suas histórias, seus conceitos, né? Vão se apropriando de alguns conceitos, vão construindo, né? Acho que era isso. Ah, a gente trabalhou com eles cinco anos né? Quatro anos...

T. N.: Ah, mas faz trinta anos, né?

X.: Mas, alguma coisa a gente lembra... Agora eu vou tentar, eu vou para casa agora, eu vou...

(A partir deste ponto iniciou-se uma conversa pessoal e findou-se a entrevista).

ENTREVISTA REALIZADA COM B.N.

- O critério utilizado para a escolha foi o fato deste ter pertencido ao Movimento Estudantil no período pesquisado (1989 – 1996).

Por intermédio da UMEs, que prestava apoio ao projeto de Grêmios da prefeitura, e em outras instâncias dentro da cidade de Santos criaram-se oportunidades de participação em ações no Município. Neste período pode-se perceber a preocupação com uma atuação política da juventude. O contato com jovens militantes poderia servir de instrumento para instigar esta atualização que não cabia no projeto desenvolvido dentro das escolas, permitindo o conhecimento de algumas possibilidades existentes neste segmento.

Início da fala do B.N. - [inaudível - 00:01] E é tudo controlado, né? Então assim, tem muito, as coisas que existem hoje são mais [inaudível - 00:13]. Um ou outro que tem guardado tudo. Mas documento mesmo é muito difícil você achar algum sobre isso. O problema é que nessa época, a gente vai até fazer uma cópia de “uma caderninha”, um caderninho de Grêmio Estudantil que era da UFSC. A gente pegou e surrupiou da UFSC e fez aqui. É isso... é um para você... eu não tenho nenhum documento da época, o que eu tenho é meu depoimento.

É, meu depoimento se alguém quiser debater, eu debato tranquilamente. É... esta por onde a gente começa? (Sobre a autorização para a gravação). Primeiro eu tenho que preencher aquilo para você? Caramba. Não vai bater o Moro aqui atrás de mim, né? Se Paulo deixar, Paulo Alexandre também é Santos, né? Vai vir reclamar para o Pedro. Reclamar para o Pedro, né? Eu estou sem óculos aqui. Posso? [...] Hoje é oito, oito. Talvez eu seja chamado ali, que ele está resolvendo um... (Sobre a possibilidade de ter que interromper a entrevista) isso. Ah tá! Isso que eu ia te falar. É, é porque tem um prazo que é amanhã e são um meio alternativo.

Eu não me lembro, eu sempre tenho um aqui. Mas, talvez ficasse mais fácil para você na UNIFESP. Ah isso aqui não é um seis, isso aqui é um oito, tá? Forçar... mais dá para entender que é um oito! Dá para entender que é um oito aqui? Dá né? 2017. Eu sou colaborador?

Tá! (Sobre a cópia da autorização da entrevista). Esse eu tenho que guardar quando o advogado disser que eu vi. Não, eu quero saber. Está deixa eu. Eu vou, eu vou te contar então um pouco da cronologia aqui. Aí você vai vendo o que entra aqui no que você está pedindo e o que não entra. Esse desmonte. Então vou contar umas coisas que você vai ficar p*** comigo. Primeiro desmonte de Grêmio santista que teve não foi feito pelo o ... pelo Beto Mansur não. Foi feito pelo próprio governo do David Capistrano, pela Secretária de Educação da época que era do PT, mas era de outro grupo político, entendeu? Ela desmontou os que estavam sendo, assim remanejou, né? A orientação política, mas ela continuou com os Grêmios, mas era assim tirou a tropa que não era dela e colocou [troca de Equipe] isso, isso. Mas, vamos lá...

(Sobre a troca de Secretários de Educação no governo David Capistrano) Começou, foi estável até ele fazer um acordo com, não, não teve não, acho que teve três Secretários. Dois ou três, eu lembro da XXXXX... Nossa era uma, uma mãe para a gente, né? E depois a XXXXX, com a XXXXX... já a porta fechou para a gente, que a gente era UMES. Na época, ela abriu a porta para o grupo político dela, Juventude do PT, né? Era um [inaudível - 01:27]

e ela, fechou mesmo [inaudível - 01:31] o e deixou com eles. Mas também não surtiu muito efeito não, eles eram muito, não era muito militantes, eles eram bem, muito ruim politicamente, né? Mas, vamos lá, não é nem isso o foco, já está gravando?

Então, vamos lá! Então o que você está pedindo aqui, deixa eu te passar. Em 1989, foi reorganizado a UMES de Santos, União Municipal dos Estudantes Secundaristas de Santos. O primeiro Congresso da UMES... o primeiro Congresso não, a UMES virou Municipal em 1987, porque ela é metropolitana e ela virou uma entidade Municipal. Mas a sua gestão era. Não conseguiu ir até o final, ela se desmantelou, ficou sem diretoria. Em [19]89 um grupo de Grêmios Estudantis, né? Assumiu o processo de reorganização da UMES apoiado pela UPES. Eu era da época de... Diretor da UPES, e a gente reorganizou a UMES no ano de 1979. O presidente foi o XXXXX que você entrevistou. Foi uma diretoria provisória, porque não chegou a ser um Congresso. Foi um conselho de entidades, e teve uma diretoria provisória de seis meses, não foram dois anos, não chegou a ser um ano, em 1989, né? Tenho que lembrar porque é cronologia.

No ano seguinte, em 1990, a Secretaria de Educação... a UMES tinha uma boa relação com a Secretaria de Educação. É, a UMES tinha conversado sobre a questão de elaboração de campanha de Grêmios santistas nas escolas municipais. E a Secretaria então, a XXXXX T.N.), que eu não me lembro o sobrenome agora. Ela não era Secretária. Era uma pessoa da Equipe. Ela que foi a responsável da Secretaria para estar junto com a UMES da campanha de “Grêmios Livres” na rede Municipal. Então eu me lembro que na época eu era da UMES. Aí, fui conversar com ela, né? Aí a gente acabou, definiu um simples cronograma de orientação: de como fazer, de Assembleias, de campanha, tudo. E até na época surgiu uma cartilha, que era uma cópia da cartilha da UMES, com toda a tramitação, mas com umas dicas, aí, para o Municipal. Então em 1990, foi a primeira campanha do “Grêmio Livre” na rede Municipal de São Vicente, não, Santos. De vez em quando eu vou me confundir porque eu estou em São Vicente a muito tempo.

Então começou naquela época. A Secretaria de Educação realizou, a UMES apoiou, né? O processo. E na época a pessoa que ficou na Secretaria para tocar esse projeto foi um ex-presidente, um antigo, o primeiro presidente da UMES, da gestão anterior, o XXXXX, entendeu? Tinha, acho, que 22 anos, 23 anos. Ele ficou responsável. Então a nossa relação com a Secretaria foi muito tranquila. Foi uma relação de movimento social do poder público. Foi de respeitabilidade, de apoio. A Secretaria sempre, na época a gente até brincava, né? A gente falava que a Secretaria às vezes era nossa casa, que a gente chegava lá e... Então sempre teve uma relação muito... politicamente muito boa. Assim, respeitou a autonomia das entidades estudantis e sempre apoiou. Eram dois grupos políticos que tinham uma concepção muito parecida do Movimento Social, né?

Naquela época a UMES era regida pela JS, em aspas "PCdoB". A Secretaria de Educação era por um grupo político do PT, que era a secretária Maria Lúcia Prandi, né? Então o primeiro processo foi nessa época que foi feito. Todas as escolas da rede Municipal tiveram Grêmio. A que se destacava mais era a do Acácio, foi o Acácio na época, era a única escola da época que era Ensino Médio. Então, era um pessoal mais adulto, que acabou até depois sendo presidente da UMES ali da rua do Acácio. Mas, o Cidade de Santos também teve um Grêmio muito ativo.

Então qual era a ideia? A própria... O incentivo ele era muito. Vamos dizer assim: ele tinha umas características muito congressuais. Todo ano tinha Congresso. As entidades tinham um ano de mandato. Então, todo ano tinha que fazer Congresso Municipal, Congresso Estadual da União dos Estudantes e Congresso Nacional da União Brasileira de Estudantes. Para você ver, tempo que servia de Congresso. Então os Grêmios acabaram entrando nessa organização, mas muito com essa estrutura do Movimento Estudantil, né?

As atividades mesmo eram muito limitadas. Eles viviam dessa vida congressual, que depois com o tempo, hoje, a gente avalia que tinha uma dinâmica própria, mas ficava fora de algumas questões, né? Mas, em si, naquele tempo ele surtiu efeito. Conseguimos organizar em todas as escolas. Surgiram muitas lideranças novas naquelas escolas. Por quê? Era um pessoal muito novo. Era a rede Municipal, o Ensino Básico. A gente pegava um pessoal de 7 a 13, 14 anos. Então assim, era uma galera muito nova, muito nova. Tinha que ter muita... geralmente era o pessoal das 7^{as} e 8^{as} séries que participavam dos Grêmios. Na 8^a o cara estava saindo da escola, né? Então, a gente conseguiu formar bastante lideranças. O Movimento Estudantil naquela época deu uma base boa na cidade, né?

A gente conseguiu realizar Congressos, eventos, digamos assim, com base, diferente do Movimento Estudantil anterior que não tinha base. E uma coisa também, duas coisas interessantes foi que nesse período, na gestão da Telma, o Centro de Estudantes de Santos, que é na Ana Costa, ele estava completamente abandonado... porque ele tem uma situação jurídica muito complicada, né? Ele, a ditadura quando tomou aquele espaço antigo cedeu para a Universidade Federal de São Carlos, e a Universidade Federal de São Carlos nunca usou aquele espaço para nada, né? A única utilização que teve do espaço foi para o projeto RONDON. E depois de [inaudível - 8:02] do projeto RONDON, ele ficou vazio, ficou degradado, tudo. E de fato ele não é um bem Municipal, ele não é um bem Municipal nem público. Ele é uma coisa privada, com uma situação jurídica muito definida. Eu acho que ainda hoje, tem uma situação complicada com o espaço, espaço do prédio. E na época a prefeitura acabou reformando o espaço para a gente. A gente foi lá, fez a solicitação e acabou reformando. E aí o espaço começou a ficar hábil a partir de [19]91, espera aí... foi um pouco antes do final do governo da Telma. A gente começou a utilizar como sede também. E aí a UMES cresceu por conta disso e o Centro de Estudantes [inaudível - 8:45] porque era universitário. Então, a gente ficou com a sede, com o Movimento Estudantil. Logo depois teve a carteira de estudante, que acabou dando um foro financeiro. Mas é outra fase. Não estou mais, né? Entendeu?

É, que eu, assim, os Estatutos do Grêmio era tudo padrão... que a gente usava que era a linha da UBES, né? Não tinha muito, era simples, né? Você não tinha muito órgão porque, você está mexendo com um público muito novo. Se você começar a criar muita... muitos órgãos, muita burocracia, não vai acabar funcionando, entendeu? O Estatuto era relativamente simples, não tinha muito...

Na questão das atividades era um pouco isso. A gente ficava muito voltado para o Movimento Estudantil, né? Acabava, às vezes... a gente travava uma luta ou outra. Mais pontual na escola, na questão da vida e do ensino. Teve algumas manifestações no Avelino que é aqui em frente ao Acácio. Teve manifestação no Escolástica Rosa que sempre condiz com questões referente à defesa da escola pública, né? Algum problema que tinha na escola, né? Que eu me lembre agora...

Recurso? Movimentos Estudantis não tinham recurso próprio. Sobreviviam muito de doações e de apoio do poder público. Então assim, de ter um governo aliado, que nós éramos aliados. Era fundamental para a gente. Tanto é que o governo anterior, do Justo, era um governo que não apoiava, reprimia, era contra. E aí quando entrou um governo mais alinhado com a gente... ah... deu um gás danado! Até no governo do David depois a gente teve facilidade. Aí, depois com o Beto, ele foi desmontando, né? Não fez uma política institucional. Mas foi aquela política assim: vamos apagar essa gestão! E uma das coisas é essa.

Nessas questões mais gerais que você coloca aqui: cidadania, comunicação, cultura, esporte... Alguns Grêmios tinham conseguido tocar algumas atividades. Mas era esportiva e de, assim, cultural, acabaram saindo algumas atividades nessa área. Mas assim, eu não, dependia muito da característica do... De cada Grêmio, e cada diretoria. Então tinha uns mais

ativos, uns menos ativos, né? A gente com os ativos não conseguia dar uma linha geral para todos, né? A gente tinha uma baita influência política sobre os Grêmios, né? Naquele, o Movimento era muito maior. A gente, apesar de ter as disputas, tendências, ocorrências, não sei como o pessoal chama hoje, ele tinha uma intensidade muito maior do que tem hoje em dia, ante a juventude.

Então tinha uma influência política muito grande. Mas assim, no dia a dia dos Grêmios aí não. A nossa influência acabava na política. No dia a dia dependia muito da característica de cada um, né? É, a ideia nossa, na questão do Grêmio, era formar cidadão, cidadão ativo, cidadão que lutasse pelos direitos. Então, é uma ideia que os Grêmios fossem uma escola de formação de lideranças. Tivemos algumas boas experiências. Não foi assim tudo aquilo que a gente queria, né? Mas...

Mas, saiu, saiu, saiu. Era por causa disso que era muito frágil, né? Nas escolas em si, dependia muito da diretora, né? Porque quando é um pessoal muito novo, se a diretora fosse uma pessoa mais aberta, iria ter um espaço, se não eles iriam ter que brigar. E aí eles, até como a Secretaria apoiava, a Secretaria fazia aquela mediação. Eles não se indispunham com a diretora, nem com os estudantes. Então levava para fora as atividades. Então, não era bem isso, mas assim, vamos dizer assim: quando, para todo o apoio que a Secretaria sempre deu para gente, a gente até entendia essas, como posso dizer, concessões, que não concordava. Chegamos a ter enfrentamento com a diretora do (nome da escola), isso em [19]91, [19]92, foi um enfrentamento mesmo. Pedimos, pedimos a cabeça dela. A gente participou de uma Conferência de Educação que ela veio criticar o Movimento Estudantil. Ela era uma pessoa extremamente ligada a Secretária de Educação que era a Maria Lúcia Prandi. Então imagina a saía justa que a Secretária ficava! E a gente pedia a cabeça dela, né? Entendeu?

Então era assim, a gente tinha uma relação que a gente tinha muita autonomia, né? Se a gente tivesse um problema, a gente ia para cima. Só que a gente tentava de uma forma política. A gente não ia chegar e ah.... se me lembro o nome... era XXXXX, essa diretora. E a gente fazia o enfrentamento. Criticava ela porque ela... falta de democracia. Porque nessa época também, além dos Grêmios, começou a ser instalados os Conselhos de Pais nas escolas municipais. Existia nas escolas estaduais e começou a ser aplicado aqui. E lá também, a gente, a gente tinha ciência dos Conselhos de Pais, né?

Conselhos de escola... não... tinha ciência, mas não era muito nossa prioridade de participação. A gente orientava que os Grêmios participassem, mas assim nunca tivemos, demos muita ênfase nisso. E tinha uma época no (nome da escola), além do Grêmio não funcionar direito, o Conselho de escola também não funcionava.

Era uma p*** reacionária, era uma p*** reacionária, entendeu? Então teve alguns enfrentamentos. Os mais marcantes, que eu me lembro, foi esse e [inaudível 14:47] o pacto.

Diferencial... Oh, é aquilo, né? Como estava passando por um novo momento político na cidade, né? Era um governo de esquerda, um governo progressista. Na educação, eu sei que a Equipe na educação conseguiu ser bem alinhada ao pensamento, esse pensamento progressista. Então, na maioria das escolas, teve muito pouco, pouca dificuldade em tocar o processo. Em algumas escolas até as diretoras tocaram o processo, né? Entendeu? Vai vendo, né? Então assim, tinha uma relação com funcionário, com os professores. Sem falar, uma relação muito a nível cordial com alguns enfrentamentos em alguns momentos, né?

Com relação às entidades, foi isso, né? Eu me lembro que nós incentivávamos com essa gestão do governo Municipal. Houve algumas Conferências: educação, de orçamento. A gente incentivava a participação dos Grêmios, né? Acho que o mais legal... foi quando teve uma Conferência de Educação na cidade. Foi a única que teve. Acho que foi em [19]91, [19]92. Não me lembro a data exata. E a gente participou como bancada, né? Tinha a bancada dos estudantes secundaristas, tinha os universitários...

Mas assim tinha uma bancada da UMES participando lá. Tinha, acho que, uns vinte delegados, a gente tinha uma força política...

Como era muito, como a conferência foi muito... é, os educadores tinham umas divergências em metodologias muito pesadas. A nossa bancada ela era o fio da balança... Nas votações, né? Então os professores mais progressistas vinham e chamavam de propagação dos “reaças” [reacionários]. Não digo “reaça”, mas o que tinham restrição a gente, não conversavam, então. E tinha algumas coisas que também a gente não tinha conhecimento: conhecimento da Metodologia de Ensino. Estava ali defendendo a Escola Pública, os Conselhos, com a Democrática. Então eram bandeiras. Não estava defendendo metodologia. A gente nem manjava, né? Disso. Então teve uma participação grande nessa Conferência. Foi na Santa Cecília, se não me engano, né?

Agora uma coisa que foi boa e foi ruim é o seguinte: essa relação que a gente teve com o poder público eles nos ajudou muito. Só que ele também nos deixou um pouco dependente. Porque quando encerrou o processo progressista na cidade, com a vitória do Beto, nós não tivemos forças.

É, porque daí ele chegou e falou: _ “Não pode entrar na escola”, né? Então assim, como o movimento, ele tinha essa relação e acabava tendo uma certa dependência institucional. Ele não teve como contornar, né? As escolas municipais ficaram fechadas e o movimento acabou. O Movimento Estudantil acabou naquela. Não pudemos entrar. Não teve força para contornar. Então isso é um aspecto que recentemente... viu na história aqui do Brasil como que é?

Quando os movimentos são absorvidos pelo poder público, na hora que a gente precisa de ajuda social ele não existe, né? Então o processo de desmonte começou no início da gestão do Beto Mansur, que foi, que o Beto entrou para limpar tudo. Assim as conquistas que houve na gestão Telma, David, em especial, que a gente chamava de UDP (União Democrática Progressista) ... Que falam que o PT era o principal partido, PT, PCdoB, PSB, PDT, PCB, a esquerda, o centro esquerda da cidade estava junto. Até o PSDB chegou a participar dos governos, né? E o Beto foi e começou a fazer o desmonte, está um...

(Sobre a relação dos partidos tidos como direita em relação à juventude). É porque assim, o Movimento Estudantil na época ele era muito ligado às revoluções de esquerda. Então eles não queriam isso. Eles preferiam que não houvesse do que ter... ter os subversivos coordenando, né? Então, diferente de hoje que a direita até tem uma organização de juventude, naquela época não tinha. A direita ela não se organizava no movimento social. Era muito, muito difícil. Podia ter uma pessoa ou outra. Mas eles não tinham, o que hoje assumiu uma posição mais conservadora que é o PSDB. Na época tinha uma opção mais à esquerda, né? Eles tinham juventude, mas o PSDB na época não era essa coisa tão transada como é hoje. De fato, o Beto ganhou pelo PP (Partido Progressista) que era do Maluf. Não tinha, a juventude deles. Era normalmente os filhos dos diretores partidários. Juventude progressista? Aí tu vai lá é o filho do Beto, não sei quem... Mas eles não atuavam no movimento social. Então assim, a ideia era desmonte e o que eles fizeram foi isso. Encerra! Para! Porque isso também acabava sendo uma... a função do Grêmio Estudantil e junto com o Conselho de Escola, acaba sendo mais uma tarefa para a diretora.

É... então se a diretora não tem concordância com isso e ele falava: _ “Você toca ou não toca? Ela falava: _ah, isso aqui é coisa subversiva. A gente não precisa de atividades, né?” Então, o desmonte começou nessa época aí, né? Eu não sei exatamente os hiatos que tiveram, porque eu sei que depois retomou, até o XXXXX.

Então, o XXXXX até retomou não me lembro exatamente, né? Depois o XXXXX ficou no governo do Paulo Alexandre, né? Mas aí eu já não sei te dizer exatamente. Eu sei que o desmonte veio logo nos anos do Beto Mansur.

E o incentivo a independência da relação de Grêmios [inaudível - 20:53] Iniciativa da...independente...

(Sobre a formação de Grêmios independentes e sem relação com a UMES) não, o que tinha assim era... não é que nem hoje em dia. Hoje em dia essa... esses novos movimentos sociais, como chama horizontais, né? Verticais. É, verticais, né? Ciência, atualidade. Que, ah... cada coletivo, essa coisa meio [inaudível - 21:32] anárquica. Naquela época isso não tinha, essa visão não existia.

Então o movimento era sempre muito unitário. Então, as entidades estudantis, elas eram focos de intensa disputa da estrutura delas. Então os grupos políticos, eles não saíam para montar entidade paralela. Era muito difícil. Acontecia uma ou outra. Que nem a gente fez em uma época tudo..., mas assim na disputa interna. Então, na época os principais grupos de juventude estudantil era a JS, era o PT. Aí o PT se fragmentava em um monte de grupinhos internos, né? Que era de origem socialista, grupo da articulação (que era ligado a Sueli Maia), o PSB. Chamava PSB, chegou a montar um grupo. PCB que tinha uma ou outra pessoa, depois o PPS uma ou outra pessoa, o PSDB. Mas o PSDB, a junta do PSDB era mais universitária. Mas eu não me lembro, não tinha mais outras não, viu? Basicamente quem... das duas, de [19]89, né? [19]89 para cá, as duas principais forças, assim com uma grande diferença, era o JS, que era a grande força hegemônica, e depois vinha o PT, assim, se aproximando. Mas é como se fosse, uma fosse 60% e a outra fosse 20%. E depois vinham os outros agrupamentos, muito... Não era grupo independente, muita gente independente, que aí todo mundo ia lá e puxava, né? Não era assim um movimento independente. Não era o Grêmio Estudantil e tal, presidente e independência. Ia lá e ah, vem cá. Não tinha um movimento independente. Depois houve rachas e tudo, até eu cheguei a participar de um movimento independente tudo, mas nesse momento... Isso... e aí todo mundo no Movimento Estudantil unitário. Tinha a UMES que todo mundo reconhecia participava, a UPES, a nível de secundaristas, né? Então a disputa era dentro dessas entidades, né? Não eram, as eleições. Tinha Grêmio que tinha eleição, tinha disputa. O Acácio chegou a ter três eleições. O JS participava, né? Do PCdoB, que não são mais agora, dirigiam ali e depois de três mandatos perdeu, pessoal pôs o PT. Então sempre tinha essas disputas, né? Por mais que, às vezes, a gente fizesse composições a nível Municipal, Estadual. Na base era muito difícil. Era a questão pessoal. Pesava demais, né?

Então, era chapa. Só dessa, só do PT, só de não sei quem. Então, na época, e mesmo aos pouquíssimos, Movimentos Anarquistas que tinham. Eles iam disputar dentro do Movimento Estudantil, né? Era, assim, você montar um [inaudível - 24:33] era um sacrilégio na época. E quando se tentava. Em Santos nunca teve isso. Em Guarujá tentaram. Acho que em outras cidades sempre ficou muito esvaziados. Isso foi muito. Não conseguiam ter o mínimo de representatividade. Fica lá uma entidade fantasma... que ninguém dava atenção, né?

Que mais? Acho que falei um monte, não sei se era isso que você queria. Ah, eu não sei... Que eu me lembre, que eu me lembre... Deixa eu fazer um cronograma. A gente montou em [19]89. A gente fez um. Conseguiu uma entidade. Isso foi no Acácio e elegeu o XXXXX presidente. Em 1990 a gente fez o primeiro Congresso da entidade como Municipal, porque antes era metropolitana. Foi no Aristóteles Ferreira, naquele auditório do Aristóteles, não sei se tem ainda. E a gente elegeu a XXXXX, era aluna do Aristóteles, presidente do Grêmio do Aristóteles. Ela foi presidente da UMES de [19]90 a [19]91. Em [19]91, olha só, a gente fez outro Congresso no Aristóteles e foi eleito o presidente o XXXXX que era do Acácio. Esse já foi fruto do trabalho... do trabalho do Grêmio. Então o XXXXX ter vindo do Conselho. O XXXXX chegou a ser o primeiro presidente do Grêmio Estudantil do Acácio também, né? E em [19]92, eu era da UPES. Nesse período aqui, em [19]92, acho que o XXXXX teve problemas e a gente teve que fazer um [inaudível - 26:19] [...] também que foi no Edméa

Ladevig, e aí ela assumia a UMES em [19]92 aí fiquei até [19]93, [19]93 num Congresso do Pedro II, Dom Pedro II, não sei.

E elegeu o XXXXX. Até aqui era o mesmo grupo político, era o JS. Eu no meio da minha gestão... rompi com a JS. Fiquei independente por um período. XXXXX foi eleito como presidente, como independente. Logo depois ele se reuniu com o PT, aí em [19]93, [19]94, não me lembro a escola agora. Elegeram o XXXXX, depois o XXXXX voltou no ano seguinte e aí depois eu não lembro exatamente...

Mas nesse período aqui, até aqui, foi, você vê, em quatro anos teve quatro Congressos municipais. Isso é uma loucura, né? Não dava para a gente fazer... E fora que a gente participou de Congresso Estadual, Municipal... aí fora... tinha o Congresso da nossa força política que a gente participava também. Tinha Congresso Municipal, Estadual, Nacional... Então assim, esse era uma das falhas. O movimento era muito de vanguarda. Não era tão massivo. Era muito das lideranças. Então, quem conhecia o movimento... é que nem os escoteiros. Quem participa dos escoteiros acha que aquilo lá é o mundo, mas quem está de fora nem imagina o que acontece. Então o que eu senti. Foi um pouco isso.

Bandeira de luta mesmo.... tinha umas bandeiras pontuais, né? Sempre a gente levantava uma bandeira muito genérica. Genérica não, geral, digamos assim: das escolas públicas, a questão da democracia nas escolas que era um problema. Na rede Municipal a gente conseguiu isso institucionalmente, mas na rede Estadual a gente tinha muito dificuldades nas escolas. Dependendo da diretora também a gente não conseguia entrar.

(Sobre a relação entre alunos de escolas santistas municipais, estaduais e particulares) Então eu não, o Movimento Estudantil ele basicamente... A base dele eram as escolas estaduais, ensino médio, segundo grau. Isso aí que era o público do Movimento Estudantil. A gente conseguiu ampliar em público para as escolas municipais, assim como se dobrasse a influência do movimento social. **Na rede particular tinha muita dificuldade. Dependia muito da visão de cada escola. As escolas geralmente eram contras porque nessa época começou a estourar muito movimento contra o aumento das mensalidades, né? Eles não queriam... tudo. A escola que tinha o Centro Cívico, que era bem avançado ..., mas era o Centro Cívico. Era o Universitas, o que está na Ponta da Praia é o Universitas?**

É que eram dois professores que vinham do Movimento Social. Um chamava XXXXX até. Era um pessoal que teve uma militância no Movimento Social. Então tinha uma certa visão. Tolerava, ajudava..., mas assim meio monitorado, mas deixava. As demais se tivessem um Centro Cívico era um avanço, né? Isso quando montava um Centro Cívico e depois desmontava porque achava que os alunos estavam muito rebeldes, né? Então a rede particular era muito difícil. E fora que as escolas eram pequenas. Era muito fácil de controlar, muito difícil de entrar. O público também era mais elitizado, então também não participava.

O público nosso foi esse que a gente conseguiu ampliar bem. O problema da rede Municipal era isso que o pessoal era muito novo, né? Chegou a ter reunião que eu ia e o pessoal tinha dez, doze anos de idade. Você não sabia como falar. A gente era mais velho. A gente vinha de uma época de reconstrução do Movimento Estudantil, tinha mais de vinte anos. Então você fala: _"XXXXX, XXXXX, e agora, né?" Entendeu? Então, basicamente aqui em São Vicente... Aqui em Santos, em Santos foi essa a situação. Você quer fazer alguma pergunta? É? Assim, porque isso...

Eu lembro que eu tinha uma cartilha dessas guardada durante muito tempo. Mas aí você vai arrumando as suas coisas e vai jogando fora.

O problema das entidades estudantis, eu lembro... quando... acho que não foi o XXXXX que foi presidente. A gente pegou e fez toda a documentação, fez tudo, arquivamos... Nossa... Coisa linda! Arquivamos panfleto do Congresso, fizemos um p*** arquivo. Até aqui a gente segurou esse arquivo, da entidade estudantil e tudo. O que

aconteceu? Nós tínhamos uma sala lá no SESI e a gente tinha um acordo com o SESI de dividir as contas. Do SESI, aquele prédio! O que acontece? A UMES é secundarista e o SESI era universitário, só que o prédio estava no nome do SESI, então em tese eles achavam que eram donos lá. E a gente questionava: _ "Não todos nós somos donos". Então para dizer que nós somos donos também a gente divide as contas, né? E a gente fazia uma cogestão no prédio. Quando a gente tinha um evento, a gente conversava. De vez em quando tomava um evento junto, mas a gente tentava da forma que... num ambiente pacífico. Só que quando, acho que o XXXXX ou o XXXXX foram presidentes da UMES, eles começaram a parar de repassar. Que a gente pagava a água, a luz, não lembro o que que era, e eles pararam de fazer isso. Aí o pessoal do SESI um belo dia falou: _ "Oh, a sala de vocês está fechada, vocês não ajudam a gente, o prédio está no nosso nome, ou vocês pagam o que vocês devem, ou vocês não vão usar mais a sala." Então todo o arquivo lá. Que... que o pessoal fez? Jogou fora!

Esse, antes disso em [19]87, [19]85, [19]89, esse arquivo ficou no [inaudível - 32:54]. XXXXX, foi presidente da UMES, hoje ele é pastor, sei lá o que ele é hoje. Ele era padre, virou pastor, sei lá. Cada hora ele é uma coisa. Esse arquivo ele não passava para a gente porque era dele. Ele queria! Estava fazendo um grande ato político, não sei o que... para a gente falar: _ "Ah, não". "Se você quiser dar o documento você vem e dá. Agora fazer ato político, XXXXX, dá não". Então o arquivo ficou com ele. Ficou esse aqui que depois se perdeu com o tempo. E aí, depois, quando a gestão foi indo, foi... Assim nunca houve essa preocupação porque nunca teve sede, então.

Estava na malinha de cada um, né? Então você vai ver muito pouco. O que você vai achar assim, se você for pesquisar, A Tribuna. Observar no Cidade de Santos, um jornal que não existe mais. Você vai achar muita coisa lá. De entrevista e tudo. Mas de arquivo mesmo, talvez um ou outro tenha. E falar que nos Congressos a gente não tinha o hábito de fotografar que era muito caro. Então, assim, tinha foto de pessoal, né? Às vezes uma pessoa, a gente acha. Mas nunca ninguém se preocupou em montar essa memória aqui, né? E isso vai se perdendo. Vai ficando cada um com a informação. Se você vir a entrevista minha com o XXXXX ou com a XXXXX ou até com o XXXXX, vai ter informação que vai dizer: _ "Não, não foi bem assim". Eu sei o que eu estou falando, né? Mas vai ter informação que eles vão dizer que aconteceu de outro jeito, né? Então fica muito a narrativa de cada um, né? Você vai recuperar a história para a narrativa individual, né? Entendeu? Agora, infelizmente arquivo muito poucos. E que nem agora, né? A diretora fala que o Grêmio acaba.

Boa. Porque o... eu não sei, acho que isso... Você poderia pegar a informação, é que o antigo diário. Acho que tem documentação no Diário Oficial de Santos que era na época o D.O. Urgente. Deve ter. Porque assim quando lançou as cartilhas do Movimento Estudantil foi um ato político, a Telma estava presente. Foi lá no Salão Nobre da prefeitura, a XXXXX foi para a mesa, falou, cheio de gente. O jornal foi, fez um p*** de um evento, né? Entendeu? Isso foi arquivado, né? E os nossos Congressos a gente não tinha esse hábito. A gente não tinha o hábito de documentar nada. Fazia ata tudo..., mas eu te garanto que documento [inaudível - 35:43] de a muito tempo atrás, né? Entendeu? Não tem essa estrutura, não tenho nenhum documento, eu tenho a minha memória.

Eu posso confrontar qualquer um desses daqui que discordar. Não, não foi isso e tal data. Até aqui eu tenho uma memória muito boa. Daqui, assim para frente, eu me lembro. Porque eu acho que já acompanhei eles, mas já não estava mais continuamente, já não tenho... Eu já estava velho na época. Eu estava bem velho já. Mas assim eu posso, nesse período aqui detalhar mais. Mas acho que o que você queria era sobre isso, né?

Então é isso, o resto é história aqui. Tem mais história, mas é isso, aí tem a disputa, normalmente entre o JS e o PT, JS e PT... Um na frente e outro atrás e se revezavam. Hoje é... é que hoje, qual é o problema? Hoje as escolas com aquele tal de... Como é que chama? Quando passa direto? [Progressão continuada] [inaudível - 36:48] antiquada... porque a

rotatividade de aluno é muito grande. Então é muito difícil você formar militante. Porque na nossa época a gente ficava na escola um bom tempo. A gente não saía em oito anos. A gente ficava dez, doze anos, né? E agora com isso não o pessoal é expelido da escola, assim o [inaudível - 37:03] tem muita dificuldade de renovar, porque isso aqui foi uma geração, aí depois veio outra geração, né? E é difícil você fazer a renovação. Às vezes você tem muita. Momentos que não surgem liderança, né? Isso de um ano para outro acontece. O pessoal de um para outro já tem outras questões, né? Entendeu? Então hoje eu suponho que o movimento esteja sofrendo com esse leve problema, com falta de renovação. Nem é sobre isso o tema, né? Falta de base mesmo. Falta de base, porque o governo do Estado começou a montar os Grêmios. Na época ele não montava, a gente que ia lá montar. E ele começou a montar conforme os Grêmios... saia da escola.

Isso. E os alunos que são do Grêmio... são alunos que cercam a partida. Então você vê que normalmente é um pessoal mais alinhado com esse pensamento. Na nossa época esse pensamento conservador não tinha no secundarista. Não tinha! Era muito, muito difícil, qualquer escola por mais que o cara, o aluno fosse, é se ela não fosse esquerda... ele não concordava em nada com a diretora. Então tinha aquela contestação natural do pessoal, né? Então isso foi, deu uma certa facilidade para a gente, né? Agora eu não sei como está não.

Tudo bem? [Inaudível - 38:34] Se você quiser, na época foi 1992 a 1993. E eu fui da UPES, foi de 1987 a 1990, fui diretor regional da UPES do mandato [19]87 a [19]89. Depois eu fui tesoureiro. Duro ser tesoureiro que não tem dinheiro, viu? [19]89 a [19]90, eu fiz ao contrário. Eu fui na Estadual depois vim para o Municipal, né? Da parte da minha colaboração... Assim... [...] Isso [...] E aqui... Manda um Zap. Manda no Zap, porque eu não consigo ver quem podia te dar ... porque é o seguinte, essa turma aqui: XXXXX, XXXXX... depois veio XXXXX, XXXXX. Eles voltaram para o CES. Eles voltaram a utilizar o espaço, mas assim a parte de memória eu sei que não existia. Porque eu sempre... eu até que... a gente fazia, bolamos marca, aí cada gestão bolava a sua. Então eu acho que é mais fácil pegar nos jornais. Infelizmente, no site da UBES você vai pegar a memória, mas assim é da UBES, não é do...

Isso, entendeu? Santos é isso, teve uma vez que um pessoal da JS falou que ia fazer um documentário sobre isso tudo, mas acho que ficou só no campo das boas intenções. E aí o que tem. Eu sei... são umas coisas individuais... alguém guardou... e vai lá e pega. Mas documentos das entidades não. Eu nem sei se hoje as entidades estudantis vão ter muito futuro do jeito que tá, né? Essa fragmentação questiona muito as entidades centralizadas, né? Pois se a UMES organizar manifestação, a juventude vai participar [inaudível - 41:16] uma boa visão conservadora, né? Tem muita influência. E no campo progressista... essa fragmentação, né? E o pessoal, como é que chama? Outros mecanismos [inaudível -41:31] Então isso fragmentou demais, enfraqueceu demais o, a unidade do Movimento Estudantil, né? Como que eles vão tratar com isso, não sei. É enquanto tiver... é isso. Na hora que o movimento conservador se fortalece, a esquerda entra em pane, pane, né? E aí a extrema esquerda começa a criticar a esquerda mais tradicional: _"Oh, a culpa é de vocês, vocês que erraram, caso essa plástica de vocês. "

_Eu faço hoje, Serviço Social na UNIFESP e vejo lá como é que o Movimento Estudantil. Completamente fragmentado, tem vinte grupos coletivos, que eles chamam!

Coletivos, células, núcleos, e cada um tem meia dúzia de pessoas e eles... [fechamento dentro de pequenos grupos]. Isso, se tiver ocupação na UNIFESP. Eles se organizaram, mas se fecharam também. É assim! É uma democracia meio relativa, né? Quando eles se sentem ameaçados, eles se fecham. Democracia fica limitada... porque eles falam que os outros não tem visão. E aí qualquer tentativa de [inaudível - 42:39] se tentar articular, eles vão... Emparedam e não deixam fazer. Então acaba sendo uma força de guerra. E no pensamento conservador, né? Mas isso é outra história. Te ajudei? Mais alguma coisa? Tá?

(Sobre a entrevista de B.N. em local de trabalho) Não eu estou... eu coloco a secretária, a gente tem que encaminhar um projeto para Brasília já amanhã, mas a gente depende de secretário. Bem, se tiver alguma coisa manda por *Zap*, manda um áudio, eu não sei qual é a linha exatamente que você está fazendo se é só sobre Grêmio.

(Sobre a relação dos Grêmios com o Movimento Estudantil) Não... É porque assim... Os Grêmios a gente conseguiu canalizar essa organização para o Movimento Estudantil. Também só para [inaudível - 43:45] mas eu acho que é no papel. Hoje não, hoje o Grêmio, pelo o que eu sei ele virou um apêndice da escola para...

Uma pessoa que você pode contatar que foi dessa época é o XXXXX. Hoje é Secretário de XXXXX em XXXXXX. E ele é um cara que tem uma visão, ele se lembra bem. (Sobre o fato de já o ter entrevistado) Eu não sei o que que ele falou para você, mas..., mas assim, é o XXXXX era presidente do Grêmio do Canadá. Ele chegou a ser candidato da JS, foi presidente da UMES. E assim, o problema é que foi muito pouco tempo. Ele poderia ter contribuído muito mais. A geração que veio já era uma geração bem mais nova. Eu e ele já éramos uma geração anterior. Aí essa, que chegou assim, o XXXXX, XXXXX, XXXXX, um monte de gente. E era um pessoal bem novo. E depois teve uma outra geração que foi XXXXX, XXXXX, né? Outra turma, né? Pegou três gerações, né? E o XXXXX! Como ele foi presidente muito cedo acabou [inaudível - 45:04] mas ele, se você conseguir entrevistar ele... [Agradecimentos e despedida].

ENTREVISTA REALIZADA COM N.F.

- O critério utilizado para a escolha deste entrevistado foi o fato deste ser servidor público Municipal e um gestor educacional operante na ocasião em que se deu a primeira iniciativa de Grêmios municipais. Deste modo, pode-se ter contato com os processos de gestão do Grêmio dentro de uma escola grande, que possuiu uma atividade Gremista intensa e que fora diversas vezes citado nos relatos sobre o período das gestões Telma de Souza e David Capistrano. Este sujeito de pesquisa ainda pertence ao quadro de ativos da Prefeitura Municipal de Santos e possui uma visão sobre o projeto de Grêmio que está sendo desenvolvido atualmente.

Início da fala de N.F. - [sobre o roteiro de entrevista e o processo de autorização - TCLE]. Tá bom. A minha experiência, porque assim... eu tenho já, como funcionário da Prefeitura Municipal de Santos, precisamente na Secretaria de Educação. Eu estou desde fevereiro de 1990. Então, inicialmente, eu tornei-me professor, na época professor de primeiro grau, me efetivei. *Lato sensu* devo ter ficado quatro, cinco anos, e aí, que a época era diferente do que é hoje. Antigamente, diferente de hoje que você se inscreve para substituir Equipe. Na minha época, nos anos [19]90, não era assim. Era o colegiado que elegia. Então, eu fui eleito pelo colegiado, pelo Conselho de Escola. E aí como precisava na UME XXXXXX de um assistente de direção para os períodos vespertino e noturno, o colegiado é quem me conduziu para ser o vice, ou assistente da direção da UME XXXXXX.

Bem diferente! Na verdade, nós estávamos sob a *régis* de uma administração petista e praticamente foi é, esse período foi o último, pelo menos na história de Santos, foi o último período em que tivemos uma administração petista na cidade. Mas funcionava assim: era o

colegiado quem... é que cancelava a substituição da Equipe Técnica. Era cancelado pelo colegiado. Bom, quando eu assumi a vice direção da UME XXXXX, os Grêmios, eles já estavam meio que estruturados. Então nós tínhamos uma base que funcionava na Secretaria de Educação. Na época ela funcionava lá na PRODESAN, no prédio da PRODESAN, lá nos andares da PRODESAN.

Se não me falha a memória, quem dava essas diretrizes era a professora XXXXX. Foi diretora daquela escola Cidades Irmãs que depois virou Neves Prado. Ela era diretora de lá, foi diretora de lá. E com a ascensão do PT para a administração da cidade, e como ela trabalha para o partido, ela foi convidada para compor o Departamento Pedagógico. Então, pelo Departamento Pedagógico. O Departamento Pedagógico começou a estruturar os Grêmios nas unidades municipais. Eu lembro, à época, que via de regra, nós só tínhamos a figura desse representante do Grêmio nas escolas onde eu tinha o antigo... porque nós, não... naquela época não era fundamental, era o antigo, ainda o antigo primeiro grau. Para as salas das 5ª séries, se a escola tivesse de 5ª série até a 8ª série, tinha essa organização do Grêmio.

O que eu consigo lembrar, na época é assim: a estrutura basicamente ela era toda articulada na Secretaria de Educação. Apesar de todo movimento bastante progressista com respeito à ideia do... da organização de Grêmios. Mas assim, eu considere particularmente um movimento ao mesmo tempo que ele era horizontal, pela participação dos alunos, ele era ao mesmo tempo vertical ... Porque, por exemplo, nós que compúnhamos a Equipe Técnica, hoje é chamado de Equipe Gestora, mas naquela época era Equipe Técnica... Então o grupo de especialistas que compunha a Equipe Técnica a gente não participava desse processo. Praticamente a gente recebia toda a formatação, como a coisa iria se comportar. Então, nós tínhamos assim alguns problemas estruturais enquanto organização de unidade escolar. Por quê? Porque se resolvia, por questões, que envolvendo a própria UME, mas aquela União Municipal de Estudantes... UMES! Tinha, temos umas abreviaturas de que eu não sei todas assim de cor. É, são muitas abreviaturas desses Movimentos Estudantis instituídos. Então, toda hora resolvendo na Secretaria de Educação e o representante ele já vinha com um protocolo de atividades. E as coisas começavam a acontecer na escola. E assim, sabe assim, marido traído? A gente meio que só sabia assim na hora. [Falava-se diretamente aos alunos] direto com os alunos. Aí nós começamos a pontuar junto a Secretaria de Educação que acabava afetando a rotina.

Porque eu tinha alunos da... do Grêmio. O representante do Grêmio que deixava de frequentar as aulas. E aí se arvorava nessa articulação. Então tudo era justificativa para não assistir às aulas. Então a gente, meio que inicialmente, perdeu o controle da situação. Avocamos a Secretaria da Educação no sentido de a Equipe Técnica ter ciência dessa organização até para estar organizando a dinâmica no âmbito da escola, tá? Assim, eu não vejo assim.

A intenção do Grêmio ela era bastante, e é, bastante interessante. Naquela época a intenção era bastante interessante. Mas, assim, essa falta de eco na unidade escolar, da Equipe Técnica... antes do movimento acontecer. Não sei se eu consigo ser claro. Antes do movimento acontecer, a Secretaria de Educação chamar a Equipe Técnica para esta conversa, explicar o movimento, como vai acontecer. De repente ter uma conversa *in loco* com a Equipe Técnica e esses representantes do Grêmio. Até para que você tenha uma, de fato... organização. Nos anos [19]90, ou no século passado, eu preciso que isso... isso faltou, não existiu. Então, ela tomou corpo mesmo em [19]90.

Isso, nós tivemos uma primeira administração petista com a Telma de Souza. Se eu não estou equivocado teve uma recondução. Aí ela não poderia ter uma terceira recondução. Ela apoiou o falecido David Capistrano que ele era da Saúde. Então, foi na administração do prefeito David Capistrano que isso aconteceu, tá? Penso, até porque como a questão do Grêmio, era uma visão progressista. Existem determinadas correntes filosóficas que não

compartilham. Até porque, se você pensar que o Grêmio é uma partilha de poder, entre aspas é um “empoderamento diferenciado”. Você começa pelo Grêmio. Está dando vez e voz para estes alunos. Talvez assim, eu acredito que o PT tenha aproveitado as outras administrações para estar trabalhando esta cultura do Grêmio, para daí... presumo, que na administração do então David Capistrano, essa ideia, essa cultura... aí ela criou corpo.

Eu só lamento, assim... é eu observo na estruturação do Grêmio, a época, que assim, tínhamos algumas questões de percurso. Mas penso que são questões que eram resolvíveis, tá?

Agora, o grande nó... e eu penso que aí dá uma boa dissertação de mestrado... é a questão das políticas públicas. Elas sofrem rupturas, e continuidades, e rupturas. Quando você tem a possibilidade da manutenção do mesmo partido, aquele mesmo viés político, você até consegue que algumas políticas, elas se mantenham.

Agora, para você ter uma ideia, à época, a passagem de, foi de [19]95 para [19]96, ou de [19]96 para [19]97. Se não me falha a memória de [19]96 para [19]97. [19]96 foi o último ano do mandato do então prefeito David Capistrano. Quem ganhou as eleições na época era o prefeito, hoje Deputado Federal, Beto Mansur. E ele é de um partido progressista e que tem todo um viés diferenciado, há avessas. Então, algumas construções que foram elegidas, construídas no governo anterior, praticamente elas foram desmontadas. E, digo mais, durante a administração do Beto Mansur, porque na administração dele eu já era Especialista em Educação. Então nós passamos aí os oito anos que ele esteve na frente da administração da cidade, nós não tivemos a... o reaparecimento desse Grêmio Estudantil. Ele ficou arrefecido, esse projeto.

Nós tivemos depois mais quatro anos também. E começou com um partido progressista. Depois o prefeito, que já vou dizer o nome, ele mudou de partido, que era o Papa. Mais oito anos o Grêmio ficou arrefecido. Na verdade, ele é... Essa discussão sobre o Grêmio ela praticamente deve ter aí quatro, quatro anos, por conta da atual administração que ainda se mantém na administração da cidade.

(Sobre a duração do projeto de Grêmios nos anos [19]90). Foi, olha. Muito rápido, porque veja, foi [19]95. Ele criou corpo de verdade e se constituiu enquanto Grêmio em [19]95 que eu lembro que é UMES. Tem UMES e mais uma outra entidade. Elas costumavam fazer, não sei se ainda continuam, elas funcionam deste jeito. Anualmente tem um encontro de... tinha encontro de estudantes. Eu lembro que na época teve toda uma mobilização dentro do Município para que os representantes dos Grêmios, subsidiados pela prefeitura, pela Secretaria de Educação, eles participassem desse encontro anual de estudantes. Eu não sei se era um Encontro Estadual, ou se era um Encontro Nacional de Estudantes. Assim, tem os dois polos. Eu entendo hoje como a articulação do Grêmio Estudantil, que Grêmio é um excelente, uma excelente parceria para a gestão da unidade escolar. Das escolas como um todo.

Mas a época, como era algo ainda em processo de implantação, a gente observa, assim, por parte de alguns alunos, acabou servindo assim como um escolto, um viés para a prática de licenciosidade. Então, alguns alunos se escondiam no Grêmio para não assistir a aula, para não participar. Então, eu observo nos anos [19]95 que assim essa construção, essa parceria do Grêmio com a escola, ela não existiu. A gente observa, eu observo até pela época ter funcionado como Assistente de Direção que a gente era mais advogado para solicitações: _ “Ah, a escola não tem isso” ... por parte dos alunos tendo o representante do Grêmio como porta voz. Então, por exemplo, nós éramos advogados para: _ “Olha, está faltando isso”, _ “Tem que fazer isso”, _ “Tem que fazer aquilo, aquilo outro”. E eu percebo aquela época, também era um exercício, estávamos em processo de construção, não havia parceria. Não havia assim: _ “Bom, eu vou

conversar com a administração da escola para eu ter uma referência, para eu ter um diagnóstico, o que é...”

Só posso falar da realidade que eu acompanhei. O que foi, na época, o XXXXX, quais os problemas, quais os principais problemas. E aí o Grêmio partir destas questões, dessa diagnose. Então faltou toda essa, esse estofo. Então, na verdade, o Grêmio ele era muito mais usado assim na perspectiva de cobrar a gestão de alguma coisa que faltava: _ “Ah... tinha que ter um som na hora do recreio”, eram essas as cobranças. _ “Olha” tem que ter um ventilador a mais na sala. Mas aí assim não havia preocupação, não está faltando ventilador. Por que que está faltando esse ventilador? Ah, então esse ventilador ele foi avariado. Não foi porque ele naturalmente... que ele estragou e faltou uma manutenção da administração pública. Então não tinha essas conversas, na verdade ele foi avariado porque o próprio corpo discente se encarregou de promover a avaria.

E que penso, à época, o movimento do Grêmio, penso, de repente estou equivocado, de repente... Nós poderíamos formar aí uma parceria, até porque é um olhar diferente. A figura do Gestor ou da Equipe suscita um certo distanciamento e o Grêmio não. É um segmento muito próximo dos alunos. Então você consegue, inclusive, influenciar nessas subjetividades, em algumas representações sociais, até por respeito ao público, né?

A gente sabe que, né, fora o funcionário público, quem se utiliza de um espaço público, ele sempre acha que aquilo é de ninguém: _ “A minha casa eu não posso fazer, porque é a minha casa, eu cuido. Mas o espaço como é público é algo de ninguém”, que é uma consciência equivocada. _ “Eu posso quebrar, destruir, etc.”. Então a época, eu sinto que faltou essa ação do Grêmio. Não é só para isso, mas assim, essa ação de parceria. Porque são pessoas que, primeiro, são adolescentes que tem as mesmas questões que outros alunos. Então, até é esse poder, né? Que é uma representação social e há um poder aí de ideias. Esse poder de ideias é altamente influenciável. Então, nos anos [19]90, precisamente [19]95, eu senti essa... esse distanciamento.

Era um Grêmio muito mais focado nas... [questões imediatas...]. Exato e naquilo que a escola poderia oferecer. Não havia o contraponto: _ “O que que podemos fazer para tal... ter esse *status quo*”. _ “Ah, então, o ventilador está quebrado não é porque estragou naturalmente, é porque foi provocado por alunos”. Opa! então é uma questão de a gente estar avaliando e estar vendo uma maneira de... De educar, de promover alguma ação no sentido de... [...]

(Sobre os alunos menores no projeto de Grêmios em andamento) Menores. Então, assim é algo que eu sempre discutia muito com o líder do Grêmio que, a professora, eu acho que listou a pouco...

O XXXXX era o que questionava com ele. Porque, por exemplo... eu não... como XXXXX... Eu não posso atrelar que aluno de Grêmio mexa com dinheiro, com tesouraria, com essas questões. Nós tínhamos algumas questões que eu apontava para ele, eu falei: _ “Olha, a nossa organização de Grêmio, você não pode ter como base no Estado. Porque o Estado ele pode...” É, eles podem até ter um Grêmio que movimente dinheiro, até porque, como trabalha com o médio, você pode ter até alunos de maior idade para esta composição. Mas, o nosso modelo não, porque a gente fica só com a faixa etária... Se você considerar o nosso âmbito de atendimento, é de zero até quatorze, quinze anos, com algumas, com algumas diferenciações na EJA. Então, na verdade, assim, é muito mais um exercício de cidadania do que essa movimentação financeira.

Então, o exemplo que nós temos no... aí eu tomo como exemplo o XXXXX, a direção se coloca à disposição do Grêmio para qualquer atividade que necessite, aí, de um bem de capital financeiro. A direção se coloca à disposição para ajudar no que for possível e no que der. Porque assim, a gente não tem um recurso fora. Aí esse recurso é da própria unidade, da própria unidade escolar.

(Sobre o colégio Acácio nos anos [19]90) Acácio, eu não consigo. Eu não consigo resgatar. É que aquela época, o Acácio ainda lidava com, hoje a gente chama de médio. Era o segundo grau porque tinha os cursos de contabilidade. E como eu não tinha, a época, o envolvimento que eu tenho hoje. Hoje pela XXXXX você conhece muita coisa. Mas naquela época como eu era o XXXXX de uma UME de... da primeira série a oitava série, na verdade era muito mais ensimesmado. A realidade da UME XXXXX eu conhecia, mas eu não posso te precisar como, como foi essa organização da escola Acácio. Não consigo, eu não consigo, eu não consigo me lembrar.

Não sei se ajuda... eu posso se houver ou tiver um interesse da pesquisa consultar as minhas bases na XXXXX. Porque na XXXXX tem algumas pessoas mais antigas. De repente, eu converso... Isso, isso. Se alguém tiver assim um resgate dessa memória, para estar lhe ajudando. Mas, assim, particularmente, eu não consigo. Eu não me lembro, eu não lembro como é que era essa organização. (Sobre uma desenvoltura mais ampla dos alunos do colégio Acácio, que tinham uma faixa etária maior). Sim, sim, sim. Penso que, acho que... Penso que eu já perpasssei essa questão, né?

Pelo menos na atualidade, a questão, esse impacto... E há esse diferencial nas escolas. Hoje o Grêmio, ele ajuda e ajuda bastante! Bastante! Por exemplo, hoje na UME XXXXX, a gente trabalha com as salas ambiente do sexto ao nono ano. Então, hoje não é professor que muda de sala. Quem muda de sala é o grupo discente. Então, passa das 7h00 até às 11h45, depois das 13h00 até as 17h45. A cada mudança de aula, e aí varia, se o componente tiver aula dupla, aí não há mudança. Mas assim, a cada mudança de componente, eles trocam de sala. Porque as salas, elas estão organizadas para que ele, para aquele determinado componente. Então o Grêmio nos ajuda inclusive... Nessa circulação. Uma circulação organizada, sem maiores transtornos, tá? É isso, você vê, parece algo tão insólito.

Ontem, eu precisei, assim, que saí daqui ir à UME XXXXX, porque o promotor da Vara da Infância e da Juventude estava lá e queria ter uma conversa com a supervisão de ensino e com a gestão. Ele ficou das 14h00 até quase próximo das 17h00. Depois ele até questionou se tinha aluno na escola. Porque... Silencioso. E olha não só tem alunos na escola, como aqui a gente... Ele ficou encantado. Ele foi pelos corredores para... Para poder ver, né? Porque fala, a pessoa não acredita: _"O que? Aqui, eles circulam? Mas, eu não escutei nada". Não, mas é porque a gente tem toda uma estrutura que nos ajuda e nos favorece... a essa mudança com tranquilidade. É isso! Não sei, se... Penso que, tem mais alguma coisa que você queira? É suficiente, tá?

E é uma coisa assim, a gente que lida com as questões da educação e com política pública, ela é muito complicada. Eu entendo hoje. Quase dezoito anos na XXXXX, que a política pública, independente da questão partidária, ela tinha que ser perene. Porque o que está por trás dessa política é o ser humano. E, assim, me parece, inclusive essas políticas. Elas acabam, a gente fica rendido. A pós-modernidade, a questão da coisificação. Que aí você trata como se você estivesse lidando com coisas e, na verdade, por trás da política tem seres humanos. E quando você deixa de articular uma política, você deixa de beneficiar um grupo, grupos, uma população inteira. [Rupturas] exato, exato...

Essa é uma coisa que eu lembro, talvez não tenha, assim, tanta relevância. Mas, na época do Grêmio, nós tínhamos implantado aqui na Secretaria da Educação um projeto piloto chamado "Projeto Regular Noturno". É que, hoje, nós não temos mais demanda para o Fundamental. Na época ainda era o Primeiro Grau, o regular. Então, foi feito um projeto piloto e esse projeto piloto abarcava o XXXXX, o XXXXX, o XXXXX e o XXXXX. Então, o que acontecia? Era uma organização tal! Por exemplo, na segunda-feira, na segunda-feira no XXXXX, nós tínhamos aula de... Era assim, até antes do recreio era aula de Arte e depois do recreio... para o final, era aula de História. E era assim, tinha os professores que davam aula e tinha o grupo que dava o apoio. Então, vamos supor, lá na sala o fulaninho está com

alguma dificuldade. Esse aluno, ele era encaminhado para esse grupo que estava na sala de professores, para trabalhar a dificuldade. Então é uma organização tão diferenciada que em [19]95. No XXXXX, nós constatamos que foi, à época, o melhor ano para o ensino Fundamental. Para o regular noturno, que nós não tivemos problemas com faltas... nem de alunos e nem de professores. Porque, naquele dia, era todo o *staff* da rede ia para lá, de História e Geografia, de História e de Arte e ficava a disposição. Então tinha o grupo que entrava e tinha o grupo que ficava. E essa organização se estendia. Na terça, eu lembro, a minha memória não vai me pregar peças, na sexta-feira eu tinha as primeiras aulas de Matemática e, eu acho, que as últimas de Inglês.

Então, era uma organização bacana porque cercava o aluno. Então, por exemplo, aluno chegou hoje para, naquela época, à noite, para aula e olhou no diário que ele estava lá com dez faltas. Mas, era na hora. Já juntava aquele *staff*! As atividades já estavam preparadas e já era compensação de ausência *in loco*. Então, era uma organização interessantíssima. O que que aconteceu? Como na virada de [19]96 para [19]97, isso, de [19]96 para [19]97 a administração mudou e a ideia não era do partido que havia vencido as urnas, simplesmente o "Projeto Regular Noturno" foi para o buraco. Então, esse é um problema... Não importa se a ideia é boa! Só se importam se ela é minha ou não, né?

É algo, por exemplo... é uma memória e aí dessa memória você repartisse. Hoje a gente nas escolas... a EJA Digital. Como é que eu falo eu..., mas eu... como é que a supervisão de ensino conseguiu fazer com que a EJA Digital virasse de fato política pública? Como eu sou integrante do XXXXX, eu avoquei o povo da SEJA. Nós... nós bolamos, nós fizemos uma apresentação para o Conselho Municipal de Educação sobre o que era a EJA Digital, todos os constructos da EJA Digital. Nós conseguimos encantar todos os conselheiros do Conselho Municipal de Educação. Aquela apresentação virou uma indicação e hoje, a EJA Digital, ela é fruto de uma deliberação do Conselho Municipal de Educação. Por isso, quando você abre, por exemplo, regimentos das UMEs de Santos, está lá EJA Digital. Ele não está ali por uma questão política partidária, é porque, por conta deste movimento, ela acabou virando uma política pública. [Possibilidade e o risco de corte de projetos] de ser cortada, você entendeu? Porque, na verdade, a EJA Digital começou lá atrás na época da outra administração do Papa. Entendeu? Mas como, por conta do Conselho Municipal de Educação, ele virou indicação, virou uma deliberação e foi reconhecida como uma metodologia diversa para estar tentando debelar tanto a distorção idade-série, etc, etc. E numa proposta também diferenciada. O Conselho entendeu que de fato era uma prática exitosa e virou política. Você entendeu? Então eu estou contando isso... Para algumas saídas...

Para determinadas políticas que a gente fica com muito medo de que elas sejam propensas a irem para o buraco e de ninguém ratificá-las. A gente tem que ter esse movimento, sabe? Tornar... fazer com que essas políticas elas... elas são públicas, mas elas têm, você tem que dar publicidade. Que às vezes ela é pública, mas não é dada a devida publicidade. Do lugar certo, para o grupo certo. Porque aí hoje a EJA meio que ficou, não é que é, refém. Mas as pessoas não podem mexer na EJA Digital porque virou política pública. Já deixou de ser política partidária. Então, eu penso, que assim... determinadas construções que a gente: _ "Poxa, essa ideia tão interessante"... mas se ela for bem estruturada... e ela vire, e assim... A gente conseguir com que ela vire um projeto de lei, dificilmente ela é desconstruída. Dificilmente ela é desconstruída. Eu penso que é essa a ideia.

(Sobre ficar à mercê da vontade do outro) Do outro, do outro, do outro. Aliás, eu sempre penso que a XXXXX ela caminha num terreno, num terreno bastante íngreme. Porque você lida direto com a questão política e nem sempre, por exemplo a questão legal. Quando você vai para a mesa das tratativas, ela é a que ganha... às vezes o que grita mais, o que tem mais articulação política. Às vezes ele não tem nem o conhecimento da legislação, mas como tem uma boa articulação política, uma boa entrada. Às vezes a sua fala é tão consequente, a

minha nem tanto, mas às vezes porque como eu tenho essa inserção política, você é preterido do processo. Então, a [característica do cargo exercido pelo entrevistado] passa muito isso. Eu tenho vivido, eu tenho vivido momentos de extrema angústia... até com esse processo de greve, né? Porque eu tenho essa noção de que essa... na coletividade... algumas subjetividades têm que morrer, né? Eu tenho essa consciência... É, mas as vezes a subjetividade que morre é a, era a mais adequada, e a que sobrevive não era a mais adequada. Na verdade, ela só sobreviveu, ela só viveu porque ela é hegemônica. E é um problema, porque a gente... Eu entendo que hoje a gente integra um senso comum esclarecido e a gente sabe que às vezes existem movimentos hegemônicos que, apesar da competência, apesar da dedicação, é insano. Você fica brigando, brigando, brigando, e é um eterno brigar e você não consegue chegar em lugar nenhum. E às vezes, a gente na XXXXX, tem essa sensação, né? Porque você discute! “Opa! a ficha caiu!” E aí quando você dá as costas e vê uma publicação, uma fala diferente daquela que foi tratada na mesa das conversas. Aí você vê como é complicado a questão hegemônica, né? Quando você não tem, ou você não pertence ao grupo hegemônico. Por mais propriedade que você tenha, você é desqualificado, preterido. [...]

Oh querida, obrigado eu [sobre a possibilidade de uma conversa futura] mas, claro, claro, com certeza. Claro! Sim, se eu, se eu. [Indicação de alguém para falar sobre o assunto] eu vou, eu vou conversar na XXXXX. Tá? Está joia! Sabe quem eu me lembrei? De repente você consiga fazer esse contato. Dê uma ligada para a escola XXXXX, procure a coordenadora pedagógica XXXXX. Ela foi muitos anos, lembra do Papa? Ela foi da COPED, tá? Conversa com ela: _“Olha eu estava conversando com o XXXXX e assim ele ficou puxando pela memória e ele lembrou-se que nos anos [19]90, tu estavas como XXXXX no XXXXX. Você tem lembrança de como se constituiu, como era organizado o Grêmio? _“Porque ela era coordenadora de lá.” [Sobre a memória e a vivência] exato, se não me falha a memória, ela era de lá. Tá? Não sei se ajuda. E depois eu vou ver na XXXXX se eu encontro mais alguém. [Agradecimentos] nada, querida. Quando precisar... [sobre a dificuldade de unir pontos na pesquisa] Não duvido disso...

ENTREVISTA REALIZADA COM T.

- O critério de escolha foi a indicação de outro sujeito de pesquisa. A indicação ocorreu porque ao ter trabalhado no quadro gestor da única escola de Ensino Fundamental II durante o período pesquisado, teria melhores condições de esclarecer certos pontos da pesquisa.

Início da fala de T.: Então o legado de gestões anteriores até pelo próprio pressuposto, né, freiriano enfim, é... Na década de [19]90 quando a gente teve a gestão da Telma, depois... duas da Telma, se eu não me engano e depois duas do Capistrano. Foi quando isso começou a germinar aqui na cidade, com vários projetos. Aí depois no próximo governo isso resfriou bastante. Na verdade, eu diria que isso ficou inexistente. Aí depois quando o Papa voltou e aí também voltou essa ideia de Gestão Democrática, essa necessidade de participação... Então nós tivemos uma parada de eu ... diria que, de oito anos, na gestão do Beto Mansur.

E o pessoal que estava envolvido com as questões do Grêmio naquela época, eles falaram alguma coisa? Eles resmungaram? Acabaram fazendo movimentos. Mas

movimentos não dentro da escola. A gente tinha ali na Ana Costa... é não lembro agora. Mas é união dos estudantes... Que é ali do lado do Extra, sabe? Tinha movimento lá. A Estação da Cidadania ainda não existia como estação da cidadania com essa roupagem que tem hoje. Mas já tinha um grupinho que também, é o Sérgio Nori já estava, estava o... de barbinha...

É, então assim... acabaram tendo que chamar de movimentos clandestinos, né? Mas, assim, via oficiais, via Diários Oficiais e tudo mais, deu uma parada. É... Eu trabalhava no Acácio né? Em 1990. Foi quando a gente começou um Grêmio. Mas lá era uma escola diferente. Era uma escola de Ensino Médio profissionalizante, né? Tinha o curso de Contabilidade que era a noite e o de Magistério que era período integral. Então a gente fazia muitas assembleias com elas. A gente discutia todas as posições de saia curta, saia cumprida; boné não boné; portão aberto, portão fechado; horário de almoço; quem sai, quem não sai; com autorização, sem autorização, enfim... Você imagina? Todas as questões de gente que nunca tinha tido liberdade e começa a ter liberdade. Então começam a confundir as coisas. Até que, depois de muito... Não sei se você já conhece... Chegou a ir no Acácio? Então, o Acácio é uma escola que era assim ensino pré... profundo. E sabe como a gente fazia? Elas ficavam sentadas, todas lá em cima. E envolta e algumas... Olha, até me arrepio só de lembrar... E aqui embaixo outras... e geralmente, era eu e mais uma professora, XXXXX, que a gente puxava as conversas e fazia as discussões. Eu acho que foram meninas que amadureceram muito. Hoje a gente tem meninas que estão trabalhando na secretaria. Meninas que estão... que têm um olhar diferente, que têm uma relação professor-aluno diferente. Porque elas aprenderam a não ter medo. Mas isso não é uma aprendizagem fácil! É uma aprendizagem até doída, em alguns casos. Em alguns casos, a gente teve que chamar pai. Porque assim, a gente combinava, a pessoa não cumpria, combinava, a pessoa não cumpria, aí você... Porque elas eram menores e enfim... Mas eu tenho muita convicção de que isso favoreceu no desenvolvimento moral, ético, no desenvolvimento da autonomia delas. Eu sou defensora dessa ideia, então... E, coisas que talvez dessem errado. Era isso que eu te relatei.

Eu não estava no Fundamental naquela época, mas é o que eu imagino. A criança quando ainda não tem autonomia e você dá liberdade para ela, no começo ela pode se equivocar e achar que liberdade de mais pode ser: _ “Oba, vamos fazer o que eu quiser”, né?

E não é o caso. A gente aqui, depois eu te conto algumas coisas que a gente está fazendo aqui. Bem interessantes.

O Estatuto, eu não tenho acesso a ele, agora... Talvez no Acácio... É, bom, as coisas do Acácio devem estar na SEDUC, na SELNOR. Você já foi na SELNOR, na Seção de Legislação e Normas. Pode ser que lá você encontre alguma coisa, imagino eu. Mas é... O Estatuto foi construído com... eu acho, que com colaboração do XXXXX. Até perguntei para ele. Ele falou que foi em... Não sei que dia de março de 1990 que foi instituído. É então nessa ocasião deve ter a legislação lá na SELNOR ou o Arquivo em Memória. Talvez já esteja digitalizado, porque eles estavam digitalizando o acervo já há um bom tempo, né? Não sei se já chegaram na década de [19]90. Mas pode ser.

Inovações propostas em relação ao que já existia na rede... Naquela época? Eu diria que é o exercício da liberdade. A liberdade, ela é banhada né? Encharcada, recheada de responsabilidade. Só que quando você nunca viveu, você vai para a libertinagem. Então achar um meio termo disso foi um desafio. Professores que compreendessem esse tipo de... de visão... porque a gente estava vindo da década de [19]80 né? Final... Até [19]84, ditadura. Então esses professores dessa época foram formados pelo regime militar. Eu mesma fui uma. Mas sempre fui rebelde, então eles não me afetaram, graças a Deus. Então, eu acho que, os professores que aderiram à ideia, eles acabaram defendendo a causa. Por isso que talvez você não ouça muita coisa ruim. Porque quem não acreditava nisso, nem chegou perto! Chegou perto quem falava: _ “Não, eu acredito que a escola tem que ser dialogada... que a relação tem que ser dialógica sempre” ... Foi adesão. Quem não acredita, não adianta. Ele pode até

querer pegar mais um projeto para ganhar mais uma hora aula. Mas o projeto não tem vivacidade!

Amanhã, por exemplo, vai ser a nossa eleição do Grêmio. Quer ver? E, eu estava até... Estou procurando as fotos porque a gente vai ter a RP [Reunião Pedagógica] agora... E, eles fazendo as chapas... Isso aqui é um trabalho também que eles agora são ajudantes dos amigos na hora do lanche. É que, desculpa, tem outras... Depois eu procuro. Mas tem eles fazendo campanha. Tem eles já... Eles chegam pra mim: _ “A gente pode pedir para pôr um parque aqui?”, aí eu falei: _ “Pedir vocês podem, mas eu acho difícil, porque precisa ter dinheiro e tal”. _ “Então como a gente faz para ter dinheiro?”. Então, eles são pequenininhos... eles estão no quarto ano, mas eles estão... A gente já vai fazer bazar, uma barraquinha na Festa Junina para doce. Dá para comprar um parque? Claro que não! Mas eles, ano passado, compraram a cesta do basquete. Compraram alguns tatames com o trabalho deles. Então eu acredito de... mais nisso. E, volto a dizer: até agora tem professores que super aderem a isso e tem professores que ficam isentos.

Incentivo à atividade Gremista pela atual gestão. Bastante! Eles estão incentivando bastante desde a, da primeira posse do prefeito. Mas isso já estava acontecendo antes com o XXXXX trabalhando nessa perspectiva dos Conselhos... A gente é... Inclusive fez bastante discussões em questão da discussão Democrática. Porque eu trabalhei, né? ...

Na outra gestão... a gente chamou todos os segmentos: Educação Infantil, EJA, Educação Fundamental, Especial, Conveniadas. Para fazer o Plano Municipal com a participação das pessoas. Isto, nesse momento, tá um pouquinho menos. Agora em relação ao Grêmio, especificamente, está bem estruturado.

Eles disponibilizaram uma professora, é... No meu caso, ela faz trinta horas. Ela fica duas tardes aqui. Todas as escolas têm essa pessoa que é um mediador, um Articulador. E têm uma Articuladora da Secretaria que também dá um subsídio e tal. E aí diante... Existe um cronograma olha... Até veio no calendário... Oh... Está caindo tudo... No calendário oficial. Olha! Cerimônia de posse do Grêmio, período de eleições do Grêmio. Esse fui eu quem coloquei, mas esse veio da secretaria. Então, eles estão valorizando bastante isso. Eu não sei como está sendo desenvolvido. Porque existe um hiato entre estar valorizando e as pessoas realmente acreditarem no projeto. E, no meu ponto de vista, a questão é garantir o protagonismo deles.

Emprego de recursos públicos... Praticamente não existe. Assim, o que tem? O pagamento dessa professora, por mais trinta horas, isso é um investimento. Delegar uma pessoa, no caso, acho que é a XXXXX, que também cuida disso, é também um investimento. Querendo ou não, é um investimento! Nesse ano eu não sei se vai ter, mas quando tem as posses, normalmente, eles disponibilizam ônibus para as crianças irem lá para o Coliseu... Coliseu não, Guarani! Fazem um ato. Querendo ou não, é um investimento! Então, eu acho que existe uma intencionalidade, existe um investimento. E, para o Grêmio em si, não precisa de grandes investimentos. Precisa ter vontade de... aí o resto a gente vai atrás.

(Sobre investimentos na primeira iniciativa de Grêmios) Eu não lembro. Porque lá no Acácio a gente tinha até um regimento próprio. A gente tinha uma agenda própria. Montávamos, montávamos... Sim. Era com orientação do pessoal da Secretaria. Que era um pessoal bem bacana com uma cabeça bem próxima. Até porque as pessoas que estavam trabalhando lá todas foram selecionadas. Não era professor da rede. A gente fez prova. A gente passou por entrevista para poder trabalhar lá. Porque como tinha um recorte muito diferente. Às vezes não dá pra pegar uma pessoa da rede! Já vem com alguns vícios, com algumas coisas que dificultariam o ideal que a gente tinha de formação de professores. Mas... Tinha essa intencionalidade. Mas eu te confesso que documentos, eu não vou lembrar... Porque, né? Vinte anos... Aliás, trinta anos atrás. É muita coisa, né?

Acompanhamento dos estudantes em que sentido? Todos eles que participavam. Eles tinham reuniões de supervisão, que nem, por exemplo, os daqui tem comigo também, comigo e com a professora. Para falar o que fizeram: o que deu certo, o que deu errado, quais são os planos. Aí eu já falo: _ “Olha! Isso dá, isso não dá” ... _ “Ah! Não dá, por quê?”. _ “Não dá por disso, disso, disso. Se vocês acharem uma alternativa a gente faz.”. Não é não dá porque eu não quero! É não dá porque às vezes a infraestrutura não permite. Às vezes eu preciso de algum recurso que a gente não tem, né? Então, é nesse sentido! Mas eles são acompanhados. Também, porque, querendo ou não, aí eu acho que isso cabe agora. E no passado, é porque tem a “síndrome do pequeno poder”.

Então, alguns... A gente teve um presidente do Grêmio o ano passado, por exemplo. Ele resolveu ser o autoritário e aí ele tomou umas invertidas da minha pessoa. Porque eu falei: _ “Não, não é isso!” E, naquela época, agora lembrando um problema, foi esse também. Volto a dizer com a mesma metáfora: quem nunca comeu, se lambuza, né? Então eles nunca tiveram numa situação de autoridade. De eu determino ou eu delego. Aí alguns, até por inspirações, acabam reproduzindo alguns modelos. E isso é aprendizagem! Faz parte do acompanhamento, né? No acompanhamento você precisa desconstruir isso. Ter poder não significa ser autoritário. Pelo contrário, quem realmente tem poder não é autoritário. Quem precisa bater com... Com a mão na mesa, é porque ainda precisa se constituir como liderança. É... no nosso caso, a gente é Grêmio Mirim, porque a nossa escola aqui só vai até o quarto ano. O quinto vai lá para o Genésio, aqui não cabe... Desde a época não coube. E aí a gente tinha pré e agora tem pré de novo, aí não cabe. E, eu acredito que a gente tem que trabalhar isso desde pequenininho. Aqui na escola a gente faz Assembleia desde o primeiro ano. Todo mundo! É a coisa mais linda!

Estão aprendendo a não citar nomes. É aprendizagem. Tudo na vida é aprendizagem e isso também. Eu estou aqui há sete anos e eu estou tentando... Estou tentando... A cada ano, eu vou conseguindo mais um pouquinho. Mas, é você mudar uma cultura que já está instituída nos professores. E, não... na escola é difícil. Mas como eu sou persistente e acredito nisso, estou... Estamos trabalhando. Estamos tendo bons resultados.

Depois eu vou te mostrar. Tem um banco lá embaixo que tá em forma de círculo, que foi um trabalho que nós fizemos no ano passado, daquele projeto [inaudível] da leitura e o da nossa escola. Coube o banco que conta a história do Dom Quixote... Tem até o livro ali. E aí eu até falei que queria o banco redondo para eu garantir que a gente tivesse momentos de roda de conversa. Que seja pelo banco! Nessa altura, seja pelo que for. Garantindo é o que eu fico feliz, né? Então nós temos o Grêmio Mirim, naquela época também... Naquela época... não tenho certeza se era de sexto ao nono. Como eu te disse eu estava no Acácio e lá a gente era uma ilha mais ou menos.

Tratamento de questões relacionadas à cidadania, comunicação, cultura... A gente tem um diretor de cada um desses setores. E já tinha na época também, e a gente fazia campeonato. Era o Grêmio que organizava a Festa Junina. No caso, a época da Festa Junina já era pensando na formatura. Porque a gente fazia umas festas bem legais! É... Para angariar fundos. Mas assim, eu não lembro se tinha essa estrutura... Agora eu sei que está bem organizadinho, pelo menos aqui. Está bem nítido. Cada um tem o seu caderno aqui. Eles fazem as suas anotações, têm secretário... Eu acho que talvez naquela época, eu não me recordo de ser tão sistematizado. Acho que agora ficou mais sistematizado. Pode ser que já era. Mas eu, como te disse, não me lembro.

Os frutos colhidos... É... No Acácio são as alunas que eu vejo hoje trabalhando em lugares onde quase ninguém quer ir. Elas vão, é... Fazem trabalhos... aqueles alternativos, que quase nenhuma professora gosta. Elas fazem! Então elas acabaram tendo um olhar, eu diria, mais generoso, mais amoroso, mais cuidadoso com as pessoas e... Eu diria que eu atribuiria isso a uma formação mais humanista... Eu diria que isso se deve a uma formação

mais humanista. E aí eu atribuo isso a uma ideia de conceitos partilhados, de discutir ideias, aprender a discutir, aprender a argumentar. E isso eu diria que são diferenciais, né? Porque professor às vezes emburra: _ “Não vou fazer e fecha a boca”, né? E elas aprenderam que você não é minha amiguinha. Nós somos colegas de trabalho. Eu posso me tornar uma grande amiga sua..., mas agora a gente está num coletivo.

Projeções para o futuro... Então, naquela época, como eu te disse, a gente até pensou algumas coisas. Aí chegou o outro governo e foi interrompido e depois voltou. Quando voltou, voltou mais na pegada dos Conselhos, como uma coisa mais macro. E o Grêmio, ele foi chegando como consequência dos Conselhos. O fortalecimento do Conselho de Escola. Que ficou uma coisa proforma. Ficou uma “coisa só pra inglês ver”, sabe assim? Não existia, de fato, uma participação. Então houve uma retomada e um fortalecimento dos Conselhos. E como o conselho tem o seu bojo, a questão da Gestão Democrática, da participação... como que a gente traz os alunos? Porque os alunos menores não podem votar no Conselho e tal. Então eles também teriam que ter voz. E aí foi quando a gente... é... Começou a criar um local para que eles tivessem voz.

A gente até tinha um cronograma. Mas o Grêmio não fazia parte desse cronograma. Porque, como eu te disse, não existia... Você já investigou se tinha alguma política específica? Eu preciso... Isso eu acho que a gente pode perguntar para XXXXX ou na SELNOR. Eu acho que se você der uma ligada na SELNOR e pedir lá para as meninas verem o que é que tem. **Porque de legislação... ou o próprio XXXXX. Ele é bom nisso! Eu não lembro se tinha. Mas a coisa foi se constituindo nas escolas de Fund. II. Isso eu lembro. Mas eu não lembro de legislação. Eu lembro de participar de algumas reuniões, é... Com alguns professores que estavam começando a estudar essa questão de Gestão Democrática, aí a gente teve...** Nossa Senhora! Que desafio menina! Que desafio! Eu vou aqui para baixo. Depois eu vejo se eu lembro.

Relação com outras organizações ou movimentos. Tinha junto com a dos... Jovens ali da Ana Costa, é a União Nacional dos Estudantes, tinha... Teve um encontro lá em São Paulo, que nós levamos algumas crianças... No governo Papa... Que foi num hotel lá em São Paulo. Eu não vou lembrar o nome do hotel, mas a gente teve... Que eram representantes dos Grêmios. Ah, uma outra coisa que a gente trabalhou, que também foi legal, foi as crianças irem na Câmara... Aquele Jovem Vereador, acho que foi depois. Mas vamos dizer, a pílula inicial foi nessa época. Deles irem lá verem como que é feita a lei, participar de uma sessão. Isso eu lembro também. Não lembro o ano. Mas eu lembro que teve sim. Aí, Jesus... E as relações... Então as relações é com esse, com o Estado. A gente tinha, porque o Estado tinha essa questão bem forte... Tinha mais organizações que faziam...

Ah, o Conselho da Juventude da Secretaria de Educação, da Secretaria de Cidadania, se não me engano, que foi criada até na gestão do Papa, se não me engano. O XXXXX que era o coordenador... aliás, até ele saiu esses dias. Ele era um que articulava bastante com várias ONGs, com vários espaços não formais de educação. Para mobilizar a juventude. Para que eles tenham maior protagonismo. Mas, nas escolas eu vou ter... Eu vou ligar na [inaudível], vamos ver se elas lembram de alguma coisa. E o critério de escola, adesão. É adesão... É o tipo de coisa que não dá para você impor, é muito complicado... A pessoa pode até fazer, mas se ela não crer, vai ficar muito frágil.

O potencial formador do Grêmio e que tipo de pessoa se pretende formar... É, eu acredito muito no potencial formador do Grêmio. Porque ele desenvolve: empoderamento, protagonismo, autonomia moral, autonomia intelectual... É... Ele faz as pessoas aprenderem a dialogar. Ele promove situações em que eu vou ganhar e situações em que eu vou perder e eu preciso aprender a lidar com isso na vida... Ele já é um exercício para a cidadania. Que já é a cidadania isso, né? Eu não gosto, aliás, eu não uso a expressão que estou formando o futuro cidadão. Eu estou formando cidadão aqui e agora. Desde o pré, né? No caso agora

começa aqui no pré. A hora que ele não... Não deixa a torneira ligada, estou formando para a cidadania. A hora que ele dá descarga no banheiro, estou formando para a cidadania. Então eu não gosto muito de metáforas a parte, esquartejar sabe? É um todo. Mas no Grêmio, especificamente, essa questão do desenvolvimento, do protagonismo, da autonomia... É... de saber o que é certo, o que é errado. De saber corrigir o meu amigo.

Isso são desafios numa sociedade em que os meninos são pequenos tiranos, né? Os pais com peso na consciência dão, dão, dão coisas. Então ter ficou muito forte e ser ficou fraquinho, frágil. E eu trabalho muito nessa dimensão... deles serem pessoas melhores. Serem cidadãos de bem... Não esses que estão falando agora..., mas um cidadão que realmente seja justo, que veja que você está precisando de ajuda... eu vou te ajudar. Aí a gente criou esse projeto aqui oh... Que é uma daquelas fotos ali: “Super amigo”. Então os quartos anos vão cuidar dos terceiros e os terceiros vão cuidar dos segundos, por enquanto. Os outros já querem, eu falei: “Não. Vamos fazer um teste”. Então tá, tem um cartaz. Você não deve ter reparado quando você entrou, que tinham dois nomes em cima e dois nomes embaixo. Então, por duas semanas vai ter um. Dois super amigo do terceiro e dois super amigo do quarto. O que eles fazem? Eles... eles vão olhar se as torneiras estão fechadas. Eles vão ver se eles escovaram os dentes. Eles vão ver se eles lavaram a mão antes de comer. Eles vão ver se eles vão correndo e querendo ir escada afora ou se vão andando.

Porque eu falo aqui que não precisa andar em fila. Professor que se sente mais seguro, beleza, vai na fila. Mas não precisa! A gente vai andar como a gente anda na vida e ninguém anda em fila. Fila é só no banco, no supermercado, né? Na fila do INSS..., mas o resto a gente não anda com fila né? Então escola... Porque volto a te dizer. Eu não estou formando para o futuro, ele já é cidadão agora. Então ele tem que aprender a andar pela escola.

Se alguém aparecer aqui, você vai ver. Eles vão bater na porta, eles vão pedir para entrar, mas não é assim... Sabe aquela coisa meio robótica? _ “Dá licença, dona...”, não é. _ “Tia, vim pegar tal coisa, tia.” É numa boa. Educação. Então são coisas que o Grêmio ajuda. E isso eu diria que é um subproduto, né? Esse “Super Amigo”. Aí eles colocam...

Nasceu do Grêmio, mas não é necessariamente um Gremista que faz isso. Não, não. Tanto que eu tenho representantes de classe de todas as classes, porque aí... Eu ainda não fiz... Mas a gente vai fazer reunião agora para eles também trazerem as pautas deles. Porque os Grêmios são só do quarto. Os pequenos... também... eles reclamam que só tem ovo... É... Eles reclamam da temperatura do ar condicionado, então..., mas eles estão certos, tem que falar, né? Se eles não falarem a gente não vai saber. Só que eles têm que aprender a falar. Não é de qualquer jeito! Não é sem educação! Não é xingando! Não, é: _ “Dá licença. Eu tenho uma coisa a dizer que eu não concordo com isso” ... Nós vamos conversar.

Para você ter uma ideia, a gente tem aula de flauta aqui. Aí chegou uma criança que falou que queria levar a flauta para casa e eu falei: _ “Bom e qual que é a garantia que você vai me dar que você vai me trazer isso de volta?”. Aí eles fizeram... Eles assinaram dizendo que eles se comprometem. E aí agora eu fiz um termo que os pais vão assinar. Que eles vão assinar e eles são responsáveis pelo instrumento da escola. Então é esse tipo de coisa. Na vida não é assim: _ “Aí, me dá a flauta!”. “Não... A flauta é da escola. Eu te dou. Eu quero mais é que você toque muita flauta, mas com responsabilidade, com cuidado”. Entendeu? Então a gente trabalha muito nessa dimensão aqui. E eu acho que esse é o benefício do Grêmio. É formar pessoas que pensem no outro, que pensem no bem querer de maneira geral. Grosso modo é isso! Olha, eu não sei mais o que eu poderia... Você tem mais alguma pergunta?

(Se foi feito algo na transição do governo do David Capistrano para o do Beto Mansur a fim de preservar o funcionamento dos Grêmios). Não fizeram... Não fizeram. Fizeram fora porque não tinha mais espaço. Exatamente. Aí a retomada somente no Papa, 2005. Foram duas gestões, né?

Nos anos [19]90 para trabalhar fora da escola... ah, mas aí eram os mais velhos. Não eram... não eram crianças. Não era tipo... o Mirim. Aí já era Fund. II e médio. Os pequenos tinham representante de classe... Tinham coisas assim... de quando a Equipe Gestora acreditava nesse tipo de iniciativa. Porque caso contrário não tinha. Cada escola por si. Cada um por si e Deus por todos. É... Não era ênfase né? Não era o objetivo. Eram outras metas, então... Teve até época da Sílvia Bittencourt... que é uma pessoa, né, bem legal e tal. Mas aí também ela ficou pouco, né? Porque ela bateu de frente várias vezes. Era uma outra pegada. Totalmente diferente. Com valores muito diferentes. Então isso não era tido como prioridade, como relevante... Aí eles criaram umas provas, umas outras coisas que também... Porque a importância era o... a quantidade de informações retidas na cabeça. Mais que isso não é garantia de aprendizagem, né? Agora um sujeito é um todo, né? Ele não é só cognitivo. Ele é social, ele é afetivo, ele é sinestésico, né? Então, a gente precisa é... contemplar todas essas dimensões.

E aí eu diria que o Grêmio numa escola de educação integral é tudo! É maravilhoso! Dá para eles fazerem muita coisa., porque aí eles atuam de manhã, eles atuam à tarde, eles têm apoio dos professores, apoio dos educadores e, né, da Equipe! É diferente do que quando é só uma escola de meio período. Porque aí dependendo do professor, não dá para liberar. Não dá para sair da classe, não dá para fazer campanha... Os nossos, por exemplo, fazem campanha à tarde. Porque aí com os educadores, assim, de boa... [Agradecimentos].

ENTREVISTA REALIZADA COM H.E.

- O critério utilizado para a escolha foi a recorrente fato do nome deste sujeito de pesquisa despontar em outros relatos. Ele é citado como um fruto positivo alcançado pelo trabalho realizado no projeto de Grêmios durante as gestões Telma de Souza e David Capistrano e na relação com a UMES. O interesse em desenvolver uma compreensão política da juventude na década de 1990 desenha-se na percepção deste ex-aluno Gremista. H.E. despontou-se no projeto de Grêmios dos anos 90 e isso gerou outros convites para compor delineamentos posteriores que lidam com participação.

H.E. - Bom, a minha experiência pessoal com os Grêmios, né? Minha experiência pessoal com o Grêmio Estudantil veio, veio nessa época mesmo, né? No início década de [19]90... **No início da década de [19]90, assim com a abertura, mesmo, política. Com a Constituição de [19]88 tal, eu acho que não só o Movimento Estudantil, o Movimento da Educação, mas o Movimento da Saúde, da Assistência Social, dos Direitos, Direitos da Criança e do Adolescente, Deficientes, deu um boom, né? Nesse período... especialmente nesse período, no Brasil. E com o Movimento Estudantil secundarista e universitário não foi diferente. Porque aí com a Constituição de [19]88 com o artigo da Educação na Constituição, você teve que criar alguns mecanismos de participação, né? E como não existia, antes de [19]84... na ditadura militar e aquela coisa toda, você teve que construir tudo isso. Então eu acho que a minha experiência pessoal ela foi com... acho que com a maioria dos brasileiros nesse período, né?**

Era novidade para todo mundo, né? Porque antes você não podia e acabou. Podendo a partir de [19]88 com Constituição. Então a minha experiência veio daí da década, do início, do final da década de [19]80, [19]89. Eu participei do Congresso de Reconstrução da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, que aconteceu na cidade de Santo André. Se eu não me engano, é [19]90, [19]91. A gente... eu ajudei, enquanto aluno da escola XXXXX, que hoje não existe mais, né? Ajudei na reconstrução do Movimento Estudantil secundarista na cidade de Santos mais especificamente no XXXXX.

O XXXXX, o Grêmio no qual eu participei durante um bom tempo, foi o primeiro Grêmio Estudantil Livre da rede Municipal de Santos, após a abertura política de [19]84 e após a Constituição de [19]88.

Tá, o que pode ser considerado como legado deixado pela proposta anterior. Eu acho que a forma de **organização**, né? Nesse período a gente organizou os Grêmios Estudantis em todas as escolas municipais. Nesse período também a gente organizou a União Municipal dos Estudantes Secundaristas.

(Sobre o fato destes estudantes terem contribuído com a formação de outros Grêmios municipais) Isso, isso. A partir dessa experiência, né? Dessa experiência com o XXXXX e de algumas escolas estaduais, naquela época. Que eu me lembre, tinha uma grande influência o Primo Ferreira, o Neves Prado Monteiro. Então, a partir da experiência dessas escolas, na época a gente chamava de segundo grau, hoje é colegial... Ensino Médio... a gente partiu para organizar a União Municipal dos Estudantes Secundaristas. A partir daí a gente também achou que tinha uma **massa crítica** importante nas escolas de Ensino Fundamental, na época do ginásio, né? Se eu não me engano na época, o Ensino Fundamental II, do sexto ao nono ano. Então a gente a partir dessa experiência nas escolas de Ensino Médio, a gente criou os Grêmios Estudantis em todas as escolas de Fundamental II da rede Municipal de Santos. Então 100% das escolas tinham. E tinha um setor na época na Secretaria Municipal de Educação que ajudava na formação desses Grêmios Estudantis.

Então na época tinha o XXXXX, né? O XXXXX, que era assessor da Secretária da época: Maria Lucia Prandi. E depois do XXXXX, né? A Secretaria Municipal de Educação ajudava a gente na formação desses Grêmios Estudantis. Formação no sentido mesmo de conhecer um pouco mais da história do Movimento Estudantil, né? E ver as possibilidades que essa organização podia trazer de **qualidade para a educação** que era o nosso foco principal, né? Como é o foco principal do Movimento Estudantil secundarista e universitário, melhoria da qualidade da educação. Então esse processo de organização dos Grêmios Estudantis enquanto política pública eu acho que ajudou bastante no que a gente tem de educação pública no Brasil, né? Essa, porque perspectiva naquela época, né?

Fazendo um contraponto do que a gente tem hoje... Nós não tínhamos praticamente a possibilidade. Jovem que saía do Ensino Médio ou do Ensino Profissionalizante, não tinha perspectiva de entrar na universidade. Era uma coisa assim, era um sonho de família. Era muito pequeno o número de alunos que conseguiram sair do Ensino Médio ou do Ensino Profissionalizante e entrar direto na universidade, seja ela pública, seja ela particular né? Não existia nem quantidade nem qualidade para o jovem dessa... que veio da escola pública. Então a luta desses jovens de implementação de uma política pública que pudesse proporcionar a possibilidade de ele ter uma perspectiva de vida melhor, né? E já nessa época a gente lutava pela universidade pública na Baixada Santista... Coisa que até hoje, no século XXI, nós não conseguimos. Conseguimos alguns avanços em um período de tempo, um campus da UNIFESP, um campus da UNESP ali em São Vicente e tal. Um, um arremedo de campus, aqui, da USP, aqui na Vila Matias. Mas tudo ainda está bem longe ainda da gente alcançar a luta daqueles estudantes da década de [19]90, do século passado, né? Que até fica estranho da gente falar... Mas é isso mesmo. É do século passado. Uma luta do século passado e a gente ainda não conseguiu esse propósito.

Mas enquanto política pública, né, a... o Movimento Estudantil secundarista, que faz parte dos Grêmios Estudantis, deu um bom, um bom incentivo, né? De algumas políticas públicas no sentido de melhorar a qualidade da educação naquele período. A luta era muito intensa, muito intensa pela qualidade da educação nas escolas técnicas estaduais, nas escolas municipais.

Eu lembro uma vez que a gente... particularmente nós alunos do colégio XXXXX. Eu já era presidente do Grêmio Estudantil. A gente chegou a fazer um movimento sem nenhuma experiência..., mas um movimento de greve lá na escola. Por quê? Nós trabalhávamos. Os alunos da escola técnica daquela época, a maioria dos alunos trabalhava e 40% daqueles alunos eram de Cubatão. Então os alunos de Cubatão que vinham para o colégio XXXXX e os alunos do próprio colégio XXXXX que trabalhavam na sua maioria no centro da cidade chegavam muito cedo na escola. Tentavam aproveitar esse tempo que tinham livre para estudar. Naquele período nós tínhamos uma deficiência: não tinha o profissional de biblioteca na biblioteca. Então tinha uma biblioteca, tinha um espaço enorme... E ninguém podia usar. E aí o Movimento Estudantil foi lá e reivindicou. Fez reunião com diretor, fez reunião com a Secretária... E nada de nada do profissional aparecer. Um dia que a gente... os estudantes, meio que, é, com raiva, revoltados... Inconformados, falou assim: _"Ninguém vai subir" (que é uma escola de três andares). _"Ninguém vai subir enquanto não tiver uma resposta que nos oriente sobre a vinda desse profissional para a escola". E foi isso que aconteceu, nós paramos a escola durante uma noite inteira. No outro dia já tinha o profissional lá. Então foi uma primeira conquista dos estudantes. Os estudantes a partir daquele momento começaram a vislumbrar: _"Caramba, se a gente se juntar, né? A gente pode fazer alguma diferença, né? " Não depredamos nada, não desrespeitamos pessoalmente, absolutamente ninguém, mas nós chegamos na conclusão da nossa força naquele período.

E foi coincidentemente no período do Fora Collor. No período do Fora Collor... [19]91 processo... começou em [19]91... né? Do Fora Collor foi até [19]92. Então foi exatamente nesse período do Fora Collor que a gente estava organizando o Movimento Estudantil secundarista na cidade de Santos. Então a gente, nesse período, cresceu muito politicamente porque a gente conheceu muita coisa que a gente não conhecia. A gente saiu dali do feudozinho do XXXXX para conhecer outras realidades de outras escolas de outras cidades. Porque o pessoal começou a viajar muito para Congressos, encontros de Grêmios.

Lembro que teve um encontro de Grêmios de mais de 80 Grêmios Estudantis da região lá na cidade de Peruíbe, onde tinha o trem, ainda, na linha da máquina. Então a gente foi para lá. Umas dez horas de viagem daqui a Peruíbe de trem, porque o trem era bem devagar, né? Então a gente começou a conhecer outras realidades. E foi aí também que o Grêmio Estudantil do XXXXX fez uma grande diferença na mobilização dos estudantes de Santos para lutar contra... a favor do *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Melo.

Na questão do legado, né? Acho que o legado foi que em tempos... e tempos... o Movimento Estudantil... a questão do legado deixado para essa galera de 2013, 2014. Eu acho, eu acho que é o direito de se organizar. Por quê? O direito de organização ele está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente no artigo 53, né? Então, mas parece que a lei está morta. Nas escolas ainda você tem que dizer: _"Olha, o estudante tem o direito de se organizar. Tem uma Lei Federal, né? A Constituição diz e o Estatuto da Criança e do Adolescente que regulamentou o dispositivo constitucional diz que o estudante pode se organizar". Mas ainda parece que a lei está morta. Você tem sempre que estar lembrando as pessoas desse direito dos estudantes. Eu acho que ficou essa experiência. E o Movimento Estudantil... ele é meio que sazonal. Ao longo da história ele é meio que sazonal. Ele dá uma... E volta.

Você que está fazendo mestrado, você vai perceber isso muito rapidamente. Ao longo da história mesmo... ele tem esse efeito meio que sazonal. E essa época meio que passou, né? Na década de [19]90, meados ali da década de [19]90, ela deu uma esfriada. Voltando de novo em 2005. E inclusive, uma curiosidade. Já XXXXX na Secretaria Municipal de Educação enquanto organizador, né? Dessa experiência em 2005. Então, com base nessa experiência de 2005 que nasceu a experiência de 2013.

Então, pegando um pouco mais ainda nessa questão do... da década de [19]90, eu acho que ela é muito base lá, né? Tem um livro chamado: "Poder Jovem". O livro Poder Jovem. Ele conta muito da história do Movimento Estudantil nesse período, (na época do Fora Collor até meados dos anos 1990). Então esse livro ele dá uma dimensão do que foi o Movimento Estudantil naquele período. O que você tinha perguntado mesmo que eu poderia falar mais sobre?

(Sobre a experiência de Grêmios intermediária, que ocorreu entre a proposta atual e a proposta dos anos [19]90) Isso e não! Tentamos não! Acho que reavivou.

Em 2005 já a então Secretária, trazendo a história um pouco de novo. Na época que eu comecei, a Secretária Municipal de Educação era a Maria Lúcia Prandi e... se eu não me engano, a líder do governo Telma de Souza na Câmara Municipal era a Sueli Maia, que foi também, logo depois, a Secretária Municipal de Educação.

Em 2005 quando ele ganhou a eleição, em 2004, o prefeito João Paulo Tavares Papa, ele chama a Secretária Sueli Maia para ser a Secretária de Educação novamente. E a Secretária de Educação como já me conhecia daquela época, né? E da experiência que nós tínhamos. Ela me chamou para trabalhar essa questão dos Grêmios Estudantis na rede Municipal. E aí a gente veio. Formamos!

Lembro como se fosse hoje! No final de 2005. A gente ainda, a gente conseguiu fazer. Eu entrei, acho que junho, julho na SEDUC e a gente conseguiu nesse segundo semestre de 2005 fazer a primeira eleição na escola XXXXX. Primeira eleição desse novo... processo. E mais uma vez nós reeditamos e construímos Grêmios Estudantis em todas as unidades municipais de educação sempre respeitando a autonomia desses Grêmios. Sempre respeitando! A gente não tutelava! Não digo que antes ou depois houve tutela. Mas nesse período a gente não tutelava. Deixava o máximo, os adolescentes crescerem por si. A gente apresentava as ferramentas, né? Para que eles pudessem estudar, se formar.

O que eles queriam fazer... a Secretaria de Educação dava todo o apoio nesse sentido. Mas a gente deixava mesmo eles crescerem nesse sentido. E foi muito legal porque uma das experiências que eu não... não vou me esquecer nunca mais, foi quando na Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente no ano de 2007. Nós fomos convidados, enquanto Secretaria Municipal de Educação a ajudar na mobilização dos estudantes para essa Conferência. Pela primeira vez o CMDCA [Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente] ia ouvir de fato os estudantes, os alunos, os adolescentes. E a gente aceitou esse desafio. Fomos fazer. Realizar as pré-conferências em todas as escolas que tinham o Grêmios Estudantil. E para nossa, para surpresa da maioria das pessoas... para nossa nem tanto! Porque a gente já conhecia os nossos adolescentes, né? Foi um sucesso retumbante. Nós reunimos mais de 2.300 estudantes em pré-conferência do CMDCA e elegemos mais de 200 estudantes, né? Dos Grêmios Estudantis para participar da Conferência daquele ano!

Então, foi assim. Um assombro da sociedade, né? Chegando aqueles ônibus lá... mais de 200 estudantes participando. Aquela Conferência, aquela Conferência foi... Nossa! Aquela Conferência, se eu não me engano, foi no colégio Carmo, no colégio Carmo, no auditório dentro do colégio Carmo. E as salas tiveram os grupos de discussão. Se eu não me engano foi no colégio Carmo. Ou a do colégio Carmo foi a de 2009? Não me recordo agora, depois eu vou recordar.

Mas assim, eu sei que o negócio ficou muito cheio mesmo. E a sociedade ficou assim espantada! né? E mais espantada ainda com a disposição desses alunos que participavam do Grêmio que tinham um corte diferenciado. O aluno que participava do Grêmio não era um aluno normal da escola. Não que ele não tivesse problemas, né? Mas era um aluno que tinha um corte diferenciado. Primeiro porque ele já passou por um processo de escolha. A eleição era direta, né? Ele passou por um processo de escolha e era representante do conjunto dos alunos. E com isso ele tinha um maior campo de visão dos problemas. Não só da escola como também da região.

Foi aí que muitas propostas, muitas das propostas aprovadas nesta pré-conferência, acredito eu, que pelo menos 40% das propostas aprovadas nessa Conferência foram oriundas dessa mobilização do projeto de Grêmios de 2005 que perdurou até 2009, 2010 por aí.

(Sobre o motivo do encerramento do projeto) Acho que a sazonalidade do Movimento Estudantil mesmo, né? Porque eu acho que a... Você quer fazer o Movimento Estudantil, por exemplo, o projeto de Grêmios. Para ele acontecer dissociado da realidade que o cerca, você pode até fazer. Mas ele não vai funcionar. Você precisa ter uns condicionantes, né? Alguma mobilização, alguma reivindicação, alguma disposição maior da galera de fazer acontecer. Se não tiver essas condições não sei, artificialmente. Você pode até fazer, mas não acontece, né? Eu acho que por isso que é sazonal, né? Não é toda hora que a galera está a fim de... Lutar, tal.

Eu procuro pensar muito. Eu já registrei que há uma sazonalidade. Mas eu nunca me aprofundi do porquê dessa sazonalidade. Nunca me aprofundi. Mas de qualquer sorte, eu acho que é um ponto importante você desvendar para a gente aí nesse mestrado!

Aí você fala das duas propostas, dessa de 2013, 2014... Aquela de [19]90? Não. Eu acho aqui essa proposta de 2005... ela foi muito legal porque a gente não tinha um departamento para cuidar, diferentemente dessa de 2013, 2014. Você tinha um aparato mais de equipamento mesmo. Para dar conta desse negócio.

Você tem professor mediador nas escolas para... na época a gente não tinha. A gente formava um Grêmio e esse Grêmio ajudava a formar outro Grêmio. A gente formou o Grêmio do José da Costa Silva Sobrinho e a galera do José da Costa Silva Sobrinho nos ajudou a formar o Grêmio do José Carlos de Azevedo Junior, que é do outro bairro. Do outro lado da Rodovia Anchieta.

A gente formava lá e essa galera saía de lá e ia lá para o 28 de fevereiro formar. Então foi assim mesmo, construindo, né? Junto! Construindo literalmente juntos! A gente não tinha grandes esquemas para fazer formações tal, aquela coisa toda. Mas a galera ia!

Chegamos a levar jovens do 6º ao 9º ano, com autorização dos pais, claro, inclusive para a Bienal de Cultura da UNE do Rio de Janeiro. O pessoal dos universitários conseguiu os ônibus, né? A gente aqui: _ "Galera, vamos, vamos! Então vamos!" Participaram lá na Bienal. Porque na Bienal de Cultura da União Nacional dos Estudantes você tem uma parte que é de secundaristas, que são os futuros universitários. Lado B que eles chamam, da Bienal da UNE. Então essa galera foi para lá. Voltaram super animados! E o Movimento Estudantil foi tomando aquele fôlego que deveria tomar. Aí deu uma parada. Deu uma parada e voltou em 2013.

Essa de 2013, eu acho que em grande parte... ela tem uma participação, um olhar diferenciado... da atual. XXXXX, XXXXX ela deu um... na ida às escolas, acho que particularmente lá em XXXXX, na XXXXX, né? Em XXXXX e na escola XXXXX, nessas duas escolas ela falou: _ "Poxa, caramba, vamos recriar os Grêmios Estudantis na rede". Então eu acho que ela teve uma grande responsabilidade na recriação desses, desses Grêmios Estudantis. E essa experiência parece que foi muito legal. Acompanhei meio que... apesar de estar na XXXXX, meio que distante. Porque a minha praia a partir de 2009 passou a ser mais rigorosamente a questão dos XXXXX, né?

Eu participei e acompanhei um pouco essa formação dos Grêmios Estudantis na época... 2013, 2014 até agora 2017, né? Eu acho que foi, está sendo, uma experiência muito legal! Muito gratificante! Apesar do tempo ser diferente.

Por exemplo, você tem hoje a luta dos alunos... dos estudantes da década de [19]90 era por melhores condições de ensino, escola técnica para todo mundo e acesso à universidade. Hoje você tem... male, male... você tem ainda alguma deficiência na educação. Na qualidade da educação. Mas você tem acesso ao Ensino Técnico com certa razoabilidade. E você tem acesso ao Ensino Superior, também com certa razoabilidade. Fruto da luta desses alunos da década de [19]90. Porque o PROUNI, o FIES, o REUNI das universidades federais foi luta desses alunos. Obviamente daqueles, dos nossos lutadores da ditadura, que derrubaram a ditadura, que já lutavam por educação de qualidade.

Mas depois de [19]88. Dessa galera da década de [19]90. A década de [19]90 e início dos anos 2000 que fez acontecer. Que de fato, naquela época, a gente tinha em torno de 3.000.000, em 500 anos... 3.000.000 de pessoas que cursaram a universidade. Hoje nós temos mais de 7.000.000. Então você vê uma diferença muito grande nesse período dos governos ditos democráticos populares do Lula e da Dilma. Então, nesse período a gente teve uma, um arranque muito grande, né? Muito grande!

E coisas que esses jovens hoje não têm tanta preocupação. Porque hoje está no horizonte do adolescente do Ensino Fundamental II que ele vai acabar, concluir o seu curso, vai fazer o Ensino Médio ou Ensino Profissionalizante e, favas contadas, que ele vai para a universidade. Ele já está pensando no curso que ele quer fazer. Coisa que o jovem da década de [19]90 não tinha em perspectiva. Então assim a luta é diferente. A luta, eu acho, que é mais, hoje, pela qualidade mesmo. Pela qualidade que a gente ainda não tem, né?

Porque não tem, não tem a contento. Porque naquela época, nós não tínhamos escola para todo mundo. Inclusive, o cara saía do Fundamental... para conseguir uma vaga, por exemplo no colégio Acácio tinha que fazer um Vestibulinho. Era super concorrido! Para ter um Ensino Técnico. A mesma coisa era no Escolástica Rosa, na escola técnica Aristóteles Ferreira. Hoje não, você tem uma facilidade até!

O governo... os governos de certa forma ampliaram esse leque de oportunidades. Eu acho que é um pouco isso, né? A luta da década de [19]90, o contraponto. Essa galera de 2005 até 2009, 2010 e essa galera de 2013 eu acho que o foco mais é mesmo pela convivência, né? Porque com o Estatuto da Criança e do Adolescente...

Nosso Grêmio Estudantil lá do colégio XXXXX, ele chegou junto com o Estatuto da Criança e do Adolescente, né? E nós não tínhamos mesmo com o Estatuto da Criança e do Adolescente que foi promulgado lá em 1990. A gente não tinha muito claro o que era isso, né? O que é isso, o Estatuto da Criança e do Adolescente e tal? Que veio numa luta lá dos [inaudível - 25:43] da educação, dos lutadores pela educação, lá atrás. E a gente não tinha muito essa questão da convivência. Do direito mesmo. A incluso o direito a estudar. A gente não tinha muito claro isso. Isso era uma coisa muito superficial. Era uma lei... Está na, quase que morta, a lei. A gente achava que deveria lutar... mas não acreditava muito que aquele direito que estava no papel que ele valia alguma coisa, né? E ao longo do tempo as formas de luta foram diversificando, de tal forma que a pressão da sociedade, especialmente do Movimento Estudantil secundarista que lidava com os Grêmios. Começou a questionar esse negócio: _"Se é meu direito! Eu quero o meu direito! Então a gente vai lá".

E essa galera de 2005 a 2013, 2014. Eu acho que a convivência era o forte dessa galera do projeto de Grêmios. A convivência, você conviver mais e melhor. A questão da violência, cultura de paz... a cuidar da escola mais da escola. Olhar para a escola como aquilo... como se fosse sua. E é sua, né?

Eu acho que o foco era diferente. O nosso foco lá mesmo era questão de sobrevivência mesmo. Era sobrevivência! Era o nosso futuro que estava em jogo, né? Então a conquista

daquela época trouxe um retrato diferenciado para essa galerinha hoje 2005, 2013. Essa galera tem uma possibilidade de pensar mais, de errar menos com a revolução tecnológica que aconteceu nesse período, né? Se a gente tivesse o *WhatsApp* naquele tempo, *Facebook*, *Twitter*, a gente fazia loucura, né? Fazia loucura! Estávamos imaginando esses dias aí. Meu! Hoje a gente tem...

Nossa! Para conseguir um telefone e para convocar a galera para a reunião era coisa de louco. A gente chegava a fazer naquela época carta social, já ouviu falar? Carta social fazia ali... Fazia, era um centavo. Fazia um monte de Carta Social, tal. Reunião, que era daqui a um mês... Colocava agora para chegar uma semana antes na casa das pessoas. Fazia carta social. Não tinha, não tinha computador, não tinha internet, não tinha dinheiro para comprar ficha, cartão telefônico. Era ficha ainda na época. Não tinha, então. Era muita dificuldade. Tinha que viajar... então, a gente passava um “livro-ouro” nos Sindicatos, lá na Cidade Portuária. Uma cidade com muitos sindicatos. Passava “livro-ouro” na Câmara Municipal e conseguia dinheiro para viajar... Passar fome por aí. Então era ruim! Mas era bom!

Estatuto... Até 2009 em Santos... até 2009. Tanto a experiência da década de [19]90 como a experiência 2005, 2009, 2010 a gente adotou o Estatuto padrão da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas que é a entidade legítima representativa dos Grêmios Estudantis.

(Sobre as modificações, adaptações) Não, não sempre! Era um padrão. Era um Estatuto padrão e você adequava à sua realidade. Tinham onze cargos lá. Aí você achava que precisava ter quinze na sua escola, porque sua escola é muito grande, né? Então você colocava lá. Acrescentava lá mais uns cargos. E estava lá a descrição, a descrição para esses cargos. Você achava que tinha lá no Estatuto padrão alguma coisa que não servia? Você deletava, simplesmente. Mas só tinha mesmo o Estatuto padrão. E esse Estatuto padrão geralmente ele era tão assim completinho e padrãozinho mesmo. Às vezes as pessoas nem modificavam. Ele era bem básico e era uma questão mesmo de jurídica. Do ponto de vista de uma lei ali, um Estatuto. A galera não estava nem muito preocupada com isso, né?

Estava preocupada em como é que faz a eleição, como é que faz a apuração, quem são os cargos, quem é a presidente e tal, aquela coisa. E o que vamos fazer depois disso, né? Essa burocracia a galera não se preocupava tanto. Raras as escolas que modificavam alguma coisa nesse, nesse Estatuto padrão.

Então hoje eu acho que tem um Estatuto diferenciado, se eu não me engano, não posso te afirmar. Mas tem um Estatuto diferenciado agora nesse projeto de Grêmios, agora. Até a forma de eleição é diferente, né? Eles elegem candidato individualmente, aí no final... Monta um, né? É um Grêmio meio que diferenciado. Nossa época era puxar, né? Que eu acho, inclusive, que é a melhor maneira, porque você exerce, você realiza. Quando você elege uma chapa, você já tem ali uma massa crítica já formada, anterior. As pessoas já se conversaram, já bateram as ideias, já se organizaram, já montaram as chapas, um pensamento futuro. _"Quero fazer isso e tal". Quando ganha a eleição você já vai encaminhar.

E ao ponto, sem querer fazer críticas desconstrutivas... Com relação a esse... essa galera de agora, né? Mas eu acho que a outra forma era melhor. E menos trabalhosa, inclusive. Menos trabalhosa.

Incentivo a atividade Gremista... Ah, na nossa época, a época de [19]90 era meio assim. A gente, pela gente mesmo, né? Tinha esse suporte, né?... da Secretaria Municipal de Educação. Quando a gente precisava, uma vez por mês, a gente reunia e digo os Grêmios da rede Municipal... Da rede Municipal. Uma vez por mês a gente se reunia. A gente falava dos problemas que a gente estava tendo nas escolas: _"Oh, o Orientador não está deixando a gente se reunir". Metia o pau na diretora, na supervisora, na secretária, tal. E o pessoal anotava as nossas demandas e a medida do possível ia conversando com as Equipes das escolas. **Tinha uma dificuldade muito grande... você reconhecer o direito do... dos**

alunos de se organizarem. Tinha uma dificuldade muito grande. Se tem hoje em 2017... imagine lá quase 20 anos atrás, né? Eu acho que tem um incentivo. Tinha um incentivo anterior e tem um incentivo agora de participação. Eu acho muito legal, mesmo sendo com foco diferente que... A realidade concreta te joga para um foco diferente.

Eu acho que o incentivo está sendo legal para a atividade Gremista... mesmo porque a chefe da seção XXXXX é uma pessoa super... digamos assim... ela é... Ela curte essa alegria da molecada, que é a XXXXX, né? A chefe da seção XXXXX que cuida do projeto de Grêmios. E hoje está com ela também a XXXXX... Que foi uma XXXXX, né? Que agora também está cheia de gás aí e tal. Está querendo fazer e acontecer. Anteriormente, era o XXXXX.

O XXXXX que começou junto com a XXXXX esse processo muito importante, teve uma participação fundamental para um projeto de Grêmios que é hoje. O XXXXX que não está mais conosco aqui na XXXXX, mas teve uma participação muito importante junto com a XXXXX no início de tudo lá em 2013.

Emprego de recursos públicos. Diz no projeto? O projeto de Grêmio? Você nunca teve documentação orçamentária. A exceção de agora... você tem um pouco mais. Uma organização mais, digamos assim, sistêmica, né? Você tem a chefe da seção, que cuida do projeto. Antes nós não tínhamos. Em [19]90 tinha um assessor, tinha um assessor da Secretária que cuidava dessa questão dos Grêmios, né? XXXXX, né? Tinha um outro rapaz que eu me esqueci o nome, também. Eram dois, era o XXXXX e o outro rapaz. Então nessa época você tinha o assessor, mas você não tinha infraestrutura da Secretaria. Você não tinha. Hoje você tem... Você tem uma seção, você tem uma, uma coordenadora desse projeto na escola que é a XXXXX. Você tem a infraestrutura da Secretaria, do Departamento Pedagógico para ajudar na formação, para ajudar na eleição dessa galera por Câmara Jovem. Você tem a posse coletiva deles em ato solene. Você tem formação continuada com eles. Você tem toda uma estrutura de material mesmo, hoje, né? Se a gente tivesse 10% do que essa galera tem hoje lá na década de [19]90, eu teria, nós teríamos conseguido a universidade pública na Baixada!

Eu acho que na época não teve, não foi nem por falta de vontade política, né? Porque uma situação totalmente diferente, né? No início da década [19]90 a situação financeira era muito difícil, né? As formas de organização das administrações eram muito difíceis mesmo. Então a gente não tinha muito. Eu acho que o emprego de recursos públicos hoje nesse projeto, ele é infinitamente maior do que antes. Mas na minha época era melhor!

O acompanhamento dos estudantes eu acho que há um acompanhamento hoje. [...] Hoje acho que é mais tutelado, eu acho que é um pouco mais tutelado, né? O estudante não tem essa, como nós não tínhamos na época, essa autonomia. Mas a gente brigava pela autonomia. E hoje o estudante, apesar dessa revolução tecnológica, da informação e aquela coisa toda, poucos ainda insurgem, né? E tipo que quando eu coloco **uma insurgência não é uma coisa ruim! É uma coisa positiva mesmo, a gente fala assim:** _"Mas por quê que eu não posso fazer?" E escutar uma resposta e não ficar... Engolir... Entendeu? _"Ah, mas não me convenci!". Entendeu? Poucos ainda fazem isso. Porque isso não tem muita demanda também. A demanda da década de [19]90, né? É totalmente diferente da demanda de hoje. A galera hoje quer mais espaço cultural, mais espaço de lazer. Você não vê discussão hoje no Movimento Estudantil secundarista no Brasil inteiro... que nós precisamos de vaga em universidade, não. Você tem ainda a luta pela universidade pública nas regiões, ainda. Você tem, né? Apesar do... na época do governo Lula ter construído, acho que, mais de... quase vinte campus no Brasil inteiro de universidades públicas nas regiões que não tinham, né? O semiárido nordestino, na Bahia, na própria região do grande ABC mesmo, a Universidade Federal aqui...

Da Zona Leste, a expansão da UNIFESP, aquela coisa toda, você teve uma grande expansão, mas ainda está aquém da necessidade do Movimento Estudantil. Nós precisamos ainda ter uma universidade pública na Baixada Santista porque é o que vai elevar Santos ao time das grandes cidades do mundo. Eu acho que, ainda Santos não é. Só falta isso! Só falta isso para Santos dar aquele salto de qualidade.

Tratamento das questões relacionadas à cidadania, comunicação, cultura, educação, esporte e [inaudível - 38:29]. Era nítido, tratava de tudo isso lá na época. Eu acho que a galera hoje trata mais especificamente disso, né? Hoje. Mas na época a gente vinculava muito porque tinha muita dificuldade em trazer a galera para luta, né? Então através do... eu lembro que a gente fez lá no XXXXX um torneio de futebol. Era o primeiro torneio interclasses do XXXXX. Então era uma coisa muito difícil, a gente não tinha experiência. A gente para conseguir o espaço tal, a galera... 40% dos alunos do Acácio eram de Cubatão. Então a gente não podia atrasar os jogos porque o ônibus ia sair. Era uma loucura! Não faça isso em casa, viu?! É uma coisa! Aí nessa discussão sobre como vai ser e tal, aquela coisa, **sempre colocava ingredientes políticos**, no sentido: _"Oh, galera! Nós precisamos da força de vocês. Vai ter uma manifestação ali e tal. Nós precisamos ajudar vocês".

Porque estava o epicentro do Fora Collor, né? A luta do Movimento Estudantil que nasceu... inclusive a primeira proposta do Fora Collor no Congresso de Estudantes Universitários em Curitiba. Na cidade do Moro hoje... nasceu a proposta de Fora Collor. E todo mundo dizia que era loucura! Esses estudantes são lunáticos! Doidos varridos e tal....

Bom foi no Conselho Nacional de Entidades Gerais, CONEG da UNE, que surgiu a primeira proposta do Fora Collor. Aí, depois a CUT [Central Única dos Trabalhadores] encampou. E aí a ABI [Associação Brasileira de Imprensa] encampou. A OAB [Ordem dos Advogados do Brasil] também encampou e tal. Mas a primeira proposta foi lá no Congresso de Estudantes malucos, né? Lá em Curitiba. Onde tinha também boa parte dos secundaristas. Então a gente usava esses... essas formas, né? Formas de expressão.

A gente tinha um grupo de teatro lá no colégio XXXXX, né? A gente ensaiava no início das aulas. A gente colocava um componente político também, as peças, né? As peças dos nossos grandes atores aqui mesmo da região que muitos não viram por que a ditadura não permitia. Os pais não viram, tal. A gente fazia apresentação dessas peças e trazia essa discussão política mesmo. Da necessidade da gente aproveitar os recursos naturais que nós tínhamos na época. O porto desse tamanho! O porto tinha que dar oportunidade para os jovens da cidade e tal. A gente de alguma forma a gente tentava, de todas essas formas aqui: esporte, cultura, lazer. Colocava um componente político para despertar na mente do... das criaturas, né? A importância de não só ganhar dinheiro! Mas ganhar dinheiro e ter uma cidade com qualidade e meio ambiente.

Tinha uma galerinha que gostava. A **gente pinçava**, né? Quando fazia a chapa do Grêmio... Via aquela: _ "Ah você faz aula de teatro lá na Secretaria da Cultura? Vai ser nosso Secretário de Cultura, nosso Diretor de Cultura. Ah, o cara bate mó bolão aqui e tal. Vai ser nosso Diretor de Esporte e tal". Então a gente pegava essa galera e colocava muito a questão política mesmo e a implementação de algumas ações por intermédio dessas ações aqui de cultura de educação.

Eu estou falando isso hoje. Na época a gente não tinha muita noção disso não. A gente não tinha muita noção, era meio que Tateando, né? Ia lá e fazia acontecer. Mas hoje eu lembro e falo assim: "Caramba"! Parecia até que era meio pensado, né? Era intuição, era intuitivo o negócio. Não tínhamos essa! Se tivéssemos essa consciência... nós... que temos hoje naquela época... A gente fazia revolução naquela época. Não fizemos!

Potencial formador do Grêmio? Que tipo de pessoa se busca formar? Eu acho que o Grêmio para mim é tão caro! Ele é tão importante, é tão fundamental que possivelmente, acho que as pessoas ainda não pararam para pensar isso. Talvez... é o primeiro exercício de

cidadania da vida do estudante, do cidadão. Primeiro voto que ele vai dar. Vai dizer: _"Quero que você seja presidente do meu Grêmio, me represente perante a escola". Olha só a gravidade disso! Ao mesmo tempo que é super legal, super gostoso e tal, olha a gravidade disso! Você está reportando outra pessoa a sua representação. _"Quero que você fale por mim lá com a Secretaria" E você, é um exercício... _"Ah, você não fez nada nessa eleição". Ano que vem tem eleição de novo. Você vai votar em outra chapa. Não vai votar naquela chapa... ou você vai repetir aquela chapa porque ela fez uma boa gestão. Então acho que é o primeiro exercício de cidadania que a gente tem. E é um processo formador muito importante, né?

Eu, hoje me considero uma pessoa esclarecida e devo integralmente ao projeto de Grêmios Estudantis da prefeitura na década de [19]90. Eu sou brasiliense de nascimento e eu vim para Santos com dezessete anos. E nessa época, eu tinha uns dezenove, dezessete anos e eu sou brasiliense e eu nunca discuti política em Brasília. Sou brasiliense de nascimento e nunca discuti política em Brasília. Eu lembro que em [19]84, lá quando o Tancredo morreu todo mundo chorando na rua. Comecei a chorar também, mas não tinha a menor noção da gravidade daquilo. _"Ah, morreu uma pessoa boa, né?" Chorou porque morreu uma pessoa boa! Não, morreu um presidente que poderia dar um salto de qualidade na vida do brasileiro, entendeu? E aí foi aqui em Santos que eu encontrei, né, essa possibilidade de estar junto. Me juntando com gente, com outras pessoas e tentar fazer a diferença. Que é o que eu faço até hoje! Tentando fazer a diferença na medida do possível, né?

Aqui com um projetinho de XXXXX. Atuando ali na XXXXX, né? E tal. Na XXXXX, a gente tenta fazer a diferença. Então eu respondo que foi o Grêmio Estudantil do XXXXX, né? **A minha primeira experiência que nunca mais me deixou esquecer de que eu sou um ser transformador, né? Eu posso transformar a realidade no meio onde eu vivo. Eu acho que foi o projeto de Grêmio que me fez ter essa consciência.**

Impacto? Diferenças na escola? Corpo docente, discente, funcionamento na escola? Eu acho que mudou um pouco. Ainda tem muita, muita sacanagem, né? Muita sacanagem, de Orientador, de Diretor que não quer deixar a galera se organizar e tal. Mas diferente daquela época, eles não tinham informação. Hoje tem informação! Hoje ninguém pode dizer que não sabe que o estudante tem direitos de se organizar. Se não sabe da lei, a lei, a letra da lei, mas com a experiência de vida... Você sabe que as pessoas se organizaram ao longo do tempo e que o estudante tem direitos de se organizar.

Eu acho que ainda está muito difícil com o descrédito que a política vem tomando no último período. Tudo que é relacionado com a política... E isso é fazer política! Tudo que é relacionado a política vem de certa forma desabonadora _"Ah, vou fazer um Grêmio Estudantil?", _"Isso é política!", _"Vou fazer um Conselho de Escola?", " Isso é política!". _"A APM? Nem a APM. É mera burocracia financeira!" _"Não isso é política também! Vai juntar gente para... Isso é política!" Sociedade de melhoramento? _"Isso é política!". Então assim a gente vive num momento hoje que a... na minha singela opinião, a mídia colocou a política. Vamos dizer... ao invés de pegar os políticos e os que fizeram as coisas ruins e denunciar, só! Não! Estão criminalizando a política! Isso é ruim para todo mundo! Isso é ruim para todo mundo! E para os movimentos da sociedade civil? Isso é pior ainda! Você não tem condições de conversar! Você começa a conversar com alguém sobre a necessidade de reforma da rua: _"Não isso é política! O cara quer ser vereador! _"Vereador é tudo bandido!". Entendeu? Nossa o que a gente vive disso: _"Ai caramba a gente precisa melhorar aqui a escola tal". _"Ah, melhorar a escola, rapaz? Esse negócio aí é papo! Tem eleição, tem eleição a cada 4 anos para vereador".

Não tem jeito! Se você for esperar não ter eleição. Eu brigo com um colega meu. Ele fala assim: _"A cada um ano e nove meses e vinte dias têm eleição. Tem jeito? Tem jeito?". _"Ah, é candidato a vereador". _"Não é candidato a deputado". Não cara não tem jeito! Se

não.... a gente não discute, né? Mas eu acho que a criminalização da política também prejudica movimentos como o do Grêmio Estudantil.

Porque hoje você já cresce... Você tem hoje já... adolescentes que... com o descrédito que a política vem tomando, que a grande mídia vem dando apoio... há a desvalorização do ser político. Você já tem uma galera que não quer ser política. Não quer participar! Rejeita a participação com receio de ser taxado de corrupto, né?

A gente tem nas eleições do Grêmio Estudantil hoje. A galera sempre passa para a gente.... Algumas experiências de compra de votos: _"Oh, vou dar uma bala para você e tal". É assim. É engraçado, mas é trágico. É trágico! Olha só a gente no século XXI. A gente tem um projeto de Grêmios. A gente tem uma sociedade que admite uma criança... É Grêmio... de acontecer em Grêmio no Fundamental I... não no Fundamental II. No Fundamental I a galerinha é pequenininha, lá. Então é um reflexo da sociedade... Não é o político. Somos nós! O político faz parte... dessa sociedade. E a grande mídia quer criminalizar a política. E quanto mais criminaliza a política mais vai a gente reproduzir isso. Esse tipo de coisa, essa galerinha que está comprando votos na eleição do Grêmio. Ele não vai vender seu voto daqui a doze anos? Favas contadas! Isso é assim. Então a gente luta para que isso não aconteça, mas...

Ai, ai, ai... frutos colhidos. Eu acho que o meu maior patrimônio é a minha consciência hoje. Minha consciência de que eu faço parte de algo e que eu posso fazer algo para mudar. Eu acho que para mim, para mim especialmente, né? E para um cara de 17 anos que não tinha... perspectiva de vida mesmo. A gente não tinha mesmo! Não tinha! Não tinha! Com 17 anos na década de [19]80, você não tinha mesmo! Você era pobre! E na escola pública não tinha. É ter experimentado essa experiência! Ter experimentado a participação do Movimento Estudantil durante tanto tempo. Depois eu cheguei a ser presidente da União Municipal dos Estudantes. Com essa experiência, fui presidente do Centro de Estudantes de Santos, né?

(Sobre o fato de na UMES só pertencerem às escolas municipais) **Não. Tinha os do Estado, também? Todas, todas, escolas: municipais, estaduais e particulares. Era uma organização dos estudantes de Santos. Todos os alunos. Nós tínhamos alunos do Objetivo. Tínhamos Grêmio! Conseguimos construir um Grêmio no Objetivo na época e tal, né? Naquela escola Marza, lembra? Que tinha na Ana Costa. Então duas escolas particulares que tinham Grêmio Estudantil. A gente participava, viajava junto e tal. A gente conseguiu fazer, quebrar um pouco aquele... aquela barreira que tinha do aluno da escola Municipal, Estadual e Particular. Eu acho que pela primeira vez naquela década a galera se junto e deu um samba legal. Era uma galera assim não tinha preconceito. Todo mundo ia nos Congressos e dormia no chão [inaudível - 51:22] pais, advogados, médicos... aquela coisa toda. Mas quando ia para o Congresso todo mundo dormia no mesmo chão. Não tinha cama aquela coisa toda. Dormia naquela sala lá cedida pela cidade lá do... então eu acho que foi um período muito legal, muito legal. Que desconstruiu um pouco esse negócio de você... Você é jovem. Você pode fazer muita coisa junto com aquele que possui mais ou menos que você e tal.**

(Relação com outras instâncias do Movimento Estudantil) O Brasil inteiro. Com o Brasil inteiro e com o mundo inteiro. Organização Latino-americana dos Estudantes, a OCLAE [*Organización Continental Latinoamericana y Caribeña de Estudiantes*], né? Tinha ligação com o Brasil inteiro. Com o Movimento Estudantil eu conheci o Brasil inteiro e não tinha avião na época. Era proibitivo. A gente não passava nem perto dos aeroportos. Hoje não, nos últimos anos não, né? A galera já vai de avião tal, né? Fazia a... encontros de juventudes lá, né? Conferência Nacional de Juventude... todos os participantes vão de avião e tal, iam de avião, né? Mas na nossa época, não. Não passava nem perto do aeroporto. Mas a gente conheceu o Brasil inteiro. O Brasil inteiro com o Movimento Estudantil. O Brasil

inteiro! Eu e aquela galera daquela época. A gente foi privilegiado, digamos assim. Privilegiado porquê de outra forma a gente não poderia conhecer o interior de São Paulo.

(Sobre como se fazia a dispensa das aulas) Ah, articulava com o professor: _ "Oh professor, é o seguinte. Precisamos, né? Fazer uma reunião aí e eu não posso mais levar falta porque já estou no limite"... e a professora: _ "Ah, não, tá!". Quebrava o galho. Dava um trabalho depois.

Eu particularmente era tão chato no XXXXX, que eu nunca declarei isso para ninguém..., mas eu acho que a galera me dava... Teve uma época lá que era a época do Fora Collor. Eu era presidente da UMES. No primeiro fui diretor de escolas municipais da UMES, né? E depois fui presidente da UMES. E aí como fui presidente da UMES, 1992, Fora Collor... Você é chamado para tudo quanto é lado. Mobilizar. Aquela coisa toda. Vinha o Lindberg Farias... Farias que era presidente da UNE. _ "Nossa o Lindbergh Farias! O presidente da UNE vem aí! Quando ele vinha, vinha a imprensa da América Latina inteira para onde ele ia. _ "Nós, temos que aproveitar agora. Para verem que nosso Movimento Estudantil aqui é forte". Eu acho que a Praça da Independência nunca foi tão... tão cheia... na época do Fora Collor. Nem quando o Santos ganha o campeonato e tal. Isso em 1992 era... É fichinha. Estávamos colocando muito mais gente. Então naquela época a gente fazia muita articulação com o professor. Eu acho que, teve um dia, teve uma prova. Uma prova de CGC que era para quem fazia curso de contabilidade, né? Eu saí da Escola Técnica sem saber absolutamente nada, meu [inaudível - 54:33] era fazer o Movimento Estudantil. Nada. É exagero. Mas quase nada. Não curtia muito o curso.

Aí tal, fiquei uns dois dias sem ir para a escola. Quando eu fui lá... o pessoal. A nota lá, o professor: _ "Fulano de tal, sua prova" eu falei: _ "Putz, professor, perdi a prova". _ "Perdeu nada! Está aqui oh! Tu tirou 8,0". _ "Mas cadê a minha prova?". _ "Ah, eu deixei a pasta da prova no carro. Mas eu depois eu vou buscar. Mas você tirou 8,00" Eu tinha certeza de que eu não tinha feito a prova. Me dava nota para eu não repetir de ano para eu não continuar na escola. Era bem isso mesmo. _ "Ai professor, aí eu esqueci de fazer o exercício". _ "Daniel, não tem problema você está muito ocupado aí... vai lá para luta, tá?". Então, canalha mesmo. Mas eu acho que me deram muita nota ali para eu não repetir e não ficar mais um ano lá no XXXXX.

Mas eu acho que foi isso. Acho que foi muito legal! Ah, tá, isso aqui nós tínhamos. Relação com todas as organizações juvenis: estaduais, nacionais e internacionais. Só não cheguei a ir para o exterior na época, mas muitos colegas aqui de Santos chegaram a ir para o exterior. Consegui trabalho, né? Consegui emprego. Não podia largar o emprego. Era muito difícil conseguir emprego. Aí, quando eu consegui emprego, não podia. Aí eu militava na minha hora vaga. Quem estava desempregado: Argentina, Venezuela, Peru... nesses encontros da OCLAE que era uma vez em cada país na América Latina. Muitos foram para Cuba na época.

Aqui, eu não acreditaria em um processo de desmonte, né? Eu acho que a própria realidade que houve foi dando aquela sazonalidade no processo de Grêmio... Não teve intencionalmente: _ "Oh, vamos parar com o Grêmio". Entendeu? Na época do Beto Mansur foi difícil, porque com o Beto Mansur você não tinha estímulo nenhum, né? A galera... você não tinha estímulo nenhum. Oito anos ali, no Beto Mansur, e você não encontrava na administração... Vontade de querer ajudar. Então nesse período de [19]96 a 2004 que foi acho que o pior momento, né? E contraditoriamente foi o momento que nós criamos o Conselho de Juventude. Que era uma coordenação, era uma coordenação... E no governo do Papa a gente concretizou o sonho de criar o Conselho Municipal de Juventude. Na época do Beto Mansur era uma coordenação... e indicado pelo governo. Maioria do povo e tal. Mas a gente conseguiu criar. Mas o Movimento Estudantil mesmo era muito, muito preso. Não tinha grandes expectativas.

Incentivos independentes de formação de Grêmio nas unidades municipais. De divulgação? Eu acho que é a questão de projetos, né? Tem muitos projetos no setor de projeto. Que a XXXXX, ela é a chefe. Tem muitos projetos voltados a essa galerinha na área de cultura, na área de esporte, na área de desenvolvimento intelectual, né? É, leitura, artes. Eu acho que tem bastante coisa. Bastante coisa. Nada diretamente vinculado à política... daquele assunto. Política de arte. Mas quer queira, quer não... quando você está envolvido na arte. Você vai acabar discutindo aquela questão da política... da arte mesmo. Da importância da arte na vida das pessoas. Isso é discutir a política da arte. Não tem muito você... ir por onde...

(Sobre Grêmios que queriam permanecer isolados dos outros) Não, absolutamente não. Estava todo mundo junto? Todo mundo junto. Todo mundo junto. A gente tinha muita disputa... disputa. Eu era... Eu era em 1990... 1990 eu era da União da Juventude Socialista. União da Juventude Socialista é a maior entidade juvenil da América Latina, né? Ela só perde para a União da Juventude de Cuba. Acho que todos os jovens cubanos são da entidade. Só perde para ela, né? A União da Juventude Socialista foi a entidade que em 1996 conseguiu fazer o... a lei... Conseguiu editar a lei do Grêmio Estudantil e fez aquele movimento Fora Sarney e conquistou o voto aos dezesesseis anos. Foi uma iniciativa dessa organização, chamada União da Juventude Socialista que em 1994 começou a discutir a possibilidade de o jovem votar aos dezesesseis anos. Então é a conquista dessa entidade, né?... que eu tive... tenho muito orgulho de ter participado dela. Fui coordenador geral e tal. **Então, a gente tinha nossas brigas com o PT. Com a Juventude do PT. Disputávamos os Grêmios: _ "Ah, vamos ali naquela escola fazer o Grêmio". Aí o pessoal do PT também ia, né? Aí ia o pessoal do PSB [Partido Socialista Brasileiro] também. E a direita quase não participava do... porque a direita era poder, né? Então nem interessava para eles participar. Hoje não, a direita participa, PSDB, o DEM [Democratas], PP [Partido Progressista] ... participam do [Movimento Estudantil organizado no Brasil. Tanto secundarista, quanto universitário. Naquela época eles não... Então nossa maior rixa mesmo era com a galera da esquerda pela hegemonia do Movimento Estudantil.**

Então, quando era uma escola que tinha gente do PT e da JS. Então, o que a gente fazia... bater chapa, né? Então toda galerinha da escola que era da JS, das outras escolas e toda a galerinha que era do PT ia lá para ajudar a fazer campanha e tal no dia da eleição. Fazer aquela festa mesmo. Aquilo era uma verdadeira festa, né? Algumas vezes chegava a vias de fatos, mas faz parte, né? Faz parte. Mas era muito legal!

As nossas diferenças mesmo eram mais quando a luta era, por exemplo, pela universidade pública. Todo mundo se juntava. Estava todo mundo. A luta era pela qualidade da educação. Todo mundo junto! A luta contra o Quércio, por exemplo... Eu lembro que a gente lutou contra a municipalização da educação, porque na época representava a precarização da educação... [19]93, né? A luta pela municipalização representava o que? O governo do Estado se desresponsabilizar... das escolas do Ensino Fundamental.

Então assim, para Santos, e a gente tinha essa consciência. Para Santos era ruim na época. Não tinha orçamento. Era a burocracia de vir o dinheiro... buscado... era muito complicado, então. Mas ainda dava para segurar a onda porque Santos era a principal cidade da região. Mas São Vicente, Cubatão? Cubatão nem tanto porque Cubatão era muito rica, né? Cubatão bancava universidades para os alunos de Cubatão aqui em Santos, né? Mas as cidades do interior. Do litoral lá, ficavam... Super difícil! **Então assim nesse processo de discussão, né? Que o projeto inicial foi totalmente transformado. Então diminuiu o impacto nas prefeituras municipais porque, até hoje, você não concretizou a municipalização integral. Porque é grana, né? É grana, muita grana. Então eu lembro que a gente participou e quando a gente participava dessas ações a gente era bandeira. Era o pessoal da JS, o PT, do PSB... Ainda tinha um pessoal independente que lidava bem: _ "Oh, não sou nem da JS nem do PT, mas quero participar".**

Participava também na boa o pessoal de área cultural, especialmente de área cultural, que não era envolvida na participação política. Partidária nenhuma. Os partidos de esquerda foram muito importantes nesse período, né? De retomada do Movimento Estudantil depois da... antes da Constituição de [19]88 e depois também. A formação ideológica, né? Do Partido dos Trabalhadores, do partido do PSB, do PCdoB, foram importantes na formação de muita gente. E aí hoje a gente tem muita gente que veio desse Movimento Estudantil. Que naquele período se despontou.

Por exemplo nós temos hoje: Aldo Rebelo. Aldo Rebelo foi um cara que ele foi presidente da UNE. Começou como estudante lá em Alagoas e tal. Veio para São Paulo e tal. Começou No Movimento Estudantil. Esse cara foi assim o nordestino em São Paulo. Mais de 20 anos como Deputado Federal. Foi quatro vezes Ministro da República, Presidente da Câmara dos Deputados por um partido que tinha dez Deputados. Bem, assim foi um feito. E foi presidente da República por dois dias, né? Quando o Lula viajou, assumiu como presidente da República. Um cara que veio do Movimento Estudantil! Isso, o nosso! Era nosso! _"Caramba, esse cara conseguiu! A gente também pode conseguir fazer a diferença" E como ele vários e vários. O próprio José Serra foi presidente da União Nacional dos Estudantes. E a maioria desses grandes políticos hoje participaram do Movimento Estudantil secundarista. Mário Covas, o nosso ex governador. **Muitos outros políticos, hoje em pauta, participaram do Movimento Estudantil. Então eu acho que o Movimento Estudantil é um celeiro dos grandes políticos e dos maus políticos daqui para frente. Mas eu acho que mais para o bem.**

[Agradecimentos à colaboração do entrevistado]

Tem bastante coisa no Diário Oficial. Mas o Diário Oficial, menos na A Tribuna. Porque a gente não conseguia [...] publicizar as coisas que a gente faz. Muito, muito difícil! Hoje é até um pouco menos... hoje é até um pouco menos. Mas nessa época de 2005 a 2009 para sair uma coluninha, uma fotinha no Diário Oficial era uma coisa de louco. Parece que não estava... Jogava contra... Eu falava: _"Sueli, os caras estão jogando contra a sua Secretaria". Iam lá, tiravam foto, faziam a matéria e não publicavam. Era uma coisa de louco! Uma coisa de louco! Então isso. E a galerinha gostava. A galera gostava quando vinha no Diário Oficial. Tirava, recortava, colocava no mural da escola. Levava para casa, o pai elogiava e tal. Sentia-se importante. São importantes, né? Mas assim vendo um resultado, um trabalho que estava sendo reconhecido. Foi uma coisa de louco.

Eu lembro que a primeira vez que a gente fez essa eleição lá do XXXXX... a primeira iniciativa da molecadinha era: _"Olha, nós vamos cobrir a quadra da escola". Por quê? Como eles, a quadra é ali ao lado da Rodovia Anchieta. Eles jogavam bola. O cara dava um chutão a bola ia lá na rodovia. Então a proposta do Grêmio foi essa. E a proposta foi concretizada. Eles conseguiram junto à administração que colocassem a rede em cima da quadra. Então, eu lembro que eles falavam assim: _"Oh, XXXXX". Me ligaram e falaram assim... foram lá: _"XXXXX, seguinte, precisamos que você venha aqui na escola e tal". Eu fui lá. Aí lá na quadra: _"Não está prestando atenção em nada diferente, não?" Aí eu nem tinha percebido. Está lá. Agora podiam jogar a vontade sem risco de perder bola. Por quê? Bola é muito cara, né? Então perdiam bola ali direto! Jogavam a bola lá. A bola... Passava um caminhão ou ônibus... e não voltava. Então assim, eles se sentiam muito felizes em ver que aquilo que eles estavam fazendo...

Ah, outra coisa! Aquele incêndio na Alemoa: 2005, 2006, 2007 por aí. A galera do 28 de fevereiro fez uma mobilização ali na região, foi assim uma coisa fantástica. Eu tive que... a gente estava com dificuldade de viatura, de carros aqui na prefeitura. Eu peguei o meu carro, um Gol bolinha. Fiz três viagens de mantimentos e de roupas para o Fundo Social de Solidariedade. Então assim foi uma ação do Grêmio, né? Conscientes! Do nada assim: "XXXXX"... A orientadora ligava: _ "XXXXX, pelo amor de Deus! XXXXX, me ajuda...

Eu não tenho... mais guardar essas coisas". Eu falei assim: _ "Eu não consegui carro". Aí fui lá com meu carro pegar as coisas.

E aí? Torneio de esportes que as escolas faziam. Eles faziam questão de ligar para a gente e falar: _ "Oh, estamos fazendo tal... e aquela coisa toda".

Essa, uma coisa muito triste que eu toda vez eu lembro e me emociono. A galerinha do Grêmio do Oswaldo Justos... Nessa Conferência. Eu acho que foi... Não foi a de 2007. Acho que foi a de 2009. A galerinha falou assim... na pré-conferência que a gente editou. A gente fez novamente as pré-conferências. A galerinha falou assim: _ "Tio, seguinte! O que a gente precisa aqui na região..." Porque a gente chegou e falou assim: _ "Oh, a gente não levou e [inaudível - 1:09:33] o documento da conferência porque era muito difícil. Era muito burocrático o negócio. O quê que a gente precisava saber ali? O quê que eles tinham de percepção do que eles precisavam enquanto crianças e adolescentes naquela região. Traduzindo era isso, então falamos: _ "É isso? É isso". _ "Galera o que vocês acham que precisa mudar aqui na região?" _ "Ah a professora é filha da p***, precisa mudar... não sei o que. Ah, aquela inspetora de alunos é chata... não sei o que". _ "Ah está bom e aí vocês tão fazendo a vez de vocês também". A gente fazia aquele bate papo de autorreflexão também, né? _ "Ah a gente também de vez em quando pega pesado e tal... não sei o que".

_ "Mas e aí na região o que que precisa?" _ "Ah tio"... menininho falava: _ "Oh só, tio. A gente precisa aqui acabar com o trânsito desses caminhões aqui na frente". Não sei se você conhece a Oswaldo Justo. A Oswaldo Justo é uma escola que tem a empresa de transporte em torno dela e fazia muito aquela... manobra, né. Dos caminhões. Ali e tal. Aquela coisa toda. A menina falou assim: _ "A gente precisa acabar com essa manobra" Ela falou outro nome, não falou manobra... _ "Com esses caminhões aqui porque faz muito barulho. A gente não consegue ouvir o que a professora está falando e fora que é muito perigoso. A gente pode ser atropelado". "Tá! Bom colocar isso no papel. Vamos colocar para a Conferência". Levamos para a Conferência, anotado. Foi aprovado. Foi publicado no Diário Oficial que os alunos, na Conferência de alunos, de adolescentes estão pedindo que a CET reveja aquele trecho de caminhões, ali e tal. Duas semanas depois a menina morreu atropelada por um caminhão. A menina ou um menino, não lembro exatamente. Mas que participaram desse processo e pediram para a CET. Foi muito, muito duro, na época e tal. Estava até falando com o Edmir, que hoje é o presidente do CMDC e na época ele era presidente também, falei assim: _ "Ah, Edmir... Aí diz que criança e adolescente não sabem de nada. Mas eles viram o que aconteceria". Então foi muito, muito difícil. Aí morreu lá uma atropelada. Preciso morrer aí. Agora está totalmente diferente. Não tem aquelas manobras doidas que tinha, que era. Pegava um caminhão, um carrinho, né? E engatava lá no negócio e saía que nem louco. Agora está mais tranquilo. Mas foi uma galera do Grêmio Estudantil que...

Mas fora isso muita coisa. Muita coisa mudou no relacionamento. Na cobrança mesmo: _ "Olha você tem que me respeitar porque eu sou sujeito de direito". Aprenderam no processo de Conferência, né? "Eu sou sujeito de direito". Aí a professora chega: _ "Mas você tem ser é sujeito de obrigação, né?" _ "Não, falaram lá que eu sou sujeito de direito" Aí chegava na escola e... _ "Peraí! Está certo que vocês são sujeitos de direito. Mas para cada direito corresponde a uma obrigação. Você tem direito de andar. As outras pessoas também têm direito de andar e tal". Fazia aquela discussão sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, né? E isso cresceu muito. Foi muito importante, a partir dessas experiências de 2005. Acho que muita gente votou melhor. Escolheu melhor o seu dirigente de sindicato, tá? É uma pessoa melhor hoje na sociedade. É! Porque foi uma experiência muito legal. Muito!

Não tanto quanto na minha de [19]90. Que ela foi... Aquela foi classe A! Mas acho que foi muito, muito. **É uma experiência ainda na vida de um adolescente. É uma**

experiência de participar. Por isso que a gente tem que ter muito cuidado. Muito cuidado quando apresentar esse tipo de proposta para os adolescentes.

E quando fala dessa coisa de escola sem partido, né? Ah! Ideologizar essas crianças e adolescentes! Caramba! Com quase vinte anos de governo democrático popular! Se isso fosse verdade nunca perderia um mandato de um século. Nunca teria acontecido a ditadura militar. Besteira! Pura besteira! **Você não direciona as pessoas para onde elas não querem ir! Você apresenta um projeto e aquilo vai de acordo com o seu interesse. Você abraça. Você abraça. Aconteceu comigo, né? Fui apresentado a essa mosquinha azul que me picou e até hoje, até hoje não me vejo não participando dos grandes momentos, né?** E nos grandes momentos... acho que foi muito curioso. Acho que nesse tempo, nesse tempo, o que eu guardo desse tempo eu acho que foi isso: ser um ser que tenta fazer as pessoas pensarem, né? Se você pensar, logo vai chegar à conclusão de que esse sistema capitalista que a gente vive hoje... Só pensar, né? Acho que é isso. [Agradecimentos].

ENTREVISTA REALIZADA COM B.

- O critério utilizado para a escolha foi a recorrente referenciamento a este aluno dirigente Gremista nas entrevistas ligadas a iniciativa petista de Grêmios Estudantis.

Início da fala de B.: Não existia legado anterior. Nós iniciamos o processo de Grêmios Estudantis na cidade de Santos, é... No final dos anos [19]80, porque até então não existia a formação de Grêmios na cidade. A lei que garantiu o direito a criação dos Grêmios Estudantis nas escolas de primeiro e segundo grau, ela é de 1985. Foi sancionada pelo então presidente José Sarney. Nós iniciamos, ou reiniciamos, o Movimento Estudantil na cidade de Santos, porque até então não existia... Esse movimento ele foi perdido durante a ditadura militar, né?

O que motivava esse processo... Primeiro era um processo democrático... Os jovens, eles tinham que... sentir o desejo de participar. Não era uma imposição da direção da escola... Tanto que as escolas, em geral, as direções das escolas, elas tinham um medo da formação dos Grêmios Estudantis.

O Estatuto do Grêmio ele era aprovado... Existia um texto né? Uma sugestão de texto feita pela UBES, União Brasileira de Estudantes Secundaristas. Ele era... é... Submetido a uma Assembleia Geral e era aprovado por uma maioria absoluta é... Nesta Assembleia.

[Sobre as inovações propostas] então, como eu te falei, não existia... é ... A prefeitura que... A pessoa que começou a fazer isso foi a prefeitura Telma de Souza. Ela foi quem incentivou a formação... é... dos Grêmios Estudantis. E ela, junto com a Secretaria de Educação, que na época era a Maria Lúcia Prandi. Disse: _ “Olha, as direções das escolas não vão impedir que os alunos organizem os Grêmios”. Então foi a partir daí que a gente começou a organizar os Grêmios.

A atividade Gremista no Município de Santos vinha da prefeitura e da secretaria de educação... é ... Não havia emprego de recursos públicos... O que havia em termos de recursos financeiros, eram atividades que o Grêmio fazia. Tipo: baile, noite da pizza, venda de bolo, coisas desse tipo... e... Quermesse. Que a gente tinha barraquinha na... na quermesse. E os estudantes participavam, eles participavam inclusive da fiscalização e do uso desse dinheiro.

Bom, é... As entidades estudantis, elas reivindicavam e promoviam apenas o que estava no texto Constitucional de [19]88. É... de que todos são iguais perante a lei. De que

todos têm direito a Cultura, a Educação Pública, gratuita e de qualidade, a Esporte, a Eventos... porque são formas de você tirar o jovem da ociosidade. A ociosidade acaba levando a outros caminhos. Nós pretendíamos formar cidadãos, né. É, que tinham como base o respeito à Constituição Federal.

Bom, algumas diretorias tinham a mente aberta, outras tinham medo do Grêmio, porque... A mesma coisa o governo... O governo, ele... Tá, lá..., mas ele tem medo da sociedade civil organizada. Por quê? Porque são pessoas politizadas, são pessoas que sabem o que querem, sabem o que não querem e sabem o que fazer para conseguir o que querem.

O senso de cidadania, esse é o principal fruto colhido.

Bom, é... Os Grêmios eles... Por força estatutária, eles são filiados a... a União Municipal de Estudantes Secundaristas. Cada Município, na época, tinha um né... é ... A União Paulista de Estudantes Secundaristas e a União Brasileira de Estudantes Secundaristas. É... Existiam também correntes... É... Políticas dentro do Movimento Estudantil... É do... MR-8, era da juventude do PMDB e da esquerda... Nós tínhamos UJS - União da Juventude Socialista, onde é o movimento de esquerda mais forte dentro do Movimento Estudantil da época.

Cumprimento da Constituição Federal, o acesso à Educação Pública, gratuita e de qualidade, acesso à Cultura, acesso a... a... Esporte... Enfim, a liberdade de expressão, a liberdade de manifestação. Exatamente os princípios que estão elencados na Constituição. Especialmente o artigo quinto da Constituição.

(Sobre a escolha dos Gremistas): O critério era o voto direto e democrático, é... As diretorias dos Grêmios precisavam ser eleitas democraticamente. Bom, o governo Beto Mansur prestou um desserviço ao Município. Principalmente em relação aos Grêmios Estudantis. Ele é um... Um... I***** que sempre temeu os movimentos sociais, principalmente a ascensão da esquerda na cidade de Santos. Então, deu o que deu. Um i***** que não foi reeleito por causa das picaretagens e falcaturas que ele fez.

O antipetismo é uma coisa tão forte que os caras... Eles acabam, com tudo! Mesmo as coisas boas, que funcionam. Eles acabam com tudo! Por mera vaidade! Simplesmente para dizer: _ “Olha, não gostava daquilo! Se aquilo era bom ou não, pouco importa. Mas não gostava daquilo e vou acabar com isso, entendeu?”.

Então, hoje, o Movimento Estudantil ele é totalmente... é ... diferente do que era na minha época. Hoje o Movimento Estudantil não representa nada. Então... antigamente existia o desejo de fazer diferente, de mudar, de fazer com que as leis fossem cumpridas. Então, o... o governo... O poder público, os governos, sempre tiveram tanto medo da Organização Estudantil.

Eu me lembro que na época que eu era presidente do Grêmio... da escola Cidade de Santos. E na época, caiu uma parte do teto em cima da cabeça de um estudante do Escolástica Rosa. Nós fomos lá manifestar, exigindo que o governo do Estado é... Oferecesse, ofertasse uma educação pública, gratuita e de qualidade, como está na Constituição Federal e... o governo do Estado mandou a tropa de choque bater em estudante. Estudante menor de 18 anos, então é... A Organização Estudantil como era e a sociedade civil organizada sempre deu calafrios nos mal intencionados que estão no poder... Em todos eles... Todos esses mal intencionados! E conseguiram desmontar. Eles não desmontaram um projeto de esquerda. Eles conseguiram desmontar um projeto social que funcionava, que garantia emprego, estabilidade, renda, educação pública, gratuita e de qualidade. Garantia o direito à livre associação. A livre manifestação do pensamento. Eles conseguiram acabar com tudo! E o que não conseguiram, eles ainda vão conseguir fazer! Então eles não entendem que isso não é um projeto de esquerda, é um projeto social. São projetos sociais. Projetos que vieram para ajudar a camada mais pobre, mais desgraçada que existe em nosso país... A camada mais miserável que existe. Então, infelizmente, esses i*****, e o Beto Mansur é um deles, eles

não entendem... Eles não entendem isso. Eles governam para os ricos e os poderosos. Os pobres, os miseráveis desse país são os excluídos. Infelizmente funciona assim.

A questão toda não é à esquerda contra a direita ou a direita contra a esquerda. A questão toda aqui são os pobres e miseráveis deste país contra uma elite dominadora que se engorda às custas do Estado. Que se beneficia às custas da miséria do povo, da desgraça do povo. Então é... Esse é o x da questão... É... nós contra eles. É o proletariado contra a elite dominadora do país.

O país só vai mudar realmente quando o povo, nas ruas, reivindicar aquilo que é seu por direito, porque a Constituição Federal ela não é um mero papel. Ela é um contrato social. Um contrato social feito entre o governo e entre o seu povo. O Brasil só vai mudar... não é com quem esteja no poder não. O Brasil só vai mudar com uma manifestação pacífica popular, participação, reivindicando os seus direitos. Só assim a gente vai conquistar alguma coisa.

Apêndice II

APÊNDICES

projeto na administração Paulo Alexandre Barbosa

Dados relacionados a iniciativa de Grêmios (2013 – 2016, 2017 ...).

Notas sobre o apêndice II

Composição:

a. Modelo de TCLC (1º modelo).	p. 343
b. TCLE (2º modelo).	p. 345
c. Questões (1º modelo) orientadoras dos relatos.	p. 348
d. Tópicos (2º modelo) orientadores dos relatos.	p. 349
e. Transcrição das entrevistas relacionadas ao projeto de Grêmios implementado e durante a gestão do prefeito Paulo Alexandre Barbosa.	p. 350

Observações sobre a transcrição das entrevistas:

- Nas transcrições a seguir também houve adequações da linguagem oral. Os termos: pro cê, peraí, pra, tava, tamo, tô, ... era, era..., etc... foram trocados por: para você, espera aí, para, estava, estamos, estou, era... A expressão: “né” e algumas marcas de oralidade foram conservadas.
- Foram realizados alguns acertos na concordância das frases, mas procurou-se modificar sem que houvesse qualquer alteração de sentido.

a. Modelo de TCLC (1º modelo)

O modelo a seguir, foi utilizado uma única vez, com L.B. Este sujeito de pesquisa participou da primeira entrevista exploratória em que os instrumentos de pesquisa foram testados. Após esta primeira interlocução os modelos tanto de TCLE quanto de roteiro de entrevista foram readequados e somente o segundo modelo foi utilizado com todos os demais entrevistados.

1º modelo - TCLC



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

Termo de Consentimento Livre e Consentido

Eu, _____, li este documento com bastante atenção antes de assiná-lo e entendi que o seu propósito é explicar a intenção do estudo que será realizado e solicitar minha permissão para participar do mesmo.

Estou sendo convidada por Solange Fideles da Silva, RA 201625799, estudante do 3º semestre de pós-graduação stricto sensu da Universidade Católica de Santos, a participar da pesquisa sobre Educação e Políticas Públicas que trata do potencial de Formação do Sujeito nos Grêmios Municipais da Prefeitura de Santos.

Aqui declaro que estou ciente de que a investigação a ser realizada comigo visa entender o processo de instalação desta Política Pública, seus fundamentos motivadores, assim como quais são as contribuições para formação de sujeitos.

Estou ciente que minha identidade e privacidade serão respeitadas, portanto, meu nome ou qualquer dado ou elemento que possam, de qualquer forma, me identificar serão mantidos em sigilo.

Recebi o esclarecimento de que minha participação é livre e que, portanto, posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto chama-se Solange Fideles da Silva e poderei manter contato pelo telefone (13) 99148.0717 ou pelo *e-mail*: solangefideles@bol.com.br

É assegurado o acesso às informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, após a orientação recebida quanto ao teor do que foi aqui mencionado e tendo compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Recebi uma via datada e assinada deste documento.

Santos, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do sujeito de pesquisa

Assinatura do pesquisador

b. TCLE (2º modelo).

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**Prezado(a) entrevistado(a),**

Antes de mais nada, quero agradecer a sua disponibilidade em colaborar participando da entrevista.

Tenha certeza de que as informações que você prestará serão fundamentais para a explicação e compreensão do tema em pesquisa: **O Grêmio Estudantil e a Formação do Sujeito nas Escolas Municipais de Santos.**

A seguir você encontrará informações sobre a pesquisa e depois o Termo de Consentimento Livre e Consentido (TCLC). Após ler e preencher as informações solicitadas é só assinar e devolvê-lo.

Ainda, é importante salientar que a referida pesquisa não envolve risco à saúde física ou psicológica dos participantes. Os depoimentos pessoais obtidos nas entrevistas compõem a base de informações a serem analisadas. Por esse motivo precisamos do seu consentimento.

Como você poderá ler no TCLC, comprometemo-nos a manter total sigilo sobre a identidade dos depoentes. As entrevistas serão transcritas e enviadas por correio eletrônico a cada entrevistado para ajustes e aprovação.

Caso ainda permaneçam dúvidas após ler as informações que seguem abaixo, por favor, entre em contato pelo telefone (13) 99148.0717 ou pelo *e-mail*: solangefideles@bol.com.br

Mais uma vez, agradeço sua colaboração.

Sobre a Pesquisa

Título: **O Grêmio Estudantil e a Formação do Sujeito nas Escolas Municipais de Santos**

Responsável: Solange Fideles da Silva

Instituição sede: Universidade Católica de Santos – Programa de Pós-graduação em Educação

Financiamento: Programa Mestre-Aluno

Resumo:

A presente pesquisa busca compreender, no processo histórico, a relevância da atividade Gremista na formação do ser social. Pensa-se registrar o tirocínio percorrido nos Grêmios Santistas, a fim de identificar o poder de formação de sujeitos.

Objetivos:

4. Compreender e produzir um registro científico do processo histórico de formação dos Grêmios Santistas após o Regime Militar;
5. Analisar a Legislação sobre Grêmios enquanto Política Pública e identificar seus objetivos de formação do ser social.
6. Entender o processo de instalação do Grêmio enquanto Política Pública, seus fundamentos motivadores, assim como as contribuições para formação de sujeitos.

TERMO DE CONCORDÂNCIA LIVRE E CONSENTIDO

Eu, _____,
RG nº _____, li este documento com bastante atenção antes de assiná-lo e entendi que o seu propósito é explicar a intenção do estudo que será realizado e solicitar minha permissão para participar do mesmo.

Tendo ciência dos objetivos da pesquisa intitulada: **O Grêmio Estudantil e a Formação do Sujeito nas Escolas Municipais de Santos**, concordo em ser entrevistada, no dia ____/____/____ e que os dados por mim produzidos (em via impressa ou oral) sejam utilizados na referida pesquisa.

Tenho a garantia de que esses dados serão expostos mantendo-se sigilo absoluto de minha identidade e da instituição em que atuo, portanto, meu nome ou qualquer dado ou elemento que possam, de qualquer forma, me identificar serão mantidos em sigilo.

Tenho também a garantia de que em nenhum momento será citado o nome de qualquer pessoa que apareça na entrevista. Autorizo ainda a publicação de meu depoimento oral, gravado em áudio e transcrito para uso e análise na pesquisa acima referida, após ter revisada e autorizada a transcrição.

Tenho ciência que o meu depoimento resultará em relatório de pesquisa, assim como em artigos e livros que possam vir a ser publicados posteriormente para divulgação científica dos resultados obtidos que contribuam com a melhoria qualitativa da Educação.

É assegurado o acesso às informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, após a orientação recebida quanto ao teor do que foi aqui mencionado e tendo compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação. Assino a presente declaração como instrumento eficaz que representa nossos direitos.

Meus telefones são: () _____

Meu e-mail: _____

Meu-mail alternativo: _____

Recebi uma via datada e assinada deste documento.

_____, _____ de _____ de 201____.

Assinatura do Sujeito de Pesquisa

Assinatura do pesquisador/entrevistador

c. Questões motivadoras das conversas exploratórias (1º modelo)

1º modelo - O Grêmio como uma Política Pública: o potencial de formação de sujeitos.

Este modelo, que contém questões fechadas, foi utilizado somente na entrevista realizada com L.B.

1. Com relação aos Grêmios Estudantis do Município de Santos, qual a situação encontrada pelo(a) senhor(a) quando estava na SEDUC? Havia algum legado de gestões anteriores? Em que pé estavam estas demandas? Quais inovações foram propostas com relação ao que já existia na rede?
2. Como a presente gestão incentivou a atividade Gremista? Houve emprego de recursos públicos direcionados para a ampliação e/ou o fortalecimento da atividade na rede Municipal? Há uma verba específica destinada para este fim? Caso haja, qual o potencial vislumbrado nos Grêmios que a justifica?
3. Podemos acompanhar pelo Diário Oficial diversas publicações tratando das questões dos Grêmios. Poderia falar um pouco sobre o processo de organização e de ideação destes na Secretaria de Educação? Houve algum acompanhamento dado aos estudantes?
4. A imagem do Grêmio Estudantil sempre esteve associada aos jovens. Como iniciou a ideia e o processo de formação dos Grêmios mirins?
5. Como foi pensado o guia de orientação intitulado “Resumão do Grêmio”? Como se deu o processo de escolha das diretorias apontadas no Resumão (Ação e Cidadania / Comunicação / Cultura / Educação / Esportes / Eventos) e o que se espera de cada uma delas? Qual o potencial formador do sujeito que foi atribuído a cada uma delas?
6. O projeto de engajamento destes alunos nos Grêmios Estudantis visa formar quem? O que se espera deles?
7. Que frutos foram colhidos com os Grêmios até o momento e o que se espera para o futuro?

8. Existe alguma relação dos Grêmios Santistas com outras organizações ou movimentos juvenis estaduais, nacionais ou internacionais?
9. Sua relação com a atividade Gremista mudou ao sair da Secretaria de Educação?
10. Houve algum novo processo na escolha das pessoas que estariam à frente da organização dos Grêmios Estudantis? Quais foram os critérios?

d. **Tópicos para as Entrevistas (2º modelo)** – Como foi pensado, organizado e concretizado o projeto:

1. Legado de gestões anteriores;
2. Processo de ideação e de organização dos Grêmios;
3. Estatuto do Grêmio;
4. Inovações propostas com relação ao que já existia na rede;
5. Incentivo à atividade Gremista pela atual gestão;
6. Emprego de recursos públicos;
7. Acompanhamento dos estudantes;
8. Grêmios mirins;
9. Tratamento de questões relacionadas à: Cidadania, Comunicação, Cultura, Educação, Esportes, Eventos;
10. O potencial formador do Grêmio. Que tipo de pessoa se pretende formar?
11. Impacto ou diferencial nas escolas (corpo discente, docente, funcionamento da escola);
12. Frutos colhidos;
13. Projeções para o futuro;
14. Relações com outras organizações ou movimentos juvenis (estaduais, nacionais, internacionais);
15. Critério de escolha das pessoas a frente da organização dos Grêmios Estudantis.

Obs.: Acesso às documentações, legislação, publicações que remontam ao processo de implementação do Grêmio Estudantil, enquanto Política Pública⁸².

⁸² No momento em que o instrumento foi preparado, acreditava-se que fosse uma Política Pública, contudo, averiguou-se que se tratava de um projeto educacional na SEDUC/Santos.

e. Entrevistas relacionadas ao projeto de Grêmios introduzido em 2013-2016 e 2017...

Os trechos destacados em negrito foram utilizados como ponto de discussão no texto da pesquisa. Abaixo encontra-se acessível o material extraído dos entrevistados ligados ao processo de implementação dos Grêmios na gestão Paulo Alexandre.

ENTREVISTA REALIZADA COM L.B.

(1ª entrevista)

- ❖ O critério utilizado para a escolha deste sujeito de pesquisa foi o fato deste pertencer ao processo de ideação, planejamento e execução do projeto de Grêmios.

L.B. - Quando eu ingressei em 2013, eu já tinha este pensamento com relação ao Protagonismo Juvenil. Então a primeira coisa, situação que eu fui buscar foi o diagnóstico nas escolas de Fundamental II, se havia algum Grêmio instalado e atuante, não só instalado, no papel. E, para minha surpresa havia um Grêmio funcionando com Estatuto que era da diretora XXXXX ainda na função de diretora lá na U.M.E. (nome da escola). Ela tinha como um dos eixos principais a questão do Protagonismo Juvenil por meio do Grêmio Estudantil. Então somente nesta escola havia o Grêmio constituído e atuando com até um Estatuto próprio, na rede toda. Das dezesseis UMEs de Fund. II, do 6º ao 9º, somente uma estava com o Grêmio atuante, que era o da diretora XXXXX. Ela seguia e tem um pensamento nessa questão do estímulo, do desenvolvimento do jovem por meio da Democracia, mas uma Democracia que tenha o sentimento de pertencimento, de construção coletiva e ela fazia toda esta costura pelo Grêmio Estudantil.

Quando, fizemos este diagnóstico e perguntamos para as diretoras por que não estavam com o Grêmio funcionando, por que não havia o Grêmio? Foi assim, de uma forma geral, todas, falaram sobre a dificuldade de se lidar com o Grêmio, em relação a tudo o que elas têm a fazer. Todas as obrigações diárias que uma diretora tem. Então o Grêmio Estudantil seria mais uma função, mais uma obrigação ali e que deveria ter alguém para guiar. Porque um Grêmio Estudantil, realmente, se não for guiado, bem orientado, pode desvirtuar o caminho e não ser aquilo que realmente é o espírito do Grêmio. Então a grande problemática ali era ter mais uma função como diretora, de monitorar o Grêmio, acompanhar o Grêmio...

Eu falei: _ Bom, então a gente vai ter que encontrar uma saída. Se esse é o impedimento, nós temos que, pensar numa pessoa que não esteja nas escolas. É, obrigatoriamente em cada escola que tem do 6º ao 9º ano. Mas que tenha um olhar para este trabalho, porque aí eu tiro essa obrigação das costas da diretora, que seria mais uma obrigação a ela. E a gente entende que não deve ser um peso e sim um facilitador para o trabalho pedagógico, o Grêmio Estudantil. E pensamos então na figura do professor Articulador.

A grande questão no início foi procurar o perfil deste professor. Um perfil que fosse mais jovem, inteirado com a moçada, sabendo a mesma linguagem, mas com propriedade,

levando a eles esse mesmo pensamento. Tinha que se enquadrar nesta questão. Foi quando eu encontrei o XXXXX. Um professor de (disciplina ministrada). A época ele estava lá no (nome da escola). E passei uma situação com ele lá de um grande problema que estava instalado na escola, aquela época. De bagunça mesmo entre os alunos. Ninguém estava se entendendo e o professor conseguiu organizar isso, junto com o respaldo da Secretaria de Educação. Então me despertou este olhar em relação à figura desse professor. Eu o convidei, falei da proposta, se ele se interessaria, na hora ele disse: _Sim, eu quero.

E aí a gente criou então em relação ao que já existia. Nós criamos essa figura do professor Articulador que ficaria na função de... É uma figura, da área da Educação... Estava dentro de uma sala de aula, só que ele teve que sair. E ficaria com esta responsabilidade de organizar os Grêmios nas escolas, ou seja, essa figura facilitou a entrada da ideia nas escolas, em relação ao resgate dos Grêmios.

Porque a diretora não se viu com esta responsabilidade direta. Veio uma ajuda externa que ela pudesse realmente acreditar. Mas mesmo assim não foi tão fácil. Porque geralmente o Grêmio Estudantil ele tem um perfil traçado na sociedade: de serem pessoas revolucionárias, pessoas que vão levar tudo para o enfrentamento, não por meio do diálogo. Então, havia essa preocupação também das diretoras. _ “É, vou colocar um grupo aqui para me enfrentar? Vão chegar aqui com ideias que não estarão de acordo com o que eu penso?” Então havia muito essa figura na cabeça das pessoas. E aos poucos nós fomos mostrando que na verdade o Grêmio não é isso. O Grêmio é um grande aliado. O Grêmio é um organismo ali dentro da escola que senti as necessidades dos alunos, que leva isso à Equipe Técnica, por meio do diálogo para que essas ideias façam parte da construção do Projeto Político Pedagógico.

Porque a gente notou também, com base em entrevistas, em depoimentos dos alunos, que o que mais causava essa estranheza entre Equipe, professores e alunos, era a falta de escutar, do ouvir. É o que eu quero, o que eu desejo, era tudo muito vertical. Não que melhorou 100%, longe disso acontecer. É porque são jovens, são adolescentes, mas começou a ter um entendimento das partes, que o diálogo poderia consertar muitas coisas. Até os jovens, quando eles começaram a entender por que foi dada a importância à **v**oz desses jovens... e por meio do Grêmio Estudantil.

Então nós, no momento da... o que foi também de inovação... foi a eleição que foi tudo por meio de urna eletrônica. Isto nunca havia acontecido. Então o XXXXX criou um programa, no notebook. Ele ia de escola em escola fazer a eleição por meio de urna eletrônica. Então isto deu realmente empoderamento aos jovens: _ “Bom, estou sendo ouvido, estou sendo visto, olha minha importância nesse processo de seleção” ... com campanhas dentro da escola, para que os alunos pudessem votar nesses representantes. Não só representantes com... que tem notas boas, os melhores alunos... A princípio as diretoras queriam esse perfil, mas fomos, mostramos que havia necessidade de também dar importância a todos. Não é por meio de exclusão que a gente constrói uma Democracia. Então, foi uma batalha! Mas isso aos poucos elas foram entendendo o porquê? Porque aquele jovem que estava causando uma situação negativa na escola, ele enquanto liderança do outro lado, sendo o exemplo e acompanhado pelo Articulador, o que acontecia? Ele acabou se tornando a liderança positiva.

Então, foram esses pontos: professor Articulador por meio... é... que você tem esse olhar externo, a urna eletrônica. Então você já começa a ingressar o jovem no mundo externo, das eleições. Teve também, que foi o ponto, aí de grande diferencial até em relação às outras cidades do Brasil, a formação mensal com esses jovens. Você tirar da escola representantes dos Grêmios Estudantis, em torno de quinze alunos por escola para levar para um local, para um teatro... já de grande importância, essa saída deles para um outro ambiente. Dar formação a esse jovem, em qualquer área. Na área que eles sentiam mais necessidade, em relação à sexualidade, justiça restaurativa, adolescência, *bullying*... Então todas as temáticas que eles

viviam nas escolas, como problema. Nós, tirávamos estes grupos da escola, para que eles tivessem essa formação, ganhassem esse conteúdo e voltassem para a escola como multiplicadores. Formação mensal, não é fácil realizar isso. Não é fácil! Mas nos últimos quatro anos as formações mensais aconteceram.

Então assim, a posse dos Grêmios... O Grande dia deles! Receber um certificado! Isso tudo dá uma importância ao papel que ele vai representar. É o início de um novo ciclo para ele. _ “Olha aqui seu certificado. É a sua vez! Vejo você mostrar que você é um exemplo para sua escola!” Isso é muito! É transformador!

Como eu recebi. Dois adolescentes aqui que não estão mais na rede Municipal e são eméritos. Então, eles fazem questão de estar nestas formações para ajudar. Se não tivesse feito sentido para a vida desses jovens, eles não teriam, não estariam retornando. **O depoimento que ele me deu, é: _ “O Grêmio mudou minha vida! Eu era uma pessoa retraída, não conversava, eu não tinha essa desenvoltura, eu mudei, eu comecei a ter amigos”. Isso é muito significativo... então... em todos os sentidos. É no sentido do protagonismo, é no sentido do pertencimento, do sentido da desenvoltura, do interesse, pela questão pedagógica, do interesse na construção coletiva, de todos os projetos da escola. É fantástico! Então você muda a realidade de jovens, mesmo. É, o Grêmio Estudantil, ele coloca isso para as pessoas. Você tem chance também de participar da sociedade. A gente ensina eles a serem cidadãos, mesmo. Com direitos e deveres.**

Nós construímos o Estatuto, unificado. Só tinha o Estatuto da XXXXX, lá da escola. Então, com base no Estatuto Estadual, nós criamos o Municipal. Nós criamos o Hino do Grêmio Estudantil, feito por eles. Sabe o que é isso? Existe hoje um Hino do Grêmio Estudantil. Foi feito pelos alunos e foi uma construção coletiva. Cada um deu uma sugestão... de uma palavra que representa o Grêmio Estudantil para você. Aí eles reuniram as ideias por escola e eles me enviaram. Aí eu e XXXXX, nós nos sentamos, reunimos as ideias, todas as ideias e criamos o hino.

E aí até dói as pessoas: _O que é Grêmio Estudantil, nada! Eu não sei se é só para minha cabeça, sabe. Mas é tudo o que eu vi e vivi já foi uma grandiosidade. Você reunir 250 alunos para uma formação e eles se comportarem. Ficarem quietos do início ao fim, e colocando seus depoimentos lá na frente, no palco. Tendo a oportunidade de falar o que está acontecendo na minha escola. Trocando experiências! Gente se isso não é rico para os alunos, então não sei o que é! Então assim, e depois eles mesmos foram dando o formato das formações. E eles faziam competições ou ...a grande “Ação do Coração” quando eles se envolveram na “Ação do Coração”. Com a competição saudável entre escolas, com a confecção de corações, eles costurando. Qual Grêmio que ganhou?

O Grêmio vencedor foi para o palco da “Ação do Coração”. Então assim, coisas que nunca tinham ocorrido na rede Municipal. A apresentação de talentos da escola acontecia durante as formações. Eles faziam apresentações de teatro, música... Em cada formação abria oportunidade deles se apresentarem. É eu acho que assim, são só bons exemplos! Eu sou uma apaixonada! Eu sou suspeita! Mas para mim assim, foi a melhor coisa que aconteceu!

Tem uma pasta todinha do Grêmio Estudantil contando o histórico lá na SEDUC. É com XXXXX. Ele hoje está como... é, está na seção dele. E quem está como professor Articulador hoje é XXXXX. Porque o XXXXX teve que, infelizmente, voltou para escola e está lá no (nome da escola), agora por causa dos dois registros. Ele tem na verdade duas cidades, ele tem Santos e (nome da cidade). Também tenho o telefone dele. Ele pode te dar um depoimento rico demais.

E aí desse professor Articulador, foi crescendo tanto, crescendo tanto, que hoje, é... tem que ver só com o XXXXX com quantos Articuladores ele está. Porque hoje a gente tem, por exemplo, um para cada duas escolas um Articulador. Então são mais Articuladores hoje. Virou projeto na rede. Então todo início de ano ele faz a abertura para o projeto. Os

professores se inscrevem e aí eles cuidam de duas, três escolas. Da última vez que eu falei com ele, ele estava com oito ou dez professores Articuladores, imagina? Começou com um e hoje... É o início né? Eu também acredito muito! Eu não sei nem o que eu sinto!

Eu passei esta experiência! Eu sei que dá certo! Mas tem que ali, oh. Tem que ter um ali, por que senão... A gente criou, a gente criou a comissão dos Grêmios. Formada pelo professor Articulador, o XXXXX enquanto representante do DEPED [Departamento Pedagógico], uma supervisora e um representante do gabinete da Secretaria de Educação. Então, essa comissão é que fazia a gestão e o planejamento do ano. Nós nos reuníamos pelo menos uma vez ao mês, às vezes duas vezes, dependendo, e nós fazíamos aí toda a programação e o planejamento ao longo do ano. Então, nós sentíamos esta necessidade, desse respaldo, principalmente da supervisão. Foi muito importante essa aproximação. A supervisão também não acreditava. Mas foi muito bom isso. Nós criamos por meio de um decreto. Você vai ver nesta pasta tem todo o histórico... tem tudinho ali. É muito bom, eu não trouxe a minha, acabei deixando lá e disse: _Cuida da pasta, hem? É um patrimônio, é um filho. Mas eu tenho muita coisa no *pendrive* também, que eu...não, não está aqui. Mas eu tenho muita coisa no *pendrive*, também, muito material. Se você precisar, então eu te passo. É importante deixar tudo registrado.

Tem o Estatuto, tem o Hino. O Hino é lindo demais! Quem fez para mim a sonorização foi o professor XXXXX. Em uma semana, fez. Ele colocou a música, e aí ele levou os alunos lá para tocar no dia, treinou os alunos. Foi lindo demais! Tem gravação, até! É... eu não sei agora se eles estão cantando... quando eu estava lá eu fazia eles cantarem. É, toda formação. Eu levava o papelzinho para eles e eles cantavam.

(Sobre destinação específica de verbas) Não teve. Assim, tudo o que nós conseguimos foi por meio de parceria. Até as formações nós... eu buscava bolo não sei aonde, suco não sei da onde... porque eles precisavam. Então assim, tudo o que nós conseguimos: palestrantes, todos parceiros...Eu não tive... Não investi um centavo, do Município neste projeto. A única situação que agora ocorre é essa, a aula projeto, que os professores realizam. Mas acho que foi... só ganhamos com isso. Então é um investimento de dinheiro para pagar o professor. Mas aí, o professor, também.... É bom para o professor, isso! Eu também acho que todo mundo ganha.

E os professores que acompanhavam na escola, sabe? Então eles viram o quanto foi importante, a participação do Grêmio. Então acreditaram. Não é algo obrigatório. Eles vêm se inscrevem, porque querem.

Nós criamos um *e-mail* do Grêmio Estudantil. Também foi algo bastante importante para o contato das Equipes Técnicas com a comissão. Então, qualquer problema, que acontecia na escola, já mandava o *e-mail*. Então todos nós recebíamos e já nos reuníamos para solucionar. O XXXXXX já ia para verificar a questão, o que estava acontecendo ou alguma sugestão, que era dada. Então este canal era importante. Esse canal de conversa direta com a comissão dos Grêmios Estudantis. Então, a Equipe, ela estava respaldada ali. Bom, o XXXXX não está na escola direto, 24 horas! É! E o Grêmio está! Tem todo um canal e nós também. Quando nós tínhamos que dar alguma informação para os Grêmios, nós mandávamos também por meio deste endereço. Já para diretora. Foi um canal importante sim, para comunicação com as escolas. Foi uma inovação porque não tinha esse canal direto. Não existia.

(Sobre a formação dos Grêmios Mirins) **Ah, então... a Lei Federal, ela obriga a formação de Grêmio a partir do 6º ano, Fundamental II e Ensino Médio. Mas, a gente notava que quando o aluno chegava no 6º ano ele demorava muito ainda para entender o que era o Grêmio. E nisso a gente perdia um tempo. Então ele só ia entender o papel dele no 7º, 8º ano. E o que nós pensamos.... Então, se nós adiantarmos esse processo. E na escola que havia o Grêmio, Fund. I e Fund. II, eles ficavam olhando e havia uma**

separação ali. E os pequenos, eles falavam... demonstravam uma vontade para as diretoras de participar já. Então foi na verdade uma soma. Sentimos esta necessidade deles chegarem já ali, quando é de obrigação deles executarem alguma coisa, deles já começarem efetivamente no sexto ano e não demorar muito esse processo... Que passa tão rápido o Fundamental II... Então veio a ideia, surgiu a ideia, atendendo um pedido das diretoras e também observando esse outro ponto, da gente começar com o Grêmio Mirim, de 4º ano. É, todos podem participar no Fund. I, mas a obrigação mesmo, ali, fica com o 4º ano que já tem uma maturidade maior para ir observando alguns processos.

E aí então começamos com uma escola e depois a outra pediu e aí a outra pediu e hoje a gente... senão me engano são vinte Grêmios sou vinte e dois Grêmios. Eu não sei se eles ampliaram agora para esse ano... Mirim. Mas até o ano passado eram uns dezesseis de Fund. II e já completando com vinte, com Fund. I. **Então assim, foi contagiando na verdade. O movimento do Grêmio despertou o interesse nos pequenos: _ “Por que eu não posso participar? _Por que eu não posso participar?” Então aí a gente fez ingresso no Fund. I também.**

(Sobre a existência do Grêmio Mirim em outras localidades). Não existe! É uma pena que a cidade pouco explora este fato. Uma pena! Que você saiba explorar aí no seu trabalho e saiba dar visibilidade à importância disso. No (nome da escola), se você quiser uma escola para entrevistar alguém, lá, não sei se a diretora mudou, era a... Oh, meu Deus... esqueci o nome dela... bom, enfim, é... se tiver o (nome da escola), a (nome da diretora). É, o Grêmio Mirim. Lá funciona que é uma maravilha! Coisa mais linda do mundo! E no (nome da escola), também.

O Grêmio foi super ativo, inovador, cria ações. Eles criam festas... É um barato. E aproxima a família, acima de tudo. Então assim, foi divino!

(Sobre a aproximação dos pais) Eu senti bastante no Grêmio Mirim. Mais, poxa, tem pai que vai na formação para saber o que o filho está aprendendo. Tem vários pais que foram às formações saíram de lá bestas. E essas coisas assim, sabe? Uma vez encontrei um pai na rua e ele falou... _ “Nossa, Audrey, sabe, que legal essa coisa do Grêmio Estudantil, meu filho mudou”. Para mim aquilo foi: _ “Meu Deus do céu!” E, assim... é porque para ir para a formação, o pequeno... às vezes o pai se sente mais, inseguro. Acho que é por isso também. Mas acaba atraindo a família de qualquer jeito.

(Sobre a cartilha intitulada - Resumão do Grêmio) Na verdade é o Estatuto. É o Estatuto. O Estatuto nós criamos. Também funções. São dezesseis funções. Então tem diretor de relações públicas, diretor de projetos, diretor de comunicação... Criamos funções para que eles pudessem incorporar essa responsabilidade. Esse documento para eles serviu como um guia realmente, um guia na escola. Então a gente coloca as funções e depois por função a gente coloca o compete dele enquanto Gremista e representando aquela área. Então ele sabe que é o diretor de comunicação. Ele vai ter que fazer toda a área de visual. Dar visibilidade às ações, o que o Grêmio está fazendo. Então cada função, tem um compete e a gente forma isso, capacita esses Gremistas para cada função. Então antes de começar o ano, a primeira formação que eles têm é sobre o Estatuto. É o que é o Estatuto? O que é o Grêmio? Por que o Grêmio é importante? Cada função... que cada função, que cada um vai executar, as responsabilidades ali, do todo.

E, essa formação nossa, que nós demos para todos os supervisores, para todos os diretores. Não adiantava só atuar em relação aos alunos, porque senão ele volta para escola e fala: _ “Eu preciso fazer isso”. A diretora não vai entender por que ele precisa fazer aquilo. Porque está no Estatuto que a função dele é essa. Então está tudo respaldado. E, eu acho que facilitou muito a vidinha deles na escola. Porque antes era assim: _ “Ah, tenho que fazer?”

_ “Tem que fazer por quê? _ Da onde está saindo isso?!” Isso passou pela procuradoria, tem todo um trâmite, demorou, mas passou. Até ser publicado.

(Sobre o potencial formador de sujeitos dentro do Estatuto e sobre a escolha das diretorias). Tem mais, a gente teve como base o Estatuto Estadual. E o Estatuto Estadual já tinha algumas funções, já bem claras. Nós só aumentamos, porque dentro das ações que foram sendo realizadas... a gente sentia falta de alguém para organizar uma determinada área. Então a gente acabou, pegando algumas situações do Estatuto Estadual, mas também implementando outras devido às necessidades locais. Então, ah, vamos fazer. Tem muitos projetos com relação à cultura, saúde, dentro da escola. Projetos que eles já executavam e aí acabou passando para responsabilidade do Grêmio. Por exemplo, muitas campanhas chegam para Secretaria de Educação. Campanhas de todas as áreas que você possa imaginar. _ “Ah, para onde vai mandar? _ Manda para o Grêmio Estudantil que eles vão agir”. _ “Manda para quem? _ Manda então para o diretor da área de cultura. _ Manda para o diretor da área de esporte”. Para não ficar uma bagunça, todo mundo cuidando de tudo, a gente acabou segmentando para que eles pudessem assim ter senso e procurar projetos voltados cada um à sua área. É lógico que todos trabalham juntos, mas cada um fica responsável por uma determinada área. Não sei se isso vai continuar, agora. Creio que sim. Mas seria importante perguntar para XXXXX sobre a continuidade. Deu muito certo. Se todos fizerem!

(Sobre o Estatuto do Estado) Consegue, está na internet. É legal, dar uma comparada.

(Sobre o Espírito do Grêmio, o que se espera dos alunos). Na verdade, era mais este sentimento de medo... _ “Do que vai acontecer na minha escola? _ Vou ter aqui pessoas que vão me enfrentar, causar questionamentos, reivindicações”. Havia esse sentimento, mas o que nós queríamos naquele momento era formar realmente cidadãos para uma real Democracia. Não o que a gente está percebendo hoje na nossa sociedade, uma Democracia com libertinagem. Que você tenha a liberdade, mas com responsabilidade. Então mostrando para eles onde estava o momento do dever e onde estava o momento de cobrar os direitos. Então isso ficou de forma muito clara em todas as formações. Primeiro com o papel do Grêmio. O que o Grêmio, no que que ele pode ajudar na escola. Porque eu acredito que se não houver um direcionamento de alguém que tenha o senso de responsabilidade, você pode acabar com isso mesmo, nesse sentido, que as diretoras temiam. Que não há... se não há uma orientação, eles ficam vagando e aí a primeira situação que eles encontram de empoderamento, eles vão! Então, houve muito bem esse guia. Para ele foi muito fortalecido ao longo desse período. E o XXXXX soube conduzir muito bem isso. Apesar dele, às vezes as diretoras estranhavam o XXXXX por uma determinada posição, tal..., mas aí é de cada um, pensamento de cada um. Mas a professora XXXXX já tem outro perfil. Perfil de acolher, sabe? De escutar... Já o XXXXX tem um perfil mais de impor. Mas foi o início. O início é sempre mais difícil, é o começo. Se a pessoa não acredita, você tem meio que impor para que ela te escute: _ “Olha, dá certo!” Mas então: são momentos diferentes. Um teve que fazer o acreditar e nesta fase agora é dar continuidade a um trabalho de sucesso, que eu acredito que foi realmente. Eu acho que temos muito ainda o que avançar! Tem muito ainda o que avançar! Mas foi um início... eu acho que com bastante conteúdo.

Olha, os frutos colhidos a gente vê nos alunos que vão se formando e estão exigindo Grêmios nas escolas estaduais. Eles estão causando! E, quando o Grêmio já está instalado lá, eles vão verificar se tem o Estatuto, se o Estatuto está sendo respeitado. Se o Grêmio realmente tem vez e voz. Estão exigindo as formações, então assim... o resultado é pós. É esta saída deles, nos representa. Então isto é bárbaro! Você receber os alunos aqui falando que o Grêmio mudou a vida. Não tem preço!

O que que eu espero? Eu espero assim, que cada vez mais o Grêmio ganhe força. Que não seja só uma Lei Federal. Independente de governo que passar aqui no Município, que as leis sejam sempre obedecidas, na verdade seguidas. Que isto não caia no esquecimento. Que

os professores cada vez mais acreditem que o Grêmio é uma força sim para a escola, tanto na área administrativa, como na área pedagógica. Que eles podem sim ajudar com ideias e fortalecer cada vez mais a educação. E eu espero que a partir desta sementinha plantada, que tenhamos cidadãos mais conscientes na sociedade: levando bons exemplos. Fazendo com que estes exemplos já sejam semeados, principalmente no Ensino Médio. Tenho certeza de que nós criamos aí. Nós lançamos para a sociedade, cidadãos que vão fazer a diferença no todo, viu? Eu tenho certeza! Certeza!

(Sobre mudanças na relação com os Grêmios) Não. Mudou assim, no sentido do executar... mas, há duas semanas já tive uma reunião com a XXXXX, para definir vários pontos de atuação, como que o agora... o parlamento, o legislativo podem ajudar na construção e no fortalecimento dos Grêmios. Então nós já estamos vendo alguns pontos para este fortalecimento. Até com a destinação de verba parlamentar para que a gente possa buscar outro tipo de formação. Para que a gente possa buscar eventos para os Grêmios, a realização da posse. Para que eles não tenham tanta dificuldade como nós tivemos para... em cada posse. Então assim, com leis específicas que possam atender as necessidades que vão aparecendo. Então a minha ligação, ela só mudou de posição. Mas ela continua muito forte e eu assim... com este acreditar que é possível. O “Câmara Jovem” é uma das ligações agora comigo diretamente, aqui. Os Gremistas. São os Gremistas! Temos os “Jovens Vereadores”, e agora eu luto pelos universitários dentro da câmara. Eu acredito muito no protagonismo juvenil! E o Parlamento, o poder legislativo, ele precisa ter este olhar mais voltado para esta formação, dos jovens na sociedade. Porque se nós queremos mudar a política, nós temos que abrir este caminho aos jovens. Porque hoje eu vejo uma sociedade mais jovem. Hoje eu vejo mais jovens afastados da política, do que era na década de [19]50, [19]60, [19]70, onde você tinha um engajamento muito maior dos jovens. Hoje eles estão muito afastados, por conta de todo o cenário, do país: corrupção, o desacreditar, a falta de esperança, a situação econômica que foi instalada, por conta de caminhos que foram tortos na política. Mas eles precisam voltar! Resgatar este sentimento! Porque se eles não resgatarem cada vez mais nós vamos afundar este país. Então a minha luta hoje, é para que os jovens que estão hoje aqui na câmara... Que temos muitos jovens! Posso dizer assim... O pessoal na faixa etária de 30, 30 a 40 anos... que eles se tornem exemplos para estes jovens que estão ainda nas escolas. Mas a gente tem que começar com este fortalecimento, da Câmara para lá. Então o que o executivo precisa? Como que nós podemos ajudar? Na criação de leis? Na destinação de verbas? Trazendo os jovens para cá para palestras, para ações dentro da Câmara... Senão eles não vêm. Eles vão se afastar cada vez mais! A minha luta é esta, resgatar o sentimento no jovem que a política é algo que está posto na nossa sociedade, e que eles precisam se aproximar.

(Sobre o perfil do profissional que trabalha com os Grêmios) Tem os critérios. Se você pegar isto lá com XXXXX saiu até na publicação do D.O. Então eles já têm que ter experiência com trabalhos deste tipo, demonstrar isto. Eles fazem uma redação: “Porque que eles acreditam no Grêmio Estudantil, no protagonismo juvenil” ... para verificar se a pessoa também tem o perfil, para lidar com isto. Porque não é fácil! Para você lidar com um grupo que você está formando na escola! E que você tem que formar com responsabilidade.

É oito ou oitenta, eles são assim... Então é, eu tenho até uma Gremista me cobrando o ar condicionado na escola... que realmente foi uma, um processo que não deu certo. Aí Depois que eu saí da XXXXX, ela está me cobrando. Eu falei: _ “Você tem que me cobrar mesmo!”. Agora a gente tem que fazer a luta contrária lá, para o executivo. E eu estou aqui para te ajudar, porque senão... O processo de licitação dos aparelhos de ar condicionado, ele foi impugnado pelo Ministério Público. Estava tudo certo já. A gente tinha conseguido verba parlamentar, para compra do ar condicionado para o (nome da escola) e o processo foi impugnado pelo Ministério Público. E foi no segundo semestre do ano passado, e eu já não estava mais lá. E aí o que aconteceu? Ninguém deu o retorno para a escola.

(Sobre o motivo da impugnação). Ah, filha! Porque tem ar condicionado na sala do Ministério Público. Porque assim: um munícipe entrou, denunciando que o aparelho de ar condicionado estava três vezes mais caro que nas casas Bahia. Só que nas casas Bahia, ele vai lá e compra o aparelho e leva para casa. Ele tem que ir lá, pegar o aparelho e levar para casa. Aí ele tem que chamar uma instalação. Ele tem que ver se a rede da casa dele, elétrica, está preparada para receber. Se não estiver, precisa fazer toda a revisão da rede elétrica. O processo... ele constava já com toda esta estrutura. Ninguém quer ver o preço! Mas é assim, a entrega ponto a ponto, a instalação, a revisão da parte elétrica, enfim, não é... Mas como eu não estava mais na XXXXX. Eu não posso nem... Eu estou falando de abelhuda. Porque eu já tinha tomado a providência..., mas enfim...

(Sobre a relação dos Grêmios santistas com o Movimento Estudantil). Pode voltar? Vamos lá... Nós, todos os anos, tem uma semana em agosto, que é a “Semana dos Grêmios”. Essa semana de formação, capacitação, dos Grêmios Estudantis. Esta semana ela é até coordenada, pela Coordenadoria da Juventude, que é ligada a Secretaria da Cidadania. E aí ela faz esta reunião de formação com os Grêmios das escolas particulares municipais e estaduais. Tem a data certa. Eu ainda peguei este. É um calendário. Faz parte do Calendário Municipal de Eventos. _ “Onde está aquele, o Calendário de Eventos do Município? _ Não sei quem foi que me mostrou. _Estava no papel. _Não, quero do Grêmio só, da Semana... é agosto, de 11 a 18? Está aí? Porque eu, eu estava para fazer o ‘Dia Municipal do Grêmio’”. Aí como tem a semana, eu falei, ah, está demais, tem o dia, a semana, olha, está aqui, ele faz parte do Calendário Oficial de Eventos e datas comemorativas do Município.

Pode ficar com esta daqui. Pega os telefones, isto, pega o telefone do XXXXX. Ele vai ficar super feliz se você ligar. É, tem XXXXX, tem um aluno aqui, o (nome do aluno), aliás, o (nome do aluno) que é do (nome da escola), se você quiser encontrar. O (nome do aluno), o (nome do aluno) também, ele já não está mais no... o XXXXX é um exemplo de menino, também. Ele está hoje no Ensino Médio, e está trabalhando como... no CAMPS⁸³. Mas mudou a vida dele também!

Eu vou fazendo contato com todos eles. Não deixo eles, nem eles me deixam. Mas eu amo, eu amo. E aí eu ajudo aqui, ajudo lá. A gente vai fazendo mil planos. Eu acho assim, super saudável, super saudável. E eu quero mais é que realmente eles possam florescer. É o que a gente espera, só. É o que a gente espera. Tem mais alguma, amor?

(Enfatizando o fato de que há documentos úteis na Secretaria de Educação). O material lá com XXXXX. Um material muito rico. Tudo bem tranquilo. Fique a vontade! Mas eu acho que é este o caminho, conversar com XXXXX. Lá, para ela te apresentar todo o material. Também falar do planejamento para este ano. Eu sei que a posse vai ser dia, 11 de abril. Seria importante você estar lá para você sentir o clima como é. É sempre no teatro Guarany.

(Agradecimentos pela colaboração com a pesquisa) Que é isto... Eu é que agradeço. Eu estou super feliz de ter te ajudado de alguma forma, se é que ajudei aí neste caminho. E que você tenha muito sucesso com este tema, muito sucesso. Que vale a pena! Até porque realmente faltou um instrumento científico disto tudo. Nós temos alguns indicadores, porque a cada ano, nós enviávamos. Eles continuam fazendo, para as diretoras. É uma pesquisa apontando o que precisava melhorar. Você vai ter todos estes resultados. Tem tudo tabulado

⁸³ CAMPS - Centro de Aprendizagem e Mobilização Profissional e Social que segundo seu site se propõe a: “Capacitar o jovem, não somente, para o mundo do trabalho, mas torná-lo apto a enfrentar os desafios profissionais, desenvolvendo o seu caráter, ética e responsabilidade, complementar a educação, aprendizagem profissional e formação social do adolescente, fazendo com que ele concentre seus esforços no próprio crescimento, em conformidade com a Lei de Aprendizagem 10.097/00, atendendo os critérios do ECA, CMDCA e CMAS”.

disso. Então elas retornavam com o resultado apresentado nas escolas, em vários eixos que nós montamos lá.

Então assim, mas se der tudo certo para você, vai ser um fechamento, assim! Ter um trabalho deste, científico, para demonstrar o caminho dos Grêmios. O caminho. Muito bom! Muito bom! Tomara que permaneça tudo como está. Tomara, tomara, tomara, tomara! Eu assim, estou com muita esperança. E XXXXX é maravilhoso, XXXXX é, XXXXX também tem esta linha de pensamento. Vamos ver, mudança... Quando muda alguma coisa a gente fica assim, vamos ver. Vai dar tudo certo! Eu é que agradeço meu amor, eu é que agradeço. O que é isto? Imagina, disponha, quando você quiser. Você tem meu telefone? Se quiser anotar, a XXXXX também tem, qualquer dúvida me manda um Zap [WhatsApp].

ENTREVISTA REALIZADA COM T.K.

- ❖ O critério utilizado para a escolha deste sujeito de pesquisa foi o fato deste ter pertencido à iniciativa independente de formação de Grêmio Estudantil que serviu como modelo para a ideação, o planejamento e a execução do projeto de Grêmios no Município de Santos. Até o início da entrevista, havia uma hipótese da pesquisadora de que o Grêmio orientado por esse entrevistado seria um Grêmio remanescente dos Grêmios implementados no mandato de Telma de Souza, contudo verificou-se que não havia relação entre eles. Também nesta interlocução, o entrevistado foi informado sobre o fato de o Grêmio que auxiliou não foi o primeiro Grêmio Municipal Santista, conforme informação equivocada que recebeu de um dos membros da equipe de ideação do projeto atual.

Início da fala de T.K. - Eu vou, assim, quando estava no período em que houve essa política pública no governo da Telma... Eu estou na rede há 27 anos... Eu estava já na rede. Eu entrei justamente no início do governo dela, mas eu não estava atuando. A faixa etária principal... não que não possa ter... os Grêmios, por exemplo, mirins, Grêmios Estudantis mirins, não sei se você já ouviu falar (do primeiro ao quinto ano). Nessa época, eu atuava ali, nessa, com essa faixa etária. Não havia nada nesse sentido. Então eu não acompanhei. Eu não estava. Acabei não me inteirando dessa política aí... mais voltada para o Fundamental II. E aí o que aconteceu? O início do trabalho lá na escola, eu até por uma ignorância, desconhecia essa legislação. Eu iniciei assim do zero, na escola. Não considerei. Eu sinceramente não tinha nem ciência dessa ... Não, não, eu não. Eu vou até procurar saber se era como, para fins, não sei se você já pesquisou isso, se existia uma lei, alguma instituição, se foi instituída alguma questão assim legal para essa organização dos Grêmios. Você sabe dizer, não? Federal, sim. Eu acredito que não. Eu acredito, mas como eu não pesquisei isso. De repente eu estou enganada. Mas, o início lá... aí a gente vai conversando. Eu vou tentando explicar para você.

(Como nasceu a ideia de iniciar o Grêmio, de modo independente) É, de um trabalho, de um trabalho que estava sendo desenvolvido. Porque assim, eu vejo dessa forma... O gestor, estava como diretora da escola. O gestor tem muito essa... é uma importância, uma fundamental importância na atuação do Projeto Político Pedagógico. Como que a gente vai trabalhar? Então o que motivou foi a própria... observar o dia-a-dia da escola, e aí, por

exemplo. Vou dar um exemplo e depois eu vou citar isso também. Nós tínhamos muitos casos de indisciplina. A escola em que eu estava, ela tinha um dos piores índices. Não vou entrar em mérito de avaliações externas... Ela tinha um dos índices mais baixos do Município, né? Nessa faixa etária do sexto ao nono. Já está gravando, não? Eu falo um pouco mais baixo.

Na Área XXXXX, começo do Grêmio... quando eu estava nesse trabalho que foi desenvolvido, foi lá na Área XXXXX, na escola XXXXX, e... vou seguindo esse roteiro aqui então para não me perder. Senão depois para você transcrever tudo isso também... Então, né, na escola XXXXX, em Santos nós dizemos Unidade Municipal de Educação (nome da escola) ... Lá não havia Grêmio. O que havia lá na escola, nessa escola? Um projeto chamado “Líderes de Classe”. Esse projeto era desenvolvido por uma inspetora de alunos que estava já, bastante tempo já atuando lá, mais de cinco anos. Ela sempre se identificou muito com essa faixa etária dos adolescentes e aí ela fazia esse trabalho. Como que era? De cada sala, do sexto ao nono, sempre para essa faixa etária, tinha um líder, que era eleito pelos colegas. Ele liderava durante o ano todo. Então, qual era o papel desse líder? Tentar desenvolver... (gravação interrompida)

Então, e aí, essas reuniões semanais com os líderes de classe, toda sexta-feira. E aí, o quê que... qual a ideia, que eu sempre pensei? É de que já que nós estamos trabalhando com um princípio de formação. De educação, que nós precisávamos mesmo nos unir, os docentes todos. Entender e valorizar esse projeto fortalecê-lo, né? Mas como eles eram líderes daquela classe, eles não tinham, eles não conseguiam ter uma visão mais geral da escola. Cuidavam... da sala, como um monitor de classe, né? Na época que eu estudava, era o monitor da sala. Ele ajudava o professor em alguma coisa, era mais ou menos assim.

E, aí eu comecei a trabalhar junto com essa inspetora nesse sentido de a gente conseguir montar um colegiado, a partir do líder de classe. Organizar um colegiado que seria o Grêmio Estudantil. É, para você ter uma ideia, neste ano de 2010, mais para o final do ano, nós começamos a estudar sobre Grêmios. Os Grêmios em outros Estados, outros Municípios, porque não tinha, não havia um Grêmio aqui no Município. Então começamos a pesquisar uniões de estudantes. Se encontra até nível Federal, Estadual, tem uniões, né? Aí nós começamos a estudar isso e já inseri esses líderes no trabalho do Conselho de Escola... estudo com os alunos e não só com a inspetora e os professores. Nessas reuniões... semanais. Depois de um tempo as reuniões passaram a ser quinzenais. Porque de alguma forma, a reunião era realizada no horário da aula, no início. No finalzinho do período, nós sempre, sempre na última hora aula. Eles iam para lá, para almoçar, nós organizávamos um espaço e ficávamos ali conversando.

Depois, nós conseguimos fazer, com que eles fossem mais cedo. Isso foi interessante porque os adolescentes tinham vergonha de almoçar na escola. E eu convidei para um almoço. Eles iam almoçar e eu também almoçava lá na mesa com eles. Então, eles começaram a não mais fazer essas reuniões no horário da aula. Eles iam um pouquinho mais cedo, a cada 15 dias. E, isso também foi interessante, porque aí os colegas começaram a também ir mais cedo para almoçar na escola, sabe, para incentivá-los. Porque é uma faixa etária assim. Eles têm vergonha de tudo! Então, achava que ir lá, pegar o prato de comida... que isso não era muito legal. E aí, a partir dessas reuniões, eles iam mais cedo, depois eles começaram a ir mais cedo nos outros dias e aí até a gente aumentou o número de alunos lá, participando do almoço na escola... que a Prefeitura de Santos oferece o almoço e para o período da tarde é sempre um pouquinho antes do horário.

E então, nessas reuniões, nós começamos a estudar sobre os Grêmios. E eles entenderam essa política, essa participação política, e que essa voz deles, a visão que eles tinham da escola é diferente daquilo que eu estou vendo, daquilo que o professor está vendo. Então por isso que é importante que eles participassem. Porque eles estavam reclamando das aulas, mas os professores diziam que as aulas eram ótimas. Por mais

que nós da Equipe Gestora, Coordenador Pedagógico, observássemos que não. Mas a gente precisava dessa voz. Deles afirmando isso ou mais, não só falando do professor, mas explicando melhor o que eles estavam... a forma que eles estavam enxergando aquele trabalho.

E aí quando foi abril de 2012, a gente conseguiu fundar o Grêmio. Dia 4 de abril de 2012... Fundamos o Grêmio numa Assembleia. Eu fiquei exausta porque na quadra com todos os alunos... Antes de chegar aí, esses líderes explicaram, nós colocamos algumas... (o tempo de formação até chegar à fundação) ... Do final de 2010, foram...2 anos... Ele foi instituído praticamente em 2 anos. Porque aí eu iniciei o trabalho lá em janeiro de 2010. Então, mais ou menos três meses depois comecei a trabalhar com eles, aí foi até o final do ano. Não deu ainda em 2011, aí só em 2012 que a gente conseguiu fundar o Grêmio.

Depois eu soube que é o primeiro Grêmio da rede Municipal de Santos, é o Grêmio dessa escola... e nós estudamos assim modelos de estatuto. Nós explicamos que precisa ter um Estatuto, assim como a APM da escola precisa ter: Como que funciona? Quem vai ter voz? Como vai ser a eleição? Tudo isso! Então a gente estudou isso, na Assembleia de Fundação. todos já estavam muito... já sabiam.

E aí a parte da... dessa fundação do Grêmio, eles montaram chapas. Também foi, como a gente teve esse período preparatório. Foi muito tranquilo. Tirou bastante do meu envolvimento. Não precisou muito! Só acompanhando o que eles estavam fazendo. Eles organizaram as chapas. Muito criativos nos nomes das chapas... Usaram bastante a criatividade aí... e nesse... aí montaram a chapa, tiveram um período.

Nós instituímos a data da Assembleia. Tiveram um período de fazer as suas propagandas eleitorais, irem às salas. A gente organizou essa parte. E essa inspetora sempre teve um papel fundamental também, ajudando, colaborando. Aí foi feita a eleição e aí, a partir da eleição, fizemos Festa de Posse, com Hino Nacional, formal... e a participação deles.

Chamamos os pais para eles entenderem que eles precisariam estar mais na escola, acompanhando a assembleia da APM, porque o presidente do Grêmio é sócio nato do Conselho de Escola. Ele precisa estar junto da gente. Ele não tem voto, não vota, mas ele está lá conhecendo as situações da escola, as questões que envolvem a escola.

E aí, eles começaram a atuar. Aí nós precisamos estar juntos para eles entenderem, porque tinham as diretorias: Diretoria de Cultura, Diretoria de Educação, Diretoria de Eventos, tinham os diretores e o presidente.

Então essa questão do trabalhar em grupo, para eles, entenderem. Chegar num consenso. Algumas vezes a gente precisava assim intervir. Tentar ajudar e mostrar. **Aconteceu uma coisa interessante, também, eles queriam que na escola, por conta de um Regimento da escola, aprovado pelo Conselho, não podia entrar alimentos como refrigerantes, salgadinhos, coisa assim, porque a escola fornecia alimentos. Então eles vieram, o presidente do Grêmio veio trazer uma proposta dos alunos que tinha que... liberar. Que eles tinham que tomar o refrigerante, que eles tinham que ter essa liberdade. Mesma coisa do estudo... _ “Ah, vocês tão fazendo essa proposta por quê? _Ah, porque a gente quer. _Ah, então, nós precisamos entender por que que não pode o alimento. Por que que está escrito isso lá no Regimento”. E, aí foi bacana, que nós sugerimos para eles, trazerem a nutricionista. Eles não sabiam que tinha uma nutricionista na escola. Aí ela passou uma tarde lá com eles e fez uma palestra. Eles saíram de lá todos já... é... mudou a ideia. Eles entenderam por quê. A forma que ela colocou para eles também. Então, é uma participação formativa, não é um protagonismo. _ “Ah eles... tudo que eles falam. Nós procuramos fazer um trabalho de conscientização mesmo, de formação de cidadania, né? E tudo aquilo que se fala. Eles tinham uma biblioteca, laboratório, para pesquisar e ver. Nós, também sempre que**

possível estávamos a disposição para ajudar e encaminhar no que fosse necessário para essa formação. E aí desde então, o Grêmio, não, eles sentiram essa força. Algumas coisas foram possíveis de serem realizadas.

Eles queriam montar uma rádio escolar na hora do recreio, fortalecer o jornal da escola que já tinha, com esse projeto de Líderes. Fortaleceram, ampliaram para a comunidade. Pediram palestras, cursos. Na escola tem esses arquivos de... os cursos que eles pediam... assim, de formação profissional. Então, quando nós começamos a ouvi-los, começamos a perceber que eles tinham muito a contribuir para a melhoria da escola, né?

E envolver o professor também é um desafio. Porque, os líderes, eles nem sempre, eles não são aqueles alunos que a gente espera que eles fiquem quietos, não questionem. Não, eles questionam, eles querem que melhore... Eles cobram e nem sempre, nem todo mundo está tranquilo com relação a essa questão da cobrança, né?

Então nós tentamos fazer, não foi possível 100%, mas uma grande parte a gente conseguiu. Entender que eu posso ser questionada, e eu vou dar uma resposta, né? Não me fere como pessoa! Nem no cargo que eu estou... De forma alguma responder aquilo que o aluno está solicitando, né?

Então essa, a escola, essa cultura na escola é um processo. Não é algo tão rápido e tão tranquilo, né? A gente... ocorrem vários conflitos aí nesse desenvolvimento, né? Nesse processo...

Aí também o que eu achei muito bacana foi envolver eles no Projeto Político Pedagógico da escola. Para eles entenderem o que é isso. E aí foi. O pacto foi sendo tão importante que a escola passou para o melhor índice do IDEB do Município de Santos no Fundamental II. Então foi um impacto muito importante na minha avaliação, muito significativo. Enfim, uma escola que, sempre disse isso como responsável lá, como gestora, que nós todos temos que entender que nós somos parte e parte importante. Então o aluno é uma parte importante. Não é o aluno o mais importante ou o professor. O mais... nós todos juntos, com essa visão de, a princípio, de conter aquilo que é objetivo. Mas no cumprimento desse objetivo nós vamos desenvolvendo esses princípios, com essa objetividade. Não é no nada: _ “Ah eu só quero fazer isso para mostrar!” Não, é um trabalho realmente de formação, de educação, de cuidado com o adolescente.

E depois a gente também começou a fazer o quinto ano. Nós não tínhamos o Grêmio nessa faixa etária... participando das reuniões do Grêmio, só como ouvinte. Porque o sexto ano quando chegava, eles ficavam perdidos. Aí também ajudou bastante, os Líderes, né? Porque nós tínhamos os Líderes de Classe do primeiro ao quinto. Não o Grêmio, mas os Líderes.

(O Grêmio não substituiu o projeto de Líderes, estes seguiam paralelamente) Isso continuou... Continuou. Tanto é que o Presidente do Grêmio nem sempre era o Líder da Classe. Às vezes nós fazíamos reuniões com todos os Líderes e o Grêmio. Não paramos com esse projeto dos Líderes. A inspetora quis. Ela apresentou e todos concordaram, né? Que o projeto continuasse, e a gente continuou também.

É, a partir dessa organização, depois houve então essa Política Pública, né? O XXXXX foi uma pessoa que liderou isso, porque ele tem também essa visão de ouvir o jovem, ouvir o que eles têm, né? E eu acredito que isso tenha, tenha sido uma política de impacto, embora, não sei se você vai me entender, Solange.

Quando você tem uma política, a gente precisa ter um trabalho de articulação, senão a política, na prática, ela pode não acontecer. Então, você pode ter um Grêmio que não tem voz, que não atua. Mas isso é em toda política! Não é só nessa questão! Porque se nós chegarmos na escola e não incentivarmos essa... O adolescente, ele... não, sozinho, ele não tem... Ele não tem. Ele não se vê ainda. Ele não se percebe como um cidadão, como alguém que tenha a contribuir. Não tem essa maturidade ainda. (A faixa etária dos alunos atendidos

pela prefeitura) É, acho que é questão de idade. Começa ali dos 12 - 13 anos quando começa no sexto ano. Então, por isso que o papel da Equipe Gestora e dos professores é fundamental para incentivá-los, né?

Para a gente canalizar essa questão toda dessas reclamações deles... deles, de alguma forma essa saída da sala, sem disciplina é uma voz, né? Eles tão dizendo alguma coisa. Então, é de canalizar, da gente tentar entender por que que isso está acontecendo.

Uma vez, uma situação lá na escola, até em paralelo, talvez você nem use... Nós reunimos os alunos que tinham muita dificuldade de indisciplina. E, a única coisa que eu fiz foi dar um questionário de três perguntas para eles. Escritas. Eles deveriam responder por escrito. Você acredita que, nome? Nome para ler? Aluno de Fundamental II... Eles tinham dificuldade de ler as questões que eu tinha colocado ali. Ah... nós identificamos a questão. Alunos de sexto ano ao nono, que sétimo, oitavo, que não conseguiam interpretar o que estavam lendo. Eles liam a letra, mas não conseguiam entender o que estava ali, aí já foi um indicador forte do motivo daquela indisciplina. Então essa visão precisa se ter, de quem é o gestor e dos professores que lidam ali diretamente com eles, eu acho que é fundamental. Então, essa, acredito que sim, houve, é importante essa política, é muito importante, porque talvez nunca, né? Não estou dizendo assim geral, né? De uma forma geral. Mas talvez a própria iniciativa do gestor e da escola, talvez não organizasse o Grêmio e a política veio para direcionar mesmo. _Não, vai haver o Grêmio Estudantil em todas as unidades municipais. E aí sim, tem um Articulador, tem um professor que articula. Ele vai nas escolas, ele acompanha, tem grupo de *WhatsApp* em que eles vão acompanhando as atividades dos alunos, e eu acho isso importante para não deixar... É, acabar.

Se não tiver, fatalmente, em grande parte, talvez faça eleição, porque todo ano tem quer ser feita, é um mandato de um ano, tem que ser feita uma nova Assembleia, mas não tem uma atuação, né? É, então, uma atuação como deve ser de participação mesmo do aluno, de envolvimento com os projetos da escola, né? Eles, se você envolvê-los, se nós envolvermos todos os alunos assim, falando especificamente dessa faixa etária dos adolescentes, eu tenho por experiência que muda a escola muda, a conduta deles muda também, e com o tempo a gente vai conseguindo mudar também a visão dos docentes, que alguns docentes têm em relação aos alunos, né? Que eles estão ali talvez para aprender um conteúdo, eles não têm uma visão que eles estão ali sendo formados, e eles contribuem também nesse processo.

E, o Estatuto do Grêmio, nós utilizamos um modelo da União Estudantil e adequamos, porque, por exemplo, lá neste Estatuto, como é o estatuto de uma associação, né? Tem os cargos, e a princípio nós tivemos uma certa dificuldade em trabalhar, por exemplo, com a diretoria de finanças, o diretor que é um tesoureiro, né? Como ainda existia uma dependência da gente, na Equipe Gestora, da gente está acompanhando, eu achei difícil deixar, permitir essa, então de uma certa forma eu induzi para que a princípio não tivesse. Eles estavam trabalhando conosco na Associação de Pais e Mestres, então eles poderiam trabalhar por algum recurso que eles quisessem desenvolver, algum evento, mas estava sempre atrelado a Associação de Pais e Mestres e eles tinham acesso aos relatórios. Então, nesses anos nós conseguimos montar, por exemplo, um laboratório de ciências na escola. Queria que um dia você fosse lá conhecer porque é algo assim, tirando o (escola que deixou de ser particular e foi incorporada ao Município) que foi uma escola comprada, né? É a única escola que você tem um laboratório de ciências, com materiais muito ricos. Então, eles iam acompanhando esse trabalho... Se a lousa estava bem conservada, se a escola estava pintada. Então, existia essa ligação na parte financeira com a APM, mas eles acompanhavam, era mais uma questão de dificuldade da gente deixar o dinheiro na mão de um menor e como que ele iria administrar isso? Então, a

gente entendeu que eles precisariam estar junto com a gente para eles poderem ter mais, assim, conhecimento de como lidar com essa questão do dinheiro.

Então, no período que eu tive lá, até 2000, final de dezembro de 2014. É, continua sim. Mas isso me incomodava. Entendia que eles precisariam mexer com isso, eles próprios. Mas eu não achei uma forma de ainda, de conseguir isso. Talvez um medo que não tivesse fundamento. Talvez eles conseguissem fazer. Mas eu não ia conseguir acompanhar isso muito de perto para ver como seria. Então aí você percebe, né? Que... do meu trabalho, eu trabalho em incentivo a autonomia, mas por outro lado eu entendo que não posso deixar isso não. Eu não sei se você vê isso como restringir ou, é, é de uma certa forma, há uma restrição, mas é no sentido de acompanhar o trabalho que está sendo feito. E eu também acredito nisso, na responsabilidade. Eles não são... Eu não posso jogar e deixar. Eu tenho que estar junto para tentar. Então era esse, essa visão...

(O diretor é o primeiro responsável pela escola) Isso, e se nós não... Se não tivesse a questão financeira, se a gente não tivesse uma visão muito... de como está sendo aplicado, o que está sendo feito, quais os relatórios que tem que ser, né? Apresentados ali, a gente pode ter um problema muito maior. Eu não tinha como, né? Na verdade, eu não tinha, nesses anos todos lá... Eu não tinha uma Equipe completa, trabalhando comigo. Então, de alguma forma, havia uma sobrecarga. Eu não ia conseguir acompanhar isso. Então nós conversamos. O nosso Estatuto lá, você vai ver que não existe o tesoureiro, nesse primeiro. Mas, sempre nós conversamos. Assim que vocês acharem... que a maioria achando... a gente vai conversar. Nós vamos ver um jeito de trabalhar isso. Eu não tenho conhecimento se houve mudança lá. Mas quando o Grêmio foi a política pública... foi instituída, isso foi questionado. Porque o estatuto dos outros Grêmios consta o tesoureiro sim. Independente porque é o correto, né? Mas como esse modelo de estatuto veio da União Estudantil, que são alunos do Ensino Médio, alguns maiores de idades. Então, eles poderiam abrir uma conta bancária. Eles já são responsáveis, já tem uma responsabilização. No caso do menor, não existe, né? E os pais, também não podiam... por isso para os pais. Porque não iam conseguir também acompanhar nessa. Em tudo que eles estavam fazendo ali. Então, nós tentamos fazer de uma outra forma.

Eles trabalharam junto com a Associação de Pais e Mestres e, por exemplo, na Festa Junina eles tinham lá uma barraca. Um espaço que eles podiam fazer. Amavam fazer um baile. Um baile numa sala e tinha, e recebiam os recursos. Eles precisavam apresentar o relatório do que eles arrecadaram e depois a destinação do que seria, como seria destinado esse recurso. Então, a gente tentava trabalhar de outras formas, ainda que não fosse o ideal, ideal. Tanto que é... que isso foi questionado mesmo. Por nós termos feito essa mudança aí no Estatuto. Mas eles aprovaram o Estatuto, ainda que a gente tenha de uma certa forma incentivado que fosse dessa forma. Eles concordaram e a gente continuou trabalhando.

O incentivo às atividades do Grêmio... a gente envolveu no Projeto Político. Então, a gente conseguiu, por exemplo... Nós tínhamos alguns casos de violência, em algumas situações. Violência é uma palavra pesada, mas...algumas situações... É! Entre alguns alunos, tinham uns casos de gravidez precoce, alto índice de alcoolismo entre os pais. E esse levantamento, a gente conseguiu envolvê-los por conta, a partir, por exemplo, dessa questão da gravidez precoce. Então, eles começaram a sugerir. Eles assim, na fala muito deles: _ “Será que não tem um psicólogo aí, para falar com a gente?”

(Modo como foi feito o levantamento destes dados) Eles, é... Foi interno na escola. Não chegaram a ir para comunidade, não. Eles apresentaram um questionário que era... participava quem quisesse, e era anônimo. Então, eles colocaram uma caixa, na hora do recreio e quem quisesse poderia colocar lá. Eram perguntas simples. Não era direcionado: _ “Você tem problema com álcool?” Não era assim: _ “Você já bebeu?” É... _ “Qual o problema maior que você tem na sua casa?” Então, questões simples, né?

E aí, eles chegaram nessa conclusão que existia já adolescentes se envolvendo com álcool, com o uso da bebida alcoólica e essa questão da gravidez. Então eles iam propondo essas atividades, além de outras culturais. O sonho deles era levar uma sala de cinema para lá, sabe? E algumas coisas não são possíveis porque a gente depende de uma política muito maior de recursos, enfim...

(Sobre o isolamento da área continental de Santos) Sim, sim...Sim, bem. É Santos, mas... É, mas aí, por exemplo, a gente, como a gente, como era inserido muito junto nesse Projeto Político. Nós conseguimos tirar eles de lá, né? Então, nós não temos um cinema, mas nós vamos ao cinema. Aí vamos tentar conseguir o recurso para ter esse ônibus. Para a gente ver como a gente pode fazer uma parceria de conseguir a entrada do cinema ou a São Paulo, ver o museu. Então, eles foram, foram ao Museu de Arte Moderna em São Paulo, no Ibirapuera, visitaram outros locais assim de cultura. Aqui em Santos também foram ao cinema, as vezes em Bertioga, algum projeto cultural ali, então. Então, eles não ficaram ali. E essas atividades eram propostas por eles. A maioria, a grande parte delas. É, e aí esse acompanhamento dos estudantes é fundamental, como a gente falou. Pela faixa etária deles, né? Eu acredito que até o Ensino Médio é necessário que o professor esteja junto, né? Porque é... Eles estão sendo formados, é um cuidado mesmo. É Diretriz Curricular Nacional. A gente está junto educando e cuidando desses jovens.

Essas questões relacionadas à cidadania, comunicação, cultura, educação, esporte, eventos, eles... como nós falamos mais ou menos, acredito que seja isso que você queira saber. Havia as diretorias, havia as diretorias, e por exemplo no esporte, eles criaram também um Torneio interno na escola. Aí, a princípio, era só futebol. Aí também junto com o professor de Educação Física: _ “Mas não tem outros esportes que nós possamos trabalhar?”. Aí eles fizeram um torneio de queimada, fizeram um torneio de handebol também, e depois uma parada esportiva, que ocorreu no sábado de manhã. Em que todas as modalidades de esportes possíveis... A gente levou lá para o bairro. Então aí o professor de... tínhamos o Programa Mais Educação, né? E tínhamos um professor de Judô que é forte lá. A gente também começou esse trabalho lá e até conversei com um professor do... quando estava bem no início do trabalho do professor, sem sei... (áudio interrompido).

Trazer para pesquisar, de trazer para entender como as coisas funcionam de verdade. Você pode gerar esse conflito! _ “Eu quero que seja dessa forma, mas tem que ser dessa forma”. Esses conflitos que não levam a nada. A gente não ajuda a escola e também não ajuda na formação. Por isso que talvez né... é... no início não tenha funcionado, né? E também porque aquilo que nós falamos, a política pode existir. A Secretaria de Educação, no início do ano já pergunta: _ “Já fizeram a Assembleia? _Ah, vamos fazer. _Agora já fizemos”. E na prática não ocorrer. Então, às vezes nós chamávamos alguns diretores lá. Chamávamos o Presidente. _ “Olha, nós vamos fazer uma reunião com o Diretor de Educação. _ Quê que está acontecendo, né? _Não está atuando”. Mas porque eles não sabem, não sabem, nessa faixa etária eles... _O quê que nós vamos fazer? Eles falavam assim.

Tinha um Diretor de Saúde que era... ele... olha conseguiu uma parceria com a policlínica do bairro, né? E fez um trabalho lá. Tinha uma enfermeira lá e um enfermeiro que ia quinzenalmente só com os nonos anos fazer um trabalho sobre conscientização dessa questão da gravidez. Mas a princípio, mas... _ “O quê que eu posso fazer?” Eles ficavam assim. Então você vai dando a, vai mostrando: _ “Oh, olha, nós temos uma policlínica... _Olha e tal professora o filho é médico, vamos, né?” Abrindo parcerias da escola para fora. Vendo para fora da escola o que a gente consegue para ajudar no nosso trabalho aqui. Por isso que eu acho que, talvez não tenha ocorrido isso, né? A instituição de uma política sem haver essa articulação. E agora há a articulação, né? Mas, talvez, até como uma lição, né? Uma... aprender o que, instituiu o político, mas precisa ter a articulação dessa política. Eu não sei se eu respondi tudo que você precisava... Espero que você consiga...

(Sobre o encerramento das iniciativas anteriores) Isso te ajuda, né? A já te dar um indício aí... Eu estava ontem conversando com alguns alunos. Também dessa articulação da Política Pública, porque uma coisa é a instituição dela. Falando aí para a professora Ivanise ela vai... porque nessa área de política..., mas na escola, o fato dela ser instituída, não quer dizer que ela vai acontecer. Então essa articulação precisa haver. É como você ter uma política sem um recurso, né? Agora está assim sendo empregado o recurso: _ “Professor da escola... é um...ele está lá”. Ele conhece os alunos. Ele vai acompanhar e isso também precisa ser acompanhado pela Equipe Gestora, né? Para não morrer! Porque a visão tem que ser sempre essa: de um princípio de formação desse aluno, da cidadania, para essa participação deles.

(Sobre documentos guardados) Eu devo ter fotos. Eu posso ver e se você quiser eu disponibilizo, sim. Agora, você sabe que eu fui olhar se eu tinha material... não encontrei comigo. Então, eu procuro. Porque, você vê de 2012. Vou dar uma olhada e devo ter arquivado em uma pasta no computador, vou dar uma olhada. Mas na escola tem, se você quiser entrar em contato lá com a escola...Você pode ligar lá e eles tem lá no primeiro Estatuto: o nome das chapas. Eu achava bem interessante! Eles são muito criativos os alunos!

E nesse movimento todo... a educação acontecendo. É tudo que a gente já falou. Eles valorizaram muito mais os professores. É por que eles estavam ali aprendendo, por isso foi um impacto no resultado da melhoria do índice, né? Que houve. A escola passou para o primeiro lugar. Do mais baixo para o melhor e permaneceu, até a última avaliação. Ela continuava e isso é muito gratificante, né?

É o motivo pelo qual eu estava lá. É isso, é fazer com que o aluno, é o aluno que é o nosso objetivo principal, mas todos juntos é que fazemos acontecer, né? Eu não gosto muito de dizer ele é o protagonista, ele é o primeiro, é o principal. Ele é importante, é a centralidade do nosso trabalho, mas não é só o aluno, o professor diz: _ah, o aluno não quer aprender. Mas, eu preciso estar junto disso, né? E o aluno, a gente vai diagnosticando como nós falamos. Por que isso? Por que eles tinham essa atitude? Ah, nós identificamos que não sabiam ler. Não era de graça. É isso, né.

Obrigada você, Solange, pela oportunidade. Muito obrigada mesmo. Às vezes eu vou falando e saio do assunto. Só espero que você... (Sobre trabalhar com lembranças) É informal, né? É uma coisa bem, né? Mas o papel da Política Pública, por iniciativa da XXXXX foi muito importante. Eu acho!

(Sobre a Gestão Democrática e a continuidade dos Conselhos de Escola e das APMs e do esmorecimento dos Grêmios) Continuaram, então... Por que acabou? Por quê?

Parabéns também pela sua iniciativa de fazer esse trabalho. Aí que você vai mostrar que é importante o trabalho dos profissionais da educação, nós... De estar contribuindo. Não é nem ajudando, porque a gente ajuda a gente mesmo. Nosso trabalho se torna muito melhor quando você envolve o aluno. É ele que está ali, né?

É, e bem interessante. Eles fazem como se... coletivo deles. Para valorizar, todos os Grêmios de todas as escolas, por exemplo... vão lá no Guarani. O prefeito sempre... Para estar lá também. Para mostrar que é... Então eu acho que foi algo assim, muito importante. Sem palavras. Aí a articulação que vai fazer essa política dar frutos para sempre. Como você falou: a APM e o Conselho continuam. O Grêmio também tem que continuar, né? Mas sozinhos, é muito difícil, eles não conseguem. Não é porque, denegrindo a imagem deles, dizendo _ “Ah, eles não são capazes”. É... eles ainda não dominam isso. Por isso eles não conseguem, ainda. E aí o nosso trabalho é esse aí, tá? Com atenção neles. Mas tudo começou com esse projeto da inspetora. Ela está lá até hoje...

O (nome do aluno), ele foi o presidente, foi o primeiro Presidente, na primeira gestão. Foi dele. Depois os outros que vieram também fizeram um trabalho muito bom. Facilita muito o trabalho da gestão porque eu tenho muito contato com o Presidente do Grêmio, e ele

vinha também para as reuniões do Conselho de Escola e também para as reuniões da APM. Então, houve assim... uma mudança da postura deles, né? E outras situações, o (nome do aluno) tinha muitos problemas familiares. Então aproxima mais da gente. A gente consegue tentar ajudar mais... perceber assim alguma coisa estranha. Ele começou, às vezes com um comportamento... eu já... não está gravando mais, né? Tá, então é isso.

Acho que você poderia tentar conversar com ele ou com a XXXXX que é a inspetora de alunos lá. Por conta, de você ter mais informação, se você achar necessário, ou a documentação mesmo do Estatuto. E tudo que a gente falou aqui. Mas obrigada mais uma vez, Solange. Foi um prazer, dá um abraço na professora Ivanise, também.

ENTREVISTA REALIZADA COM T.S.

- ❖ O critério utilizado para a escolha deste sujeito de pesquisa foi o fato deste ter desenvolvido o processo de implantação do projeto na rede Municipal de Santos, coordenando-o.

Início da fala de T.S. – Bom, legado de gestões anteriores... Em 2014, quando eu comecei a trabalhar na SEDUC, que eu comecei a visitar as escolas, é... só havia 01 Grêmio em 16 escolas de sexto ao nono ano. A diretora na época, hoje ela está na XXXXX, ela era diretora de uma das escolas na época. Diretora da escola (nome da escola), na (localização da escola). Era a única escola que tinha. E eu, numa conversa com ela, ela me falou que era super a favor da Gestão Democrática e que ela foi uma das incentivadoras da abertura deste Grêmio, que estava indo para o 3º ano. Só que, devido à demanda de serviço, e o Grêmio não é atribuição direta da diretora, apesar de ela ter que articular, ela não conseguia dar conta das necessidades dos alunos.

Então o que que ela me falou? Ela falou bem assim: _ “Eu sei que o Grêmio podia ser melhor do que está sendo, só que, eu não consigo dar conta de ajudar os meninos tanto quanto eles necessitam” ... Até porque na época ela estava com a Equipe deficitária. Ela estava sem orientadora, estava sem coordenadora...

A gente estava em um processo de troca de diretores nas escolas e a atribuição destes cargos, e por ser (localização da escola) às vezes tem uma dificuldade um pouco maior de alguém ir. Normalmente vai alguém que mora em (localidades), que não paga XXXXX, não paga XXXXX.

E aquele ano foi um ano bem conturbado, porque em fevereiro, março... diretoras que estavam numa escola migraram para outra, assim com todos os cargos da Equipe Gestora. Isto atrapalhou um pouco o andamento, mas... A gente conseguiu fazer a conclusão!

É... o que que eu acredito. Isto não é só a prefeitura de Santos, mas geral, do Brasil. Os grandes líderes do passado que precisaram montar estes Grêmios não... Acabaram não se preocupando em deixar sucessores. Eles se formaram e a molecada que veio depois, não tinham o mesmo empenho, o mesmo engajamento que eles tiveram. Por conta disto, você via, que nem, eu vi... Eu percebi, dois movimentos anteriores: um em 2005 e outro em 2011. Não englobaram a rede Municipal inteira. Englobaram algumas escolas onde eles conseguiram abertura. Isto que eu estou te falando não é coisa que me contaram. É coisa que vi nas escolas, que nem...

Eu encontrei um livro ata antigo numa escola, numa escola. Encontrei um livro ata antigo na outra. Teve uma pessoa, o XXXXX, que ele cuidava. Hoje ele cuida dos XXXXX

de Escola (inaudível 3:46). Isto, o XXXXX, ele incentiva os Conselhos de Escola. Ele chegou a tentar fazer este movimento... Ele chegou a ajudar alguns Grêmios a abrirem, só que com o passar do tempo, os Grêmios foram se desmantelando. Você vê pelo livro ata que simplesmente desmantelou. Não tinha, não tinha assim, uma continuidade...

O que que eu percebi? Pelo menos é o que o livro ata estava me mostrando... o que que eu percebi, que ia alguém, fazia uma conversa com os alunos, abriam, fundavam o Grêmio, faziam a inscrição, faziam a eleição, faziam uma 1ª reunião e agora é com vocês! E aí, não havia mais uma continuidade. Porque os alunos, são alunos de sexto ao nono, imaturos. Hoje em dia a gente sabe que a molecada está super perdida mesmo. Às vezes em casa ouve uma coisa, na escola ouve outra: _ “E agora o que que eu vou seguir? _Qual o melhor caminho? _Qual é o certo para mim? _Quem sou eu no meio disto tudo?” E, por conta disto, o que que a XXXXX falou comigo, que ela precisava de uma pessoa, que se dedicasse exclusivamente ao trabalho de orientar aos alunos.

Esta ideia então...não foi minha, foi da XXXXX. A XXXXX em outubro de 2013, ela visitou a escola (nome da escola), mais uma vez. Ela veio visitando ao longo do ano, e em 2013 neste mês de outubro, ela foi num horário de reunião de professores. Ela esperou a reunião acabar para conversar comigo. Daí ela veio me propor que no ano seguinte, em 2014, eu deixasse a sala de aula e fosse trabalhar na SEDUC, para poder fazer a abertura e o acompanhamento do trabalho destes Grêmios.

E aí em 2014, a primeira coisa que eu fiz: um levantamento. Fui em todas as escolas, conversei com todas as Diretoras, ou Orientadoras, ou Assistentes de Direção, ou Coordenadora, quem pudesse me receber. Normalmente era a pessoa mais antiga na casa, que me recebia. Então em cada escola era um membro diferente da Equipe. Teve uma escola até, que a Vice Diretora resolveu conversar comigo na frente do bibliotecário porque ele viu toda esta época de Grêmio anterior e pode prover algumas informações. Ela veio depois. Então ela sabia pelos relatos dele, e por conta disso, eu percebi que muita gente inclusive não sabia da existência. Quando começaram a mexer nos documentos da escola é que perceberam que já existia um livro ata anterior.

Então foi assim, ao longo de 2014 é que foram surgindo estes livros atas. Depois que a gente já tinha iniciado um trabalho novo. (Sobre as atas antigas que foram encontradas): (nome da escola), (nome da escola), (nome da escola). Não foi uma escola só, tá? Estas três escolas eu tenho certeza. Se tiver mais alguma eu falo pelo meio do caminho, mas que eu me lembre são estas. E aí, este levantamento serviu para a gente fazer uma justificativa, que explique por que é necessário um projeto de articulação dos Grêmios.

Aí a XXXXX me deixou bem à vontade, para montar o projeto da maneira que eu bem entendesse, afinal de contas ela tinha na mente dela de que, quem ia tomar a frente disso era eu. Ela iria me dar o respaldo né?

E nisto eu agradeço muito a ela. Eu fiquei muito à vontade, para poder fazer o trabalho. Todas as... todas... todas... 100% das propostas que eu coloquei ela disse sim. Uma proposta que eu fiquei até receoso, e aí já estou entrando no segundo item aqui, né?

O processo de ideação e organização. Ela me pediu um Plano de Ação, baseado nesta justificativa para reverter este quadro. Porque tinha um Grêmio fraco na rede toda. Na verdade, deveria haver 16. Aí eu montei o Plano de Ação. Apresentei para ela, e uma coisa assim, que eu falei para ela: _ “Olha se você me disser que não dá, eu vou insistir para você ver se é possível. Porque é o que eu mais quero, é isto, é mostrar para eles o quanto eles são numerosos e como eles podem ser fortes. Então eu quero uma cerimônia de posse, única para os dezesseis Grêmios, reunidos em um teatro da cidade, com a presença do prefeito no palco, para entregar o termo de posse para o presidente e para o vice, em nome de todo o Grêmio... porque não dá para subir todo mundo no palco. Então sobe o Presidente e o Vice, para receber o certificado, o termo de posse.”

Ela abriu um sorriso de orelha a orelha e falou assim, XXXXX não quero que você se preocupe com esta cerimônia. Quem vai cuidar dela sou eu. O prefeito vai estar! Eu vou conversar com o gabinete dele, e a gente vai articular. O teatro vai ser da prefeitura, a gente não tem gasto com teatro. Transporte eu vou ver com a Secretária [de Educação]. Deixa a cerimônia de posse por minha conta que eu resolvo para você. Vai cuidar de convencer os alunos a abrirem o Grêmio.

Aí eu fui de escola em escola. As Equipes Gestoras foram mudando ao longo do caminho, então o que aconteceu, eu comecei a ter que ir às vezes, duas vezes na mesma escola. Na primeira vez que eu ia era uma Diretora, e a segunda vez que eu fui já era outra e eu tive que explicar tudo de novo. Às vezes eu já tinha até conversado com os alunos, mas mudou a direção. Aí o que que a XXXXX falou para mim: _ “XXXXX, vai fazendo. Onde você for conseguindo. Onde você não conseguir, dá um tempo e continua”. Aí eu comecei a visitar as escolas logo na segunda semana de aula. Em uma semana... uma semana... uma semana e meia eu visitei todas. Minha conversa era por volta de meia hora, uma hora em cada escola. Aí depois eu retornei na escola para conversar com os alunos. Aí a gente fez a eleição de representante de turma, e cada representante trouxe o nome dos alunos que se... que queriam fazer parte do Grêmio, e aí... eu vou pular para o item quatro aqui.

(Sobre as inovações) Estas inovações...o que que aconteceu? Bom, o Estatuto do Grêmio, deixa eu falar do três vai... O Estatuto do Grêmio, ele foi um estatuto que eu peguei no site da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, a UBES, e adaptei da maneira que eu particularmente julgava que seria conveniente, tendo em vista o perfil dos alunos, a idade, a pouca idade. Não tinha Ensino Médio, então eles não conseguiram ter uma organização tão madura quanto a de um estudante secundarista do Ensino Médio, por exemplo.

A eleição por chapas, que é a tradição, eu pesquisei, pesquisei, pesquisei, pesquisei, pesquisei... Não tem em lugar nenhuma legislação dizendo que é obrigatório fazer chapa para a eleição. É uma tradição e não uma obrigatoriedade. Em algumas cartilhas de ajuda, de como abrir o Grêmio, fala da chapa, mas a cartilha é uma orientação, não é uma regra. (Sobre a origem da cartilha utilizada) Da própria União Brasileira dos Estudantes, de alguns sites, por exemplo. O governo Estadual do Paraná, ele tem um incentivo grande. Tem também o Governo do Estado de São Paulo. Tem algum material no site do Governo do Estado de São Paulo. E assim, os materiais falavam da chapa, mas se você for olhar legalmente, não existe!

Só que a lei 7398, que é a Lei Federal do Grêmio, ela fala que todo procedimento eleitoral, estará descrito no Estatuto. Então o que que a gente fez? Colocou no Regimento Eleitoral, dentro do Estatuto do Grêmio, que a eleição funcionaria da seguinte forma: o aluno se matricula individualmente, se matricula não, desculpa, se inscreve individualmente, e faz sua propaganda sozinho. Como numa eleição para prefeito, ou melhor dizendo para vereador. O vereador não carrega ninguém junto. Os doze mais votados no dia da eleição, vão fazer uma reunião única, comigo, na qual eu explico cada cargo, o que que é cada cargo. Por ordem de votação eles vão escolhendo o cargo deles e assim está montado a chapa. Teve inclusive uma vice-diretora que falou para mim: _ “Gostei desta forma por que aqui no resultado, apareceu um pouco de cada sala”. E isto é interessante! Não dá hegemonia para uma sala só! Porque às vezes você vai montar a chapa, você pega o que? Todo mundo do 8º B vai para uma chapa. Aquela chapa ganha, e de repente só as prioridades do 8º B são contempladas, e isto não é interessante. Aí deu certo. Conversei com os alunos. Todos os alunos concordaram com esta forma. Porque antes da gente fazer, a gente fez desta forma, a gente conversou. Fui de escola em escola, conversei com os alunos todos, expliquei o procedimento, falei vocês concordam? _ “Sim”. Aí nós fizemos um documento de Assembleia Geral e eu passei este documento, ou pedi para os representantes passarem, de sala em sala. Os alunos assinaram concordando, com toda esta situação. Então, o Estatuto que eu criei, não foi uma imposição, foi uma proposta minha que, eu passei de escola em escola, conversei, expliquei, me

justifiquei com relação às situações, e todas as escolas concordaram com isto. As Equipes Gestoras concordaram, os alunos concordaram. E se a Equipe Gestora não concordasse, mas os alunos concordassem, estava garantido o direito deles. Porque se o diretor não concorda, infelizmente ele não tem esta autoridade, ou felizmente né. Ele não tem esta autoridade. Ele vai ter que lidar com esta situação! Mas graças a Deus, todos eles foram bem coniventes com as propostas que eu havia trazido.

Para alguns pareceu uma coisa um pouco imposta pela SEDUC, mas na verdade é... eles tinham que abrir, eles tinham que abrir, porque a escola é subsidiada à SEDUC. Claro que eu não cheguei invadindo a escola, eu cheguei na Equipe Gestora e conversei, expliquei a situação. Eu falei: _ “Estou vindo em nome da SEDUC, para conversar com os alunos sobre a abertura do Grêmio”. Como a escola é subsidiada à SEDUC, se eles não gostassem, ainda assim, teriam que permitir, mas ainda bem que não foi o caso. Em escola nenhuma!

Aí a inovação no caso foi esta forma de eleição, É... a escola onde eu trabalho na prefeitura de (nome da cidade), que tentou abrir o Grêmio, também não estava fazendo por chapa. Então foi aí que me deu um estalo de procurar algum dispositivo legal. E não encontrei, o que me deixou muito feliz, por conta...

(Sobre a existência de Grêmios na cidade vizinha) Não sei, na escola que eu estou tentando... na escola que eu trabalho, a gente tentou, mas não conseguiu. E eu descobri o porquê, pelo menos é uma constatação minha né? Que está partindo da Equipe Gestora e dos professores e não está partindo dos alunos. E o movimento tem que partir deles, nós não podemos decidir por eles. É por isto que não dá certo. Eles ficam esperando a gente e aí não dá certo.

Bom aí, no dia 28 de março de 2014, a gente fez as duas primeiras eleições. A escola (nome da escola) de manhã, e a escola (nome da escola), a mesma que já tinha Grêmio, à tarde, com a revalidação para o ano seguinte da eleição. Por que que eu escolhi este dia? Por que de acordo com uma lei, que agora eu não me lembro o número, eu posso te passar depois, ela... não sei se é 12.192, ela... é alguma coisa por aí, dia 28 de março é o Dia Estadual do Grêmio Livre Estudantil. Então achei que simbolicamente ia ser interessante que a primeira eleição fosse neste dia.

E justamente quem saiu na frente foi a (localização da escola), que muita gente não conhece. Muita gente não sabe que Santos tem. E justamente as duas escolas lá saíram como notícia no Diário Oficial. Se você for olhar... for olhar o Diário Oficial do dia... é...eu não lembro agora se foi o dia 29 de março ou se foi 31, por conta de final de semana... Que eu lembro... que era uma sexta feira.

Aí fizemos tudo, deu certo. Aí eu comecei a fazer nas outras escolas que foi possível. Aí conforme foi mudando as gestões, eu fui vendo que as gestões se assentaram. Eu comecei ir nas escolas que eu não tinha conseguido ir ainda. Dia 13 de maio foi a última eleição. Então a 1ª foi dia 28 de março e a última 13 de maio. Foi praticamente um trabalho feito em um mês e alguma coisinha. Para realizar as 16 eleições!

No dia 19 de agosto nós fizemos esta cerimônia de posse, que eu falei para você. Que a XXXXX falou que ia tomar conta para mim. O prefeito foi! A Secretária de Educação foi! Um Vereador também foi! Ficamos os quatro no palco, eu e estes três, mas a XXXXX que ficou de Mestre de Cerimônia. E foi um dia muito gostoso! Foi uma situação assim... deu para ver a empolgação deles, sabe. Foi realizador! Foi realizador ver que aquilo que eu pus no papel e apresentei, virou realidade! E que eu não estava sozinho! Eu não movi um dedo para acontecer esta cerimônia. Eu só mandei as cartas para as escolas, para que os responsáveis autorizassem os alunos a pegarem os ônibus que foram providenciados pelo gabinete, da Secretaria de Educação. Porque neste momento a XXXXX estava de (cargo), e aí ela realizou a providência dos ônibus para nós.

E aí o incentivo à atividade que é o item 5. Ele... pela atual gestão... Eu acredito que seja a continuidade do que a gente fez na gestão passada, tá? Que na verdade o que acontecia... Eu continuei indo de escola em escola. Às vezes duas vezes por mês, dependendo da necessidade dos alunos. Eles indo muito devagar. Algumas escolas acabaram não fazendo nada até o final do ano, mas pelo menos eles não desistiram. Ficaram ali, me escutavam. A gente trocava uma ideia, né? A gente sabe que uma árvore não cresce da noite para o dia. Aí no ano seguinte, a gente já começou o trabalho um pouco mais cedo. As eleições começaram no final de fevereiro, e não no final de março. E no dia 28 de março, de acordo com o Estatuto ficou... dado como o dia da troca de gestão, por ser simbolicamente o Dia Estadual do Grêmio. O mandato vai do dia 28 de março de um ano, até o dia 27 de março do outro. Mas é importante dizer, que esta grande eleição é para o corpo de dirigentes.

Os Representantes de Turma também são Grêmio. Às vezes tem escola que não... Fala assim com os representantes: _ “Não, vocês não são Grêmio! Grêmio são eles!” Ainda existe um pouco desta resistência na cabeça das pessoas. Grêmio são todos os alunos. Para começar, você é aluno do sexto ao nono? Então você faz parte da Assembleia Geral, automaticamente. Daí a Assembleia Geral é que elege o Corpo Dirigente e que elege o Conselho Representante de turma.

Como é que é feita a eleição dos representantes? Dentro da sala os alunos se prontificam a assumir o cargo. Aí acontece uma eleição, e o primeiro colocado é o representante e o segundo colocado é o vice. Houve escolas que começaram querer obrigar a ser um menino e uma menina. Só que o artigo 5º fala que homens e mulher são iguais perante a lei. Constituição Federal! Então não se pode obrigar a ser um menino e uma menina. O que se deve obrigar é o seguinte: se forem dois meninos e as meninas tiverem uma necessidade, eles vão ter que contemplar as necessidades delas enquanto representantes. E aí os representantes, eles davam uma força no dia da eleição.

Depois a gente conseguiu instituir a comissão eleitoral, formada de alunos que não se candidataram, para poder fazer um trabalho mais transparente. O voto foi eletrônico, a partir de um software no notebook. Aí a gente fazia a fila, eles assinavam, iam votar aí depois saíam e voltavam para sala. A gente acabou utilizando o modelo fordista para eleição, linha de produção. Então, faz fila, passa por um corredorzinho, vai para urna, passa por um corredorzinho, vai embora. O modelo linha de produção fez com que eleições que levaram duas manhãs na outra gestão passassem a ser realizadas em duas horas, porque assim, o aluno já sabia em que número ele ia votar. Porque já tinha sido feita a divulgação. Já tinha sido feita a fixação nos murais da escola da numeração dos alunos. Então eles já sabiam qual era o número do aluno. Cada aluno tinha seu próprio número, só que por uma questão de organização, o aluno não podia escolher seu próprio número. Eu pensei no seguinte: eles têm o número de chamada e eles são de um ano específico. Então, por exemplo, se o aluno é do 8º C, o número dele começa com 83 porque C é a terceira letra do alfabeto, e os dois últimos dígitos são o número de chamada dele. Então se ele é o número 5 do 8C, o número dele é 8305. Então o aluno neste momento não tinha poder de escolha com relação ao número. Mas eles acharam a ideia super legal porque facilitava na cabeça de todo mundo, inclusive na deles mesmo, de decorarem o próprio número! (Sobre o primeiro modelo de eleição) Também foi no computador. Mas não foi desta forma usando o modelo fordista. Até porque eu também não tinha esta experiência ainda.

Aí eu tive que estudar muito para poder entender o Grêmio. Porque como é que eu ia ter propriedade para falar, se o conhecimento não estivesse dentro de mim? Eles iam perguntar alguma coisa e eu ficar perdido. Então, eu acabei nestas férias de janeiro de 2014, procurando bastante informação na internet. Lendo o site da UBES. Lendo o site do Governo do Estado do Paraná, São Paulo. Algumas coisas que apareciam. Legislação que é o mais

importante, porque sem lei a gente não consegue justificar nada. A gente tem que estar embasado em alguma coisa.

E aí a XXXXX pediu para mim, que eu fizesse um Decreto Municipal. Que eu redigisse um Decreto Municipal, para que a gente abrisse uma Comissão de Apoio aos Grêmios na SEDUC. E que isto fosse obrigatório da SEDUC instituir. Aí eu redigi o decreto, mandei para ela por *e-mail* em dezembro de 2014, e ela deu encaminhamento à Procuradoria Geral do Município, para que eles fizessem a revisão, para encaminhar ao prefeito. Aí no ano seguinte, foi aquele ano que teve aquele fogo na Alemoa [bairro de Santos]. Nós tivemos que empurrar mais para frente a cerimônia de posse, por conta da agenda do prefeito. Ele cancelou tudo. Foi bem naquela época, aí no dia 06 de maio, não! É no dia 05 de maio! Dia 05 de maio de 2015, acabou sendo a cerimônia de posse. O prefeito assinou o decreto na frente de todos os alunos. Ele assinou lá no palco mesmo. Levaram uma mesa para ele com o decreto e ele foi lá. Assinou lá na frente de todo mundo. Duas semanas depois a Secretária de Educação emitiu uma portaria, nomeando os membros da comissão. E essa comissão ela diz qual é a função do... este decreto diz qual é a função da comissão. E dentro da comissão tem um professor que assume o cargo de XXXXX que fui eu, até o final de 2016.

E o Articulador ele tem a função de trabalhar diretamente com os alunos, e também, possivelmente, com Grêmios que não são da rede Municipal, se possível. Então se uma escola Estadual, por exemplo... que aconteceu mais não se concretizou... O Presidente de um Grêmio de uma escola Estadual, conversou com a Diretora dele e a Diretora se interessou pela minha ida lá, para conversar com ela, para explicar alguns detalhes, algumas informações como funcionava, e...eu conversei com a Secretária de Educação na época. E a Secretária me falou que era só a escola mandar um ofício, encaminhando a ela, solicitando a minha presença, que ela automaticamente autorizaria. E eu poderia agendar com a escola sem problema nenhum, afinal de contas estamos todos no mesmo barco. Apesar de ser em esferas diferentes, tudo a mesma cidade e tudo na mesma situação que é o Grêmio.

(Sobre o emprego de recursos públicos) Este emprego de recursos públicos. Eu vou te falar. Os recursos, eles foram empregados assim de maneira bem, baixa. O que que aconteceu? A gente tinha mais o emprego com relação à utilização dos ônibus, para poder levar os alunos ao teatro, porque mensalmente a gente fazia uma formação com eles, com algum tema, que tivesse no momento, ali. Então a gente falou sobre: Justiça Restaurativa, sobre *Bullying*, *Cyberbullying*, sobre câncer de pele, falamos sobre o uso consciente do dinheiro. Falamos sobre diversos e diversos temas nestes três anos. Então o emprego de recursos foi mais para este lado, das formações, de viabilizar as formações.

E no ano de 2015, a gente colocou os Grêmios Estudantis como um pelotão formado no Desfile Cívico de 07 de setembro. Então o Grêmio hoje tem seu próprio pelotão. (Sobre a montagem do pelotão) Isto, um pelotão único! Então todos os Grêmios mandam representantes para formarem o pelotão do Grêmio que vai à frente das escolas. Então todas as escolas vão atrás e os Grêmios vão na frente. Porque quando acaba o desfile dos Grêmios, pelo menos ano passado era assim, eu ficava com eles... esperando quando a escola chegasse. Os alunos iam se juntando aos alunos da escola para voltar no mesmo ônibus. O que não onerou a prefeitura, né? Porque eles iam no mesmo ônibus e voltavam no mesmo ônibus que já estava previsto em orçamento. (Sobre os dois desfiles de 7 de setembro que ocorrem em Santos) Nos dois desfiles, sim. Nos dois desfiles. No desfile da Zona Noroeste, as escolas da Zona Noroeste faziam o pelotão que era o segundo não o primeiro, porque o primeiro era sempre a banda da Escola Especial Carmelita. Então eles iam logo atrás. Como o Grêmio não tem a sua própria banda, eles desfilavam ao som da banda do Carmelita. O Carmelita, ele obrigatoriamente abre o desfile e no sete de setembro as escolas da Zona Leste desfilavam. E se o aluno da Zona Noroeste quer desfilar na Zona Leste ou ao contrário, ele pode. Só que ele tem que ir por conta própria, com o responsável. E aí aconteceram alguns casos, de aluno

da Zona Leste, que nem, teve uma menina da (nome da escola) que foi no desfile da Zona Noroeste e desfilou. E teve uma menina do (nome da escola) que desfilou na Zona Leste. Chegou lá com os pais. Os pais entregaram ela diretamente para mim, e depois na saída eles esperaram. Este acompanhamento dos estudantes, com o passar do tempo, a gente começou a repassar para os professores da rede. Para me deixar mais como cargo central. Um cargo mais centralizador das informações, como a orientação aos professores. Eles eram colaboradores do meu trabalho na verdade.

Como o Grêmio está registrado na SEDUC como projeto, então os professores podem aderir ao projeto, e ganhar um extra no seu salário, que é contabilizado como hora-projeto, não como hora extra. E... e aí eu comecei a mandar orientações semanais aos alunos... aos professores, que trabalhariam estas orientações com os alunos. Porque a proporção que o Grêmio começou a tomar... foi muito grande. A aceitação dos alunos foi muito grande.

A partir de 2014 a gente começou com um projeto realmente inovador que...eu não sei, até onde que foi bom eu ter falado, mas assim, eu sugeri que a gente abrisse Grêmio Mirim do primeiro ao quinto ano. E aí a gente começou. A gente fez a tentativa numa escola. A diretora falou que só o fato de o Grêmio existir já reduziu bastante a indisciplina dos alunos. (Sobre a escola onde iniciaram os Grêmios Mirins) na escola (nome da escola), lá no (localização da escola). A diretora falou que só de ter Grêmio, eles já diminuíram a indisciplina... até porque o Grêmio poderia fazer coisa legal para eles. Eles poderiam... eles estavam tendo mais voz. Não que ela fosse uma ditadora, mas, o concreto... é criança. O fato de você ver no concreto que você é alguém, que você é uma autoridade na escola, ou que você é representado, de maneira, autoritária vamos dizer assim, por um dos seus pares. Porque era o aluno votando no aluno, acabou tranquilizando um pouco eles com relação à estes embates que aconteciam com o corpo docente.

Aí no ano seguinte, 2016, a gente abriu, três Grêmios Mirins a mais, que foi o (nome da escola), (nome da escola) e o (nome da escola). E os Grêmios Mirins, por incrível que pareça, caminharam extremamente mais, do que os Grêmios maiores. O (nome da escola) chegou a visitar asilo. Eles chegaram à visitar asilo! Foi a coisa mais linda o depoimento daquelas crianças. E eles iam contar histórias para os idosos. Eles iam ouvir as histórias dos idosos. E tinha uma professora que orientava os alunos, em meu nome, em nome do projeto, né? Professora XXXXX. Foi incrível a maneira como ela trabalhou com eles. E por ela ser professora da casa, ela se dedicou apenas a eles, enquanto eu me dedicava à vinte Grêmios, que eram vinte. Então com certeza o trabalho *in loco*, era muito mais proveitoso do que eu continuar sozinho com estes vinte Grêmios.

E aí a gente tem aqui: tratamento de questões relacionadas: à cidadania, comunicação, cultura, educação, esportes e eventos... que são justamente as diretorias. (Sobre o roteiro da entrevista) Foi você que montou? Então você viu que são: Diretor de Ação e Cidadania e... certo. Então, este tratamento destas questões eram justamente estas formações. A cada formação a gente privilegiava um tema diferente em consonância com aquilo que nós encontrávamos no momento. Teve uma vez que o palestrante fui eu mesmo. E, eu falei sobre a legislação que diz respeito ao Grêmio. Então, o que tem na LDB com relação ao Grêmio, o que que tem no Estatuto da Criança e do Adolescente em relação ao Grêmio. No Estatuto é o artigo 53 inciso 4º. Se você quiser olhar depois. LDB eu agora não lembro, mas eu tenho como te passar por *e-mail* depois, se você quiser. Constituição.

Teve uma vez uma intercambista da França chamada Célia Schumann. Era uma menina de dezessete anos. Ela era Embaixadora Mirim da UNESCO, e nós conseguimos um horário com ela na SEDUC. Ela veio conversar conosco. Uma menina extremamente simpática. Falou conosco em português. Ela iria embora dali há um mês e meio, e nós conseguimos colocá-la numa formação. Ela falou com os alunos. Ela falou sobre a preservação do meio ambiente. Foi muito interessante a palestra dela. Eles gostaram muito.

Porque pelo jeitinho, francesinho... dela falar português... Eles não tiraram sarro dela, o que eu achei muito legal. Mas eles acharam interessantíssimo ver aquela menina que não é do Brasil, tentando falar com eles, e se esforçando para se comunicar na nossa língua, para eles entenderem. Eles acharam isto o máximo! E uma coisa que me deixou muito feliz, é que a Coordenadora Pedagógica onde ela estudava, era uma escola particular daqui, chegou em mim na hora que foi embora com a Célia, e falou que ela esperava um público completamente diferente, do que ela viu naquele teatro. Ela falou que ela não esperava um público tão disciplinado assim, tão silencioso, prestando tanta atenção realmente. Que quando eles chegaram, toda vez que eles chegavam no teatro, tinha um cafezinho para eles, uma bolachinha, um bolinho. A gente chama de lanche seco na prefeitura. E tinha um suco, um café. Eles não atropelavam ninguém para pegar comida! Eles não atropelavam ninguém para pegar o suco! Eles faziam fila realmente para pegar, e assim que pegavam saíam e davam espaço para os outros. E a gente sabe que o preconceito quanto aos alunos de escola pública é muito grande. Esta coordenadora virou para mim e falou: _ “XXXXXX, parabéns! Os meninos que estão aqui são exemplares! Eu jamais esperava de alunos de escola pública este tipo de comportamento.” E com certeza foi uma transformação conseguida através do Grêmio Estudantil, porque no começo eles eram, não digo barulhentos, mas eles eram agitados. Isto significa que, durante as palestras, durante a fala da XXXXX, por exemplo, sempre tinha um cochicho aqui, um cochicho ali. E numa das vezes, eu não lembro se foi...acho que foi na 2ª cerimônia de posse, houve uma pequena falha no som, na multimídia. Esta falha, foi uma falha rápida. Eu não lembro agora se foi o vídeo que não entrou... Eu não lembro agora exatamente o que que foi..., mas a XXXXX pediu um minuto para que eles pudessem resolver o problema. Este minuto que ela pediu, durou mais ou menos uns trinta segundos... e para um radialista no som mesmo, quando você está escutando seu radinho, lá. Para um radialista, 30 segundos sem nada, é demissão por justa causa! Para você ver como causa impacto um silêncio de trinta segundos! Eles ficaram num silêncio tão grande que eu me surpreendi com o que eu estava vendo. Nem eu esperava! E depois quando foi minha vez de falar, eu elogiei. Eu falei: _ “Olha, para a gente ser Gremista a gente tem que ter uma postura diferenciada, para ser exemplo. E vocês mostraram para mim hoje que vocês estão no caminho certo”. Porque, não adianta você querer exigir do aluno que ele faça algo, se ele mantiver a postura que ele tinha antes.

E assim... Eu não vou te dizer que os frutos colhidos são extremamente numerosos... Mas uma fala que a XXXXX teve, em dezembro 2013, no dia em que eu fui conversar com ela, com licença da escola...como eu já tinha terminado os meus afazeres... a escola me dispensou para ir conversar com ela na SEDUC. Porque já estava tudo certo para mim ir lá no ano seguinte. Ela neste dia foi presenteada, pelo departamento inteiro, porque até então ela era chefe do departamento de (identificação do departamento)... E, por coincidência, no dia que eu fui lá, foi o dia que uma das pessoas mais antigas do departamento, entregou em nome do departamento inteiro um presente para ela... que se eu não me engano... foi uma correntinha de ouro. E ela falou uma frase que eu levei até o final do meu trabalho com os Grêmios: _ “Se a gente conseguir fazer o bem para uma criança, desta rede Municipal toda, nosso esforço já valeu à pena!”

E eu comecei a ver, eu comecei a ver este bem. Eu comecei a ver por que, por exemplo, eu vou contar uma historinha aqui agora, tá? O presidente da escola XXXXX... Se ele não está com dezoito anos agora ele está com dezessete... Mas na época ele era um menino. Líder! Super líder! Ele ganhou a eleição, o que deixou a diretora muito preocupada! Porque ele era aquele menino, que poderia liderar para o bem ou para o mal. Para qualquer caminho que ele liderasse, os outros iam. E ele era um menino que faltava um pouco na escola. Por quê? Porque a mãe dele cantava na noite. A mãe dele trabalhava como cantora, e por conta disto ela chegava muito de madrugada. Então, a hora que ele tinha que ir para

escola, ela não acordava ele, por que ela mesmo estava dormindo. Só que assim, eu percebia que o menino tinha esta postura diferenciada. Ele tinha um perfil de gestor. Eu já percebia isso! E ele me escutava bastante. Ele se agarrou em mim de um jeito! Com relação a perguntar dúvidas, que ele me adicionou no *Facebook*. Ele veio procurar saber como ele poderia dar andamento numa determinada vontade. No final das contas a escola naquele ano, a única ação que o Grêmio teve foi um desastre! Mas eu acho que valeu! Como primeira experiência! E essa diretora, é uma pessoa já com uma certa idade, muitos anos de casa, e ela achou que ia ser como era antes. Tanto que quando eu fui conversar com ela. Ela falou para mim assim: _ “Se for mais trabalho para mim eu não quero!” E eu falei: _ “Não vai ser mais trabalho para você, vai ser trabalho para mim. Só estou te pedindo a licença para eu poder entrar aqui para poder fazer este trabalho. Porque a gente já sabe que a demanda de trabalho para vocês é grande, então, a SEDUC não quer colocar mais carga no lombo de vocês. A SEDUC, está me enviando, para realizar este trabalho”.

Aí quando chegou em outubro, eu digo que ganhei um verdadeiro troféu, porque ela chegou para mim e falou assim: _ “Olha, é a 1ª vez que eu vejo um trabalho de Grêmio vindo da SEDUC, durar até o final do ano” E isto me deixou feliz! Uma pessoa que estava pensando em resistir no começo... nunca resistiu! Reclamou comigo algumas vezes. Questionou algumas posturas do menino para eu conversar com ele. Não necessariamente para ele ser tirado do cargo, mas para conversar com ele para ver se mudava.

Apesar de ela ter esta resistência... ela é uma pessoa que só quer o bem da escola. Ela sabe que, apesar da idade dela, uma coisa que me surpreendeu, é que ela é a favor do Grêmio. Ela não é a favor do aluno se sentir no direito de fazer o que quer na escola por ser do Grêmio. Isto ele realmente não pode! E eu neste ponto fui muito firme com ela. A ideia não é fazer a escola o virar “oba, oba” porque o aluno ganhou poder. Aí quando chegou em novembro, ela chega em mim e fala assim: _ “Quero te contar uma coisa que aconteceu com o presidente (eu já respirei fundo)! Mas na verdade eu digo, foi meu 2º troféu, porque este menino era do nono ano, o presidente. Sabe que o nono está agitadíssimo. Pronto para sair! E aí, ela falou para mim assim... que os dois sétimos anos, o A e o B, eles estavam se estranhando muito. Eles estavam começando a querer brigar, só que eles sabiam que se eles brigassem na escola, ia dar problemas para eles. Então eles estavam combinando de se pegar lá fora, depois da aula. O presidente ficou sabendo, entrou nas duas salas. Deu uma bronca nas duas salas e falou assim: _ “No meu Grêmio ninguém vai brigar. Vocês não vão brigar lá fora. Vocês estão escutando? Eu sou o presidente aqui. Eu não vou deixar vocês brigarem!” E eles não brigaram! Um menino assim, até um pouco mais maduro que os demais, por conta da mãe ter esta vida. Ele acabou tendo que aprender um pouco mais cedo do que os outros alunos. Aí depois quando ele saiu do Ensino Fundamental. Ele se formou. Foi embora. Eu fiquei sabendo que no ano seguinte ele estava trabalhando pelo CAMPS. Aí ele seguiu um caminho profissional. A última notícia que eu tive dele é que ele não estava mais trabalhando. Só que os alunos que se formaram, eles criaram um novo grupo para me ajudar. São os Gremistas eméritos.

Isto, no estatuto da UBES já estava escrita a possibilidade de abrir o conselho de ex-presidentes. Mas como a rede Municipal é única, e eu havia conversado na SEDUC que era interessante o Estatuto ser único... porque senão eu ia pirar! O bom é que todas as escolas aceitaram este Estatuto único. O que que aconteceu? Estes meninos eméritos... eles continuaram em contato comigo, e a gente começou a montar o regimento interno dos Gremistas eméritos. Para poder fazer com que eles fossem, os exemplos, as referências dos menores. E como eles estavam no Ensino Médio, era uma maneira de eu ter um pensamento mais maduro dentro dos Grêmios, e que não partisse de mim. Porque o correto é partir deles! Mas se eles não sabem como pensar, então eles precisam de um reforço. Então eu fazia reuniões com eles na época de férias deles. No recesso escolar, dezembro... aquela época que

era mais fácil para eles. E o restante a gente ia se conversando pela internet. Se eles tivessem alguma ideia, alguma proposta, era só me procurar. E foi muito bom eu ter dado esta continuidade com eles porque... eu vou te contar uma coisa que aconteceu ontem.

Eu descobri que uma destas meninas, que hoje estava no grupo dos eméritos, ela sofria agressões físicas em casa. Violência doméstica. E, exatamente no dia de ontem, ela foi na Delegacia da Mulher e no Conselho Tutelar, por conta disto. E se talvez ela não tivesse sido protagonista, na época do... quando ela foi do Grêmio, talvez hoje ela não tivesse criado essa coragem de ir atrás dos direitos dela, mesmo tendo 17 anos. E ela me procurou. Ela falou: _ “Eu preciso de uma orientação”. E aí ela acabou indo. Acabou procurando saber..., mas eu acho que não é interessante o nome dessa menina desta história entrar no seu relato, porque... proteção da menina. Até porque ela é menor de idade. Mas assim, o que eu quero dizer com isto é que eles se seguraram em mim. Eu consegui, ainda bem, chegar neles de um jeito, que não fosse um jeito impositivo, e sim um jeito de... como diz a Mônica Mumme, que foi a nossa, a nossa mediadora no para o... no curso de Justiça Restaurativa que a prefeitura nos ofereceu. Não existe nada mais valioso para você oferecer para uma pessoa do que a sua escuta. Eu os escutava muito!

Às vezes o que eles queriam fazer ia além da nossa capacidade. Por exemplo, eles querem fazer um campeonato entre os Grêmios. Eu queria fazer também, só que por uma questão de recursos, não foi possível, e por uma questão de perna também, porque como eu estava sozinho, assim entre aspas, por que a SEDUC estava sempre por trás. Mas assim quando eu digo sozinho, que não existia uma outra pessoa para dividir os Grêmios comigo, e eu precisava estar sempre à frente. Eu não estou reclamando! Isto deu uma melhorada, uma amenizada com os professores nas escolas, que foi uma coisa consolidada no ano de 2016. Em 2015 algumas escolas conseguiram. Em 2016 a gente conseguiu pôr em todas as escolas.

E aí este potencial formador do Grêmio... que tipo de pessoa se pretende formar? O tipo de pessoa que se pretende formar é o tipo desta menina por exemplo, que me procurou ontem. Uma pessoa que cuida da própria vida, e que vai atrás dos seus direitos. Uma pessoa que não seja passiva perante, é... qualquer decisão de cima para baixo que venha e que você vê que não está de acordo com aquilo que deveria ser. Com justificativa, sempre embasada em alguma coisa.

Quando os alunos vinham falar comigo, toda vez que eles vinham propor alguma coisa para o Grêmio, eles falavam para mim. Eu tinha que dar o ok antes deles fazerem. Não porque eu gostei ou porque eu não gostei, e sim porque aquilo vai ao encontro da lei ou vai de encontro à lei. _ “Olha isso aqui vai de encontro. Você não pode realizar isto porque tem uma lei que diz que você não pode. A lei tal, tal, tal, assim, assim...” Eu mostrava para o aluno. _ “Você não pode fazer assim. Reformula e traz de novo.” Então era apenas para verificar, se existia algum impedimento. Se não existisse o impedimento... Eu podia falar, eu não recomendo. Mas eu não podia falar: _ “Eu não permito!” Porque o meu cargo, a minha função não era permitir ou não.

Até teve uma vez que uma aluna... e eles me procuravam muito para isto. A presidente do (nome da escola), do ano retrasado, 2015. A (nome da aluna) chegou, ligou para mim. Eu estava na rua, fazendo meu serviço das escolas. Tinha acabado de sair de uma escola. Ela me ligou, e falou assim: _ “Eu queria saber se eu posso pegar o dinheiro que o Grêmio tem no caixa, para pagar um marceneiro para consertar uma mesa? Porque a mesa do 7º ano do professor, quebrou, e o professor não consegue trabalhar direito. Ele não consegue usar a mesa. Posso pegar o dinheiro do Grêmio e fazer isto?” E o mais interessante é que este, o posso, que ela falou, não foi o posso de você me permiti. Foi um passo no sentido de: é possível? Eu, é... existe algum impedimento? Eu falei para ela o seguinte: _ “Desde que você recolha a nota fiscal do serviço e guarde na pasta do Grêmio, não tem problema”. Aí ela correu atrás do marceneiro. Eles telefonaram. Ele foi lá consertou, o Grêmio pagou e a mesa

ficou consertada pelo dinheiro do Grêmio... Uma menininha de 13 anos! Uma menininha de 13 anos!

Existiram outras, outros pensamentos que foram assim, muito legais né? O diretor de esportes da escola (nome da escola), ele organizava um interclasse que não tinha para ninguém. Não tinha para ninguém! Eles cobraram taxa de inscrição, por jogador, para poder comprar o troféu. E o troféu... ele funciona que nem a taça da Copa do Mundo. Então, uma sala ganha, o troféu é daquela sala. No ano seguinte aquele troféu vai passar para outra. E não é um troféu por ano. Então, é um troféu que fica na escola. E a equipe vencedora do interclasse tem o troféu dentro da sala de aula até o final do ano. Aí quando o ano recomeça, o troféu volta para a biblioteca. Quando a sala ganha o campeonato, o troféu fica na sala até o final do ano. E o troféu é grande, viu? É um troféuzão. Eu fiquei até sabendo que teve doação de professor e da Equipe Gestora para completar o dinheiro do troféu. Mas um super troféu! Muito grande! Muito legal!

O presidente do (nome da escola) em 2014... ele, quando eu falo o presidente é claro que não sozinho, mas é na gestão dele. O presidente do (nome da escola) organizou uma Festa da Primavera, que saiu até no jornal da... no jornal A Tribuna, físico, impresso. Eles fizeram este evento para arrecadar dinheiro para o Grêmio. Eles venderam alguns bolos e algumas tortas e, também para arrecadar, lenços para doação... para o “Outubro Rosa” ... Que a Festa da Primavera é setembro, outubro, né?

E também no (nome da escola), eles organizaram no 1º ano, em 2014, uma Festa do Folclore. Foi inclusive tema de matéria do Diário Oficial de Santos, o jornal, o D.O.

Então, existem algumas ações. Ainda pontuais. Mais aí vou voltar numa fala que eu ouvi da minha professora de Sociologia da Educação... uma transformação social não acontece da noite para o dia. O que são 100 anos numa mudança? Numa sociedade? Não são nada! Nada!

E eu ouvi! Fui obrigado a ouvir muita reclamação de muita gente: _ “Mas o Grêmio não faz nada! Mas este Grêmio é parado!”. Eu olhava e falava assim: _ “Mas não vai fazer! Sabe por que não vai fazer? Porque eles não têm maturidade! Eles não têm vivência! Eles não têm costume! O hábito ainda não está instituído!” _ “Não, mas você tem que! Você tem que fazer, eles irem fazer!” Sabe, e não é por aí! Não é por aí! Até porque, se eu tomar todas as decisões, eles nunca vão ter, o que a gente quer do Grêmio. A autonomia do aluno. E até o pessoal dava risada quando eu falava. Mas é um argumento válido. Até um pouco engraçado. Infelizmente! E infelizmente ele é real: _ “Ah, mas tinha que ser por chapa!”. Aí eu olho para cara do professor e falo assim: _ “Meu amigo, o seu aluno não sabe nem arrumar o material de um dia para o outro na mochila dele! Quem dirá formar uma chapa! E se a gente for depender de chapa... ele tem que montar, fazer um grupo de doze alunos, para trabalhar e sem ganhar. Ele não vai conseguir. Nós não vamos fazer eleição. Até porque não é todo aluno que quer. E às vezes você não tem doze amigos seus que querem. E se for assim, o grupo vai ficar muito heterogêneo, o que é positivo para a produtividade. Porque cada um vai trazer uma ideia diferente! Cada um tem uma vivência diferente, uma maturidade diferente! Isto fazia com que o trabalho se engrandecesse.

No (nome da escola), depois de um ano, neste primeiro ano de 2014 que eu falei para você... eles tinham o Estatuto próprio deles. Eu não podia chegar lá e falar assim: _ “Olha agora vai ser o Estatuto da Prefeitura”. Eu não tenho essa autoridade! Aí que que aconteceu... Eu ajudei eles a refazerem a eleição e conversei com eles como sendo uma pessoa de fora, um observador. Eu não era parte do Grêmio. Eles me aceitaram como parte do Grêmio na questão de mediação legal. Então, se o aluno apronta, ele vai ser tirado do Grêmio.

Como que isto procede? Tem que passar por mim! Eu tenho que avaliar, de acordo com aquilo que está colocado no Estatuto, com relação ao regime disciplinar. E funciona que nem um jogo de futebol: cartão amarelo, cartão vermelho. E eu era o juiz desta situação. Mas

é claro que antes do aluno ser destituído eu conversava com a Equipe Gestora da escola... eu conversava com o Presidente do Grêmio. Se fosse o presidente o problema, eu conversava com o vice. E outra, eu deliberava, eu assinava, o aluno estava fora! Mas isto foi conversado previamente com os alunos e eles concordaram. Eles assinaram concordando! Então eu podia fazer! Só que se os alunos achassem que eu estava errado e eles montassem uma Assembleia Geral para derrubar a minha decisão, eles seriam soberanos! Então ninguém pode dizer que eu estava sendo uma interferência estatal no funcionamento do Grêmio. Eles tinham total liberdade de derrubar qualquer coisa que eu falasse ou que eu fizesse. Então o que eu fazia não era uma imposição, era uma deliberação.

(Sobre a troca de Estatuto no Grêmio modelo). Então, eu não substituí! É, então. É isto que eu vou te contar agora. Eu não substituí, neste primeiro ano. Eu achei injusto e incoerente eu chegar lá, numa diretora que hoje ela está na XXXXX... ou seja é uma diretora de carreira na rede Municipal. Uma diretora! Uma profissional hiper competente. Uma profissional elogiadíssima em todas as escolas onde ela trabalhou, até onde eu sei. E, todo mundo diz que ela subiu para XXXXX merecidamente. Então, o que que acontece? Eu não achava que ia ser bonito da minha parte. Eu, um moleque perto dela... que chegasse nela e falasse assim: _ “Vamos mudar!” Claro que ela era aberta a mudanças. Ela já tinha me falado isso. Mas eu achava que era uma coisa assim, que argumento que eu tenho para chegar nela e falar que o Estatuto de três anos dela tem que ser substituído pelo meu que até agora não funcionou em escola nenhuma? Então o que que eu fiz? Trabalhei em parceria com ela. É, ajudei os alunos com uma orientação leve. Mas não tinha esta questão toda de eu entrar e poder deliberar sobre. Tinha também um contato com eles e tudo, só que não tinha este poder, vamos dizer assim. Aí o que acontecia? Quando chegou...eu pensei comigo... Deixa eu abrir os outros 15... mostrar. Depois de um ano, que este estatuto funcionou, chegar lá e falar: _ “Olha, esta escola é a única que está fora do Estatuto. Vamos fazer a troca?”

(Sobre o tempo que levou para fazer a troca de Estatutos) ... Um ano, né? A minha ideia era esta. Chegar nesta diretora que era super aberta e conversar. Sabia que ela podia dizer não, mas de uma maneira extremamente educada... que eu não me sentiria mal, então. XXXXX, o nome dela. E aí, quando virasse, quando chegasse fevereiro, a minha ideia era chegar nela e falar: _olha, o que você acha da gente igualar este Grêmio, ao esquema dos demais?

Só que o que aconteceu? No final do ano, ela mudou de escola, e aí entrou uma outra pessoa. Aí quando eu cheguei nesta outra pessoa, que era uma vice diretora, não era diretora, a XXXXX, eu conversei com ela, ela falou assim: _ “Olha, eu acho que o Grêmio é super válido. Eu acho super necessário na escola, mas eu mesma não sei como funciona. Eu só sei que ele é importante, e que ele ajuda, mas eu não sei como é que são os procedimentos”. Justamente por quê? Porque os grandes líderes do passado não ensinaram. Então este conhecimento se perdeu. Então coube a mim, como uma das pessoas neste Brasil, resgatar esta estrutura e poder disseminar este conhecimento pela rede Municipal. Aí comecei a conversar com ela. Aí expliquei como funcionava nos quinze. Expliquei para ela que o Grêmio da escola dela tinha um estatuto diferente. Propus à ela, que nós víssemos com os alunos, para que os alunos aceitassem ou não a troca do estatuto, porque ela não poderia decidir nem eu. Quem tem que decidir é uma reunião de Assembleia Geral do Grêmio da escola. Aí o que que acontece? Ela me fala que sim, fala assim: _ “Achei ótima a ideia porque se eu mudar daqui para outra escola, eu já sei como funciona o Grêmio da outra escola”. O que também eu consegui com os professores, que também circulam, né? Aí chamamos a Presidente do Grêmio. Aí a (nome da aluna) veio até a sala da vice diretora. Eu já a conhecia do ano anterior, que a gestão ainda não tinha mudado. A eleição ainda não tinha acontecido. Falei: _ “(Nome da aluna), a ideia, lembra? Que eu conversei com você no ano passado sobre a mudança do estatuto, que a gente ia tentar ver para este ano?” _ “Ah lembro!” _ “Então

você é a favor certo?” _ “Sou”. Eu tinha mostrado já para eles numa reunião que eu tive com eles. _ “Sou a favor sim. Eu quero ficar igual a todo mundo.” _ “Legal! Então é o seguinte... você pode passar de sala em sala e conversar com os alunos ou você quer que eu faça isto?” _ “Não, não. Eu vou”.

Que eu achei até mais legal. A Presidente foi de sala em sala. Eram nove salas de aula do sexto ao nono. Conversou. As nove salas concordaram. Isto valeu como uma reunião de Assembleia Geral. Aí quem não quis assinar, não concordou, não assinou. Mas a maioria assinou, aí a gente fez a mudança. Aí esta nova eleição já foi no esquema novo. E hoje as dezesseis escolas municipais são adepts deste Estatuto. As escolas com Grêmio Mirim, também são adepts.

Eu este ano, queria tentar, ver se as escolas de primeiro a nono abrem ao Grêmio Mirim. Para que o Presidente Mirim e o Presidente do Fundamental II trabalhassem em parceria e assim já ensinassem os pequenos. Porque quando eles vão embora, os pequenos já vêm acelerados. Para quando eles chegarem no sexto, eles fazerem e acontecerem. Porque não adianta... Senão eu, eu hoje. Não mais... mas, quem tiver à frente, que hoje é a XXXXX, vai ter que começar todo ano, a mesma ladainha de sempre.

Então, a presidente do (nome da escola) do ano passado, ela falou para mim: _ “Eu já estou ensinando os alunos do sexto, porque eu vou embora. O que eu fiz aqui, não pode se perder. Eles têm que continuar o que eu fiz e melhorar e aumentar e expandir e fazer um Grêmio melhor do que eu ajudei”. Porque assim, hoje você, hoje a gente está na criação do alicerce, criando a base, a fundação, subindo uma parede, mas está faltando colocar a fiação elétrica, o esgoto, a água, enfim... está faltando você fazer aquele senhor edifício arranha céu. Hoje você está com o barraquinho, entendeu? Aquele tapume, entendeu? Não é nem tijolo ainda. Aquilo que eu falei! O que que é uma mudança social para três anos de trabalho? Não é nada! Aliás eu acho que a gente já conseguiu muito, porque em dois meses, em menos de dois meses, quinze Grêmios foram abertos, em 2014, né?

E assim, uma coisa que eu fiquei muito feliz, até o final de 2016, é que nenhum dos Grêmios desmantelou. Houve renúncias, houve é... Os alunos chegaram a dar impeachment em alguns casos porque, por exemplo... teve uma escola que a Presidente, ela renunciou. A Vice automaticamente sobe. Só que a Vice sumiu da escola. Nós ficamos sabendo que ela tinha ido morar com o namorado porque a mãe mudou de Estado, em outra cidade. Ninguém tinha contato com ela. Eu tinha o *Facebook* dela. Mandava: _ “Oi, você sumiu. Está tudo bem?” Não respondia. Não visualizava. O que que aconteceu, então? Falei: _ “Gente, para eu poder tirar ela... é cartão amarelo cartão vermelho. Como é que eu vou dar o cartão amarelo para ela se ela não está aqui? Vocês vão ter que assinar o impeachment dela!”. Aí a gente fez uma nova... Falei: _ “Gente, vocês vão querer tirar ela? Porque não tem como ter um Presidente que não aparece”. _ “Ah sim. A gente é a favor”. _ “Gente, eu não estou querendo que ninguém brigue ou fique de mal com ela, mas assim, o Grêmio não pode padecer por conta de uma situação pessoal dela. Então é melhor que ela resolva a vida dela e deixe o Grêmio para a gente resolver. Vocês assinam?” _ “Assinamos”. Montamos o documento. Eles foram de sala em sala pedindo assinatura. E de acordo com uma Lei Estadual, a Lei 15.667, a Assembleia Geral tem que ser formada com 5% dos alunos. O nosso Estatuto estava com dez, quando surgiu a lei. Eu propus a mudança para cinco e falei com todas as escolas. Em todas as escolas eles assinaram um documento concordando com a troca da reunião de Assembleia Geral. Aí na época foi mais de 10% que assinou. Então eles aceitaram porque com 5% você viabiliza muito mais a deliberação. E com o alto quórum de desinteresse nas escolas, não necessariamente municipais, estou falando mundial, que as municipais não estão de fora, seria mais fácil o Grêmio dar andamento com 5%.

Então... impacto... diferencial das escolas... alguns professores que eram contra o Grêmio passaram até a ajudar os alunos. Uns começaram a perceber. Alguns ainda são

resistentes, mas alguns passaram a olhar o Grêmio com outros olhos. Começaram a perceber que o trabalho que a gente realizava a partir da SEDUC era um trabalho sério, um trabalho de motivação, não um trabalho de embate. Quando o professor tinha, uma reclamação, ele tinha total liberdade de chegar em mim e falar. O professor podia encaminhar uma reclamação com relação a algum aluno do Grêmio. Para esta questão de aplicar o Regime Disciplinar... ele podia, inclusive... teve uma vez uma escola... que eu precisei ir numa reunião de professores, conversar com os professores, explicar o procedimento. E os alunos... (interrupção). _ “Não tudo bem... Eu volto à esta história. Continuou? Então legal! Então eu fui nesta escola.

Conversei com os professores no horário da reunião, que era o horário que obrigatoriamente todos eles estavam lá. A Equipe Gestora me abriu esta possibilidade de fazer esta reunião com eles e eu expliquei. Li para eles quais são as infrações ao Regimento Disciplinar. Expliquei para eles como eles poderiam fazer para encaminhar uma reclamação para eu poder deliberar, se era motivo realmente de um cartão amarelo. Se era motivo de uma, cartão amarelo, carinhosamente falando, tá? Porque não tinha cartão nenhum... (interrupção).

Então eu conversei com esses professores dessa escola. Eu expliquei para eles como funciona o Regime Disciplinar, quais são as infrações nas quais eles se enquadram, que o Gremista não pode cometer. Eles são... seriam encaminhados... uma reclamação por escrito, porque professor muitas vezes tem mania de achar que eu tenho que tomar providência quando ele fala comigo. Só que se eu tomar providência porque ele falou eu posso ser acusado de arbitrariedade, né? E eu estava ali para viabilizar e não para mandar. Então eu ia conversar com o aluno se fosse o caso, né?

Aconteceu de aluno ser deposto, mas não na primeira. E aí esses professores, eles ficaram muito satisfeitos com o que eles ouviram da minha parte. Entenderam que eu não estava ali contra eles e sim a favor de um trabalho positivo e produtivo. Independente se o aluno ia ficar ou não! E aí, no dia seguinte já veio a primeira reclamação por escrito daquela escola. Aí o presidente preferiu renunciar porque ele sabia que ia ser deposto. Ele batia de frente com os professores! Professor vinha reclamar comigo que aluno tirava nota baixa e eu explicava que nota baixa não justifica saída de aluno do Grêmio. Atitudes erradas é que sim. Uma ofensa, uma agressão! É, de repente não cumprir com as suas obrigações, né? De repente fazer propagando eleitoral no dia da eleição. Vários alunos foram impugnados por causa disso. Em várias escolas! Mediante denúncia encaminhada. E assim, todo mundo gostava muito do Regime Disciplinar do jeito que ele era, né? Equipe Gestora, professores e os próprios alunos gostavam dessa maneira. Então funcionou muito bem.

Ah, os frutos colhidos. Eu já contei alguns para você. Algumas, as ideias das mudanças. Muitos alunos saíram de lá assim verdadeiramente é... mudados. Você via do começo do ano para o final. Por exemplo, a primeira Presidente do (nome da escola). Ela era uma pessoa que já chegava gritando, esbravejando para cima de você para conseguir o que ela queria. No final do ano ela vinha com a demanda dela, com a necessidade dela, mas ela vinha falando. A Orientadora trabalhou muito com ela durante o ano. Ela falava: _ “Minha querida, você vai... eu vou escutar você. Não precisa gritar. Senta aqui. Vamos conversar e me fala o que você quer”. Aí ela... Era difícil dela se acalmar. Mas ela acabou se acalmando e se tornou uma presidente muito boa, apesar de ser o primeiro ano. Ela não conseguiu fazer muita coisa... até porque existe o descrédito é... dos professores. Às vezes da própria Equipe. Às vezes é um membro da Equipe que aposta no Grêmio e o restante não, entende? As vezes ninguém da Equipe aposta. Mas o projeto está lá! Porque acabou sendo uma imposição da SEDUC que o projeto entrasse. O projeto só não iria ficar na escola se os alunos dissessem: não. Mas a entrada para falar do Grêmio, claro que com muita e muito jeitinho..., mas foi uma imposição, né? Acabou sendo uma determinação da Secretaria de Educação.

(Sobre a possibilidade de os diretores inviabilizarem o projeto) É, até porque podiam pensar que, eles teriam que ter que abraçar isso, né? E não era esse o objetivo.

Ah, projeções para o futuro! As projeções para o futuro são ampliar o Grêmios Mirins. Aumentar esses Grêmios Mirins. Fortalecer os eméritos, que todo ano, eles já pegaram essa tradição, eles chegam no nono ano eles já falam: _ “Êba! Vou virar emérito ano que vem!”.

Mas assim... eu sei que assim.... Uma coisa que é um medo que eu tenho agora. Vou te confessar. XXXXX é uma pessoa extremamente competente, tanto que fui eu que indiquei XXXXX para estar no meu lugar. Acho importante ressaltar isso, porque ninguém puxou o meu tapete para eu sair da SEDUC. Saí de bem. Tanto que saí de bem que estou aqui com você numa boa, amo XXXXX de paixão.

(Sobre o critério de escolha do novo Articulador). A pessoa que tivesse a maior entrega com relação ao projeto, o maior discernimento. E ela já trabalhou em mais escolas com relação ao Grêmio. Ela já teve quatro escolas sob o cuidado dela: (nome da escola), (nome da escola), (nome da escola) e o (nome da escola). Ela teve quatro escolas diferentes. Ela viveu quatro realidades diferentes, nos dois anos. Ela é uma pessoa que se mostrou super aberta, né? No começo. Então já que eu precisava sair, né? Então que se coloque uma pessoa que pelo menos dê uma continuidade. Uma pessoa que pelo menos tenha um envolvimento positivo com o projeto. Do que eu colocar uma pessoa qualquer, só para dizer que tem e de repente a coisa começar dismantelar... como dismantelou em 2005 e 2011, né? E foi por isso que eu coloquei ela. Mas é claro, ela não tem ainda o lado gestor. Apesar dela ter convivido muito comigo. Ela falava comigo quase que semanalmente. Falava alguma coisa, me dava uma satisfação. É, mas assim essa parte administrativa de SEDUC, ela nunca teve. É a primeira experiência dela enquanto SEDUC, né? Então eu acredito que todo o projeto que eu tinha em mente, vai acontecer, mas não na velocidade que aconteceria se eu tivesse continuado. Eu acho que vai demorar um pouco mais... até o ser humano se apropriar de tudo, né?

Você veja que eu comecei em fevereiro e a última eleição foi em maio. Agora ela começou em fevereiro, já tem todo o plano, já está tudo pronto, mas assim para aumentar esse plano... acredito eu que até... até as 20 escolas se acostumarem com ela, né? Tem toda... até ela começar a trabalhar no estilo dela. Porque o estilo vai acabar mudando. Então, o que acontece? Por mais que eu ache que ela é competentíssima, eles desenvolveram um vínculo afetivo e emocional comigo. Entende? É, eles desenvolveram.

Teve um menino do (nome da escola). Ele foi Vice-presidente no primeiro ano. Aí o Presidente se formou do 5º aninho. Ele era do 4º. Então, ele automaticamente subiu para Presidente. Ficou Presidente: janeiro, fevereiro e março. Janeiro não fez nada, lógico, férias, mas já era Presidente. No ano seguinte, ele não conseguiu ser Vice-presidente, nem Presidente. Ele conseguiu se virar Secretário de Relações Externas e continuou mais um ano. Chegou agora no final do ano, ele veio me dar Feliz Ano Novo. Falou obrigado e falou: _ “Tio, você foi como um pai para mim”. Sabe, ele... uma gracinha aquele menino! Menino magrinho, negro, do cabelinho raspado, assim... De uma educação de poucos! De poucos! De uma região da cidade super fragilizada. E assim, você via a integridade. Ele era a integridade em pessoa! Menino calmo, menino assim... Claro ficava com raivinha de vez em quando. Mas qual criança não fica, né? Mas assim um jeitinho... que olha! Ele vai ter um futuro muito grande esse menino.

E assim é! Já chegaram e me falaram: _ “Ah, sem você não vai ser a mesma coisa”. Mas eles estão assim com a ideia de... Ao mesmo tempo que eles ficaram chateados com a minha saída, eles estão sentindo agora que eles têm a responsabilidade de levar a frente tudo aquilo que na cabeça deles eu fiz. E que na verdade eu não fiz! Eu só trouxe a proposta. Foram eles que fizeram. Eles que fizeram a... assim... eu só montava a eleição no computador. Eu falava: _ “Que representantes? Eu preciso do nome dos alunos”. Então os representantes

me davam. Não fui eu quem fez os representantes, sabe? Então tudo assim. Na cabeça deles... eles têm que ter uma referência, né? Então, a referência sou eu. Então eu fiz. Eu abri o Grêmio. Eu não sei o quê, eu não sei o quê, na cabeça deles. Na verdade, foram eles! Por conta disso eles estão se sentindo assim: _ “Nós não podemos deixar o trabalho do XXXXX acabar! A agora o XXXXX não pode mais segurar esse trabalho. A gente vai ter que segurar, né? E aí vai entrar o XXXXX para dar essa força para eles, para eles poderem darem seguimento.

Relações com outras organizações ou movimentos juvenis... Eu não posso chegar nesse tópico sem falar do XXXXX, que é o coordenador de políticas para XXXXX santista da Secretaria de (nome da Secretaria). Extremamente parceiro! Extremamente parceiro! Toda vez que ele fala de Grêmio, pelo menos na época que eu estava na SEDUC... falou em qualquer coisa que fosse ter Movimento Juvenil, ele já me chamava no *WhatsApp*: _ “Eu quero os seus Grêmios nessa ideia!”. _ “XXXXX, vem conversar comigo aqui na Secretaria para a gente poder trocar uma ideia e poder viabilizar essa ação para os Grêmios da Prefeitura, também. Então o XXXXX foi um cara assim, formidável! Formidável! Ele tem uma pró atividade para esse tipo de ação, incrível. Ele já foi de Movimento Estudantil, pelo que eu sei. Ele é jovem! Acho que ele é um ano mais velho que eu, se eu não me engano, só. Então a gente tinha mais ou menos uma fala próxima. Não posso deixar de citar o XXXXX que é comandado pelo XXXXX ... que funciona ali na (localização).

O XXXXX também! Várias coisas que ele queria fazer. _ “Chama o XXXXX... vamos trazer... vamos colocar para os Grêmios das escolas municipais, né? Foram desses três anos os grandes parceiros. Fora o XXXXX e o XXXXX, né? Claro que com toda a sua equipe por trás, né?

Os Movimentos Juvenis... A gente chegou a ter uma conversa..., mas assim... uma conversa muito breve, nada assim aprofundado com a União Paulista dos Estudantes. A gente chegou a conhecer o XXXXX que era o presidente regional. A regional da União Paulista dos Estudantes fica em Praia Grande... E... é... União Paulista dos Estudantes. Eu não sei se é Região Baixada. A sede é em Praia Grande. Eu não sei exatamente... porque eu não, eu não me aprofundei na União Paulista. Mas ele chegou. A gente chegou a trocar uma ideia. A gente chegou a conversar.

O projeto Câmara Jovem também se aproximou bastante do projeto do Grêmio. Até porque, ano passado por exemplo, no projeto Câmara Jovem três presidentes de Grêmio foram eleitos Jovens Vereadores. Foi a Presidente do (nome da escola), o Presidente do (nome da escola) e a Presidente do (nome da escola), né? De outras escolas de Grêmio também foram eleitos, mas não foram os presidentes. Foram outros alunos que não estavam no Grêmio. Mas havia uma conversa, né? E por conta disso, a demanda do Grêmio poderia ser encaminhada a Plenário, né? De repente o Presidente podia repassar alguma informação, alguma necessidade. Teve aluno que questionou de repente uma situação de uma escola e o prefeito respondeu para esse Jovem Vereador. Era um trabalho bem interessante.

Critério de escolha das pessoas à frente da organização dos Grêmios? Então! O critério de escolha... aí a gente volta lá em 2013. A XXXXX que tinha na cabeça dela essa ideia dos Grêmios... ela me escolheu, tá? E aí, como isso tinha que entrar como projeto, eu fui encaminhado para ser SEPROIE, que é a Seção de Projetos de Integração Educacional do Departamento de Planejamento Educacional. Então eu virei funcionário dela, né? Dentro da SEPROIE. Aí depois quando ela subiu para a Secretaria, para o XXXXX gabinete. Virou (cargo). Ela conversou comigo para eu migrar para a SEPROJE, que é a Seção de Projetos Educacionais Especiais que ficava, que fica no Departamento Pedagógico que é uma outra sala da SEDUC. E é um departamento que poderia me dar um respaldo maior, que eu poderia ter contato com mais pessoas que poderiam me ajudar melhor do que na SEPROIE que era uma coisinha um pouco mais, não desmerecendo, mas era mais discreto. Era uma coisa mais

é... o Grêmio era para integrar. Mas era um projeto que cabia em qualquer um dos dois, né?

E eu estaria subsidiado. A XXXXX de qualquer forma, estando em qualquer um dos dois, quando ela subiu para o XXXXX. Depois a SEPROIE foi extinta. Para não ficarem duas seções de projetos na SEDUC. Os funcionários foram remanejados, né? Ninguém perdeu seu emprego. Ninguém perdeu seu cargo. Foram remanejados. Os projetos da SEPROIE foram para a SEPROJE junto com gente para ajudar, né? Precisou. Aumentou projeto... aumentou o número de pessoas para cuidar. Aí a SEPROJE cresceu, ou seja, eu iria para lá de qualquer jeito, né? E aí por conta disso, a gente fez... A gente já tinha uma comissão instituída... é, informalmente, só que quando a XXXXX me pediu para que eu criasse esse decreto da Comissão, eu virei para ela e falei assim: _ “XXXXX, faço sim. Sem o menor problema. Com o maior prazer. Mas eu quero colocar uma Supervisora de Ensino nessa Comissão. Eu quero alguém da supervisão conosco. Tem algum problema?” _ “Não XXXXX, acho ótimo! Coloca!”. Aí a gente fez a comissão com quatro pessoas: o Secretário de Educação ou Secretário Adjunto, um membro do departamento pedagógico que acabou ficando a chefe da SEPROJE, um supervisor de ensino e o professor que estaria trabalhando na SEDUC. Aí no caso fiquei eu. A minha chefe da SEPROJE, a XXXXX como (cargo) e a Secretária de Educação. Ela escolheu uma Supervisora que ela achou que tinha o perfil para lidar com esse tipo de situação: uma pessoa com mente aberta, uma pessoa comunicativa, uma pessoa que desse para conversar, que não fosse intransigente, que entendesse os lados dos alunos, etc, etc, etc. E a Supervisora que ela escolheu, ela realmente é fantástica, né? Supervisora XXXXX.

Acesso às documentações, legislação, publicações que remontem ao processo de implementação do Grêmio, enquanto política pública? Tenho! Eu tenho um documento que está comigo ainda no computador chamado “Resumão do Grêmio Estudantil”. Esse resumão eu montei, tá? Porque assim ler o Estatuto as vezes é meio difícil, algumas pessoas... Esse “Resumão” é a explicação do Estatuto. Explicação do Estatuto. Então tem itens do Estatuto copiado e colado e no final tem toda a base legal. Então, tem o que? O que da Constituição abraça o Grêmio? Tem a Lei 7.398 que é a Lei Federal do Grêmio que foi promulgada pelo Presidente Figueiredo, antes da Constituição e continua em vigor. Esse ano ela completa 32 anos, tá? Foi em [19]85. Tem os dispositivos da LDB, os dispositivos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Aí vem as Leis Estaduais que têm a Lei 15.667 que é a Lei do Grêmio Estadual, que fala que todas as escolas têm que fazer reunião para abrir o Grêmio.

Quando essa reunião... quando essa... Quando essa lei entrou em vigor eu conversei com XXXXX seis meses depois, porque eu não tinha tomado conhecimento, né? E nem ela. Ela foi instituída, mas ela acabou não sendo tão divulgada quanto deveria. Então a gente não tomou conhecimento. Aí quando eu fui ler a lei... aí eu expliquei para ela. Ela falou assim: _ “Tá o que a gente tem que fazer?”. Eu falei: _ “Nada, porque a gente já está com todos os Grêmios abertos. Quem tem que fazer são as outras escolas da cidade, inclusive as particulares, né? Mas nós só temos que saber que a lei existe”. E a única coisa que eu já tinha feito era mudar para 5% o percentual da Assembleia Geral com o consentimento dos alunos e eles assinaram. Expliquei para eles e eles leram, né? E eles assinaram a favor. Remonta do processo de implementação do Grêmio Estudantil enquanto Política Pública. É, enquanto política pública. Você pode pegar a Lei 7.398/85 Federal e a 15.667/15 Estadual. Municipal você tem o Decreto 7.108/15 que é o decreto que eu redigi, que passou pelo prefeito e ele, e ele decretou. Ele decretou a Comissão do Grêmio. E até onde eu tenho conhecimento, o que fala do Grêmio na lei da cidade, é esse Decreto. E também tem a Portaria nº 27 de 2015 que nomeia os membros da Comissão, que agora vai ser substituída porque eu saí da SEDUC.

A XXXXX saiu da SEDUC. Então há necessidade de uma nova portaria revogando a portaria anterior. E tem também a lei, eu não sei o número da lei agora, eu acho... eu acho que ela é de 2008. É a lei que institui o... como funciona o Conselho de Escola. Na lei fala

que o Presidente do Grêmio Estudantil é membro nato do Conselho. Então é presidente do Grêmio automaticamente é membro do Conselho... E basicamente é isso. Agora tem que ver se você tem que... se tem mais alguma pergunta, você quer saber mais alguma coisa? Quer que eu conte mais alguma história? Você quer? Então vamos ver. Sim, sim. É porque Mestrado... uma dissertação, né? É bem grandinha. Deixa eu ver uma história. Bom, é que agora falando assim, essas histórias foram as mais.

Ah, teve uma mãe de um aluno que me adicionou no *Facebook*. Aí ela me adicionou no *Facebook*. Eu vi que era adulto, aí eu falei: _ “Bom, é adulto. Vamos lá”. Aí eu fui olhar nos amigos em comum. Só tinha o menino. Aí eu falei: _ “Ah, deve ser mãe do menino. Então eu vou adicionar para ela ver que eu estou aberto, né? Que eu não estou conversando com o filho dela pelo *Facebook* só para falar besteira com ele”. De repente! Porque a gente nunca sabe o adulto que está do outro lado! Aí eu cheguei nela, falei: _ “Oi, boa noite, a senhora é a mãe do fulano?”. _ “Sou”. _ “Tá! Eu estou adicionando a senhora. Qualquer coisa que a senhora precisar, pode falar comigo. Pode chamar por aqui que não tem problema”. Aí ela começou a conversar comigo, né? Aí me falou que não tinha só ele. Ele era o filho mais velho de quatro. Mandou foto dos outros pela... pelo privado do *Facebook*. Pelo bate-papo. Aí, no meio da conversa, ela virou e falou assim: _ “Olha, eu só adicionei você para dizer para você que o meu filho melhorou muito depois que entrou para o Grêmio”. Eu achei, assim... muito legal a preocupação que ela teve.

E teve um outro caso também. O e-mail. Recebi um e-mail. Foi no final do ano passado. Eu recebi um e-mail do... da escola (nome da escola). A mãe falando é... enaltecendo o trabalho. Dizendo que o trabalho era maravilhoso! Falando que o filho dela é... se beneficiou muito do fato de estar no Grêmio Estudantil. Do fato dele poder participar. É! Disse que ele... o rendimento escolar dele inclusive melhorou por conta dele participar do Grêmio. E aí depois eu fui fazer o levantamento. Ela colocou o nome do filho dela, né? Eu descobri que ele era o fotógrafo do Grêmio Mirim e que ele tinha deficiência intelectual.

E eu já tinha tido uma conversa anterior. Eu já tinha tido uma conversa anterior com essa professora da escola. Ele era o fotógrafo. Quando foi a Festa Junina, ele tirou foto da festa inteira para o Grêmio. E aí a professora falou assim: _ “Vai brincar um pouquinho. Deixa que a tia tira agora para você”. _ “Não, tia. Eu vou continuar tirando até o final da festa”. Quando a mãe chegou na festa para buscá-lo ele falou: _ “Mãe, eu estou super cansado. Eu trabalhei demais”. Aí a professora foi explicar para ela o que foi esse “trabalhou demais”, né? A mãe não achou ruim. E assim, a maior prova de que ela não achou ruim foi realmente essa, esse e-mail, né? Eu até encaminhei esse e-mail para XXXXX. Ela não estava mais na SEDUC. Ela já tinha sido XXXXX, mas ainda não tinha assumido. E... e... mas assim ela foi parte disso, né? Então acho que esse elogio também foi para ela, né? E tem assim, tem umas coisas...

(Sobre mais exemplos de casos particulares). Não. Mas tem umas coisas. Tem um menino que ele só sossegava se eu fosse falar com ele, né? E ele estava meio bravo também e descrente porque ele iria mudar de escola no ano seguinte. Ele estava no quinto ano. Então sabe assim, aquele dó: _ “Eu não sei se eu devo melhorar ou não porque eu vou perder o contato com você, etc, etc, etc?” Só que ele ia mudar para o (nome da escola). O (nome da escola) é da prefeitura. Então eu iria vê-lo do mesmo jeito. E essa foi uma das coisas que eu usei para fazê-lo se segurar, entendeu? E ele era um menino difícil. A própria professora às vezes tentava fazer com o que os professores não encaminhassem reclamação por escrito para ela poder conversar com o menino. Para ela poder tentar resolver, sabe?

Teve um Vice-presidente, uma vez, que a diretora falava para ele: _ “Se você aprontar eu vou falar para o XXXXX. _ “Não, não, não. Eu já parei, eu já parei, eu já parei.” Sabe assim? E não era só pelo fato da bronca. Eu percebi que era pelo fato de me desapontar.

É! Sabe? Eles colocavam como se eu tivesse colocado eles no cargo, né? E eu falava assim para eles: _ “Oh, confio em você. Eu sei que você vai fazer um bom trabalho”. E eles ficavam meio receosos, sabe?

Nós tivemos um tesoureiro que era autista, numa escola. Menino de uma educação extrema! Tinha uma professora mediadora que ajudava ele.

Em uma escola nós tivemos uma representante de turma anã. A menina... ela é anã. Ela tem o nanismo. O discernimento mental fantástico, como qualquer ser humano normal. Porque a questão era física, né?

Nós tivemos uma menina que ficou na suplência, mas acabou assumindo o cargo com a mudança de ano. Alguns se formaram e vagou cargo e os suplentes foram subindo. Se você faz chapa e não tem suplente o suficiente... uma menina cadeirante. Achei muito interessante essas situações. Esse ano, a atual presidente de um Grêmio... ela é deficiente intelectual, né?

Nós já tivemos presidente negro. Nós tivemos uma menina que é uma menina negra. O cabelo dela é bem crespo. Ela vive uma situação social bem desfavorável e ela ia toda largada para a escola, toda. A Orientadora era super a favor do Grêmio, do trabalho com o Grêmio. E quem estava cuidando desse Grêmio? A XXXXX. A Orientadora chegou na XXXXX e falou assim: _ “Põe essa menina para dentro”. E assim, dentro das Diretorias existem os cargos que não passam por eleição, que qualquer aluno pode assinar... é... assumir. Então o fotógrafo era funcionário do Diretor de Comunicação... O Diretor era eleito, o fotógrafo podia permanecer o mesmo todos os anos... não existia eleição para fotógrafo. Eleição para o agente de campanha de ação e cidadania. Eleição para o curador da diretoria de cultura. Eleição para o redator do jornalzinho da Diretoria de Comunicação. Esses cargos eram cargos de alunos colaboradores. O estatuto que eu já peguei da UBES já falava que nenhum aluno pode ser rejeitado quando ele quer entrar para o Grêmio. Então, o que que eu pensei comigo? Vamos botar cargo! Para eles poderem se sentir importantes. Porque assim: _ “Quem sou eu no Grêmio? _ Eu sou o fotógrafo”. _ “Quem sou eu no Grêmio? _ Eu sou o Agente da Campanha do Lacre”. E não: _ “Ah! Eu sou colaborador”. Não quer dizer muita coisa! Sabe? Não quer dizer nada! Então: _ “Você faz o que?” _ “Não sei!”. Agora se você fala: _ “Ah, eu sou o fotógrafo. Que que eu faço? Pego a câmera e tiro foto...” E aí a gente decidiu. A Orientadora me passou, né? E isso, claro, eu não tinha nem como dizer não. Então ela praticamente... Ela comentou comigo que ela queria. Eu falei: _ “Faz! Faz! É direito dela! E se você como Orientadora está vendo a necessidade... faz! Dá um cargo para a menina”. Aí, eu não lembro agora qual cargo ela pegou. Ela começou a participar das reuniões do Grêmio. Ela começou a se vestir um pouquinho melhor. Eu a conheci. É uma simpatia essa menina! Ela é doce! Ela é meiga! Ela só estava mal orientada. E a Orientadora sabia que o caminho para ela seria o Grêmio, seria o melhor caminho. Teve um dia que ela chegou na escola e eu já sabia que eu tinha que, né? Dar aquela injeção de ânimo, toda vez que eu fosse lá. _ “Nossa, está de batom hoje? Está legal! Está bonita, hein? Está se produzindo”. Ela dava aquela risadinha sem graça assim, né? Mas assim, a gente tem que mostrar que a gente repara. Senão ela desanda. É, entendeu? E aí assim. Dali para a frente ela não conseguiu se eleger, mas ela continuava. _ “Ah não me elegi. Vou pegar cargo de colaboradora de novo”. Eu falei: _ “Calma! Logo, logo o pessoal vai ver que você realmente trabalha. Os que ganham votos vão se formar e você é mais novinha”. Que ela era do 6º, 7º ano. _ “Uma hora você vai ganhar. Uma hora você vai entrar. Então, não se preocupa. Vai mostrando trabalho, beleza?”. Aí eu chegava na escola, ela vinha me abraçar. Ficava abraçada comigo. Eu não me preocupava porque não era uma coisa escondida. Todo mundo via que ela estava me abraçando e que eu não estava fazendo nada de errado ou me aproveitando da menina. Então eu não me preocupava, né? Ela precisava desse carinho. Ela precisava sentir esse calor humano. Ela via em mim uma pessoa que poderia prover isso para ela. Não só eu. Eu, a Orientadora, essa Professora... está entendendo?

E nessa mesma escola... que aconteceu? No primeiro ano da cerimônia de posse, no meu discurso, eu resolvi falar para eles sobre escolhas. Falei para eles que eu estava naquele cargo porque eu escolhi, né? Ninguém me obrigou. Que eles estavam ali de graça, também. Porque eles escolheram estar no Grêmio. E falei que a nossa vida é feita de escolhas, né? E agradei a eles por terem escolhido estar ali naquele momento. Pois bem. Nessa mesma escola um menino coincidentemente chamado XXXXX, né? Uma figura! Uma figura aquele menino! Do 6º ano. A Professora de Português pediu para eles, né, para os dois 6ºs um trabalho onde eles teriam que pegar frase célebres e colocar. E ela espalhou pela escola, pelos corredores da escola. Um dia que eu fui fazer reunião, ele falou: _ “Vem aqui ver o trabalho que eu fiz”. Pegou... me pegou pelo braço, me levou até a porta da sala de vídeo. Na lateral da porta na parede estava lá a criação dele. Estava lá: “_A vida é feita de escolhas” – autor: XXXXX - Grêmio. A frase do lado era uma frase de William Shakespeare. Eu estava do lado de Shakespeare! Eu fiquei tão impressionado com isso! Porque assim, ele... ele me deu uma importância que outra pessoa deu para Shakespeare! O que mostra que a gente tem que ter muito cuidado com o que a gente fala para essa molecada. Eu fui colocado na mesma parede que William Shakespeare, sabe? Isso me pesou de um jeito que eu pensei comigo: _ “É, a bomba pode virar atômica”. E virou! Graças a Deus! Mas virou de uma maneira boa, né?

Porque a hora que essa molecada descobrir quanta força eles... vai ser assim. Tem uma outra história que vou te contar também. Uma outra escola desse menino que a diretora falava que ia me chamar. Aconteceu a eleição. Eu não podia estar naquela escola porque eu estava dando aula na prefeitura de XXXXX. Deixei lá a cargo dos alunos, né? Os alunos já sabem. A diretora estaria ajudando e quando acabasse as minhas aulas, eu ia voltar para pegar o computador e fazer a apuração. Fiz a apuração e tinha um recado dos representantes de turma: _ “O aluno Fulano votou duas vezes”. E não pode votar duas vezes. Ele tinha sido a primeira pessoa na escola que tinha vindo saber quem era eu, quando eu fui visitar a escola pela primeira vez. Ele era do “Escola Total”⁸⁴. Ele chegou na escola mais cedo! Ele estudava a tarde e eu estava no fim da manhã. Ele já falou que queria ser candidato. Falei: _ “Tá bom.” Falei para ele já qual era o número e falei que ele já podia fazer a propaganda dele. Beleza! Passado isso, justamente ele votou duas vezes. Aí eu vi lá a apuração. Aí vi esse recado. Conversei com os representantes e falei: _ “Tá! Então agora vocês vão fazer o seguinte... Vocês são a Comissão Eleitoral, certo? Vocês vão encostar aí na parede. Eu estou sentado aqui na mesa. Alguém vai chamar ele por favor?” Aí ele veio. Eu falei para ele: _ “Olha, eu gostaria que você me dissesse o que você fez que não deveria ter feito hoje durante eleição”. Aí ele falou assim: _ “Como assim? Não fiz nada”. Eu falei assim: _ “Você fez e você sabe o que você fez. Agora eu quero saber se você é homem o suficiente de falar para mim o que você fez. Ou será que eu vou ter que jogar na sua cara o que você mesmo fez! Que você sabe que fez?” Aí ele olhou para minha cara e falou assim: _ “Eu votei duas vezes”. Aí eu falei: _ “Bom, o voto é secreto. Mas como você votou duas vezes eu acho que você deveria me dizer em quem que você votou”. Aí ele falou assim: _ “Eu votei em mim e no meu amigo da sala”. Aí eu falei: _ “Tá! Sabe o que eu vou ter que fazer agora? Eu vou ter que cancelar a eleição”. Ele arregalou o olho e falou: _ “Como assim?”. Eu falei: _ “É! Esse resultado não tem o menor valor!” _ “Mas aí você vai ter que começar tudo de novo?” Eu falei: _ “Vai! E você sabe que todo mundo vai saber que a culpa foi sua, né? Porque não sou eu que vou falar, mas vai chegar no ouvido de todo mundo”. Ele deu uma respirada e ele falou assim: _ “Escuta... e não tem outro jeito de resolver isso?” Eu falei: _ “Oh! Ter até tem... se os representantes de turma me autorizarem a fazer isso. Eu estou com os resultados aqui. Eu posso tentar cancelar um voto por uma ressalva, né? Porque eu não consigo mexer no sistema que o computador criou sozinho. Eu tenho como fazer por uma ressalva. Alguma coisa aqui. Aí eu

⁸⁴ Projeto de Educação Integral - SEDUC / Santos.

vou ter que tirar um dos seus dois votos, né? E fazer algum cômputo. Qual dos dois votos você acha que eu devo tirar? O que você deu para você ou o que você deu para ele?” Ele abaixou a cabeça com uma cara assim extremamente triste e falou assim: _ “O meu”. Eu falei: _ “Tá bom! Então você estava com quatro votos e agora você está com três e eu sinto te falar... que todos os candidatos com quatro votos já estão dentro. Eu tenho uma quantidade de alunos com três votos. Empatados que vão para uma eleição de repescagem agora. E sabe quem vai fazer essa eleição? Esse pessoal que está aqui atrás de você”. Aí ele gelou! Aí eu falei: _ “Bom! O voto é secreto. Você volta para sua sala. Depois que acabar eu peço para você voltar aqui. Tudo bem?”. _ “Tudo bem”. Ele foi embora com o rabinho entre as pernas. Aí eu virei para os alunos e falei: _ “Bom, agora vocês vão votar. Tem que entrar dois alunos. Vocês vão dar dois votos”. Eram dez alunos... então eu computaria vinte votos ali. _ “Vocês vão votar em duas pessoas diferentes. Não pode computar voto para mesma pessoa, tá? Agora, o voto é de vocês. Se vocês me permitem a opinião, eu acho que depois dessa ele deveria entrar”. Eu não sabia que uma das dez pessoas que estavam ali era irmã dele. Ela falou assim: “Olha eu também acho. Sabe por quê? Se fosse em outras épocas ele ia olhar para você, ia dar risada, ia mandar você tomar naquele lugar e sair andando se sentindo o dono da razão”. Eu falei: _ “Bom gente. Eu não vou olhar. O voto é secreto. Vocês vão votar e depois que acabar eu falo quem são os dois que entraram. Tudo bem?” _ “Tudo bem”. Os dez votaram. Então dos vinte votos ele ganhou oito e aí ele entrou e mais uma outra pessoa com uma quantidade um pouquinho inferior. Entrou. Aí eu falei: _ “Bom, agora vocês vão todos sair daqui chamar ele de novo por que eu vou falar para ele”. Aí ele voltou apreensivo. Apreensivo! Aí eu falei assim: _ “Tá! Preparado para saber o resultado? _ “Tô”. Peguei o notebook e virei. Virei para cara dele. Ele arregalou o olho, ele abriu a boca. Sabe quando o queixo cai? Ele foi indo com a mão para a boca assim. Eu só vi ele balbuciando assim. _ “Eles me deram a oportunidade...” Ele falou. Aí eu falei: _ “É! Agora está nas suas mãos. Segurar esse cargo! Eu preciso fazer uma reunião com Fulano, Ciclano, Beltrano”. _ “Eu chamo!” Foi lá e chamou todo mundo. Desceram os onze, mas ele. Expliquei os cargos. Foram escolhendo. Ele era um dos últimos. Para ele sobrou o cargo de Secretário de Relações Externas. Não era o que ele queria, mas ele tinha poder de voto com relação a tudo e ele tinha uma função. Que que aconteceu depois? O presidente veio falar comigo, mais para frente. Pediu para renunciar porque ele não estava conseguindo dar conta do Grêmio. Ele tem um irmão que é deficiente e ele precisava ajudar a mãe com esse irmão. Por conta disso ele não conseguia dar conta do Grêmio. Então ele tinha que dar prioridade para família dele. Ele assinou o termo. Eu comecei a conversar mais com o Vice. O Vice subiu. Voltei na escola e falei: _ “Gente, o XXXXX subiu, quem vai ser o novo Vice? Quem gostaria do cargo levanta a mão.” Levantou a mão esse menino e o Diretor de Comunicação que é o filho dessa mãe que me chamou no *Facebook*. Aí eu falei: _ “Gente, está aberta a votação. Vamos lá”. A molecada votou nele. Ele virou Vice-presidente. Aí no ano seguinte, a irmã dele ficou como Representante de Turma. Não... a irmã dele virou... a irmã dele entrou para o Corpo de Dirigentes. Ele entrou para os Representantes e o pequenininho do 5º ano já estava se escalando para entrar no Grêmio no ano seguinte... E entrou! Acabaram ficando os três irmãos juntos no Grêmio! E aí a irmãzinha desse menino que a mãe falou comigo no *Facebook*, entrou também... Então o que começou a acontecer? Eu comecei a ver o sucesso do trabalho porque os irmãozinhos começaram a querer entrar para o Grêmio. É esse cuja a mãe tem o *Facebook*. O terceiro da lista... o terceiro filho dela já me adicionou no *Face* também. Eu cheguei nela e falei assim: _ “Oh, o seu terceiro filho me adicionou”. _ “Ah é? Que legal... não sei o que...”. Ficou toda feliz, né? Então assim é uma coisa que eu... Eu acho incrível!

E de repente alguns alunos que é... Eu digo que se eu escrevesse um livro para o Grêmio eu ia ter um capítulo chamado “(nome da escola) Para o Mundo”. Porque a Vice-

presidente do (nome da escola) saiu da escola. Foi para o (nome da escola), virou representante de turma, Diretora dos Representantes, depois Diretora de Educação. A Primeira Secretária do (nome da escola) mudou de escola foi para o (nome da escola), virou Representante de Turma. O Diretor de Educação do (nome da escola) foi para o (nome da escola) virou Diretor de Esporte lá... Sabe? Foi muito engraçado! Eles foram assim... mudando de escola e se integrando ao outro Grêmio.

E eu fiquei sabendo de uma outra história também que para mim foi muito... muito legal. Apesar da situação não ser legal! Que o (nome da escola) ... eles têm bastante aluno, né? Eles mandam para escola Estadual do 1º ano, porque a prefeitura não tem Ensino Médio. A Professora Mediadora da escola para onde alguns deles foram, ela chegou e foi falar de sala em sala a respeito do Grêmio: que ia ter que ter a eleição do Grêmio e tal. A mediadora ia dar essa força, mas ela falou assim: _ “Só que só vai poder se candidatar o aluno que eu deixar”. Por conta da disciplina, né? Então bagunceiro ela não ia deixar. Justamente o bagunceiro que precisa da motivação é o que vai ser deixado de fora, né? Aí ela falou assim: _ “Então, mas só vai entrar o aluno que eu deixar se candidatar”. Mas na hora! Uma das minhas Gremistas que foi Diretora de Educação do (nome da escola), olhou para cara dela e falou assim: _ “Você não pode fazer isso”. As duas começaram a bater boca, né? E assim... a menina está certa! Ela não é a que manda mais ali, hierarquicamente falando, mas ela está certa. Se ela denunciar no Ministério Público, ela ganha.

E foi muito interessante porque... por exemplo nessa escola hoje, pelo menos até o final do ano, o Presidente do Grêmio dessa escola era um menino que foi do nosso Grêmio no (nome do Grêmio). Então os nossos Gremistas, eles começaram a ocupar cargos no Ensino Médio. Nas escolas onde eles iam, eles começaram a procurar. Formaram chapa, porque lá é chapa, né? Ou pelo menos começaram a interagir com o Grêmio Estudantil. Eles começaram a levar uma experiência que eles estão trazendo da prefeitura, né? E isso é justamente o que a gente quer. Que as escolas estaduais melhorem porquê... porque a escola Estadual está no mesmo barco que a gente. São cidadãos santistas de qualquer jeito. E outra, a escola Estadual, não estou falando que ela faz isso, mas ela não vira uma fábrica de bandido, né? Não estou dizendo que ela faz isso, mas o Grêmio ajuda a evitar esse tipo de coisa, né?

A gente... a gente tem casos de alunos que precisam entrar para o Grêmio. Por uma situação familiar, por uma situação social, por uma situação sei lá, entende? Teve uma menina, ah, essa história é muito legal. Essa história é de emocionar! A mãe mandou uma carta para a Orientadora pela agenda dizendo que a menina não queria ir mais para a escola porque tinha amiguinho que estava zoando ela. Ela estava se sentindo feia e gorda, né? E ela era gordinha mesmo. Aí eu cheguei nela, conversei com ela. Fui na escola um dia e conversei com ela. Falei: _ “Escuta. Tudo bem, você não é magrinha, concordo. Não é mesmo. Mas eu acho que você tem saúde, né? Tá? Ter saúde é mais importante do que ter magreza, primeiro. Segundo você já viu quanta pessoa gordinha tem na televisão que faz um sucesso tremendo e todo mundo gosta dela?”. Ela ficou meio assim... _ “Você já viu que a nossa presidente não é magrinha? Você já viu o Jô Soares? Você já viu o Faustão? Você já viu quanta gente gordinha tem na televisão? Você conhece o presidente do Grêmio de vocês?” _ “Não”. Eu falei para a Orientadora: _ “Chama ele lá, por favor?”. E ele veio. Ele era uma bolinha, o Presidente. O Presidente do Grêmio era uma bolinha, né? E ele estava bem com ele mesmo. Com relação a essa situação, né? Aí eu olhei para cara dele e falei: _ “Escuta! É... dá para gente colocar ela no Grêmio?”. Ele já sabendo que não podia rejeitar, falou: _ “Claro”. Falei: _ “Tá! Eu pensei dela cuidar das garrafas da Campanha do Lacre. Porque tem que ter alguém para trocar o rótulo, tem que ter alguém para trocar a garrafa quando ela encher. Que que você acha?” _ “Ah, pode ser! Não tem ninguém”. Falei: _ “Ótimo”. Aí ela já saiu de lá com um cargo. Já se sentiu pertencente, né? Quando ela saiu, eu olhei para a cara dele e falei: _ “Cara, muito obrigado por você ser gordo, muito obrigado!” _ “Por quê?” Eu falei: _ “Porque

aconteceu isso, isso, isso. E se você não fosse gordo, essa menina não ia se sentir igual a alguém importante. E quer aluno mais importante que o Presidente do Grêmio na escola?” E ele se sentiu bem. O fato dele ser gordo foi muito legal!

E eu não sei se você soube que no (nome da escola) ... saiu em notícia de jornal. Então eu não vou citar o caso com nomes. Na escola (nome da escola), em 2015, um menino sofreu um *bullying* tão grande que o pai postou na internet. Reclamou. Teve imprensa que foi na escola. O menino saiu roxo. Ele foi transferido para uma escola particular porque sofreu um *bullying* tremendo na... na escola Municipal, tudo. Eu fiquei revoltado! Eu achei que o pai não precisava ter tomado essa proporção tamanha... para uma coisa que parece regra e na verdade é exceção! Eu trabalhei no (nome da escola)! Foi de lá que a XXXXX me conheceu. E eu sei que existem casos..., mas em todas as escolas existem! E o caso dele... assim... infelizmente aconteceu com ele. Mas é uma exceção, né?

Bom, fui em todas as escolas e falei: _ “Gente, nós precisamos fazer um movimento *anti-bullying* em todos os Grêmios... em solidariedade ao (nome da escola). Para mostrar para a cidade inteira que isso é exceção e não regra! Todos abraçaram. A escola dessa menina, desse Presidente gordinho... conversei com os Representantes de Turma e falei: _ “Gente, a hora é agora! Eu quero que vocês digam para mim quem são os valentões e quem são as vítimas!” Aí comecei de sala em sala. Eles foram falando e eu fui anotando. Falei: _ “Gente, sabe o que nós vamos fazer com esses valentões?” Aí eles ficaram esperando... Aí eu falei: _ “Nada”. Aí eu falei: _ “É! O que acontece com o programa de televisão que ninguém assiste? Ele sai do ar! Então a minha intenção é fazer com que a maldade deles saia do ar. Como? Não dando bola para ela. Agora o que a gente vai fazer com essas vítimas? Vamos dar cargo no Grêmio para todo mundo. Vamos mostrar para eles que eles são importantes!”. Falei com o Presidente: _ “Você cuida disso?”. Ele falou: _ “Deixa comigo!”. Eu fui embora. Na semana seguinte ele já tinha separado os crachás bonitinhos... montou tal... Ele começou a chamar de um por um. Ele disse para mim que quando a molecada voltava com o crachá para a sala... diz... que isso... que o crachá intimidava os valentões. Porque agora o menino não é um “Zé Qualquer” que ninguém sabe quem ele é. Agora ele é um cara do Grêmio! Com isso o *bullying* começou a diminuir na escola. Por quê? As vítimas... começou-se a dar importância para as vítimas, começou-se a dar atenção para as vítimas, começou-se a cuidar das vítimas. Mostrar para a vítima que ela não está sozinha, que ela está no meio do corpo. Que se alguém fizer alguma coisa, o Grêmio todo sabe... porque ele é do Grêmio! Ele tem cargo especial no Grêmio! Todo mundo vai saber! Ele não vai mais passar despercebido! E essa foi uma grande ação.

No ano de 2015, no desfile cívico, a gente desfilou com cartazes: “Campanha contra o *bullying*” ... por conta do que aconteceu no (nome da escola). E os Grêmios mandaram cartas em apoio ao (nome da escola). Quando eu fui no (nome da escola) eu comecei a entregar para o presidente... Falei: _ “Oh! Chegou carta do (nome da escola). Chegou carta do (nome da escola). Chegou carta do (nome da escola). E assim foi. Então assim... São histórias, né? É, você vê que dá para fazer, que nem essa campanha contra o *bullying*. Foi na Diretoria de Educação que a gente encabeçou, né?

E a gente aproveitou que uma das Orientadoras Educacionais da rede Municipal... ela tem um projeto de sexualidade que fala de *bullying*, *cyberbullying* e de violência sexual, né? E aí a gente pegou ela para dar uma palestra para eles. Foi muito legal. Teve uma menina, representante de turma, que na frente de todo mundo admitiu que era abusada em casa sexualmente. Sexualmente abusada em casa. Aí eu olhei para a cara dela e falei: _ “Olha! Eu tenho que dar parabéns pela sua coragem!”. Ela falou assim: _ “XXXXX, isso me dói! Eu não sei quando que eu vou conseguir deixar um homem me tocar de novo. Mas eles precisam saber que isso está mais perto do que a gente pensa!”. Hoje ela tem namorado, graças a Deus! E aí ela foi... essa mesma menina, foi zoada na cerimônia de posse quando ela virou Vice-

presidente do Grêmio dela. E foi por causa do cabelo dela. O cabelo dela é crespo e acaba ficando assim um pouco duro, né? Porque é crespo, né? Ele não tem aquela... aquela flacidez, aquela elasticidade toda..., mas ela arrumou o cabelo de um jeito assim... Ela sabe se cuidar. O cabelo dela fica bonito! Mas aí é aquele cabelo mais durinho, né? E justamente esse menino... que deu esse problema nessa outra escola... aí dos dois votos... foi o que zoou ela. Nossa! Eu fiquei tão bravo! Eu voltei na escola, cheguei nele e falei: “Cara, depois de tudo que eu fiz? Olha o que tu⁸⁵ me apronta? Depois de tudo que eu já te defendi! Como é que eu vou te defender agora? Você mexeu com a Vice-presidente de uma outra escola, cara!” Mas enfim... depois ele escreveu uma carta pedindo desculpa para ela... aí assim, a menina queria sair do Grêmio! Eu não deixei. Falei: _ “Você é ótima! Você não vai sair! Vai sair por causa dos outros? Não! Você vai trabalhar e mostrar para todo mundo quem é você!”

Aí chegou na Semana da Educação no ano passado. A Secretária de Educação mandou um recado para mim... nem lembro quem me avisou: _ “Olha, a Secretária vai fazer a abertura da Semana da Educação. Vai chamar as autoridades e tudo... Ela quer um membro representando todos os Grêmios. Eu falei: _ “Tem que ser a XXXXX”. Na hora falei... tem que ser a XXXXX. Aí fui até o (nome da escola), conversei com a coordenadora. Falei: “Eu quero falar com a XXXXX, por causa disso e disso”. _ “Ah não fala nada não. Vou mandar ela descer”. _ “Tá bom”. Ela desceu. Eu falei: _ “Senta. Olha, a situação é essa... a Secretária me pediu para ir alguém e eu escolhi você”. Ela ficou assim: _ “Ai! Mas eu?” Falei: _ “É! você!”. _ “Ai! Eu não sei nem o que dizer! Aí, eu vendo o olhinho dela enchendo, sabe? _ “Aí...diz que vai! Não sabe o que dizer... diz que vai! Aí ela disse: _ “Lógico que eu vou!”. A Coordenadora ainda se ofereceu para conversar com a mãe dela. Para ajudar ela a se arrumar, para dar carona para ela poder ir e tal... Ela foi! Ela foi, representou todo mundo. Representou todos os Grêmios. Eu não subi! Quem subiu foi ela! E é isso que o protagonismo tem que ser. Deles! E fantástica! Fantástica essa menina! Hoje parece que ela está trabalhando, já. Fazendo Ensino Médio e trabalhando. E assim, a gente teve casos muito peculiares. De muitas coisas assim que... Teve caso de problema? Teve. Teve gente que foi deposta? Teve. Teve gente que piorou depois que entrou para o Grêmio? Teve. Claro! Mas, infelizmente, quando a gente coloca isso... está sujeito aos dois lados, né? O que não pode é deixar, o que? A bagunça ganhar moral no Grêmio. É por isso que existe o regime disciplinar, né? E basicamente temos bastante material aí. [Agradecimentos e despedidas].

ENTREVISTA REALIZADA COM B.X.

- ❖ Sujeito de pesquisa ligado a uma Coordenadoria em Santos e citado por T.S. como um dos grandes cooperadores do projeto de Grêmios.

Início da fala de B.X. - Então, voltando [inaudível]... Aqui no Município de Santos, é uma diretriz do governo, né? Do prefeito, da SEDUC que trabalhe com Grêmios Estudantis. Eu... já da gestão por várias secretarias [inaudível]. Aí depois o XXXXX abraçou isso quando estava [inaudível]. Foi designado o XXXXX que era o XXXXX de todos os Grêmios Estudantis... Não só XXXXX, ele era animador também... é! O XXXXX era o cara que fazia toda a mobilização dos Grêmios na primeira gestão do prefeito. Ai agora nessa segunda gestão é a XXXXX, né? E é assim. O que eu posso te falar é assim... quando é uma diretriz, quando é uma questão de atitude do prefeito, da secretária que está à frente da pasta... as

⁸⁵ Esse emprego do pronome pessoal “tu” é uma ocorrência bastante marcante na linguagem santista.

diretoras, quem está à frente das escolas, elas estão mais sensibilizadas, né? para a questão. Aí a gente consegue trabalhar a questão do protagonismo, né? Enfim, mais vínculo e mais atitude delas conosco, né? No Estado já é diferente. Primeiro porque essa Diretoria de Ensino não é só de Santos, né? Ela pega a parte de Santos, Guarujá, Bertioga... Não, são duas Diretorias de ensino, né? Então... É uma que vai a Santos, Guarujá, Bertioga e a outra Praia Grande até Peruíbe. Aí fica essa divisão!

O professor XXXXX que ele chama de PCLP... é um professor focado a essa questão. Ele faz o contato com todas as escolas e acompanha desde a mobilização à eleição dos Grêmios. Acompanha como está o Grêmio Estudantil dentro do Estado.

O que eu posso te falar das duas redes é que quando você está lidando com criança, né? Abaixo dos quinze anos, eu acho que a animação deles é maior para questão do envolvimento no Grêmio Estudantil... porque é uma faixa etária que você pode trabalhar a questão mais pedagógica, mais lúdica. Então, você consegue ter uma adesão maior desses jovens, né? Quando você vai ao Ensino Médio, principalmente passando do primeiro ano... do segundo para o terceiro, ele já está pensando no “Que que eu vou ser? Qual profissão eu vou seguir?”. Então... a cabeça focada no mundo profissional é maior, né? Eles aí nessa fase da adolescência... Eles saem da fase de que tudo... pensa bonito... tudo que era lúdico. Eles são muito mais críticos, né? E aí vem o choque! É um choque intergeracional, que acontece! Porque assim... se você pegar hoje as diretoras atuais, isso é legal para colocar, as diretoras hoje são da década de [19]60, [19]70. O regime antes da Constituição Federal, que era o Regime Militar, né? Então assim, trabalhar esse protagonismo e você lidar com essa energia dos jovens. Para elas é muito diferente, muito novo! Então, ainda vem naquela linha assim: _ “Tem que passar para eu ver!”. Tem que pedir o amém, o consentimento e, nessa fase, eles querem liberdade. Eles querem liberdade! Eles querem produzir! Aí tem que trabalhar o equilíbrio, né? Nem tudo o que o jovem quer também tem que dar o acesso! Porque a escola é para todos! A escola é uma instituição que tem regras! Todos os espaços das nossas vidas têm regras, né? As regras fazem parte, mas a regra não pode engessar também, né? Porque senão o Grêmio fica um espaço instituído, mas com forma. E... e o que a gente quer assim... A gente que trabalha com jovens, com juventude... é que seja um espaço de protagonismo. Um espaço que eles consigam trabalhar as diversas e múltiplas possibilidades da escola. E... é mais do que na escola! Junto à comunidade! Então, a gente quer que o Grêmio Estudantil... Porque a escola tem diversos desafios, principalmente escolas públicas, né?

Aqui em Santos a gente tem. Acho que, uma ou duas escolas particulares que têm Grêmio Estudantil. Uma delas é o “Liceu Santista”. Então assim... é nítida a diferença, né? Porque a escola pública tem diversos desafios, né? Estruturais... Desafios de gestão, orçamentário... É uma série de questões! Aí... não é só o desafio da escola pública, mas sim de qualquer equipamento público, né? Primeiro porque tem uma burocracia, que por um lado, ela te breca em muitas coisas..., Mas por outro lado é uma burocracia necessária... porque é uma coisa do Estado. É uma coisa pública!

É, as escolas que eu estou te falando, elas são particulares e de Ensino Médio, né? Os alunos do Grêmio são do Ensino Médio... não do Fundamental. Então é legal você fazer o parâmetro dessas duas divisões, né? Porque uma coisa é você trabalhar com uma coisa mais lúdica, fazer com que eles mexam com a criatividade... que eles obtenham informações que é uma coisa mais primária para eles. Outra coisa é você lidar com um jovem que já está caminhando para uma fase que já está a caminho de uma vida adulta. Então assim, tem o senso crítico muito mais severo, mais apurado, né? A animação deles é outra, a vontade deles já é outra... Então, nessa fase, assim... todos nós passamos por essa fase... dessa assim... A crítica, ela é muito mais sua do que por exemplo, coletivo, né? Eles olham muito a falta. E aí, o que a gente fala para eles é assim: _ “Tudo bem. As faltas, elas acontecem. Mas aí é você trabalhar a falta e não só olhar a falta. Senão, você sempre vai ficar na crítica pela

crítica.” É olhar para a falta e falar assim: “Qual é a minha oportunidade de transformar a falta em algo que mude, né?”.

Os Grêmios da Secretaria da Educação é um projeto focado na Secretaria da Educação. Então assim, o que tem é assim. A rede de colaboração de governo/sociedade quando tem... Porque o Grêmio provoca. A gente é chamado é vai até lá para dar uma assessoria, uma ajuda, um apoio, uma conversa com esses jovens..., mas uma ação mais para fora da comunidade, eles não têm, na minha visão. O que eles têm são projetos pontuais de governo ou para aquela escola específica e aí eles interagem.

Hoje tem projetos do governo que intercalam com projetos do Grêmio... A gente tem “Aluno Ouvidor”. A gente tem o projeto da “Rádio Jovem”. A gente tem o “Representante de Sala”. A gente tem os “Conselhos de Escola”. Então, esses projetos, é bom a gente citar porque eles também... juntos ou com o Grêmio, né? Assim, no sentido de ou... para ou... com o Grêmio, né? Então, alguns alunos que fazem parte do Grêmio também participam de outros projetos. Então, dá para fazer essa liga. Então é legal você ir atrás desses projetos. Eu posso te ajudar também. Até para que você possa apontar a eles os projetos que sustentam o Grêmio Estudantil, né?

Então, o “Câmara Jovem” é um projeto que não é do Executivo. É um projeto que foi criado por um Decreto Legislativo. Então é um projeto da Câmara Municipal. Mas para que o projeto aconteça ele tem uma comissão de apoio que é formada por vários representantes da sociedade. Desde o movimento “Voto Consciente”, o próprio Conselho da Criança e do Adolescente, o Conselho da Juventude, a Coordenadoria da Infância e Juventude na qual eu XXXXX, o Fórum da Cidadania que é uma ONG, né? Que trabalha com diversas ações focadas nos Direitos Humanos. Então assim, tem... num... A Comissão que a Justiça Eleitoral... que dá sustentabilidade ao processo. Só que assim... é focado dentro do mundo legislativo, para eles trabalharem nessa transformação de ser um cidadão comum. Como a política interfere nas nossas ações do dia a dia? Qual é o papel do vereador mesmo? Na sociedade? Então eles incorporam aquele papel, mesmo. Da fiscalização! Durante doze meses! Eles saem realmente transformados! Com uma outra visão política! Aí cada um... ali... com uma visão política...

Então, é assim. Aqui na Coordenadoria da XXXXX. A gente provoca as duas redes a trabalharem articulados. Escola e Município. Então, aqui, a nossa proposta é pelo menos fazermos dois encontros. Cada um em um semestre. Com os Grêmios Estudantis das três redes... que a gente chama as particulares. Aí até a organização dos eventos é feita com os jovens e com as escolas...

(Sobre a articulação entre Municípios: Santos, Guarujá, Bertioga...). Não! Só as escolas de Santos. Não dá. É muita gente, né? Cada escola tem uma formação de Grêmio Estudantil. Tem presidente, vice presidente, secretário e etc... Então é um contingente muito grande de jovens para a gente mobilizar. Então a gente foca só em Santos, porque é pela prefeitura.

Então, é bem bacana! A gente teve um agora, há pouco tempo... Então, a gente fez um evento aqui nessa Ação da Cidadania com os Grêmios Estudantis... mas usando a temática da Cidadania Planetária, que é você pensar no macro, no mundo, olhar os desafios que a gente tem como ser humano, no planeta Terra, em todas as suas dimensões. Nas suas características sejam: Geográficas, Físicas, de Relações. E aí você focar depois no indivíduo... O que você como um indivíduo que faz parte de todo esse enorme sistema tem a contribuir como um Gremista dentro da tua escola? Da tua sociedade? Dentro do teu território? Do teu barco? Então, eles saíram daqui com uma série de dinâmicas, percepções. Eles saíram daqui querendo mudar o mundo, né? [risos] que é gostoso! Então, a gente trabalhou tudo com eles, assim... Então foi uma tarde inteira com: vídeos, dinâmicas. Com mão na massa mesmo! Para que eles pudessem trabalhar isso! Aí veio uma profissional

focada neste tema... que também tem mestrado, doutorado nessa área. É! Para trabalhar isso com eles. E foi muito bacana!

(Sobre a escolha dos temas das formações). Então. Primeiro a gente faz uma consulta com eles. Uma conversa, um diálogo com esses representantes dos Grêmios e com as três redes, né? _ “O que é legal? O que vocês têm como desafio lá?”. Aí a provocação sai: “_Eu acho legal a gente não ficar só pensando em fazer gincana...”.

Como eles são jovens, ficam muito focados em fazer gincana, fazer festa, arrecadar grana... O Grêmio vai além disso! O Grêmio pode ser trabalhado na questão muito política mesmo! Porque eles estão num processo informativo. Mas também, o Grêmio pode ser um apoio para a direção da escola em todos os sentidos. Pode trabalhar projetos esportivos e culturais. De Meio Ambiente. De Cidadania. Então, tem uma série de possibilidades, só que para eles é tudo muito novo, né? Então, eu saio daquele plano cartesiano da sala de aula. Pedagógico, da matéria, caderno, lousa e professor, para uma atitude que depende de mim para as coisas acontecerem. Aí a gente dá esse suporte.

Tem escola que me chama e fala: _ “Ah, XXXXX, vem aqui bater um papo com os meus jovens para ver a cabeça deles. Para eles construírem”. Aí eu vou lá, construo um plano de trabalho com eles... Eu faço com que eles percebam que tem metas que podem ser feitos a curto, médio e longo prazo... _ “E o que a gente pode fazer agora? Quais são os desafios que vocês acham prioritários?” Aí eles levantam os desafios prioritários. Aí, a partir daí a gente fala: _ “Tá, e qual é o passo a passo para que isso aconteça? Vai depender do que?” _ “Vai depender disso. A gente tem que arrecadar isso. Tem que mobilizar isso, tem que mobilizar aquilo. Tem que conversar com ele, tem que conversar com aquele...”. E aí, como é que isso rola né... aí você vai ajustado né, vendo as possibilidades, e eles entre eles também tem muito conflito, “_ ah, mas ele não pode se reunir aqui. Eu escolhi ele e agora tenho que mudar o Presidente...”

Então o que é mais natural dessa faixa etária, Ensino Fundamental II e Ensino Médio é a evasão. A evasão, para qualquer projeto. Principalmente porque eles estão numa fase de escolhas e mudanças. Eles querem isso hoje, daqui a pouco eles querem outra coisa e daqui a pouco outra. Aí você tem que saber trabalhar com esses “querer” deles né...

É porque assim, o Grêmio Mirim é um desafio... esse justamente, porque assim... Eles são muito pequenos. Para você segurar a atenção deles é um outro tipo de metodologia de trabalho. Então, você tem que trabalhar muito com o lúdico, com a mão na massa, com coisas mais tarefas para que eles possam perceber a importância daquilo. Uma coisa mais de pensamento, de construção é mais a frente, é no Ensino Fundamental II. No I ainda é muito lúdico, eles pensarem...

(Sobre o fato de o contato ser ou não maior com o Ensino Fundamental II) Com o II e com o Ensino Médio [que não há nas escolas municipais]!

Eu te digo assim, como tem a XXXXX e a SEDUC tem como um programa, eu fico muito mais dependente das ações da XXXXX. Fico muito mais ligado ao Estado e às particulares... As particulares me chamam bastante também.

E aí tem uma grande diferença, né? Porque a escola particular, ela dá uma estrutura... Você vai no Grêmio do “Liceu Santista” ... é uma sala que todos têm computador. Eles tem *wifi*! É outra dimensão. Eles têm [inaudível]. Eles têm sofá. Eles têm um recurso que a direção deixa para que eles trabalhem... É outra coisa. Outra dimensão. Até os desafios deles. Eles ficam até brecados, tipo: “_A escola tem tudo, o que eu posso fazer?” Então eles pensam muito mais assim, mais para fora da escola. “_Ah na semana... sei lá. A escola faz uma semana de debates.” Então o Grêmio que vai atrás dos debatedores. O Grêmio é quem faz, sei lá... O Grêmio é quem constrói um cartão corporativo para os alunos, a questão da biometria... É uma outra situação, né?

É um outro mundo... os Grêmios da escola pública... Porque o Grêmio nasceu na escola pública, né? O Grêmio nasceu para apoiar a escola pública do Movimento Estudantil... que você deve ter... Então assim, era justamente para ser esse apoio da escola pública. É bem legal!

Tem um material... Vou te mostrar aqui. Que eu uso... converso com os Grêmios. Todos esses projetos... eles chamam de “Projetos focados na Questão Democrática”, né? Esses projetos que têm trabalho com... E o seu mestrado vai até quando? [Inaudível] Ah, isso mostra que você já encontrou um texto e ele vai te sugerir leituras e tudo mais para você poder fazer o texto final né... [trecho removido tendo-se em vista que o entrevistado permaneceu tirando dúvidas sobre a estrutura do Mestrado em Educação na UNISANTOS].

Assim, o nascimento desse interesse pelo Grêmio, esse interesse pela Gestão Democrática, dessa coisa toda. É muito forte nesse governo. Você sabe da onde nasceu isso? Porque eles estão impulsionando bastante coisa nesse sentido de... Primeiro, porque assim, Santos é uma cidade muito participativa no sentido da sociedade se desenvolver... Lógico a gente queria que fosse mais uma atitude...

Mas é mais uma questão temporal também... A gente fez vinte e sete anos do ECA. Agora nos vinte e nove anos da Constituição Federal. Então é uma Constituição nova, os estatutos, isso, novos, os marcos legais. Eles são muito novos. Então, até que a sociedade... ela se... É uma coisa muito individual minha, né? Se você pensar num problema que é coletivo... e não só seu... é uma questão... É uma outra geração, né? Essa geração, que agora está vindo, eu creio que vá ser uma geração mais antenada nas questões coletivas. Porque já está sendo trabalhada desde a base, né? Então assim, vou te dar um exemplo básico de uma atitude... Você só é provocada quando a árvore está incomodando. Você, no tamanho da árvore, os galhos dela. Ou a enchente que está na porta de tua casa. A boca de lobo que está entupida na porta da tua casa. Quando está lá na esquina o problema é do vizinho. Não é seu! Você passa, você acha um absurdo, mas você não vai sair da sua zona de conforto para... Entende? É isso que eu estou te falando. Esse tipo de atitude que às vezes é atitude do dia a dia, né? “_Ah, está lá a pessoa...” Você passa na rua, o cidadão... a população [inaudível] é invisível... Ela está lá! O problema é público! Saúde mental, [inaudível] é uma série de coisas. E quanto aquilo ali impacta na sua vida? Só vai impactar quando ele chegar para te assaltar ou porque ele vai chegar atrás de você... Entendeu? Mas para muitos ainda é vagabundo. E não é vagabundo... tem todo um... entendeu? É isso que eu estou te falando. É isso incorporado. Porque é coletivo. É um problema nosso, de toda uma sociedade. Então aí o que acontece...

Em Santos nós temos dois Conselhos que são muito fortes nessa questão, dessas duas temáticas... O da Juventude, que ele é focado de quinze a vinte e nove anos, né? Na parcela jovem de Santos, e o da [inaudível] CMDCA, o da Criança e do Adolescente de Santos. Os dois conselhos nas suas resoluções de Conferências, de tudo...

Eles colocaram isso como uma meta para administração pública assim.... Tem que ser trabalhado o Protagonismo Juvenil! Tem que ser trabalhada essa questão... não dá para ser só o adulto falando para a criança o que fazer. Justamente por causa da geração, né? Isso muda! Se você olhar os adolescentes do passado, você vai falar “_Meu, isso eu não fazia”, não é?

Hoje eles fazem isso, né? Hoje a criança já nasce mexendo no Iphone... Você fala assim “_Meu, era datilografia”. “_Caiu a ficha?” Era ficha, né?... Outro dia eu fui falar com os Grêmios... “_tá caindo a ficha de vocês?” Aí eles assim... [risos].

Na minha época tinha orelhão com ficha [risos]... Então, essas coisas que eu estou te falando assim... Os dois Conselhos têm resoluções muito fortes e o prefeito Paulo também. Nesse sentido. Ele é um prefeito jovem. Um prefeito que veio da militância da juventude,

então por isso ele criou a “Coordenadoria da Infância e Juventude”. Ele deu a diretriz para as Secretárias de Educação trabalharem...

(Sobre a existência de Grêmios antes da iniciativa de 2014). Existia, existia... Existia a preocupação, mas nesse governo está muito maior... A atenção ligada a esse tipo de política pública, né? Tem uma diretriz, né? Porque todo governo tem uma diretriz... Essa é uma diretriz. Nós temos diretrizes para trabalhar com a infância, com o adolescente, com a juventude e direitos civis. Já são Gestão Democrática. Então se você pegar os projetos da SEDUC, tem vários. Tem ouvidor. Tem isso tudo que eu te falei... muito focado nessa área.

Tinha uns vídeos que falavam também sobre o Grêmio Estudantil Deixa eu ver se acho aqui... Esse aqui é um dos materiais que a gente conseguiu para ir falar com o Grêmio Estudantil... Aí a gente foi falar primeiro para eles o que é Gestão Democrática. Tudo isso a gente vai jogando para que os jovens... vão respondendo. Hoje a gente traz algumas definições que estão lá no artigo quatorze da LDB e no Plano Nacional de Educação. A Gestão Democrática, ela pressupõe essa participação dos vários segmentos: comunidades, escolas, pais, professores, estudantes, funcionários em todos os aspectos da organização da escola. Então por isso são construídos esses processos de coparticipação. Essa participação insiste diretamente nas mais diferentes etapas da gestão: planejamento, implementação e avaliação. Isso é um triângulo muito bacana e... fica a dica para ti!

Para tu falar assim... e ganhar a atenção. Porque quem está na área acadêmica se liga muito nessa questão de legislação... O que te solidifica a isso, né? Então tem essa questão. Por isso é necessário que a gestão seja compartilhada, coletiva e participativa. Não só da escola, não só da SEDUC, mas para todos. E para que tudo isso aconteça, o primeiro alicerce é a participação... Sem a participação não tem como as coisas acontecerem, né? Ela deixa de existir! A participação significa presença. Sem a presença ela deixa de existir. E vontade, porque ninguém é obrigado a entrar ou a permanecer. O alicerce de tudo para gente é a vontade. Os valores objetivos têm de ser compartilhados. E mais do que isso. A informação tem que ser para todos!

Não dá para ser aquela pessoa... que só ela detém a informação. A informação tem que ser coletiva. Para isso aqui a gente... já ultrapassou a era dos índios que era só a fumaça, o sinal de chamar. Hoje a gente tem aplicativos como o *WhatsApp* e uma série de coisas que dá para a gente democratizar a informação para todos... as redes sociais vieram para isso, né?

Aí a gente faz uma outra pergunta: “O que são os Grêmios Estudantis?” Aí eles viajam, né? Quando você fala o que são os Grêmios Estudantis. Aí é um órgão composto só por estudantes. É um órgão que deve estar sempre preocupado em tornar realidade as aspirações da maioria dos mesmos estudantes. Nenhum representante do Grêmio deve ser remunerado. A participação é voluntária, né? Porque tem gente que pensa isso. Que tem que arrecadar. Sempre tem! E as possíveis áreas de atuação que aí eu desmembro mais para a frente. Bom, para que criar um Grêmio? Para que os alunos atuem na escola e na comunidade. Para que se desenvolva a capacidade de liderança, a aprender na prática a fazer política! “_Fazer política? Ah, mas fazer política é igual lá no Congresso? ” Todos nós fazemos política!

Aí eu dou um exemplo do que é fazer política. _ “Ah, o que é fazer política? Vamos lá! Eu quero um exemplo do que é fazer política”. Aí eles: “_votar no dia da eleição.” Não! Aí eu dou um exemplo assim: “_quando você quer ir para uma balada, quer sair com os amigos e o pai ou a mãe não deixa. O que vocês argumentam? Pode deixar que eu vou lavar a louça, vou limpar o quarto... vai ser sempre assim... Você está tentando fazer uma atitude política ali, né? Está tentando convencer”. Aí eu dou para eles algumas definições do que é política. Aí eu tenho várias assim, né? Desde a área que fala que política é a arte de conviver com diferentes. Então assim, eu vou falando para eles como é composto mais ou menos o

Grêmio, né? Eu dou uma estrutura básica, mas aí cada um tem uma configuração. Duas possibilidades de trabalho... nas áreas de trabalho. “_O que você pode trabalhar? Sugestões: montagem de peça de teatro, dança, exposições, desenho, cultura, festa...”.

Eu sou chamado, né? Aí eu não sei como eles fazem lá pela diretoria, mas quando as escolas me convocam, quando eu tenho essa chance eu vou lá e falo isso! Aí eu faço diversas possibilidades nas duas áreas. A parte de política pode ser: palestra, debate, vídeo, avaliação dos professores e de alunos no processo de aprendizagem, garantir o voto dos estudantes no Conselho de Escola... “_você participam do Conselho de Escola? O que é o Conselho de Escola?”. Então tudo isso eu vou mexendo muito com eles... [inaudível] a favor da Cultura da Paz, parceria com outras escolas, na área social e de cidadania, a Campanha do Agasalho, prevenção, gravidez precoce, embelezamento da escola. Porque eles reclamam muito da escola sucateada “_mas pera aí. Quem preenche a carteira é você!” Eu pego até um exemplo assim... “_Está vendo essa cadeira aqui? Quem foi que fez isso? Foram os professores? Foi teu pai que saiu da tua casa?” Tem que falar assim com eles... Foi aluno que fez! Então o aluno está responsável pela escola.

Então assim, grupos de discussões sobre preconceito e inclusão. Isso aqui é bem polêmico. Eles fazem mesmo, porque nessa faixa etária tem muito *bullying*, muita coisa...

Comunicação do Grêmio. O aluno pode montar rádio escolar, informar outros alunos, WhatsApp, redes sociais, participação na reunião dos Representantes de Classe, Conselho de Escola, tá? Tudo isso eu vou falando.

Aí eu falo que o Grêmio tem amparo legal sim! Tem lá na Lei Federal desde 1985 que assegura na Constituição de 1988, no artigo quinto, inciso oitavo. O ECA está lá no Estatuto da Criança e do Adolescente, entendeu? Isso tudo configura o tão famoso protagonismo juvenil que todo mundo fala... Esse é um debate prévio, assim...

(Sobre o envio pelo WhatsApp) Claro! É público [inaudível]. Aqui eu tenho uns vídeos muito bons. Eles que eu queria te mostrar... achei! Solange, você está dando sorte porque eu achei tudo [risos]. Deixa eu só abrir aqui. Tem arquivos tão antigos meus. Tem coisa de 2014, que eu não abro desde 2014.

E é da criação da coordenadoria... Deixa eu ver... Gestão Democrática... Esse daqui do “Voto não tem Preço e nem Consequência” é uma campanha da Justiça Eleitoral antes das eleições. Todo ano antes das eleições a gente faz uma campanha chamada: “O Voto não tem Preço mas ele tem uma Consequência”. Aí a intenção disso é despertar a conscientização do voto. Vou te dar um exemplo na prática de como isso é importante. Eu fui numa escola ali perto do Sesc. Ela é uma escola diferenciada porque tem muitos alunos do Guarujá. Os alunos pegam fretado para vir estudar em Santos porque acham que o ensino daqui é melhor. “_Tem certeza que [inaudível]...”. Os equipamentos da Ponta da Praia atendem muito à população do Guarujá. Postos de saúde, atendem muito! Por isso que na saúde isso foca muito, porque nossa rede acaba atendendo.

É! Tem aluno de Praia Grande que vem estudar em Santos. Tem aluno de Cubatão que vem estudar em Santos e usa a nossa saúde daqui. Os nossos cursos de Inglês e Francês aqui, tem vários alunos da Praia Grande.

E aí, eu fui falar sobre esse trabalho de: “O voto não tem Preço mas tem Consequência”. Fiz uma dinâmica com eles e fui perguntar: “_Vocês lembram nas últimas eleições em quem vocês votaram?” E aí eu tive uma que eu achei bem curiosa assim... tem três jovens lá que são do Guarujá. Aí eu fui pesquisar assim, [inaudível] coisas genéricas sabe... “_ah ninguém lá presta. Política só tem roubo...”. É o que a mídia reproduz, né? Então eu estou naquela coisa toda... Aí eles “_ Ah, eu votei no Tiririca”. Aí eu fui ver, eu fui atrás... Você acredita que o bairro “Morrinhos Três”, no Guarujá, aqui na região, das nove cidades, foi o bairro que teve o maior índice de votação no Tiririca? Justamente por uma população

totalmente desacreditada da ação política dos nossos representantes... Não estou aqui desqualificando o Tiririca, falando mal dele e tal. Mas é curioso porque a campanha dele foi uma campanha de zueira, né? Ele mesmo falava que não sabia o que ia fazer, exatamente. Entendeu? Então era uma palestra mais focada nessa questão política, de porque é importante votar, de desperdício de voto. Então é uma coisa mais focada nessa outra área.

Deixa eu ver se eu tenho alguma coisa sobre gestão política aqui... Eu tinha alguma coisa sobre Grêmio... Que é um debate de Grêmio Estudantil também, não deixa de ser, né? Essa coisa de acompanhar o candidato.

Sim, tem um negócio que eu vi no site da prefeitura... que fala de pronunciamento do Grêmio, da Justiça Restaurativa. Eu queria saber se você sabia alguma coisa sobre isso. Deixa eu ver se aparece. Eu vi na semana passada. Deixa eu ver se eu lembro onde está... [inaudível]

Ah, aí. É resgate dos Grêmios. Aqui eles tão falando assim... oh, vamos lá... “Santos Educador! A área da Educação recebeu projetos, [inaudível] para isso foram criados programas como “Coordenadores de Pais” em parceria com a “Comunitas” e a “Fundação Itaú Social”. Aí depois a “Justiça Restaurativa” e o “Resgate dos Grêmios” ... é outra coisa. Então, eu não sabia se isso aqui era só em relação a esses Coordenadores de Pais ou se também tinha a ver com o Programa de Justiça corporativa e de Grêmios... sim, mas se tem alguma coisa de parceria com o público-privado isso do Itaú Social... Não né?! [inaudível] o da Fundação Itaú, porque a Fundação Itaú tem um projeto chamado... [inaudível] para a Educação Integral.

Entendeu? Aí ele trabalha essa questão da escola com as [inaudível] de Pais e Mestres... Ah, então tem essa parceria pelo menos financeira? Porque assim, o Grêmio se vira sozinho então, né? Ah, uma pena, porque se tivesse um dinheirinho ajudava, né? É... Tanto para o bem quanto para o mau, né? Porque para não virar uma questão de dependência..., porque né... E outra, para que os jovens possam ir atrás de possibilidades que não sejam somente na questão de falta de recursos, né? Estou falando assim, por exemplo, gincanas, palestras, cursos, seminários e outras possibilidades que não sejam só a arrecadação.

Foram seiscentos e quarenta e cinco jovens que fizeram essa pesquisa. Eu estou à disposição, se precisar..., mas assim, em resumo, o que tu quer apresentar? Qual é a sua proposta? É, é o que eu estou te falando... assim. Quando é uma diretriz da gestão do governo, as coisas acontecem! E aí, a gestão é muito maior. Agora, quando é uma coisa assim, pontual de uma ou outra escola e que quando muda a direção... porque tem muito isso, né? De um ano a outro, muda a direção da escola, muda [inaudível]. Aí acaba ficando para pessoas, isso... e não é para pessoas, é para a gestão! Tem que ser projetos para a escola e não projetos para uma pessoa, né?

E no Grêmio acontece muito isso... sai aquele aluno que faz tudo, acabou! E aí você tem que “empoderar” os outros, né? Passando o bastão! Então, o interessante é isso, o porquê que ele se importou com isso, né? Porque está muito latente. Você vê em várias iniciativas levando para outros... levar para as pessoas a participarem...

O governo tem como meta essa questão de trabalhar o protagonismo da sociedade, do jovem. Ele ser o agente transformador da sua realidade... O governo tem essa intenção. Todo mundo fala que Santos é uma cidade de idosos, né? Se tu pegar o último IBGE, tem oitenta e um mil idosos e noventa e três mil jovens. Se concentra mais idosos na parte da Zona da Orla, Intermediária... Mas agora se pegar a Zona Noroeste... são todos mais jovens. Então o prefeito tem essa meta de trabalhar o empoderamento do jovem na sua cidade. O jovem quer [inaudível] a maior cidade e que cada vez mais faça o melhor para se desenvolver! [Agradecimentos e despedida].

ENTREVISTA REALIZADA COM G.B.

- ❖ G.B. é diretor em uma UME e está ligado ao processo de gestão de um Grêmio. Este entrevistado está instaurando modificações, adaptando o projeto e o Estatuto à realidade da unidade educacional.

Início da fala de G.B. - Tá! Começa aqui? Tá... Então está bom. A UME (nome da escola), ela ficou durante muitos anos com a gestão da diretora XXXXXX. Então ela... A XXXXX tinha um perfil de gestora, um perfil de escola. Nessa época não havia um trabalho formalizado de Grêmio, né? Esse trabalho começou na administração, no movimento da Secretaria... da Secretaria de junta [inaudível] mais ou menos no ano de... foi na primeira gestão, né? Na gestão passada... 2014, né?! Então, mais ou menos nessa época aqui na escola nós começamos um movimento de Conselho Estudantil. Então, nós fizemos eleição. Reunimos os alunos Representantes de Classe e começamos a fazer plenárias de discussão. Discussão mensal, para articular esse movimento dentro do grupo, para que eles pudessem se colocar, né? E o que acontece... Esse movimento, ele é interrompido, né? Eu fui para o (nome da escola), né? A acho que nesse mesmo ano, não é isso?

É, porque... foi isso né? Porque 2000 eu vim para cá.... Eu sou meio ruim de data... Eu fiquei no (nome da escola) no ano de...? 2015? Não, 2014! Exatamente! Eu comecei esse movimento aqui no final de 2013 para 2014. Iniciei esse movimento aqui no início de 2014. Aí ele pára com a minha saída.... Vou para o (nome da escola). Volto em 2015... retomo o grupo. Aí já são outros alunos, né? Alguns permaneceram, mas alguns foram embora. Aí é uma outra composição de Grêmio, né? E aí eu também faço uma avaliação.

A própria SEDUC começa a perceber que na formatação inicial o Grêmio era dirigido por um coordenador da SEDUC. E aí eles começam a perceber que a articulação tinha que ser interna. Então eles evocam a figura do professor dentro da unidade. Aí vem a parceria da professora XXXXX que é a nossa colaboradora aqui dentro. E começa-se junto a essa retomada das plenárias. Uma identificação do grupo. Porque aí não é o Grêmio “Movimento SEDUC” é o Grêmio (nome da escola). É o movimento interno, né? E aí qual é a nossa proposta enquanto segmento? **Aqui a gente se reúne em plenária uma vez por mês. Então existem assuntos que eu pauto, enquanto gestora, porque eu sinto a necessidade de... e existem assuntos que eles pautam. Esse amadurecimento, deles trazerem assunto para a plenária, vem com o passar do tempo, né? Porque esse sentido de pertencimento vem à medida que eles começam a perceber que eles na realidade eles não são alunos só... mas são integrantes de um Conselho Estudantil cujo movimento político articulador é necessário para que haja uma mudança no ambiente, né? Então o próprio Grêmio participa aqui. Entra-se também... a figura esse ano... no ano passado né, 2017. A figura do Aluno Ouvidor, né? Dessa figura. Então aqui a nossa plenária, ela é composta de Representante de Classe, vice integrantes... Diretoria do Grêmio e Alunos Ouvidores. Então nossa plenária é... É enorme!**

Professora Articuladora do Grêmio e Equipe Gestora. Então o que a gente faz... As pautas geradas na plenária, elas alimentam as REFUNs e as RAPs e RPS. Os assuntos tratados lá, eles são levados e vice e versa... Então há uma troca, né? Então nós conversamos sobre recursos públicos. No começo daqui, houve uma discussão. Houve até um estremecimento, né? A respeito do... Porque como eles são menores. Eu não sou partidária que o Grêmio mexa com recursos. Porque eles são menos, né? Mas acredito que eles tenham que saber da gestão financeira da escola. Eles têm que entender como é feito, como são os

gastos. Eles têm que entender o quanto custa. Então, por exemplo, eles reclamavam das cortinas. Aí o que a gente fez. A gente trocou as cortinas dos pequenos e desceu a cortina deles para cá. Esse ano a gente conseguiu fazer um investimento de quatro salas, das oito que eles ocupam... das salas ambientes. Quatro salas a gente conseguiu trocar. Agora só faltam quatro.

A própria proposta de sala ambiente, que é uma proposta da nossa escola... também foi jogada em plenária para discussão... “_E aí? A sala ambiente é ou não é viável? É boa ou não é boa? O que precisa melhorar? O que vocês propõem para melhorar esse movimento da sala ambiente?” Então eles levaram para o grupo classe. Jogaram a discussão para o grupo e, trouxeram as sugestões. Trouxeram para a plenária. Então eles começam a entender que é uma troca, né? Vai e volta!

Então eu percebo que hoje, que esse ano que passou, 2017, houve um amadurecimento... porque hoje eles começam. Aí depois, desde 2014, esse movimento... houve uma interrupção. Tudo bem. Vamos imaginar, desde 2015, a retomada em 2017. Começa a se perceber o papel do Conselho Estudantil, né? O papel que o aluno desempenha dentro dessa dinâmica.

O Grêmio Mirim que aqui no.... A faixa etária deles, dos nossos, são do sexto ao nono ano. Não pega do Fundamental I, a nossa clientela, né? Nossas pautas, elas discutem vários assuntos. Tanto o contexto pedagógico da escola, a questão da infraestrutura, a questão do tratamento. Então é algo meio transversal. Atravessam todos os assuntos que permeiam o cotidiano escolar. Calendário de atividades deles, a gente discute. O que eles querem como atividade ou não e quais as consequências de... Os custos envolvidos nisso. Eventos esportivos ou culturais. Porque eles comentaram numa plenária, que eles levantaram, que eles ficavam cansados de ficar dentro da sala de aula. E aí a gente propôs: “_então tá. O que vocês querem como projetos de atividade de extra classe?”. Aí eles propuseram uma lista. Aí eu levei para a RPS, para a RAP, para nossa reunião de Equipe. Eu levei e passei para a nossa coordenadora: “Olha, eles estão cansados. Eles querem atividades.” Então por meio disso a gente começou a promover algumas atividades, né? E a minha... a própria sala ambiente já foi pensando nisso.

O objetivo que se pretende formar é um aluno muito mais posicionado politicamente, né? No final do ano eu fiquei até muito feliz. Vou até contar uma experiência para você. Um dos nossos integrantes, né? Um Aluno Ouvidor. Ele é um aluno bem articulado. Ele tinha uma reunião no final do ano. Todos os Alunos Ouvidores foram chamados para terem uma reunião no gabinete do Prefeito. E aí... era aquele finalzinho de ano. Eles já estavam vindo bem poucos para a escola e tal. E aí eu vi que ele estava no *Messenger* e aí eu chamei: “_E aí? Você está sabendo da reunião, né?”. _ “Tô, tô. Já me ligaram”. _ “Você vai né?”. _ “Vou!”.

_ “Oh, não vai fazer feio lá!” Brinquei com ele. _ “Não! Eu já estou com a minha pauta pronta!”.

Então, ele já entende essa dinâmica... que se vai para uma reunião de discussão, você tem que ir com uma pauta! Não é ir por ir. Você não vai lá para bater papo. E aí me falaram: “_Oh XXXXX, não é para mandar ninguém. Eles vão sozinhos...”. Aí eu falei: “_Beleza, que ótimo, vão lá!”. E aí depois eu liguei: “_E aí? Como eles se saíram?”. “_XXXXX, eles foram maravilhosamente bem! Eles se colocaram! Os da UME (nome da escola) se colocaram muito bem!”. Então é isso! Isso é o que se espera, que eles saibam se colocar de uma forma que... (O entrevistado pediu pausa na gravação para resolver algumas questões da escola, já que estava sendo entrevistado em seu ambiente de trabalho).

É impacto! Diferencial nas escolas! É, aqui, o que eu percebo! O que eu posso perceber no grupo, né? A gente, integrante do Conselho... é uma atitude muito mais amadurecida, né? Frente às situações da escola, porque há um sentido de pertencimento.

Porque os alunos, eles sabem que fazem parte de algo maior. Eles sabem que fazem parte desse contexto. Fazem parte dessa tomada de decisão. Eles podem se colocar abertamente dentro de uma plenária, que eles vão ser ouvidos, né? Então, que a opinião deles é importante nessa construção coletiva, né? Então a escola aqui... o que se espera, né? Foi uma coisa que a gente... eu até coloquei no vídeo lá, que a gente produziu. É que quando eles saírem daqui eles percebem que para construção da sociedade é a mesma coisa. Se eles querem mudar um pequeno espaço, um micro espaço como a escola, é preciso esse posicionamento político! Uma comunidade, um bairro, também! A sociedade como um todo! Da mesma forma! Tem que existir esse tipo de engajamento! Não engajamento de militância, de grito, sabe? De baderna. Mas tem que ter esse tipo de posicionamento, né?

E a escola por sua vez, a Equipe Técnica, ela tem que abrir esse espaço. Porque, se não houver essa abertura de espaço político dentro escola, o há? Você está reproduzindo na realidade, uma ditadura, né? Onde se dá ordens e as pessoas obedecem, quando na realidade tem que se abrir algumas coisas. São normas que tem que ser estabelecidas e ponto. Mas tem coisas que são discutíveis!

(Sobre a adaptação do projeto de Grêmios nesta UME) Exato, exato... Os frutos colhidos, eu percebo, que o nosso... está aqui o nosso Supervisor que não nos deixa mentir.... Eu percebo que os nossos alunos aqui, eles têm um perfil diferenciado. Eu percebo isso até nos professores que vêm trabalhar aqui. Os professores de Fundamental II, eles disputam para vir trabalhar atualmente na nossa escola. Eles falam que aqui é diferente! O perfil da escola é diferente, o perfil dos alunos. São diferentes, porque na realidade, na... porque na realidade, o que acontece? Os professores, eles percebem que aqui, existe um posicionamento diferente. Nós temos alunos que são danados? Lógico! Todo o lugar tem! Mas os alunos, eles têm um diferencial, né? Eles começam a perceber o papel deles. O que a gente espera mesmo. Que tenha esse posicionamento, né?

Então, o projeto futuro, né? Os projetos futuros, é que esse Conselho Estudantil... ele perpetue, que não seja um movimento somente meu enquanto gestora da unidade, né? Porque ele já faz parte do Projeto Político Pedagógico da escola. Então, independente da diretora que estiver ocupando o cargo aqui. Ele faz parte, né? Daqui! Tanto que o que se pretende aqui, agora, é que eles construam o Regimento Interno, né? Então agora, assim... então a gente já tem um grupo, então. Eles já estão amadurecidos para construírem o próprio Estatuto que vai regimentar, que vai nortear a lei de convívio aqui dentro... Da mesma forma que na sociedade, eles vão ter que um dia. Implementar leis, né? E lutar para que essas leis sejam cumpridas, né? Que façam valer, né?

E... não existe atualmente movimentação entre o nosso projeto e outros segmentos estaduais e municipais, assim, nacionais digo, nem interacionais. Não existe, nenhuma ligação. Por enquanto é um movimento da escola, né? Existe um projeto da SEDUC em relação ao [inaudível] e existe um movimento da UME (nome da escola).

Encontro com o Conselho Estudantil... que é esse diferencial, né? E a professora que atualmente ajuda é uma professora de História. Ela é uma professora bem engajada porque ela já está na escola há muito tempo, né? É a professora XXXXX. Ela tem um posicionamento e uma identidade muito grande com a comunidade. E em relação à Equipe Técnica, todos os membros da Equipe Técnica, em determinado momento eles participam da plenária. Eles não participam todas as vezes ao mesmo tempo. Mas hora é o Coordenador que participa, hora é a Assistente, hora é o Orientador... Eu nunca faço uma plenária sozinha, né? Porque eles precisam... para todo mundo ficar ciente, né? Alguém está sempre comigo redigindo essa ata, me alimentando. É isso, né? Faz... porque está ali. E eles mesmos observam algumas coisas. Porque essa leitura... porque uma coisa é a leitura que eu faço do Conselho e outra coisa é a leitura que cada um faz, né? Essas leituras se complementam, né? E vão fazendo parte de um todo. Eu espero que esse grupo agora, de

2018, sejam ainda alguns elementos e outros, né? Porque agora a gente vai receber aí novos alunos do sexto ano. Então esse Grêmio está sempre se alimentando. Então esse Conselho está sempre saindo e chegando mais gente, né? Então é sempre assim.

E agora... e tem uma outra coisa... porque assim... eles percebem. Porque essa representatividade escolhida pelo grupo da classe. E aí até esse amadurecimento, de quem eles escolhem como seus representantes. Porque essa pessoa precisa ser assídua, precisa ter interesse de participar de todas as plenárias, né? Porque não adianta você escolher um representante de classe que não tem interesse em discutir em plenária, né? Então, esse amadurecimento o grupo tem que ter, né? Quem são os seus representantes? Quem vai ser o seu porta voz?

Eu lembro, em 2017. Eu entrei numa classe que não queria escolher um representante. Não queria! “_ Ah, mas para que que é? Para que que não sei o que...?”. “_Então gente... vocês que sabem! Se... não querem escolher... Então essa classe aqui vai ser como uma cidade sem prefeito... Aí vocês vão seguir a boiada. O que o Conselho decidir vocês vão ter que acatar! Porque quem não tem representatividade aceita o que vier... Se para vocês está bom. Tudo bem! Se para vocês está bom isso! Aí... é a gosto do freguês! Eu não vou discutir isso com vocês. Eu não vou entrar nesse mérito. Então, aí depois eles escolheram. A princípio eles escolherem até um representante que não.... Depois foi outro.... E aí eles amadureceram. Tem grupo que escolhe representantes que são assíduos, que são pontuais, que estão em todas as plenárias. E... e até isso eles começam a perceber, né?

É a mesma.... que é um reflexo da sociedade. O que a gente tem hoje é um reflexo daquilo que a gente elegeu, não é? A gente não pode reclamar. A gente que pôs lá! Então toda essa reflexão, todo esse exercício de cidadania é válido, né? Porque é um micro espaço de tomada de decisão que vai ensiná-los que pequenas decisões incorrem em grandes decisões! E é isso!

(Sobre o projeto de reescrever o Estatuto unificado do Grêmio, adaptando-o às necessidades da escola). É... de não pegarem aquilo lá e pronto e acabou. É, a gente quer fazer o nosso interno, né? Tem o Estatuto que é o oficial. Mas tem as nossas normas aqui que precisam ser caracterizadas, né? Que precisam ser regimentadas, né? E é isso aí. Esse é o nosso objetivo para 2018! [Agradecimentos e despedida].

Anexo I



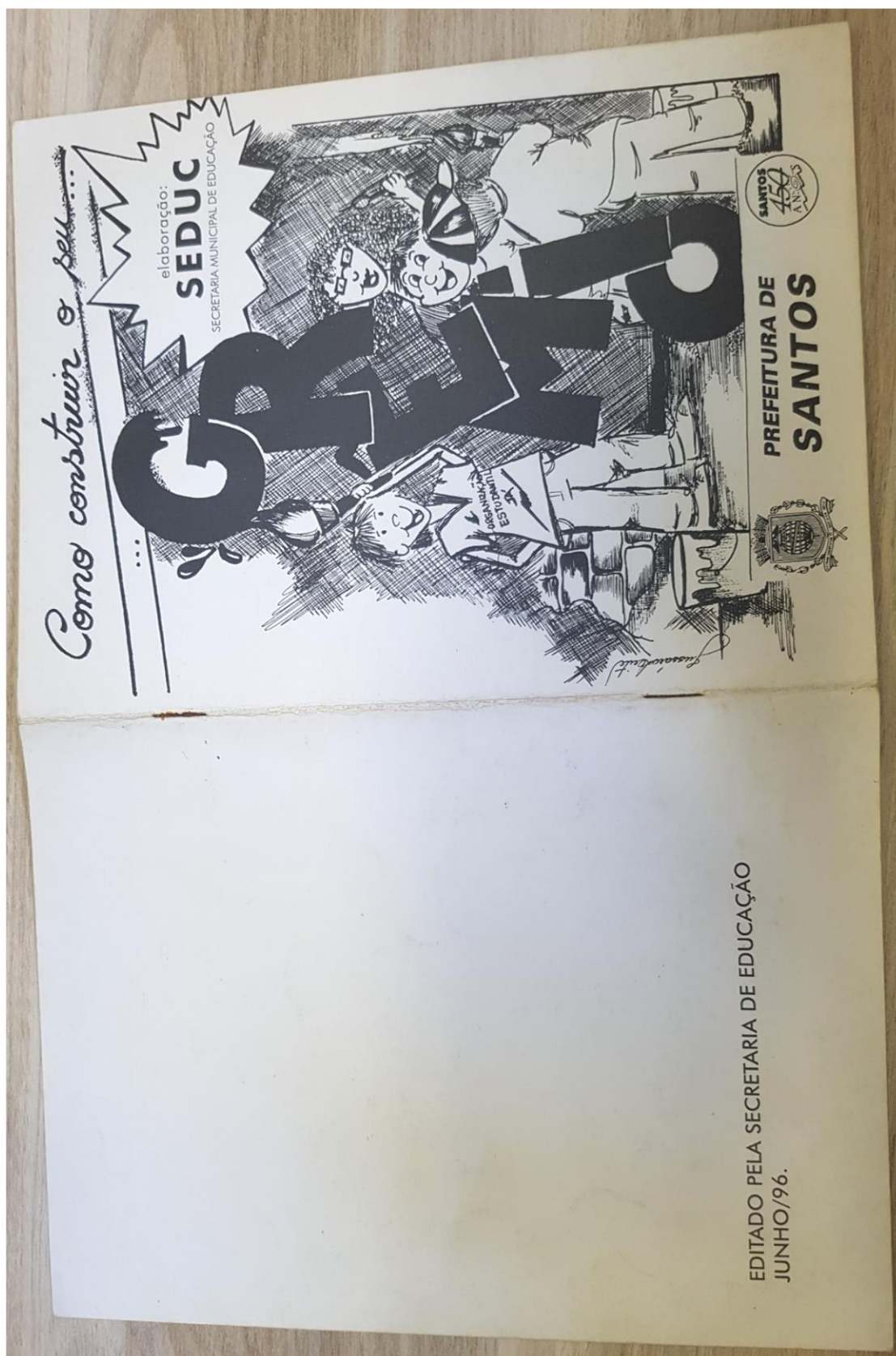
Jornal Educação Urgente

ANEXOS RELACIONADOS AO PROJETO DE GRÊMIOS NAS GESTÕES TELMA DE SOUZA E DAVID CAPISTRANO

Neste anexo serão disponibilizados os seguintes achados:

1. Cartilha Grêmio Livre Já de 1996. p. 402
2. Publicação sobre o início dos Grêmios nos anos 1990. p. 410
3. Recortes do D.O. Urgente, do jornal Educação Urgente e de outros documentos que referenciam os Grêmios Estudantis. p. 411

1. Cartilha do Grêmio - 1996



Dentre os vários momentos importantes que ocorrem na vida de cada um de nós, com certeza o período escolar tem um significado muito especial. É a partir da escola que os seres humanos ganham uma qualificação indispensável como cidadãos, dominando a comunicação e desenvolvendo a produção do conhecimento.

É também na escola que começamos a dar um significado aos laços de amizade, de solidariedade, de construção coletiva, de integridade do homem, de amplitude para a vida.

Mas, mais que isto, temos a oportunidade de nos formar como agentes sociais, capazes de pensar e interagir junto aos elementos que compõe a dinâmica social, dando um sentido à construção histórica do universo ao qual nos encontramos.

Os estudantes configuram o núcleo escolar, para onde devem fluir todas as ações e os esforços em prol da Educação. Mas não podemos esquecer que o processo educativo só se desenvolve a partir da relação estabelecida entre o educador e o educando.

Neste sentido, há a necessidade de que os segmentos que compõem a comunidade escolar se façam presentes neste universo de relações, com objetividade e disposição de alcançarem metas comuns, assegurando a qualidade e a eficácia do ensino.

Como sujeitos de direitos, e imbuídos pelo espírito de responsabilidade que lhes cabe neste processo, com respeito e com o sentido de parceria aos demais segmentos da escola, cabe aos estudantes promoverem a organização necessária para o funcionamento e organização do Grêmio Estudantil, sendo a representação direta e legítima de interlocução junto aos mecanismos democráticos de participação na vida escolar.

Esperamos que esta cartilha sirva como mais um elemento que contribua na formação deste organismo de participação dos estudantes, para que juntamente com o Conselho da Escola, a Equipe Técnica, os professores, os funcionários e os pais, possamos estreitar as relações no ensino público e contribuir para o sucesso da Educação em Santos.

MAURÍCIO HOMMA
Secretário de Educação

DAVID CAPISTRANO FILHO
Prefeito Municipal de Santos

Claudia C. Souza

ÍNDICE

1 - O QUE É GRÊMIO	02
11 - PARA QUE SERVE O GRÊMIO	02
111 - COMO FORMAR O GRÊMIO	03
11 - DIRETIVAS	04
a) Assembleia Geral dos Estudantes	04
b) Estatuto do Grêmio Estudantil	07
c) Comissão eleitoral	08
d) Formação e inscrição das chapas	09
e) Campanha eleitoral	10
f) Eleição	11
g) Aproximação	12
h) Posse	12
i) Livro Ata do Grêmio Estudantil	13

7 - O QUE É GRÊMIO?

O Grêmio Estudantil é a entidade que representa os alunos de uma escola. Essa entidade é autônoma, portanto sua organização é livre. Quem constrói o Grêmio são os estudantes.

São sócios do Grêmio todos os alunos matriculados na escola. Qualquer aluno pode se candidatar ou exercer algum cargo do Grêmio independente do desempenho em sala de aula.

77 - PARA QUE SERVE O GRÊMIO

O Grêmio tem a função de fazer valer os interesses e direitos dos estudantes através da participação nas decisões e deliberações da escola, visando sempre o seu crescimento.

O Grêmio pode tornar a escola mais interessante e atrativa promovendo:

- Atividades culturais como mostra de teatro, festivais de música, sessões de vídeo, jornal informativo, oficinas de dança;
- Atividades esportivas como campeonatos inter-classes, torneios inter-escolas;
- Eventos sociais como festas, excursões, bailes.



A intenção do Grêmio não é brigar com a direção ou com os professores, mas sim, construir junto com eles a escola dos nossos sonhos: bonita, crítica e democrática.

COMO FORMAR UM GRÊMIO?

- 1) A diretoria antiga marca a Assembleia Geral dos estudantes, divulgando a data e a ideia de formar o Grêmio em todos os períodos. Se não houver ninguém da última geração na escola, então quem marca são os representantes de classe ou os estudantes interessados em criar a entidade;
- 2) Os alunos ou a antiga diretoria organizam um esboço do Estatuto do Grêmio e discutem com os alunos. O Estatuto pode ser feito com base em um modelo oferecido pela UES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) que precisa ser adaptado de acordo com a realidade de cada escola;
- 3) Já na Assembleia o Estatuto é discutido e aprovado. cria-se uma Comissão Eleitoral e marca-se o dia da eleição;
- 4) As chapas se inscrevem na comissão eleitoral e começam a fazer campanha, mostrando aos alunos suas propostas;
- 5) A diretoria é eleita, o Grêmio toma posse e começa a funcionar.



999 - DICAS NÍVEIS:

a) Assembleia Geral dos Estudantes:

É o órgão máximo de deliberação dos estudantes porque congrega todos os alunos, permitindo a livre manifestação de pensamento, e decidindo tudo conforme a vontade da maioria. Quanto mais alunos participando mais democrática ela é. Todos tem direito a voz e voto.

É na Assembleia onde:

- é aprovada através da maioria dos votos o estatuto do grêmio estudantil que se formará.
- é formada a Comissão Eleitoral também através do voto.
- é definido o período de inscrição.
- é definido o período da campanha eleitoral.
- é marcada a data da eleição.
- são discutidos outros assuntos sempre com a participação e direito a voz de todos.

O dia da Assembleia deve ser marcado com bastante antecedência para que todos os alunos participem. A divulgação também é importante, e pode ser feita através de cartazes, através dos representantes de classe, e com a ajuda dos professores.

Alguns alunos não se interessam em participar porque não entendem para que serve a Assembleia, por isso o segredo para maior participação de todos é explicar qual sua finalidade, de uma forma clara, conscientizando-os de sua importância na construção do Grêmio Estudantil.

Para realizar a Assembleia é preciso respeitar o quórum exigido no estatuto do Grêmio. O quórum define o número mínimo de sócios que devem estar presentes na Assembleia para que ela seja legítima, e normalmente é de 5% dos alunos matriculados na escola.

O ideal é que seja feito em local espaçoso, de preferência no anfiteatro (se tiver) ou no pátio. Se a escola for grande também seria bom usar equipamento de som. Por isso é bom conversar com a direção para acertar todos esses detalhes.



COMO CONDUZIR UMA ASSEMBLÉIA

Para conduzir uma Assembleia é preciso uma mesa coordenadora. Devem fazer parte da mesa o presidente da mesa, a secretária da Assembleia que elaborará a ata, um auxiliar de mesa para coordenar a inscrição de oradores, e convidados do Grêmio ou do Presidente da Mesa Coordenadora. É necessário tomar cuidado para que a reunião não seja muito longa e causativa para não desmotivarem os alunos.

O Presidente deve abrir os trabalhos, conduzir e encerrar a reunião de maneira imparcial. Para tanto sugerimos o seguinte roteiro:

- 1 - Verificação de quórum: Caso não haja quórum para iniciar a reunião, aguardam-se 30 minutos para segunda convocação.
- 2 - Declaração de abertura da reunião.
- 3 - Leitura da ordem do dia. São falados os assuntos a serem tratados na Assembleia.
- 4 - Exposição dos assuntos tratados pelo presidente da mesa ou por membros escritos, estabelecendo limites de tempo para cada fala.
- 5 - Apresentação de propostas, referentes ao assunto em questão.
- 6 - Discussão obedecendo a ordem da inscrição.
- 7 - votação das propostas.
- 8 - Encerramento. Lê-se a ata redigida, contendo um resumo da Assembleia. A ata deve ser aprovada e assinada por todos os presentes.

6) Estatuto do Grêmio Estudantil:

Qualquer associação precisa de um estatuto, porque é o documento que fixa os seus objetivos e finalidades, caracteriza os sócios e atribui direitos e deveres. Com o Grêmio Estudantil também é assim. O Grêmio eleito não pode fazer tudo de acordo com sua vontade, ele precisa seguir as normas do estatuto que foi discutido e aprovado pelos estudantes em Assembleia Geral. O estatuto é a garantia dos alunos de que o Grêmio eleito vai de fato representá-los, por isso é importante a intensa participação de todos na sua elaboração.

Existem alguns modelos de estatuto como o da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), os quais se pode tomar como base para a discussão, porém, eles devem ser adaptados à realidade de cada escola, e aos desejos de seus estudantes.

O ideal seria que os alunos tivessem um grêmio conhecedor do que é o estatuto, para poderem elaborar propostas, amadurecendo assim a discussão na Assembleia. Para isso pode-se entregar o modelo de estatuto para os representantes de classe discutirem com os colegas de sala, favorecendo, desse modo, o surgimento de grupos discussões. Também é bom fixar os modelos em murais da escola.



As atividades que forem surgindo no decorrer do processo de formação do Grêmio, e que talvez não encontrem explicação nesta cartilha, podem ser esclarecidas no Estatuto aprovado em assembleia.

c) Comissão Eleitoral:

É eleita na Assembleia Geral. Os alunos interessados se candidatam e são votados. O número de membros da comissão é definido na Assembleia.

A Comissão eleitoral tem a responsabilidade de fiscalizar todo o processo eleitoral, desde a inscrição das chapas até a apuração.

A Comissão deve:

- Divulgar o período de inscrição das chapas
- Fazer a inscrição da chapa;
- Verificar se as chapas estão de acordo com o Estatuto aprovado e se os seus membros são matriculados na escola;
- Fiscalizar as campanhas;
- Preparar lista dos votantes antes da eleição;
- Confeccionar cédulas e cabine de votos;
- Apurar os votos;
- Divulgar o resultado da eleição, assim como o número de votos para cada chapa.

A Comissão eleitoral deve ter caráter totalmente neutro e imparcial, por isso deve ser composta por membros de todos os períodos da escola, que não pertençam às chapas.

d) Formação e inscrição das chapas:

A formação das chapas deve estar de acordo com a seção relativa a Diretoria que consta no estatuto aprovado na Assembleia. Exemplo: Se no estatuto consta que a Diretoria deve ser composta por 13 cargos, então a chapa deverá ter 13 membros candidatos à eleição.

As chapas deverão se inscrever com a Comissão Eleitoral no período determinado na Assembleia. As inscrições devem constar no Livro Atas do Grêmio.

Para montar uma chapa seria bom envolver alunos de todos os períodos e de várias séries para que se for eleito, possa representar melhor toda escola.

Qualquer estudante tem direito de fazer parte de uma chapa ou de formar uma, exceto se não for matriculado na escola, ou se fizer parte da Comissão Eleitoral.



g) Ajustação:

Antes de abrir a urna deve se definir os membros que vão apurar. Geralmente a Comissão Eleitoral e 1 representante de cada chapa concorrente. A mesa apuradora deve estar limpa, sem cancelas, e uma das formas de fazer a contagem pode ser ditando, facilitando a visualização de todos que acompanham a apuração. Ao terminar, a Comissão Eleitoral e a antiga diretoria não devem esquecer de registrar no livro Ata todo o processo da apuração (chapas que concorreram, chapas vencedora, número de votos para cada chapas).

Os votos devem ser lacrados novamente, e entregues no dia da posse para a chapla vencedora, que deverá guardá-los sem violar o lacre, para o caso de alguma chapla entrar com recurso.

h) Posse:

O essencial da posse é a entrega do livro Ata preenchido com todos os dados da antiga diretoria para a chapla eleita. Quem entrega o livro é a antiga diretoria, ou a Comissão Eleitoral.

Modelo de termo de posse:

Termo de posse da diretoria do Grêmio. Nesta data, presente todos os membros da diretoria do Grêmio _____ da EMPIG

_____, dei posse aos mesmos, que eleitos legalmente na forma do estatuto da entidade, prometeram cumpri-lo e fazer cumpri-lo, ser fidedignos ao espírito grêmista e solidários à comunidade escolar, objetivando o engrandecimento do Grêmio Estudantil e do ensino. Santos, _____ de _____ de 19____.

Empresário:

(Presidente do Grêmio ou da Comissão Eleitoral)

Empresários:

(cargo, nome e assinatura)

i) Livro-Ata do Grêmio Estudantil:

O Grêmio deve possuir um livro próprio para o registro de todas as reuniões. Esse livro deve conter páginas numeradas e rubricadas, termo de abertura e termo de encerramento.

Modelo de termo de abertura:

"O presente livro contém 100 folhas numeradas tipograficamente de 001 a 100, que servirá de Livro Ata nº _____ do Grêmio Estudantil _____ da Escola _____, com sede na rua _____ nº _____, Santos, Estado de São Paulo. Santos, _____ de _____ de 19____.

Ass. do Presidente em exercício"

Modelo de termo de encerramento:

"O presente livro contém 100 folhas numeradas tipograficamente de 001 a 100, que servirá de Livro Ata nº _____ do Grêmio Estudantil _____ da Escola _____, com sede na rua _____ nº _____, Santos, Estado de São Paulo. Santos, _____ de _____ de 19____.

Ass. do Presidente em exercício"

Modelo de Ata da Assembleia Geral:

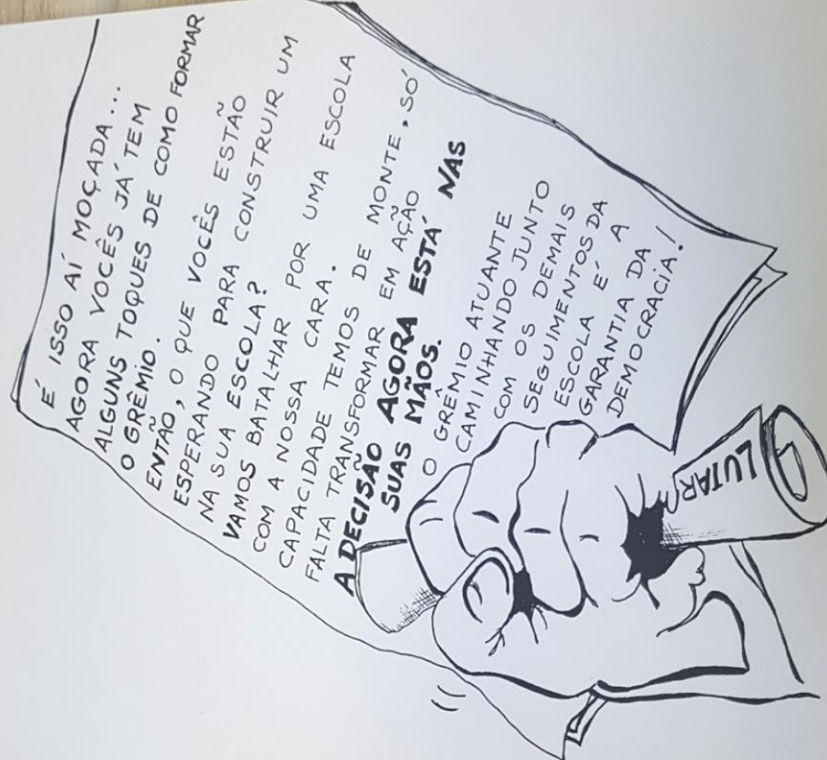
Ata n° _____ da Assembleia Geral dos Estudantes do Grêmio Estudantil
da EM _____, do ano de mil novecentos e noventa e
dois, às _____ horas, em primeira (ou segunda) convocação, reuniram-se,
conforme o Edital n° _____, em assembleia Geral, os sócios do Grêmio
da EM _____, situada na
Rua _____, n° _____, em
_____ sob a presidência de _____
(nome e cargo)
o qual, verificado ~~antes~~ o quórum regimental, convocou para fazer parte da mesa
coordenadora os seguintes membros: _____
(especificar nomes e cargos)

Composta a mesa, designou _____ (nome) _____ para
secretários a Assembleia. Dando início aos trabalhos, procedeu à seguinte leitura da
ordem do dia (resumo do ocorrido): _____.

Foi deliberado através da maioria dos votos que: _____
Nada mais havendo a tratar, o Presidente
agradeceu a presença de todos e deu por encerrada a assembleia à qual eu,
secretário e laurei a presente Ata
que, após lida, achada conforme e aprovada, segue assinada pelos presentes.
Santos, _____ de _____ de 19 _____.

ass. do secretário _____ ass. do presidente _____

Seguem as assinaturas dos presentes: _____



2. Publicação sobre o início dos Grêmios nos anos 1990.

Educação Urgente Página 7

Discussão começou em classe "bagunceira"

Quando, há 5 anos, a professora Amélia Fontes dos Reis Pires de Campos teve como idéia discutir direitos humanos entre alunos de 3ª série de 1º grau, de uma classe considerada bagunceira, da EMPG Cidade de Santos, não imaginou o quanto de resultado ia conseguir: a classe começou a render mais e o seu trabalho individual foi ampliado por mais três professoras (Leila Raccine, Sílvia Ventura e Ari-mar Martins Campos). Para Amélia Fontes foi o começo de um projeto alternativo, individual, que, agora, com o convênio assinado com a Anistia Internacional, será implantado em toda a rede.

A idéia de discutir direitos huma- nos surgiu diante do trabalho desen- volvido pelo marido de Amélia para a Unesco, sobre Educação para a Paz. Nesse ano, na Semana da Criança, Amélia resolveu ler para seus alunos os direitos das crianças e pediu pes- quisa sobre o assunto. Em um segundo momento, um desenho livre sobre um dos direitos. Começou, assim, sua prá- tica individual de discutir direitos hu- manos, experiência que, posterior- mente, ampliou com contatos manti- dos com a escritora Ruth Rocha, auto- ra de um livro sobre direitos das crian- ças.

Amélia Fontes mantém uma bi- blioteca especial sobre Direitos Hu- manos: livros feitos com os desenhos que seus alunos elaboraram durante as aulas. E, junto com as outras profes- soras, livros de pano: o desenho é pas- sado para tecido e costurado como um livro.

Congratulações - O Ministério da Jus- tiça, através da Secretaria Nacional dos Direitos da Cidadania e Justiça, enviou telex à prefeita Telma de Sou- za, congratulando a prefeita e a secre- tária de Educação, Maria Lúcia Pran- di, pela iniciativa do Projeto Educação e Direitos Humanos, assinado com a Anistia Internacional. Pedro Lucas Lindoso, diretor do Departamento de Assuntos da Cidadania, ao qual per- tence a secretaria nacional, coloca seu setor à disposição da prefeitura.



Secretaria explica aos alunos como o projeto será desenvolvido

Acontece no Núcleo Pedagógico

- * Os auxiliares de Biblioteca es- tarão reunidos dia 25, das 8h30 às 12 horas, na discussão dos seguintes temas: caracterização da faixa etária, objetivos educacionais, planejamen- to e rotina.
- * Professores da fase "Pós" do Projeto de Educação de Adultos têm encontro marcado para dia 31, a par- tir das 19h30. Assunto: produção de texto.
- * Prioridades trabalhadas no primeiro bimestre, atividades signifi- cativas realizadas nas escolas, dificul- dades encontradas e soluções propos- tas e plano de trabalho para o segun- do bimestre (o papel do diretor como articulador de todos os segmentos da escola) são temas a serem discutidos por diretores, dia 24, das 8h30 às 12 horas. Uma continuação das reu- niões dos dias 4 e 10 deste mês.
- * Professores de Educação Físi- ca de pré, 1º e 2º graus e Educação Especial vão rever a proposta curri- cular para a matéria, levantando o significado da área no currículo e seus objetivos básicos. A reunião, que en- focará, em especial, a importância do trabalho de Educação Física no pro- cesso educacional, será dia 25, das 8 às 12 horas, na EMPG Barão do Rio Branco (rua Visconde de Cairu, 217 - Campo Grande). Cada profes- sor deve apresentar o planejamento proposto para o 1º bimestre.

de saúde, serão discuti- dos, na associação do- do Jardim Radial Ch- presença da diretora- ra, Maria Tereza Tve- coordenadora do Modelo- mente, Marcos Cabro- do de Saúde da Vil- uma escola de priori-

portuários, no Hotel Nacional.

14h - Votação das propostas no Con- gresso Nacional.

15h - Compromisso do Gabinete do Minis- tro da Infra-Estrutura, Carlos Silva.

15h20 - Encontro o secretário nacional dos Transportes, Marcelo Ribeiro.

16h - Audiência com o diretor do Departa- mento Nacional de Transportes Aquaviários, José Guimarães Buarque.

RM Contação (1º, 2º graus), Museu Acadêmico (2º, 3º graus), Bar Crapace (3º, 4º graus), Metáforas Sabores e A. A. dos Portuários (4º, 5º graus), Auto- ze-Nelson (6º, 7º, 8º graus), Edifício Freixo e São-4 (7º, 8º graus). As inscri- ções para a terceira etapa, marcada pa- ra os dias 9 e 10 de junho, podem ser

para o transporte de passageiros e cargas, sobre a falta de uma 5ª de direção. Devido aos problemas com o transporte, algumas linhas de ônibus foram suspensas. Também há problemas com o transporte de passageiros e cargas, sobre a falta de uma 5ª de direção. Devido aos problemas com o transporte, algumas linhas de ônibus foram suspensas.

Jornal Educação Urgente

O início das discussões sobre Grêmio Estudantil.

3. Recortes do D.O. Urgente, do jornal Educação Urgente e de outros documentos que referenciam os Grêmios Estudantis na década de 1990.

D.O. URGENTE
 Órgão Oficial do Município de Santos Distribuição gratuita ANO II - QUINTA-FEIRA, 28 DE FEVEREIRO DE 1991 - Nº 459

Santos resiste na praça Mauá







Milhares de pessoas (mais de 20 mil, segundo estimativas de dirigentes sindicais) participaram ontem, dia 27, a partir das 18h, na praça Mauá, do ato público - o maior dos últimos anos na cidade - pela readmissão dos trabalhadores demitidos pela Codesp e contra a atual política recessiva do Governo Federal. O movimento prossegue hoje, dia 28, com uma greve geral de 24 horas, convocada pelo Fórum Sindical da Baixada Santista.

A manifestação de ontem, também convocada pelo Fórum Sindical, contou com o apoio da Prefeitura, Câmara Municipal, partidos políticos e demais entidades representativas da região. Em apoio ao ato, o comércio do Centro, em sua maioria, fechou as portas às 17h30.

Ao participar da manifestação, a prefeita Telma de Souza fez um breve relato das ações que o Executivo santista vem adotando na tentativa de reverter as demissões anunciadas pela Codesp e a política recessiva imposta pelo Governo Federal. Também falou sobre os encontros que manteve no dia anterior em Brasília, ao lado de sindicalistas e parlamentares de todo o Brasil, com os ministros Jarbas Passarinho, da Justiça, e Ozires Silva, da Infra-estrutura.

"Na verdade, estamos alertando Brasília há um ano, quando apresentamos ao governo a proposta de administração tripartite para o porto (que passaria a ser gerenciado por trabalhadores, empresários e Poder Público). Segundo Telma, com essa proposta, o porto poderia se tornar mais eficiente, mais moderno, sem prejuízos para os trabalhadores e sem os problemas sociais decorrentes das demissões em massa.

Telma afirmou ter revelado aos ministros que a Prefeitura de Santos, diante da intransigência do Governo Federal em discutir uma saída negociada para a crise, não se responsabilizará pelo que possa ocorrer a partir de agora. Para a prefeita, essa responsabilidade é do Governo Federal.

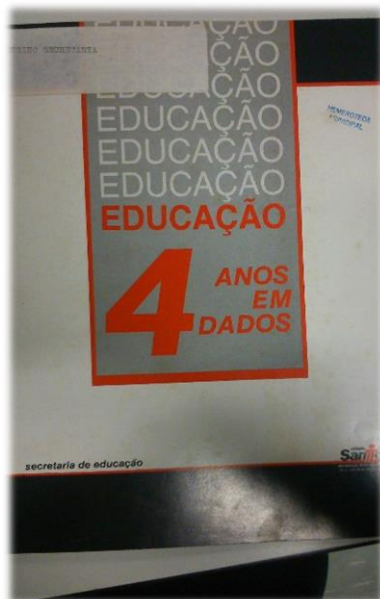
"Santos tem que resistir, porque é o pulmão do Estado, que é o pulmão do País", disse Telma. Ela prometeu não se intimidar e garantiu que vai continuar adotando medidas em favor dos trabalhadores, comerciantes e empresários - já afetados pela crise - e dos demais segmentos da sociedade santista.

Sindicalistas, parlamentares e representantes de diversas entidades representativas participaram do ato público. Todos exigiram a readmissão dos portuários e o fim da política recessiva.

Leia mais na Última Página.

Greve na cidade de Santos em que os Gremistas participaram.

Caderno avaliativo dos 4 anos de gestão de Telma de Souza.



Página referente aos Grêmios Estudantis.

Grêmio Estudantil

A campanha Grêmio Livre Já! iniciou-se em 1990, com a apresentação do projeto pela UMES — União Municipal dos Estudantes Secundaristas — objetivando a reconstrução dos grêmios estudantis, fechados durante o regime militar e até então não reabertos. Naquele ano foram realizadas reuniões e debates com as equipes técnicas e alunos das escolas municipais de 1º e 2º graus sobre o significado e a importância da entidade.

A Secretaria de Educação vem acompanhando sistematicamente a gestão dos grêmios, fortalecendo-os como espaço democrático onde os estudantes organizam atividades culturais, sociais, esportivas e políticas, contribuindo, desta forma, para a construção da democracia interna das escolas.

Conferência Municipal de Educação

A I Conferência Municipal de Educação, realizada em outubro de 1991, nos dias 25, 26 e 27, foi iniciada por um processo inédito de encontros preparatórios que mobilizaram cerca de 5 mil pessoas. Este processo refletiu a preocupação e interesse da população santista com a questão educacional, mobilizando setores que, defendendo seu ponto de vista, vivenciaram a participação popular na tomada de decisão dos rumos da educação. Paralelamente, foi discutido e elaborado o projeto de criação do Conselho Municipal de Educação, em tramitação na Câmara Municipal.

PROCESSO PREPARATÓRIO

Encontros zonais — 6
Encontros setoriais — 33
Encontros temáticos — 13
Total: 52 pré-conferências
Participação: 5 mil pessoas

I CME

As plenárias da I Conferência Municipal de Educação aconteceram com a participação de 386 pessoas, sendo 271 delegados, com direito a voz e voto, e 115 somente com direito a voz.

“Educar para a Cidadania” foi o tema central da I Conferência Municipal de Educação, aliado a subtemas: creche e pré-escola; ensino fundamental e médio e educação não formal; alfabetização de jovens e adultos e ensino profissionalizante; ensino superior, a produção do conhecimento e a formação dos educadores; a nova LDB — Lei de Diretrizes e Bases de Educação; e educação e participação popular. Nesta etapa foram discutidas, ainda, a organização, composição, atribuição e competência do Conselho Municipal de Educação.

A I Conferência Municipal de Educação refletiu também a consonância de princípios e propostas da política educacional da Secretaria de Educação com

Um tempo novo para nossa Educação



A criação de **conselhos de escola** e a formação de **núcleos pedagógicos disciplinares** foram duas das decisões tomadas durante a Semana de Capacitação e Desenvolvimento, promovida pela secretaria de Educação, na última semana de julho, envolvendo mais de 1.300 profissionais de 1º e 2º graus, Educação Infantil, Educação Especial, História e Geografia, além de equipes técnicas. A médio e longo prazos, essas decisões vão significar transformações estruturais na rede municipal, trazendo - segundo analisa a secretária de Educação, Maria Lúcia Prandi Gomes - uma valorização do ensino público em Santos.

O **conselho de escola**, que ainda será estruturado, foi uma decisão do próprio professorado, durante uma Oficina de Avaliação desenvolvida na EMSG Acácio de Paula Leite Sampaio. Através desse conselho, a ser debatido nas escolas com envolvimento de pais e funcionários, cada segmento da comunidade escolar terá seu representante influenciando na tarefa de educar. Esse será o caminho destinado a ampliar o papel do professor, dos pais de alunos e da comunidade como um todo dentro da escola pública municipal. Os professores também decidiram por mudanças nos conceitos de avaliação dos alunos, que passarão a ser analisados do ponto de vista afetivo, comportamental e não somente pedagógico, como acontece atualmente. Essa decisão terá continuidade com discussões que a secretaria de Educação fará em cada escola, com as equipes técnicas (supervisores, assistentes, diretores, coordenadores e orientadores).

Mas, enquanto os conselhos de escola não são estruturados, os professores já estão implantando outra proposta tirada da Semana de Capacitação: são os **núcleos pedagógicos disciplinares** da Pré-Escola, da Educação Artística, História e Geografia.

fiar, Educação Ambiental e Educação Musical. Esses núcleos, formados por um assessor especializado na disciplina mais quatro professores da rede, funcionarão na EMSG Acácio de Paula Leite Sampaio, onde está instalado o Núcleo Pedagógico Construção do Saber, local também destinado a oficinas de trabalho.

Através desses núcleos disciplinares, o professorado poderá trabalhar, já neste semestre letivo, em uma reordenação curricular, discutindo e implantando novas práticas metodológicas de educação. Com esses núcleos, o professor terá um instrumento para repensar sua disciplina, fugindo da metodologia tradicional e superada que se baseia somente no livro didático, com uma só versão dos fatos. Esses núcleos também terão a responsabilidade de analisar e viabilizar sugestões surgidas nas escolas e que precisam de uma retaguarda técnica, como um curso extra-curricular, por exemplo, o que é de interesse dos alunos.

No caso específico do Núcleo de Educação Ambiental, já funcionando no Orquidário Municipal, as coordenadoras estão estudando mudanças no currículo de Ciências, não somente para que o conteúdo dessa disciplina possa ser dado com outras técnicas, como também para inclusão do meio ambiente como tema de discussão constante na rede municipal de ensino.

Para a secretária Maria Lúcia Prandi Gomes, os encaminhamentos finais da Semana de Capacitação mostraram que, em apenas sete meses de governo, já foi possível lançar as bases para uma mudança profunda no ensino municipal de Santos. E, como fator mais importante, essas idéias-base surgiram a partir das discussões dos próprios professores. "Agora - diz ela - é levar os resultados para as escolas, aprofundando ou implantando, conforme o caso". (Sônia Regina Fernandes).



Atualizar todas as bibliotecas

Uma discussão à parte, na Semana de Capacitação, envolveu as auxiliares de biblioteca, que se dedicaram à avaliação das bibliotecas escolares. Partindo do princípio de que uma escola de boa qualidade passa necessariamente por uma boa biblioteca, que atenda professores e alunos, as auxiliares, que também querem participar dos conselhos de escola, entendem que esse setor da rede municipal precisa de uma atualização geral.

Desse encontro, foram tiradas duas propostas, que já vêm sendo

viabilizadas: um **convênio** com a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), do Governo Federal, para envio de livros destinados a formar a biblioteca de pesquisa, uma seção para assessoramento do professor e alunos mais adiantados; e a realização da **Feira do Livro Didático**, que será concretizada em outubro em local ainda a ser determinado, onde serão expostos os materiais de editores para o próximo ano e onde a FAE manterá um stand com livros e trabalhos elaborados pelo órgão federal. (SFF).

ARGUMENTO

Educar como? Para quê? Para quem?



Educar, para nós, não se limita à ação mecânica da transmissão de conhecimentos, mas a uma atividade muito mais complexa, onde o saber é constantemente avaliado, onde o conhecimento é construído na dialética das relações dos que estão envolvidos no processo, onde todos se sentem bem felizes, e, especialmente, onde o ato de aprender seja gostoso, prazeroso, eficiente. É a escola, enquanto instituição democrática deve colocar-se a serviço dos interesses da população como principal agente de transformação.

Determinados nessas convicções, realizamos de 24 a 29 de julho, um encontro, envolvendo todos os profissionais de educação da rede pública municipal, procurando, também, resgatar a formação permanente do professor.

Aproximadamente 1.500 educadores, vivenciaram oficinas pedagógicas, avaliando o trabalho das salas de aula, discutindo as dificuldades que afetam e angustiam os professores.

- Qual a função social da pré-escola? É uma educação "compensatória" para preparar para o 1º Grau? - Deve respeitar as etapas de desenvolvimento da criança e o educador estimular e respeitá-la, valorizando suas manifestações?

A criança constrói o conhecimento através de histórias, artes, jogos, trabalho com o corpo?

- É a avaliação um instrumento de poder?

- As condições de trabalho são as únicas responsáveis pelo fracasso do ensino de História e Geografia? Que tipo de alunos queremos formar?

- Deve a Educação Artística assumir uma função integradora do currículo escolar, proporcionando ao aluno um relacionamento múltiplo e enriquecedor como seu meio?

- Como capacitar educadores, através da oportunidade de vivenciar técnicas pedagógicas para abordagem de temas relativos à ecologia, visando o desenvolvimento de atividades de educação ambiental nas escolas?

- Como tratar os jogos esportivos estudantis e o desfile escolar?

- É o auxiliar de biblioteca um elemento importante no processo pedagógico?

- É a metodologia montessoriana a alternativa da Educação Especial?

- Trabalhar a sensibilização da criança para a música, prática coral e instrumental é investir no seu desenvolvimento harmônico?

- Como alfabetizar jovens e adultos através de educação libertadora?

A partir de objetivos claros, definidos - a construção do conhecimento (Piaget), a gestão democrática da escola, a participação e a necessidade de implantação de instâncias de decisão coletiva (conselho de classe) e a escola enquanto agente de transformação; vivenciamos, refletimos, analisamos, e ao final das plenárias de educadores, propuseram novos encaminhamentos. O Caminho é o "construir juntos", cada profissional, assumindo as suas responsabilidades no processo.

O novo traz insegurança, resistência e até sofrimento. Nosso papel enquanto Secretaria de Educação, não é apenas normatizar, é estar junto, é subsidiar, é buscar uma escola que não seja conteudista (o conteúdo em si, não tem sentido, sem a reflexão) e o espírito crítico sem conteúdo, é espontaneísmo.

O compromisso é de todos nós. Seduc-escola-comunidade - "educação um esforço conjunto".

Maria Lúcia Prandi - Secretária municipal de Educação.



Professores municipais realizam dramatização de metodologia da pré-escola, uma forma criativa de educar.

Os adultos ganham atenção especial

O Projeto de Educação de Adultos (PEA) da Secretaria de Educação, que mantém 33 classes distribuídas pela cidade, com aproximadamente 700 alunos, também teve seus professores reunidos, com orientadores do Grupo Vereda, de São Paulo, especializado no método de alfabetização de adultos do educador Paulo Freire (hoje secretário de Educação do Município de São Paulo). Não somente a metodologia foi discutida, mas principalmente a necessidade de material de trabalho. Nesse sentido, a Seduc analisará conjuntamente com a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), para envio de pacotes com livros, cadernos, lápis, borçula e apontador. Ao mesmo tempo, o Núcleo Pedagógico de História e Geografia de Santos, também preparará o material didático apropriado à alfabetização de adultos. (SFF).

4 - Santos, 7 de abril de 1990

D.O. URGENTE

Reorganização dos grêmios estudantis

A secretaria de Educação iniciou o processo de organização dos grêmios estudantis nas escolas municipais para que até 22 de junho - Dia do Estudante - já possam estar eleitos as primeiras diretorias. Durante todo este mês, serão realizadas reuniões entre diretores, orientadores educacionais e representantes da UMES - União Municipal dos Estudantes Secundaristas. Em maio, começam as discussões com os alunos de 5ª a 8ª série do 1º grau e do 2º grau. Ao mesmo tempo, a secretaria está apoiando a campanha Grêmio Livre-Já, da UMES e da UPES - União Paulista dos Estudantes Secundaristas.

Nas reuniões com a direção das escolas, iniciadas terça-feira, dia 3, são discutidas a importância da organização estudantil através de grêmios autônomos e um modelo geral de estatuto, apresentado pela UMES. Estas discussões são necessárias à medida que as reuniões com os alunos serão assessoradas por orientadores educacionais que terão, como material de apoio, uma cartilha elaborada pela secretaria de Educação e do estatuto da UMES.

No dia 22 de junho, a secretaria promoverá uma plenária, com os alunos envolvidos, anunciando a concretização dos grêmios, entidades que até 1988, quando foram extintas pelo governo federal, representavam os estudantes do ginásio e colégio, como eram chamados as séries de 5ª a 8ª do primeiro grau, e do 2º grau, respectivamente. Em substituição, foram criados os centros civicos subordinados à direção da escola, o que tirava a autonomia da representação estudantil.

Os grêmios tiveram sua criação autorizada, novamente, pela Lei 7.388, de 4 de novembro de 1985, como entidades autônomas, representativas dos estudantes de 1ª a 2ª graus, com finalidades educacionais, culturais, cívicas, desportivas e sociais. Sua criação também está prevista pela atual Constituição Federal.

NOTAS

CULTURA/ESCALA NA AREIA - Até o dia 18 estarão abertas as inscrições para o Curso de Escultura em Areia, da secretaria de Cultura (av. Pinheiro Machado, 48, fone 33-6086, Vila Mathias) onde os interessados devem procurar Márcia ou Eulália, no horário comercial. As aulas começam dia 20 e serão ministradas pelo professor e escultor João Luis Bom, na praia do Boqueirão, entre a av. Conselheiro Nébias e a estátua do poeta Vicente de Carvalho. Três turmas: crianças até 12 anos (às sextas-feiras, das 8 às 11h), acima de 12 anos (sábados, das 9 às 12h), e qualquer idade (domingos, das 9 às 12h). Artistas e escultores estão convidados a participar na coordenação do curso.

TRÂNSITO/AUTUAÇÕES - Durante uma "blitz" realizada pelo Semutran/2ª Cia. de Trânsito, na pça. Washington, no José Menino, foram autuados 6 taxis e 2 peruas, por falta de documentação e de tabelas, foram todos encaminhados para o pátio do

Demutran. Foi no dia 5, das 14h30 às 18h.

OBRAS/ÁRVORES NA ZN - Durante os meses de janeiro e fevereiro, o Serviço de Parques e Jardins, da secretaria de Obras, plantou 364 árvores distribuídas em 42 ruas da Zona Noroeste. Guanadís, Ingás, flamboyants, entre outros.

TURISMO/CIDADE JUNINA - A secretaria de Turismo está aceitando inscrições de grupos musicais interessados em apresentarem-se para o público no palco da Cidade Junina/90, durante o mês de julho. Poderão inscrever-se grupos de choro, samba, lambada, rock e música sertaneja. Além dos grupos musicais, também podem inscrever-se quadrais, tipo de apresentação que teve grande sucesso no ano passado. Inscrições na Divisão de Eventos da secretaria de Turismo (r. Jorge Tibiriçá, 40, Gonzaga), em horário comercial.

SAÚDE

O novo tratamento de fisioterapia



Anaclá Giza

A secretaria de Higiene e Saúde (Sehig) e o SUDS/52 (órgão estadual de saúde) iniciaram na quinta-feira, dia 5, um programa de reabilitação e recuperação de pacientes que vinham recebendo atendimento fisioterápico a domicílio. O programa foi elaborado após o SUDS/52 haver detectado irregularidades nesse serviço domiciliar (sob responsabilidade de profissional não habilitado; com aplicações de técnicas não indicadas e tratamento por tempo maior que o necessário etc.). Após essa constatação, a Sehig assumiu a responsabilidade pelos cerca de 500 pacientes de fisioterapia domiciliar, com o objetivo de fazer uma avaliação sobre a situação de cada um.

Na quinta-feira, 18 pacientes começaram a receber assistência ambulatorial, na Casa da Esperança e no Posto de Atendimento Médico do Centro (PAM-Centro), do INAMPS, iniciando o trabalho de reabilitação desses doentes à sociedade. Para M. A. R. (foto acima), uma mulher de 74 anos, residente na barra da Areia Branca, portadora de ataxia cerebe-

lar (degeneração progressiva das células nervosas, causando sequelas motoras), sair de casa, pela primeira vez nos últimos oito anos, foi emocionante: "Não conheço mais lugar nenhum e nem sei por onde andei". Ela ficou surpresa com a existência de prédios "altos e bonitos" e disse estar confiante na cura.

J. A. (foto abaixo), de 88 anos, morador do Jd. Castelo, portador de sequelas de acidentes vasculares cerebrais (derrame), estava praticamente confinado numa cama há um ano, recebendo massagens com álcool e vaselina no corpo. Ele começou a ser atendido em ambulatório também na quinta-feira e, segundo o fisioterapeuta da Sehig, Rivaldo Rodrigues Novais Jr., o problema de J. A. não era sequer trabalhado. "E o pior é que há suspeitas de lesão na articulação do ombro esquerdo em função da aplicação de técnica não indicada", afirmou Rivaldo Novais.

Segundo o fisioterapeuta, cerca de 200 pacientes atendidos a domicílio já foram avaliados pelas Sehig, constatando-se que 50% poderiam receber assistência ambulatorial (o que os reintegra à sociedade); 20% ainda precisam de retaguarda doméstica; e os 30% restante dividem-se em casos crônicos e os que já deveriam ter recebido alta. No caso do tratamento ambulatorial iniciado no dia 5, os doentes são recolhidos em casa (e levados de volta) por peruas Kombi do SUDS/52 e da Sehig e, nos próximos dias, começarão a serem atendidos, também nos serviços de fisioterapia da Santa Casa e do Hospital Santo Antônio (Beneficência Portuguesa).



Fiscalização faz mais um comando

Devido à presença de alimentos deteriorados (massa fresca) para comercialização, a filial do supermercado Peralta da av. Pedro Lessa n° 768 foi multada pelo Serviço de Fiscalização da Higiene Pública (Serfisp), da secretaria de Higiene e Saúde. Também foram multados o comércio de aves e ovos da r. Bittencourt n° 310 (por falta de condições de higiene), além dos bares localizados na av. Visconde de São Leopoldo n° 50; e pça. dos Andradas n° 94 e 101 (pelo não cumprimento de intima-

ções lavradas recentemente). Esta semana, o Serfisp também promoveu comando nos estabelecimentos da r. Amador Bueno, tendo multado ou intimado os seguintes:

Doceria Mussana (n° 67), Lanches Com e Bebês (n° 36), Panificadora Lider (n° 58), Casa do Queijo (n° 119), Bar e Lanches da Cidade (n° 316), Bar Pirâmide (n° 377), Padaria Estrela (n° 392) e o bar localizado no n° 367.

Foram considerados em ordem os seguintes, da r. Amador Bueno:

Lanches Cabaré (n° 19), Pastelaria Chucrinhina (n° 33), Chopp Nicanor (n° 39), Casa de Carnes Brasil (n° 47), A Mineira (n° 51), Lanches Florença (n° 54), Pastelaria Hawai (n° 103), Macom's Bar (n° 355), Lanches Mac nel (n° 460) e a choperia que funciona no n° 151.

GABINETE

Permissão de uso para uma creche



A prefeita Telma de Souza assinou no dia 4, decreto dando permissão de uso de terreno (uma área de cerca de 250 metros quadrados) no morro do José Menino, para a Associação Beneficente São José. No local, ligação n° 105, funcionará - provavelmente a partir de maio - uma creche mantida pela entidade, para 40 crianças de 2 a 6 anos. A creche da Associação funcionava, anteriormente na ligação n° 78 do mesmo morro, mas teve que ser desativada por estar localizada em área de risco. A permissão de uso atende à política da administração, de estimular iniciativas integradas nessa área.

A prefeita recebeu em seu gabinete Terezinha Souza Aranha de Carvalho (presidente da entidade), Terezinha Junqueira (primeira secretária), Cláudia Meneghelli (segunda secretária), Elza Costa Santos (conselheira). Ao encontro estiveram presentes, ainda, a secretária de Planejamento, Lenimar Rios; a coordenadora do Departamento de Projetos e Ação Comunitária (Depac), Maria do Rosário Salles Gomes; o coordenador do Grupo Executivo dos Morros, Cassandro Nunes.

D.O. URGENTE

PUBLICAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DA PRODESAN, PROGRESSO E DESENVOLVIMENTO DE SANTOS S.A. P. de Expedientes, 10, CEP 13.065, fone 35-4245, Gonzaga. Redação: Cláudio Ferreira de Melo Jr. (editor), Carlos Marinho, Alexandre, Heitor Marques de Souza, Carlos Marcos, Argemir da Silva, Fernando, Lopes, redatores. Composição, Diagramação, Revisão, Montagem, Foliagem e Impressão: Pindamonituba.

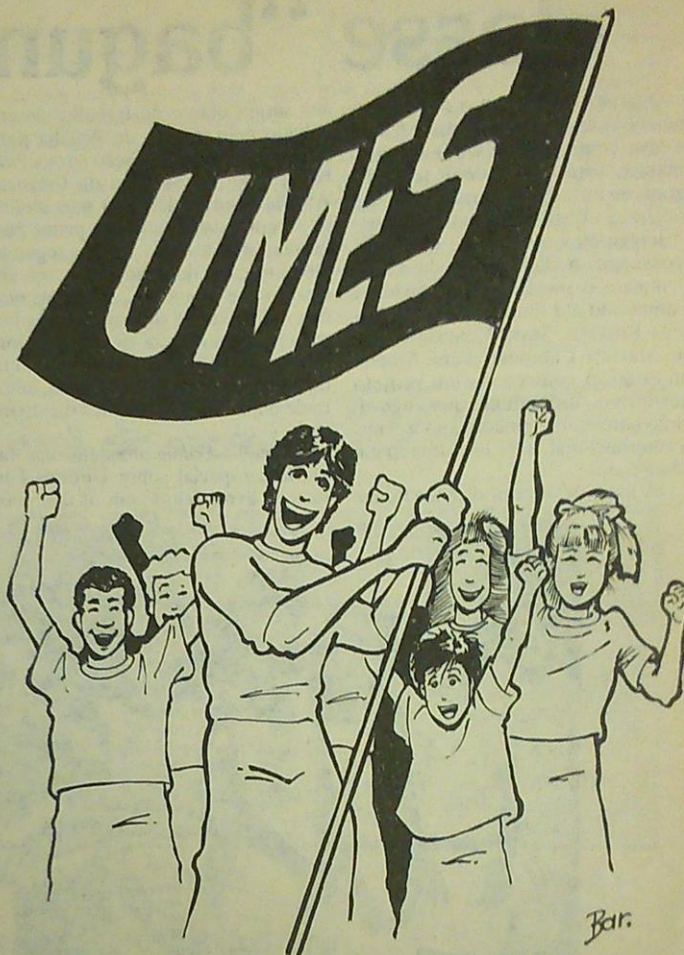
D.O. Urgente: movimento de reorganização

A volta dos grêmios estudantis

O segundo semestre da rede será marcado pela volta dos grêmios estudantis nas escolas municipais. Durante todo o mês de abril, a secretaria de Educação promoveu reuniões com diretores, orientadores educacionais e representantes da UMES - União Municipal dos Estudantes Secundaristas -, em uma preparação para que seja desencadeada a discussão entre os próprios alunos, o que começará em breve. Entidades representativas dos então alunos de ginásio e cursos colegial e científico, os grêmios estudantis foram extintos em 1968. Somente em 1985 tiveram novamente sua criação prevista pela Lei 7.398, de iniciativa do Congresso.

A organização dos alunos de 5ª a 8ª séries do 1º grau e de 1ª a 3ª séries do 2º grau, em torno do grêmio estudantil, acabará com os centros cívicos, criados a partir de 68 com uma estrutura funcional que os subordinava à direção da escola, tirando a autonomia do estudante. A formação dos grêmios terá o assessoramento dos orientadores educacionais que, como material de apoio, terão uma cartilha elaborada pela secretaria de Educação, a ser distribuída a todos os alunos. Nesta cartilha, um modelo de estatuto, fornecido pela União Municipal dos Estudantes Secundaristas, servirá como base para o modelo a ser aprovado.

Da discussão entre os estudantes municipais sairá um modelo que poderá ser único para a rede ou diferente de escola para escola. Vai depender das propostas apresentadas pelos alunos. A culminância dessa discussão será uma plenária onde serão eleitas as primeiras diretorias.



Educação com democracia

Entre todos os desafios de um governo com compromissos populares, a Educação é, talvez, o mais estimulante e, ao mesmo tempo, o mais complexo a ser vencido. Com a criação do jornal *Educação Urgente*, dirigido a todos aqueles envolvidos na tarefa de educar, pretendemos aprofundar o processo de democratização da escola pública municipal, iniciado a 1º de janeiro de 1989, quando assumimos a Prefeitura.

A nossa concepção é de que não há Educação - no sentido mais generoso da palavra - sem Democracia. Educar não é apenas preparar indivíduos para

que possam, no futuro, participar do processo produtivo com chances de ascensão social. Não é apenas alfabetizar, instruir, modelar.

Educar democraticamente implica, antes de mais nada, numa postura de sincera humildade. É preciso estar aberto para as transformações cotidianas, ou seja, reeducar-se continuamente. É necessário ainda termos em mente os objetivos mais amplos dessa missão, maiores e mais profundos do que os contidos nos limites curriculares. O que desejamos para nossos filhos não é apenas que estejam preparados para competir no mercado de trabalho, mas sim que pos-

sam enfrentar a vida com alegria, criatividade e sólidos princípios de caráter.

Pode parecer pretensão a busca desses resultados no curto espaço de tempo do mandato popular que nos foi conferido. Estamos convictos, no entanto, de que a prática da democracia (ouvir, compreender, ser ouvido e compreendido) cria raízes profundas que se alimentam de pequenos resultados parciais, muito enriquecedores para os envolvidos no processo.

TELMA DE SOUZA
Prefeita Municipal

D.O. Urgente – Posse do primeiro e do último Grêmio do projeto nos anos 1990.

Santos, junho de 1990

No Acácio, o primeiro grêmio estudantil da rede

O primeiro grêmio estudantil da rede municipal já está instalado: é o GE "Antônio Manoel de Carvalho", da EMSG Acácio de Paula Leite Sampaio, presidido por Daniel Gomes, 19 anos, aluno do 2º ano do Curso de Contabilidade. O processo de formação dos grêmios na rede, em substituição aos centros cívicos, como entidade representativa dos alunos de 5ª a 8ª séries, foi desencadeado em março pela Seduc.

Em eleições realizadas no dia 28 de maio, participaram mais de 450 alunos que elegeram a chapa "Prosseguir na Luta", encabeçada por Daniel Gomes. Antes, foram realizadas diversas assembleias para esclarecimentos sobre as finalidades do grêmio estudantil (entre elas, maior autonomia que os centros cívicos), votação do modelo do estatuto, escolha do nome (o ex-prefeito Manoel de Carvalho reabriu a escola fechada pelo interventor general Bandeira Brasil) e formação da comissão eleitoral.



Para Daniel Gomes, também diretor do Departamento de Escolas Municipais da União Municipal de Estudantes Secundaristas - UMES -, "o grêmio é um meio para que a classe estudantil possa fazer valer os seus direitos e reivindicações na luta pela democratização da escola e na defesa de uma escola pública e gratuita em todos os níveis".

A diretoria do grêmio é formada por: presidente, Daniel Gomes; vice-presiden-

te, Renata Bove; 1º secretário, José Eraldo Lima; 2º secretário, Dárcio Cesar Marques; diretor social, Antônio Carlos Santos; diretor cultural, Antônio Carlos Ladiço; diretor de esportes, Valteli Oliveira Santos; diretor de imprensa, Luciane Abud Caeita; 1º tesoureiro, Salvandir de Santana Matos; 2º tesoureiro, Elisângela Pinheiro de Araújo; orador, Peterson Blanco; 1º suplente, Sandra Regina Aúrea de Lima; e 2º suplente, Rogério Sanches Brás.

4 - Santos, 7 de dezembro de 1990

D.O. URGENTE

Último grêmio estudantil toma posse

A posse da diretoria do Grêmio Estudantil John Lennon, da EMPG Barão do Rio Branco (foto), presidido pelo aluno Luciano Costa Figueira, da 7ª série, marcou o final do processo de formação dos grêmios estudantis nas 13 escolas municipais de 1º e 2º graus. Luciano concorreu pela Chapa União, vencendo com 587 votos.

A solenidade de posse foi presidida pela diretora Josemary Rosas Cândido Rodrigues, que destacou a responsabilidade da entidade na luta pelos interesses dos alunos e a importância da formação de grêmios livres. Para Luciano Figueira, a campanha eleitoral já mostrou como é importante a união dos alunos, que se mobilizaram na discussão de planos de trabalho.

A diretoria deste que é o último grêmio a ser constituído nas 13 escolas municipais de 1º e 2º graus, está assim formada: Luciano Costa Figueira (presidente), Suaine Claricia Quintino (vice), Isabele Ribeiro (1ª secretária), Renan Ruas Reis (2ª secretária), Vanusa



De Santis (1ª tesoureira), Fabíola do Nascimento Moraes (2ª tesoureira), Fernanda Raquel (oradora), Luciane Louise Troncoso (diretora social), Mauro Eduardo (diretor de imprensa),

Anderson Araújo Neves (diretor de esportes), Alex Sanfort Petrasoli (diretor cultural) e Alex dos Santos Soares e Michela Peres da Silva (suplentes).

Os grêmios, que substituem os

centros cívicos, com mandatos de um ano, são entidades estudantis autônomas, dentro dos planos da Secretaria de Educação (Seduc) de tornar a escola pública o melhor possível, com apoio do alunato na luta por seus direitos. Nessa proposta, estão também a autonomia de cada escola, o funcionamento em 1991 dos Conselhos de Escola (leia matéria a parte) e toda uma reforma administrativa-pedagógica já em funcionamento.

EDUCAÇÃO

URGENTE

Ano I - Nº 4 - Prefeitura Municipal de Santos

cidade de
San os

Secretaria de Educação - Agosto de 1990

Gestão democrática na escola

Democracia se consolida com a participação da sociedade

As relações estabelecidas na sociedade se reproduzem, na forma, qualidade e intensidade, em todos os organismos que compõem essa mesma sociedade. Família, trabalho, grupos de amigos, partidos políticos e também escolas são núcleos onde se repetem, em escala reduzida, todos os defeitos e virtudes dominantes do corpo social a que pertencem.

Numa sociedade autoritária teremos, com certeza, relações autoritárias em todos esses segmentos. É um processo com "trânsito" nos dois sentidos, pois se a sociedade exerce influência sobre suas partes, o mesmo acontece no sentido contrário. Por esse raciocínio, podemos concluir que não é possível democratizar uma sociedade sem que isso seja feito simultaneamente à democratização das relações em todas as atividades humanas.

A escola é um espaço estratégico para a disseminação de valores. É - como na família - onde se formam os indivíduos, dotando-os de todas as características que irão refletir em suas relações sociais futuras. Por isso, o nosso empenho de, no âmbito do ensino municipal, consolidarmos uma política democratizante, que se reflete em melhores condições para o desenvolvimento criativo do trabalho dos educadores, como também na formação de uma juventude preparada para o exercício da liberdade e da cidadania.

É necessário, portanto, que todos nós compreendamos o nosso papel, enquanto agentes das mudanças que exigimos para as instituições. Liberdade e democracia só existem quando assumimos por completo as nossas responsabilidades, quando através da informação, identificamos os nossos direitos e obrigações. Vamos fazer das escolas da nossa cidade um modelo do que queremos para o nosso Estado e para o País.

Telma de Souza
Prefeita Municipal

"A criança que hoje aprende a discutir o uniforme, aprenderá a discutir outros assuntos". Esta declaração da secretária de Educação, Maria Lúcia Prandi, quando da plenária escolar para a escolha do uniforme de verão da rede municipal, em março de 89, marcou o início de um processo: o da gestão democrática em nossas escolas. A participação efetiva e permanente da comunidade nas decisões sobre a escola e também sobre as questões que envolvem suas condições de vida.

Nas primeiras discussões com os alunos sobre grêmios estudantis, de maneira geral, todos queriam uma escola aberta, onde sejam respeitados e possam opinar sobre as questões escolares.

Os pais querem para seus filhos uma escola onde eles aprendam mais, também, uma escola onde a comunidade possa participar e que possibilite a discussão de forma igual entre pais, professores e direção.

No encontro de Funcionários, a vontade da grande maioria em participar ativamente das discussões sobre as questões da escola e da Educação se fez presente em todos os momentos. Para eles, este procedimento é fundamental no processo de educação, alicerçado nas relações pessoais e profissionais. Querem uma escola desburocratizada com um bom fluxo de informação e onde cada um possa contribuir para a eficiência da escola.

Enfim, todos querem mudar a escola. Preocupação esta já sentida desde a Semana de Reflexão, realizada no início de 1989, onde professores e técnicos se colocavam preocupados em contribuir e resgatar o ensino público da crise avassaladora que vem sofrendo nas últimas décadas: milhares de analfabetos, índices de evasão e repetência escolar alarmantes.

Todas estas mudanças, que de cer-



Professores, alunos, pais, todos querem uma escola aberta

ta forma atingem toda a população, têm raízes mais profundas; fazem parte da conquista da sociedade participativa, onde cada um de nós tenha real poder na tomada de decisões; fazem parte do resgate do direito de cada um enquanto cidadão.

Este é o ponto central dos Conselhos de Escola: a participação do diretor, especialista, professor, funcionário, aluno, pais, na vida da escola, o universo onde o exercício de práticas democráticas poderá ser efetivamente concretizado.

Pessoal de apoio tem trabalho valorizado pela Seduc

Pág. 2

Congresso de alfabetização

Já estão abertas as inscrições para o Congresso Brasileiro de Alfabetização, a se realizar de 14 a 16 de setembro na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - USP (Largo São Francisco - Centro, São Paulo). Os interessados podem se inscrever até o dia 6 de setembro, entrando em contato com Maria Shirley dos Santos, na secretaria de Educação. O congresso debaterá a problemática do analfabetismo e da alfabetização, em busca de soluções. É promovido pelo Grupo de Estudos e Trabalhos em Alfabetização - GETA, com apoio da Prefeitura de São Paulo, Corpo Municipal de Voluntários - CMV e Fundo dos Negócios Unidos para a Infância - UNIF.

Conselhos de Escola, um caminho para a democracia

Última página

sável pela coordenação geral, a equipe é composta também por: assistente de direção - auxilia o diretor no desempenho das tarefas administrativas; coordenadora pedagógica - organiza o trabalho com o professor no projeto coletivo da escola; e orientadora educacional - responde pela relação de trabalho na escola, pelo desenvolvimento dos alunos e atendimento aos pais.

ORGANIZAÇÕES ESCOLARES

Todas as escolas municipais possuem uma estrutura organizativa que unifica o trabalho pedagógico com a participação de todos os segmentos envolvidos na vida escolar, da direção até o pai do aluno. Essa estrutura é formada por:

a) Conselho de Escola - instância máxima de decisão da unidade escolar, estuda e encaminha questões administrativas e pedagógicas. Os conselhos foram criados através da Lei Municipal nº 670, de 2 de julho de 1990, e são compostos por representantes de todos os segmentos escolares, na seguinte proporção: professor - 40%, especialista de Educação - 5%, funcionário - 5%, pais - 25%, e alunos - 25%. Os conselhos têm no mínimo 24 membros e no máximo 40, sendo eleitos entre seus pares no primeiro mês letivo.

b) Grêmio Estudantil - organizado a partir de 1990, funciona com o objetivo de incentivar a organização e participação dos estudantes na vida escolar. A direção é eleita anualmente entre todos os alunos da unidade.

c) Associação de Pais e Mestres (APM) - entidade escolar que objetiva a busca do desempenho mais eficiente e auto-sustentável do processo educativo. Entre as suas principais finalidades está a de dar assistência material ao aluno necessitado. Todo início de ano letivo, as APMs fixam uma contribuição mensal a ser paga pelos pais.

d) Reunião bimestral de pais - são realizadas por classe, para discussão e acompanhamento do trabalho pedagógico e desenvolvimento dos alunos.

e) Reunião pedagógica semanal de equipe técnica e professores - objetiva a discussão, encaminhamento e integração do trabalho pedagógico. É realizada por período, sob a coordenação da coordenadora pedagógica, com a participação da diretora, orientadora educacional e professores.



PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS

ESTÂNCIA BALNEÁRIA

PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES "GRÊMIO ESTUDANTIL - ANTONIO MANOEL DE CARVALHO", GESTÃO "INTEGRAÇÃO" BIÊNIO 94/95.

- 29/05 - Lançamento do Jornal ARTICULAÇÃO, periódico mensal de distribuição interna.
 - 7 /07 - Festa Junina - Show de Bandas.
 - 09/08 - Início do Processo de Sucessão e Eleição de Nova Diretoria do Grêmio Estudantil - Assembléia Geral de Estudantes - Eleição de Comissão Eleitoral e Conselho Fiscal.
 - 14/08 - Inscrição de Chapas - Início de Campanha das Chapas nas salas de aula e demais dependências da Escola.
 - 21/08 - Debate entre as Chapas e apresentação de Planos e Propostas de Trabalho.
 - 23/08 - Eleição da Nova Diretoria do Grêmio - Eleição por voto direto e secreto - Contagem de votos e resultado do pleito.
 - 3 /08 - Posse da Nova Diretoria do Grêmio.
- OBS: Os horários não foram apresentados em razão de sua flexibilidade. Necessidade de agendamento de dia para Festa Junina junto as demais Instituições Auxiliares de Escola.

CALENDÁRIO PARALELO

- DOM/04 e 05 - Torneio de Futebol de Salão Masculino no Ginásio dos Metalúrgicos.
- DOM/06 - Torneio de Basket, Andebol e Futsal Feminino no Ginásio dos Metalúrgicos.

Durante o recesso aos domingos - Torneio de Volei de Praia - Barraca do Sindicato dos Contabilistas.

Demais questões programáticas dar-se-ão sem um calendário fixo.

GRÊMIO ESTUDANTIL
"ANTONIO MANOEL DE CARVALHO"
FILIAÇÃO A UMES, UPES E URES
EMSG "ACÁCIO DE PAULA L. SAMPAIO"



SERGIO MIGUEL SANTOS ALCÂNTARA
Coordenador Geral do Grêmio
Estudantil.

A função dos grêmios estudantis

A relação com a direção e equipe da escola, os problemas enfrentados e perspectivas de atuação foram debatidos

JOÃO MATEUS



Se depender da disposição dos grêmios estudantis, os alunos de rede municipal de ensino estarão muito bem representados junto à comunidade escolar, agora que estão assumindo as diretorias eleitas para este ano. O papel do grêmio, sua relação com a direção e equipe da escola, os problemas enfrentados para a efetiva participação e as perspectivas de atuação foram discutidos numa reunião realizada na quinta-feira, dia 19, no auditório da Prodesan. Dirigido por técnicos do Departamento de Ação Pedagógica, da Secretaria de Educação, o encontro teve a participação de cerca de 35 estudantes da rede, entre presidentes de grêmios ou representantes, além de alunos interessados em colaborar com a implantação dos grêmios em suas escolas.

O encontro reuniu 35 alunos da rede municipal no auditório da Prodesan. Entre críticas, sugestões e organização. Para uma boa relação com as equipes técnicas das escolas é necessário, antes de tudo, compreensão, respeito mútuo, integração, espírito democrático, autonomia e capacidade de auto-gestão.

FIO da meada

Os grêmios estudantis foram extintos no período da ditadura militar, instituindo-se em seu lugar os centros cívicos, entidades sem nenhuma autonomia e atreladas à direção da escola. Em 1985, a lei federal 7388 assegurou a organização independente dos estudantes secundaristas. Em 1989 a União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UNES) iniciou a discussão com as redes de ensino sobre o projeto de construção dos grêmios. Na rede municipal, o processo começou em 1990, com a eleição da primeira diretoria do Grêmio Anísio Marcel de Carvalho, da ENSG Acácio de Paula Leite Sampaio. Em 91, todas as escolas já tinham seu grêmio, com eleições anuais e participação ativa.

D. O. URGENTE
2 6 0 5 9 4
Data

ENSINO ESTUDANTES
PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS
SECRETARIA DE CULTURA
HEMEROTECA MUNICIPAL

ENSINO SECRETARIA

Os Avanços na Educação

HEMEROTECA
MUNICIPAL

“ Entre todos os desafios de um governo com compromissos populares, a Educação é, talvez, o mais estimulante e, ao mesmo tempo, o mais complexo a ser vencido. Por quê? Educar não é somente preparar a criança, o jovem para competir no mercado de trabalho. Educar é também dar ao aluno condições para enfrentar a vida com alegria, criatividade e sólidos princípios de caráter. É essa Educação no sentido mais generoso da palavra, que estamos buscando através de uma escola com objetivos mais amplos que os contidos nos limites curriculares. Uma escola aberta à comunidade.”

TELMA DE SOUZA

Prefeita Municipal de Santos

cidade de Santos

administração democrática popular

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS**D.O. Urgente - Declaração da prefeita Telma de Souza sobre a Educação.**

Anexo II



Imagem retirada do Diário Oficial do dia 29 de junho de 2015 p. A5

ANEXOS RELACIONADOS AO PROJETO DE GRÊMIOS

Gestão do prefeito Paulo Alexandre

Neste anexo serão disponibilizados os seguintes documentos:

- a) Publicação da foto eleita para a capa dos anexos II. p. 424
- b) Imagem da Embaixadora da UNICEF, Celia Chenin. p. 425
- c) Resumão do Grêmio. p. 426
- d) Imagens retiradas de pastas da SEPROJE (SEDUC/Santos)..... p. 442
- e) Levantamentos das publicações referentes aos Grêmios Estudantis nos Diários Oficiais entre 2013 e 2017. p. 461

a. Publicação onde se encontra a foto eleita para a capa dos anexos II.

29 de junho de 2015

www.santos.sp.gov.br

Diário Oficial de Santos | A5

CAPACITAÇÃO Coalizão Antidrogas pronta para atuar

Chegaram ao fim as capacitações dos agentes multiplicadores do programa internacional de prevenção ao álcool e entorpecentes Coalizão Comunitária Antidrogas. A partir de agora, a diretoria eleita e os coalizionários colocarão em prática a metodologia desenvolvida nos treinamentos.

"Entraremos na fase de levantamento de dados e mapeamento dos pontos mais vulneráveis para desenvolver ações", disse a presidente da Coalizão, Cristiane Saraiva.

"Estamos felizes com os resultados, são pessoas comprometidas, e voltaremos a Santos para as supervisões", destacou a coordenadora da Associação Pró-Coalizões Comunitárias do Brasil, Eliane Marcondes.

CERTIFICADOS

No encerramento, 75 multiplicadores receberam os certificados. "Esse curso foi muito importante, pois já trabalho com prevenção e, com certeza, com esse grupo vamos fazer a diferença", finalizou o formando João de Souza.

Grêmios mobiliza oficinas para a Ação do Coração

Confeção de peças na escola Cidade de Santos une alunos, professores, equipe técnica e funcionários

Sete mil corações. Esta é a meta da escola Cidade de Santos, que participa da Ação do Coração com oficinas que envolvem alunos, professores, equipe técnica e funcionários. A iniciativa é do grêmio estudantil, presidido por Isley dos Santos Gois, 15, do 9º A, feita diariamente.

A entrega dos corações será na última semana de julho porque o evento ocorre em 2 de agosto. "A escola inteira ajuda e apoia", contou Isley. Na sexta-feira, 35 alunos costuravam as peças.

DOAÇÕES

Grande parte dos tecidos vem de amostras fornecidas pela comerciante Regina Alice Lema Gonzalez. Os alunos também colaboram, inclusive com alimentos. Outras escolas realizam oficinas do coração, como a Pedro Crescenti e a Lourdes Ortiz.

ANTIBULLYING

Grêmio também promove ação antibullying. "Aqueles que se sentem prejudicados ganham um cargo no grêmio como forma de fortalecer a participação, autoestima e liderança", declarou Isley.



Todos os corações de tecido produzidos na unidade municipal serão entregues na última semana de julho



“É uma experiência nova. Eu nem sabia colocar a linha na agulha e agora domino a técnica”

MICHAEL DA SILVA SANTANA, 14 ANOS



“Começamos com três pessoas e o número vem aumentando a cada dia”

ISLEY DOS SANTOS GOIS, 15 ANOS

INCLUSÃO DIGITAL

Vovonauta e Navegando formam 1ª turma de 2015

A formatura da primeira turma de 2015 de Introdução à Informática do Centro de Convivência Manoel Mathias (Morro do José Menino) foi realizada quinta-feira. Cinco alunos completaram os cursos gratuitos Navegando (16 a 59) e Vovonauta (60 em diante).

Promovidos pelo Centro Municipal de Tecnologia Educacional de Santos (CTE), ensinam o funcionamento dos computadores, planilha eletrônica, internet e apresentação de slides.

INSCRIÇÕES

Inscrições para novos



Entrega de certificados

cursos abrem amanhã, com turmas pela manhã, tarde e noite. No segundo semestre, os cursos serão incluídos na modalidade educação à distância.

EVENTO

Semana da Juventude tem inscrições até o dia 6

As inscrições para a 7ª Semana da Juventude prosseguem até o dia 6 de julho, às 12h, pelo e-mail cmj@santos.sp.gov.br.

Podem participar entidades, escolas, ONGs e associações, entre outros, que desenvolvam ou pretendam desenvolver atividades ou eventos voltados aos jovens de 15 a 29 anos.

ATIVIDADES

Podem ser palestras, peças teatrais, cinema, seminários, além de atividades esportivas ou educacionais.

A Semana da Juventude será realizada de 9 a 15 de agosto, promovida pelo Conselho Municipal da Juventude, com apoio da Coordenadoria da Juventude e de secretarias municipais, em diferentes regiões da Cidade.

O edital e a ficha de inscrição foram publicados na edição do dia 16 do Diário Oficial de Santos.

INSCRIÇÕES

ATÉ O DIA 6 DE JULHO, PELO E-MAIL CMJ@SANTOS.SP.GOV.BR

EDUCADOR SANTISTA

Oficinas preparam para participação em prêmio

Profissionais de educação estão participando de oficinas do Prêmio Educador Santista 2015. O objetivo é aprimorar e escrever a melhor maneira o projeto que concorrerá na iniciativa. Na quarta-feira, professores estiveram na escola Pedro II para a reunião com a responsável pela organização do concurso, Sandra Freitas.

"Falamos sobre como funciona o prêmio e qual a estrutura do projeto escrito. É um encontro que auxilia muito na elaboração do que será entregue no ato da inscrição", disse Sandra.

DÚVIDAS

Para a professora Nazaré Rodrigues dos Santos, da unidade Antônio de Oliveira Passos Sobrinho (Macuco), a oficina é muito importante. "Tira nossas dúvidas para que nosso trabalho seja escrito da maneira correta", afirmou.

SERVIÇO

MAIS INFORMAÇÕES NO DECRETO 7.131, PUBLICADO NO DIÁRIO OFICIAL DO DIA 22 DE MAIO

Grêmios na Ação do Coração

b. Imagem da Embaixadora da UNICEF, Celia Chenin.



Embaixadora da UNICEF, Celia Chenin⁸⁶.

A estudante francesa de 17 anos, que em intercâmbio no Brasil deu palestra aos Gremistas em 2016.⁸⁷

⁸⁶ Há uma entrevista de Celia Chenin no programa “Urbanidades” do Departamento de Produção Audiovisual da UNISANTOS. Disponível em: <<https://programaurbanidades.com.br/episodios/celia-chenin-episodio-104/>>.

⁸⁷ Fotografia retirada da página citada acima.

c. Resumão do Grêmio.





PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação
SEPROJE/COFORM/DEPED
PROJETO "GRÊMIOS ESTUDANTIS"



ESTRUTURA BASE DOS GRÊMIOS ESTUDANTIS MUNICIPAIS

Conforme a Lei Federal 7.398/85, o grêmio é livre e direito do aluno, não havendo qualquer autoridade que possa impedir o seu funcionamento dentro da escola.

INSTÂNCIAS DELIBERATIVAS

- **Assembleia Geral (AG):** reunião de todos os alunos para deliberar sobre assuntos diversos. Uma assembleia geral é obrigatória anualmente, com quórum mínimo de dez por cento dos alunos. É a única instância deliberativa que pode inaugurar e extinguir o grêmio.
- **Conselho de Representantes de Turma (CRT):** composto por dois representantes eleitos pelos próprios alunos de cada turma, que devem defender os interesses dos seus colegas perante o grêmio estudantil, em reuniões bimestrais obrigatórias.
- **Corpo de Dirigentes (CD):** eleitos por todos os alunos da escola (6º a 9º). São responsáveis por todas as ações diretas visando ao benefício dos alunos e da comunidade escolar em geral.
- **Conselho Fiscal (CF):** composto por, no mínimo, três membros do CRT que terão a responsabilidade de monitorar as atividades do CD, escolhidos na segunda reunião ordinária.
- **Articulador:** profissional da educação nomeado pela SEDUC para colaborar com o trabalho dos gremistas deliberando suas propostas baseado na legislação municipal, estadual e federal, não podendo indeferir ações sem um respaldo legal. Deve ajudar na viabilização das ações, elaborar propostas e projetos para apresentar aos gremistas e recebê-los dos mesmos para compartilhar entre todos os grêmios e atender às denúncias tomando providências para assistir e representar a opinião dos estudantes, além de instituir o Regimento Eleitoral.

CARGOS EM CADA INSTÂNCIA DELIBERATIVA

- **Assembleia Geral:** secretário, definido na própria assembleia.
- **Conselho de Representantes de Turma:**
 - Diretor (es) Geral (is) (manhã – Bloco I – e/ou tarde – Bloco II);
 - Secretário (s) de Relações Internas do Bloco;
- **Corpo de Dirigentes:**
 - **Presidência**
 - Presidente;
 - Vice-Presidente (s) (manhã e tarde);
 - Tesoureiro;
 - Primeiro Secretário;
 - Secretário de Relações Externas;
 - Secretário (s) Geral (is) (manhã e/ou tarde);
 - **Diretoria**
 - Diretor de Ação e Cidadania;
 - Diretor de Comunicação;

Resumão do Grêmio (continuação).

- Diretor de Cultura;
- Diretor de Educação;
- Diretor de Esportes;
- Diretor de Eventos;
- Conselho Fiscal
 - o Secretário (s) (manhã e/ou tarde).

FUNÇÕES DENTRO DO CONSELHO DE REPRESENTANTES DE TURMA

- Geral: ajudar a resolver os impasses em sala de aula, eleger os membros do Conselho Fiscal, o Diretor Geral e o Secretário de Relações Internas dos Blocos (manhã e tarde), discutir e votar as propostas do Corpo de Dirigentes, sempre que solicitado, procurar meios de cultivar a amizade entre os colegas levando a turma a trabalhar unida, incentivar os colegas menos aplicados ao estudo e representar seus colegas a fim de transmitir e mediar seus anseios, problemas e sugestões.
- Diretor Geral: convocar e presidir as reuniões ordinárias e extraordinárias do Conselho de Representantes do bloco a que pertence, assessorar o Corpo de Dirigentes na execução de seu programa administrativo, colaborando com a divulgação das atividades nas salas de aula e participando das suas reuniões, apreciar as atividades do Corpo de Dirigentes, especialmente aquelas direcionadas aos estudantes dos blocos, podendo convocar para esclarecimentos qualquer um dos seus membros, propor reunião extraordinária da Assembleia Geral sempre que ocorrerem fatos graves e urgentes, manter-se sempre informado sobre todos os assuntos das turmas do bloco que representa, convocar e deliberar reuniões e coordenar e dirigir todos os representantes de turma do bloco que representa.
- Secretário de Relações Internas: redigir e assinar a ata de reunião deste conselho contendo os temas debatidos, decisões tomadas e assinatura de todos os presentes, arquivar todos os documentos externos e internos do Conselho e participar das reuniões ordinárias e extraordinárias do Corpo de Dirigentes do grêmio.

FUNÇÕES DENTRO DO CORPO DE DIRIGENTES

- Presidente e vice: representar o grêmio dentro e fora da escola, presidir as reuniões, participar das reuniões dos representantes, convocar e presidir as reuniões da Assembleia Geral, acompanhar as atividades e desempenho dos dirigentes, empossar novos membros, liberar a verba em caixa e manter contato com o articulador.
- Tesoureiro: cuidar dos bens do grêmio, manter a escrituração em dia e controlar a movimentação financeira.
- Primeiro Secretário: cuidar dos documentos e agenda da presidência, elaborar as atas das reuniões dos dirigentes e zelar pelo cumprimento das atividades aprovadas em reunião.
- Secretário de Relações Externas: representar o grêmio fora da escola, integrar o grêmio ao movimento estudantil e cuidar de toda a correspondência.
- Secretário Geral: cuidar da documentação e da agenda dos diretores e colaborar com o trabalho do primeiro secretário, sempre que necessário.
- Diretor de Ação e Cidadania: realizar projetos que mobilizem os estudantes para as questões sociais, cívicas, ambientais, humanas, políticas, dentre outras, e promover a integração do corpo discente e o desenvolvimento da sensibilidade, solidariedade e a capacidade reflexiva.
- Diretor de Comunicação: zelar pela comunicação entre o grêmio e a comunidade escolar, publicar informações gerais no mural do grêmio, publicar o jornal (quando possível), manter a página do grêmio na internet (quando possível), programar a rádio

(quando possível), produzir vídeos, sempre que possível, fazer filmagens e fotografias de eventos em que o grêmio se fizer presente.

- **Diretor de Cultura:** promover a realização de palestras, oficinas e variadas atividades artístico-culturais que desenvolvam o potencial artístico do estudante e promovam o intercâmbio cultural e promover o desenvolvimento das aptidões ou talentos culturais e artísticos dos estudantes.
- **Diretor de Educação:** zelar pela melhoria do ensino e atendimento das necessidades dos estudantes, pela melhoria do ambiente educativo, acompanhar as condições de aprendizagem dos estudantes e os métodos pedagógicos utilizados pelos professores e zelar pela relação respeitosa entre os servidores da escola e corpo discente e vice-versa.
- **Diretor de Esportes:** zelar e incentivar a prática do esporte na escola, promover e participar de campeonatos, jogos e disputas, entre outros, internos ou externos, coordenar e orientar as atividades esportivas do corpo discente, articular-se com o (a) professor (a) de Educação Física para organizar campeonatos internos e/ou externos e estabelecer normas ou regulamentos referentes às atividades esportivas.
- **Diretor de Eventos:** promover a realização de concursos, shows e atividades de natureza cultural e musical para comemoração de datas importantes para a escola ou comunidade estudantil, colaborar diretamente na organização de qualquer evento promovido pelas outras diretorias e organizar o cronograma da maneira mais adequada para que um evento de uma diretoria não venha a comprometer o evento de outra diretoria.

FUNÇÕES DENTRO DO CONSELHO FISCAL

- **Geral:** examinar os livros e a situação financeira do grêmio, assinar todos os documentos emitidos pelo Conselho, apresentar relatório das atividades econômicas do Corpo de Dirigentes na última Assembleia Geral ordinária que antecede as eleições do grêmio, colher o inventário do presidente em fim de mandato e o entregar ao presidente empossado, convocar Assembleia Geral, sempre que ocorrerem fatos graves e urgentes, eleger o Secretário (a) do Conselho e zelar pelo cumprimento das normas do Estatuto e do Regimento Escolar da UME.
- **Secretário:** redigir e assinar a ata de reunião deste conselho contendo os temas debatidos, decisões tomadas e assinatura de todos os presentes, arquivar todos os documentos externos e internos do Conselho.

AS ELEIÇÕES

- **Conselho de Representantes de Turma:** dão-se no início do ano letivo. Cada turma elege seus dois representantes, sendo o mais votado o titular, e o segundo, o vice. Não se pode diferenciar meninos de meninas na hora da eleição, ou seja, tanto podem ser dois meninos como duas meninas, ou um de cada os vencedores na votação (conforme a Constituição Federal, artigo 5º, inciso I).
- **Corpo de Dirigentes:** dão-se da segunda quinzena de fevereiro à primeira quinzena de março. A troca de gestão ocorre no dia 28 de março (Dia Estadual do Grêmio Livre Estudantil – data adotada nas escolas municipais através de assembleia geral). Os 12 alunos mais votados (em escolas de turno duplo, 14) reúnem-se com o articulador para definirem qual cargo cada um ocupará.

Em qualquer uma das eleições, a ausência de um aluno implica automaticamente a perda do seu direito a



Eleição

voto, independente do motivo. A eleição do CD é mediada pelo articulador através de voto eletrônico, com divulgação do número de uma antecipadamente.

A Comissão Eleitoral é formada por alunos que não se candidataram e foram designados pela Assembleia Geral pelo menos um mês antes da eleição. As inscrições dos candidatos são feitas com os representantes das próprias turmas até data estipulada. A propaganda eleitoral também é definida pela Comissão Eleitoral, sendo que a boca de urna é vedada no dia da eleição. Um fiscal (funcionário da escola) deve acompanhar todo o processo eleitoral, do começo ao fim. A apuração deve ser feita ao final da eleição, somente com a Comissão Eleitoral, o fiscal e o Articulador, sempre que possível.

No caso de dois candidatos empatados, proceder-se-á com o seguinte critério de desempate:

1. Ano no qual o candidato estiver matriculado;
2. Idade do candidato;
3. Em ambos os casos, prevalece o candidato mais velho.

Cada candidato deve confeccionar a sua propaganda com recursos próprios, não podendo utilizar qualquer recurso do grêmio para isso, sendo proibida a ajuda de qualquer membro da escola na criação de qualquer material de divulgação do candidato.

Toda anulação de votos ou urnas deverá ser realizada por decisão soberana do presidente da Comissão em conjunto com o Articulador, baseado em fato comprovado. Após a divulgação oficial, não será aceito qualquer pedido de recontagem de votos.

A CERIMÔNIA DE POSSE

Realizada em um teatro da cidade com todos os grêmios juntos. Autoridades municipais sempre estão presentes, entre eles o prefeito e o secretário de educação. O presidente que deixa o cargo empossa o novo, que junto com seu (s) vice (s), recebe o Termo de Posse em nome de todo o Corpo de Dirigentes.

A Cerimônia de Posse é sempre organizada pela Secretaria de Educação, que notifica as escolas e providencia o transporte para os gremistas, convidando toda a Rede Municipal de Ensino para o evento.



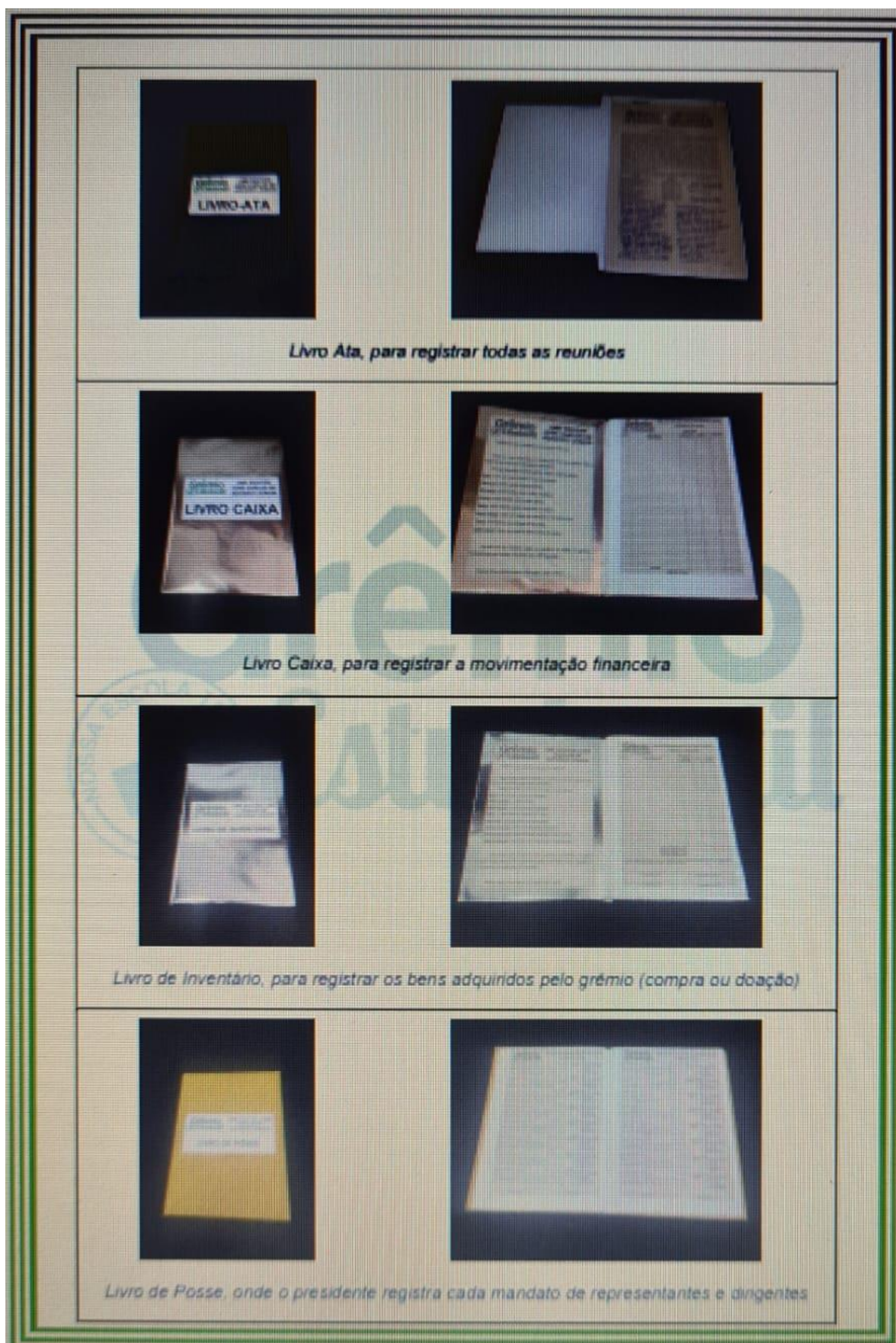
Cerimônia de Posse de 2014

CAPTAÇÃO DE RECURSOS FINANCEIROS

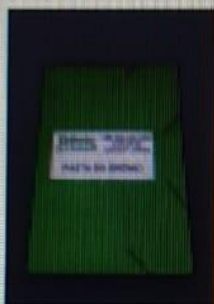
Todo dinheiro captado pelo grêmio será registrado na APM como doação do Grêmio Estudantil, que terá o seu direito de usufruto. O tesoureiro registrará a movimentação no Livro Caixa do grêmio.

ORGANIZAÇÃO

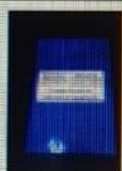
Para organizar as ações do grêmio, é importante atentar à documentação. Seguem imagens do que foi providenciado:



Resumão do Grêmio (continuação).



Pasta do Grêmio, para guardar os documentos e pequenos bens



Cadernos dos Diretores, para cada diretor poder organizar a sua diretoria

Outros materiais podem ser providenciados, conforme a necessidade específica do grêmio.

AS REUNIÕES

São sempre abertas. Quem estiver participando sem ter sido convocado, só não tem direito a voto. Elas podem ser ordinárias (obrigatórias) ou extraordinárias (a qualquer momento) e devem ser convocadas com, no mínimo, dois dias úteis de antecedência através de documento por escrito.

As reuniões extraordinárias são convocadas sempre que houver fatos urgentes.

O convocado que não comparecer deverá justificar a sua ausência, sendo a sua justificativa apresentada aos demais gremistas, que devem aceitá-la ou não.

ALUNOS COLABORADORES

Os alunos colaboradores são aqueles que não foram eleitos, mas podem aderir a qualquer diretoria, sendo-lhes dadas funções conforme a necessidade do respectivo diretor. Algumas delas são:

- Ação e Cidadania
 - Agente de campanhas: sendo um agente para cada campanha de conscientização dos alunos e da comunidade escolar de princípios morais e éticos e a reconstrução de valores;
- Comunicação
 - Fotógrafo: um por período, registra os momentos de ação do grêmio e os mais que forem de interesse da escola;
 - Locutor: um por recreio, anuncia na rádio do grêmio os informativos para os alunos;
 - DJ: cinco por recreio (um para cada dia da semana), executam a seleção de músicas definidas com o diretor de comunicação;

Resumão do Grêmio (continuação).

- o Desenhista: responsável por criar logotipos para as necessidades do grêmio;
- o Redator: pequena equipe responsável por elaborar os textos veiculados no jornal do grêmio e, possivelmente, na página da Internet;
- **Cultura**
 - o Curador: cuida das mostras culturais, independente de qual modalidade seja (pintura, desenho, escultura, música, dança, teatro, etc.);
- **Educação:**
 - o Aluno mediador: responsável por monitorar constantemente as atitudes dos demais alunos, garantindo o bom andamento do período, a disciplina e a boa convivência;
 - o Instrutor-mirim: colabora com os alunos com dificuldade de aprendizagem, marcando um horário com eles na própria escola para ajudá-los a entenderem o conteúdo aplicado pelos professores;
- **Esportes:**
 - o Árbitro: apita os jogos realizados pelo grêmio estudantil;
 - o Aluno monitor: orienta os alunos quanto às atividades disponíveis no recreio, sendo cada um (no mínimo) responsável por uma atividade diferente;
- **Eventos:**
 - o Mestre de cerimônia: realiza a apresentação dos eventos do grêmio estudantil e, possivelmente, da escola em geral.
 - o Promotor: colabora na organização e divulgação dos eventos.
 - o Recepcionista: recebe os convidados, pedindo que assinem lista de presença, quando necessário.

Cada diretor pode, também, criar novos cargos para os colaboradores, desde que haja tal necessidade.

O REGIME DISCIPLINAR

É a parte do Estatuto Geral que prevê atitudes que o grêmista não pode ter. Qualquer membro da comunidade escolar pode fazer uma denúncia ao articulador, preenchendo o Relatório de Situação Irregular. As sanções só poderão ser aplicadas com a ratificação do articulador.

São consideradas infrações disciplinares:

- Usar o Grêmio para obtenção de privilégio pessoal, de grupo ou outras finalidades não presentes ou proibidas pelo Estatuto;
- Deixar de cumprir as disposições do Estatuto;
- Prestar informações referentes ao Grêmio que coloquem em risco a integridade de seus membros ou da instituição;
- Atentar contra a guarda e o emprego do patrimônio do Grêmio;
- Atuar com improbidade na administração do Grêmio;
- Deixar de zelar pela profícua aplicação dos recursos do Grêmio;
- Comprometer a idoneidade moral do Grêmio, agindo de forma irresponsável e ilícita dentro dos eventos e atuações que são de responsabilidade do mesmo e durante o seu período escolar em geral;
- Deixar de cumprir com as obrigações às quais foi designado;
- Deixar de tratar qualquer membro da comunidade escolar com o devido decoro e respeito;
- Subornar os demais colegas para que estes votem no subornador na eleição ou em qualquer outro momento em que o voto se faça necessário;
- Realizar boca de urna no dia de qualquer eleição.

Quando é necessário recorrer ao Regime disciplinar, são tomados os seguintes procedimentos:

Resumão do Grêmio (continuação).

- Na primeira infração, o gremista recebe uma notificação por escrito informando o que fez com que ele fosse notificado, devendo responder pelas perdas/danos causados conforme o ECA;
- Na reincidência dentro da mesma infração, o gremista é desligado do seu cargo.

Na primeira, sendo indisciplina na escola, será colocado um relatório disciplinar na pasta da turma a ser preenchido pelos professores de cada aula durante toda a semana, qualificando o infrator de 1 a 5, sendo 5 o melhor comportamento.

SAÍDA DO CARGO

Existem quatro possibilidades de saída do cargo:

- Renúncia: quando o próprio gremista solicita deixar o cargo;
- Transferência: quando o gremista deixa de ser aluno da escola, a sua saída é automática;
- Fim de mandato: no dia 27 de março do ano subsequente à posse, o dirigente completa o seu tempo no cargo, deixando-o para o novo eleito a partir do dia 28 (Dia Estadual do Grêmio Livre Estudantil); se for representante, o mandato termina em 31 de dezembro;
- Desligamento: por ferir o Regime Disciplinar, após análise do caso pelo articulador, a sua saída é determinada.

No caso de qualquer cargo, a saída pode ser determinada diretamente pela Assembleia Geral, que também tem o poder de derrubar a decisão do articulador de desligar o gremista. Se for um representante de turma, a própria turma pode votar pelo desligamento, em documento específico (abaixo-assinado) relatando qual item provocou (ou quais itens provocaram) tal decisão.

Feito o documento, ele é encaminhado ao articulador, que o valida com a sua assinatura. Caso haja alguma irregularidade no documento, ele é devolvido aos alunos para reformulação. Enquanto a sua assinatura não estiver no documento, o aluno acusado permanece no cargo.

MENÇÃO HONROSA

É um documento emitido pela Secretaria de Educação para os alunos que se destacarem nos trabalhos do Grêmio Estudantil. Durante o ano, o articulador acompanha o trabalho dos gremistas, condecorando aqueles que merecerem com o termo ao final do ano. Não há limite de emissão de menções, dependendo o gremista apenas de si mesmo para ganhar a menção.

GRÊMIO MIRIM

É um projeto inovador para alunos de 1º a 5º ano iniciado na UME Professor Pedro Crescenti, onde somente alunos de 4º e 5º ano se candidatam, sendo que os de 3º já têm direito a voto. No 1º e 2º anos, os alunos já votam nos representantes das suas turmas.

A estrutura é a mesma, sendo que os cargos ganham o nome "mirim" ao final, e as ações dizem respeito às necessidades específicas da sua própria faixa etária.



ANEXO – LEGISLAÇÃO CORRELATA

a) Constituição Federal



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988

PREÂMBULO

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

(...)

TÍTULO II
Dos Direitos e Garantias Fundamentais
CAPÍTULO I
DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

(...)

XVIII - a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento;

(...)

b) Estatuto da Criança e do Adolescente



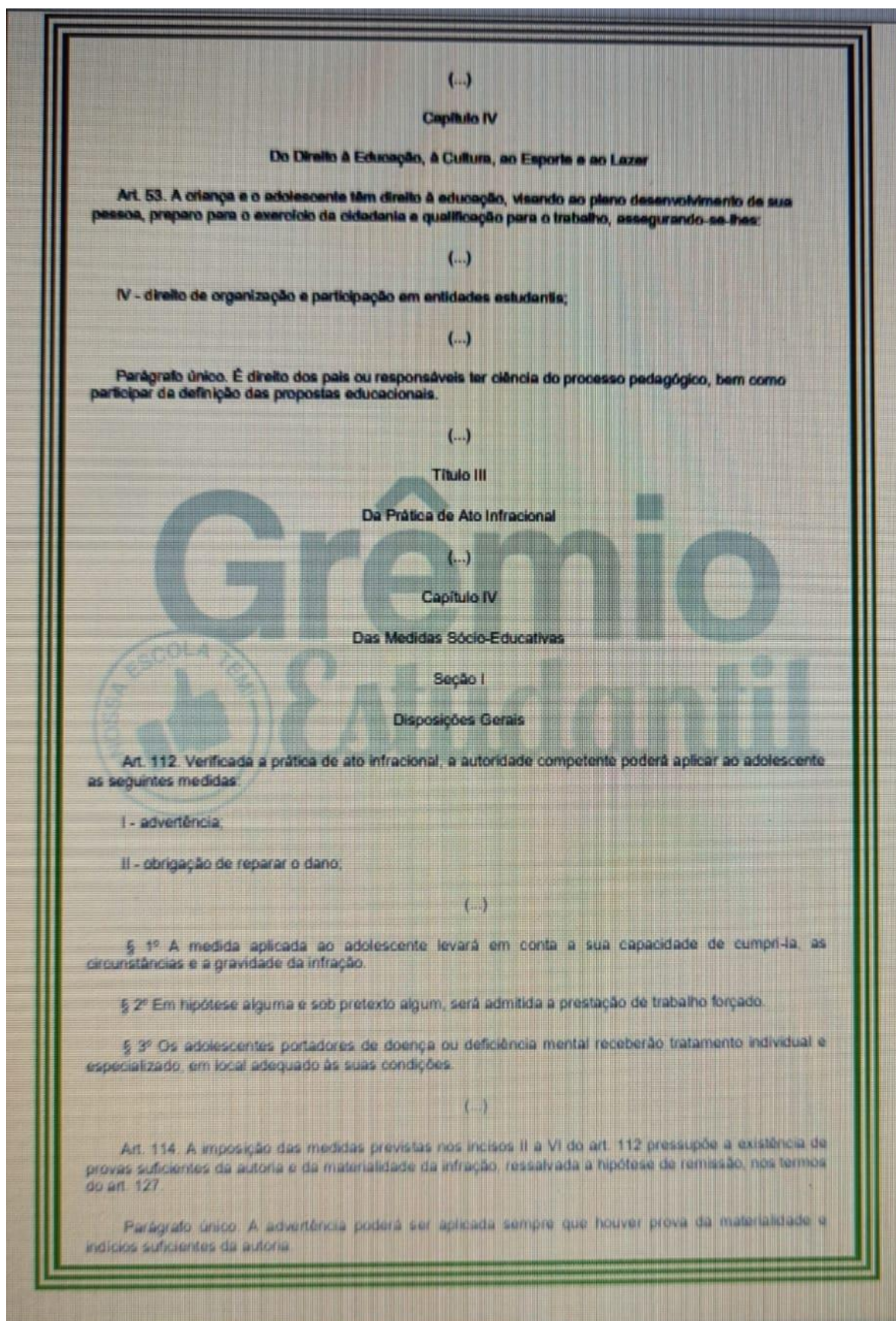
Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.

Texto compilado

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:



Resumão do Grêmio (continuação).



TÍTULO IV

Da Organização da Educação Nacional

(...)

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

- I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

d) Lei Federal do Grêmio Livre Estudantil



Presidência da República

Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 7.398, DE 4 DE NOVEMBRO DE 1985.Mensagem de veto

Dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º graus e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o Congresso Nacional decreta e em sanciona a seguinte lei:

Art. 1º - Aos estudantes dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus fica assegurada a organização de Estudantes como entidades autônomas representativas dos interesses dos estudantes secundaristas com finalidades educacionais, culturais, cívicas esportivas e sociais.

§ 1º - (VETADO).

§ 2º - A organização, o funcionamento e as atividades dos Grêmios serão estabelecidos nos seus estatutos, aprovados em Assembleia Geral do corpo discente de cada estabelecimento de ensino convocada para este fim.

§ 3º - A aprovação dos estatutos, e a escolha dos dirigentes e dos representantes do Grêmio Estudantil serão realizadas pelo voto direto e secreto de cada estudante observando-se no que couber, as normas da legislação eleitoral.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, em 04 de novembro de 1985, 164ª da Independência e 97ª da República.

JOSE SARNEY
Marco Maciel

e) Lei do Dia Estadual do Grêmio Livre Estudantil



Resumão do Grêmio (continuação).

IV - da Associação de Pais e Mestres.

§ 1º - A Assembleia terá como objeto a discussão e a deliberação dos seguintes assuntos:

1. nome do grêmio;
2. estatuto interno do grêmio;
3. comissão eleitoral;
4. data da eleição.

§ 2º - A Assembleia Geral deve ser realizada no prazo máximo de 30 (trinta) dias após a publicação do edital a que se refere o "caput" deste artigo.

§ 3º - Essa publicação deve ser ampla e irrestrita dentro do ambiente escolar, com divulgação dentro das salas de aula e demais dependências de convívio escolar.

§ 4º - Vetado.

Artigo 4º - Vetado:

I - vetado;

II - vetado.

Artigo 5º - Vetado:

I - vetado;

II - vetado;

III - vetado;

IV - vetado.

Artigo 6º - Os estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, deverão assegurar ao grêmio estudantil:

- I - espaço para sua instalação e realização de suas atividades;
- II - livre alocação e circulação de seus cartazes, panfletos, jornais e publicações;
- III - vetado;
- IV - vetado;
- V - acesso de seus representantes a todas as dependências da instituição.

Artigo 7º - Os membros da diretoria do grêmio estudantil terão assegurada a permanência e rematrícula a partir da sua eleição até um ano após o fim de seu mandato.

Artigo 8º - As despesas decorrentes da execução desta lei correrão à conta das dotações próprias consignadas no orçamento vigente.

Artigo 9º - Vetado.

Artigo 10 - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 12 de janeiro de 2015.

a) SAMUEL MOREIRA - Presidente

Publicada na Secretaria da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 12 de janeiro de 2015.

a) Rodrigo del Nero - Secretário Geral Parlamentar

g) Decreto Municipal que institui a CAAGE-SANTOS (Comissão de Apoio e Articulação dos Grêmios Estudantis)

DECRETO Nº 7.108

DE 06 DE MAIO DE 2015

CONSTITUI A COMISSÃO DE APOIO E ARTICULAÇÃO DOS GRÊMIOS ESTUDANTIS - CAAGE-SANTOS NAS UNIDADES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO DE SANTOS, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

PAULO ALEXANDRE BARBOSA, Prefeito Municipal de Santos, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

DECRETA:

Art. 1º Fica constituída a Comissão de Apoio e Articulação dos Grêmios Estudantis - CAAGE-Santos, com a finalidade de assegurar a qualidade na educação, tendo como eixo principal a gestão democrática a ser desenvolvida por meio do fortalecimento dos Grêmios Estudantis nas Unidades Municipais de Educação de Santos.

Art. 2º A CAAGE-Santos será integrada pelos seguintes membros:

- I - Secretário Municipal de Educação ou Secretário-Adjunto de Educação;
- II - 1 (um) representante do Departamento Pedagógico;
- III - 1 (um) representante da Coordenação de Supervisão das Unidades Municipais de Educação;
- IV - 1 (um) professor da Rede Municipal.

§ 1º Os membros que integram a CAAGE-Santos não receberão remuneração, a qualquer título, pelo exercício de suas funções.

§ 2º O professor de que trata o inciso IV será nomeado o articulador oficial dos Grêmios Estudantis municipais, tendo como atribuições:

- a) dar cumprimento ao disposto no estatuto dos Grêmios;
- b) organizar, juntamente com os grêmistas, reuniões ordinárias e extraordinárias, sempre que necessário;
- c) tomar ciência das ações que ocorrerem em cada Grêmio.

Resumão do Grêmio (continuação).

- d) colaborar com o bom andamento dos Grêmios em geral;
 e) promover a integração entre os Grêmios da Rede Municipal e, sempre que possível, com outros Grêmios não inseridos nas Unidades Municipais de Educação;
 f) orientar os gremistas quanto a seus direitos e deveres, principalmente quanto ao disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na Constituição Federal e na Lei do Grêmio Livre Estudantil.

Art. 3º Para garantir a consecução de sua finalidade, a CAAGE-Santos realizará as seguintes ações:

- I – fortalecer os Grêmios Estudantis existentes nas Unidades Municipais de Educação;
- II – elaborar e reformular os documentos que tratam da organização e atuação dos Grêmios Estudantis;
- III – mobilizar, divulgar, sensibilizar e esclarecer a população da importância dos Grêmios Estudantis;
- IV – formar continuamente os envolvidos com os Grêmios Estudantis;
- V – buscar parcerias para a divulgação e o fortalecimento dos Grêmios Estudantis;
- VI – promover reuniões periódicas para estudos e deliberações.

Art. 4º A Comissão de que trata este decreto será indicada e coordenada pelo Secretário Municipal de Educação.

Art. 5º A Secretaria Municipal de Educação adotará as providências que se fizerem necessárias ao cumprimento do disposto neste decreto.

Art. 6º As despesas com a execução deste decreto correrão pelas dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 7º Este decreto entra em vigor na data da publicação.

Registre-se e publique-se.

Palácio "José Bonifácio", em 06 de maio de 2015.

PAULO ALEXANDRE BARBOSA

PREFEITO MUNICIPAL

Registrado no livro competente.

Departamento de Registro de Atos Oficiais do Gabinete do Prefeito Municipal, em 06 de maio de 2015.

SYLVIO ALARCON ESTRADA JUNIOR

CHEFE DO DEPARTAMENTO

h) Portaria Municipal que define os membros da CAAGE-SANTOS

PORTARIA N.º 27/SEDUC

DE 15 DE MAIO DE 2015.

DISPÕE SOBRE A NOMEAÇÃO DOS MEMBROS INTEGRANTES DA COMISSÃO DE APOIO E ARTICULAÇÃO DOS GRÊMIOS ESTUDANTIS - CAAGE-SANTOS, INSTITUÍDO PELO DECRETO N.º 7.108, DE 06 DE MAIO DE 2015.

A Secretária de Educação, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, e considerando o Decreto nº. 7.108 de 06 de Maio de 2015,

Resolve:

Art. 1º Ficam nomeados para integrarem a Comissão de Apoio e Articulação dos Grêmios Estudantis Municipais - CAAGE-Santos os seguintes membros:

I - Secretário Municipal de Educação ou Secretário Adjunto de Educação:

Audrey Kleys Cabral de Oliveira Dinau

II - Representante do Departamento Pedagógico:

Maria de Fátima Alves dos Santos

III - Representante da Coordenadoria de Supervisão das Unidades Municipais de Educação:

Hilda Maria Gonçalves Ferreira

IV - Professor da Rede Municipal filiado à Seção de Projetos Educacionais Especiais – SEPROJE:

Rafael Silva de Souza

Art. 2º Esta portaria entra em vigor na data da publicação.

VENÚZIA FERNANDES
SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO

PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação

SEPROJE/COFORM/DEPED
PROJETO "GRÊMIOS ESTUDANTIS"

RELATÓRIO DO PROFESSOR COLABORADOR

UME: Márcio de Almeida Alcântara MÊS: 4 /2016

DATA	ATIVIDADE DESENVOLVIDA
<u>1/4</u>	<u>Presença na cerimônia de posse dos Grêmios - Deputado Guarani</u>
<u>2/4</u>	<u>Grêmios personaliza e retoma o uso do mural afixado na entrada da escola</u>
<u>2/4</u>	<u>Organizada lista com os e-mails dos Grêmios, com número de celulares</u>
<u>3/4</u>	<u>A educanda Vitória (6A) veio pedir para fazer parte do Grêmios - colaboradora</u>
<u>3/4</u>	<u>Atendi o pai da educanda Ithefany (6A) que pediu informações sobre o projeto</u>
<u>4/4</u>	<u>Email com lista de representantes e fotos da posse e do novo mural para Rafael</u>
<u>13/4</u>	<u>Atualizando os informes do mural</u>
<u>26/4</u>	<u>Reunião do Grêmios cancelada em virtude de reunião de professores</u>
<u>27/4</u>	<u>Comparece na formação de Justiça Restaurativa para os Grêmios no Senac</u>
<u>1</u>	

Orientadora Educacional

Professor (a) _____ Orientador (a) Educacional _____ Articulador _____

Relatório de um professor


Prefeitura de Santos
Secretaria de Educação
Departamento Pedagógico
 Coordenadoria de Formação Educacional
 Seção de Projetos Educacionais Especiais
 Projeto "Grêmios Estudantis"



AVALIAÇÃO GERAL – 2016

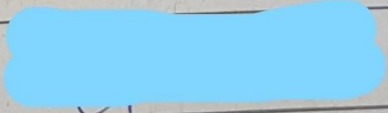
Nome do (a) Professor (a): _____

UME (s): AYRTON S. DA SILVA / DR. JOSÉ CARLOS DE AZEVEDO JR.

Este relatório será de muita utilidade para o planejamento do próximo ano. Para respondê-lo adequadamente, basta assinalar uma alternativa para cada item (exceto o 7 e o 8). Quanto mais informações fornecidas, mais fácil será atender as necessidades das UMEs.

- O interesse dos alunos pelo grêmio foi:
☒ Grande () Médio () Baixo
- O atendimento do articulador foi:
☒ Excelente () Bom () Poderia ter sido melhor: _____
- A organização dos trabalhos foi:
☒ Excelente () Bom () Poderia ter sido melhor: _____
- O sistema de comunicação foi:
☒ Excelente () Bom () Poderia ter sido melhor: _____
- O comprometimento dos gremistas foi:
 () Excelente () Bom ☒ Poderia ter sido melhor: SE FOSSE TRABALHO A CONSCIÊNCIA DE PERTENCIMENTO.
- O projeto visa a contemplar eixos definidos no início de 2014. Assinale até três opções para defini-las como prioridades para o próximo semestre:

() Ações para a disciplina, limites e regras	() Passeios e projetos
() Autoestima e motivação	() Perspectiva de futuro profissional
☒ Autonomia e organização	() Qualidade de vida
() Auxílio na gestão escolar	() Recreio dirigido
() Cidadania e integração social	☒ Representatividade e liderança
() Conservação do patrimônio	() Senso crítico e valores humanos
() Disseminação de informações	☒ Valorização dos estudos
- Comentários adicionais (opcional): PENSO QUE DEVERÍAMOS VALORIZAR A PREPARAÇÃO DOS ALUNOS PARA EXERCER SUAS FUNÇÕES NO GRÊMIO E NO EXERCÍCIO DA REPRESENTAÇÃO.



 Assinatura

Avaliação Geral feita pelos professores


Prefeitura de Santos
Secretaria de Educação
Departamento Pedagógico
 Coordenadoria de Formação Educacional
 Seção de Projetos Educacionais Especiais
 Projeto "Grêmios Estudantis"


 Santos
 Cidade Educadora

AVALIAÇÃO FINAL DOS PROFESSORES COLABORADORES
PROJETO GRÊMIOS ESTUDANTIS (2016)

Professor	UME	Nota*	Ciência
[REDACTED]	Ayrton	8,625	[REDACTED]
[REDACTED]	José Carlos		[REDACTED]
[REDACTED]	Dos Andradas II	10,0	[REDACTED]
[REDACTED]	Pedro II		[REDACTED]
[REDACTED]	Lourdes Ortiz	8,625	[REDACTED]
[REDACTED]	Edméa Ladevig	6,25	[REDACTED]
[REDACTED]	Cidade de Santos		[REDACTED]
[REDACTED]	Monte Cabirão	9,75	[REDACTED]
[REDACTED]	Judoca		[REDACTED]
[REDACTED]	Oswaldo Justo	7,0	[REDACTED]
[REDACTED]	Mário de Alcântara		[REDACTED]
[REDACTED]	Lúcio Floro	10,0	[REDACTED]
[REDACTED]	Vinte e Oito	10,0	[REDACTED]
[REDACTED]	Florestan Fernandes	5,45	[REDACTED]
[REDACTED]	Irmão José Genésio	10,0	[REDACTED]
[REDACTED]	Martins	10,0	[REDACTED]
[REDACTED]	Pedro Crescenti	9,5	[REDACTED]
[REDACTED]	José da Costa		[REDACTED]
[REDACTED]	Colégio Santista	9,65	[REDACTED]
[REDACTED]	Avelino		[REDACTED]

*A nota dos professores com mais de uma escola foram baseadas na média aritmética simples dos valores obtidos em cada uma delas.

Avaliação geral: notas dadas aos professores coordenadores dos Grêmios (articuladores).


Santos

Prefeitura de Santos
Secretaria de Educação
Departamento Pedagógico
Coordenadoria de Formação Educacional
Seção de Projetos Educacionais Especiais
Projeto "Grêmios Estudantis"


Santos
Cidade Educadora

RESULTADO DA ENTREVISTA PARA PROFESSOR COLABORADOR – 2017

Nome do (a) Professor (a): [REDACTED]

UME onde possui sede: dos Andradas II

Conceito obtido no projeto em 2016: 10,0 (dez)

PARTE I – IDENTIFICAÇÃO

Currículo:
Disponibilidade: *manhã*
Interesse por quantos grêmios? 1

PARTE II – CONHECIMENTO SOBRE O TEMA

Tem clareza do que é o grêmio e da sua importância para a escola e para o entorno.

PARTE III – INTEGRAÇÃO COM O PROJETO

*Tem clareza do papel dos Representantes de Turma e do Corpo de Dirigentes e da relação destes com o Conselho de Escola.
Suas ações foram coerentes com cada tema solicitado.*

PARECER

A professora demonstra perfil para assumir o Projeto Grêmios Estudantis no ano de 2017.

Assinatura

Resultado da entrevista de perfil profissional dos professores inscritos para trabalhar junto aos Grêmios Estudantis.


Prefeitura de Santos
 Secretaria de Educação
 Departamento Pedagógico
 Coordenadoria de Formação Educacional
 Seção de Projetos Educacionais Especiais
 Projeto "Grêmios Estudantis"


 Santos
 Cidade Educadora

www.ead.ur

FICHA DE ENTREVISTA PARA PROFESSOR COLABORADOR (2017)

PARTE I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Data de nascimento: _____ Registro: _____

Cargo: _____

UME: _____ Período de atuação: _____

Há quanto tempo trabalha na Prefeitura de Santos? 20 anos

Trabalha em outro local? Não Onde? _____

Disponibilidade para este projeto: matutino

Experiências anteriores com juventude:

Trabalho no [redacted] e já trabalhei no [redacted] com adolescentes. Este ano ⁽²⁰¹⁶⁾ fui a mol = Colaboradora do Grêmio do [redacted]

PARTE II – CONHECIMENTO SOBRE O TEMA

Como você pode definir "Grêmio Estudantil"?

Um excelente projeto, uma ideia que ajudou os alunos a amadurecerem e melhorarem seu comportamento

Qual o papel fundamental do grêmio estudantil no contexto escolar?

Os alunos se tornam muito mais responsáveis, participativos e interessados não só pela escola, mas pela comunidade.

No que a realidade escolar pode influenciar os trabalhos do grêmio estudantil?

Os alunos do [redacted] estão em uma comunidade com tráfico de drogas, eles podem realizar trabalhos de conscientização para não se envolverem com a realidade.

Qual a relação do grêmio estudantil com o entorno da unidade escolar?

Otima relação esse ano, os alunos fizeram apresentações para a comunidade, trabalhos sociais com um aluno doente e com um residencial de idosos. Os pais dos grêmistas e dos outros alunos, elogiaram.

Ficha de entrevista do professor inscrito.

SECRETARIA DE SANTOS
Secretaria de Educação

SEPROJE/COFORM/DEPED
PROJETO "GRÊMIOS ESTUDANTIS"

Santos
Cidade Educadora

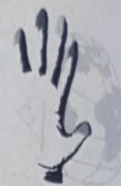
CONTROLE GERAL DE ENCONTROS REALIZADOS – 2016

DATA	EVENTO REALIZADO
01/04	Cerimônia de posse
27/04	Justiça Restaurativa
18/05	Cyberbullying
03/06	Abertura do Fórum de Mobilidade Cicloviária
08/06	Meio Ambiente e Recreação
/	
/	
/	
/	
/	
/	
/	
/	
/	
/	

Controle das formações dadas aos alunos dirigentes Gremistas



Prefeitura de Santos
Secretaria de Educação
Departamento Pedagógico
Coordenadoria de Formação Educacional
Seção de Projetos Educacionais Especiais

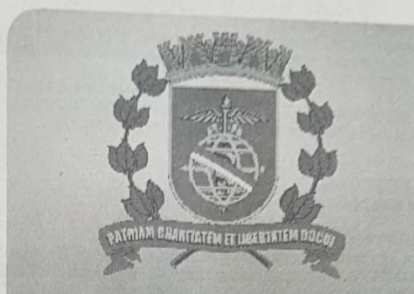


Por que o Grêmio Estudantil é importante e qual a contribuição que você pode dar para esse trabalho?

O Grêmio estudantil é importante pois é um canal que dá voz aos alunos, fazendo-os participar mais ativamente dos problemas e das soluções encontradas no ambiente escolar. Posso ajudar de forma ativa, dando ideias e participando com a equipe gestora a fim de melhorar a escola.

Data: 09/03/2016

7 de maio de 2015



**DECRETO Nº 7.108
DE 06 DE MAIO DE 2015**

**CONSTITUI A COMISSÃO DE APOIO E ARTICULAÇÃO DOS
GRÊMIOS ESTUDANTIS – CAAGE-SANTOS NAS UNIDADES MU-
NICIPAIS DE EDUCAÇÃO DE SANTOS, E DÁ OUTRAS PROVI-
DÊNCIAS.**

PAULO ALEXANDRE BARBOSA, Prefeito Municipal de Santos, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

DECRETA:

Art. 1º Fica constituída a Comissão de Apoio e Articulação dos Grêmios Estudantis – CAAGE-Santos, com a finalidade de assegurar a qualidade na educação, tendo como eixo principal a gestão democrática a ser desenvolvida por meio do fortalecimento dos Grêmios Estudantis nas Unidades Municipais de Educação de Santos.

Art. 2º A CAAGE-Santos será integrada pelos seguintes membros:

I – Secretário Municipal de Educação ou Secretário-Adjunto de Educação;

II – 1 (um) representante do Departamento Pedagógico;

III – 1 (um) representante da Coordenadoria de Supervisão das Unidades Municipais de Educação;

IV – 1 (um) professor da Rede Municipal.

§ 1º Os membros que integram a CAAGE-Santos não receberão remuneração, a qualquer título, pelo exercício de suas funções.

§ 2º O professor de que trata o inciso IV será nomeado o articulador oficial dos Grêmios Estudantis municipais, tendo como atribuições:

- a) dar cumprimento ao disposto no estatuto dos Grêmios;
- b) organizar, juntamente com os gremistas, reuniões ordinárias e extraordinárias, sempre que necessário;
- c) tomar ciência das ações que ocorrerem em cada Grêmio;
- d) colaborar com o bom andamento dos Grêmios em geral;
- e) promover a integração entre os Grêmios da Rede Municipal e, sempre que possível, com outros Grêmios não inseridos nas Unidades Municipais de Educação;

f) orientar os gremistas quanto a seus direitos e deveres, principalmente quanto ao disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na Constituição Federal e na Lei do Grêmio Livre Estudantil.

Art. 3º Para garantir a consecução de sua finalidade, a CAAGE-Santos realizará as seguintes ações:

I – fortalecer os Grêmios Estudantis existentes nas Unidades Municipais de Educação;

II – elaborar e reformular os documentos que tratam da organização e atuação dos Grêmios Estudantis;

III – mobilizar, divulgar, sensibilizar e esclarecer a população da importância dos Grêmios Estudantis;

IV – formar continuamente os envolvidos com os Grêmios Estudantis;

V – buscar parcerias para a divulgação e o fortalecimento dos Grêmios Estudantis;

VI – promover reuniões periódicas para estudos e deliberações.

Art. 4º A Comissão de que trata este decreto será indicada e coordenada pelo Secretário Municipal de Educação.

Art. 5º A Secretaria Municipal de Educação adotará as providências que se fizerem necessárias ao cumprimento do disposto neste decreto.

Art. 6º As despesas com a execução deste decreto correrão pelas dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 7º Este decreto entra em vigor na data da publicação. Registre-se e publique-se.

Palácio "José Bonifácio", em 06 de maio de 2015.

**PAULO ALEXANDRE BARBOSA
PREFEITO MUNICIPAL**

Registrado no livro competente.

Departamento de Registro de Atos Oficiais do Gabinete do
Prefeito Municipal, em 06 de maio de 2015.

**SYLVIO ALARCON ESTRADA JUNIOR
CHEFE DO DEPARTAMENTO**

Decreto Municipal: Comissão de apoio e articulação dos Grêmios Estudantis



UME DOUTOR
JOSÉ CARLOS DE
AZEVEDO JÚNIOR

Santos, 17 de junho de 2013

CARTA DE RETRATAÇÃO PÚBLICA

Eu, [REDACTED], Vice-Presidente, venho por meio desta carta retratar-me perante o Grêmio Estudantil e a SEDUC em relação à minha brincadeira de mau gosto, que não condisse com o esperado para alguém com um cargo como o meu.

Tal atitude não foi digna de um dirigente que fora eleito para fazer diferença através do Grêmio. Entendo que isso não deveria ter sido feito por mim e peço desculpas publicamente a todos os envolvidos.

Em tempo, comprometo-me a não mais provocar situações com o ensino e trabalhar para que outros não venham a cometer os mesmos erros que eu.

[Handwritten signature]
[REDACTED]

Caralhos pela minha atitude.
[REDACTED]

SEPROJE/COFORM/DEPED

CIENTE
[REDACTED]

Comissão Educacional
COFORM/DEPED/SEDUC

Tratamento disciplinar de um dirigente Gremista.

Prefeitura de Santos

Estância Balneária

Secretaria de Educação

Santos, 24 de novembro de 2014.

Relatório Escolar

Em reunião realizada juntamente com a Equipe Escolar da UME Prof. Florestan Fernandes (Direção, Supervisão e Orientação Educacional), no final desse ano letivo de 2014 é com grande desapontamento que comunicamos ao articulador dos Grêmios Estudantis Municipais [redacted] atitudes negativas que vem sendo praticadas pelo adolescente [redacted] (Diretor de Comunicação do Grêmio Estudantil). Elencamos algumas delas a seguir:

- Roubo de celular de uma aluna, no qual o aluno estava envolvido, segundo relato de seus próprios colegas;
- Brincadeiras humilhantes com os próprios colegas na hora da saída do período escolar;

- Desrespeito com o patrimônio da escola a que pertence;
- Recentemente enquanto estávamos em reunião com formandos e seus responsáveis sobre a formatura de 2014, o aluno e um colega de sua classe subiram ao 3º andar da escola onde ficam as classes do fundamental II e picharam uma das portas e a lousa de uma das salas de aula com desenhos pornográficos e palavrões, danificando assim o patrimônio público. Segundo relato de alguns colegas do 9º ano haveria um motim armado para "quebrar os banheiros da escola" no qual o aluno também estaria envolvido. Tivemos como escola que chamar a guarda municipal e um reforço policial, para evitarmos tamanha negligência por parte de alguns alunos. Contamos com a colaboração de um Policial presente na Unidade, para advertência desses alunos. Com o que foi relatado acima, os responsáveis estão cientes dessas atitudes e temos esperado providências por parte dos familiares quanto às ocorrências. Quanto à escola, os alunos já foram advertidos, orientados tanto pela Equipe Escolar, professores, funcionários e encaminhados da melhor forma possível. Esse segundo semestre tem sido difícil para a escola manter uma relação harmoniosa entre os adolescentes, tendo como exemplo as atitudes de um dos Diretores do Grêmio Estudantil.

Por isso em conversa com a Equipe Escolar é necessário que se tome alguma

Tratamento disciplinar.

providência oficial por parte do articulador dos Grêmios em relação a esse aluno para que sirva de exemplo aos integrantes da escola e os que virão futuramente.

Declaramos como escola nossa tristeza diante dessa comunicação, sendo que não temos medido esforços para atender todos os pedidos que foram feitos pelo Grêmio como também dar o devido apoio no estímulo e trabalho a ser realizado durante esse ano letivo de 2014.

Atenciosamente



Orientadora Educacional



PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação

SEPROIE/COPLANE/DEPLAN
PROJETO "GRÊMIOS ESTUDANTIS"



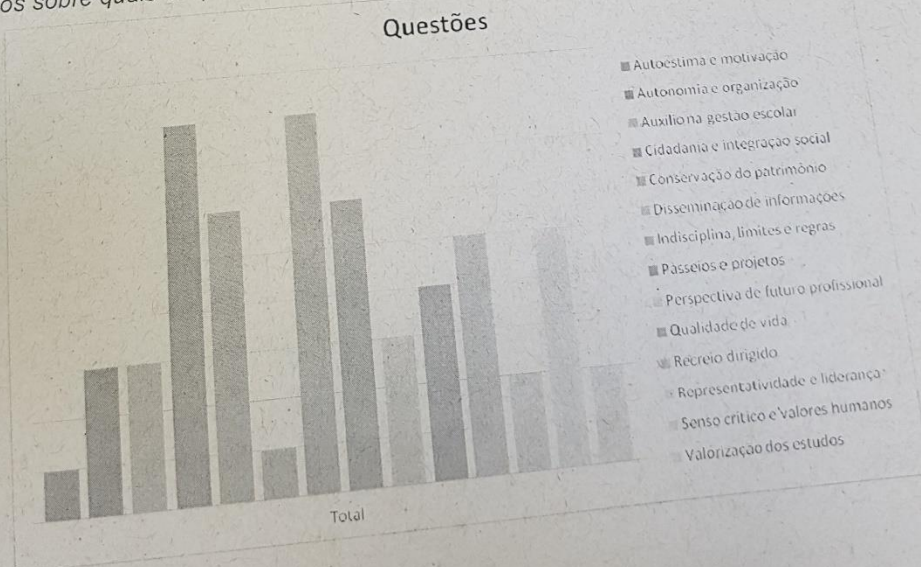
RELATÓRIO FINAL DE LEVANTAMENTO DOS GRÊMIOS

UMES: Ayrton Senna da Silva / Cidade de Santos / Edméa Ladevig
Irmão José Genésio / José Carlos de Azevedo Júnior / José da Costa e Silva Sobrinho /
Judoca Ricardo Sampaio Cardoso / Lourdes Ortiz / Mário de Almeida Alcântara
Martins Fontes / Monte Cabirão / Pedro II / Prefeito Oswaldo Justo
Prof. Avelino da Paz Vieira / Prof. Florestan Fernandes / Vinte e Oito de Fevereiro

Em todas as UMEs visitadas, houve a boa receptividade do Projeto. Todos os membros da Equipe Técnica que receberam a primeira visita admitiram que a falta de tempo e o volume grande de trabalho dificultam um efetivo trabalho de orientação e articulação do grêmio com os demais segmentos escolares. Houve até aqueles que se preocuparam que este projeto aumentasse a sua carga diária de trabalho. Afirmei categoricamente que a minha função é visitar a UME constantemente para colaborar com o andamento de cada grêmio, evitando, assim, o acúmulo de responsabilidade unicamente sobre a Equipe Técnica que, em muitos casos, encontra-se desfalçada em determinados cargos.

A única UME que possui o grêmio instituído é a Judoca Ricardo Sampaio Cardoso (Caruara). Para este ano, ainda não aconteceram ações, e a diretora, Joelma, dispôs-se a colaborar com este novo projeto, aguardando orientações minhas visando à articulação dentro de normas gerais para o funcionamento dos grêmios nas quinze escolas de Sexto a Nono Ano, mesmo que isto implique alterações no seu Estatuto. Ela admite que, mesmo havendo grêmio, a sua participação é pouca perto do que pode ser, e acredita que este projeto pode potencializar as ações dos alunos no seu contexto escolar.

Mesmo com a ausência dos grêmios, todas as escolas consultadas levantaram dados sobre quais as questões são primordiais em seus respectivos contextos:



Planejamento do projeto

todas as escolas consultadas levantaram
s em seus respectivos contextos:

tões

- 
- Autoestima e motivação
 - Autonomia e organização
 - Auxílio na gestão escolar
 - Cidadania e integração social
 - Conservação do patrimônio
 - Disseminação de informações
 - Indisciplina, limites e regras
 - Passeios e projetos
 - Perspectiva de futuro profissional
 - Qualidade de vida
 - Recreio dirigido
 - Representatividade e liderança
 - Senso crítico e valores humanos
 - Valorização dos estudos

Planejamento do projeto.



PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação
SEPROIE/COPLANE/DEPLAN
PROJETO "GRÊMIOS ESTUDANTIS"

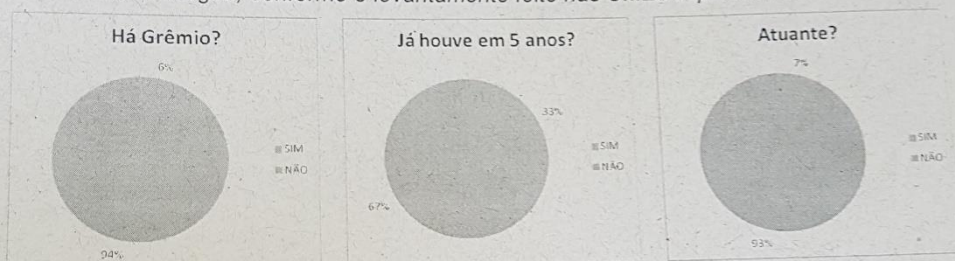


DEFINIÇÕES DO PROJETO

UMEs envolvidas: Ayrton Senna da Silva / Cidade de Santos / Edméa Ladevig
Irmão José Genésio / José Carlos de Azevedo Júnior / José da Costa e Silva Sobrinho
Judoca Ricardo Sampaio Cardoso / Lourdes Ortiz / Mário de Almeida Alcântara
Martins Fontes / Monte Cabrão / Pedro II / Prefeito Oswaldo Justo
Prof. Avelino da Paz Vieira / Prof. Florestan Fernandes / Vinte e Oito de Fevereiro

Justificativa:

A falta de tempo e o volume grande de trabalho dificultam um efetivo trabalho de orientação e articulação do Grêmio com os demais segmentos escolares. Um dos fatores principais é a Equipe Técnica encontrar-se, na maioria dos casos, desfalcada em determinados cargos, conforme o levantamento feito nas UMEs supracitadas:



A única UME que possui o Grêmio instituído é a Judoca Ricardo Sampaio Cardoso (Caruara). Para este ano, ainda não aconteceram ações, e a diretora, Joelma, dispôs-se a colaborar com este novo projeto, aguardando orientações visando à articulação dentro de normas gerais para o funcionamento dos grêmios nas quinze escolas de Sexto a Nono Ano, mesmo que isto implique alterações no seu Estatuto. Ela admite que, mesmo havendo grêmio, a sua participação é pouca perto do que pode ser, e acredita que este projeto pode potencializar as ações dos alunos no seu contexto escolar.

Objetivo Geral:

Instituir o Grêmio Estudantil, de maneira que os membros se tornem autônomos na criação e execução das atividades do grêmio em geral.

Objetivos Específicos:

Que o Grêmio seja capaz de desenvolver os seguintes Eixos de Trabalho: "Ações para a Disciplina Escolar, Limites e Regras", "Autoestima e Motivação", "Autonomia e Organização", "Auxílio na Gestão Escolar", "Cidadania e Integração Social", "Conservação do Patrimônio", "Disseminação de Informações", "Passeios e Projetos", "Perspectiva de Futuro Profissional", "Qualidade de Vida", "Recreio Dirigido", "Representatividade e Liderança", "Senso Crítico e Valores Humanos" e "Valorização dos Estudos".

Público-Alvo Principal:

Alunos de Sexto a Nono Ano do Ensino Fundamental.

Planejamento do projeto.

Público-Alvo Secundário:

Demais membros da comunidade escolar e moradores dos arredores da UME.

Cronograma de Trabalho:

1. Levantamento da existência, ou não, dos grêmios e sua atuação.
2. Definição dos termos do Estatuto Geral dos Grêmios Estudantis de Santos, com aprovação da Secretaria de Educação e publicação no Diário Oficial.
3. Definição dos cargos básicos a serem ocupados.
4. Elaboração de teste de competência para os cargos.
5. Elaboração do Programa de Capacitação do Grêmio Estudantil.
6. Encaminhamento do Estatuto Geral às UMEs.
7. Inscrição dos alunos nas UMEs para eleição.
8. Encaminhamento dos nomes ao Articulador.
9. Aplicação do teste de competência.
10. Divulgação dos resultados do teste às UMEs via memorando, com cronograma de visita para a Eleição, Reunião de Abertura e os Encontros de Capacitação.
11. Eleição, classe a classe, dos inscritos aprovados no teste.
12. Reunião de Abertura para eleição interna dos cargos.
13. Cerimônia de posse dos presidentes, com diplomação anual (no ano seguinte, o presidente do ano anterior passará a empossar o seu sucessor; na ausência do primeiro ou na reeleição, o Articulador faz a posse).
14. Capacitação dos membros do Grêmio Estudantil.
15. Elaboração de pré-projeto anual (entendimento do ECA e do Regimento Municipal Escolar, eventos anuais, passeios específicos).
16. Reunião com os presidentes para o fechamento de projeto anual.
17. Encaminhamento às UMEs do projeto anual.
18. Acompanhamento do andamento do projeto UME por UME.
19. Reunião de encerramento do ano letivo, com apresentação dos resultados obtidos.
20. Levantamento crítico dos resultados.
21. Elaboração do cronograma para o ano seguinte.
22. Envio do pré-cronograma para as UMEs.

DATAS-LIMITES DAS ETAPAS

1. 03/02 a 11/02	12. 31/03 a 11/04
2. 12/02 a 18/02	13. 10/04
3. 18/02	14. 14/04 a 30/05
4. 19/02 a 20/02	15. 02/06 a 06/06
5. 21/02 a 17/03	16. 09/06
6. 07/03	17. 13/06
7. 10/03	18. 21/11
8. 10/03	19. 01/12
9. 18/03	20. 08/12
10. 26/03	21. 15/12
11. 28/03	22. 18/12

A data-limite é apenas uma previsão, ou seja, fatores que vierem a surgir podem demandar a necessidade de alteração da data.

Outras Observações:

O Articulador é um profissional da educação responsável por realizar a integração entre os Grêmios e destes com suas respectivas comunidades.

Planejamento do projeto.

Este projeto se estende para além do ano corrente.
Os Objetivos Específicos foram instituídos conforme o levantamento realizado nas UMEs acima declaradas.

O Cronograma de Trabalho, praticamente, não sofrerá alterações nos anos subsequentes, à exceção de que não haverá a necessidade de criar outro Estatuto Geral, ou de fazer novo levantamento da situação dos Grêmios.

O Estatuto Geral dos Grêmios deverá servir de base para a implantação de todos os quinze grêmios das UMEs supracitadas e, também, das unidades que, futuramente, possam ter turmas de Sexto a Nono Ano.

Depois do Estatuto aprovado, dos membros dos grêmios eleitos e da capacitação dos mesmos finalizada, será dada prioridade aos itens de maior incidência no gráfico acima, de maneira geral, em todas as unidades. Conforme a necessidade de cada UME, os itens menos incidentes serão articulados individualmente, se possível, em concomitância com os mais incidentes.

Pré-projetos elaborados pelo Articulador serão discutidos com todos os grêmios para, após virarem projetos, serem implantados em todas as unidades, que terão autonomia para articular e adaptar itens à sua realidade, haja vista que é impossível um projeto único ser abordado igualmente em comunidades com características tão diferentes entre si.

Projetos individuais serão divulgados a todos os grêmios, que devem tomar ciência do que se passa nos grêmios das demais UMEs. Caso determinado projeto específico de uma UME funcione efetivamente, esta servirá de exemplo para uma possível ampliação, com visita dos outros grêmios (se necessário) à UME onde o projeto acontece, realizando a articulação entre eles, onde a troca de experiências tornar-se-á peça fundamental para a integração entre os grêmios das diversas unidades.

Com a criação do e-mail próprio para comunicação específica sobre os grêmios, a intenção é começar a enviar memorandos para todas as UMEs informando sobre o andamento do Projeto, anexando cópia dos relatórios produzidos (como este). A ferramenta também servirá para informar sobre cronograma de visitas e de prazos em geral, além da divulgação de que projeto específico estiver acontecendo em cada UME.

Além dos itens descritos acima, outros podem compor o Projeto conforme a demanda das UMEs e dos acontecimentos futuros.

ORIGINAL ASSINADO

Professor Responsável

Planejamento do projeto.

13/03/2014

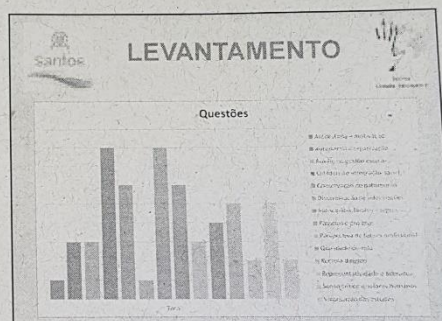
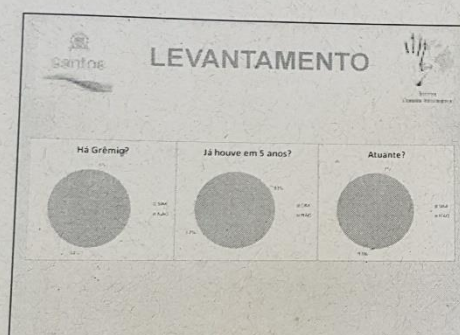
PREFEITURA DE SANTOS
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
PROJETO "GRÊMIOS ESTUDANTIS"

**PROJETO
"GRÊMIOS ESTUDANTIS"**

Rafael Silva
Articulador dos Grêmios Municipais

JUSTIFICATIVA

- Falta de tempo dos funcionários.
- Volume grande de trabalho nas UMEs.
- Desfalque nas ocupações de cargos das Equipes Técnicas.
- Necessidade de orientação constante dos alunos.
- Desconhecimento, pelos alunos, do funcionamento e objetivo.



OBJETIVO

Instituir o Grêmio Estudantil,
de maneira que os
membros se tornem
autônomos na criação e
execução das atividades do
Grêmio em geral.

EIXOS DE TRABALHO

- "Ações para a Disciplina Escolar, Limites e Regras";
- "Autoestima e Motivação";
- "Autonomia e Organização";
- "Auxílio na Gestão Escolar";
- "Cidadania e Integração Social";
- "Conservação do Patrimônio";
- "Disseminação de Informações";
- "Passeios e Projetos";
- "Perspectiva de Futuro Profissional";
- "Qualidade de Vida";
- "Recreio Dirigido";
- "Representatividade e Liderança";
- "Senso Crítico e Valores Humanos";
- "Valorização dos Estudos";

HINO GRÊMIO ESTUDANTIL DE
SANTOS

O futuro da nação, também depende de nós.
E juntos diremos em uma só voz, respeito à
educação.

Como grandes pensadores, movidos pela
razão.

Tornamos-nos construtores, dos sonhos que
virão.

O Grêmio Estudantil
Veio para ficar
Já está estabelecido
Vamos todos estudar

Reconhecendo os direitos e comemorando
os feitos

O Grêmio dá vez e voz a todo aluno e
valoriza todos nós

Desenvolvendo atividades, com disciplina e
lealdade.

O importante é se expressar, para a alma não
calar.

O Grêmio Estudantil...

O Grêmio é eficaz e deixa de lado o comum
Somos todos por todos e todos por um,
construindo nosso caminho.

Ao lado dos educadores sempre vamos
juntos seguindo
Aprendemos e ensinamos, buscando um
futuro lindo.

O Grêmio Estudantil...

e. Publicações no Diário Oficial do Município de 2013 a 2017

As publicações sobre os Grêmios Estudantis trazem visibilidade, reconhecimento e divulgação ao projeto. Isto corrobora para a mobilização, a sensibilização e o esclarecimento à população de sua importância. A união do envolvimento dos alunos ao da comunidade proporciona um maior envolvimento ao expandir o clima favorável à sua manutenção e ao seu crescimento.

2013

- A primeira publicação que mencionava a participação em Grêmios Estudantis foi publicada no Diário Oficial de 09 de maio de 2013. A reportagem era sobre um encontro lúdico promovido pelo CMDDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente) em parceria com a Prefeitura Municipal de Santos e de ONGs (Organizações Não Governamentais). O encontro foi preparatório para outro encontro, de cunho regional que ocorreria em São Vicente.

[...] “Essa é a hora de a gente manifestar nossas opiniões”, disse Juan Cerqueira, 16 anos, em treinamento no Camps⁸⁸ e integrante do grupo de discussão sobre as propostas aprovadas pela Baixada Santista no último encontro lúdico estadual (D.O. de 9 de maio de 2013, p. 24).

A proposta deste encontro era a discussão de temas sérios de modo lúdico. A questão dos Grêmios aparece com o tema: “Educação e participação nos espaços de garantia de direitos”. Foi sob este tema que se debateu sobre o Movimento Estudantil. A instrutora da SECULT (Secretaria de Cultura) Márcia Alves, afirmou na entrevista dada ao D.O. que: “o que há de mais próximo do tema deles é a escola, onde podem atuar em grêmios com ações nas áreas social, esportiva e cultural” (D.O. de 9 de maio de 2013, p. 24).

2014

Em 2014, ano em que a proposta de Grêmios começa a ser formada, aparecem no D.O. diversas publicações ressaltando o tema.

- Em 28 de março, há uma publicação sobre a eleição dos conselhos de escola. Nesta publicação fica ressaltado o fato de que há representação dos Grêmios Estudantis, já que estes são considerados membros natos.
- Em 1º de abril de 2014, os Grêmios novamente são mencionados. A matéria descreve o início do processo eleitoral nos Grêmios de dezesseis escolas municipais. Nesta reportagem o Grêmio é descrito deste modo:

[...] O grêmio estudantil é um conselho constituído e administrado de forma autônoma pelos alunos de cada escola, sem fins lucrativos ou político-partidários, para aprimorar a qualidade da educação e desenvolvimento humano dos estudantes (D.O. de 1º de abril de 2014, p. 30⁸⁹).

⁸⁸ Centro de Aprendizagem e Mobilização Profissional e Social

⁸⁹ Este mesmo texto aparece igualmente colocado ou com pequenas variações, nas publicações do Diário Oficial em 1º de abril de 2014 (p. 30), em 05 de agosto de 2014 (p. 22), no dia 20 de agosto de 2014 (p. 04), em 07 de maio de 2015 (p.18), no dia 18 de março de 2016, (p. A4), em 04 de abril de 2016 (p. A2), no dia 18 de maio de 2017 (p. 2), em 02 de junho de 2017 (p.12).

Nesta mesma matéria, a secretária adjunta de Educação à época, já expõe a criação futura dos Grêmios mirins já que neste momento os alunos do 1º ao 5º ano atuariam somente como colaboradores do Grêmio.

[...] Segundo a secretária-adjunta de Educação Audrey Kleys Dinau, em 2015 eles vão integrar os minigrêmios. “É uma preparação para eles conhecerem seus direitos e deveres”. De acordo com ela, a participação direta da criança ajuda na qualidade do ensino com o olhar de quem vive a realidade da escola (D.O. de 1º de abril de 2014, p. 30).

Na fala dos estudantes entrevistados na matéria transparecem os critérios de escolha dos candidatos. Eles são os mais diversos, indo da esperteza, à facilidade de expressão ou pelo simples interesse de ver a introdução de novidades no ambiente escolar.

- Publicado na página 11 do D.O. de 06 de maio de 2014, parece no cronograma de atividade da Secretaria de Educação, o convite direcionado às Equipes Técnicas, professores e alunos da rede para a posse dos Grêmios Estudantis que seria realizada no dia 20 de maio no Teatro Municipal.
- No D.O. de 05 de agosto os Grêmios Estudantis novamente são alvo de uma publicação. Neste dia foi promovido o primeiro encontro de Grêmios municipais desta nova iniciativa.

Foi exibido um vídeo sobre superação e foram apresentadas as metas dos Grêmios. Conforme o Diário Oficial foi citado entre as metas: a conservação do patrimônio, a disseminação de informações, os passeios, a valorização dos estudos, ação para disciplinar e colocação de limites, entre outras.

Entretanto, no início da matéria, um aluno Gremista cita seu desejo de conseguir mais recursos para a escola e de ter mais projetos como o de informática e de espanhol. Mais a frente, outro Gremista fala de uma novidade que vem implantando em seu mandato: a diretoria de assuntos femininos que não constava no Estatuto, mas que foi uma reivindicação das alunas de sua escola. Outro Gremista apresenta como meta “levar mais união para a escola, com eventos interclasses e promoção de passeios” (D.O. de 05 de agosto de 2014, p. 22).

- Na publicação do dia 12 de agosto de 2014, os alunos do Grêmio Estudantil aparecem envolvidos com as gravações do projeto “TV na Escola” da SEDUC. Segundo o D.O. a princípio há uma parceria com a equipe do “Querô na Escola” e do Jornal da Orla. Neste projeto os alunos se divertem aprendendo a linguagem audiovisual ao operar câmeras, fazendo entrevistas e produzindo documentários. O objetivo, segundo a secretária adjunta da Educação na época era “desenvolver o espírito de equipe e ajudar os alunos a transformar ideias em vídeos criativos” (D.O. de 12 de agosto de 2014, p. 18).
- No dia 20 de agosto de 2014 os Grêmios foram matéria de capa do Diário Oficial do Município. O motivo foi a posse dos jovens Gremistas do 6º ao 9º ano que viriam com suas propostas para melhorar as escolas. A cerimônia ocorreu no teatro Guarany e a tônica dada ao evento foi a da cidadania e novamente da autonomia.

A matéria ressalta as melhorias às escolas e que são atribuídas ao projeto de Grêmios. De acordo com o que foi publicado foram citados a criação de projetos dentro do projeto de Grêmios como: os inspetores mirins que “verificam todas as irregularidades que ocorrem na classe, como jogar lixo no chão e indisciplina”; a participação na campanha de coleta de lacres de latinhas, junto ao Fundo Social para a troca por cadeiras de rodas; a instalação de rádio escolar para divulgar recados e informações, além de garantir música ambiente.

As aspirações atribuídas ao projeto são expressas por representantes de várias instâncias. O prefeito Paulo Alexandre Barbosa enfatizou sua participação em Grêmios tanto na escola quanto na faculdade e afirma: “Não podemos perder a capacidade de nos indignar, mas também precisamos agir e o grêmio dá esta oportunidade. Agir para mudar” (D.O. de 20 de agosto de 2014, p. 04).

Já a secretária de Educação da época acredita que “os jovens, com sua coragem e dinamismo, podem ter voz ativa na administração das escolas, decidindo a programação cultural e esportiva e as regras adequadas” (D.O. de 20 de agosto de 2014, p. 04).

Uma diretora da rede Municipal “afirmou que com as novas atividades os alunos se tornam mais responsáveis e engajados nos assuntos da escola” (D.O. de 20 de agosto de 2014, p. 04).

- Em 26 de agosto de 2014 há uma referência ao papel do presidente do Grêmio quando se enfatiza que num intercâmbio feito entre a escola indígena Estadual/Municipal “Txeru Ba e kua – i” (Boracéia) e a U.M.E. “Vinte e Oito de Fevereiro” (Saboó), o presidente do Grêmio Estudantil da escola “Vinte e Oito de Fevereiro” é citado por que se dignou a comparecer ao evento, representando o Grêmio, ainda que o acontecimento estivesse sendo realizado em seu contraturno escolar.
- No dia 27 de novembro de 2014 o Grêmio Estudantil é novamente citado no Diário Oficial (p. 29) como o grande divulgador junto aos alunos do Ensino Médio da escola Estadual “Zulmira Lambert” nas arrecadações da campanha permanente de arrecadação de lacres feito pela SEDUC de Santos e encaminhada ao Fundo Social de Solidariedade. O destaque é dado ao Grêmio numa ação que envolveu solidariamente as escolas COC “Nascimento” (particular) e “Zulmira Lambert” ambas pertencentes à cidade de São Vicente.

2015

- Na capa do D.O. de 25 de março de 2015 há uma chamada para a votação do primeiro Grêmio Mirim. A U.M.E. “Pedro Crescenti” (Rádio Clube) foi a primeira a receber o projeto piloto desta modalidade inovadora presente na proposta atual dos Grêmios santistas. Nesta iniciativa haverá estímulo à participação com um trabalho voltado para questões que envolvam os valores humanos. As crianças entrevistadas na matéria creem que o Grêmio Mirim contribuirá para a melhoria da escola e que desta forma é uma grande oportunidade que deve ser “agarrada”.
- Em 07 de maio de 2015, os Grêmios voltam a ser destaque de capa no Diário Oficial. A palavra em destaque no artigo, que trata da nova cerimônia festiva de posse dos Grêmios, é Cidadania.

É nesta ocasião que o prefeito Paulo Alexandre Barbosa assina o decreto que institui a CAAGE “e destacou: O grêmio conscientiza sobre direitos e deveres. É a prática cidadã” (D.O. de 07 de maio de 2015, p. 18).

A Secretária de Educação da época “ressaltou a sensação de pertencimento: A escola são vocês” (D.O. de 07 de maio de 2015, p. 18).

A diretora de uma escola Municipal “afirmou que o grêmio trouxe autoestima e melhor desempenho escolar” (D.O. de 07 de maio de 2015, p. 18).

Gremistas destacaram “a criação do aluno mediador, que auxilia o professor a disciplinar a classe” (D.O. de 07 de maio de 2015, p. 18).

Neste Diário Oficial é publicado na seção de Atos Oficiais do Poder Executivo o Decreto nº 7.108 de 06 de maio de 2015 que constitui a Comissão de Apoio e Articulação dos Grêmios Estudantis, tendo como finalidade assegurar a qualidade na educação. O eixo principal apontado é a Gestão Democrática que será “desenvolvida por meio do fortalecimento dos Grêmios Estudantis nas Unidades de Educação de Santos” (D.O. de 07 de maio de 2017, p. 05).

O CAAGE deve ser formado pelo Secretário Municipal de Educação ou pelo Secretário-Adjunto; um representante do departamento pedagógico; um representante da coordenação de supervisão escolar e um professor da rede Municipal que será o Articulador oficial dos Grêmios Estudantis Municipais, sendo que todos os membros da Comissão serão indicados e coordenados pelo Secretário Municipal de Educação.

- O D.O. de 29 de junho de 2015, apresenta em sua capa a chamada para o envolvimento dos Grêmios Estudantis na confecção de corações para a Ação do Coração. Num trecho a parte, também aparece a menção às ações *antibullying* nos Grêmios: “Grêmio também promove ação *antibullying*. ‘Aqueles que se sentem prejudicados ganham um cargo no grêmio como forma de fortalecer a participação, autoestima e liderança’, declarou Isley”. (D.O. de 29 de junho de 2015, p. A5)

No Comunicado nº 104/2015 – SEDUC de 28 de julho de 2015, publicado no dia 29 de julho nas páginas B5 a B7, há a convocação para uma reunião sobre Grêmios entre o Articulador e os orientadores educacionais de diversas unidades.

- Em 31 de julho de 2015 na página A4 há o registro do entusiasmo e do orgulho gerado nos Gremistas mirins da U.M.E. “Pedro Crescenti”. O motivo pelo qual esta comoção foi gerada é o empenho maciço da comunidade escolar na confecção de corações para a disputa entre Grêmios. A meta era chegar a mil unidades para serem campeões da disputa promovida pela Ação do Coração.

Em 03 de agosto de 2015 o Diário Oficial (p. A7) traz a participação dos Grêmios Estudantis na 4ª Ação do Coração realizada pela Associação Eduardo Furkini, movimento solidário idealizado por Alexandre Camilo e que motivou uma competição intergrêmios.

A escola Cidade de Santos confeccionou 1.025 corações, sendo a campeã entre as 17 unidades que possuem grêmio estudantil. O presidente, Isley dos Santos Gois, declarou que quem ganha é a comunidade carente e a escola apenas conquistou o direito de representar os outros grêmios. (D. O. de 3 de agosto de 2015, p. A7)

- Na publicação do D.O. de 13 de agosto de 2015 (p.A4), o assunto foi a reflexão dos jovens e adolescentes acerca da iniciativa para as mudanças na sociedade. A matéria trata das reflexões nascidas na “roda de conversa” promovida pela SECERPA (Seção Centro de Referência Psicossocial ao Adolescente). Na matéria aparece uma referência tradicionalmente atribuída pelo senso comum: “os jovens sempre estiveram envolvidos, nas mudanças

da sociedade. A juventude tem de se preocupar também com os problemas de todos”. A programação além de debater sobre os Grêmios Estudantis, também tratou do protagonismo juvenil, da educação como fundamento da sociedade, a escola que os jovens desejam, a escalada para o emprego, a emenda constitucional que visa reduzir a maioria penal, a apresentação de oficinas de teatro, música e fotografia, a promotoria comunitária, a sociedade de leitores anônimos, os meios para melhorar a educação, o passe livre estudantil, apresentações de *rap* do Projeto *Rap Caiçara* e a apresentação do quarteto de cordas.

Na página A6 deste mesmo D.O. também se apresenta a preparação dos Grêmios Estudantis pelas palestras. O tema deste encontro vai tratar sobre a estrutura dos Grêmios Estudantis com o Articulador. Esta iniciativa esteve ligada à semana da juventude. Houve o balanço das atividades do 1º semestre de 2015 e os compromissos para o 2º semestre: Campanha do lacre, do agasalho, contra o *bullying* e a Ação do Coração.

- Na página B9 do Diário Oficial de Santos de 21 de agosto de 2015 saiu publicado o relatório das propostas aprovadas na III Conferência Municipal da Juventude (eixo I – direito à cidadania, à participação social e política e à representação; direito à diversidade e à igualdade; direito à segurança pública e ao acesso à justiça). No sub-eixo: Direito à cidadania, à participação social e política o Grêmio Estudantil aparece citado nos itens 5 e 6: “5- Participação do grêmio estudantil no Conselho de Escola; 6- Fazer grêmios para aumentar a participação e ser mais ouvido;” (D.O. de 21 de agosto de 2015).
- No D.O. de 4 de setembro de 2015 (p. A4) o destaque dado aos Grêmios fica por conta da participação no desfile comemorativo de 7 de setembro.
- Na página A2 do Diário Oficial de 26 de outubro de 2015 a figura do Gremista apareceu representada na 9ª Mostra de Talentos das escolas municipais.
- O D.O. de 12 de novembro de 2015 (p. A3) traz a coleta de assinaturas contra o *bullying* feita pelos 17 Grêmios municipais com o objetivo de conscientizar a sociedade sobre este problema, sendo que as assinaturas foram recolhidas dentro e fora das escolas. Após o recolhimento das assinaturas um documento foi gerado e levado aos representantes dos Grêmios municipais, além da passeata que fora organizada para mobilizar a opinião pública. Atividades foram promovidas anteriormente para preparar os alunos que estariam à frente destas ações. Dentre elas podem-se destacar os debates promovidos sobre o filme: Um grito de socorro.⁹⁰

⁹⁰ O filme: Um grito de socorro (2013) é um drama holandês que fala dos tormentos sofridos diariamente pelo adolescente Jochem (Stefan Collier) na escola por estar acima do peso ideal e que culmina em sua morte. (Site: Adoro Cinema)

2016

- Em 12 de fevereiro de 2016 (p. B8) há a convocação dos diretores das UMEs que possuem período integral para uma reunião de trabalho sobre os Grêmios Estudantis que seria realizada às 9h do dia 17 de fevereiro.
- No D.O. de 18 de março a chamada principal da capa foi para a eleição de forma democrática dos Grêmios Estudantis municipais em vinte escolas da rede. Na página A4 há a descrição do *modus operandi*⁹¹ dos Grêmios Estudantis municipais de Santos, apontamento do fato de o voto ser obrigatório, eletrônico e secreto. Ostenta-se a circunstância de que qualquer aluno pode se candidatar e de que não há predeterminação do cargo a ser disputado, visto que os mais votados são os que escolhem as funções que serão assumidas assim como a equipe que os auxiliará.
- Em 31 de março, na publicação do cronograma de atividades do mês de abril os Grêmios são convocados para sua formação. Devem comparecer à SEPROJE os alunos Gremistas, os professores colaboradores do projeto ou um funcionário da unidade de ensino, segundo o comunicado 62/2016.
- Os Grêmios aparecem na capa do Diário Oficial de 4 de abril de 2016. Na página A2 há o relato sobre a posse de vinte Grêmios Estudantis no teatro Guarany com a presença surpresa da banda Aliados. A ênfase dada pela publicação foi no sentido de destacar o clima da posse: a cidadania e o respeito. Novamente é evidenciar que o projeto de Grêmios “tem o intuito de aprimorar a qualidade da educação e o desenvolvimento humano dos alunos além de incentivar o protagonismo juvenil”. Segundo informação do D.O., nesta posse houve a presença de pais, alunos, professores, Equipe Gestora, técnicos da SEDUC e a CAAGE – Santos. O Hino do Grêmio foi cantado. Este hino teve a melodia e o arranjo feito pelo responsável do projeto “Para Ver a Banda Tocar”, Alexandre Felipe Gomes, sendo que a letra contou com a participação dos alunos envolvidos com os Grêmios em 2015. Na ocasião o vocalista da banda Aliados, Gustavo Fildzz, incentivou os estudantes a correrem atrás dos objetivos: “Que nunca falte a esperança e que vocês trabalhem muito para alcançar seus sonhos”. O Articulador dos Grêmios notabilizou os ganhos com o projeto: “Vejo como os hábitos e as posturas dos estudantes mudaram e isso é bom. Cada vez mais outras pessoas se integram a esta ação”.
- Na página A6 do Diário Oficial de 29 de abril os Grêmios são novamente citados como elemento incentivador na votação do orçamento participativo entre os alunos e a comunidade. Também, à página B17 há a convocação dos Grêmios para participarem no dia 18 de abril da formação mensal pelo cronograma de atividades do mês de maio (comunicado nº 75/2016 – Seduc).

⁹¹ *Modus operandi* é a expressão latina que expressa o modo de operação, uma maneira de agir ou de executar algo de acordo com uma técnica que se repete.

- Na página A4 do Diário Oficial de 13 de maio de 2016 há menção ao Grêmio Estudantil quando se aponta uma aluna Gremista que por meio da ouvidoria móvel votou no orçamento participativo do Município. Esta votação trabalha com a questão da possibilidade de participação e de exercício da cidadania ao promover a escolha dos investimentos municipais. Ainda neste D.O. foi instituída a lei nº 3.265 de 12 de maio de 2016 que estabelece o calendário oficial de eventos e datas comemorativas do Município, assim como a consolidação da legislação existente sobre o assunto. Na página B2, item XLV do CAPÍTULO II é introduzida a Semana de Incentivo, Orientação e Formação de Grêmios Estudantis na Rede Pública de Ensino, a partir de 11 de agosto.
- Na página A7 do Diário Oficial de 8 de julho há a publicação da portaria nº 55 – SEDUC. Esta portaria dispõe sobre a reabertura das inscrições aos professores interessados na atribuição de aulas remanescentes no projeto de Grêmios Estudantis para o ano de 2016 na UME Pedro Crescenti.
- De acordo com o Diário Oficial de 29 de julho há duas convocações formativas direcionadas aos Grêmios Estudantis. Na página A6 aparecem convocações para os dias 16 e 23. No dia 16 são convocados Gremistas, professores colaboradores ou funcionários de diversas escolas. Já no dia 23, o chamamento foi direcionado somente aos professores colaboradores dos Grêmios. O tema desta formação fora uma integração do projeto de Grêmios ao programa de Justiça Restaurativa.
- No Diário Oficial do dia 3 de outubro dentro do comunicado de nº 142/2016 – SEDUC que divulga o cronograma de atividades do mês de outubro, os Grêmios foram citados. Consta na publicação a convocação para a formação direcionada ao projeto Grêmio Estudantil. Esta formação ocorreria no dia 25 de outubro de 2016 sendo que os alunos Gremistas, os professores colaboradores do Projeto ou em sua ausência um funcionário de cada uma das unidades convocadas deveria comparecer.
- No dia 31 de outubro (página A2) há uma nota sobre uma oficina ofertada aos Gremistas pela fundação Itaú Social acerca do uso consciente do dinheiro. Também há na página B6 a convocação para a formação dos Grêmios Estudantis direcionada aos Gremistas, professores colaboradores ou funcionários das UMEs. A convocação foi feita por intermédio do comunicado nº 161/2016 de 27 de outubro de 2016, publicada na página B4 do Diário Oficial do dia 31.
- A página A8 no Diário Oficial do dia 22 de novembro traz a chamada para o projeto Jovem Ouvidor que colocará a Ouvidoria Municipal dentro das escolas municipais de 6º ao 9º ano. A parceria firmada entre Secretaria de Educação e a Ouvidoria Municipal foi o tema de uma das formações dos Grêmios. A eleição do Jovem Ouvidor é feita dentro das unidades educacionais municipais. O mandato é de um ano sendo que o aluno Jovem Ouvidor “terá a responsabilidade de escutar os demais estudantes e receber as solicitações, denúncias e elogios que serão encaminhados para a Ouvidoria”. Ainda nesta matéria e segundo o Articulador dos Grêmios houve sete formações durante o

ano de 2016 que trataram de assuntos relevantes com o intuito de ampliar a visão dos Gremistas. Foram destacados nesta publicação “a palestra de Noah Oshiro, do projeto Luann Vive, que falou sobre a campanha Receptação é Crime” e “a participação do vice-prefeito Eustázio Alvez Pereira Filho, que falou sobre o programa Santos Tolerância Zero à Bebida Alcoólica na Adolescência - Zero% de Bebida na Adolescência, um Adulto 100% melhor”.

Nesta formação os alunos também “assistiram a duas apresentações artísticas: uma com os estudantes do 4º ano da escola Pedro Crescenti, que cantaram a música *Nosso Amor* e a segunda com 20 jovens da Avelino da Paz Vieira, com o musical *Os Fanfarrões*”.

2017

- A página 2 do Diário Oficial de 12 de abril de 2017 notabiliza a participação e o exercício democrático dos Grêmios Estudantis noticiando a eleição do aluno ouvidor da escola Avelino da Paz Vieira que e de outras unidades. Nesta mesma “ocasião ainda teve eleição para o Grêmio Estudantil e para o projeto Câmara Jovem⁹²”. O projeto Câmara Jovem foi instituído pelo decreto legislativo 30-2014, aprovado em 19 de maio e publicado no Diário Oficial em 31 de maio de 2014.

Eleitos serão capacitados

Ouvidores e suplentes eleitos serão capacitados no início de maio, pela equipe da Ouvidoria, para conhecer o funcionamento do órgão e instrumentos utilizados, dentre os quais a mediação de conflitos. “O objetivo é solucionar os problemas por meio do diálogo e da participação dos alunos, que serão mediadores e facilitadores dentro da escola e na comunidade escolar, identificando demandas e propondo soluções”, afirma o ouvidor Rivaldo Santos (D.O. de 12 de abril de 2017, p.2).

A formação tem sido um dos elementos chave de todos os projetos direcionados às crianças, adolescentes e jovens das escolas santistas.

- Na capa do Diário Oficial de 18 de maio o substantivo democracia aparece atribuído à chamada para o processo eleitoral dos Grêmios Estudantis. Na página 2 o encerramento do processo eleitoral realizado em 20 escolas é noticiado assim como a data da posse dos novos Gremistas. As pretensões dos eleitos no Colégio Santista e da UME Avelino da Paz Vieira aparecem resumidamente na matéria.
- Na página 11 do D.O. de 29 de maio, a palavra participação chama a atenção para a matéria sobre o recebimento dos certificados aos alunos ouvidores.

[...] Durante a solenidade, eles foram incentivados a participar do grêmio estudantil, da Câmara Jovem e do Conselho Municipal da Juventude. O secretário de Educação, Carlos Mota, observou que todas essas ferramentas alimentam o “processo participativo e democrático”. (Diário Oficial, de 29 de maio de 2017, p. 11)

⁹² O projeto Câmara Jovem tem, segundo seu site, estes objetivos e metas: a formação de jovens conscientes; Promover a integração da Câmara com estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio; Facilitar a compreensão do Poder Legislativo e os aspectos políticos da sociedade; Contribuir para a formação de uma consciência cidadã; Alertar o jovem para a importância da participação no processo legislativo; Despertar no jovem a responsabilidade pelas mudanças que ocorrem na sua família, escola e comunidade; Viabilizar processos de transformação e Promover o engajamento na vida social.

Há um incentivo a participação dos alunos em outros projetos, dentre eles os Grêmios Estudantis.

- Em primeiro de junho de 2017 na página 10, há a publicação da convocação de professores e Gremistas para a posse dos Grêmios Estudantis e dos Grêmios Mirins através do comunicado 95/2017 – SEDUC – que divulga cronograma do mês de junho de 2017.
- Participação é o substantivo que se manifesta novamente para realçar a matéria que traz a posse dos Grêmios e as propostas que estes pretendem conduzir a fim de “aprimorar a educação”. Ínsito na página 12 do Diário Oficial de 2 de junho os planos apontados:

O presidente do grêmio mirim Pedro Crescenti, Lucas Silva Souza, 9, disse que a equipe quer criar um grupo de teatro, projeto de futebol e campanha contra bullying. Ele será ajudado pelas vices Rafaely Costa Galvão (manhã), 9, e Manuella Almeida Blanco, 11.

Já a presidente e o vice da unidade Florestan Fernandes, Patrícia Helena Souza, 14, e Alan Dellon Santana Santos, 12, vão promover festa junina, campeonato interclasses, passeios e campanhas do lacre, agasalho e ação do coração (Diário Oficial de 2 de junho de 2017).

- Em 29 de junho no Diário Oficial há a publicação do comunicado nº 113/2017 – SEDUC de 28 de junho de 2017 para o mês de julho. Neste cromônimo o secretário de Educação divulgou na p. 9 a reunião de trabalho dos professores colaboradores do projeto Grêmio Estudantil a ser realizada na SEPROJE.
- Na página 12 do Diário Oficial de 4 de julho de 2017 foi publicada a segunda e vigente nomeação de membros integrantes da CAAGE – Santos (portaria nº 60/SEDUC de 3 de julho de 2017). As atribuições da CAAGE foram instituídas pelo Decreto nº 7.108 de 6 de maio de 2015.
- No Diário Oficial de 20 de julho há a publicação do diagnóstico circunstanciado por órgãos de governo em que várias secretarias municipais expõem sua: apresentação, desafios, deficiências e ausências assim com suas demandas e oportunidades no anexo VI (p. 50). A SEDUC apresenta-se nestes termos:

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO APRESENTAÇÃO:

A Seduc (Secretaria Municipal de Educação) tem como principal objetivo assegurar a qualidade do ensino nas unidades da rede municipal e consolidar Santos como uma Cidade Educadora⁹³, cumprindo o que estabelece a

⁹³ Segundo o site o conceito de [...] “uma Cidade Educadora é aquela que, para além de suas funções tradicionais, reconhece, promove e exerce um papel educador na vida dos sujeitos, assumindo como desafio permanente a formação integral de seus habitantes. Na Cidade Educadora, as diferentes políticas, espaços, tempos e atores são compreendidos como agentes pedagógicos, capazes de apoiar o desenvolvimento de todo potencial humano.

Este conceito ganhou força e notoriedade com o movimento das Cidades Educadoras, que teve início em 1990 com o I Congresso Internacional de Cidades Educadoras, realizado em Barcelona, na Espanha. Neste encontro, um grupo de cidades pactuou um conjunto de princípios centrados no desenvolvimento dos seus habitantes que orientariam a administração pública” (Diário Oficial de 20 de julho de 2017, p. 50).

Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Ministério Público. O trabalho desta secretaria **visa a formação de cidadãos participativos, conscientes de seus direitos e deveres, com olhar crítico em relação a realidade social.** Entre outras atribuições, promove **a participação familiar**, a cultura de paz, a sustentabilidade, **o protagonismo-juvenil, a participação comunitária na gestão do Sistema Municipal de Ensino** e incentiva a inovação do processo educativo, por meio da valorização de novas ideias e concepções pedagógicas (Diário Oficial de 20 de julho de 2017, p. 50, grifos meus).

Dentro do item nomeado como demandas e oportunidades a dilatação do projeto de Grêmios aparece na p. 51 ao se colocar como objetivo “Ampliar em 100% o número de Grêmios mirins nas escolas da Rede Municipal” (Diário Oficial, 2017) já que o Grêmio mirim é opcional e depende da solicitação do diretor.

- Na página 16 no D.O. de 9 de agosto há um destaque aos Grêmios Estudantis que despontam como uma das vias do protagonismo na matéria intitulada: Escolas incentivam a participação na sociedade. Segundo a matéria os programas buscam estimular “jovens a discutir e a agir com iniciativa na escola e na vida”.

Em Santos, as escolas municipais desenvolvem quatro projetos de incentivo ao protagonismo juvenil. No segundo semestre, mais dois irão iniciar, somando seis projetos realizados e 687 alunos envolvidos diretamente. O protagonismo juvenil consiste em colocar o jovem como elemento central da prática educativa, incentivando o uso do espaço escolar para discussões e atividades relacionadas (Diário Oficial de 09 de agosto de 2017, p. 16).

Os quatro projetos direcionados aos alunos santistas são: Câmara Jovem; Grêmio Estudantil; Jovem Empreendedor e Santos Jovem Doutor. Os dois novos projetos prometidos para o segundo semestre de 2017 são: Rádio Jovem – Educomunicação nas escolas e Escotismo na escola – aluno sempre alerta. “O objetivo é que seja estimulado a agir com iniciativa, liberdade e compromisso, com participação ativa e construtiva na vida da escola e da comunidade”. O projeto de Grêmios Estudantis recebe ênfase na matéria e é assim retratado:

Um dos projetos é o grêmio estudantil, que foi revitalizado nas escolas em 2013, ocasião em que estava presente em apenas uma unidade. No ano seguinte, foi iniciada campanha nas escolas de ensino fundamental 2, a fim de revigorar esta instituição estudantil. Hoje, os grêmios estão atuantes em 16 unidades de ensino fundamental 2, representando mais de 10 mil alunos. A chefe do departamento Pedagógico, Helena Marques, destacou que, em 2015, este número aumentou com o convite para que as de ensino fundamental 1 participassem. No momento, são quatro escolas deste segmento, denominado grêmio mirim. Assim, no total, a rede possui 20 grêmios, com 256 representantes. Periodicamente, são realizadas formações para os gremistas que, com a orientação de professores colaboradores, multiplicam seus conhecimentos entre os outros estudantes das escolas. Entre as atividades desenvolvidas pelos grêmios, ocorreram combate ao bullying, uso consciente do dinheiro, campanha de lacres e ações pontuais como interclasses esportivos, show de talentos e festa junina. **O projeto aumenta a participação na vida escolar e a aprendizagem da cidadania** (Diário Oficial de 09 de agosto de 2017, p. 16, grifos meus).

Percebe-se desta forma a retomada do projeto de Grêmios Estudantis interrompido anteriormente.

Anexo III

Publicações sobre Grêmio Estudantil no Diário Oficial do Município de Santos na proposta realizada na gestão do prefeito João Paulo Tavares Papa.

Como esta iniciativa não será analisada, as publicações no Diário Oficial serão somente enumeradas. A intenção é deixar o registro dos levantamentos realizados ano a ano, disponibilizando-os para possíveis utilizações futuras.

2005

- 22 de setembro, p. 7 - Escolas implementam seus Grêmios Estudantis;
- 23 de setembro, p. 6 – EMEF realiza Assembleia para Grêmio Estudantil;
- 1 de outubro, p. 5 - Alunos de EMEF elegem chapa para Grêmio Estudantil;
- 30 de dezembro, p. 19 – Item 2.2 do parecer CME (Conselho Municipal de Educação) nº 004/05 aprovado em 16/12/2005 que expõe as orientações para elaboração o regimento das Unidades Municipais de Educação.

2006

- 23 de março, p. 3 - Processo Nº: - 0470/2006 - Projeto de Lei Complementar - nº: - 0007/2006 que dispõe sobre a obrigação de estabelecimentos de ensino afixarem cartazes contendo dizeres sobre o direito de organização de entidades de representação estudantil e também da obrigação de destinar espaço para as entidades de representação estudantil.
- 29 de março, p. 6 Eleições do Grêmio da EMEF Martins Fontes (Morro da Penha) com o apoio da União Municipal dos Estudantes Secundaristas (Umes).
- 31 de março, p. 6 – EMEF Martins Fontes elege representante do Grêmio Estudantil.
- 18 de abril, p. 7 – Trata da encenação de uma peça de teatro que mostra o comportamento de um grupo de alunos alguns dias antes de uma eleição que decidirá a presidência do Grêmio Estudantil da escola Pequeno Rei.
- 20 de abril, p. 11 – Dispõe sobre diretrizes para elaboração de alterações e adequações ao Regimento Escolar. No **Art. 4º** - item II - Parágrafo Único – Fica disposto que cabe à direção da Unidade Municipal de Educação a constituição e o funcionamento do Conselho de Escola, dos conselhos de classe e ano, da Associação de Pais e Mestres e do Grêmio Estudantil.

- 10 de maio, p. 4 - A EMEF Florestan Fernandes e o CEMEI⁹⁴ (Centro Municipal de Educação Infantil) Oswaldo Justo iniciam hoje a campanha eleitoral dos Grêmios.
- 1 de junho, p. 3 - Grêmio Estudantil: UME Florestan Fernandes elege representante. Segundo a nota no D.O. “o projeto visa conscientizar crianças e jovens sobre o processo democrático e a necessidade de trabalhar em conjunto, buscando um objetivo comum. O apoio é da União Municipal dos Estudantes Secundaristas (Umes)”.
- 8 de junho, p. 6 - Alunos da UMEP (Unidade Municipal de Educação Profissionalizante) Acácio organizam Grêmio Estudantil.
- 4 de julho, p. 3 - UMEP Acácio de Paula Leite Sampaio elege Grêmio Estudantil.

2007

- 7 de fevereiro, p. 3 - Reunião de pais antecede início do ano letivo.

Outro tema em pauta será a importância da colaboração conjunta entre educadores, equipe técnica e pais de alunos para garantir um ensino de qualidade e alcançar um resultado positivo em sala de aula. Será recomendado aos pais a participação no conselho da escola e na Associação de Pais e Mestres. Já os estudantes do 6º aos 9º anos deverão integrar o grêmio estudantil, que funciona como ferramenta de interação com a comunidade escolar. (D.O. de 7 de fevereiro de 2007, p. 3)

- 17 de fevereiro, p. 19 – Portaria nº 35/2007 – SEDUC de 14 de fevereiro de 2007 que Dispõe sobre roteiro de elaboração de Plano Escolar e Proposta Pedagógica Biental para as Unidades Municipais de Educação e que no anexo I letra I coloca a necessidade de apoio à APM, Conselho de Escola e Grêmio Estudantil.
- 27 de março, p. 24 - Prefeitura incentiva criação de Grêmios Estudantis nas escolas municipais. Esta é a publicação que dá o panorama mais completo do projeto de Grêmios na gestão Papa.
- 31 de março, p. 8 – Cita a fundação do Grêmio Estudantil na escola Edméa Ladevig (Gonzaga).
- 4 de abril, p. 3 – Fundação dos Grêmios das escolas Ayrton Senna da Silva (Campo Grande) e da escola José Carlos de Azevedo Jr. (São Manoel).
- 19 de maio - p. 24 - Fundação do Grêmio da escola Pedro II.
- 21 de junho – p. 5 – Nota sobre a eleição do Grêmio Estudantil da Unidade Municipal de Educação Rural Monte Cabrão.
- 28 de junho – p. 5 – Nota sobre o recebimento de peças para a Campanha do Agasalho organizada pelo Fundo Social. Há um destaque ao Grêmio Estudantil da escola Escolástica Rosa por arrecadar 460 quilos de alimentos não-perecíveis que foram doados ao Fundo Social.

⁹⁴ Esta publicação no Diário Oficial causa certo estranhamento uma vez que cita o início de uma campanha eleitoral de Grêmios em uma CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) tendo se em vista que esta faixa etária não era pertencente ao projeto.

2008

- 19 de novembro – p. 3 – Pequena nota sobre a eleição do Grêmio Estudantil na escola Municipal Florestan Fernandes.

2009

- 6 de maio – p. 3 – Emposse da nova diretoria do Grêmio Mário Alcântara.
- 23 de maio – p. 19 - Comunicado 001/2009 – CMJ - A Comissão Municipal da Juventude de Santos – CMJ, considerando o Decreto Municipal nº 4.356 de 29/12/2004 – publicação da composição deste órgão para Gestão 2009. No item XI entre os representantes da sociedade civil aparece como suplente o Grêmio Estudantil da Unidade Municipal de Educação Professor Mário de Almeida Alcântara.
- 23 de julho – p. 22 – Publicação sobre a importância da implementação das políticas voltadas para a Educação Integral e sobre a participação dos diferentes segmentos envolvidos neste processo e o Seminário de Educação Integral de “Focando a Educação Integral por meio da Jornada Ampliada de Alunos”, cabendo ao diretor a indicação dentre outros segmentos de um representante da Diretoria de Grêmio Estudantil, onde houver.
- 28 de novembro – p. 12 - O § 2.º da lei n.º 2.651 de 27 de novembro de 2009 que institui o Conselho de Escola no âmbito de cada Unidade Municipal de Educação deixa registrado o fato de que o diretor de escola e o presidente do Grêmio Estudantil são considerados membros natos do Conselho de Escola.

2011

- 15 de março – p. - 13 – Publicação da portaria nº 18/2011 – SEDUC de 14 de março de 2011 que dispõe sobre as diretrizes para a elaboração do projeto político-pedagógico bienal 2011/2012 das unidades municipais de educação de Santos. Na divulgação da portaria há ênfase ao fato de que no texto descritivo com a identificação das potencialidades, necessidades e oportunidades, que visa a consideração dos critérios de eficácia escolar o Grêmio Estudantil, dentre outros, deve ser contemplado no diagnóstico.
- 10 de dezembro - p. - 31 - Publicação da Portaria nº 64/2011 – SEDUC que dispõe sobre as atividades desenvolvidas nas Unidades Municipais de Educação de Santos, para o ano letivo de 2012, sob responsabilidade do Diretor de Escola. No item V do artigo 1º fica registrada a responsabilidade de “garantir a participação democrática em diversas instâncias: Grêmio Estudantil, Conselho de Escola, Associação de Pais e Mestres, entre outras”.